



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDIVALDO SIMÃO DE FREITAS

O LÉXICO REGIONAL DE *VIDAS SECAS* PARA O ESPERANTO

FORTALEZA – CE

2024

EDIVALDO SIMÃO DE FREITAS

O LÉXICO REGIONAL DE *VIDAS SECAS* PARA O ESPERANTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura Comparada, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. José Leite de Oliveira Junior.

Coorientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita.

FORTALEZA – CE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F936l Freitas, Edivaldo Simão de.

O léxico regional de Vidas Secas para o esperanto / Edivaldo Simão de Freitas. – 2024.
388 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. José Leite de Oliveira Junior.

Coorientação: Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita.

1. Vidas Secas de Graciliano. 2. Esperantologia. 3. Tradução. 4. Neologismo. 5. Léxico regional. I. Título.

CDD 400

EDIVALDO SIMÃO DE FREITAS

O LÉXICO REGIONAL DE *VIDAS SECAS* PARA O ESPERANTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura Comparada, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 19/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Leite de Oliveira Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (Coorientador)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof^a. Dr^a. Andréa Marques Rosa Eduardo
Instituto Federal do Mato Grosso do Sul (IFMS)

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof. Dr. Fabrício Possebon
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Francisco Vitor Macedo Pereira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Ao Eterno.

Ao meu querido e amado Elienai Freitas
(*In Memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Aos familiares e amigos.

Aos meus orientadores, prof. Leite Junior e prof. Fernando Pita.

Às Associações Cearense e Alemã de Esperanto. Sou infinitamente grato pela experiência de intercâmbio na Alemanha e por todo suporte dado a mim.

Aos queridos professores da banca: Andréa Eduardo, Fábio Fortes, Fabrício Possebon e Vitor Macedo. Sou muito grato pelas observações, comentários e sugestões ao meu trabalho.

Ao CAPS. Sou muito grato pelas terapias e pela medicação disponível gratuitamente. Sem elas, minha vida não seria tão razoavelmente equilibrada.

À Universidade Federal do Ceará (UFC), incluo nesse conjunto o corpo docente, o espaço técnico e os demais funcionários.

Ao PPGLetras.

À FUNCAP. Sou grato pela bolsa de pesquisa concedida.

Ao meu amado sr. Luiz Inácio Lula da Silva. O maior e melhor presidente da história do Brasil.

“Tradukisto, trukadisto”

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar como as escolhas lexicais feitas pelo tradutor na tradução de *Vidas Secas* para o esperanto se estabeleceram numa versão internacional, buscando uma padronização terminológica regional em relação à obra original. Um conjunto de verbetes e unidades neológicas, selecionado para a versão em esperanto, é comparado, tendo como intuito de aproximar as novas entradas ao significado original na língua portuguesa. Nossa pesquisa baseia-se em algumas hipóteses: (i) a criação lexical ocorre de maneira intuitiva e natural; (ii) os neologismos são integrados e utilizados pelos falantes de forma arbitrária; (iii) o esperanto, embora uma língua planejada, incorpora neologismos de línguas naturais, tanto na fala quanto na escrita; (iv) cada nova unidade lexical contribui dinamicamente para o enriquecimento do vocabulário da língua como é possível perceber na tradução de *Vidas Secas*. Ademais, consultamos uma variedade de teóricos e estudiosos, incluindo Saussure, Jakobson, Ricœur, além de especialistas em esperantologia e neologia. Portanto, nossa intenção é contribuir para o entendimento da tradução, da evolução lexical e da interação entre a língua natural e a planejada, destacando o papel dinâmico da linguagem na literatura e na cultura regional.

Palavras-chave: *Vidas Secas* de Graciliano. Esperantologia. Tradução. Neologismo. Léxico Regional.

ABSTRACT

This research aims to investigate how the lexical choices made by the translator in the translation of *Vidas Secas* into Esperanto were established in an international version, seeking regional terminological standardization in relation to the original work. A set of entries and neological units selected for the Esperanto version is compared, with the aim of bringing the new entries closer to the original meaning in Portuguese. Our research is based on a number of hypotheses: (i) lexical creation occurs intuitively and naturally; (ii) neologisms are integrated and used by speakers arbitrarily; (iii) Although Esperanto is a planned language, it incorporates neologisms from natural languages, both in speaking and writing; (iv) each new lexical unit contributes dynamically to enriching the language's vocabulary, as can be seen in the translation of *Vidas Secas*. In addition, we consulted a variety of theorists and scholars, including Saussure, Jakobson, Ricœur, as well as specialists in Esperanto and neologism. Therefore, we aim to contribute to an understanding of translation, lexical evolution and the interaction between natural and planned language, highlighting the dynamic role of language in literature and regional culture.

Keywords: *Vidas Secas* by Graciliano. Esperantology. Translation. Neologism. Regional lexicon.

RESUMO

La celo de ĉi tiu laboro estas esplori kiel la leksikaj elektoj faritaj de la tradukisto en la tradukado de *Vidas Secas* al Esperanto estis establitaj en internacia versio, serĉante regionan terminologian normigon rilate al la originala verko. Aro da vortoj kaj neologiaj unuoj, elektitaj por la Esperanta versio, estas komparata, celante alproksimigi la novajn vortojn al ilia origina signifo en la portugala lingvo. Nia esploro baziĝas sur kelkaj hipotezoj: (i) leksika kreado okazas intuicie kaj nature; (ii) neologismoj estas inkluditaj kaj uzataj de parolantoj laŭ arbitra maniero; (iii) Esperanto, kvankam planlingvo, agregas neologismojn el naturaj lingvoj, kaj en parolado kaj skribado; (iv) ĉiu nova leksika unuo dinamike kontribuas al la pliriĉigo de la vortprovizo de la lingvo, kiel videblas en la traduko de *Vidas Secas*. Krome, ni konsultis diversajn teoriulojn kaj klerulojn, inkluzive de Saussure, Jakobson, Ricœur, kaj ankaŭ fakulojn pri esperantologio kaj neologio. Tial, nia intenco estas kontribui al la kompreno de tradukadaj studoj, leksika evoluo kaj la interago inter naturaj kaj planlingvoj, emfazante la dinamikan rolon de lingvaĵo en literaturo kaj regiona kulturo.

Ŝlosilvortoj: *Vidas Secas* de Graciliano. Esperantologio. Traduko. Neologismo. Regiona Leksikono.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Esquema do sistema de valores linguísticos..... | 33 |
| Figura 2 – Matalotagem | 198 |
| Figura 3 – Taramela | 199 |
| Figura 4 – Quenga de coco..... | 200 |
| Figura 5 – Cuia..... | 201 |
| Figura 6 – Binga | 203 |
| Figura 7 – Bolandeira | 204 |
| Figura 8 – Jirau | 205 |
| Figura 9 – Espíngarda de pederneira..... | 206 |
| Figura 10 – Mourão..... | 207 |
| Figura 11 – Baú de folha | 209 |
| Figura 12 – Chapéu de coco..... | 210 |
| Figura 13 – Chapéu de palha..... | 210 |
| Figura 14 – Capão..... | 211 |
| Figura 15 – Cascalho | 212 |
| Figura 16 – Mulungu | 213 |
| Figura 17 – Pé de turco..... | 214 |
| Figura 18 – Borrvalho..... | 215 |
| Figura 19 – Cigarro de palha..... | 216 |
| Figura 20 – Pinga | 217 |
| Figura 21 – Pucumã | 218 |
| Figura 22 – Retirante..... | 219 |
| Figura 23 – Sinha | 220 |
| Figura 24 – Tapera..... | 221 |
| Figura 25 – Taipa | 222 |
| Figura 26 – Fumo | 223 |
| Figura 27 – Oitão..... | 224 |
| Figura 28 – Carne-seca..... | 226 |
| Figura 29 – Farinha..... | 227 |
| Figura 30 – Rapadura | 228 |
| Figura 31 – Angico | 234 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Figura 32 – Aroeira..... | 234 |
| Figura 33 – Baraúna..... | 235 |
| Figura 34 – Catinga (Caatinga) | 236 |
| Figura 35 – Catingueira..... | 236 |
| Figura 36 – Loro (Papagaio)..... | 237 |
| Figura 37 – Macambira | 238 |
| Figura 38 – Mandacaru | 238 |
| Figura 39 – Quixabeira..... | 239 |
| Figura 40 – Sucupira | 240 |
| Figura 41 – Imburana | 240 |
| Figura 42 – Imbu | 241 |
| Figura 43 – Mucunã | 242 |
| Figura 44 – Aboio | 243 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Porcentagem total dos verbetes regionais com suas referidas correspondências lexicais | 186 |
| Gráfico 2 – Porcentagem dos verbetes regionais com uma correspondência lexical para o esperanto | 187 |
| Gráfico 3 – Porcentagem dos verbetes regionais com duas correspondências lexicais para o esperanto | 187 |
| Gráfico 4 – Porcentagem dos verbetes regionais com três correspondências lexicais para o esperanto | 188 |
| Gráfico 5 – Porcentagem dos verbetes regionais com quatro correspondências lexicais para o esperanto | 188 |
| Gráfico 6 – Porcentagem dos verbetes regionais com quatro correspondências lexicais para o esperanto | 189 |
| Gráfico 7 – Porcentagem de unidades com CLs neológicas por empréstimo | 189 |
| Gráfico 8 – Porcentagem de unidades com CLs lógicas por criação/desenvolvimento | 190 |
| Gráfico 9 – Porcentagem total de Unidades e suas CLs..... | 190 |
| Gráfico 10 – Quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por criação/desenvolvimento..... | 196 |
| Gráfico 11 – Quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por empréstimo ou estrangeirismo..... | 232 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Terminologias regionais em <i>Vidas Secas</i> | 153 |
| Quadro 2 – Verbetes para utensílios | 174 |
| Quadro 3 – Verbetes para vestuário..... | 176 |
| Quadro 4 – Verbetes para flora/fauna | 177 |
| Quadro 5– Verbetes para itens culturais | 179 |
| Quadro 6 – Verbetes para cômodos..... | 181 |
| Quadro 7 – Verbetes para alimentação..... | 181 |
| Quadro 8 – Verbetes para utensílios | 182 |
| Quadro 9 – Verbetes para vestuário..... | 183 |
| Quadro 10 – Verbetes para flora/fauna | 183 |
| Quadro 11 – Verbetes para itens culturais..... | 184 |
| Quadro 12 – Verbetes para cômodos..... | 185 |
| Quadro 13 – Verbetes para alimentação..... | 186 |
| Quadro 14 – Quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por criação/desenvolvimento..... | 196 |
| Quadro 15 – Quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por empréstimo ou estrangeirismos | 231 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 A [INTER]LINGUÍSTICA E A ESPERANTOLOGIA | 20 |
| 2.1 O <i>Curso de Linguística Geral</i> de Ferdinand de Saussure | 23 |
| 2.2 Criação lexical: o neologismo à luz da teoria saussuriana | 29 |
| 2.3 A interlinguística: a ciência das línguas planejadas | 54 |
| 2.4 A esperantologia: cultura e neologia do esperanto | 67 |
| 3 CAMINHOS DA TRADUÇÃO: TEORIAS E FUNDAMENTAÇÃO..... | 93 |
| 3.1 Preâmbulo referencial: por uma “teoria da tradução” saussuriana | 95 |
| 3.2 A tradução segundo Walter Benjamin..... | 101 |
| 3.3 “Sobre a tradução” de Paul Ricœur: <i>l’hospitalité langagière</i> | 106 |
| 3.4 A [re]criatividade e a estrangeiridade na tradução | 115 |
| 4 O LÉXICO REGIONAL EM VIDAS SECAS..... | 125 |
| 4.1 Complemento de teoria neológica..... | 126 |
| 4.2 Graciliano Ramos na literatura brasileira: <i>Vidas Secas</i> | 143 |
| 4.3 O glossário regional de <i>Vidas Secas</i> | 152 |
| 4.4 Análise dos neologismos em <i>Vivoj Sekaj</i> | 156 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 245 |
| REFERÊNCIAS..... | 253 |
| APÊNDICE A – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA UTENSÍLIOS | 264 |
| APÊNDICE B – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA VESTUÁRIOS | 293 |
| APÊNDICE C – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA FLORA/FAUNA..... | 306 |
| APÊNDICE D – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA ITENS CULTURAIS | 348 |
| APÊNDICE E – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA CÔMODOS DA CASA..... | 379 |
| APÊNDICE F – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA ALIMENTAÇÃO | 385 |

1 INTRODUÇÃO

Nosso objetivo com esta pesquisa é investigar como as unidades lexicais, pelas quais o tradutor optou para sua tradução de *Vidas Secas* ao idioma esperanto, estabeleceram-se em uma versão internacional no intuito de uma equiparação terminológica regional da obra original. Desse modo, a análise da versão internacional se configura no recorte que delimitamos num capítulo à parte (o quarto), em que elencamos os verbetes e unidades neológicas que foram selecionados para a versão traduzida em esperanto, comparando e aproximando essas novas entradas ao significado original. À vista disso, a aposta de nossa pesquisa é entender como essas unidades novas passam a fazer parte do sistema, e quais padrões linguísticos estão no jogo comunicativo e nas formas atualizadas pela terminologia regionalista do português brasileiro na obra de Graciliano Ramos. Essas dimensões lexicográfica e neológica estão relacionadas ao escopo de nossa pesquisa: como os verbetes regionais, na versão internacional da obra *Vidas Secas*, criados e adotados pelo tradutor, se comportam no sistema linguístico da língua em questão: o esperanto.

Estabelecemos algumas hipóteses para nossa pesquisa, a saber: (i) a causa da criação lexical, na relação do par significante e significado, ocorre intuitiva e naturalmente, portanto, não haveria necessariamente obstáculos que obstruam a ocorrência dos neologismos no sistema do esperanto; (ii) o valor dos neologismos é integrado e utilizado pelos falantes de forma arbitrária, porém não sem as leis que o rejam; (iii) o esperanto foi construído a partir de línguas naturais, portanto, ele resulta na produção e na integração de neologismos ao seu sistema, seja na modalidade de fala, seja na modalidade escrita (literária); (iv) cada ocorrência e/ou aceitabilidade de uma nova unidade lexical (neologismo ou não) representa uma instância desse processo de atualização, e que contribui para o avanço e renovação lexical da língua, configurando-se num aspecto dinâmico e natural para o enriquecimento do vocabulário, como é possível observar na obra *Vidas Secas* em sua versão traduzida para o esperanto.

Em nosso segundo capítulo – *A (Inter)linguística e a Esperantologia* –, trataremos da questão linguística como ciência autônoma e produto da convenção humana. Para tal, o referido capítulo aponta o progresso em que se situava o cenário

européu do século dezanove, culminando num progresso científico e novas metodologias sociais e linguísticas. Nesse contexto de evolução histórica e cultural surge a figura importante de Ferdinand de Saussure.

É na perspectiva saussuriana que desenvolveremos uma revisão teórica, tendo como cerne o debate envolto das possibilidades estruturais que se relacionam à capacidade dos indivíduos se comunicarem, isto é, o discurso intercultural e social a partir da linguagem verbal. Também delimitamos o seguinte: compreendemos que a linguagem é produto arbitrário pelo qual os homens estabelecem suas maneiras ou modos de perceber sua projeção do mundo. E para darmos fundamento ao debate do capítulo de abertura, nossos referenciais de consulta se sustentam principalmente nos livros de Saussure *Curso de Linguística Geral* (2017) e *Escritos de Linguística Geral* (2012).

Ainda no mesmo capítulo, discutiremos, com detalhes, a respeito da interlinguística e sua relação com línguas planejadas, abrindo um debate acerca do que constitui e qual a função das línguas auxiliares, em especial o esperanto. É chave de destaque o que observamos como o esperanto, embora um idioma planejado, também se sujeita à evolução linguística e influências particulares da cultura de seus falantes. Daí entra o papel crucial da esperantologia como ciência que discute e analisa a história, o sistema, a cultura e demais manifestações da língua internacional. E para o suporte investigativo dessa discussão sobre interlinguística e esperantologia, tomamos por indispensável consultar os teóricos Věra Barandovská-Frank (2019, 2020), Otto Jaspersen (2010), Willem Manders (1980), Detlev Blanke (1985) etc.

Incluiremos também a discussão sobre teoria neológica, ao abordarmos a formação lexical, os ajustes, composições, adoção e empréstimos linguísticos. A respeito disso, tomamos por certo, apontar a arbitrariedade e a influência dos signos, como processos de criação e adição de novas unidades na língua. E junto a esse debate, entraremos também no contexto das neologias que se manifestam na língua internacional. Para esse tópico, consultaremos Louis Guilbert (1973), Jean-Claude Boulanger (1989), Maria Ieda Alves (1990), Maria Aparecida Barbosa (1996), Jorge Camacho (2007), entre outros.

No terceiro capítulo – *Caminhos da tradução: teorias e fundamentação* – trataremos de fazer uma exposição sobre a teoria da tradução, por uma via de base

linguística científica estruturalista. Nosso caminho de debate se debruça nas ideias e reflexões benjaminianas acerca da função e atividade do tradutor, que compreende a traduzibilidade como força filosófico-linguística da atividade comunicativa. Depois, num segundo momento aprofundamos o debate numa concepção filosófica na obra *Sobre a Tradução* de Paul Ricœur (2012), que sustenta a ideia de tradução a partir do conceito de hospitalidade linguística, noção essa que também fundamentará nosso recorte hipotético sobre a inclusão das novas formas lexicais.

Em consequência, nos inclinamos também em discutir outras percepções teóricas da tradução, a saber, a tradução como processo de criação, e ainda para sustento teórico-dialógico da concepção ricœuriana de tradução, o capítulo finaliza com ideias que tratam do exercício tradutório como possibilidade de se entrecruzarem interpretações externas a interpretações internas, em outras palavras, dar a entender que se está a usar palavras familiares ou de palavras estrangeiras, portanto fechamos a discussão acerca da noção de tradução e estrangeiridade. Além da obra referida de Paul Ricœur, outras referências foram consultadas para a discussão do terceiro capítulo, a saber: Roman Jakobson (2003), Walter Benjamin (2013), Antoine Berman (2002), Georges Mounin (1975) etc.

Iniciaremos o último capítulo sob o título *O léxico regional em Vidas Secas*. Para além dessas primeiras afirmações, já compreendendo que a linguagem é produto tão somente arbitrário pelo qual os homens estabelecem suas maneiras ou modos de perceber sua projeção do mundo, precisamos admitir que a literatura também se realiza como bojo artístico expresso da comunicação humana, e, como manifestação da linguagem, ela se apoia nos limites da convenção. Feito isso, tendo incluído os aspectos evolutivos de uma língua planejada, torna-se viável observarmos como os termos passam a ser aceitos num determinado campo de uso da língua, em específico da modalidade da língua literária, portanto localizaremos a posição da obra de Graciliano Ramos na literatura brasileira, traremos algumas informações históricas pontuais em uma biografia do escritor, o que ele simboliza e representa para uma estética literária brasileira. Em palavras mais exatas: como o escritor Graciliano tematiza e representa uma expectativa e tendência ao movimento do neorealismo regionalista ou o modernismo regionalista dos anos 30.

Ainda no último o capítulo, trataremos sobre um comparativo lexical entre glossários da obra em língua portuguesa ao lado da sua versão para o esperanto

traduzida por Leopoldo Henrique Knoedt¹. A intenção do capítulo é adentrarmos na análise do léxico regional da obra *Vidas Secas* na sua versão para o esperanto. Para isso, além da obra no original e da sua versão para a língua internacional, nosso trabalho se fecha com os seguintes referenciais: Antonio Candido (1999; 2006); L.L. Zamenhof (1937; 2000), Marilene Felinto (1983); Soraya M. S. Souza (2013); Aparecida Lima (2013); Diana Schuller (2017); Alberto Emerson Werneck Dias (2007), Mélanie Maradan (2021), Andrea Eduardo (2021), e outros mais.

¹ Nascido em 1921, Leopoldo Henrique Knoedt foi um dos destacados esperantistas brasileiros, Membro Honorário da Associação Universal de Esperanto (UEA), delegado especialista em tradução e dicionários, membro da Academia de Esperanto de 1986 até 1995, vindo a falecer em 2000. De origem austríaca, sabia fluentemente o alemão, bem como a língua portuguesa. Tendo aprendido esperanto em 1955, destacou-se por suas traduções de obras clássicas para o idioma internacional, dentre as obras traduzidas estão *Os Lusíadas* de Camões, *O primeiro livro (Inferno)* de *A Divina Comédia* de Dante Alighieri. Também traduziu algumas obras brasileiras, constam entre elas: *Poemas Seleccionados* de Castro Alves, *A morte e a morte* de Quincas Berro D'água, entre outras.

2 A [INTER]LINGUÍSTICA E A ESPERANTOLOGIA.

Em meados do século dezenove, na Europa, em que se podia observar o crescimento demográfico e espacial, por conta da industrialização, a situação dos indivíduos avançava em seus aspectos morais, políticos, culturais e especialmente de propriedade científica em áreas humanas, além das predominantemente tecnológicas. E num contexto de progresso e avanço, essa sociedade, que era majoritariamente campesina, passa a ganhar outros espaços para convivência e relações mútuas, visando ao desenvolvimento das regiões urbanas.

Essa nova imagem, que se distanciou daquela, rural, ostentou-se no final do século referido, alcançando-se nesse período um notável progresso histórico civil e conseqüentemente coletivo, formando-se muitos Estados nacionais em meio a avanços científicos, tecnológicos, etc. A Europa detinha os meios e instrumentos para avançar, a investigação do conhecimento era sua porta de entrada a outras possibilidades além das especulativas, os recursos metodológicos e empíricos avançavam nas ciências humanas, em especial no contexto da linguagem. A coletividade era princípio e fundamento de sobrevivência que lhes cabia como ponto chave à integração a essas ferramentas de pesquisa:

É claro que Saussure encontrava em seu meio de estudo modelos metodológicos que o inspiravam a ser preciso e exato. Além de todos os estudos que precedem o seu na história dos estudos da linguagem, conhecia em sua família vários cientistas, que certamente o orientaram nesse sentido. No entanto, é preciso pensar no momento histórico em que viveu. O período da segunda metade do século XIX foi quando a Europa e o mundo ocidental sofreram a mais profunda transformação do ponto de vista social: a explosão demográfica, a industrialização e, com ela, o crescimento das cidades, a mecanização dos transportes etc. Fatores que obrigaram e motivaram a humanidade a acelerar o repensar da organização de tudo aquilo que estava a sua volta. (Milani, 2016, p.12).

Nesse contexto polimórfico, toda uma pluralidade de saberes, discursos, outras ciências portanto, estava a germinar, inclusive a linguística. Segundo Costa (2015, p. 109),

É importante notar que, por outro lado, a Universidade está em plena mudança na virada dos séculos XIX e XX. A ideia de apenas pensar livremente passará a fazer cada vez menos sentido. A universidade passará a ser não apenas um local para a ciência, mas também um local onde se aprendem coisas para um determinado status financeiro. As vozes que possuíam a legitimidade de falar sobre a linguagem serão diminuídas, apesar dos protestos (sempre discretos, registrados apenas em seus cadernos) de Ferdinand de Saussure, a Universidade de Zurique diminuirá

paulatinamente as cadeiras de sânscrito e filologia. No ano de sua morte, as aulas de sânscrito e filologia desapareceram da Universidade de Zurique. Ser linguista passou a ser considerado o único modo de subjetividade que fala cientificamente sobre a língua. As cadeiras de linguística se espalharam pela Europa e Estados Unidos. Os cursos de linguística ministrados por Ferdinand de Saussure, no início do século XX, serão compilados em uma obra editada por seus discípulos e correrá o mundo em um século marcado por uma universidade cada vez mais disciplinarizada. O discurso que embasa os três cursos ministrados por Saussure se tornará não apenas um clássico para os estudos linguísticos, mas também tornará possíveis os elogios para a assim denominada ciência piloto das humanidades.

De acordo com Costa (2015) e Milani (2016), um fato a ser comentado, tendo como relevância histórica por sua informação, que trata do percurso de docência realizado por Ferdinand de Saussure durante os primeiros encontros para ministrar suas aulas sobre o Curso de Linguística Geral, é que o mestre genebrino aplaina os níveis das exposições sobre o conteúdo e conceitos linguísticos, devido ao baixo nível de entendimento e captação intelectual dos discentes na Suíça. Daí que sua criticidade durante os cursos, doutro modo, não circulariam de forma que atendesse às expectativas naquele meio escolar. Por outro lado, os ecos “audíveis” da tão conhecida gramática comparativa, dos conceitos de filologia e, por última via, os da linguística, iam sendo captados nas universidades europeias desse período. Um fato bem-sucedido e que repercutiu nos ambientes acadêmicos e na história da linguagem: a Universidade do século vindouro – e pouco vivido por Ferdinand de Saussure – abraçaria esses ecos promissores, cujos rumores trariam bons agouros à disciplina que se denominaria como ciência da linguagem ou Linguística.

O fato é que a sociedade europeia, em que vivera o mestre genebrino, havia progredido e alcançava um processo de desenvolvimento maior em amplas percepções, e sua interpretação de si incitava a uma organização entre as comunidades linguísticas, ou seja, o mundo europeu passava a modificar-se e transformar-se a passos infinitamente mais complexos, indo após os próprios meios que continham para captar os ideais de formação humana, cultural, linguística e política. Enfim, todas essas questões e transmutações humanas explicavam o ponto de partida do criativo e genial modelo sistemático linguístico que desenvolveu Ferdinand de Saussure em meio essa onda de progresso:

Foi nessa perspectiva que Saussure desenvolveu seu trabalho científico. Ele buscava uma racionalização do modelo de estudo linguístico como fórmula de tornar mais eficiente e útil aquilo que fazia. Seu trabalho foi fazer do estudo da língua uma ciência de uso prático para a coletividade.

Portanto, deve-se entender a divisão de seus conceitos como um reflexo da sociedade em que vivia. (Milani, 2016, p. 13).

“O discurso saussuriano, interpretado como a base fundadora para a linguística moderna, também se revela como um dos pontos de descontinuidade que fez possível o abandono de determinadas formas de pensar a linguagem.” (Costa, 2015, p. 110). E essa atividade humana, é possível pensá-la justamente nessa relação entre seres falantes e espaço geográfico, em outros dizeres, indivíduos e sociedade. A linguagem, como capacidade de constituir a língua, é uma atividade natural e inerente ao ser humano, cuja finalidade lhes conduz a articular e saber usar seu idioma. **Linguagem e língua**², portanto, são duas possibilidades estruturais relacionadas à capacidade cognitiva dos indivíduos de se comunicarem uns com os outros, estabelecendo conexões de significado por via do **discurso** intercultural e social. Essa estrutura ou instituição que denominamos língua, faz-se concreta por via da atuação coletiva e arbitrária entre os seres de dada comunidade linguística. A coletividade humana realiza sua comunicação e dá sentido por via da língua,

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. **É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade linguagem e um conjunto de convenções necessárias**, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (Saussure, 2017, p. 41, grifo nosso)³

Para Saussure, ciência não existia sem uma estrutura sistemática. Daí que seus cursos, sobre fundamentos e princípios da ciência da linguagem, foram sistematizados com intenção de possibilitar arranjos históricos e científicos, minimamente, sobre seus estudos no campo da linguagem, levando em conta as fragilidades e problemas que limitavam os estudos científicos da época. De todo modo, vemos nas suas reflexões uma espécie de suma, a qual relatava o processo evolutivo, pela qual passava as áreas (filologia, estudos de gramática tradicional e

² Há outro fundamento estrutural ou aquilo que se realiza no discurso individual, que Ferdinand de Saussure categorizou como **fala**. A fala se trata de uma atuação linguística do indivíduo em sua singularidade, lembrando muito aquilo que o filósofo austríaco Wittgenstein discutiu posteriormente, em suas *Investigações Filosóficas*, como aspecto “solipsista” e linguagem privada.

³ Mais qu'est-ce que la langue? Pour nous elle ne se confond pas avec le langage; elle n'en est qu'une partie déterminée, essentielle, il est vrai. C'est à la fois un produit social de la faculté du langage et un ensemble de conventions nécessaires, adoptées par le corps social pour permettre l'exercice de cette faculté chez les individus. (Saussure, 1971, p. 25)

comparativa) que dariam novos passos à chamada ciência nova: a linguística. Tal relato crítico instrumental, embora reduzido, mas já de base sólida, cumpria seu objetivo de trazer os primeiros passos fundamentais em razão de esboçar outros métodos para aplicação na sua recém-sistematizada ciência sobre linguagem:

Quanto à metodologia aplicável, Saussure insistiu na necessidade da inovação, já que considerava que a metodologia utilizada pela Filologia clássica não poderia ser aplicada à Linguística. Aventou a necessidade dos linguistas procurarem esses recursos metodológicos fora da Filologia, em outras ciências. É evidente sua compreensão de que a nova ciência devia entender as línguas como um produto do espírito humano em coletividade; logo, é por esse prisma que a metodologia da Linguística deveria ser desenvolvida. (Milani, 2016, p. 50).

Até aquele momento, havia problemas ainda que necessitavam de revisão e demonstração mais robusta, portanto é viável asseverar que o mestre genebrino não instituiu, em suas novas pesquisas e demonstrações, uma solução última para seu objeto de estudo. Então, a Linguística saussuriana ainda caminhava com intuito de trazer certos temas obscuros à luz das investigações. Segundo dados bibliográficos, consta que ele lembrava a seus alunos e discípulos mais ávidos que os altos problemas pertencentes à linguística geral, naquela ocasião, não estavam sequer resolvidos.

Em linhas gerais: os problemas linguísticos, apontados por Saussure, não se desconectavam das muitas outras formas de investigação científica. As demais ciências, que dependiam da análise de composições textuais, acabavam por também se moverem junto à linguística. Em geral, “ele deixou claro que tudo o que for manifestação da língua é espaço de estudo da Linguística” (Milani, 2016, p. 51), ou seja, por via de regras sistemáticas, instituídos pela ciência recém-desenvolvida e inaugurada, as muitas manifestações relacionadas à linguagem eram objeto de análise. Por nosso objetivo de pesquisa: caberia também um interesse particular à literatura pela Linguística?

2.1 O Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure

É simples, e de certa forma claro, entender as primeiras linhas do pensamento de Saussure a respeito dos conceitos de **linguagem** e **língua**. Há ainda

uma terceira manifestação que está relacionada a essas duas, a denominada manifestação de **fala**. Vamos adiante por ordem de conceitos, para que deixemos delineadas as linhas de reflexões sobre essas manifestações categorizadas pelo genebrino.

No *Curso de Linguística Geral*, entende-se linguagem como habilidade natural do ser humano, por via da qual se manifesta outra atividade ou capacidade também humana, aquilo que Saussure denominou como língua. A língua é o produto social e expressão concreta da linguagem, e se a linguagem é capacidade inata, a língua estrutura-se nessa manifestação natural humana, contudo, estabelecendo-se na coletividade, sendo projetada e aceita em dada comunidade, por isso fala-se em línguas, e essas manifestações (os idiomas) são coletivamente caracterizados por uma arbitrariedade dos acordos culturais e das necessidades humanas com intuito de instituírem a comunicação.

Nas linhas fundamentadas por Saussure, o universo da linguagem compreende a coletividade das línguas, a qual se supõe como instrumento tomado como “norma” de todas as expressões manifestas da linguagem. A linguagem, como manifestação natural humana, realiza-se no contexto que se concretizam a língua e a fala, daí que Sebastião Milani (2016, p. 61) enfatize:

A linguagem implica, por ser uma capacidade da inteligência, conglomerar tudo o que podem ser a língua e a fala. Ela é uma instância acima das outras: é social como a língua e individual como a fala; não existe sem esses dois lados: social e individual.

Portanto, numa manifestação por via da linguagem, enquanto língua acordada entre falantes de uma mesma comunidade, os indivíduos estarão “unificados” organizadamente, os falantes produzirão um tipo de produto significativo cuja finalidade é significarem (querer dizer) suas ideias e objeções. A comunicação se realiza na conjuntura entre língua e fala, ambas expressões da linguagem como força de sentido e conhecimento em dada comunidade. E já enfatizando, os papéis de manifestação e expressão comunicativas, constitutivas do sistema linguístico, encontram-se entre a tricotomia mais elementar dos pensamentos saussurianos: linguagem, língua e fala.

Ao repensarmos acerca da natureza (extremamente abstrata) dos conceitos e terminologias desenvolvidas por Saussure, e ao mesmo modo,

justificando a estrutura da língua como sistema de signos, podemos considerar que adentrarmos no estudo do signo, e principalmente em seu aspecto arbitrário, não é simples nem muito menos trabalho fácil. Daí que “é preciso primeiro compreender o que se entende por signo arbitrário dentro da linguística saussuriana, base da instituição da linguística como ciência e da qual decorrem todas as posições arbitraristas [...]” (PORSCHÉ, 2012, p. 19). É sobre uma teoria do signo que o mestre genebrino irá desenvolver sua epistemologia linguística como também acerca do seu uso.

Na sequência descrita em seu curso geral de linguística, Saussure aponta que o sistema do signo é fundamentado em convenções, atividades essas entendidas como hábitos coletivos e não como decisões regimentares ou leis práticas em que um grupo de pessoas, ou possivelmente de um único usuário de uma língua, decide sobre os usos e regras linguísticas aleatoriamente, sem o consenso geral pela coletividade de falantes de uma determinada língua. Isto é, num sistema, internalizado, e por ser caracteristicamente arbitrário, o signo não possui um sentido apenas estrutural, e sua força ontológica de significado é fundamentada estritamente numa convenção coletiva. Observemos, então que

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. / O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. O princípio enunciado domina toda a linguística da língua; suas consequências são inúmeras. É verdade que nem todas aparecem, à primeira vista, com igual evidência; somente ao cabo de várias voltas é que descobrimos e, com elas, a importância primordial do princípio. / Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção. (Saussure, 2017, p. 108)⁴.

Em poucas palavras, a língua se denota como um sistema de signos, enquanto os signos exprimem as ideias. Entre essas ideias comparativas e outros

⁴ Le lien unissant le signifiant au signifié est arbitraire, ou encore, puisque nous entendons par signe le total résultant de l'association d'un signifiant à un signifié, nous pouvons dire plus simplement *le signe linguistique est arbitraire*. Le principe de l'arbitraire du signe n'est contesté par personne; mais il est souvent plus aisé de découvrir une vérité que de lui assigner la place qui lui revient. Le principe énoncé plus haut domine toute la linguistique de la langue; ses conséquences sont innombrables. Il est vrai qu'elles n'apparaissent pas toutes du premier coup avec une égale évidence; c'est après bien des détours qu'on les découvre, et avec elles l'importance primordiale du principe. En effet tout moyen d'expression reçu dans une société repose en principe sur une habitude collective ou, ce qui revient au même, sur la convention. (Saussure, 1971, pp. 100 – 101).

sistemas simbólicos, Saussure enfatiza que a língua é o principal desses sistemas, visto que se integra como um conjunto de convenções coletivas. E para entendermos a composição do signo, Saussure nos diz que o signo é formado por uma composição bifurcada: a representação natural da palavra (isto é, a imagem acústica) e seu conceito, respectivamente, *significante* e *significado*. E para enfatizarmos nossa discussão acerca da arbitrariedade saussuriana (conforme o *Cours de Linguistique Générale* publicado por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye), vale mencionarmos o seguinte:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (Saussure, 2017, p. 109)⁵.

Em outras considerações acrescidas não menos relevantes,

Não resta dúvida de que, ao considerar o funcionamento do sistema linguístico, entra-se numa complexidade ímpar para compreender o que é exatamente um signo para Saussure, se ele é a conjugação de um significante e um significado (simetria do signo) ou não; se a arbitrariedade é um princípio do sistema ou um princípio semiológico, e como tudo isso se conjuga com o campo linguístico da delimitação das unidades. Essa visão é compartilhada pela maioria dos leitores de Saussure. Se tomarmos as críticas, veremos que diferentes leituras são oferecidas. (Porsche, 2012, p. 125).

Sabe-se que Saussure “dedicou” uma quantidade muito pequena de parágrafos e linhas, em seu *Cours de linguistique générale*, a respeito daquela ciência que veio a denominar como Semiologia. Possivelmente por isso, futuros linguistas não chegaram a dar a devida atenção à proposta do mestre genebrino. Essa ciência dos signos, como suporia Saussure, daria suporte e construiria orientações à Linguística. Para ele, qualquer estudo investigativo que optasse pela seriedade e rigor da análise deveria se pautar numa perspectiva semiológica da ciência linguística. Contudo todo sistema sógnico que não estivesse no escopo de análise linguística, caberia a outro tipo de epistemologia investigativa; essa outra ciência teria a tarefa de tratar das demais expressões sógnicas da realidade:

⁵ Le mot *arbitraire* appelle aussi une remarque. Il ne doit pas donner l'idée que le signifiant dépend du libre choix du sujet parlant (on verra plus bas qu'il n'est pas au pouvoir de l'individu de rien changer à un signe une fois établi dans un groupe linguistique); nous voulons dire qu'il est *imotivé*, c'est-à-dire arbitraire par rapport au signifié, avec lequel il n'a aucune attache naturelle dans la réalité. (Saussure, 1971, p. 101)

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. / Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chama-la-emos de *Semiologia* (do grego *sêmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (Saussure, 2017, pp. 47 e 48)⁶.

Notemos, então, como argumenta Saussure, que a ciência da linguagem poderá ser concebida no âmago de uma outra ciência mais generalista e ampla, de modo que novas consequências culturais, e não somente científicas, apareceriam no escopo de investigação sobre fenômenos e produções linguísticas e, a partir deles, novas semioses⁷ (expressões como ruídos harmônicos, músicas, combinações de ações e atividades sógnicas, e sobretudo aquilo que nos interessa aqui: a literatura) se tornarão objeto de pesquisa e fundamentação descritiva do conhecimento comunicativo e semióticas das artes. Ou seja,

Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência. (Saussure, 2017, p. 49)⁸.

⁶ La langue est un système de signes exprimant des idées, et par là, comparable à l'écriture, à l'alphabet des sourds-muets, aux rites symboliques, aux formes de politesse, aux signaux militaires, etc., etc. Elle est seulement le plus importante de ces systèmes. On peut donc concevoir *une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale*; elle formerait une partie de *la psychologie sociale*, et par conséquent de la psychologie générale; nous la nommerons *sémiologie* (du grec *sêmeion*, <signe>). Elle nous apprendrait en quoi consistent les signes, quelles lois les régissent. Puisqu'elle n'existe pas encore, on ne peut dire ce qu'elle sera; mais elle a droit à l'existence, sa place est déterminée d'avance. La linguistique n'est qu'une partie de cette science générale, les lois que découvrira la sémiologie seront applicables à la linguistique, et celle-ci se trouvera ainsi rattachée à un domaine bien défini dans l'ensemble des faits humains. (Saussure, 1971, p. 33).

⁷ Entendemos por semiose a passagem do plano do conteúdo para o plano de expressão não apenas no âmbito linguístico, mas também noutras formas de expressão, como as artes visuais, a música, inclusive em sincretismo, como a canção (linguística e musical), o cinema (linguística, teatral, fotográfica...), dentre outros exemplos.

⁸ Par là, non seulement on éclairera le problème linguistique, mais nous pensons qu'en considérant les rites, les coutumes, etc... comme des signes, ces faits apparaîtront sous un autre jour, et on sentira le besoin de les grouper dans la sémiologie et de les expliquer par les lois de cette Science. (Saussure, 1971, p. 25).

Ao tratar-se de entender que os signos convencionais não-linguísticos são expressões que não possuem uma ontologia na natureza, como bem assinala Jonathan Culler (1979, p. 79): “se os signos fossem naturais, então não haveria realmente nada a analisar.”⁹. A linguística, como modelo científico, não teria razão de pressupor uma investigação dos signos e outras semioses na cultura humana, visto que são expressões regidas pela convenção e arbitrariedade. A natureza arbitrária do signo seria nosso ponto de partida para as posteriores razões de pesquisa e observação a fim de adquirir respostas razoáveis para expressões nas artes em que a linguagem se põe como fundamento semiótico:

A Semiologia baseia-se, assim, na suposição de que, na medida em que as ações ou produções humanas exprimem significado, na medida em que elas funcionam como signos, deve haver um sistema subjacente de convenções e distinções que torna possível esse significado. Onde há signos há sistemas. Isto é o que as várias atividades significantes têm em comum e, se quisermos determinar sua natureza essencial, devemos tratá-las não isoladamente, mas como exemplos de sistemas semiológicos. Dessa maneira, os aspectos que estão ocultos amiúde, ou são abandonados, tornar-se-ão aparentes, especialmente quando as práticas significantes não-linguísticas são consideradas como “linguagens”. (Culler, 1979, p. 78)¹⁰.

E quanto aos outros códigos, enfatizamos aquela que denominamos linguagem literária, ou sistema da literatura como linguagem semiológica e/ou semiótica. Sim, há uma reflexão muito válida e relevante em que queremos nos sustentar. Para isso, observemos o seguinte excerto, que de forma instigante “alimenta” nosso escopo e nossas linhas posteriores:

Ora, é óbvio que o sistema de literatura – o conhecimento que se deve adquirir, além e acima do conhecimento da linguagem, a fim de ler e interpretar obras literárias – não envolve códigos explícitos como os de trânsito ou de etiqueta. Podem-se aprender várias maneiras de interpretar a linguagem figurativa, as convenções que governam diferentes gêneros literários, os tipos de estrutura ou organização literária. Mas a literatura continuamente solapa, parodia e evita tudo quanto ameaça tornar-se um código rígido ou regras explícitas da interpretação. Os sinais de trânsito não violam o código de sinais de trânsito, mas as obras literárias estão continuamente violando códigos. E isto acontece porque a literatura é

⁹ “If signs were natural, then there would really be nothing to analyse” (Culler, 1976, p. 92).

¹⁰ Semiology is thus based on the assumption that insofar as human actions or productions convey meaning, insofar as they function as signs, there must be an underlying system of conventions and distinctions which makes this meaning possible. Where there are signs there is system. This is what various signifying activities have in common, and if one is to determine their essential nature one must treat them not in isolation but as examples of semiological systems. In this way, aspects which are often hidden or neglected will become apparent, especially when non-linguistic signifying practices are considered as ‘language’. (Culler, 1976, p. 91)

fundamentalmente uma exploração das possibilidades da experiência, um questionamento e um aprofundamento das categorias pelas quais e através das quais ordinariamente nos vemos a nós mesmos e ao mundo. Os códigos literários têm papel importante por tornarem possível esse processo de questionamentos e aprofundamento, assim como as regras de etiqueta possibilitam a impolidez. Mas as obras literárias nunca repousam totalmente nos códigos que as definem, e é isto que torna a investigação semiológica da literatura uma empresa tão tantalizante. (Culler, 1979, p. 90)¹¹.

Consideramos suficiente, até o momento, o que dissertamos sobre a linguística como ciência da linguagem. Para as demais páginas, trataremos de debater acerca da questão da criação lexical, cuja base é a referida teoria saussuriana da linguagem. O nosso tópico tratará da teoria neológica que observa esse fenômeno da construção lexical e frasal como processo criativo e em constante mudança.

2.2 Criação lexical: o neologismo à luz da teoria saussuriana

Neste tópico de nosso trabalho entraremos no assunto caro à nossa investigação, trataremos daquilo que a linguística se ocupa como manifestações aparentemente acidentais das línguas nomeadamente naturais, os denominados neologismos (e o esperanto como língua planejada também não deixa de manifestar criativamente tal fenômeno em sua estrutura). É fato de notoriedade o interesse da linguística por esse processo de transformação dentro das estruturas linguísticas das quais se compõem as línguas em sua diversidade, cada qual em uma dada comunidade de falantes que partilham os signos em seu sistema.

¹¹ Now it is obvious that the system of literature – the knowledge one must acquire, over and above knowledge of the language, in order to read and interpret literary works – does not involve explicit codes like those of traffic signs or of etiquette. One can learn about various ways of interpreting figurative language, about the conventions governing different literary genres, about types of literary structure or organization. But literature continually undermines, parodies, and escapes anything which threatens to become a rigid code or explicit rules for interpretation. Traffic signs do not violate the code of traffic signs, but literary works are continually violating codes. And this is because literature is fundamentally an exploration of the possibilities of experience, a questioning and deepening of the categories in and through which we ordinarily view ourselves and the world. Literary codes have an important role in that they make possible this questioning and deepening process, just as rules of etiquette make it possible to be impolite. But literary works never lie wholly within the codes that define them, and this is what makes the semiological investigation of literature such a tantalizing enterprise. (Grifo nosso) (Culler, 1976, p. 105)

Para as linhas que se seguirão, partiremos da compreensão de valor, arbitrariedade e analogia linguísticos desenvolvidos na teoria de Ferdinand de Saussure. A noção de valor aponta o desenvolvimento estrutural semântico dentro das formas da língua, podendo nos trazer à compreensão de como são definidas e instituídas a importância dos signos no interior do conjunto de sistema, no qual se encontram. Quanto à noção de arbitrariedade, esta permite inferir como dentro do sistema linguístico se dá a construção neológica dos signos.

E, além disso, por sabermos que os falantes se apoiam em paradigmas antecedentes e/ou prévios na constituição do próprio sistema linguístico em dada comunidade e estrutura idiomática, partiremos para uma discussão sobre a noção de analogia, pois é na compreensão dessa particularidade na teoria saussuriana que se sustenta a reflexão sobre os neologismos dentro da língua. E como a língua (*langue*) está frequentemente inserida em movimentos analógicos, ao partirmos dessa noção poderemos buscar o suporte para reflexão sobre os neologismos. Ou seja, tomando parte dessa noção da teoria linguística de Ferdinand de Saussure, consideramos que “é plausível dizer que a neologia pode ser encarada como resultado do fenômeno analógico, acrescido de doses de criatividade do sujeito falante”. (Ribeiro, 2019, p. 7).

Ao estarmos diante da complexidade em que se (re)organiza o sistema linguístico, e de que forma esse aparato funcional na língua se permite ao desenvolvimento lexical, nos perguntamos como podemos compreender o funcionamento de neologismos. Para tal, faz-se necessário entender o funcionamento da formação e criação lexical na própria sistematização em que se encontra organizada a língua. E como dissemos antes, buscaremos um possível esclarecimento na noção de valor linguístico, arbitrariedade e analogia.

2.2.1 A noção de valor linguístico

Neste subtópico buscaremos verificar como o funcionamento dos neologismos, dentro do sistema da língua, adquire reconhecimento e estatuto formal de uso e passa a ser aceito pela comunidade de falantes. Dessa feita, é

imprescindível compreender como se concebe a noção de valor. É na noção de valor que o signo possuirá sentido num sistema particular no qual faz parte, e dentro dessa organização linguística “ter sentido” não significa outra coisa que possuir valor determinado e estabelecido pelo grupo de falantes no qual se vê inserido. E observando esse funcionamento da constituição do neologismo, em que ele passa a não apenas ser produto em movimento na mudança do sistema funcional da língua, mas a ser elemento constituinte na língua em função comunicativa, que possui valor e, por ser valorado, possui sentido completo no mecanismo semântico da língua em uso.

Analisar uma estrutura neológica na língua pressupõe sua aceitação e uso, e essa manifestação depende da maneira como esse movimento de criação lexical se encaixa na estrutura linguística prévia. O conceito, que determinamos estudar aqui, é fundamental para captarmos como as formas sígnicas passam a ganhar sentido e função intercomunicativa. E sem fugir do assunto: o valor linguístico vem a ser um dos pontos indispensáveis na qual se compõe a teoria de Saussure.

No contexto linguístico ou do uso da linguagem, e diante de uma discussão fundamentada na teoria saussuriana sobre a noção de valor, para o entendimento dessa concepção urge entendê-la por meio de sua forma triádica, a saber: (i) relação, (ii) diferença e (iii) oposição. Concebemos, então, que

(i) A **relação**: refere-se às conexões estabelecidas entre os elementos de um sistema linguístico. Essas relações são essenciais porque é por meio delas que as unidades linguísticas adquirem sentido/significação. Em outras palavras, o valor de uma unidade linguística é determinado pelas suas relações com outras unidades no interior do sistema em funcionamento.

(ii) A **diferença**: é um conceito central na teoria saussuriana. É nela que o significado das unidades linguísticas será determinado não apenas por suas estruturas particulares, mas também pela sua distinção em relação às outras unidades no sistema da língua. Ou seja, é essa diferença que permitirá que as unidades sejam reconhecidas e distinguidas umas em relação às outras nesse mesmo conjunto sistemático.

(iii) A **oposição**: surge da diferença entre as unidades linguísticas. Cada unidade é definida não apenas pelo que é, mas também pelo que não é. Ferdinand de Saussure argumenta que a oposição entre as unidades é fundamental à estruturação do sistema linguístico, pois é através dessas oposições que o significado é construído num paralelo de aspectos valoráveis, em que o jogo paradoxal de significados resultará na sucessão entre o que não é e o que é.

O valor linguístico de uma unidade (precisamente signo linguístico) é determinado pelas suas relações dentro do sistema, pela diferença em relação às outras unidades e pela oposição entre as unidades contrárias. Além do mais, esse conceito é essencial para entendermos como a linguagem está em funcionamento comunicativo e como as unidades linguísticas adquirem significado em direção ao sentido no sistema da língua, como bem afirmou Ribeiro (2019). Segundo a pesquisadora, é nas relações associativas que o “valor de cada elemento constituinte do sistema é definido (cada um deles possui o valor que lhe é atribuído por ser distinto de tudo o que os precede, tudo o que os sucede e, também, por tudo aquilo que eles poderiam ser mas não são [...])” (Ribeiro, 2019, p. 27).

Não é por menos que, para compreender o valor dos neologismos, deveremos trazer à análise a razão pela qual eles são integrados no sistema da língua e passam a ser determinados e utilizados pelos falantes no interior dessa estrutura linguística. Creemos que um estudo acerca de como os neologismos são criados, difundidos e eventualmente incorporados à língua, possa contribuir para melhor compreensão de sua evolução na dinâmica histórica e cultural não só entre os usuários da língua de dada comunidade linguística, mas também entre os usuários de comunidades interlinguísticas.

Ao discutirmos acerca da língua, pressupondo que ela é um grande sistema em (re)organização, encontramos aquilo que Saussure concebe por pensamento, que ao surgir não é outra coisa senão um sistema de valores, em que devemos considerar outros dois componentes estruturais que entram no sistema de seu funcionamento, a saber: as ideias e os sons. Por ser fluido e abrangente, sem fronteiras ou limites mais claros, o pensamento vaga em diversas direções, fazendo conexões com ideias e conceitos em que a criatividade e a reflexão estão em plena mudança e evolução à medida que experiências (históricas e socioculturais) são incorporadas ao sistema. A propósito, ressaltamos que o genebrino sabia do que

estava tratando em seu curso: “o pensamento é como uma nebulosa em que nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (Saussure, 2017, p. 158)¹².

Essa citação de Saussure parece refletir um posicionamento sobre como a linguagem e o pensamento se moldam na estrutura psicofísica humana. De fato, o sistema linguístico desempenha uma função fundamental em direção à organização e expressão do pensamento humano. O desenvolvimento da linguagem, como fato que pressupõe o pensamento, “não passa de uma massa amorfa e indistinta” (Saussure, 2017, p. 158)¹³. Vale ainda ressaltar que essa relação entre linguagem e pensamento não parece ser unívoca, visto que o sistema linguístico pode ser influenciado pelas ideias no pensamento ou contrariamente, sucedendo em um movimento dinâmico e interativo.

A função da língua no sistema é servir de ponte entre as ideias geradas pelo pensamento e a materialidade fônica. Tal noção implica que a língua, como parte de uma estrutura mais complexa, permitirá que as ideias sejam expressas por via da linguagem, seja sonora ou escrita (posteriormente). Note-se o seguinte, Saussure destacou que “o papel característico da língua diante do pensamento não é criar um meio fônico material para expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som” (Saussure, 2017, p. 159)¹⁴. Ou seja, o jogo saussuriano sobre a noção de valor está nessa dupla dinamicidade psicofísica, em que esses dois elementos trazem uma discussão acerca da organização da linguagem e seu funcionamento à medida que os falantes determinam e manifestam o movimento e/ou fenômeno da criação lexical.

Essa intermediação, no funcionamento do sistema da linguagem, servirá como um suporte que organiza e estrutura as ideias e sons (ainda amorfos e sem distinção), ou seja, isso pode acontecer através da criação de formas definidas, contextos claros e/ou limitações aparentes por nossa percepção. Quando as tais

¹² la pensée est comme une nébuleuse où rien n'est nécessairement délimité. Il n'y a pas d'idées préétablies, et rien n'est distinct avant l'apparition de la langue. (Saussure, 1971, p. 155).

¹³ notre pensée n'est qu'une masse amorphe et indistincte. (Saussure, 1971, p. 155).

¹⁴ Le rôle caractéristique de la langue vis-à-vis de la pensée n'est pas de créer un moyen phonique matériel pour l'expression des idées, mais de servir d'intermédiaire entre la pensée et le son. (Saussure, 1971, p. 156).

ideias são intermediadas de modo eficaz, elas se tornam mais compreensíveis e significativas, sendo seu sentido criado e determinado pelo público falante no interior de uma comunidade qualquer. Vemos nesse processo a delimitação e definição que poderá contribuir para uma melhor compreensão das mensagens transmitidas à maneira de conduzir signos ou unidades complexas de sentido/significação. Em outras palavras, “pelo pensamento-som, temos o surgimento do signo linguístico, a partir da união das duas massas amorfas que passam a ser definidas como significante e significado (as unidades que compõem o signo linguístico)” (Ribeiro, 2019, p. 32).

E fazendo menção à colocação de Saussure (2017, p. 161), “o valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento de significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência.”¹⁵. O pensamento saussuriano supracitado culmina numa espécie de visão dinâmica da linguagem, em que se destaca uma expressão da linguagem como um processo complexo e interativo, cujos elementos estão constantemente situados em razão do jogo comunicativo. Doutro modo, todos os termos estão interligados e o significado de um termo depende da presença simultânea de outros termos. Por isso, Saussure (2017, p. 161) afirma “ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros”¹⁶, como sugere o dinamismo da figura seguinte:

Figura 1: esquema do sistema de valores linguísticos



Fonte: Saussure, 2017, p. 161.

¹⁵ La valeur, prise dans son aspect conceptuel, est sans doute un élément de la signification, et il est très difficile de savoir comment celle-ci s'en distingue tout en étant sous sa dépendance. (Saussure, 1971. 158).

¹⁶ Puisque la langue est un système dont tous les termes sont solidaires et où la valeur de l'un ne résulte que de la présence simultanée des autres... (Saussure, 1971, p. 159).

Conforme o esquema apresentado por Saussure, a língua constitui-se dessa relação dinâmica de valorações simultâneas, em que o valor de toda a unidade resultará da presença (e da ausência) dos outros signos. Ou como diríamos, uma relação de ser e não ser em movimento constante num trato advindo da pulsão psicofísica. Dessa forma, entende-se que não há existência do elemento ou da unidade fora dessa dinâmica da valoração, o conceito de valor é que dá a existência aos elementos sígnicos, originando-os num espaço de possibilidade.

Com base em Saussure, afirmamos que não há identidade nos elementos constituintes do sistema linguístico, cuja função seja desempenhar o valor de si com intuito de significar algo. Pensando assim, “em síntese, o valor representa um ‘elemento maior’ que os demais e é a partir dele que alcançamos as unidades da *langue*. Dito isto, nos encontramos, uma vez mais, no emaranhado saussuriano do valor e da significação” (Ribeiro, 2019, p. 34), em que os elementos se interdependem (se interconectando e/ou se afastando na distinção entre eles) no sistema mais complexo (a linguagem). E como nos informa o genebrino, há dois fatores necessários para a existência do valor, e acrescentamos, do sistema dinâmico paradoxal de valorações, a saber: a semelhança e a dessemelhança. Observemos algumas palavras de Saussure (2017, p. 163):

Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas isso não ocorre assim. O francês diz indiferentemente *louer (une maison)* e o português *alugar* para significar dar ou tomar em aluguel, enquanto o alemão emprega dois termos, *mieten* e *vermieten*; não há, pois, correspondência exata de valores¹⁷.

Conforme Saussure, as palavras e as estruturas mais complexas obtêm seu valor não pelo que elas aparentam ser em si mesmas, mas pela sua posição no interior do sistema em relação de umas com as outras: “o que se disse das palavras aplica-se a qualquer termo da língua” (Saussure, 2017, p. 163). Esse dinamismo de relações e oposições (bem como diferenças) resulta na fluidez do significado, em que uma palavra como “cachorro” é determinada não por algum aspecto essencial que se constitui aos cães, mas por conta da sua diferença e oposição relacional com

¹⁷ Si les mots étaient chargés de représenter des concepts donnés d'avance, ils auraient chacun, d'une langue à l'autre, des correspondants exacts pour le sens; or il n'en est pas ainsi. Le français dit indifféremment *louer (une maison)* pour “prendre à bail” et “donner à bail”; là où l'allemand emploie deux termes: *mieten* et *vermieten*; il n'y a donc pas correspondance exacte des valeurs. (Saussure, 1971, p. 161).

outras palavras no sistema da língua, como por exemplo os termos “gato”, “camundongo”, “pássaro” etc. Ou seja, “A noção de valor linguístico nos faz compreender a língua enquanto sistema completamente desprovido de substância, funcionando apenas como formas que se definem pela pura diferença.” (Silva, 2008, p. 8). Portanto, observemos que

Tudo o que precede equivale a dizer que *na língua só existem diferenças*. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema. (Saussure, 2017, p. 167)¹⁸.

Essa compreensão trata da inexistência de relação direta do signo linguístico (termos, palavras, expressões complexas e outras formas gramaticais) com seus significados. No lugar dessa falta, o que vemos é o significado ser construído por via das relações e diferenças no interior do sistema da língua. Como já debatemos nas linhas anteriores, a língua é vista como um sistema de diferenças, em que as unidades linguísticas adquirem seu valor por meio de suas relações entre si, se opondo umas às outras a fim de se sucederem em correspondência entre palavras e conceitos não prévios.

A concepção de valor dentro do sistema da língua tem implicações fundamentais e razoáveis não somente para a teoria linguística saussuriana, mas há também para outros campos relacionáveis, como a semiótica discursiva, a semiologia, a psicolinguística, a filosofia da linguagem e a tradução, e sem deixar de mencionar a teoria da literatura. A influência nessas áreas traz um escopo significativamente profícuo à maneira que conseguimos compreender a natureza e o funcionamento da linguagem em razão de nossa investigação aqui: a criação lexical, mais especialmente os neologismos. A perspectiva que acabamos de discutir suscita outra noção com intenção de deixá-la mais clara: a arbitrariedade do signo linguístico.

¹⁸ Tout ce qui précède revient à dire que *dans la langue il n'y a que des différences*. Bien plus: une différence suppose en général des termes positifs entre lesquels elle s'établit; mais dans la langue il n'y a que des différences *sans termes positifs*. Qu'on prenne le signifié ou le signifiant, la langue ne comporte ni des idées ni des sons qui préexisteraient au système linguistique, mais seulement des différences conceptuelles et des différences phoniques issues de ce système. (Saussure, 1971, p. 166).

2.2.2 A noção de arbitrariedade linguística

De acordo com o pensador Ferdinand de Saussure, a noção de arbitrariedade é uma das características essenciais do signo linguístico. Por não haver uma relação intrínseca nas duas porções (significante/significado) que se unem para formar o signo, ele afirmou categoricamente que “o signo linguístico é arbitrário¹⁹” (Saussure, 2017, p. 108).²⁰ Dessa maneira, podemos entender que

A primeira menção ao arbitrário é para mostrar que, se o signo linguístico não fosse arbitrário, a língua não poderia ser um sistema de valores. O termo valor é utilizado por Saussure por implicar sempre a ideia de relação com outros valores, pois é dessa relação que ele decorre. Mais adiante, no mesmo capítulo, Saussure mostra como a noção de arbitrário está implicada na noção de diferença. Os elementos da língua, por serem arbitrários, se baseiam na pura diferença com os outros termos. (Porsche, 2012, p. 45).

A arbitrariedade resulta na escolha que o falante faz de um termo, locução ou mesmo na organização de períodos fraseológicos complexos. Essa escolha parte de uma convenção social e cultural, ao modo que não há característica inata na natureza das coisas ou sequer algum fenômeno lógico aparente que a justifique. E como bem exemplifica o genebrino em seu curso, ao tratar do princípio da arbitrariedade do signo, do seguinte modo ele assevera:

Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (Saussure, 2017, p. 108)²¹.

Como acabamos de perceber, não há causa racional específica ou natural com e pela qual um termo passa a ser usado com intuito de representar um

¹⁹ No CLG, assim como nos manuscritos, Saussure seguidamente raciocina sobre a arbitrariedade com base na afirmação de que o signo linguístico não é natural, trazendo argumentos baseados no raciocínio desenvolvido pelos arbitraristas da filosofia clássica para quem o signo é arbitrário, porque não há relação entre o signo e a coisa no mundo. (Porsche, 2012, p. 35).

²⁰ *le signe linguistique est arbitraire.* (Saussure, 1971, p. 100).

²¹ Ainsi l'idée de “sœur” n'est liée par aucun rapport intérieur avec ta suite de sons *s-ö-r* qui lui sert de signifiant; il pourrait être aussi bien représenté par n'importe quelle autre: à preuve les différences entre les langues et l'existence même de langues différentes: le signifié “bœuf” a pour signifiant *b-ö-f* d'un côté de la frontière, et *o-k-s* (*Ochs*) de l'autre. (Saussure, 1971, p. 100).

determinado significado; porém, de fato, trata-se de um acordo ou convenção no uso do sistema linguístico por dada comunidade de falantes. O que isso quer dizer: a arbitrariedade não implica a qualquer sujeito ou o grupo de indivíduos uma liberdade aleatória na instituição das palavras, ou seja, o indivíduo não terá livre escolha sobre a atribuição de sentido/significado sobre a(s) palavra(s). Até porque arbitrariedade não quer dizer que haja algo na natureza que possa justificar o uso de determinado termo, visto que seu uso apenas ocorre de sua causa existencial (talvez ontológica) imotivada dentro do sistema de uma dada língua natural, ou mesmo numa língua planejada como é o caso do esperanto.

Na leitura que fizemos das observações de Ribeiro (2019), ela sugere que há uma distinção conceitual entre aquilo que é denominado por “motivação” e “arbitrário”. Segundo a pesquisadora, a noção de motivado está relacionado diretamente a uma posição reflexiva entre os pensadores ligados à filosofia da linguagem (porque se está tratando do elo entre nomes e coisas em si mesmas, isto é, se há alguma relação entre eles), enquanto o que se entende por arbitrariedade é vinculado e/ou discutido no âmbito propriamente da ciência da linguagem desenvolvida por Saussure, pois é nesse campo de discussão que se busca o elo que une a dupla face daquilo que é material e daquilo que contém significado no signo. À vista disso, legitimamos que

o motivado suscita uma discussão acerca da atribuição de palavras, da sua origem e do seu vínculo com o objeto nomeado, o arbitrário lida com um questionamento linguístico, com a dúvida do pesquisador sobre o elo que une significante e significado (e não com os objetos e seus respectivos nomes). (Ribeiro, 2019, p. 38).

O pensador genebrino, por razões que talvez o inquietaram acerca da constituição ou de como deixar claro os aspectos da arbitrariedade da língua, propõe em seu curso uma dupla face do conceito da arbitrariedade, dividindo-o de duas formas, a saber: (i) o arbitrário absoluto e o (ii) arbitrário relativo. E é desse aspecto bifurcado que queremos tomar nota na seguinte observação:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária, em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado. (Saussure, 2017, p. 180)²².

²² Le principe fondamental de l'arbitraire du signe n'empêche pas de distinguer dans chaque langue ce qui est radicalement arbitraire, c'est-à-dire immotivé, de ce qui ne l'est que relativement. Une partie

De acordo com Ribeiro (2019) e Porsche (2012), todo o dinamismo mecânico da língua se movimenta sob essa dupla face na qual é constituída a noção de arbitrariedade linguística. Uma espécie de duplo eixo caracterizado por uma porção relativamente motivada e por outra absolutamente arbitrária à maneira do funcionamento do sistema linguístico. Ou seja, como pontua Saussure (2017, p. 182): “Os diversos idiomas encerram sempre elementos das duas ordens – radicalmente arbitrário e relativamente motivados –”²³. Em seu curso de linguística, o mestre genebrino exemplifica a questão evolutiva da língua: sob o aspecto da arbitrariedade, em seu modelo de prova, ele trata de mencionar comparativamente o francês em relação à língua latina:

Assim, o francês se caracteriza, em relação ao latim, entre outras coisas, por um enorme acréscimo do arbitrário: enquanto em latim *inimicus* lembra *in-* e *amicus* e se motiva por eles, em francês *ennemi* não se motiva por nada, ingressou o arbitrário absoluto, que é, aliás a condição essencial do signo linguístico. (Saussure, 2017, p. 182)²⁴.

E dessa afirmativa, que ele destaca, o que ocorre internamente em uma certa língua, no interior de seu sistema de criação lexical, da seguinte forma ele já havia afirmado em linhas anteriores: “todo movimento da evolução pode ser assinalado por uma passagem contínua do motivado ao arbitrário e do arbitrário ao motivado; esse vaivém tem amiúde como resultado alterar sensivelmente as proporções dessas duas categorias de signos”²⁵. (Saussure, 2017, p. 182). Portanto, “se a relação significante-significado não possui uma regra que faça com que tais elementos, obrigatoriamente, estabeleçam algum tipo de vínculo fixo, então, é por esse motivo que a *langue* pode, enfim, evoluir.” (Ribeiro, 2019, p. 48).

Por termos, em medidas razoáveis e plausíveis, apresentado na teoria saussuriana as noções de valor e arbitrariedade, resultamos que deles é viável

seulement des signes est absolument arbitraire; chez d'autres intervient un phénomène qui permet de reconnaître des degrés dans l'arbitraire sans le supprimer : *le signe peut être relativement motive*. (Saussure, 1971, p. 180 – 181).

²³ Les divers idiomes renferment toujours des éléments des deux ordres – radicalement arbitraires et relativement motivés –. (Saussure, 1971, p. 183).

²⁴ Ainsi le français est caractérisé par rapport au latin, entre autres choses, par un énorme accroissement de l'arbitraire: tandis qu'en latin *inimicus* rappelle *in-* et *amicus* et se motive par eux, *ennemi* ne se motive par rien; il est rentré dans l'arbitraire absolu, qui est d'ailleurs la condition essentielle du signe linguistique. (Saussure, 1971, p. 184).

²⁵ tout le mouvement de l'évolution peut être marqué par un passage continuel du motive à l'arbitraire et de l'arbitraire au motivé; ce va-et-vient a souvent pour résultat de déplacer sensiblement les proportions de ces deux catégories de signes. (Saussure, 1971, p. 183 – 184).

sublinhar nas palavras de Ribeiro (2019, p. 47 – 48): “o caráter arbitrário do signo linguístico é o que possibilita o aparecimento dos neologismos das mudanças analógicas”. Visto que a aparição do neologismo se dá como significante (a palavra nova ou atualizada) na língua e por meio da língua, é o sistema linguístico que o contém e o constitui na sua forma, e por ela tornar-se-á forma em funcionamento no interior do próprio sistema em razão da comunicação arbitrária entre os falantes. Por conseguinte, daremos continuidade tomando como novo tópico: a analogia.

2.2.3 A noção de analogia ou fenômeno analógico

Neste tópico tentaremos ser o mais sucinto possível, visto que o debate sobre a noção de valor e arbitrariedade nos foram suficientes a uma compreensão da transformação do significante no interior do sistema da língua. O que resulta dessas modificações internas no sistema podem ser equilibradas pela compreensão que teremos da concepção de analogia. Pois não advindos da natureza fonética, é pela analogia que se evidenciam as modificações normais do caráter aspectual e externo da língua em uso.

Não é por menos que “a analogia supõe um modelo e sua imitação regular. *Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outro ou de outros, segundo uma regra determinada*”²⁶ (Saussure, 2017, p. 217). Novamente cabe nossa impressão já dantes aferida: o dinamismo transformacional da língua, em constantes “perturbações” no uso do sistema, porém sem perder a ideia regular do que poderia ser e poderia não ser. Esse é o movimento evolutivo do sistema linguístico, que é capaz de integrar e desintegrar termos e locuções na história e na cultura dos usuários de qualquer língua natural (ou planejada):

De fato, se a analogia representa este fenômeno capaz de inserir, na *langue*, uma forma em detrimento de outra, isso já é prova suficiente de que ela é um indicador de evolução e que a presença pode auxiliar nas pesquisas sobre a história de um determinado idioma (o que representa também um fator importantíssimo para os estudos da linguagem). A substituição de formas caducas por outras mais regulares e compostas por elementos com os quais os falantes estejam mais habituados é, então, a

²⁶ L'analogie suppose un modèle et son imitation régulière. *Une forme analogique estt une forme faite à l'image d'une ou plusieurs autres d'après une règle déterminée.* (Saussure, 1971, p. 221)

principal característica da analogia e o que faz dela um fenômeno tão relevante. (Ribeiro, 2019, p. 59 – 60)²⁷.

Ao reconhecermos esse processo, nós como pesquisadores e estudiosos da linguagem, podemos analisar de modo mais aprofundado como se dá essas mudanças e acidentes na língua e na cultura linguística de determinados grupos ou comunidades de falantes. Como já deixamos claro, compreender o funcionamento dinâmico do fluxo da criação lexical é estar em constante atualização investigativa sobre a evolução do sistema linguístico. E no nosso caso, do sistema linguístico do esperanto.

Como há de se perceber, a analogia está ligada ao processo criativo de novos termos ou significados por via de outros já existentes. E como tal, o fenômeno ocorrerá por conta de sua dinâmica, que pode resultar na derivação, na composição, empréstimo, e outras formas. Ou seja, é essencial considerar como essas novas formas que surgem podem se encaixar e fazer parte do sistema da língua. As formas neológicas são criadas por analogia com palavras existentes, as formas recém criadas adaptam-se e são incluídas de modo semelhante a outras que entraram no mesmo movimento de renovação lexical, histórico e cultural da língua, com seus regimentos e leis internas para o funcionamento a fim de regularem a comunicação com sentido/significação.

Na leitura da pesquisadora Ribeiro (2019, 49), “a compreensão do fenômeno analógico é necessária para a reflexão sobre os neologismos, pois é a partir de tal fenômeno que essas novas formas dos sistemas linguísticos aparecem”. À vista disso, lançar luzes sobre o fenômeno analógico é, sem dúvida, determinante para uma investigação acerca do trato das criações lexicais, em especial os neologismos e a partir dele sobre o desenvolvimento criativo do sistema da língua.

²⁷ Entretanto, mesmo nesses tateios, a analogia exerce uma ação sobre a língua. Assim, conquanto não seja por si mesma um fato de evolução, ela reflete, de momento para momento, as mudanças sobrevividas na economia da língua e as consagra por novas combinações. Ela é colaboradora eficaz de todas as forças que modificam sem cessar a arquitetura de um idioma, e a esse título constitui um possante fator de evolução. (Saussure, 2017, p. 229). Tradução de: Mais même dans ces tâtonnements l'analogie exerce une action sur la langue. Ainsi, bien qu'elle ne soit pas en elle-même un fait d'évolution, elle reflète de moment en moment les changements intervenus dans l'économie de la langue et les consacre par des combinaisons nouvelles. Elle est la collaboratrice efficace de toutes les forces qui modifient sans cesse l'architecture d'un idiome, et à ce titre elle est un puissant facteur d'évolution. (Saussure, 1971, 234 – 235).

Todavia, é necessário elucidar o seguinte, para Saussure a concepção de mudança está ligada a ideia de substituição de uma forma por outra, entretanto, o fenômeno analógico não prevê de imediato essa substituição, visto que é possível manter duas formas para uma mesma palavra sem resultar em grandes problemas ao sistema da língua. E segundo o genebrino, dentro do funcionamento de modificações, é notável que para dar equilíbrio ao fluxo, a analogia estabelece uma união das formas, mantendo a regularidade. “A analogia se exerce em favor da regularidade e tende a unificar os processos de formação e de flexão. [...] Por conseguinte, não se pode dizer de antemão até onde irá a imitação de um modelo, nem quais são os tipos destinados a provocá-la.”²⁸ (Saussure, 2017, p. 218).

Destaca-se entre os falantes as situações de formular similaridades imitativas entre distintas formas já aceitas no sistema linguístico a partir do processo exercido na *parole* (a fala). Destarte, “ao tratar da analogia, Saussure afirma que ela age para manter a regularidade, ou seja, para impedir que a irregularidade do arbitrário perturbe por completo a organização da língua” (Porsche, 2012, p. 34 – 35).

Por se tratar de um movimento interpretativo de fenômenos de criatividade (do simples como a palavra aos mais complexos como as formas fraseológicas), a atividade analógica reflete não somente uma manifestação da capacidade humana de construir e desenvolver padrões, mas fazer movimentos comparativos a fim de resultar em composições com significado que estejam disponíveis no sistema dos usuários de qualquer língua. Ora, “a analogia parte da fala, pois nada entra na língua sem antes ter sido fenômeno da fala, ainda que a língua não adote todas as formações analógicas engendradas na fala, pois é necessário que essa forma receba a sanção da coletividade” (Porsche, 2012, p. 52).

Na sua teoria da linguagem, Saussure (2019, p. 223) ainda assinala uma síntese que fecha e é adequada ao nosso debate: “a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação

²⁸ L'analogie s'exerce en faveur de la régularité et tend à unifier les procédés de formation et de flexion. [...] Ainsi on ne peut pas dire d'avance jusqu'où s'étendra l'imitation d'un modèle, ni quels sont les types destinés à la provoquer. (Saussure, 1971, p. 222).

da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida”²⁹. E como a neologia se trata de uma atividade criativa do falante, fica claro para nós que na manutenção do sistema “toda criação deve ser precedida de sua comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as forças geradoras se alinham de acordo com suas relações”³⁰ (Saussure, 2017, p. 222). Após nossas razoáveis considerações, enfim partiremos sobre o assunto central: trataremos das unidades denominadas neologismos dentro do jogo saussuriano no seguinte tópico.

2.2.4 O neologismo ou fenômeno neológico: elucidação de base saussuriana

O fenômeno analógico é originário da conduta cultural e social entre os falantes, determinado por uma atividade particular e individual, que, depois, ganha no interior do social os fundamentos estruturais e passa a incluir-se no sistema comunicativo. À vista disso, a analogia compartilhada é uma atividade discursiva entre os falantes a respeito da língua, esse mesmo falante, como sujeito com capacidade de formular novas formas, opera inusitadamente de modo criativo com as unidades prévias da convenção coletiva na qual ele se encontra no interior duma certa comunidade. E pela inserção de novos elementos determinados desse sistema, o usuário modifica, recria, e estabelece junto aos outros as novas unidades para o uso em conjunto a fim de se comunicarem. Dessa convenção, estabelecem-se os neologismos. Contudo, julgamos sensato legitimarmos que

Não são todas as formas neológicas que passam a integrar a *langue*, uma vez que, para que ela possa fazer parte desse sistema, é necessário ser aceita pela comunidade falante, é necessário que ela tenha uma função dentro do sistema daquele idioma para que então possa ser aceita e integrada a ele. Ou seja, além da aceitação pela massa, é necessário que a nova forma seja “acomodada” pela *langue*, dado que a sua introdução acaba por mexer nas relações de valor nele estabelecidas e, uma vez que tais relações sejam “abaladas”, é preciso que o sistema como um todo acomode esse rearranjo de valores. (Ribeiro, 2019, p. 78).

²⁹ En résumé, l'analogie, prise en elle-même, n'est qu'un aspect du phénomène d'interprétation, une manifestation de l'activité générale qui distingue les unités pour les utiliser ensuite. (Saussure, 1971, p. 227 – 228).

³⁰ Toute création doit être précédée d'une comparaison inconsciente des matériaux déposés dans le trésor de la langue où les formes génératrices sont rangées selon leurs rapports... (Saussure, 1971, p. 227).

Até o momento nossa discussão deixou claro o funcionamento do qual se resulta a atividade criativa da linguagem pelo falante, à luz da teoria saussuriana. Elucidamos que por essa atividade se faz necessário compreender a noção de valor, e desta sua constituição na arbitrariedade da língua como processo de convenção entre os falantes, e somente depois tratamos da analogia como fundamental (e essencial) para o surgimento das unidades neológicas. Feito isso, perguntamo-nos: como definir essas novas unidades, e como classificá-las no sistema linguístico, de modo que esse instigante fenômeno passe a fazer-se constituinte do produto histórico, artístico, e, portanto, cultural de uma determinada língua. Para melhor esclarecimento ou pelo menos deixarmos em “mãos limpas”, tomaremos nosso direcionamento mais adiante sob sólida base teórica.

A neologia ocupa-se do processo de inclusão de novas unidades ou elementos no sistema da língua. E como uma atividade responsável pela criatividade lexical, ela se encontra num nível significativo das preocupações cotidianas dos linguistas ou mais especificamente dos estudiosos da lexicografia, que, num contexto científico dessas unidades terminológicas novas, encarregam-se de elucidá-las para organização do planejamento linguístico.

Para esse tipo de performance espontânea da linguagem, exige-se documentar essas recém-criadas unidades a fim de melhorar o funcionamento orgânico da língua, dando suporte aos avanços em diferentes áreas, desde as tecnológicas, culturais e do próprio entretenimento humano. Diante disso, afirmarmos que o fenômeno neológico cumpre seu objetivo: expandir o vocabulário de todo sistema linguístico, e após essa primeira tarefa, ela também irá integrá-lo (o vocabulário) às necessidades internas do sistema comunicativo dos falantes, de modo que essa engrenagem linguística se torne adaptada ao interior do movimento contínuo da língua. Então não é ilícito, nem tampouco incabível, admitirmos que “aos olhos de todos, a criatividade lexical ou neologia identifica o processo de formação de novos elementos no léxico de uma língua”³¹ (Boulanger, 1989, p. 1, tradução nossa).

³¹ Aux yeux de tous, la créativité lexicale ou néologie identifie le processus de formation d'éléments neufs dans le lexique d'une langue. (Boulanger, 1989, p. 1).

Em nossa leitura do importante artigo “A evolução do conceito de neologia pela linguística ou indústrias da língua” (1988, p.1, tradução nossa)³², de autoria do teórico Jean-Claude Boulanger, buscamos captar algumas “luzes” que podem elucidar com bastante clareza o que procuramos discutir nesse último momento de nosso tópico. A área da neologia, um campo à parte da teoria linguística, como qualquer outra disciplina, busca em seu escopo de investigação o desenvolvimento de novos termos e conceitos à medida que expande na atividade humana, tornando-se uma disciplina emergente a fim de ajustar-se ao funcionamento e compreensão do mecanismo da linguagem, e seu empenho científico inclina-se aos avanços, em que a língua passa a desenvolver internamente em razão de sua expressão externa, ou seja, com intuito de figurar verbalmente a realidade no e do mundo.

Por exigência neológica, as novas terminologias cumprem aquilo que é fato na organização orgânica do sistema linguístico, como um corpo vivo em movimento e que sofre perturbações advindas da necessidade de comunicação entre os falantes numa dada comunidade. Ou seja, é natural que a linguagem careça dessa evolução interna, visto que seu mecanismo passe a acompanhar as mudanças e renovações no trato do sistema de forma eficaz e produtiva. Uma das relevantes atividades do linguista é encontrar soluções adequadas para tais exigências da neologia, de modo tal que garanta a essa disciplina sua comunicabilidade em função do seu aspecto cultural e social. Nas palavras de Boulanger (1989, p. 2, tradução nossa):

É aceito em toda parte que nenhuma disciplina emergente, tal como os campos mais antigos da atividade humana pode construir uma terminologia exaustiva sem se confrontar a um momento com exigências neológicas, para as quais é necessário encontrar soluções adequadas³³.

Por se tratar de um movimento motivado no interior do sistema linguístico, tamanha é sua dinâmica que o trato criativo ou adotivo de novos termos (ou mesmo expressões complexas) podem resultar numa forte impulsão dos falantes em exercê-la a fim de se comunicarem, e, portanto, expressarem sua cultura hodierna. Um dos aspectos da neologia é possibilitar a adaptação ao contexto do usuário ao outro

³² L'évolution du concept de néologie de la linguistique aux industries de la langue. (Boulanger, 1989).

³³ Il est admis partout qu'aucune discipline naissante, pas plus que les champs d'activité humaine plus anciens, ne peut bâtir une terminologie exhaustive sans se heurter à un moment ou à un autre aux exigences néologiques, pour lesquelles il faut se mettre en quête de solutions adéquate. (Boulanger, 1989, p. 2).

usuário da língua, posto que as mudanças na linguagem são apropriadas não apenas à conveniência do significado para seus falantes, mas é algo que desloca o falante ao reconhecimento do valor das unidades reinventadas no jogo linguístico, como bem supunha Saussure (2017, p. 141) ao afirmar que “é na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por certo número de indivíduos, antes de entrar em uso”³⁴. Ou como bem corrobora à fala do mestre genebrino, e da seguinte maneira a pesquisadora Ribeiro (2019, p. 99) assevera acerca desse fluxo dinâmico das modificações internas do sistema linguístico na relação entre fala e língua:

A *parole* promove as mudanças da *langue* através das ocorrências singulares manifestadas pelos falantes. Através dessas mudanças, a *langue* tem a possibilidade de manter-se atualizada e não se tornar um depósito de formas obsoletas/desatualizadas. Essas modificações do sistema linguístico podem ocorrer por meio do fenômeno da analogia, que possibilita que o falante parta de mecanismos e formas preexistentes a fim de constituir o novo. Tudo isso, mais uma vez, só é possível pela ação do falante que mantém o sistema sempre “modernizado” e ainda é responsável pelo julgamento das formas que constituem esse sistema, determinando o valor de cada uma delas e decidindo sobre a sua entrada ou não no complexo conjunto da *langue*³⁵.

Ao incluirmos mudanças culturais, avanços na tecnologia ou simplesmente por via da necessidade de expressarmos novas unidades constituintes de significados atualizados, as variações no sistema da língua podem ser perturbadas por outras unidades entre diferentes línguas que se assemelham na sua constituição de origem, queremos dizer: se uma língua tem por base o latim, na sua estrutura poderá captar (talvez melhor a dizer: imitar) elementos lexicais nessa outra língua que lhe deu origem.

³⁴ C'est dans la parole que se trouve le germe de tous les changements: chacun d'eux est lancé d'abord par un certain nombre d'individus avant d'entrer dans l'usage. (Saussure, 1971, p. 138).

³⁵ Na própria dimensão teórica de Ferdinand de Saussure podemos atestar: “Um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala, isso em nada debilita a distinção estabelecida anteriormente; esta se acha inclusive confirmada, pois na história de toda inovação encontram-se sempre dois movimentos distintos: 1º - aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2º - aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade. (Saussure, 2017, p. 141). Tradução de: Un fait d'évolution est toujours précédé d'un fait, ou plutôt d'une multitude de faits similaires dans la sphère de la parole; cela n'influe en rien la distinction établie ci-dessus, elle s'en trouve même confirmée, puisque dans l'histoire de toute innovation on rencontre toujours deux moments distincts: 1º celui où elle surgit chez les individus; 2º celui où elle est devenue un fait de langue, identique extérieurement, mais adopté par la collectivité. (Saussure, 1971, p. 129 – 130).

A coerção linguística comporta-se involuntária, e, por trazer ao léxico da língua essas mudanças, é frequentemente impulsionada por diversas causas da parte dos falantes. Desde usos engessados, revitalizações e modernizações terminológicas, ou até pelo simples distanciamento local onde se encontram as comunidades de fala, mais ainda: por via dos regionalismos arcaicos e/ou culturalizados no sistema, sejam esses sistemas não apenas da fala, mas da escrita literária como exemplo. Como diria Boulanger (1989, p. 1, tradução nossa): “a pressão do movimento neológico é tal que ninguém sonharia em negar as modificações que ocorrem durante o uso. A respeito disso, a neologia é inquestionavelmente algo mais do que um mal evitável”³⁶.

A que devemos nossa análise lexicográfica em razão do estudo de verbetes específicos (locais ou regionais)? O regionalismo lexical pareceu-nos um escopo de pesquisa bastante caro à nossa vista, por essa razão cremos ser viável enfatizar e manter sublinhado nosso intuito, e a fim de mantermos a coerência, buscamos nas palavras do teórico Jean-Claude Boulanger (1988) uma resposta minimamente plausível. Segundo o lexicógrafo, ao tratar de sua discussão acerca dos neologismos, sua intenção (ao que nos parece imitável e aplicável ao nosso estudo) seria o seguinte:

A pesquisa neológica aqui consiste em tratar o todo ou subconjuntos do sistema de termos que fazem parte do domínio escolhido, em vez de focar na avaliação do status das unidades tomadas uma a uma ou na identificação de pequenos grupos de unidades fragmentárias. (Boulanger, 1989, p. 11, tradução nossa)³⁷.

Em nossa perspectiva, pelo que compreendemos, em vez de tomarmos as palavras isoladamente, é preferível concentrarmos-nos em entender como essas novas unidades lexicais se relacionam internamente. Fazendo isso, tal abordagem nos permitirá uma compreensão mais holística e bastante ampla acerca do vocabulário elegido, evitando reducionismos ou abstrações incabíveis para compreensão da evolução que sofre o sistema da língua. Por isso, afirmamos e

³⁶ La pression du mouvement néologique est telle que personne ne songerait à nier les modifications qui se produisent dans l'usage. À cet égard, la néologie est incontestablement autre chose qu'un mal évitable. (Boulanger, 1989, p. 1).

³⁷ La recherche néologique consiste ici à traiter l'ensemble ou des sous-ensembles du système de termes faisant partie du domaine choisi plutôt qu'à s'attarder sur l'évaluation du statut des unités prises une par une ou sur le repérage de petits groupes d'unités fragmentaires. (Boulanger, 1989, p. 11).

passamos a entender que a investigação neológica de base saussuriana mantém o foco para o panorama completo, isto é, em razão de como as palavras se relacionam e interagem, e como os termos recém-criados passam a surgir na evolução criativa dos falantes ao longo da história.

Partindo do conceito mais basilar desse fenômeno, em consulta a “Teoria do Neologismo”: comunicação proferida por Louis Guilbert em 1972 e posteriormente publicada em 1973, o que garante também ser uma referência relevante anterior a Boulanger. Quando ao se reportar a um fato histórico acerca da publicação do Dicionário de 1762 da academia francesa no qual se encontrava a definição do termo “Neologia”, L.S. Mercier pretendia dar-lhe redefinição, com intuito de rever a oposição entre neologia e neologismo, afirma Guilbert (1973, p. 9, tradução nossa):

“A neologia é sempre tomada na parte boa, e o Neologismo na parte ruim, há entre essas duas palavras a mesma diferença que entre religião e fanatismo, filosofia e filosofismo”. Destas precauções do autor, deve-se lembrar que o neologismo continuou a ser proibido aos membros do Instituto Nacional da França no período pós-revolucionário, tal como na época de Vaugelas, e que Mercier tentava definir uma nova atitude perante a evolução da língua que ele percebeu, no seu tempo, talvez mais do que em qualquer outro momento da história³⁸.

O movimento dinâmico da língua pode ser assimilado em razão da mudança constante que se estabelece entre linguagem num momento histórico a outro, isto é, os usos de uma língua de determinada geração influencia na definição da geração futura. O fato interessante está nas inovações que ocasionam a transformação no interior do léxico, que enriquecem a linguagem. E tal dinamismo resulta num debate que originou-se sobre a linguagem. Há quem defenda a pureza, “advertindo-nos” dessas perturbações ou sujeiras dentro do sistema. Todavia, os neologistas, como sujeitos curiosos ao impulso criativo e fluído do sistema, constituem outra exteriorização sobre a investigação da língua em movimento.

³⁸ « Néologie se prend toujours em bonne part, et Néologisme en mauvaise, il y a entre ces deux mots la même différence qu'entre religion et fanatisme, philosophie et philosophisme. » De ces précautions de l'auteur il convient de retenir que le néologisme continuait d'être frappé d'interdit pour les membres de l'Institut National de France dans la période post-révolutionnaire, tout comme au temps de Vaugelas, et que Mercier essayait de définir une nouvelle attitude em face de l'évolution de la langue qu'il percevait, en son temps, peut-être plus qu'à aucun autre moment de l'histoire. (Guilbert, 1973, p. 9).

Desse modo, as observações de Guilbert (1973) já demonstravam essas nuances no percurso investigativo sobre a transformação da e pela língua.

Sobre como definir “neologia”, tal termo não deve ser posto em análise por uma simples forma de acumulação de formas ou unidades neológicas, ou seja, por apenas substituir formas antigas que estão em desuso, a caminho do desaparecimento entre os falantes. Com base em Guilbert, a melhor escolha a dar sobre o conceito de neologia é por via da relação entre os elementos do sistema da língua. Os falantes são os sujeitos transformadores do sistema, daí que “a sua atividade linguística realiza-se na ignorância ou no desconhecimento durante o ato de fala, do estado anterior da língua, dependendo da dinâmica das relações que se estabelecem entre os elementos do sistema no momento presente”³⁹ (Guilbert, 1973, p. 11, tradução nossa). E curiosamente, o neólogo Guilbert aponta para atentarmos e considerarmos o fenômeno da criatividade, que não está relacionado ao fato evolutivo da língua, vejamos o que ele diz:

A neologia não se relaciona com a evolução, mas com a criação; como tal, manifesta-se essencialmente pela formação de um novo termo, que enriquece uma série lexical ou a série de usos de uma palavra, sem que ao mesmo tempo desapareçam a base lexical ou os usos anteriores da palavra. Há apenas um aumento nas formas linguísticas disponíveis. O fenômeno do envelhecimento concomitante só pode ser discernido na massa lexical pela obsolescência de certas palavras ou pela perda de produtividade de um elemento formativo em favor de outro mais dinâmico:⁴⁰ (Guilbert, 1973, p. 11, tradução nossa).

À vista disso, segundo o neologista, um estado contemporâneo da linguagem é um momento em que o estado anterior chega ao seu fim e recomeça num processo o seguinte passo, que seria o fim de uma mudança, ou seja, a formação de um arcaísmo e, ao mesmo tempo, o início de outra mudança: o nascimento de um neologismo. Ademais, Guilbert (1973) também afirma que a classificação tipológica dos neologismos pode ser feita a partir de certos postulados

³⁹ son activité linguistique s'accomplit dans l'ignorance ou la non-conscience, au cours de l'acte de parole, de l'état de langue antérieur, selon la dynamique des rapports établis entre les éléments du système dans le moment présent. (Guilbert, 1973, p. 11).

⁴⁰ La néologie relève, non de l'évolution, mais de la création ; à ce titre, elle se manifeste essentiellement par la formation d'un terme nouveau, qui vient enrichir une série lexicale ou la série des emplois d'un mot, sans que la base lexicale ou les emplois antérieurs du mot disparaissent du même coup. Il se produit seulement une augmentation des formes linguistiques disponibles. Le phénomène de vieillissement concomitant ne peut être discerné que dans la masse lexicale par l'obsolescence de certains mots ou par la perte de productivité d'un élément formateur au profit d'un autre plus dynamique. (Guilbert, 1973, p. 11).

derivados da observação do funcionamento da linguagem. Esses postulados podem auxiliar a que o falante entenda como os neologismos são formados e utilizados na comunicação linguística. Observemos:

1. — Uma língua funciona de acordo com o seu próprio código, em virtude do qual são produzidos os atos de fala e as formações lexicais. Tudo o que vem de outra língua deve ser considerado pertencente a outro código.
2. — O neologismo é um signo linguístico composto por uma face “significante” e uma face “significado”. Esses dois componentes são modificados conjuntamente na criação neológica, ainda que a mutação pareça referir-se apenas à morfologia do termo ou ao seu único significado.
3. — A formação neológica, na maioria das vezes, não é uma unidade de significado mínimo. Resulta da combinação de elementos mais simples existentes na linguagem. A criação reside então no modo de relação que se estabelece entre esses elementos.
4. — A criação do neologismo não pode ser dissociada do discurso do indivíduo-criador integrado numa comunidade, exprimindo-se numa determinada situação.
5. — O neologismo tem um aspecto oral e um aspecto escrito. As modificações gráficas devem, portanto, ser consideradas como neologia. É a partir desses postulados que tentamos classificar os vários tipos de neologismos. (Guilbert, 1973, p. 17 – 18, tradução nossa)⁴¹.

Em *Neologismo: Criação lexical* de Ieda Maria Alves (1990) encontramos a influência francesa dada à sua pesquisa neológica. Nessa obra citada, encontramos bem definidos os tipos classificados por Guilbert em sua teoria neológica. Razão pela qual a autora adverte criteriosamente: “Os princípios teóricos preconizados por Guilbert têm servido de base para vários estudos a respeito dos neologismos nas línguas românicas e deles também nos servimos para a estruturação teórica exposta neste trabalho” (Alves, 1990, p. 91). A neologista Alves (1990, p. 6) admite que “é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos”. Desse modo, já discutidos suas bases

⁴¹ Pour tenter de classer les différentes sortes de néologismes, il nous faut partir d'un certain nombre de postulats tirés de l'observation du fonctionnement de la langue. 1. — Une langue fonctionne selon son propre code en vertu duquel sont produits des actes de discours et des formations lexicales. Tout ce qui provient d'une langue autre doit être considéré comme relevant d'un autre code. 2. — Le néologisme est un signe linguistique comportant une face « signifiant » et une face « signifié ». Ces deux composantes sont modifiées conjointement dans la création néologique, même si la mutation semble porter sur la seule morphologie du terme ou sur sa seule signification. 3. — La formation néologique, le plus souvent, n'est pas une unité de signification minimale. Elle résulte de la combinaison d'éléments plus simples existant dans la langue. La création réside alors dans le mode de relation établie entre ces éléments. 4. — La création du néologisme ne peut être dissociée du discours tenu par le créateur-individu intégré à une communauté, s'exprimant dans une situation donnée. 5. — Le néologisme présente un aspect oral et un aspect écrit. Les modifications graphiques doivent donc être considérées comme relevant de la néologie. C'est à partir de ces postulats que nous tentons de classer les divers types de néologismes. (Guilbert, 1973, p. 17 – 18).

fundamentais, a autora e neóloga brasileira assim enumera e define os tipos de neologismos:

(i) **Neologismo fonológico**: “supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (Alves, 1990, p. 11).

(ii) **Neologismo sintático**: “os neologismos sintáticos supõem a combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico (...). Classificados em *derivados*, *compostos*, *compostos sintagmáticos* e *compostos formados por siglas* ou *acronímicos*.” (Alves, 1990, p. 14).

(iii) **Neologismo por conversão**: “designa um tipo de formação lexical pela qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais. Exemplos frequentes são apresentados por adjetivos empregados substantivamente” (Alves, 1990, p. 60).

(iv) **Neologismo semântico**: “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual.” (Alves, 1990, p. 62).

(v) **Neologismo por empréstimo**: resulta-se desse tipo de neologismo o que Alves denominou de estrangeirismo, visto que “o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua” (Alves, 1990, p. 72). E a autora ainda acrescenta o seguinte: “O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência” (Alves, 1990, p. 72 – 73).

Além dessa classificação fundamentada na teoria de Guilbert, em seu artigo “O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística”, lida Maria Alves enumera um conjunto de atividades a partir das contribuições de Boulanger sobre o conceito de neologismo, a saber:

- processo prático de criação de novas unidades lexicais, na língua geral ou nas línguas de especialidade, por meio do recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais em uma língua;
- estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, aceitabilidade e difusão de neologismos, os aspectos sociais e culturais da neologia;
-

atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto de uma política da língua; • tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção; • relação com os dicionários, tanto gerais, unilíngues, como específicos (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos etc.). (Alves, 1996, p. 14).

Ainda que apenas lancemos vista sobre as palavras e a diversidade terminológica lexical regional, verificamos que, mesmo por via delas, se requer um entendimento razoável sobre sua estrutura, bem como seu funcionamento no sistema linguístico, e além do mais, requer também o conhecimento acerca do contexto cultural e social adequado para o funcionamento do novo verbete para assim justificar-se sua inserção na língua, além do que, nem todos os falantes, mesmo em sua liberdade individual, podem criar uma palavra nova, nem qualquer tipo de palavra sem a aceitação dos demais de forma coletiva:

Para lançar uma novidade, exige-se também, que esteja acompanhado de suficiente *autoridade*. Pois as novidades linguísticas imitam-se e difundem-se, seguindo, em princípio, as mesmas leis que as outras modas. É preciso estar em uma posição especial, capaz de ditar normas, para difundir uma palavra nova. Portanto, as possibilidades individuais de influir na língua, inclusive no campo do vocabulário, parecem muito restritas: existem na medida em que cumprem determinadas condições sociais. E, em última análise as circunstâncias da coletividade é que são decisivas para que a iniciativa individual ganhe seguidores dentro do grupo social. (Malmberg, 1976, p. 96).

A respeito disso, Bertil Malmberg (1976, p. 96) assegura que: “O neologismo tem que responder a uma necessidade, estar de acordo com as regras da língua quanto à combinação de sons e adaptar-se, de algum modo, ao sistema gramatical da língua em questão”. E ao tratarmos da língua sob nosso enfoque investigativo neológico, mais precisamente dos tratos da mudança no interior do sistema, quando ela ganha força criativa para seu funcionamento em razão da comunicação entre os falantes, verifiquemos um ponto chave nas palavras do mestre genebrino:

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações (Saussure, 2017, p. 119)⁴².

⁴² Dès lors la langue n'est pas libre, parce que le temps permettra aux forces sociales s'exerçant sur elle de développer leurs effets, et on arrive au principe de continuité, qui annule la liberté. Mais la

Sobre o aspecto dessas relações no interior do signo linguístico, é preciso atentarmos que ele está fora de ser uma possibilidade inerte e estática em seu funcionamento, a linguagem sofre perturbações frequentes por esses fatores de alteração. Visto que a relação entre o conceito ou a ideia e sua forma psicofísica implica num processo dinâmico e estrutural, “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo”⁴³ (Saussure, 2017, p. 116). Posto isso em clareza de entendimento, Ferdinand de Saussure enfatiza sobre esse princípio de mutabilidade e elucida:

Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua própria vida, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor, evolui, sob influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal, não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar deslocamentos sensíveis. / Isso é tão verdadeiro que até nas línguas artificiais tal princípio tem de vigorar. [...] O **esperanto** é um ensaio desse gênero; se triunfar, escapará à lei fatal? Passado o primeiro momento, a língua entrará muito provavelmente em sua vida semiológica; transmitir-se-á segundo leis que nada têm de comum com as de sua criação reflexiva, e não se poderá mais retroceder. (Saussure, 2017, p. 116 – 117, grifo nosso)⁴⁴.

Isso posto, fechamos nossa discussão acerca do que propomos: a criação lexical ou fenômeno neológico à luz da teoria saussuriana. Os próximos tópicos terão como temáticas: (i) a Interlinguística e (ii) a esperantologia. E nessa linha de discussão e investigação, faremos menção ao esperanto e demais assuntos pertinentes, a saber: sua história, cultura e sua formação lexical e/ou neológica.

continuité implique que· nécessairement l'altération, le déplacement plus ou moins considérable des rapports. (Saussure, 1971, p. 113).

⁴³ Une langue est radicalement impuissante à se défendre contre les facteurs qui déplacent d'instant en instant le rapport du signifié et du signifiant. C'est une des conséquences de l'arbitraire du signe. (Saussure, 1971, p. 110).

⁴⁴ Il en résulte que ces deux éléments unis dans les signes gardent chacun leur vie propre dans une proportion inconnue ailleurs, et que la langue s'altère, ou plutôt évolue, sous l'influence de tous les agents qui peuvent atteindre soit les sons soit les sens. Cette évolution est fatale; il n'y a pas d'exemple d'une langue qui y résiste. Au bout d'un certain temps on peut toujours constater des déplacements sensibles. Cela est si vrai que ce principe doit se vérifier même à propos des langues artificielles. [...] L'espéranto est un essai de ce genre; s'il réussit, échappera-t-il à la loi fatale? Passé le premier moment, la langue entrera très probablement dans sa vie sémiologique; elle se transmettra par des lois qui n'ont rien de commun avec celles de la création réfléchie, et l'on ne pourra plus revenir en arrière. (Saussure, 1971, p. 110 – 111).

2.3 A interlinguística: a ciência das línguas planejadas

Chegamos ao terceiro tópico do primeiro capítulo, em que trataremos algumas elucidações referentes à Interlinguística e, em seguida, trataremos mais a fundo sobre a esperantologia. Afinal, de que trata a interlinguística? Qual seu campo de estudo e qual seu objeto ou objetos de interesse investigativo? São muitas perguntas que podemos lançar, mas nossa intenção não é somente propedêutica no sentido de trazer as primeiras noções mais básicas. Além do mais, partiremos da ideia de que maior parte de nosso público se constitui de pessoas já letradas, ou que já não são neófitas ao conteúdo relativo à ciência da linguagem, em todo caso, o conteúdo aqui não trará maiores dificuldades em razão do uso terminológico e argumentativo da escrita acadêmica proposta.

Nosso intuito é tão somente investigativo e argumentativo, portanto, nossa escrita deste tópico se guiará por uma descrição histórica e analítica, a fim de percorremos o caminho objetivo da pesquisa em questão: a criação lexical (ou neológica) para tradução na língua internacional (o esperanto). E antes de tudo, por uma via histórico-descritiva (quicá filológica), tomaremos como referência fundamental os trabalhos de Věra Barandovská-Frank (2019, 2020), Otto Jaspersen (2010), Willem Manders (1980) e Detlev Blanke (1985).

A palavra “interlíngua” deu origem ao termo “Interlinguística”, constituindo posteriormente o que entendemos como a ciência referente ao estudo das línguas auxiliares ou planejadas, já que o vocábulo “interlíngua” designa exatamente “língua auxiliar internacional”. Em 1903, essa unidade lexical foi introduzida pelo lógico e matemático Giuseppe Peano, em seu artigo *De latino sine flexione*, em que ele apresentou um experimento de uma língua auxiliar internacional, uma espécie de latim simplificado, sem aquelas complicações estruturais da gramática românica. Originalmente o termo era escrito “inter-língua”, uma forma genérica para significar as línguas construídas com objetivo de auxiliar e facilitar a intercomunicação de pessoas de diferentes nacionalidades:

A Academia pro interlingua [Academia da Língua Internacional] (1887-1939) contribuiu muito para o desenvolvimento da interlinguística. Originalmente fundada para apoiar a planejada língua Volapuk, esta Academia tornou-se posteriormente um local onde vários projetos linguísticos internacionais foram discutidos. A partir de 1908, sob a liderança de Peano, especializou-se em línguas planejadas de base latina, usando o latim sem flexão de

Peano como língua oficial, mas ao mesmo tempo apoiando a criação de outras interlínguas de base latina. (Barandovská-Frank, 2019, p. 11, tradução nossa)⁴⁵.

E com a publicação do artigo *Une science nouvelle* em 1911, pela revista *Lingua internationale*, temos o primeiro veículo midiático que trouxe a proposta de definir e chamar esse novo campo investigativo científico de *interlinguistique*⁴⁶, que seria conhecida como a ciência que explora as leis e regimentos naturais constituintes dos idiomas auxiliares e planejados. “A nova ciência poderia responder às questões em discussão, por exemplo, com relação à homo- ou heterogeneidade do vocabulário, a estrita regularidade da gramática, etc., caso a língua auxiliar seja obra de uma só pessoa ou de um coletivo” (Barandovská-Frank, 2020, p. 15, tradução nossa)⁴⁷.

A intenção do autor (Meysmans) do artigo, sobre a fundamentação da interlinguística, era esboçar sua opinião acerca dos princípios que regeriam as línguas auxiliares, e tais leis também eram válidas às línguas étnicas. Sua justificativa traria possibilidades investigativas aos linguistas que se interessassem pelas línguas construídas.

Segundo os comentários gerais de Barandovská-Frank, o interesse pelas denominadas línguas artificiais existiu por conta principalmente do surgimento da

⁴⁵ L'Academia pro interlingua [Academie pour la langue internationale] (1887-1939) contribua beaucoup à l'évolution de l'interlinguistique. Fondée à la base pour soutenir la langue planifiée volapuk, cette Academie devint par la suite un lieu où furent discutés divers projets de langues internationales. À partir de 1908, sous l'impulsion de Peano, elle se spécialisa dans les langues planifiées à base latine, utilisant comme langue officielle le latino sine flexione de Peano, mais soutenant en même temps la création d'autres interlangues à base latine. (Barandovská-Frank, 2019, p. 11).

⁴⁶ A Interlinguística surgiu como a ciência que visava estabelecer as normas das línguas auxiliares; porém, ao longo de sua história centenária, ela foi compreendida de modo cada vez mais amplo, em geral como um campo interdisciplinar de conhecimento que abarca diversos aspectos da comunicação, do planejamento e da normatização linguísticas, do plurilinguismo, da política linguística, da tradução, da sociolinguística, da história e da literatura das línguas planejadas, etc. (Barandovská-Frank, 2020, p. 11, tradução nossa): No original: Interlingvistiko ekestis kiel scienco stariganta normojn por helplingvoj, sed tra sia centjara historio ĝi estas komprenata pli kaj pli vaste, ĝenerale kiel interdisciplina sciencobranĉo inkludanta diversajn aspektojn de komunikado, lingvoplanado kaj lingvonormigo, multlingveco, lingvopolitiko, tradukado, sociolingvistiko, historio kaj literaturo de planlingvoj ktp. (Barandovská-Frank, 2020, p. 11).

⁴⁷ La nova scienco povus respondi al ĵus diskutataj demandoj ekzemple rilate homogenecon aŭ heterogenecon de la vortprovizo, striktan regulecon de gramatiko k. s., ĉu la helplingvo estu verko de unuopulo aŭ de kolektivo. (Barandovská-Frank, 2020, p. 15).

língua *Volapük*, que foi o primeiro projeto de interlíngua mais utilizado com intuítos internacionais comunicativos entre os falantes de línguas distintas. Ou seja, aquela que deu origem a antecessora da Academia a favor da Interlíngua. Embora seja de nosso conhecimento que o referido idioma (pela complexidade que continha em sua estrutura) não tenha perdurado. E após o surgimento do esperanto, pulularam propostas de reformulações e ajustes sobre as importantes investigações no âmbito acadêmico, que trariam novidades em torno das línguas construídas e/ou planejadas. Em linhas gerais,

Os interlinguistas afirmam, e penso que com razão, que há aí um campo de trabalho que podemos abordar por métodos científicos e que, ademais, é muito importante para a humanidade civilizada cuidarmos dessa abordagem, para alcançarmos uma solução satisfatória de um problema realmente urgente. (Jespersen, 2010, p. 422, tradução nossa)⁴⁸.

O renomado linguista Otto Jespersen, tendo se esforçado pela autonomia da interlinguística, publicou um artigo de larga relevância e que traria nortes aos investigadores e cientistas da linguagem acerca do caráter epistêmico e objetivo da recém desenvolvida ciência das línguas auxiliares. Tomamos por bem, avançarmos em direção ao conteúdo elaborado por Jespersen em sua publicação *Interlinguistics* (1931).

Ao destacar a dificuldade comunicativa vivida na europa de sua época, Jespersen faz menção à pluridiversidade “babélica” que se encontrava os povos europeus, não menos que 120 línguas distintas, cujos povos se emaranhavam na tentativa de tentarem se entender. Ele destaca a necessidade de tradutores e intérpretes com a simples finalidade de tentarem se comunicar. O linguista ainda faz referência ao desafio que o estrangeiro tinha para pagar por direitos aduaneiros sobre bens materiais, como se não bastasse isso, os custos e o tempo investidos com traduções de uma língua para outra eram demasiadas altas e constituíam um fardo intelectual para o estrangeiro que precisasse desses serviços.

O linguista dinamarquês traz um ponto interessante no seu artigo, a Europa de sua época sofria de uma espécie de dualidade: de um lado o crescimento e avanços na tecnologia com fins de melhorar a intercomunicação mundial, e de

⁴⁸ Interlinguists contend, and to my mind, rightly, that there is here a field that can be treated according to scientific methods and which it is of the utmost importance to civilized mankind to see thus treated in order to obtain a satisfactory solution of a really harassing problem. (Jespersen, 2010, p. 422).

outro lado a persistência de um tipo de ufanismo nacionalista, em que as pessoas não abriam mão de sua nacionalidade linguística, isto é, não queriam procurar um meio de falar uma língua comum que não fosse a sua, por conta de um suposto detrimento da língua materna. Ao falarmos de uma identidade linguística, na concepção do linguista, a ideia de uma língua franca universal entra em debate em direção de novas propostas há séculos. Dito isso, com razão Jespersen (2010, p. 429, tradução nossa)⁴⁹ afirma o seguinte:

O surgimento de uma língua auxiliar internacional simples e adequada mostrar-se-á uma bênção para filólogos, filósofos, médicos, cientistas, técnicos, políticos, comerciantes, turistas – para todos, enfim, cujo horizonte não está limitado à própria terra natal.

E conforme o autor, propostas como o esperanto ou o inglês desempenham um papel relevante, porém o nacionalismo torna-se um obstáculo que impede a adoção de um idioma global neutro, visto que as nações relutam em abrir mão de suas línguas nativas, ao que parece, deixar de falar sua língua pátria seria como optar por romper com sua identidade cultural e histórica. Reconhecer e promover a cooperação internacional e a compreensão nacional não é ser indiferente às culturas e políticas que constituem a estrangeiridade do sujeito.

Com razão, a tecnologia moderna permitiu longos passos em direção a outras partes no mundo, mas isso não diminuiu os obstáculos culturais e políticos que alimentam o sentimento de nacionalismo. Tal fenômeno pode ser observado por diversas perspectivas, a começar pela política conservadora e radical até discussões sobre fatos linguísticos que constituem uma identidade nacional, regional, e podemos dizer continental.

Pelo visto, como o sentimento de nacionalidade é um tipo de reação contra a globalização, “Os ciúmes nacionais são hoje tão fortes que está fora de questão ter uma das línguas existentes adotada em todos os lugares como meio reconhecido de comunicação internacional” (Jespersen, 2010, p. 422, tradução

⁴⁹ The advent of a simple and adequate International Auxiliary Language will prove a boon to philologists, philosophers, medical men, scientists, technicians, politicians, merchants, tourists—in short, to everybody whose horizon is not limited to his native country. (Jespersen, 2010, p. 429).

nossa)⁵⁰. Tamanha é a verdade constituída a partir dessa reflexão, que se origina uma tensão humana e política entre o ufanismo radical e a globalização, culminando num debate que molda as dinâmicas estruturais na história comunicativa entre as populações. Todavia, apesar dos conflitos que surgem nessa pulsão internacional,

Uma nova ciência está em desenvolvimento: a interlinguística – o ramo da ciência da linguagem que lida com a estruturação e as ideias básicas de todas as línguas que visam a estabelecer uma norma para as interlínguas, ou seja, línguas auxiliares destinadas ao uso oral e escrito entre pessoas que não podem se entender por meio de suas línguas nativas. (Jespersen, 2010, p. 422, tradução nossa).⁵¹

Não obstante a aspiração entusiasta e idealista de Jespersen, que buscava uma solução sobre adoção de uma língua auxiliar, viu-se nessa empreitada a impossibilidade que havia nos projetos linguísticos surgentes. Era óbvio que apesar das vantagens particulares dos sistemas idealizados, na prática eram propostas que não garantiam sua ocupação como língua de massiva aceitação popular e coletiva. Acerca dessas pontuações, creio que deixamos claro sua razão global.

Um quinto de século depois, o latinista e esperantólogo holandês chamado Willem Manders publica *Interlingvistiko kaj esperantologio*, obra em que faria menção ao conceito de interlinguística desenvolvido por Jespersen, declarando que sua posição foi certa, porém deixando evidente que, apesar do objetivo preciso, sua elucidação ainda não era plausível e nem convincente. Conforme Willem Manders (1980, p. 12, tradução nossa), Otto Jespersen “Caracteriza de forma concisa, mas adequada, o objetivo e o método da interlinguística, que se baseia na convicção de que nem o esperanto, nem as outras línguas planejadas existentes apresentam uma solução completamente satisfatória”⁵².

⁵⁰ National jealousies are nowadays so strong that it is out of the question to have one of the existing languages adopted everywhere as the recognized means of international communication. (Jespersen, 2010, p. 422.)

⁵¹ A new science is developig, Interlinguistics—that branch of the science of language which deals with the structure and basic ideas of all languages with a view to the establishing of a norm for interlanguages, *i. e.* auxiliary languages destined for oral and written use between people who cannot make themselves understood by means of their mother tongues. (Jespersen, 2010, p. 422).

⁵² Koncize sed trafe karakterizas la celon kaj metodon de la interlingvistiko, kiu baziĝas sur la konvinko ke nek Esperanto, nek iu el la aliaj ekzistantaj planlingvoj prezentas tute kontentigan solvon. (Manders, 1980, p. 12).

Para Manders, parecia-lhe improvável que houvesse aceitação massiva desse idioma internacional, mesmo que essa língua tivesse uma estrutura e um sistema perfeito, isto é, que ganhasse aceitação e adeptos do novo sistema, não apenas abrangendo os estudiosos (cientistas) mas toda uma massa global de falantes simpáticos à língua. Partindo desse ponto de vista, de acordo com ele, “o objetivo dos interlinguistas de criar e introduzir uma língua irrepreensível não pode ser antipático para nós. Mas somos céticos quanto à questão de ser possível construir uma língua que satisfaça não apenas a seus autores ou a alguns grupos” (Manders, 1980, p. 13)⁵³. Vejamos ainda outra citação seguinte, o quanto é interessante e que vai de lado oposto ao que o linguista dinamarquês conjectura em seu artigo:

Embora compartilhemos a mesma opinião dos interlinguistas de que o problema será resolvido de forma mais satisfatória quanto mais perfeita for a língua planejada definitiva, contestamos que apenas uma língua perfeita (ou quase perfeita) merece o epíteto de "satisfatória". Ao longo dos seus 60 anos de existência, o esperanto mostrou-se absolutamente adequado para a sua tarefa. As deficiências que criticamos no esperanto não o caracterizam de forma alguma como uma língua menos adequada para servir como meio de comunicação internacional do que o inglês ou outra língua nacional. Elas significam apenas que o esperanto ainda não atingiu o grau máximo de superioridade sobre as línguas nacionais. (Manders, 1980, p. 13, tradução nossa)⁵⁴.

Ao escrever em defesa do esperanto, o esperantólogo justifica e reconhece que a crítica ao esperanto está fundamentada numa concepção generalizada, quando comparada a outras línguas auxiliares, visto que esses outros projetos também podem ser concebidos de forma em que não foram aprimorados em sua estrutura. Na opinião de Willem Manders (1980, p. 13, tradução nossa):

É claro que as línguas planejadas superam as línguas nacionais apenas como meio de comunicação internacional. Entre pessoas da mesma língua, a língua nacional é insuperável, e é justo que todos os autores de línguas

⁵³ La celado de la interlingvistikoj krei kaj enkonduki lingvon neriproĉeblan ne povas esti antipatia al ni. Sed ni estas skeptikaj pri la demando ĉu estas eble konstrui lingvon kiu kontentigos ne nur sian aŭtoron aŭ iujn grupojn [...] (Manders, 1980, p. 13).

⁵⁴ Kvankam ni samopinias kiel la interlingvistoj ke la problemo solviĝos des pli kontentige ju pli perfekta estos la definitiva planlingvo, ni kontestas ke nur lingvo perfekta (aux kvazaŭperfekta) meritas la epiteton "kontentiga". En la daŭro de sia 60-jara ekzistado Esperanto montris sin nepre taŭga por sia tasko. La mankoj kiujn ki kritikis en Esperanto, tute ne stampas ĝin kiel lingvon malpli taŭgan por servi kiel internacia komunikilo ol la angla aŭ alia nacia lingvo. Ili nur signifas, ke Esperanto ankoraŭ ne atingis la maksimuman gradon de supereco antaŭ la naciaj lingvoj. (Manders, 1980, p. 13).

planejadas as destinem exclusivamente para uso entre pessoas de línguas diferentes.⁵⁵

Para ele se trata de uma visão comum entre os que não simpatizam com o idioma internacional, ao apontarem questões como sua gramática imperfeita, um vocabulário com nuances de vagueza e um uso não mais que generalista dos conceitos e ideias. A posição de Manders é que toda língua planejada não diferiria do idioma internacional na sua essência, salvo em sua diferença gradual. Quanto isso, ele assevera sim que os estudiosos das línguas planejadas sabem da potencialidade do esperanto, e a comunidade acadêmica não o pode negar, ou seja, “até os interlinguistas estão cientes disso” (Manders, 1980, p. 13, tradução nossa)⁵⁶.

Em reconhecimento histórico, sabe-se que a interlingüística só veio surgir como método investigativo científico, após surgirem as línguas auxiliares criadas pelo padre Schleyer e pelo médico Ludoviko Zamenhof, os respectivos projetos linguísticos Volapük e o idioma internacional (tempo depois, renomeado de Esperanto), que encontraram simpatizantes e passaram até seu funcionamento comunicativo entre falantes de diversos idiomas. É fato que os criadores dos idiomas auxiliares (em sua maioria) não são reconhecidos como interlinguistas, conforme as diretrizes constituintes elaboradas pelo linguista Otto Jespersen.

Foi a partir dos projetos iniciados por Schleyer e Zamenhof que o campo das pesquisas e estudos de línguas construídas iriam resultar numa nova ciência da linguagem, em especial as línguas auxiliares (em princípio designadas artificiais). Dito isso, o reconhecimento do método que se interessa pelo funcionamento e pela gramática (além da cultura, história, tradução e literatura etc.) dos idiomas internacionais (planejados) chegariam aos nossos dias como uma perspectiva autônoma surgente num período em que a linguística saussuriana estava em pleno desenvolvimento e popularização entre os estudiosos e cientistas da linguagem, semiótica e áreas afins.

⁵⁵ kompreneble la planlingvoj superas la naciajn lingvojn nur kiel internaciaj komunikiloj. Inter samlingvanoj la nacia lingvo estas nesuperebla, kaj prave ĉiuj aŭtoroj de planlingvoj ekskluzive destinas ilin por uzo inter diverslingvanoj. (Manders, 1980, p. 13).

⁵⁶ Ke ankaux la interlingvistoj konscias tion... (Manders, 1980, p. 13).

Não era preciso ir muito distante para entender que, se, à época, os estudiosos da linguagem tivessem se ocupado com maior esmero em estudar ou pelo menos ler as ideias originais e conceitos seguros desenvolvidos por Zamenhof, acabariam por possivelmente não tomar parte de seus planos antipáticos ao projeto do idioma internacional neutro. Visto que as teorias elaboradas pelo médico polonês eram surpreendentes e de argumentação profunda, elas contra-argumentariam as inexperientes críticas fincadas num diletantismo e amadorismo científico.

Sob as palavras do esperantólogo Willem Manders (1980, p. 14, tradução nossa)⁵⁷: “É lamentável que os interlinguistas modernos só conheçam Zamenhof como o autor do esperanto”. E com um ironismo perspicaz o crítico holandês resume da seguinte maneira seu pensamento: “Se os linguistas profissionais da época tivessem lido suas ideias sobre o futuro desenvolvimento do esperanto, provavelmente teriam encolhido os ombros com desdém, indignados com tanto diletantismo ingênuo” (Manders, 1980, p. 14)⁵⁸. Ora, não é por menos ele já havia enfatizado que a interlinguística só é o que é hoje por conta do surgimento criativo e idealista dos autores dos projetos pioneiros de línguas artificiais, melhor dizendo, dos idiomas internacionais auxiliares, principalmente do esperanto, que resultou num ramo científico bastante profícuo, a saber, a esperantologia:

Mas se os interlinguistas tivessem estudado cuidadosamente as razões e considerações especulativas de Zamenhof, poderiam ter deixado de atribuir a priori tanto valor aos detalhes, e em vez de proclamar como tarefa única a preocupação “com as estruturas e ideias básicas de todas as línguas” (isto é, línguas nacionais), eles poderiam colocar as línguas planejadas no centro de seu interesse, fazendo da interlinguística “aquele ramo da linguística que lida com os princípios e aspectos gerais do problema linguístico planejado, investigando quais qualidades a língua planejada ideal deveria possuir e visando encontrar os métodos adequados para construir uma linguagem a mais adequada possível ao ideal”. (Manders, 1980, p. 15, tradução nossa)⁵⁹.

⁵⁷ Estas bedaŭrinde ke la modernaj interlingvistoj konas Zamenhof nur kiel aŭtoron de Esperanto. (Manders, 1980, p. 14).

⁵⁸ Se la tiamaj profesiaj lingvistoj estus legintaj liajn ideojn pri la estonta evoluo de Esperanto, verŝajne ili estus malŝate levintaj da ŝultroj, indignante pro tiomda naiva diletantismo. (Manders, 1980, p. 14).

⁵⁹ Sed se la interlingvistoj atente pristudus la rezonojn kaj spekulativan konsiderojn de Zamenhof, ili eble ĉesus apriorie atribui tiom da valoroj al detaloj, kaj anstataŭ proklami kiel solan taskon la okupiĝon “pri la strukturoj kaj bazaj ideoj de ĉiuj lingvoj” (t.e. naciaj lingvoj), ili eble metus la planlingvojn en la centro de sia intereso, farante la interlingvistikon “tiu branĉo de la lingvistiko, kiu okupiĝas pri la ĝeneralaj principoj kaj aspektoj de la planlingvo problemo, esplorante kiujn kvalitojn devus posedi la ideala planlingvo kaj celante trovi la adekvatajn metodojn por konstrui lingvon kiel eble plej konforman al la idealo”. (Manders, 1980, p. 15).

Isso posto em razão de nossa investigação, notamos que as contribuições de Willem Manders deram como consequência aos fundamentos relacionados à ciência das línguas planificadas, constituindo-se, pois, um campo da linguística geral desenvolvida pelo genebrino Ferdinand de Saussure. Porém, como uma nova área investigativa e científica, ela busca, principalmente, tanto estabelecer os regimentos que gerenciam e/ou regulam o sistema das interlínguas, quanto descobrir explicações que possam elucidar satisfatoriamente aos problemas internos e externos das línguas planejadas, visto que os interlinguistas não se decidem a tais contratempos inconvenientes.

Os conceitos apresentados por Otto Jespersen e os argumentos notificados por Willem Manders se ocupam apenas de alguns atributos legais e normas para se estabelecer uma ciência das línguas auxiliares. Mas desde 1928, o pesquisador e historiador pertencente à Academia pro Interlingua, chamado Dénes Szilágyi, um entusiasta das línguas construídas, trabalhava com afinco acerca de definir um conceito mais extensivo dessa área de investigação, uma proposta que colocasse a interlinguística como um campo sistemático ou geral, quiçá mais aparente a sua “irmã” de maior prestígio, a linguística geral. O intuito de Szilágyi era possivelmente fazer da interlinguística uma ciência que englobasse ramos interligados aos estudos históricos e comparativos das línguas planificadas. Inclusive, sua proposta geral intencionava chamar atenção dos estudiosos e pesquisadores na época, em razão de esclarecer e apagar a visão antipática sobre ideal de uma língua internacional comum.

Em linhas gerais, a pesquisadora Věra Barandovská-Frank diz que Szilágyi desenvolveu duas linhas de perspectivas à nova ciência da linguagem: (i) a primeira linha: admitia uma interlinguística como um sistema teórico e com metodologia sobre a produção de línguas planejadas e auxiliares (as interlínguas) e a (ii) segunda linha: uma interlinguística dos estudos históricos e comparativos das línguas planejadas. A esse respeito, o historiador denominava a primeira de **interlinguística normativa**, enquanto a segunda perspectiva denominava **interlinguística geral**. Para ele, a interlinguística geral coube a função e uma importante tarefa: “avaliar se a interlíngua proposta é capaz de receber aceitação social, se ela segue a linha da evolução geral das interlínguas, se ela está em

harmonia com sua própria época e se é atual” (Barandovská-Frank, 2020, p. 17, tradução nossa)⁶⁰.

Um fato bastante importante nessa linha de conceituação da nova ciência se dá num seguinte aspecto: sabe-se que as línguas planejadas possuem características bastante particulares e muitas vezes específicas conforme as intenções da pessoa que a formulou e a desenvolveu em razão de certos objetivos. E pensando a respeito disso, alguns fatores devem ser levados em consideração: além dos traços e sistema gramaticais próprios, deve-se atentar aos elementos científicos, os encadeamentos e seguimentos religiosos, as culturas regionais e internacionais, os movimentos políticos, econômicos e demais outras razões que levam a ciência a uma preocupação interdisciplinar, como os fatores referentes à psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, e demais campos afins. Para que assim não se reduza (com diletantismo) a apenas uma dura ciência isolada das outras perspectivas investigativas.

Ademais, os outros campos científicos e humanos permeiam e podem colaborar ao meio social das distintas comunidades linguísticas no mundo. À vista disso, o historiador Szilágyi não se limitou a particularizar a ciência das interlínguas como uma área autônoma e somente aplicada ao sistema linguístico isolado dos fatores externos às línguas, portanto ele viu nessa postura uma oportunidade de propor uma ciência, em que nela se aplicasse a necessidade de conexão a outros territórios e espaços científicos. Posto isso, a interlinguística é interdisciplinar; sendo interdisciplinar o centro investigativo da nova ciência, logo seria também interdisciplinar o ramo da esperantologia. Todavia, de acordo com Barandovská-Frank (2020, p. 20, tradução nossa):

A principal tarefa da interlinguística até metade do século passado esteve ligada às línguas auxiliares artificiais internacionais (planejadas): sua elaboração, análise, comparação e escolha ou construção da mais adequada dentre elas. [...] No entanto, tampouco a Interlíngua se mostrou como a solução desejada. Surgiram dúvidas: o que ocorreria agora com a interlinguística? Ela ainda buscaria uma língua auxiliar ideal? Ela passaria a

⁶⁰ Szilágyi vidas interlingvistikon kiel sistemon de teorioj kaj teknikoj, servantaj al produktado de interlingvoj, sed li esence distingis interlingvistikon *normigan* disde interlingvistiko *ĝenerala* por historia kaj kompara studoj de interlingvoj. Tiu ĉi havas gravan taskon prijuĝi, ĉu la proponata interlingvo kapablas ricevi socian akcepton, ĉu ĝi sekvas la linion de ĝenerala evoluo de interlingvoj, ĉu ĝi harmonias kun la koncerna epoko kaj estas aktuala. (Barandovská-Frank, 2020, p. 17).

ocupar-se mais com as línguas étnicas? Ela se concentraria em generalidade ou ela se reduziria à esperantologia?⁶¹.

Malgrado os embates internos, envolvendo ações e querelas tomadas à parte dos interlinguistas mais radicais e os esperantólogos (quicá por achar que lhe conferisse o direito de reformular as estruturas do esperanto, resultando num idioma internacional reformulado, o ido), o interesse à visão científica nos estudos das línguas planejadas era de todo modo considerada ainda um laborioso e fecundo terreno a fins de resolverem a sistematização e objetivo da nova ciência: a interlinguística.

E por volta de 1985, o germanista e esperantólogo Detlev Blanke estabeleceria algumas diretrizes que ampliariam os conceitos modernos da interlinguística. Para o teórico “a interlinguística é uma ciência interdisciplinar da linguagem, que investiga a comunicação linguística com todos seus aspectos políticos, econômicos, linguísticos, de teoria da informação e outros aspectos explorados” (Blanke, 1985, p. 293, tradução nossa)⁶². Tendo definido o objetivo da nova ciência, boa parte do que se compreende como fundamento de sua pesquisa deita-se sobre atividade investigativa das línguas planejadas, isto é, sua gramática e a multiculturalidade (literária, histórica, política, filosófica etc.) desenvolvida com fins a expandir a universalidade entre povos, etnias e diferentes sociedades.

De acordo com Blanke (1985, p. 295, tradução nossa), “as línguas planejadas são principalmente produto de esforços interlinguísticos, nomeadamente, como meios de facilitar a comunicação internacional”⁶³. E uma outra observação, quando se trata da vasta produção em esperanto, o germanista assim afirma: “Uma

⁶¹ La ĉefa tasko de interlingvistiko ĝis la duono de la pasinta jarcento estis ligita al artefaritaj internaciaj helplingvoj (planlingvoj): ilia konstruado, analizo, komparo kaj elekto aŭ konstruo de la plej taŭga el ili. La aktiveco de IALA, gvidata de specialistoj, altiris intereson de multaj famaj lingvistoj tra la mondo, sed tiu intereso ekvelkis post la publikigo de Interlingua kaj fino de IALA en 1952. Tamen, eĉ Interlingua ne montriĝis la dezirata solvo. Ekestis duboj: kio nun okazu kun interlingvistiko? Ĉu ĝi daŭre serĉu idealan helplingvon? Ĉu ĝi pli okupiĝu pri etnolingvoj? Ĉu ĝi pli koncentriĝu al ĝeneralajoj aŭ ĉu ĝi male eĉ reduktiĝu al esperantologio? (Barandovská-Frank, 2020, p. 20).

⁶² Die Interlinguistik ist eine interdisziplinäre sprachwissenschaftliche Disziplin, welche die internationale sprachliche Kommunikation mit allen ihren politischen, ökonomischen, linguistischen, informationstheoretischen und anderen Aspekten erforscht. (Blanke, 1985, p. 293).

⁶³ Die Plansprachen sind in erster Linie Produkt interlinguistischer Bestrebungen, nämlich Mittel zur Erleichterung der internationalen Kommunikation. (Blanke, 1985, p. 295).

pesquisa interlinguística realmente significativa não é possível sem levar em conta a literatura linguística planejada”. (Blanke, 1985, p. 295).

“A emergência da interlinguística como disciplina científica está intimamente ligada ao desenvolvimento e à história das línguas planejadas” (Blanke, 1985, p. 295, tradução nossa)⁶⁴. A história, a política e a cultura relacionadas ao idioma internacional (o esperanto) incluem-se nessa perspectiva de importância dada pelo autor, portanto, justificamos dessa maneira nossa razão para uma investigação relevante, em que pudemos e mais adiante elucidaremos com mais detalhes o resultado de nosso esforço e labor.

Em seu artigo, *De nouveaux défis pour l'interlinguistique*, Věra Barandovská-Frank (2019) afirma que atualmente a interlinguística tem se superado, conquistado uma estabilidade crescente e sem muitas pretensões, entretanto reafirmando seu estatuto como ciência à parte. Desde então, o seu objetivo como ciência autônoma se guia pelo seu interesse na pesquisa e exploração das línguas planejadas, tendo no seu bojo um material de importância aos pesquisadores a respeito da criação das línguas do ponto de vista de seu uso, sua gramática e sistema organizacional, a criação lexical, as terminologias específicas, e a literatura nesses idiomas.

Ademais, a interlinguista afirma criteriosamente que “outra importante direção de investigação foi explorar a realização social das línguas planejadas, ou seja, das suas comunidades de falantes, com as suas tradições, as suas culturas, as suas literaturas e as suas políticas linguísticas” (Barandovská-Frank, 2019, p.12, tradução nossa)⁶⁵. E ela ainda destaca a importância do idioma internacional criado pelo médico polonês, ao justificar e declarar no seu trabalho que “entre as línguas planejadas mais tradicionalmente estudadas, destaca-se o esperanto”

⁶⁴ Die Entstehung der Interlinguistik als wissenschaftliche Disziplin ist eng mit der Entwicklung und der Geschichte der Plansprachen verbunden” (Blanke, 1985, p. 295).

⁶⁵ Une autre orientation importante de la recherche consistait a explorer la realisation sociale des langues planifiees, autrement dit leurs communautes de locuteurs, avec leurs traditions, leurs cultures, leurs litteratures et leurs politiques linguistiques. (Barandovská-Frank, 2019, p.12).

(Barandovská-Frank, 2019, p.12, tradução nossa)⁶⁶. Em razão disso, observemos também, a seguir, a citação de Blanke (1985, p. 295, tradução nossa):

A esperantologia tem como objeto investigativo a principal língua planejada e, portanto, faz parte da interlinguística.. É a disciplina linguística que examina as fontes, a estrutura, o desenvolvimento e o desempenho comunicativo da língua planejada esperanto. De acordo com as novas necessidades de comunicação da comunidade linguística, esta deve desenvolver as propriedades específicas inerentes ao esperanto como língua planejada para um desenvolvimento planejado e, se possível, uniforme. Isso significa que a Esperantologia não é apenas descritiva, mas também possui elementos prescritivos que se conectam com o planejamento linguístico⁶⁷.

E quanto ao campo dos estudos do idioma internacional referido acima, o debate segue e continuará, e como bem observou o crítico esperantólogo Blanke, “mesmo as propriedades mais favoráveis de uma língua planejada não são de forma alguma uma garantia suficiente de que tal língua será realmente usada para racionalizar a comunicação linguística internacional” (Blanke, 1985, p. 295)⁶⁸. E continuando na sua reflexão, ele traz a seguinte afirmação e postura quanto a questão, suscitando um debate crucial ao desafio da ciência Interlinguística e sua subárea (a Esperantologia): “Fatores políticos e econômicos são decisivos para a escolha dos meios para conceber de forma otimizada a comunicação linguística internacional”. (Blanke, 1985, p. 295)⁶⁹.

Desse modo, cremos que nossa discussão ao tema da interlinguística ganha um rumo satisfatório ao que até aqui conseguimos elucidar, a esse respeito e com razão científica, adiante daremos prosseguimento aos apontamentos relacionados ao campo da esperantologia num novo tópico.

⁶⁶ Parmi les langues planifiées les plus étudiées traditionnellement, il faut surtout mentionner l'esperanto. (Barandovská-Frank, 2019, p.12).

⁶⁷ Die Esperantologie hat als Gegenstand die wichtigste Plansprache und ist damit Teil der Interlinguistik. Sie ist die linguistische Disziplin, welche Quellen, Struktur, Entwicklung und Kommunikationsleistung der Plansprache Esperanto untersucht. Sie hat, in Übereinstimmung mit den sich verändernden Kommunikationsbedürfnissen der Sprachgemeinschaft, die dem Esperanto als einer geplanten Sprache innewohnenden spezifischen Eigenschaften für eine planmäßige und möglichst einheitliche Entwicklung zu erschließen. Damit ist die Esperantologia nicht nur deskriptiv, sondern hat auch präskriptive Elemente, die sie mit der Sprachplanung verbindet. (Blanke, 1985, p. 295).

⁶⁸ Selbst die günstigsten Eigenschaften einer Plansprache sind keinesfalls eine ausreichende Garantie dafür, daß eine solche Sprache zur Rationalisierung der internationalen sprachlichen Kommunikation auch wirklich eingesetzt wird. (Blanke, 1985, p. 295).

⁶⁹ Entscheidend für die Wahl der Mittel zur optimalen Gestaltung der internationalen sprachlichen Kommunikation sind politische und ökonomische Faktoren. (Blanke, 1985, p. 295)

2.4 A esperantologia: a linguística e a neologia do esperanto.

Neste tópico apresentaremos um amplo debate em duas vias (de forma geral): (i) a primeira relacionada ao conteúdo mais intimamente histórico quanto ao sistema da língua e seu papel político cultural e linguístico na sociedade, e como o esperantista enxerga ou devia dar mais importância ao papel da linguística do esperanto, tanto na academia/ambientes científicos quanto nas suas atividades/performances de âmbito popular e de sua perspectiva intercultural, (ii) a segunda via trataremos de um aspecto mais gramatical/funcional da língua planejada, discutiremos os fenômenos e acidentes das formações das palavras no esperanto, mais especificamente os acidentes neológicos que constituem a vida ativa e criativa do idioma internacional, com vias de entendê-lo na discussão a respeito da literatura em esperanto, mais especificamente das traduções no idioma internacional, e como este se comporta na sua manifestação criativa em correspondências a adoção (imitação) de unidades lexicais estrangeiras.

2.4.1 Esperantologia: linguística e cultura do esperanto

A história do idealizador do idioma internacional, Ludwik Lejzer (Lázaro) Zamenhof, é sem dúvidas um importante acontecimento para uma instigante pesquisa, na qual não temos tão assiduamente conhecimento de um número largo de trabalho feito por linguístas e esperantólogos. Seguindo numa mesma linha de investigação, nosso intuito será tão somente trazer informações mais gerais sobre alguns fatos da vida do médico polonês, tomando por bem apenas aqueles que despertam uma curiosidade à parte da vida do autor do idioma internacional, e que qualificam esta pesquisa em razão do que propomos elucidar, sem desviarmo-nos da ideia principal.

Voltando-nos um pouco mais sobre relatos históricos, tomaremos como base de leitura a famosa obra de Ulrich Lins, *La danĝera Lingvo: Studo pri la persekutoj kontraŭ Esperanto* (1990). Em 1896, o médico polonês publicou, aos recém adeptos do idioma neutro, uma carta que ficou conhecida ao seu público como uma elucidação bastante clara das razões que justificavam seu projeto de

“língua internacional” como uma necessidade mundial entre falantes de outros idiomas nacionais. Zamenhof deixou ao seu público coidealista aquilo que ele designou como sua “grande paixão”, como num desabafo íntimo e pessoal.

O conteúdo epistolar “apresentava o autor do esperanto como um lutador altruísta pela compreensão mútua através de todos os antagonismos nacionais, como um homem cheio de modéstia e idealismo, por cujo objetivo era difícil não mostrar respeito” (Lins, 1990, p. 15, tradução nossa)⁷⁰. A mensagem na carta sublinhava sua referência como criador do projeto, que seria futuramente o meio de comunicação pacífica entre os distintos povos e etnias, contudo também mencionava suas raízes judaicas. Sua forte identidade e ancestralidade lhe incubia expressar-se em razão da crença histórica e esperança, referente ao que seu povo sofrera aos longos dos tempos.

A missão de Lázaro Zamenhof consistia no ideal (quicá utópico à época) de “união das nações”, como um judeu convicto, também na esperança dessa união que unifica os indivíduos numa humanidade e coletividade social pluricultural. Isto é, o médico polonês admitiu num tom confessional que “se não fosse um ‘hebreu do gueto’, ‘a ideia da unificação da humanidade’ não o ocuparia com tanta teimosia e que ninguém poderia sentir necessidade de uma ‘língua sem nação, neutramente humana’ tão fortemente quanto um judeu”. (Lins, 1990, p. 16, tradução nossa)⁷¹.

Nascido num contexto de conflitos sociais, desde criança Lázaro foi inclinado e sensível às causas minoritárias de razões políticas, que afetavam as pessoas por sua volta, em especial às comunidades judaicas na sua cidade natal Bialstock. O iniciador do esperanto chegou a testemunhar as tensões étnicas e religiosas em sua comunidade, por isso foi instigado por questões de desejo cívico, intenções essas que o motivavam por uma solução recíproca entre as comunidades que se relacionavam (conflituosamente) na época.

⁷⁰ Ĝi presentis la aŭtoron de Esperanto kiel altruisman batalanton por interkompreniĜo trans ĉiujn naciajn antagonismojn, kiel homon plenan de modesteco kaj idealismo, al kies celado malfacile eblis ne montri respekton. (Lins, 1990, p. 15).

⁷¹ En tiu letero Zamenhof forte elstarigis sian judan devenon kaj la ligitcon de ĉiuj siaj idealoj kun sia aparteno “al tiu ĉi tiel antikva kaj tiom multe suferinta kaj batalinta popolo, kies tuta historia misio konsistas... en la unuigo de la nacioj en la celado al “unu dio”. Zamenhof asertis, ke, se li ne estus “hebreo el la geto”, “la ideo pri la unuigo de la homaro” ne okupus lin tiel obstine kaj ke neniu tiel forte kiel judo povas senti la neceson de “lingvo sennacia, neŭtrale homa”. (Lins, 1990, p. 16).

Em razão disso, ele percebeu que projetar algo na linguagem (um sistema linguístico “artificial”) seria uma forma de superar os obstáculos, que iriam lhe propiciar a unidade das nações. E posteriormente, tendo sido persuadido pelos ideais do movimento positivista polonês, preocupou-se desde então pelas perseguições raciais, a opressão política e as formas de exclusão das minorias, em particular seus consanguíneos.

Ademais, ele sentiu-se motivado a lutar pelas causas e classes oprimidas daquele período e localidade, num entusiasmo que pudesse atingir as nações e todas as regiões globais. Nesse circuito de participações e influência de movimentos libertários, Lázaro Zamenhof procurou “meios que pudessem melhorar a situação dos grupos populacionais judeus à escala global e também servir os ideais de igualdade, justiça e fraternidade – independentemente da raça, nacionalidade e língua” (Blanke, 2010, p. 220, tradução nossa)⁷².

Dito isso, faz-se necessário atentar para alguns outros momentos consideráveis à continuidade do fundamental a esta pesquisa. Isto é, apontar informações históricas a respeito da personalidade do Dr. Esperanto (pseudônimo de Zamenhof) podem e “ajudam a entender por que ele conseguiu (de fato, o único na história mundial) não apenas propor, mas também dar vida a uma língua planejada” (Gudskov, 2002, p.11, tradução nossa)⁷³. Em verdade, uma biografia sobre Zamenhof é um tema de bastante riqueza para uma pesquisa de caráter científico no âmbito que toca os estudos da história descritiva da esperantologia.

No seu compêndio (*Epitomo de esperantologio*) publicado em 2002, o esperantólogo russo Nikolao Gudskov menciona uma primeira circunstância “Influência da família e do entorno”, em que se delimitaram fatos favoráveis ao ideal linguístico e criativo do polonês Zamenhof. Vejamos o que Gudskov (2002, p. 11,

⁷² Seit früher Kindheit beschäftigten ihn die rassische Verfolgung, die politische Unterdrückung und soziale Benschteiligung, wie sie besonders hart die jüdische Bevölkerung trafen. Später, beeinflusst durch Ideen des Positivismus in Polen, einer geistigen Strömung, die sich in ihrer ersten Phase auch für die Rechte der unterdrückten Klassen einsetzte, galt *Zamenhof* humanistisches Streben der Suche nach Mitteln, die die Lage der jüdischen Bevölkerungsgruppen im Weltmaßstab verbessern könnten und darüber hinaus den Idealen der Gleichheit, Gerechtigkeit und Brüderlichkeit – unabhängig von Rasse, Nationalität und Sprache - dienen würden. (Blanke, 2010, p. 220).

⁷³ Necesas atenti kelkajn gravajn momentoj pri la personeco de la Majstro, kiuj helpas kompreni kial li sukcesis (fakte, la sola dum la monda historio) ne nur proponi, sed ankaŭ vivigi planlingvon. (Gudskov, 2002, p.11).

tradução nossa)⁷⁴ descreve atentamente e com razão sobre os primeiros fatos que favoreceram à genialidade do autor do idioma neutro:

Desde o nascimento, Zamenhof esteve sob a influência de uma série de culturas e ideias diferentes, o que lhe permitiu ver o mundo de forma mais ampla do que o habitual (as culturas russas, nas quais o seu pai e o ginásio o criaram; o judeu, vindo de uma tradição da mãe e ambiente próximo; vindo de um meio polonês; ateísmo do pai e piedade da mãe, etc.). Todas as influências mencionadas (e também não mencionadas) contribuíram para o desenvolvimento do seu pensamento. Então ele nasceu em um lugar adequado e em uma família adequada.

Além de sua perspectiva visionária em promoção do seu projeto linguístico, o idioma internacional, seu esforço humanitário não o acomodou aos intentos fundamentais da nova cultura surgente, e em razão do desenvolvimento da nova língua, ele teve seu trabalho para o desenvolvimento pacífico à medida que crescia os coidealistas da europa aos demais continentes no mundo. Ademais, outro fator favorável ao crescimento e desenvolvimento do seu plano, conforme Gudskov (2002), teriam sido suas “capacidades e conhecimentos linguísticos”.

O Dr. Esperanto possuía habilidades incomuns, uma pessoa fluente em muitos idiomas, os quais eram de seu conhecimento: o alemão, o iídiche, o polonês, o russo. Além dessas línguas nacionais, com as quais Zamenhof estava acostumado a falar, da parte de seu pai (professor de idiomas) lhe devia as primeiras lições que aprendera de francês. Zamenhof também tinha uma boa noção de línguas clássicas como o latim e grego antigos, e ademais, por ser de origem judia, quando pequeno teve lições de hebraico bíblico. E em menor proporção de conhecimento gramatical e uso, ele sabia de inglês e algumas outras línguas incomuns, nessa lista estão o italiano, o lituano e o eslavo eclesiástico:

Certamente, ele conhecia bem o Volapük e, posteriormente, importantes línguas planejadas e emergentes. Então, a base linguística dele era muito vasta. Ao mesmo tempo, felizmente não se tornou um linguista profissional, e rigorosos paradigmas científicos não perturbaram o livre desenvolvimento do seu pensamento. (Gudskov, 2002, p.11, tradução nossa)⁷⁵.

⁷⁴ De la naskiĝo Zamenhof troviĝis sub influo de kelkaj malsamaj kulturoj kaj ideoj, kio permesis al li vidi la mondon pli vaste, ol kutime (la kulturoj rusa, en kiu edukis lin la patro kaj la gimnazio, la juda, venanta de tradiciema patrino kaj proksima ĉirkaŭaĵo, la pola, venanta el la medio; ateismo de la patro kaj pieco de la patrino, ktp.). Ĉiuj menciitaj (kaj ankaŭ ne menciitaj) influoj kontribuis evoluon de lia penso. Do, li naskiĝis en taŭga loko kaj en taŭga familio. (Gudskov, 2002, p. 11).

⁷⁵ Certe, li bone konis Volapukon kaj poste – novaperantajn gravajn planlingvojn. Do, lia lingvistika bazo estis tre granda. Samtempe, bonŝance li ne fariĝis profesia lingvisto, kaj rigoraj sciencaj paradigmoj ne ĝenis liberan disvolvon de lia pensado. (Gudskov, 2002, p.11).

Por possuir tais proficiências linguísticas, ao obter um bom conhecimento da diversidade gramatical nos distintos idiomas, isso resultou no seu conhecimento criativo literário, também por influência paterna. Esse seria o terceiro fator que favoreceu ao idealizador a fim de produzir uma literatura original ou em tradução de outras obras no idioma internacional. A literatura do esperanto também estava nos planos desenvolvidos por ele. Seu “talento literário” revelou-se no seu estilo e modelo cultural, o qual ele imaginava para sua recém-criada língua planejada.

Por ter uma “personalidade” tão convincente e pleno ânimo, o jovem polonês modestamente recusava os direitos legais sobre a sua criação, o idioma internacional, resultando num pleno funcionamento que era favorável ao sistema inventado à época. O Dr. Esperanto era capaz de somar à parte de seus discursos uma inflamável “onda” de indivíduos partidários ao seu engenhoso sistema linguístico internacional. E ao se falar do quantitativo de coidealistas, o esperanto é de longe a língua planejada com maior receptividade entre falantes de línguas nacionais, contudo, “mesmo os esperantistas mais fervorosos têm de admitir que, por maior que seja esse número, ele representa apenas uma pequena minoria daqueles para quem uma língua como essa poderia ser útil”. (Jespersen, 2010, p. 423, tradução nossa)⁷⁶.

Nesse período na europa, muitos esperantistas ingressaram no movimento a fim de aclamarem o idioma internacional como uma língua de fácil comunicação entre povos, seguramente isso foi algo inusitado até para o iniciador do recém-criado sistema. E quanto ao apoio e financiamento externo, que surgia por circunstâncias a favor do projeto do médico, “Ele nunca recusou apoio financeiro se isso ajudasse a causa. Suas convicções evoluíram, mas somente sob a influência de dentro, nunca foi possível desviá-lo de fora”. (Gudskov, 2002, p. 11 – 12)⁷⁷.

⁷⁶ Esperanto has by far the greatest number of adherents – but even the most ardent Esperantists must concede that great as this number is, it represents only a small minority of those to whom such a language might be useful. (Jespersen, 2010, p 423).

⁷⁷ Oni ofte emfazas modestecon de Zamenhof. Tamen tio estas troigo. Ekzemple, rifuzo pri la aŭtoraj rajtoj pri la lingvo venis de klara kompreno ke tio servas al bono por la afero. Li posedis certan karismon: liaj familianoj, inkluzive la fratojn, bopatron, gefilojn fariĝis liaj ardaj adeptoj (ja ne facilas fariĝi “profeto en propra lando”), kaj li povis flamigi per siaj paroladoj amasojn de esperantistoj. Li neniam rifuzis monsubtenon, se tio helpis al la afero. Liaj konvinkoj evoluis, sed nur sub influo de interne, deekstere devojigi lin neniam eblis. (Gudskov, 2002, p. 11 – 12).

Em seu artigo *Interlinguistics* (1931), o linguista Otto Jespersen (2010, p. 423) nos confessa que “A impressão geral entre a maioria do público é que essas tentativas de interlínguas são criadas arbitrariamente e que lutam entre si vigorosamente”⁷⁸. Essa reflexão carrega uma nítida observação do especialista dinamarquês na questão dos conflitos entre adeptos e simpatizantes de línguas construídas. A razão de uma língua internacional com intuítos e objetivos particulares, sejam quais sejam, fomentam uma discussão que há muito tempo causam desconfortos no círculo linguístico científico. As barreiras políticas e/ou éticas convencionais estigmatizam os falantes e os reduzem nos seus próprios dilemas culturais, e até mesmo os infiltram na falta de consenso sobre que língua planificada adotar, isso se torna um desafio para qualquer esperantista e esperantólogo.

Para que um idioma planificado seja de fato escolhido como meio internacional de comunicação, é evidente e essencial que haja um acordo mútuo sobre a utilidade do sistema, a que fins podem chegar por vias de uma proposta que garanta a reciprocidade do apoio menos generalizante entre os adeptos. Um debate construtivo e inclusivo é o mais aceitável para as múltiplas partes envolvidas. Ou seja, “enquanto isso não for alcançado, não se pode esperar que o mundo em geral tenha um interesse ativo nessa questão” (Jespersen, 2020, p. 423, tradução nossa)⁷⁹. Ademais, acrescenta-se uma observação importante à sua crítica aos conflitos entre interlinguistas e simpatizantes das interlínguas:

Não se pode negar que há alguma verdade nisso, e que os partidários de algumas interlínguas foram por vezes ferozes nos seus ataques a outros sistemas; mas, como se verá pelo que direi mais tarde, essa guerra de todos contra todos diminuiu em grande medida – devido, em parte, a um reconhecimento mais geral do fato de que o milênio da adoção universal de qualquer sistema está ainda longe, e que nenhum sistema é ainda perfeito em todos os aspectos. (Jespersen, 2010, p. 423, tradução nossa)⁸⁰.

⁷⁸ The general impression among the public at large is that these attempted interlanguages are created arbitrarily, and that they fight each other vigorously. (Jespersen, 2010, p. 423).

⁷⁹ so long as that is not attained, you cannot expect the world at large to take an active interest in the matter. (Jespersen, 2010, p. 423).

⁸⁰ Now it cannot be denied that there is some truth in this, and that partisans of some interlanguages have at times been fierce in their onslaughts on other systems; but, as will appear from what I shall say later, this war of all against all has to a great extent subsided – owing, partly, to a more general acknowledgement of the fact that the millennium of universal adoption of any one system is still far away, and that no system is yet perfect in every way. (Jespersen, 2010, p. 423).

O idioma internacional, apresentado em 1887 por Zamenhof, sob o título de “Língua internacional”, proporcionou e nos instigou a uma provocação idealista, sua língua planejada de base latina tinha objetivo de apresentar a essência de projeto talvez e aparentemente absurdo. Outrora e até os dias atuais, apenas o idioma internacional conseguiu evoluir de um mero projeto (podemos dizer minimalista em sua estrutura?) e passar em etapas significativas, a primeira realizada numa fase em que o idioma artificial se constituía como simples língua semiplanejada, até alcançar outra etapa: chegar em uma língua funcional.

A autonomia, que levou o esperanto de mera língua artificial a constituir-se com domínio pleno de uma língua dita natural, foi um caso de fenômeno de destaque para lhe conferir as diretrizes legais e políticas como “língua internacional”, ou seja, uma língua que possui sua história, seu sistema complexo, uma literatura relevante e satisfatória, e perpassa pelos mesmos acidentes internos que ocorrem nas línguas nacionais, como é o caso dos fenômenos neológicos e formação lexical.

Pode-se supor que o material factual sobre a prática comunicativa do esperanto, acumulado ao longo de quase 100 anos, tornou supérflua a questão de saber se era uma língua ou não. E, no entanto, há sempre linguistas e não-linguistas que fazem essa pergunta. (Blanke, 2010, p. 219, tradução nossa)⁸¹.

Questionamo-nos sobre qual seria o papel fundamental do movimento esperantista e dos cientistas das línguas planejadas (em especial, os esperantólogos), a fim de tentar ou dar uma possível solução quanto ao antigo problema linguístico internacional entre falantes de línguas diferentes, embora saibamos que o problema político nacionalista de usuário esteja longe de ter uma resposta pelo menos plausível e/ou razoável. Não deixemos de lado também a questão cultural como um obstáculo, a esse respeito os sujeitos e indivíduos não se isentam de advogar sobre sua propriedade cultural como riqueza pátria, a qual devem a dezenas de razões históricas, éticas, culturais e sociais.

⁸¹ Das Esperanto, 1887 unter der Bezeichnung *Lingvo Internarcia* veröffentlicht, erlaubt es umfassender, als das in den vorangegangenen Kapiteln möglich war, das Wesen einer Plansprache darzustellen. Bisher konnte sich nur das Esperanto vom Projekt über die Stufe einer Semiplansprache zu, einer funktionierenden Sprache im umfassenden Sinne entwickeln. Man sollte annehmen dürfen, daß das in fast 100 Jahren angehäuften Tatsachenmaterial über die kommunikative Praxis des Esperanto die Frage, ob es sich um eine Sprache handele oder nicht, erübrigte. Und dennoch gibt es immer wieder Linguisten und Nichtlinguisten, die diese Frage stellen. (Blanke, 2010, p. 219).

Aparentemente, por via da prática, ainda nos parece frágil, visto que questões geográficas e econômicas ainda somam um desafio difícil de ultrapassar. São tantas as discussões teóricas dos idealizadores e planejadores (inter)linguísticos, que inevitavelmente constituem um tipo de procedimento e sistematização ainda acanhada (para não dizer: metodologia estranha ou absurda) às mentes dos esperantistas. Esse problema da timidez, que concebida por uma estranheza, perpassa e perdura até os dias atuais, em que a globalização e a massificação de meios auxiliares cibernéticos, todavia, conseguem construir uma aproximação entre falantes nacionais a fim de sofisticar a intercomunicação mundial.

Diferentemente de um projeto teórico à parte, convivemos de um lado em que a prática se distancia da idealização sistematizada pela teoria. Tal teoria se insufla na vontade de otimizar uma língua internacional que passasse dos planos em papel, dia após dia introduzem novos e fracassados projetos de idiomas que pudessem cumprir esse tão sonhado objetivo auxiliar e internacional. Enquanto isso, na prática hodierna o idioma internacional ainda pulsa firme e em desenvolvimento o quanto lhe é possível sustentar entre os mais entusiastas, embora tímidos esperantistas.

A pesquisa e o estudo do desenvolvimento espontâneo do esperanto continua em tímidos passos, contudo em movimento diário. E de acordo com Willem Manders, é necessário o registro relacionado aos fatos dessa evolução linguística no interior e nas camadas extra-linguísticas do idioma internacional, para que possamos fazer dele um meio racional de intercomunicação entre populações e demais comunidades internacionais, pois “orientar a evolução para que não seja (como nas línguas nacionais) cega, arbitrária, mas o mais consistente possível, conforme sua regularidade, econômica – é a notável tarefa da esperantologia, da linguística do esperanto” (Manders, 1980, p. 50, tradução nossa)⁸².

Atentemos que essa notável função da esperantologia, como destacou o próprio esperantólogo Manders, “orientar a evolução”, está factualmente interligada ao que consideramos nas primeiras linhas, que é ir além dos estudos acadêmicos e

⁸² Regitrado de faktoj el tiu lingva evoluo kaj racia utiligo de la spertoj faritaj por gvidi la evoluon tiel ke ĝi ne estu – kiel en la naciaj lingvoj – blinda, arbitra, sed kiom eble plej konsekvenca, laŭregulaeca, ekonomia – jen la elstara tasko de la esperantologio, la lingvistiko de Esp-o. (Manders, 1980, p. 50).

da teoria científica, ao nosso ver, aparentemente conciliáveis, pois aquela serve diretamente a esta (teoria). Aliás, teoriza-se com um fim à prática, assim pensamos. Portanto, não é menos e nem aquém da verdade que “a esperantologia exige também um estudo teórico, mas no entanto, adapta-se facilmente ao quadro de um movimento essencialmente prático” (Manders, 1980, p. 50, tradução nossa)⁸³.

E tomando parte disso para elucidarmos o trabalho do idealizador do idioma internacional, projeto o qual resultou na linguística do esperanto, Manders (1980, p. 16, tradução nossa) menciona um fato histórico importante, em que os esperantistas e esperantólogos devem estimar pelo seu valor e contribuição humana universalista:

Zamenhof trabalhou intuitivamente de acordo com princípios que quase todos os autores subsequentes de línguas planejadas assumiram, pelo menos parcialmente, e que continuaram a influenciar o desenvolvimento da interlinguística. Isso é ainda mais notável porque ele dedicou apenas uma pequena quantidade de tempo ao trabalho de construção do esperanto. Aos 27 anos já publicou sua língua e, embora sem dúvida tenha sacrificado muitas horas para isso, ainda devemos considerar a criação do esperanto apenas uma atividade secundária amada por um talentoso estudante.⁸⁴

Ao citar Antoine Millet, na célebre relexão datada de 1928: “A possibilidade de estabelecer uma linguagem artificial de fácil aprendizagem e o fato dessa linguagem ser utilizável são demonstrados pela prática. Toda discussão teórica é em vão: o esperanto funcionou”, o linguista Detlev Blanke (2010, p. 219)⁸⁵ trouxe ao foco do debate o papel que deveria exercer a ciência da linguagem, a ela deveria ter como função: cumprir a investigação sobre o funcionamento, a estrutura, o sistema, o processo de desenvolvimento e além disso seu desempenho como língua não mais semiplanejada/artificial prototípica. Para Blanke, tal incubência à linguística (assinalamos também aqui: a interlinguística e esperantologia) deverá resultar de pelo menos dois aspectos, a saber:

⁸³ Estas vere, ke ankaŭ la esperantologio postulas teorion studadon, sed tamen ĝi facile adaptiĝas al la kadro de movado esence praktika, ĉar ĝia "elstara tasko" estas "gvidi la evoluon", kaj fine ĝi do rekte servas la praktikon. (Manders, 1980, p. 50).

⁸⁴ Zamenhof intuicie laboris laŭ principoj, kiujn preskaŭ ĉiuj postaj planligvaj aŭtoroj almenaŭ parte transprenis, kaj kiuj daŭre influis la interlingvistikan evoluon. Tio estas des pli rimarkinda ĉar li dediĉis nur malmulan tempon al la konstrua laboro de Esperanto. Havante 27 jarojn li jam publikigis sian lingvon, kaj kvankam sendube li oferis multajn horojn al ĝi, ni tamen devas konsideri la kreadon de Esperanto nur amata flankokupo de talenta studento. (Manders, 1980, p. 16).

⁸⁵ Bereits 1928 formulierte Antoine Meillet (23/1928, 278) „La possibilité d'instituer une langue artificielle aisée à apprendre et le fait que cette langue est utilisable sont démontrés par la pratique. Toute discussion théorique est vaine: l'espéranto a fonctionné" (Blanke, 2010, p. 219).

a) O esperanto é uma língua e, portanto, faz parte da disciplina de linguística; b) Como língua planejada e funcional, o esperanto é um novo tema de pesquisa para a linguística. A pesquisa correspondente enriquece assim a teoria linguística. A literatura especializada existente e outros materiais sobre a teoria e a prática do esperanto são consideráveis e requerem preparação e discussão detalhadas. Isso deve ser deixado para uma investigação separada. (Blanke, 2010, p. 219 – 220, tradução nossa)⁸⁶.

Com base em Manders (1980), podemos observar e também atestar que, uma ciência linguística preocupada com o esperanto, tomando sua convicção de que o idioma neutro é bom e que ao infiltrá-lo de forma generalizada seria benéfico ao público de falantes simpatizantes de uma língua comum, de fato traz um tipo de benefício ao movimento em suas dimensões alternativas, como sua história e sua cultura pacífica, ademais uma língua internacional traria não apenas vantagens ao mundo, mas reuniria formas políticas e práticas de união entre nações. Ou seja, ao ser bom o esperanto, torna-se plausível difundir-lo por ser passível de analisá-lo como objeto científico sociológico, linguístico, filosófico etc. Todavia, essa "ciência" provavelmente estaria assentada sobre um fundamento instável, e sua posição, em relação à sua "irmã" de maior prestígio (a linguística), seria profundamente frágil:

Sem dúvida, a linguística geral poderia estar interessada nos seus resultados, mas esse interesse diria apenas respeito a detalhes particulares. No seu conjunto, porém, a Esperantologia ocuparia um lugar isolado e mesmo para a interlinguística os seus resultados teriam apenas um valor relativo. O seu significado encontrar-se-ia quase exclusivamente na sua tarefa de serviço de "liderar o desenvolvimento", mas fora dos limites do nosso movimento não teria autoridade nem prestígio. (Manders, 1980, p. 51, tradução nossa)⁸⁷.

Em nossa leitura do artigo *Comment s'informer sur la littérature spécialisée en interlinguistique et en espérantologie*, o interlinguista Detlev Blanke (2019) argumenta que a atual presença de diferentes comunidades, de distintas origens linguísticas no mundo, aliada ao nacionalismo surgente entre elas, isto é, ao

⁸⁶ a) Esperanto ist eine Sprache und gehört damit zum Gegenstand der Linguistik; b) Esperanto ist als funktionierende Plansprache ein für die Linguistik neuartiger Forschungsgegenstand. Entsprechende Forschungen bereichern somit die linguistische Theorie. Die vorliegende Fachliteratur und andere Materialien zur Theorie und Praxis des Esperanto haben einen beträchtlichen Umfang angenommen und erfordern eine detaillierte Aufbereitung und Diskussion. Das muß einer gesonderten Untersuchung vorbehalten bleiben. (Blanke, 2010, p. 219 – 220).

⁸⁷ Sendube la ĝenerala lingvoscienco povus interesiĝi pri ĝiaj rezultoj, sed tiu intereso koncernus nur apartajn detalojn. Kiel tuto la esperantologio tamen okupus lokon izolitan, ka eĉ por la interlingvistiko ĝiaj rezultoj havus nur relativan valoron. Ĝia signifo de preskaŭ ekskluzive troviĝus en ĝia serva tasko "gvidi la evoluon", sed ekster la limoj de nia movado ĝi havus nek aŭtoritaton nek prestiĝon. (Manders, 1980, p. 51).

anseio protetor das diferenças culturais e históricas, podem conduzir à necessidade (diríamos carência) de uma língua com fins intercambiais, neutros (relativamente imparciais) e internacionais. Sua crítica de uma urgência político-linguística menciona a necessidade dum projeto viável de tal linguagem, e para ele isso levanta vários pontos chave da discussão, a saber: (i) facilidade de aprendizagem, (ii) poder de expressão e (iii) neutralidade (ou melhor: imparcialidade):

O primeiro ponto é essencialmente político. Se quisermos dar uma resposta democrática ao problema do multilinguismo, temos de utilizar uma língua que possa ser aprendida e utilizada não só por intelectuais, mas também por pessoas que não têm tempo suficiente para estudá-la, mas que também devem, como os outros, serem capazes de se comunicar. O segundo ponto é pragmático: uma linguagem de intercâmbio deve ser capaz de funcionar em todas as áreas consideradas relevantes. A ferramenta que procuramos não deve ser muito básica para atingir esse objetivo. Por outro lado, deverá ser suficientemente adequada e flexível. O terceiro ponto é ético: tal língua deverá permitir que diferentes comunidades linguísticas falem entre si em pé de igualdade. (Blanke, 2019, p. 52, tradução nossa)⁸⁸.

O linguista alemão considera que para satisfazer esses três requisitos, uma língua planejada resolveria. Todavia, ainda perdura na mentalidade dos linguistas radicais uma narrativa popular untada de uma incoerência subjetiva, isto é, aquela imaturidade científica de quem supostamente se diz habilitado no assunto: “uma língua planejada é uma língua artificial e, portanto, não é uma ‘língua’. Por essa razão, embora o projeto de uma língua simples, neutra, politicamente democrática e eticamente justa [...] é no entanto, um desperdício de tempo” (Blanke, 2019, p. 52, tradução nossa)⁸⁹. Argumento esse nomeado “argumento do linguista ingênuo” por Detlev Blanke.

⁸⁸ Le premier point est essentiellement politique. Si l'on doit apporter une réponse démocratique au problème du multilinguisme, on doit utiliser une langue qui puisse être apprise et utilisée non seulement par les intellectuels mais aussi par des gens qui n'ont pas assez de temps pour l'étudier, mais qui doivent aussi, comme les autres, être capables de communiquer. Le second point est pragmatique: une langue pour les échanges doit pouvoir fonctionner dans tous les domaines que l'on considère pertinents. L'outil que nous cherchons ne devrait pas être trop élémentaire pour pouvoir atteindre cet objectif. D'un autre côté, il devrait être suffisamment adéquat et flexible. Le troisième point est éthique: une telle langue devrait permettre aux différentes communautés linguistiques de se parler mutuellement sur un pied d'égalité. (Blanke, 2019, p. 52).

⁸⁹ C'est une *langue planifiée* qui semble satisfaire au mieux aux trois exigences évoquées. Le problème est que, à ce que l'on dit, une langue planifiée est une langue artificielle, et n'est donc, de ce fait, pas une «langue». Pour cette raison, bien que le projet d'une langue simple, neutre, politiquement démocratique et éthiquement juste puisse être louable et presque touchant (de par le fait qu'un tel projet est considéré comme un peu naïf et voué à l'échec), il s'agit néanmoins d'une perte de temps. À partir de maintenant, on appellera cet argument l'«argument du linguiste naïf» (Blanke, 2019, p. 52).

Uma outra postura e perspectiva podemos destacar nas palavras de André Martinet, que aos seus 85 anos concedeu uma entrevista a François Lo Jacomo e Detlev Blanke, em novembro de 1987. O renomado linguista Martinet responde à questão: “Você disse que ao linguista não deveria chocar a expressão ‘língua artificial’. Entretanto, existem mesmo linguistas para os quais o fato de o esperanto ser construído, não originado de uma cultura milenar, é algo em princípio chocante?” (Jocomo; Blanke, 1993, p. 12, tradução nossa)⁹⁰:

Eles não são linguistas, ou melhor: eles se chocam não como linguistas. Como linguistas informados, eles deveriam saber que o esperanto funciona, como disse clara e explicitamente Meillet; em consequência, não se deveria objetar contra ele. Ora, entretanto, entre os linguistas há pessoas de todo tipo: se se considerar que os filólogos são linguistas, eles se encontram em uma posição inadequada para julgar esse problema, já que o que os interessam como filólogos são justamente todas as complicações que as línguas nacionais apresentam, diversamente de uma língua como o esperanto. É natural que eles tenham uma certa hostilidade contra a língua da qual a filologia não tem nada a dizer⁹¹.

A respeito do que temos discutido, até o momento, sobre a ciência linguística da língua internacional, consideramos enfático e conectado à nossa proposta o que disse Willem Manders (1980, p 54, tradução nossa): “a esperantologia, tal como a descrevi, necessita de trabalhadores dedicados e objetivos, com suficiente erudição linguística”⁹². Quanto a isso, a discussão que se segue sobre a imparcialidade sobre o idioma neutro, ainda está longe de solúvel, daí que uma reformulação seja aparentemente ainda não definida nem tampouco absoluta.

O que se espera dos interlinguistas (bem como linguistas ou mesmo filólogos descritivistas) é que evitem concluir antecipadamente um juízo sobre a

⁹⁰ Vi diris, ke la lingvistojn ne devus ŝoki la esprimo “artefarita lingvo”. Tamen ekzistas ja lingvistoj, por kiuj la fakto, ke Esperanto estas konstruita, ne deveninta de miljara kulturo, estas apriore io ŝoka? (Jocomo; Blanke, 1993, p. 12).

⁹¹ Ili ne estas lingvistoj, aŭ pli ĝuste: ili estas ŝokitaj ne kiel lingvistoj. Kiel informitaj lingvistoj, ili devus scii, ke Esperanto funkcias, kiel diris klare kaj eksplicite Meillet; konsekvence oni ne devus objeti kontraŭ ĝi. Nu tamen, estas inter la lingvistoj ĉiaspecaj homoj: se konsideri, ke filologoj estas lingvistoj, ili troviĝas en malbona pozicio por prijuĝi tiun problemon, ĉar tio, kio ilin interesas kiel filologojn, estas ĝuste ĉiuj komplikaĵoj, kiujn prezentas la naciaj lingvoj, malsame al lingvo kiel Esperanto. Estas nature, ke ili havas ian malamikecon kontraŭ lingvo, pri kiu la filologio havas nenion por diri. (Jocomo; Blanke, 1993, p. 12).

⁹² La esperantologio kia mi skizis gxin bezonas sindocajn kaj objektivajn laborantojn kun sufiĉa lingvistika erudicio. (Manders, 1980, p. 54).

temática esperantológica, em outras palavras, evitar que um entusiasmo ou uma empolgação parcialista despreze fatores externos e políticos, dando a entender que o esperanto e o esperantismo são infalíveis, superestimando ao idealismo de uma língua universal planejada e o projeto de intercomunicação pelo esperanto seja o mais viável. Ademais, o ciclo interlinguístico acadêmico e seus cientistas da linguagem “não deveriam considerar como objetivo mostrar que o esperanto é perfeito e que somente o esperantismo pode levar à solução do ideal linguístico planejado” (Manders, 1980, p. 54, tradução nossa)⁹³. Doutra modo,

Se uma investigação necessariamente imparcial resultar numa conclusão favorável à nossa língua, então o prestígio do nosso movimento, especialmente nos círculos universitários, aumentará notavelmente, pelo menos se os artigos de esperanto não forem publicados nos jornais de esperanto, mas nas revistas oficiais de linguística.⁹⁴

Em verdade sim, além de impulsionar a investigação nas bases fulcrais do problema linguístico e da planificação do idioma neutro, a ciência esperantológica também lança suas inquietações em vista de uma tarefa impreterível na qual o uso da língua se desenvolva como objeto científico pleno. Essa reflexão inclui estudar e investigar o esperanto em distintos contextos, e como a língua se adapta a novas necessidades comunicativas, evoluindo ao longo do tempo. E conforme Manders (1980, p. 54 – 55, tradução nossa), “essa forma mais concreta de linguística atraiu muitos desde o início. Os resultados dessas investigações são interessantes para todos os envolvidos com o esperanto na ciência e merecem a atenção de linguistas e interlinguistas”⁹⁵. Diante disso,

[...] podemos dizer que a tarefa da Esperantologia é estudar e explicar os fenômenos linguísticos que se evidenciam na aplicação prática do esperanto; deve investigar o desenvolvimento que se manifesta não apenas

⁹³ Ili ne anticipu la konkludojn, kaj do ne konsideru kiel celon montri ke Esperanto estas perfekta kaj ke nur esperantismo povas konduki al la dedefinitiva solvo de la planlingva idealo. (Manders, 1980, p. 54).

⁹⁴ Se nepre senpartiaj esploroj rezultigos konkludon favoran al nia lingvo, tiam la prestiĝo de nia movado precipe en universitataj rondoj rimarkinde kreskos, almenaŭ se oni publikigos la esperantologiajn artikolojn ne en esperantogazetoj, sed en la oficialaj lingvistikaj revuoj. (Manders, 1980, p. 54).

⁹⁵ Sed kiom ajn necesas ke la esperantologio esploru la principan bazon de la planlingvo problemo, gxi havas ankaŭ alian taskon, cxe kiu la praktika uzado de Esperanto kaj la evoluo de la lingvo estas studobjekto. Ĉi tiu pli konstata formo de lingvistiko jam frue allogis multajn. La rezultoj de tiuj esploroj estas interesaj por ĉiu kiu science okupiĝas pri Esperanto, kaj ili meritis la atenton de la lingvistoj kaj interlingvistoj. (Manders, 1980, p. 54 – 55).

no aumento das obras gramaticais, mas também – e mesmo especialmente – no uso efetivo da língua, e deve comparar os resultados com os princípios teóricos da língua planejada. (Manders, 1980, p. 56, tradução nossa)⁹⁶.

Ao avaliarmos as ponderações dadas até esta ocasião, consideramos que as questões dentro do escopo da língua internacional, como as mudanças gramaticais e lexicais, entre outros fatores e ocorrências acidentais também, podem envolver, além de uma diversidade sistemática pela qual se manifesta o interesse da linguística e da esperantologia, o interesse e a discussão em sua formação histórica e como uma língua pertencente a uma cultura particular. Sobre a parcela histórica e científica, cremos que já discutimos o satisfatório nas linhas supracitadas. Resta-nos a cultura esperantista, a fim de fecharmos este tópico, para isso serão as linhas seguintes.

Ao pensarmos a respeito de valores culturais, temos a crença que seu significado resulta do modo como as pessoas veem e interpretam a realidade no mundo, elas tomam decisões, as julgam pertinentes ao seu próprio discernimento histórico e social, muitas vezes das relações coletivas e por via de crenças consideradas essenciais, que como toda sociedade regida de leis e regulações ao bem comum, essa gente (incluimo-nos) molda à sua maneira o “dever como” enxergar os aspectos aparentemente superficiais dos gestos, das artes, do seu pensamento, do seu modo de se orientar e se comunicar, e portanto de sua língua e/ou de sua literatura. Ademais, as gentes incluem conceitos como individualidade, coletividade, tradição, ancestralidade, identidade, etc. Não é por menos que tais valores apregoados exercem o modo de pensar a ser transmitido às gerações por via de uma educação centralizada, socializações politizadas e por experiências particulares e coletivas numa dada cultura. Não é por acaso que “o nível mais profundo de cultura se manifesta nos valores e na maneira de pensar”. (Koutny, 2022, p. 25)⁹⁷.

⁹⁶ Resume ni do povas diri ke la esperantologio havas kiel taskon pristudi kaj klarigi la lingvaj fenomenojn kiuj evidentiĝas en la praktika apliko de Esperanto; ĝi devas esplori la evoluon kiu sin manifestas ne nur em la dikiĝantaj gramatikaj verkoj, sed ankaŭ – kaj eĉ precipe – en la efektiva lingvouzo, kaj ĝi devas kompari la konstataĵojn kun la teoriaj principoj de la planlingvo. (Manders, 1980, p. 56).

⁹⁷ La plej profunda nivelo de kulturo manifestiĝas en la valoroj kaj pensmaniero. (Koutny, 2022, p. 25).

A forma de pensar de uma determinada cultura (seja ela estrangeira ou local) refere-se a múltiplos e complexos padrões subjetivos de pensamentos, raciocínio lógicos/abstratos e comunicação que são repartidos pelas comunidades e etnias dum sistema social. Logo, podemos conjecturar a maneira como as pessoas num ciclo social abordam suas questões, problemas a resolver, tomadas de decisões com fins de expressar os seus valores individuais ou partilhados etc. “Esperantistas vindos de diferentes culturas, estruturas sociais, religiões têm vários valores e maneira de pensar. Comum é a crença no papel do esperanto como língua internacional que garante direitos iguais e fácil comunicação”. (Koutny, 2022, p. 25)⁹⁸.

Os coidealistas desempenham de fato um papel político e cultural fundamental na identidade dos simpatizantes e adeptos do idioma internacional neutro, são eles que influenciam uma vasta parcela de hábitos, comportamentos, costumes e até mesmo habilidades em prol da comunidade universal daqueles que “esperançam”. Em razão disso, o âmago fulcral e sólido do esperantista não resulta de um ideal interno simplesmente. O movimento esperantista vai além de uma perspectiva inerte e amadora, e à vista disso, “o esperanto permite conhecer outras culturas e países. Por causa disso, pessoas curiosas sobre a diversidade e abertas e tolerantes com a alteridade muitas vezes aderem ao movimento. Essa é uma característica básica da competência intercultural”. (Koutny, 2022, p. 25)⁹⁹.

Para a comunidade (da qual também fazemos parte) global dos adeptos do idioma neutro, sua identidade está ligada ao seu fator cultural linguístico, e mais que um sistema idiomático, como reação normal, os esperantistas e simpatizantes veem nessa expressão planejada um suporte comunicativo relativamente superior às outras línguas ditas naturais (nacionais). O fato a respeito disso se dá no seguinte: (i) na valorização interna e externa pela pacificação mundial entre nações, (ii) na comunicação neutra e imparcial entre os falantes de diferentes línguas, e (iii)

⁹⁸ Esperantistoj devenantaj el malsamaj kulturoj, sociaj strukturoj, religioj havas diversajn valorojn kaj pensmanierojn. Komuna estas la kredo je la rolo de Esperanto kiel internacia lingvo certigante egalrajtan kaj facilan komunikadon. (Koutny, 2022, p. 25).

⁹⁹ Tio estas la kerno de Esperantismo kiu ne egalas al la interna ideo. Esperanto ebligas ekkonon de aliaj kulturoj, landoj. Pro tio plejofte aliĝas homoj al la movado kiuj estas scivolemaj pri diverseco kaj malfermitaj, toleremaj por la alieco. Tio estas baza trajto de interkultura kompetento. (Koutny, 2022, p. 25).

no valor comunitário fraterno, recíproco e internacional. Além do mais, o esperanto não carrega em si uma identidade estrangeira, todavia vê na estrangeiridade dos povos uma conexão e irmandade que pertencem ao sujeito universal.

Logo, o esperanto é “nosso”, e como um sistema linguístico simples e inclusivo, “A língua é uma parte importante da identidade, na comunidade esperantista isso se torna decisivo: ‘minha língua é minha nação’ tornou-se um slogan’ do clube de esperanto PEN” (Koutny, 2022, p. 25)¹⁰⁰. Qual seria então o ganho valorável (cultural e linguístico) em relação à adoção desse idioma neutro para as nações?

A vantagem da solução do tipo “esperanto” é a igualdade dos participantes. Até mesmo se alguém fala o esperanto muito bem, e o outro não tão bem (as diferenças entre “bem” e “não tão bem” são, entretanto, menos importantes em esperanto do que o seriam em qualquer língua nacional), eles sentem que estão em pé de igualdade, porque nenhum deles fala sua língua materna. Ademais, isso desapareceria a partir do momento em que o esperanto se tornasse a primeira língua de algumas pessoas – embora, de fato, existam crianças que aprenderam o esperanto como primeira língua... até mesmo adultos... (Jocomo; Blanke, 1993, p. 7, tradução nossa)¹⁰¹.

Conforme a professora Ilona Koutny (2022, p. 28, tradução nossa), o esperanto “se desenvolveu durante a operação de longo prazo em uma comunidade de fala”¹⁰². E dessa comunidade, que partilha de um sistema de comunicação comum e internacional, resulta um tipo de subcultura, em que particularidades identitárias de diversos falantes, de origem nacionais distintas, intercomunicam-se a fim de trazer um compromisso idealista: a universalização e multiculturalidade coletiva. O ambiente do sistema fundamentado numa língua simples e de fácil assimilação lógica está passível a transformações internas como qualquer idioma sujeito às formas de acidentes no interior de sua comunidade de falantes. Sua

¹⁰⁰ Identigo per Esperanto (male al la angla aŭ alia fremda lingvo) estas normala sinteno de esperantistoj, ja ĝi ne estas fremda lingvo, sed „propra” (Piron 1989: „Esperanto estas pli profunde en nia menso ol aliaj fremdaj lingvoj, tie, kie pensado spontane transiĝas al vortoj”). Lingvo estas grava parto de identeco, en la Esperanta komunumo tio iĝas determina: “mia lingvo estas mia nacio” fariĝis slogano de PEN-klubo esperanta (Universala deklario pri la lingvaj rajtoj 1996) (Koutny, 2022, p. 25).

¹⁰¹ La avantaĝo de la solvo laŭ la tipo “Esperanto” estas la egaleco de la partoprenantoj. Eĉ se iu parolas Esperanton tre bone kaj alia malpli bone (la diferencoj inter “bone” kaj “ne bone” estas tamen malpli gravaj en Esperanto ol ili estus en kiu ajn nacia lingvo), ili havas la senton, ke ili estas en stato de egaleco, ĉar ĉiu el ili parolas ne sian unuan lingvon. Cetere tio malaperus ekde la momento, kiam Esperanto iĝus la unua lingvo de iuj personoj – kvankam ja ekzistas infanoj, kiuj lernis Esperanton kiel unuan lingvon... eĉ plenkreskuloj... (Jocomo; Blanke, 1993, p. 7).

¹⁰² Ĝi disvolviĝis dum la longjara funkciado de la lingvo en parolkomunumo. (Koutny, 2022, p. 28).

natureza multiforme e heterogênea busca o equilíbrio da sua própria instituição concebidamente fraternal, cujos sujeitos são adeptos e abertos à uma natureza da gentileza e da cordialidade não meramente filosófica, mas prática (pragmática).

Devido à natureza pluridimensional dessa comunidade de fala (que pretende ser global), as vias de acesso ao ideal de pacificação deveria, ao que teoricamente pensamos, imprimir no direito de tolerância e no respeito mútuo, características que na prática deveriam estar no pensamento de qualquer coidealista. E seria exatamente esse princípio norteador comum que traria abertura aos outros simpatizantes do movimento, assim acreditamos. Quanto à educação, o internacionalismo através de questões políticas e de preservação da natureza são frequentemente observados dentro de uma cultura de interesse ambiental, educativo e acima de tudo, de respeito global dos sujeitos, não havendo parcialidade entre ocidentais ou orientais, ou qualquer que seja sua localidade ancestral, étnica, de gênero, de raça, etc. E de acordo com Ilona Koutny (2022, p. 28, tradução nossa): “O esperanto carregou uma parte da cultura das suas línguas de origem europeias, enquanto o seu funcionamento foi enriquecido a partir de outras culturas, da cultura internacional globalizada e a comunidade linguística formou a sua própria cultura”¹⁰³.

E como havíamos discutido, queremos portanto enfatizar que “a cultura esperantista existe em diversas áreas da vida cotidiana e da arte (embora não tão rica como nas culturas nacionais), características comuns também podem ser encontradas na forma de pensar dos esperantistas”. (Koutny, 2022, p. 28, tradução nossa)¹⁰⁴. E embora a produção cultural no idioma internacional não seja tão vasta quanto o que se percebe nas línguas nacionais, há sim uma rica tradição em diversos campos: a música, cinema, teatro, e principalmente na tradução de literatura mundial, e não apenas na literatura existente, bem como em produção literária originalmente em esperanto. A comunidade esperantista aprecia a criatividade de sua própria cultura e no apoio das outras culturas alternativas

¹⁰³ Esperanto portante parton de kulturo el siaj fontolingvoj eŭropaj, dum sia funkciado riĉiĝis el aliaj kulturoj, el la tutteriĝanta internacia kulturo kaj la lingvokomunumo elformis sian propran kulturon. (Koutny, 2022, p 28).

¹⁰⁴ E-kulturo ekzistas en diversaj terenoj de la ĉiutaga vivo kaj arto (kvankam ne ĉam tiom riĉa kiel en naciaj kulturoj), ankaŭ en la pensmaniero de esperantistoj troveblas komunaj ecoj – kiel ni vidis el la trarigardo. (Koutny, 2022, p 28).

minoritárias. “É possível discutir em alguns casos se se trata de uma cultura esperantista ou de uma cultura de esperantistas. Os esperantistas costumam ser bilíngues (ou mais) e biculturais, portanto a mistura entre culturas e a influência mútua são possíveis”. (Koutny, 2022, p. 28, tradução nossa)¹⁰⁵.

A propósito dessa vertente cultural, assim se posiciona Fábio Fortes (2022, p. 35, tradução nossa):

Por movimento esperantista entende-se um subgrupo da comunidade esperantista, que atua política e coletivamente com o objetivo de organizar a comunidade, produzindo e apoiando sua cultura, representando a ideologia do esperanto perante os organismos internacionais, propondo a introdução do esperanto como meio internacional de comunicação, estabelecendo sistemas educativos sobre e através do esperanto, entre outros.¹⁰⁶

Tomando como base as palavras do professor Fábio Fortes (2022), constatamos que o esperantista, participante de um subgrupo atuante dentro da comunidade, busca na sua disposição à cultura engajada uma razão pela qual acredita se dedicar com intuito da promoção e expansão do idioma neutro, a fim de dar significado coletiva e politicamente, entretanto esse tipo de ação se conduz pela minoria dos esperantistas mais comprometidos à causa. Mas não uma causa perdida nem tampouco imerecida, mas uma iniciativa com objetivo de alavancar o esperanto para a comunicação internacional, a compreensão intercultural e a cooperação global em virtude de um nobre princípio democrático entre povos e culturas compartilhadas.

Pensando a respeito disso, é viável considerar alguns fatores em relação ao movimento mais ativista do esperantismo, a saber: (i) comprometimento com a organização, isso não se reduz a apenas criar associações, clubes, ou mesmo festividades eventuais; (ii) construção e apoio à cultura histórica e outras expressões de significativo valor social e humano dentro do movimento esperantista; (iii) defender a causa internacional, optando por facilitar a intercomunicação, sem

¹⁰⁵ Eblas diskuti en kelkaj kazoj, ĉu temas pri Esperanta kulturo aŭ kulturo de esperantistoj. Esperantistoj estas kutime dulingvaj (aŭ pli) kaj dukulturaj, tiel la miksiĝo inter kulturoj kaj reciproka influo eblas. (Koutny, 2022, p. 28).

¹⁰⁶ Per Esperanto-movado, kompreniĝas subgrupo de la esperanta komunumo, kiu politike kaj kolektive agas celante organizi la komunumon, produkti kaj subteni ĝian kulturon, reprezenti la idearon de Esperanto antaŭ internaciaj organizoj, proponi la enkondukon de Esperanto kiel internacian komunikilon, starigi eduk-sistemojn pri kaj per esperanto, inter aliaj. (Fortes, 2022, p. 35).

deixar de lado o apreço pelas línguas nacionais e línguas de minorias; e (iv) consolidar e fomentar o desenvolvimento educacional mundial através do esperanto como língua de apoio, entram nesse conjunto o investimento às universidades e outros estabelecimentos educativos que podem disseminar o conhecimento da língua internacional, bem como criar e expandir materiais específicos para o ensino do esperanto ou de outros campos por via do esperanto.

Segundo as palavras do professor e esperantólogo Fábio Fortes (2022), há reconhecida internamente, participantes e simpatizantes, aqueles que abrangem uma parcela ampla de adeptos que utilizam a língua internacional por motivos mais óbvios, como o acesso ao turismo, a relação fraterna e religiosa, pela participação em eventos, viagens regionais e internacionais, etc. Isto é, essa parcela é formada por uma quantidade mais ampla de esperantistas, que de alguma forma contribuem de maneira mais tímida e de certa forma com menor engajamento político e social. Portanto, essa parcela tem sua origem na cultura, e não podemos negar seu espaço na convivência e no planejamento cultural do ideal do esperanto que está em movimento.

Em razão dessa dinâmica social participante e mais despreocupada às causas éticas do ideal, “vários esperantistas podem se engajar durante parte da vida e deixar de se engajar por diversos motivos, assim como vários outros só podem usar a língua por um tempo e só mais tarde ou nunca se tornarem membros do movimento”. (Fortes, 2022, p. 35, tradução nossa)¹⁰⁷. Ademais, ele também assevera:

Por outro lado, reconhece-se um grupo mais estrito de indivíduos ativamente envolvidos no trabalho em favor da própria comunidade (ensino da língua, organização de eventos, representação do grupo em associações, etc.): estes últimos constituem o movimento esperantista em sentido estrito. (Fortes, 2022, p. 35, tradução nossa)¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Pluraj esperantistoj povas movadumi dum parto de sia vivo kaj ĉesi movadumi pro pluraj kialoj, same kiel pluraj aliaj povas nur uzi la lingvon dum kelke da tempo kaj nur poste aŭ eĉ neniam fariĝi movadanoj. (Fortes, 2022, p. 35)

¹⁰⁸ Do, unuflanke oni havas la plej vastan grupon de esperantistoj kiuj iel uzas la lingvon (por turismo, por interrilatoj kun aliaj esperantistoj, por aliro al la esperanta kulturo per legado, per aŭskultado de muziko, per partoprenado en kluboj, kongresoj ktp.); tiu pli vasta grupo konsistigas pli vastsence la E-komunumon. Aliflanke, oni agnoskas iun pli striktan aron da individuoj aktive engaĝiĝantaj en laboroj favore al la komunumo mem (instruante la lingvon, organizante eventojn, reprezentante la grupon en asociojn ktp.): tiuj lastaj konsistigas striksence la E-movadon. (Fortes, 2022, p. 35).

Em linhas gerais, conforme Fortes (2022, p. 35, tradução nossa), “a cultura esperantista é, portanto, o resultado da atividade da comunidade esperantista como um todo e inclui tudo o que os esperantistas (tanto usuários quanto agentes) fazem como esperantistas”¹⁰⁹. Não se pode invalidar que, historicamente até aos dias hodiernos, a cultura esperantista resultou sim como um processo idealista que abrange diversas práticas, normas, tradições, valores e modos de expressão dentro de uma comunidade de fala, essa comunidade denominada de “coidealistas” (*samideanoj*), sejam eles fluentes na língua ou não, interagem num bem comum a favor de um eixo sistemático linguístico: a língua internacional ou esperanto.

2.4.2 Esperantologia: a neologia do esperanto

Em 1999, foi publicado um artigo, no livro *Lingva Arto*, sob o título de *La mava lingvo: neologismoj kaj malneologismoj en esperanto*¹¹⁰, cuja intenção do autor, Jorge Camacho, estudioso de linguística (podemos afirmar: neologista do esperanto), era dar uma resposta crítica a uma publicação de Claude Piron, na qual ele claramente favorece ao que ele chamou de forma “boa” ou “língua boa”, em detrimento às outras formas do esperanto, classificadas por ele de “rivais” ou “línguas ruins”. Segundo Camacho (2007, tradução nossa),

É difícil dizer até que nível outros usuários do esperanto (escrito e falado) seguiram seu exemplo. Porém, desde o início o título tornou-se um rótulo para uma forma ideal de língua, livre dos extremismos de escritores caprichosos. Por definição e em contraste, esses escreveriam em algum tipo de variante ruim do esperanto, na língua ruim, cheia de neologismos e palavras francesas com uma terminação o adicionada¹¹¹.

¹⁰⁹ Esperanta kulturo estas do la rezulto de la agado de la Esperanto-komunumo entute, kaj inkluzivas ĉion kion esperantistoj (kaj uzantoj kaj agantoj) faras kiel esperantistoj. Ĝi enhavas ne nur la tiel nomatan “altan kulturon” (ekzemple, literaturon, arton, tradukadon ktp.), sed ankaŭ ĉiujn spiritajn kaj materiajn aferojn kiuj rezultas de la agoj, moroj, pensoj de homoj identiĝantaj kiel membroj de la E-komunumo (tiusence, libroj, kongresoj, muzikoj, simboloj, interŝanĝoj, kutimoj, interagoj per sociaj retoj kaj eĉ mitoj estas parto de E-kulturo). (Fortes, 2022, p. 35).

¹¹⁰ Pela dificuldade do acesso, não conseguimos obter o material com o artigo publicado. Entretanto, o autor do artigo, disponibilizou-o em seu *blog* pessoal em 2007. E qualquer pessoa pode ter acesso livre. Portanto, nossa consulta foi diretamente ao *blog* pessoal do autor.

¹¹¹ Malfacilas diri, ĝis kia grado aliaj parolaj aŭ skribaj uzantoj de esperanto sekvis lian ekzemplon. Tamen la titolo dekomence iĝis etikedo por ideala lingvoformo, sena je la ekstremismoj de kapricaj verkistoj. Laŭdifine kaj kontraste, tiuj ĉi verkus en ia *malbona* varianto de esperanto, en la malbona lingvo, pletora je neologismoj kaj francaj vortoj kun aldonita o-finaĵo. (Camacho, 2007).

Em prosseguimento da sua crítica a Claude Piron, o neologista Camacho pergunta qual o significado real que se pode atribuir ao termo “neologismo”, salientando a isso que se trata de uma tarefa um pouco menos complexa à vista. Aos puristas e adeptos da “língua boa” idealizada por Piron, de forma geral, uma forma neológica se define como uma “forma deficiente” de uma variação ruim da língua, nesse caso do esperanto, isto é, uma variação do esperanto com acidentes neológicos (o que é natural) se interpreta como uma forma desagradável e deficiente, portanto uma variedade ruim, uma língua ruim. E por não conhecerem a palavra “neologismo”, tratam assim essa forma desviante da norma. Todavia, “deve-se reconhecer que cada palavra em esperanto já foi um neologismo” (Camacho, 2007, tradução nossa)¹¹²:

Sem falar no *Primeiro Livro*, que em cada tradução Lázaro Zamenhof ofereceu uma infinidade de novas raízes. Os oponentes extremos dos neologismos geralmente não estão interessados na origem, nascimento, idade de tais palavras, e não hesitariam em protestar ao encontrar a palavra “mucida” de Zamenhof, por exemplo¹¹³.

É com toda razão histórico-diacrônica que o esperanto dos nossos dias não pode ser imaginado sem as transformações neológicas pelas quais passou desde a publicação do *Primeiro Livro*. Tais absurdos e incoerências só os imaginam os que não compreendem uma evolução lexical no sistema de qualquer língua (nacional, viva, artificial), noções básicas para qualquer linguista ou amoroso dos estudos da linguagem. Ademais, um fato bastante curioso: muitos termos novos são provenientes do ido, ou seja, um caso em que uma língua derivada de sua língua original torna-se sua própria língua-fonte mais importante:

os filólogos poderiam com todo o direito falar de incesto linguístico, no sentido metafórico de que dessa vez uma criança fecundou a sua mãe. Em qualquer caso, e porque existem graus tanto no crime como na virtude, verifica-se que os próprios escritores consideram certos neologismos “muito

¹¹² Sed la realo estas iom malpli simpla. Kion fakte signifas ‘neologismo’? [...] Por ili plej ofte neologismo estas vorto, kiun ili ne konas aŭ ial ne ŝatas. lasence oni devas agnoski, ke *ĉiu* vorto de esperanto estis iam neologismo. Kiel skribis Kalocsay kaj Waringhien en la enkonduko al la poezia fakvortaro de la unua eldono de *Parnasa Gvidlibro*, aperinta ĉe Literatura Mondo en 1932, “la plej grandan nombron de la [neologismoj] nun uzataj enkondukis la Majstro mem: heziti, akuzi, ŝrumpi, treti, farbo, grego, hordo, koĉero, ŝablono, mucida, hibrida, strikta, venera ktp” (Camacho, 2007)

¹¹³Se ne paroli pri la *Unua Libro*, en ĉiu traduko Lazaro Zamenhof proponis amason da novaj radikoj. Ekstremaj kontraŭantoj de neologismoj kutime ne interesiĝas pri la deveno, naskiĝo, aĝo de tiaj vortoj, kaj ne hezitus protesti ĉe renkonto de la zamenhofa ‘mucida’ ”, ekzemple. (Camacho, 2007).

literários” e tradicionalmente os evitam. (Camacho, 2007, tradução nossa)¹¹⁴.

Confessamos que a perplexidade nos saltou aos olhos, não em forma de negatividade, mas de fascínio com o esperanto, que é uma língua acolhedora, reiterando nossa percepção hipotética do idioma neutro como uma língua simples e hospitaleira. Voltaremos a comentar, vez ou outra, sobre um dos pontos chave do nosso debate: a hospitalidade linguística. Sabe-se que o esperanto exemplifica uma dinâmica positiva para lidar com os desafios em sua própria comunidade de fala, daí que o conceito de hospitalidade linguística é essencial em uma sociedade cada vez mais globalizada, cuja comunicação não deve centralizar-se em apenas um modelo normativo do idioma.

Para Camacho, um bom dicionário etimológico e/ou histórico do esperanto viria a ser satisfatório, como um compêndio completo que incluiria informações não apenas de significado ou conceito, mas traria a origem das palavras, bem como suas mudanças ao longo do tempo. Um livro desses forneceria as indicações históricas de uso e aparecimento de um termo específico, comunicando sua fonte. Isso permitiria ao pesquisador ou ao esperantista um conhecimento mais profundo sobre o desenvolvimento do idioma internacional e possivelmente de como a língua tem sido usada em diferentes contextos, em termos linguísticos. Em posse desse dicionário o interlinguista ou esperantólogo poderiam fazer uso de uma análise diacrônica da língua, no nosso caso do esperanto:

Mas, por outro lado, mesmo o mais pleno, impecável, integrado e completo grande dicionário de esperanto nada pode fazer contra a tendência obstinada de muitos falantes de não se interessarem pela língua, de não cuidá-la, de não favorecê-la, até mesmo de tratá-la mal, sobre isso não é incomum reclamar, obviamente, para nativos conscientes do idioma. Mas não só esses. Diz-se que Kabe ficou horrorizado com o desconhecimento da língua dos participantes num congresso em Genebra. (Camacho, 2007, tradução nossa)¹¹⁵.

¹¹⁴ filologoj povus plenrajte paroli pri lingva incesto, en la metafora senco, ke ĉi-foje ido fekundigis sian patr(in)on. Ĉiel ajn, kaj ĉar estas gradoj same en krimo kiel en virto, videblas, ke certajn neologismojn la verkistoj mem opinias “tro beletra” kaj tradicie evitas ilin. (Camacho, 2007).

¹¹⁵ Nu, pravas André Cherpillod pri tio, ke vortaro efektive plena de esperanto devus informi pri etimologio. Ideale ja estus disponi historian vortaron, kun indikoj pri la jaro de ekuzo de ĉiu vorto kaj pri la koncerna tekstofonto. Sed, aliflanke, eĉ la plej plena, senmanka, integra kaj kompleta vortarego de esperanto kapablas nenion kontraŭ la obstina emo de multaj parolantoj ne interesiĝi pri la lingvo, ne flegi, ne dorloti, eĉ mistrakti ĝin, pri kio ne malofte plendas, evidente, lingvokonsciaj denaskuloj. Sed ne nur tiuj. Laŭdire Kabe kabeis terurita de la lingvomalscio de partoprenantoj en kongreso en Genevo. (Camacho, 2007).

É lamentável o desconhecimento que muitos esperantistas têm da língua. E isso é merecedor de uma crítica e deve ser rejeitado, ou numa melhor postura e conduta, tem de ser “combatido”, pois essa forma de linguagem estática (diríamos caduca) dos “dicionário-fóbicos” atrapalha o desenvolvimento natural do idioma, conforme Camacho (2007). Entretanto, o crítico se refere aos adeptos da “língua boa”, não sugerindo que combatamos o outro lado dos falantes que colaboram com as transformações e com o enriquecimento do léxico do esperanto. Devemos nos opor, de certo modo, à “língua boa” e não à “língua ruim” dos “escritores neologistas” (Camacho, 2007). Em razão disso, já dizia o mestre genebrino ao comentar sobre a criação de uma língua artificial, referindo-se à mutabilidade que acometeria ao sistema lexical do esperanto:

O homem que pretendesse criar uma língua imutável, que a posteridade deveria aceitar tal qual a recebesse, se assemelharia à galinha que chocou um ovo de pata: a língua criada por ele seria arrastada, quer ele quisesse ou não, pela corrente que abarca todas as línguas. (Saussure, 2017, p. 117)¹¹⁶

Quanto ao que acabamos de discutir, o problema central reside em maior grau entre esperantistas que pouco ou quase não dominam o idioma neutro, provavelmente por questões particulares que não nos cabe ressaltar, pois são muitíssimas e improvavelmente relevantes ao que gostaríamos de elucidar. Por essa razão, “deles costumam vir os ataques histéricos contra os assim chamados **neologismos**, que já se tornou tradição em fóruns como as sessões públicas do Congresso da Academia” (Camacho, 2007, tradução e grifo nosso)¹¹⁷.

Com base ainda em Jorge Camacho (2007), destaca-se que atualmente o termo “ruim”, por abarcar uma diversidade de contextos de uso, não é o bastante para denotar algo de si. Por exemplo, quando queremos nos referir a algo que é ruim como um objeto qualquer, em esperanto o termo abundará em formas contextuais, que poderemos expressar da seguinte maneira: “malbonega”, “terura”, “fuŝa”, “vomiga”, “naŭza”, “merda”, “putra”, e sabe lá o que Zamenhof poderia ter

¹¹⁶ L'homme qui prétendrait composer une langue immuable, que la postérité devrait accepter telle quelle, ressemblerait à la poule qui a couvé un œuf de canard: la langue créée par lui serait emportée bon gré mal gré par le courant qui entraîne toutes les langues. (Saussure, p. 111).

¹¹⁷ Ĉar, mi ripetas, la grava danĝero kuŝas en la personoj konantaj kaj parolantaj esperanton nur iele iome, duone malbone. De ili kutimas veni la historiaj atakoj kontraŭ t.n. neologismoj, kio jam fariĝis tradicio en forumoj kiel la kongresaj publikaj kunsidoj de la Akademio, kune kun la demando pri tajpado de supersignoj. (Camacho, 2007).

imaginado. Portanto, não sabemos a que ponto ou de fato se o neologismo é realmente ruim, isto é, caso o seja, a palavra “ruim” não tem sua força para defini-lo devido ao seu aspecto plurissêmico. (Camacho, 2007).

Dando atenção ao poder criativo do emprego regido pelas formas prefixais, Jorge Camacho contesta, em defesa, se de fato não se trata de formas neológicas. Concordamos com ele, pois, com base no seu próprio comentário, de certa forma as construções de novos léxicos por via da prefixação, sufixação, aglutinação e demais outras formações (como é para nosso interesse de análise: os empréstimos/estrangeirismos) resultam em novas palavras a fim de uso, atualização e modernização do vocabulário do esperanto. Segundo o autor e crítico Camacho (2007, tradução nossa): “estas não-formas podem ser utilizadas em paralelo com formas mais habituais: 'manhã' ao lado de 'noite', 'despertar' ao lado de 'sono'... Trata-se de um efeito que não é necessariamente apenas cômico”¹¹⁸, porém de uma engenhosidade lúdica e lógica do sistema linguístico do idioma internacional, consciente e cuidadosamente planejado, como se fosse um brinquedo, pelo médico L.L. Zamenhof.

Além desse poder criativo dos elementos prefixais, sufixais, aglutinações e demais outras possibilidades no esperanto, o que não é pouca genialidade do seu criador, “também com as desinências gramaticais -o, -a, -e e -i é possível neologizar, produzir novas palavras pela primeira vez na história da língua” (Camacho, 2007, tradução nossa)¹¹⁹. À vista disso, e com não pouca habilidade no trato com o sistema fértil do esperanto, podemos afirmar que o esperanto é essencialmente neológico em sua estrutura linguística, fato esse incontestável desde as publicações e republicações do *Primeiro Livro*. As novas formas vão sendo incluídas e participando da expressão estilística do próprio idioma, naturalmente, e conforme o seu uso, elas vão sendo incorporadas no corpo lexical e se tornando populares entre os falantes. Em explicação a isso, em favor da argumentação desenvolvida até aqui, é necessário deixar em evidência uma seguinte observação:

[...] o esperanto foi construído a partir de línguas naturais e pelo fato de as pesquisas citadas apontarem para o fato de que o esperanto tem se

¹¹⁸ Ĉu neologismoj? Iasence jes. Ĉi *mal*-formoj uzeblas paralele al formoj pli kutimaj: 'malmateno' apud 'vespero', 'malveko' apud 'dormo'... Temas pri efekto ne nepre nur komika. (Camacho, 2007).

¹¹⁹ Ankaŭ per la gramatikaj finaĵoj -o, -a, -e kaj -i eblas neologismi, produkti novajn vortojn por la unua fojo en la historio de la lingvo. (Camacho, 2007).

comportado como uma língua natural, tanto em aspectos fonológicos, semânticos e morfossintáticos, **quanto na produção de neologismos.** (Eduardo, 2021, p. 21, grifo nosso).

Embora considerando inevitável a aparição desses acidentes linguísticos, diríamos estrangeirizantes, no esperanto, por conta da relação que o idioma neutro tem com as línguas nativas dos falantes, de todo modo e “simplesmente por tal motivo, que a língua cotidiana, de uso comum e doméstica é parte, bastante importante, do esperanto literário, e uma não pode existir sem a outra” (Camacho, 2007, tradução nossa)¹²⁰. É fato que não ficamos satisfeitos, e então nos incomodamos por não haver um termo equivalente no idioma internacional. Os empréstimos ou criações lexicais, melhor dizendo, a inclusão dos neologismos dão vida e funcionamento dinâmico ao idioma, e tal fenômeno nas línguas nacionais não impressiona aos que falam suas línguas nativas, e por que deveria o esperantista incomodar-se com tal efeito no esperanto? Afinal: qual o sentido de se criarem novas palavras no esperanto? Qual o sentido de incluir novas entradas lexicais? Talvez nos bastassem as seguintes reflexões:

[...] o esperanto tem sentido apenas como língua de comunicação de alta qualidade. Em outras palavras: nem “língua menor” e nem “língua ruim”. [...] Mas por esperanto quero dizer comunicação de alta qualidade, não apenas na escrita e nos versos, mas também na fala e na conversação, e não um simples básico qualquer para pedir um copo de água. Alta qualidade do ponto de vista do comunicador, do destinatário e da própria emissão. Procuro, portanto, no esperanto uma língua rica, expressiva, capaz de precisão e preciosidade, de cores e nuances. (Camacho, 2007, tradução nossa).¹²¹

Destacamos até aqui, em relação ao esperanto, seu poder de criação lexical como língua participativa de uma comunidade de fala, embora minoritária em seu domínio público e civil, apresenta-se ativa e significativa como um povo singular intercultural, em que se inserem os fatores sociais linguísticos, políticos, históricos, educativos e culturais de diferentes nacionalidades, democraticamente.

¹²⁰ Simple tial, ke la ĉiutaga, komun-uza, hejma lingvo estas parto, ege grava, de la beletra esperanto, kaj unu ne povas ekzisti sen la alia. (Camacho, 2007).

¹²¹ Por mi esperanto havas sencon nur kiel lingvo de altkvalita komunikado. Alivorte: nek lingveto nek lingvaĉo. Por komunikado rudimenta kun personoj alilingvaj sufiĉas la angla, la franca, la hispana... Mi, kiel milionoj da aliaj homoj (aŭ, neologisme, “kiel meg aliaj homoj”), uzadas ilin tiurole sen kulposento kaj sen kompleksoj. Sed per esperanto mi celas komunikadon altkvalitan ne nur verke kaj verse, ankaŭ parole kaj konverse, ne ian simplan bazikon por peti akvoglason. Altkvalitan el la vidpunktoj de la komunikanto, de la ricevanto kaj de la sendaĵo mem. En esperanto mi serĉas do lingvon riĉan, esprimivan, kapablan je precizo kaj je preciozo, je koloroj kaj nuancoj. (Camacho, 2007).

Creemos que o que fora debatido nas linhas que se seguiram é plenamente satisfatório ao nosso objetivo de pesquisa. Ademais, para darmos continuidade ao nosso alvo investigativo, abriremos um capítulo sobre o tema da tradução, em que elucidaremos, pelo menos, quatro blocos temáticos: (i) a tradução numa perspectiva da teoria saussuriana, (ii) a tradução na perspectiva de W. Benjamin, (iii) a hospitalidade linguística desenvolvida por Paul Ricoeur, e por fim (iv) o aspecto da estrangeiridade na tradução. Essas vias temáticas sobre a atividade da tradução mais o conteúdo sobre neologismos e criação lexical, que acabamos de discutir, fundamentarão a intenção temática do último capítulo: analisar como as sugestões lexicais, pelas quais o tradutor optou para sua tradução de *Vidas Secas* na língua esperanto, resultam em uma versão internacional no intuito de uma receptividade terminológica do termo regional, assim agregando ao idioma uma nova cultura com significado razoavelmente equivalente ou, no menor das possibilidades, aproximados ao contexto de uso, seja na fala, seja na escrita literária, como convém a esta última discutirmos.

3 CAMINHOS DA TRADUÇÃO: TEORIAS E FUNDAMENTAÇÃO

No presente capítulo abordaremos a ideia de uma “teoria da tradução” influenciada pelo pensamento saussuriano, destacando a importância da linguagem e dos signos no processo tradutório. O ponto central da discussão é a concepção de que o signo, em Saussure, não é apenas uma representação da linguagem, mas está profundamente ligado à natureza da própria linguagem.

O crítico Meschonnic põe em evidência o que ele chamou de “continuum” da linguagem como algo que vai além da simples representação e que o ato de traduzir muitas vezes limita essa visão ao reduzir a linguagem à sua dimensão representacional. Cremos que a tradução sob essa perspectiva poderia ser vista como uma forma de “não-tradução” ou apagamento parcial do significado, já que se baseia na representação, enquanto a linguagem seria algo mais complexo e estrutural. O “ponto de vista” saussuriano é mencionado como fundamental: a percepção e a análise de um fato linguístico não são possíveis sem um ponto de vista. Isso reflete a ideia de que a linguagem é uma construção de sentidos a partir de pontos de vista específicos. Além do mais, a noção de valor linguístico em Saussure é fulcral para a compreensão de como a significação/sentido se dá no processo tradutório.

Adentramos na filosofia da linguagem de Walter Benjamin, mais precisamente em seu ensaio “A tarefa do Tradutor” e outros textos, em que o autor explora a tradução como um processo complexo e transformador, que transcende a simples reprodução literal de um texto ou ideia de uma língua para outra. Para Benjamin, a tradução não se limita a apenas comunicar o conteúdo de um texto de maneira fidedigna, ela envolve uma transformação e recriação que revela o profundo significado da obra original, muitas vezes até mais do que a própria obra por si só poderia expressar.

Em sua análise, Benjamin ressalta a tensão entre o original e a tradução, afirmando que a tradução não precisa ser uma reprodução tal qual seria seu original, mas sim uma mediação entre o mundo das coisas (o que é nomeado) e a linguagem humana (o meio pelo qual as coisas são referidas e compreendidas). A noção de “traduzibilidade”, na visão do filósofo, aponta para a capacidade inerente de certas

obras de arte e textos de serem traduzidos, o que não significa que possam ser compreendidos em sua totalidade noutra língua, porém que possuem uma qualidade que permite que sua essência seja transmitida e recriada em um novo contexto linguístico. A tradução, assim, é não apenas uma ferramenta de comunicação, mas um processo vital de renovação e de interação entre culturas, mundos diferentes e interligados.

Damos continuidade com a ideia de “hospitalidade linguística” desenvolvida por Paul Ricœur, particularmente no contexto da tradução, compreendida como uma forma de mediação entre culturas e línguas diversas. A hospitalidade linguística é vista como um gesto de acolhimento ao “outro”, ao estrangeiro, em que o tradutor se esforça para compreender e comunicar o significado de uma língua para outra.

O conceito de hospitalidade é expandido para englobar não apenas o ato de receber e compreender o estrangeiro, mas também a aceitação das diferenças inerentes às línguas. Assim, a hospitalidade linguística reflete uma atitude ética e política, em que o tradutor reconhece e respeita a alteridade, enquanto tenta criar uma ponte comunicativa entre mundos distintos, todavia não dessemelhantes. Segundo Ricœur, a tarefa da tradução é também uma forma de resistência ao fechamento cultural e linguístico, pois o tradutor serve como mediador entre o autor, o texto estrangeiro e o leitor.

A partir dessa reflexão, o filósofo francês sugere que a felicidade do tradutor está na aceitação de que a tradução é sempre incompleta, mas que, ainda assim, pode gerar momentos de satisfação quando consegue transmitir algo significativo do original. Ele conclui que, mesmo com todas as dificuldades e perdas envolvidas no processo, a hospitalidade linguística disponibiliza uma saída para a tarefa tradutória, promovendo a convivência e a compreensão entre diferentes culturas e idiomas.

E finalmente, tratamos da recriatividade e da estrangeiridade no processo da tradução, discutindo as complexidades inerentes ao processo tradutório e as tensões entre fidelidade e recriação. A partir de reflexões teóricas como as de Georges Mounin e Paulo Bezerra, exploramos os desafios enfrentados pelos

tradutores ao lidar com estruturas linguísticas e culturas diversas, além das expectativas em relação à fidelidade ao texto original.

Ao que entendemos, o tradutor é um estrangeiro tanto ao texto original quanto à cultura que irá recebê-lo, movendo-se entre essas duas dimensões e tentando equilibrar a fidelidade ao texto e a acessibilidade ao leitor. Por conseguinte, a estrangeiridade na tradução também levanta questões sobre a coexistência das diferenças culturais. Berman e Venuti parecem defender a ideia de que a tradução pode criar um público mais aberto às estranhezas de outras culturas ao evidenciar a alteridade do texto estrangeiro. Nessa perspectiva, o tradutor se torna um mediador que não apenas traduz, mas recria e interpreta o texto, proporcionando um diálogo entre diferentes atravessamentos de culturas e identidades.

3.1 Preâmbulo referencial: por uma “teoria da tradução” saussuriana

Segundo Henri Meschonnic, “Saussure continua a ser o ponto de partida de uma historização radical da linguagem”, como aponta Flores (2021, p. 35). E não somente de uma linguagem como função meramente orgânica do ser humano, mas em seus pontos fenomênicos da comunicação. A(s) língua(s) e os discursos continuam a ser temáticas chaves, às quais o olhar de base saussuriana deve se atentar. Embora sejam as ideias filosóficas do genebrino, aparentemente, fundamentos ainda não referenciais *standard* no campo da atividade e estudos da tradução¹²².

E o signo não é tomado como representação da linguagem, mas como natureza e verdade da linguagem. Enquanto outro ponto de vista, e Saussure viu que na linguagem só pode haver pontos de vista, outro ponto de vista, o do *continuum*, o *continuum* do corpo-em-linguagem, do ritmo-sintaxe-prosódia, o *continuum* de uma semântica serial mostra que o signo é apenas uma representação, uma representação que esconde o *continuum* e o impede de ser pensado. Impedindo assim que seja traduzido. Porque traduzir supõe uma representação da linguagem. A representação que prevaleceu durante séculos, a ponto de ser a única culturalmente familiar e reforçada pelo saber das ciências da linguagem, um saber inteiramente

¹²² Em razão de estar ainda muito recente a pesquisa sobre tradução sob uma base saussuriana; tendo como referencial, muito recém elaborado no Brasil, apenas o trabalho de Valdir do Nascimento Flores (2021), – *Saussure e a Tradução* –, optamos por recepcioná-la, também como ponto de partida, para nossa análise e discussão.

subscrito ao signo, sendo o do signo, ação de traduzir traduz o signo. Mas tão logo haja uma invenção do pensamento, do poema, da obra literária ou da obra filosófica (não confundir com discursos), a obra impõe o ponto de vista do *continuum*, pois é uma transformação de uma forma de linguagem por uma forma de vida e a transformação de uma forma de vida por uma forma de linguagem. Portanto, as traduções de acordo com o signo são parcialmente não-traduções, apagadores. (Meschonnic, 2011, p. 159, tradução nossa)¹²³.

E sobre a questão suscitada logo acima, o **ponto de vista** admitido por Saussure, encabeça uma ideia central, e “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras.” (Saussure, 2017, p. 39)¹²⁴. Em consonância acerca disso, tendo em mãos a versão para o português para nossa fundamentação, consideramos “enxertar”, em nossa discussão, o excerto no qual o linguista genebrino também nos diz (in: *Écrits de linguistique Générale*):

Não se tem razão ao dizer: um fato de linguagem precisa ser vários pontos de vista; nem mesmo ao dizer: esse fato de linguagem será, realmente, duas coisas diferentes, conforme o ponto de vista. Porque se começa supondo que o fato de linguagem é dado fora do ponto de vista. E preciso dizer: primordialmente, existem pontos de vista; senão, é simplesmente impossível perceber um fato de linguagem. (Saussure, 2012, p. 23).

Dito isso, Flores (2021, p. 36, grifo nosso) nos adverte sobre o seguinte: “O **ponto de vista** a partir do qual eu olho a teoria de Saussure e sua consequente implicação no campo da tradução é o do sentido”. Convém ainda frisarmos que, conforme Flores, esse “sentido” em Saussure tem a mesma acepção de

¹²³ And the sign is not taken as a representation of language, but as the nature and truth of language. While another point of view, and Saussure saw that on language there can only be points of view, another point of view, that of the continuum, the continuum of the body-in-language, of rhythm-syntax-prosody, the continuum of a serial semantics shows that the sign is but a representation, a representation hiding the continuum and preventing it from being thought. Thus preventing it from being translated. Because translating supposes a representation of language. The representation that has prevailed for centuries, to the point of being the only culturally familiar one and reinforced by the knowledge of language sciences, a knowledge entirely subscribing to the sign, being that of the sign, translating translates the sign. But as soon as there is an invention of thought, poem, literary work or philosophical work (not to be mistaken for discourses on), the work imposes the point of view of the continuum, since it is a transformation of a form of language by a form of life and the transformation of a form of life by a form of language. Hence translations in keeping with the sign are partially non-translations, erasers. (Meschonnic, 2011, p. 159).

¹²⁴ “Bien loin que l'objet précède le point de vue, on dirait que c'est le point de vue qui crée l'objet, et d'ailleurs rien ne nous dit d'avance que l'une de ces manières de considérer le fait. en question soit antérieure ou supérieure aux autres. (Saussure, 1971, p. 23).

“significação”. Em poucas palavras, para o autor, a teoria da tradução de base saussuriana é estritamente empregada por uma linha da teoria do significado.

Tal caminho suscitaria quatro implicações a essa teoria saussuriana da tradução: (i) o sentido (precisamente: o significado ou o conceito) elaborado por Saussure é o ponto central de seu sistema sígnico para uma organização da língua/linguagem, (ii) sua realização se confere no discurso, (iii) ao tradutor compete direcionar sua atividade (teórica e argumentativa) ao campo investigativo da semântica, (iv) uma percepção facultativa para os tradutores seria a noção de valor linguístico. (Flores, 2021, p. 36) E antes de adentrarmos mais o contexto de nosso debate, cabe ainda frisarmos que:

O erro incessante e sutil de todas as distinções linguísticas é acreditar que, ao falar de um objeto *de um certo ponto de vista*, se está, por isso, no referido ponto de vista; em nove entre dez casos, a verdade é justamente o contrário, por uma razão muito simples: **Lembremos, com efeito, que o objeto da linguística não existe para começar, não é determinado em si mesmo. Daí, falar de um objeto, nomear um objeto, nada mais é do que recorrer a um ponto de vista A determinado.** (Saussure, 2012, p. 26, grifo nosso).

A questão do “ponto de vista” é algo que, em Saussure, permeia a linguagem como expressão comunicativa na sociedade humana, daí que seu sistema de conceitos, por não negar a linguagem, serve como estrutura cognoscível desta, definindo-a como relações hierárquicas, cujos elementos se ligam e se definem para junto desse mesmo sistema sígnico, mantendo relações para a constituição de discurso que não vai além da percepção do mundo real. O mundo linguístico saussuriano caminha contrariamente a uma ideia transcendente e por isso comporta um princípio imanente, em que a língua (isto é, a expressão linguística humana) é considerada em si e como fim em si; e o que isso quer referir, ou seja a língua, ao repousar no interior da linguagem, explica em si mesma os fatos da linguagem e não além do que ela significa. A língua diz dos fatos em seu contexto de ordem linguística comunicativa, e não por via de conceitos da realidade extralinguística.

A originalidade da contribuição de F. de Saussure reside, acreditamos, na transformação de uma visão de mundo que lhe era própria – e que consiste em apreender o mundo como uma vasta rede de relações, como uma arquitetura de formas carregadas de significado, trazendo em si seu próprio significado – em uma teoria do conhecimento e uma metodologia linguística. [...] ...Saussure soube testar o valor epistemológico de seu postulado aplicando-o a uma determinada ciência humana, a linguística. É a partir do conceito linguístico do significante,

indissolúvelmente ligado ao significado (este último conhecido apenas pelo primeiro), da noção de linguagem, esse ser bilateral, concebido como "uma forma e não (como) uma substância", que ocorre a transição da linguística para as demais ciências humanas, a extrapolação metodológica do saussurismo, **e que se afirma o postulado saussuriano de um mundo estruturado, apreensível em seus significados.** (Greimas, 2006, p. 1, tradução nossa e grifos nossos)¹²⁵.

Ao postular sua noção de significação/significado a partir do conceito de valor linguístico, Saussure fundamenta uma epistemologia interessante e visionária a respeito do sistema linguístico estabelecer-se, na relação entre sentido e forma, como estrutura estruturante. Sabe que "a teoria semântica de Saussure não dissocia forma e sentido, dissociação sob a qual não raras vezes repousa a proposição da semântica como disciplina" (Flores, 2021, p. 38). Ora, dessa relação podemos definir que "o valor é feito de sentido e criador de sentidos" (p. 38), contudo esse "sentido é real apenas quando locutores estão implicados" (p. 38). Em linhas gerais, Flores (2021, p. 39) assim interpreta a noção de valor linguístico sustentada por Saussure: "[...] uma teoria da significação se complexifica consideravelmente quando referida à teoria do valor linguístico. A significação é constituída pelo valor linguístico, embora este não possa a ela ser reduzido."

A tradução que se institui, na teoria saussuriana, por via da noção de semântica, acaba por estabelecer-se como sistema e atividade linguística complexa de significados através da relação de uma cadeia sistemática que agrupa o sentido e a forma. Em síntese: "[...] a tradução é, para Saussure, ao mesmo tempo um operador e um lugar de evidência comprobatória de sua teoria. E o mais importante: a tradução está, em Saussure, ligada a uma teoria de conjunto da língua/linguagem." (Flores, 2021, p. 41). O próprio mestre genebrino encaminha essa discussão em seus *Écrits de Linguistique Générale*:

Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma, nem

¹²⁵ L'originalité de la contribution de F. de Saussure réside, croyons-nous, dans la transformation d'une vision du monde qui lui fut propre - et qui consiste à saisir le monde comme un vaste réseau de relations, comme une architecture de formes chargées de sens, portant en elles-mêmes leur propre signification – en une théorie de la connaissance et une méthodologie linguistique. [...] ...Saussure a su éprouver la valeur épistémologique de son postulat en l'appliquant à une science de l'homme particulière, la linguistique. C'est en partant du concept linguistique du *signifiant*, indissolublement lié au *signifié* (celui-ci n'étant connu que par celui-là), de la notion de *langue*, cet être à double face, conçue comme « une forme et non (comme) une substance », que s'effectue le passage de la linguistique aux autres sciences humaines, l'extrapolation méthodologique du saussurisme, et que s'affirme le postulat saussurien d'un monde structuré, saisissable dans ses significations. (Greimas, 2006, p. 1).

mesmo com a ideia como conteúdo de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*. / Ora, no momento em que se fala de *valores* em geral, em vez de se falar, ao acaso, do *valor* de uma forma (que depende absolutamente dos valores gerais), percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou no das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. E uma disputa de palavras. (Saussure, 2012, p. 30, grifo nosso) ¹²⁶.

3.1.1 Jakobson e a tradução interlingual ou *tradução propriamente dita*

Embora a temática aparente uma retomada sobre uma discussão da Linguística do século XX, o tema sobre tradução ainda apresenta percalços quase que insolúveis. De um certo modo, aquilo que entendemos como tradução infiel ao texto original ainda é problema que desafia aos estudiosos da tradução, e não apenas aquilo que toca ao conhecimento acerca da língua de partida, mas também ao que circunscreve os aspectos da língua meta ou de chegada e sua manifestação simbólica, representacional e de caráter intercultural.

Seguindo uma linha de base saussuriana, em seu capítulo – *Aspectos linguísticos da tradução*, Jakobson (2003) alerta ao leitor sobre o significado das palavras, tendo como seu posicionamento a considerar que essas palavras são determinadas a partir daquilo que se chama de fato linguístico ou fato semiótico. Segundo seu pensamento, a palavra que se determina por esse fato da linguagem, não pode ser inferida de um conhecimento que não seja a própria linguagem ou sem a mediação de um código verbal, entretanto esse mesmo significado por via do signo da linguagem não é outra coisa que sua forma de tradução por um outro código ou signo linguístico. Isto é, o signo se expressa por um código verbal, a

¹²⁶ A conclusão geral a que chegamos é que o valor tanto existe no plano do significante (*/mala/ /bala/*) como no do significado (menino~/meninos), isto é, um significante só vale em relação a outro significante e um significado, diante de outro significado. Na prática, vale dizer, na língua em seu funcionamento, um fonema delimita o valor de outro fonema, assim como um significado circunscreve o valor de outro significado, daí, inclusive, os chamados *campos semânticos*: lar, casa, residência, moradia, domicilio, etc., formam o campo semântico de *abrigo*, em que cada signo funciona como uma parcela semântica inserida na totalidade desse campo. Sendo parcela, cada signo tem seu valor próprio e, ao mesmo tempo, delimita o valor dos outros signos. (Carvalho, 1976, p. 63)

palavra, e essa é substituída por outro signo ou conjunto de signos, e a isso chamamos tradução.

Consequentemente, tomando sua inspiração na filosofia de Charles Peirce, Jakobson difere três modos de classificação desse signo verbal, o que ele denomina como formas de interpretá-lo: “ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais” (Jakobson, 2003, p. 64). A essas três classificações, o autor denomina de (i) tradução intralingual ou *reformulação (rewording)*, (ii) tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* e (iii) tradução intersemiótica ou *transmutação*.

Dessa feita, interessa-nos aqui a tradução interlingual como ponte para compreender o desafio do tradutor e circunscrever parte de nossa posição teórica, bem como nossa aplicação de análise sob perspectiva linguística a fim de interpretar um *corpus* de perspectiva literária. Uma vez que estamos assumindo essa posição, cabe a nós justificarmos ainda que o ponto chave que compreendemos no campo da literariedade não se fecha ou impede sua expressão semântica para o funcionamento tradutório, afastando-se, portanto, de sua literalidade. Esse afastamento da literariedade sobre a literalidade abre margem a uma discussão sobre aquilo que muitos estudiosos da tradução ainda costumam enfatizar: o problema da equivalência.

A equivalência na diferença deveria tornar-se, assim, o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Linguística. Jakobson (1995) ainda argumenta que nenhum espécime linguístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem, sem a tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema. Para ele, em qualquer comparação de línguas surge a questão da possibilidade de tradução de uma para outra e vice-versa e enfatiza que a prática da tradução interlingual requer atenção constante da ciência linguística. (Scherer; Kader, 2012, p. 134).

Conforme Roman Jakobson (2003, p. 65), não há recorrentemente equivalência completa entre as unidades de código, ou seja, podemos afirmar que as mensagens estrangeiras podem servir como interpretações adequadas dessas unidades de código. Para ele, quando traduzimos de um idioma a outro, o que estamos a fazer é substituir mensagens em um desses idiomas, não por parcelas desses códigos separadamente, mas por mensagens inteiras de outro idioma. Ele vai caracterizar esse tipo de funcionalidade como uma forma de discurso indireto.

Ou seja, aquilo que resulta dessa ação tradutória envolve duas mensagens equiparáveis em dois códigos distintos.

Ora, segundo Jakobson (2003, p. 67) “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas...” E mais adiante o autor ainda afirma: “o nível cognitivo da linguagem não só admite mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução” (2003, p. 70) Ou seja, o que não contradiz o que ele havia dito antes, a saber: “a ausência de certos processos gramaticais na linguagem para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original” (2003, p. 67).

3.2 A tradução segundo Walter Benjamin

O fenomenologista Edmund Husserl tinha intenção de fazer referência a uma realidade linguística que se apresentava como uma espécie de ato filosófico puramente e essencialmente originário, talvez no campo dos fenômenos da linguagem. Com isso, sua intenção era ostentar um “espaço” de referência em que as coisas se fundamentam nas experiências humanas, nas ideias projetadas pelo conhecimento da realidade como construídas via imagem sígnica.

Esse espaço trata-se epistemicamente de uma outra forma de realidade, uma realidade da ciência, do cognoscível. Husserl queria fazer menção ao mundo físico como forma pré-categorial, visto que esse mundo vivido foge à explicação. Ou seja, pensar num “mundo vivido” é fazer dele um pressuposto linguístico que se queira designar como um espaço de ordem das coisas. Para falar sobre esse mundo, podemos então tentar captá-lo na nossa capacidade tradutória.

Ao traduzirmos esse mundo vivido, experimentamos nossa capacidade de descrevê-lo, levá-lo ao conhecimento. Segundo Ricardo Forno (2021, p.9) Walter Benjamin atribui a esse mundo vivido uma projeção: o mundo é constituído de significados, por isso dizer-se um mundo cuja realidade tem seu aspecto descritível.

Portanto, é tarefa nossa descrever a realidade desse mundo que, ao ser inteorizável, distingue-se da natureza do mundo real físico.

O mundo vivido não se tornou um termo na filosofia de Walter Benjamin. Mas também ele se refere a algo que deve ser presumido, a algo que se liga à questão da experiência em seu sentido original. Benjamin, portanto, também faz menção a algo que pode ser designado como o conceito de mundo vivido. A experiência para Benjamin também se dá a partir de um lugar, de um aí, de uma unidade que é antepredicativa. A noção de “mundo vivido” garante esse lugar de origem de uma certa unidade da experiência, que também Walter Benjamin estava buscando.

Tal mundo possui um caráter fundamentalmente linguístico, porque é da linguagem que ele se realiza no discurso. E assim, porque ele se manifesta nesse processo comunicativo: descrevê-lo, falar sobre ele, como ele se manifesta, é portanto tornar esse mundo traduzível. Conforme Forno (2012, p. 105, grifo nosso)

Toda tradução consiste na transposição de um complexo significativo para outro horizonte de compreensão linguística. As coisas e os fenômenos naturais, na tese de Benjamin, também são um acontecimento significativo. Pode-se compreender a rua pela qual se anda, práticas sociais, a organização das estrelas. Na medida em que aí abre um sentido ou uma estrutura significativa, precisa-se igualmente de uma tradução. **Na tradução se abrem de uma nova maneira âmbitos e conteúdos de sentidos. Trata-se de traduzir, transpor, para o modo de pensar e falar humano o sentido partilhado pela coisa, na mediação do mundo significativo humano.** [...] Benjamin, com isso, pretendia despertar a experiência do mundo tal como ele aparece, tal como ele se comunica, enquanto linguagem, enquanto se vive nele nomeando e traduzindo as coisas.

Benjamin vai falar da possibilidade de se combinar significativamente duas linguagens que precisam se relacionar por via da tradução, uma seria a linguagem das coisas, dos seres e objetos, a qual é explicada através da linguagem humana por via da atividade da tradução. O mundo vivido, experienciado pela linguagem das coisas, é desvendado e, portanto, torna-se objeto elucidativo, em que se aparece à claridade das palavras e do uso da linguagem verbal, aqui em nossa linha de pensamento, tradução não se trata meramente em tornar compreensível e sonoro (audível e também gestual ou tátil) aquilo que é inaudível (mudo), sem forma, sem expressão, sem sensações palpáveis e concretas acerca da realidade. Trata-se de um processo em que se relacionam uma forma de linguagem rudimentar para uma linguagem mais refinada. Benjamin (2002, p. 64, grifo nosso) mergulha numa tentativa de explicar esse mundo das coisas por um esforço interpretativo sobre sua realidade, sobre a realidade linguística desse mundo, torná-lo compreensível para e por via da linguagem humana:

Para designar conjuntamente essa receptividade e essa espontaneidade tal como elas se encontram nessa conexão única em seu gênero, que ocorre apenas no domínio linguístico, a língua possui sua palavra própria, e esta vale também para aquela receptividade do que não tem nome no nome. É a tradução da linguagem das coisas para linguagem do homem. **É necessário fundamentar o conceito de tradução no nível mais profundo da teoria linguística, pois ele possui alcance e poder demasiado amplos para ser tratado de uma maneira qualquer num momento posterior, como algumas vezes se pensa.** [...] A tradução é a passagem de uma língua para outra por uma série contínua de metamorfoses. Séries contínuas de metamorfoses, e não regiões abstratas de igualdade e de similitude, é isso que a tradução percorre. / Traduzir a linguagem das coisas para a linguagem do homem não consiste apenas em traduzir o que é mudo para o que é sonoro, mas em traduzir aquilo que não tem nome em nome¹²⁷.

Em poucas palavras “O conceito benjaminiano de ‘tradução’ é uma ideia que ilustra as tensões encontradas na compreensão. Na tradução, o estranho enquanto outro, enquanto outra linguagem, é incorporado, mas não por imitação (por representação).” (Forno, 2012, p. 104). E, mais à frente, Forno (p. 105) acrescenta: “A linguagem humana é tradução” e traduzir significa mediar essas duas percepções bifurcadas: (i) o mundo que significa e afirma algo e (ii) o mundo daquele que diz e interpreta esse primeiro mundo. A linguagem dos homens não reproduz fielmente essa realidade no mundo, das coisas e principalmente dos acontecimentos, de modo que traduzir não quer dizer simplesmente que tudo irá se dar como reprodução fidedigna da realidade.

Em nosso entendimento, nas linhas que se esboçam em “A tarefa do tradutor” o filósofo propõe uma espécie de nova forma como função tradutória, ou, como aponta Leite (2018, p. 67), “uma re-forma” na concepção benjaminiana, isto é, captá-la implica retornar ao dito original. E para tal, seria preciso encerrar, nessa concepção de retorno, a ideia de **traduzibilidade**:

A traduzibilidade seria, precisamente, o que o original comunga com a tradução, pois “uma determinada significação contida nos originais se exprime em sua traduzibilidade” (Tarefa, 104). **A composição da tradução parte, então, da traduzibilidade contida em cada original.** [...] Essa composição, construção da tradução, dá-se por meio da apreensão da

¹²⁷ For conception and spontaneity together, which are found in this unique union Only in the linguistic realm, language has its own word, and this word applies also to that conception of the nameless in the name. It is the translation of the language of things into that of man. It is necessary to found the concept of translation at the deepest level of linguistic theory, for it is Much too far-reaching and powerful to be treated in any way as na afterthought, as has happened occasionally. [...] Translation is removal from one language into another through a continuum of transformations. Translation passes through continua of transformation, not abstract areas of identity and similitary. The translation of the language of things into that of man is not only a translation of the mute into the sonic; it is also the translation of the nameless into name. (Benjamin, 2002, p. 69-70).

forma ou imagem contida no original ou na forma-arquetípica – *Urbild* – e sua transcrição na forma de tradução – *Abbild*. (Leite, 2018, p. 67, grifos nossos).

A ideia do mundo vivido vem nessa percepção de “o continuar a viver” (*Forleben* de W. Benjamin) que a tarefa tradutória, pela qual é crucial função (da não-cópia de si) do indivíduo encabeçado na atividade, passa a dar sentido às coisas da realidade, do mundo das coisas pelo mundo significante. A linguagem do tradutor deve se agarrar ao *Forleben* benjaminiano, embora numa certa maturidade composicional, cuja prática acabará por modificar a “sonoridade” (aquilo que se escuta ou se lê de origem) do texto fonte. Segundo Leite (2018, p. 67), essa tal transformação no corpo do texto alvo “pervive” e aponta para uma “impossibilidade da tradução significar algo para o original”. Entretanto, “o original e sua tradução encontram uma afinidade pela forma comum às duas; pela forma que a transcrição reproduz do original para a tradução. É precisamente na forma que se encontra a afinidade” (p. 68)

Uma consequência desse pensamento em Benjamin: a continuidade de se viver ou desse mundo vivido como expressão ontológica da linguagem (a tradução) resulta que tal traduzibilidade não apenas transforma aquilo que está contido originalmente, mas transcreve e reproduz um novo objeto de análise, que seria o texto fonte, a partir da língua de chegada. Embora entenda-se como recriação, sua averiguação suscita uma ligação entre o texto de partida e o texto de chegada. Recriar é configurar o dito na língua de origem em outra percepção linguística por via da **pervivência** (o *Forleben* de Benjamin), isto é, o mundo vivido passa e supõe-se a continuar a viver. “A ideia de Benjamin é reconhecer vida no texto, pois nele há **comunicabilidade**” (p. 68, grifos nossos):

A tradução é uma forma. Para apreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade. [...]...a traduzibilidade de composições de linguagem deveria ser levada em consideração, ainda que elas fossem intraduzíveis para os homens. [...] / **A traduzibilidade é uma propriedade essencial de certas obras – o que não quer dizer que a tradução seja essencial para elas, mas que uma determinada significação contida nos originais se exprime em sua traduzibilidade.** É mais do que evidente que uma tradução, por melhor que seja, jamais poderá significar algo para o original. Entretanto, graças à traduzibilidade do original, a tradução se encontra com ele em íntima conexão. E, aliás, essa conexão é tanto mais íntima quanto para o próprio original ela nada mais significa. É lícito chamá-la de natural ou, mais precisamente, de conexão de vida. Como as manifestações da vida estão intimamente ligadas ao ser vivo, sem significarem nada para ele, assim a tradução procede do original. Na verdade, ela não deriva tanto de

sua vida quanto de sua “sobrevida” [*Überleben*]. Pois a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio de sua “pervivência”. A ideia da vida e da “pervivência” das obras de arte deve ser entendida em sentido inteiramente objetivo, não metafórico. (Benjamin, 2013, p.102 – 104, grifo nosso)¹²⁸.

A atividade de dar sentido às coisas na relação com as palavras por via da linguagem, bem como a tradução como fenômeno humano linguístico, que ocorre na elaboração estritamente intelectual, é a mesma linguagem humana e cultural viabilizada e “pervivida” no processo de nomear os objetos e seres no mundo.

O que Benjamin mostra com sua teoria da linguagem em geral e sua teoria da tradução é que o homem desde sempre se realiza num processo de sentido. A linguagem é o elemento organizador da experiência. E Benjamin não estaria preocupado com esse elemento organizador se não estivesse preocupado com a questão do conhecimento, e mais precisamente com a questão de como se chega aos objetos que se conhece. É dentro desse processo de sentido que se poderá conhecer cientificamente as coisas, a natureza e os fenômenos. (Forno, 2012, p. 108).

Conforme Walter Benjamin, tudo o que o homem costuma produzir, em termos de cognoscibilidade e apreensão da realidade dos fatos, dos entes etc., é tradução e se dá pela ação da traduzibilidade no conjunto das enunciações e discursos, com intuito de significar e mensurar a factualidade na relação mundo ontológico e mundo significante. O homem nomeia as coisas, e isso se dá não menos que pela ação tradutória constante (a tradução de captar as ideias e as formas visíveis via pensamento e fala), embora com seus aspectos de realidade linguística imperfeitos, porém intrínsecos à natureza da língua/linguagem.

Adiante, continuando num debate de perspectivas de teorias da tradução, adentraremos na questão já prenunciada em linhas anteriores: a hospitalidade

¹²⁸ Translation is a forma. To comprehend it as a form, one must go back to the original, for the laws governing the translation lie within the original, contained in the issue of its translatability. [...] ...the translatability of linguistic creations ought to be considered even if men should prove unable to translate them. [...] Translatability is an essential quality of certain works, which is not to say that it is essential for the works themselves that they be translated; it means, rather, that a specific significance inherent in the original manifests itself in its translatability. It is evident that to translation, however good it may be, can have any significance as regards the original. Nonetheless, it does stand in the closest relationship to the original by virtue of the original's translatability; in fact, this connection is all the closer since it is no longer of importance to the original. We may call this connection a natural one, or, more specifically, a vital one. Just as the manifestations of the life are intimately connected with the phenomenon of life without being of importance to it, a translation issues from the original – not so much from its life as from its afterlife. For a translation comes later than the original, and since the important works of word literature never find their stage of continued life. The idea of life and afterlife in works of art should be regarded with an entirely unmetaphorical objectivity. (Benjamin, 2002, p. 254).

linguística. E para compreendê-la na sua concepção de manifestação cultural e linguístico-social, é necessário concebê-la como parte de um processo em que a tradução se faz exercício humano de compreensão e comunicação humana, portanto social e política com fins de aceitação e acolhimento ao estrangeiro, ao diferente (mas não divergente, nem sequer dessemelhante) de nós, do outro para além de nós, quanto à sua percepção de mundo vivido, mundo cultural e mundo linguístico.

Ou seja, a hospitalidade linguística se manifesta como um assunto bastante caro à nossa pesquisa, observemos então as linhas que se seguem. Iremos do ponto teoricamente elucidativo ao entendimento de cultura prática e formalmente linguística. A tradução é o ponto chave da discussão, sem a qual não há razão de darmos continuidade para um trabalho mais robusto e tantalizante.

3.3 “Sobre a tradução” de Paul Ricœur: *l’hospitalité langagière*¹²⁹

A hospitalidade é um exercício humano social e cultural, que se manifesta ao longo da nossa historicidade, por via dos mais variados aspectos tradicionais, formas culturais antropológicas, em gestos sutis (inter)humanos, ritos tradicionais, costumes, regimentos e leis que acabam por serem normatizados ou, no seu mais abrangente aspecto, positivados. E por se tratar entre relações de um eu e um outro, geralmente a hospitalidade fará relação a um *ethos* – um exercício em que passamos a acolher o “outro” em sua multiplicidade cultural, em que fazemos migrar para si mesmos aquele a quem incitamos uma alteridade alheia.

Paul Ricœur vai tratar sobre hospitalidade no âmbito dos estudos da linguagem, mais específico, em relação aos problemas linguísticos da tradução. O

¹²⁹ A noção de hospitalidade é proposta pelo filósofo Paul Ricœur, em uma conferência de abril de 1997, “Desafio e felicidade da tradução”, para destacar a dimensão ética da tarefa do tradutor e expressar a felicidade de traduzir, apesar das dificuldades e dos riscos da tarefa: “Hospitalidade linguageira, deste modo, onde o prazer de viver a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em sua casa, em seu próprio lar, a fala do estrangeiro” (Ricœur, 2004, p. 20). Ricœur desenvolveu sua filosofia entre as línguas: entre a língua alemã e a língua francesa, quando prisioneiro em um campo de trabalho na Pomerânia, ele traduz as *Ideen* de Husserl; entre a língua inglesa e a língua francesa ao ensinar na Universidade de Chicago de 1970-1985 e apresentar a filosofia analítica americana para os leitores francófonos. (Barthélémy, 2017, p. 150).

filósofo faz menção a uma possibilidade de apreendermos, num eixo ético-político, aquilo significativo entre mundos (linguagem de quem fala e linguagem de quem ouve), daí que o exercício daquele que opera com a atividade de tradução é uma via de reciprocidade, camaradagem, simpatia/empatia e respeito pelo outro.

Embora enxergue as dificuldades e os riscos do referente exercício; na hospitalidade linguística, o objetivo é a felicidade do fazer tradutório, visto que é nessa dimensão hospitaleira que se esconde uma ideia: “hospitalidade linguística, portanto, onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro”. (Ricœur, 2012, p. 30)¹³⁰. Para tentarmos entender o contexto aplicável ao assunto recém introduzido, vejamos o seguinte comentário:

A hospitalidade linguística é uma necessidade colocada pela difícil – talvez impossível – tarefa da tradução, esta “pulsão” que nos dá a esperança do acontecimento que efetivamente é, mas também a desilusão da consciência de sua efemeridade. Daí o caráter ambivalente do trabalho do tradutor: “[ele] quer forçar dos dois lados, forçar a sua própria língua a encher-se de estranheza, forçar a outra língua a deportar-se para a sua língua materna”. (Carneiro et alii, 2020, p. 11).

A tradução pode delimitar-se nessa ação solidária, a que Ricœur (2020) denominou de hospitalidade linguística. Mais além, o exercício da tradução realiza-se no confronto linguístico; os nomes e as expressões ditas, numa língua que não compreendo, passam a desafiar-me, e daí se não descubro o sentido realizado no discurso alheio, a minha estrangeiridade entra em conflito com a estrangeiridade doutrem. Duas possibilidades: ou eu sou um “outro mundo” que precisa abrigar-me naquele mundo distante, ou vice-versa. Por certo que a tensão entre as duas percepções é notória: a tradução entra como prática mediadora, de um lado apreende por uma espécie de deslocamento grave da hostilidade pela língua estrangeira, e do outro lado apreende pela influência da língua materna, aproximando esses dois polos por via acolhedora.

Segundo o filósofo, ao buscar a possibilidade intercomunicativa como prática mediadora por via tradutória, os falantes realizam uma operação de transferência entre línguas, e podem ampliar a perspectiva dentro de culturas e distintas comunidades ou pátrias. Daí inserir, para ele, “a prática da tradução

¹³⁰ “Hospitalité langagière donc, où le plaisir d'habiter la langue de l'autre est compensé par le plaisir de recevoir chez soi, dans sa propre demeure d'accueil, la parole de l'étranger.” (Ricœur, 2004, p. 20).

interlinguística afasta a objeção, segundo a qual a diversidade linguística e a especificidade de cada língua tornariam a tradução impossível, os tradutores apostam na possibilidade de dizer a mesma coisa de outra maneira...” (Barthélémy, 2017, p. 155).

Ora, e como é válido destacar nas palavras de Annie Barthélémy, se “o desejo de traduzir conecta línguas particulares que, suas diferenças, têm como ponto comum testemunhar a universalidade da linguagem, isto é, o fato de que todos os homens falam” (2017, p. 158-159), então é de todo justificável que “produzir semelhança implica identificar o mesmo no outro e o outro no mesmo. O Semelhante surge então da possibilidade de perceber a identidade na diferença e a diferença na identidade.” (Lavelle, 2012, p. 15). Para fecharmos nossa exposição, retomemos o ponto chave “felicidade” na tradução por via da hospitalidade linguística:

A felicidade de traduzir é um ganho quando, ligada à perda do absoluto linguístico, ela aceita a distância entre a adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. Nisso está sua felicidade. Admitindo e assumindo a irredutibilidade do par do próprio e do estrangeiro, o tradutor encontra sua recompensa no reconhecimento do estatuto incontornável da dialogicidade do ato de traduzir como o horizonte razoável do desejo de traduzir. **A despeito da agonística que dramatiza a tarefa do tradutor, este pode encontrar sua felicidade no que eu gostaria de chamar de hospitalidade linguística.** (Ricœur, 2012, p. 29 e 30, grifo nosso)¹³¹.

“Partamos então da pluralidade e da diversidade das línguas. E notemos um primeiro fato: é porque os homens falam línguas diferentes que a tradução existe” (Ricœur, 2012, p. 34)¹³². Embora, sua incompletude, seu exercício em busca dum resultado às vezes que nos escapa, uma certa imprecisão, em que a experiência dependerá das circunstâncias do texto de partida, de como entender a cultura da língua estrangeira, essa tradução incorrerá de sua própria consciência como um processo enquanto mediação do mundo posto em prova em razão da captura do significado como tal. Dito isso, é justificável o seguinte:

¹³¹ Le bonheur de traduire est un gain lorsque, attaché à la perte de l'absolu langagier, il accepte l'écart entre l'adéquation et l'équivalence, l'équivalence sans adéquation. Là est son bonheur. En avouant et en assumant l'irréductibilité de la paire du propre et de l'étranger, le traducteur trouve sa récompense dans la reconnaissance du statut indépassable de dialogicité de l'acte de traduire comme l'horizon raisonnable du désir de traduire. En dépit de l'agonistique qui dramatise la tâche du traducteur, celui-ci peut trouver son bonheur dans ce que j'aimerais appeler l'*hospitalité langagière*. (Ricœur, 2004, p. 19)

¹³² Partons donc de la pluralité et de la diversité des langues, et notons un premier fait: c'est parce que les hommes parlent des langues différentes que la traduction existe. (Ricœur, 2004, p. 22)

A tradução se realiza nos pequenos momentos de felicidade, como diz Ricœur. E, essa felicidade, *bonheur*, é mesmo a “boa hora”, a hora certa, o momento-chave, espécie de kairós. **A felicidade da tradução é quando a traduzibilidade do texto se encontra com sua cognoscibilidade.** Apenas nesse breve momento a tradução se realiza: fugidia, incompleta, imprecisa, dependente da experiência do original e dela mesma enquanto tradução. O que se espera, então, é sua consciência. (Leite, 2018, p. 103, grifo nosso).

O que se espera do profissional da tradução é sua consciência acerca dessas barreiras que se apertam no limiar entre as línguas que tentam se comunicar no processo. Isso tem que estar claro na cabeça do tradutor, estando ele ciente das nuances acidentais, das áreas de imprecisão e das frestas inevitáveis no percurso tradutório, e ainda assim ocorrer-lhe o melhor possível para transmitir o significado e o razoável do contexto do texto original na nova língua, por isso é crucial ao tradutor se conscientizar sobre essas lacunas imprescindíveis.

Um fato interessante na proposta pensada pelo filósofo francês, seria seu desinteresse ao perfeccionismo pela tradução, nele não há qualquer teimosia ao fato de não se poder captar a tradução sem defeitos. É plausível sua consciência da perda e das fragilidades incontornáveis que a tradução comporta, não existe tradução perfeita. É nessa perda que ganhamos a consciência da tarefa-renúncia do tradutor, este compreende que onde se sonha por uma realidade da perfeição da tradução, aí está sua cognoscibilidade sobre as lacunas entre o original e a tradução. Em outras palavras, “a felicidade de traduzir é um ganho quando, ligada à perda do absoluto linguístico, ela aceita a distância entre adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. Nisso está sua felicidade.” (Ricœur, 2012, p. 29)¹³³.

Esse comportamento, aparentemente inusitado, faz o tradutor inquirir de si mesmo acerca desse objeto que lhe compete admitir: apesar de perder ser uma causa consequente e justificável, visto tratar-se de mundos vividos e experiências estranhas que precisam dialogar a fim de comunicarem-se. O chamado absoluto da língua precisa entrar num posicionamento frágil, em que acampará a distância do adequado e do equivalente entre os idiomas, e adequar-se não significa uma tradução perfeita. Isso resulta num acolhimento ou receptividade, onde reside a

¹³³ Le bonheur de traduire est un gain lorsque, attaché à la perte de l'absolu langagier, il accepte l'écart entre l'adéquation et l'équivalence, l'équivalence sans adéquation. Là est son bonheur. (Ricœur, 2004, p. 19).

felicidade de quem traduz. Em poucas palavras, essencialmente, tal efeito sugere ao especialista da tradução, que ele encontre nessa felicidade o improvável em razão da satisfatoriedade, apesar das estranhezas inerentes às línguas. Embora pareçamos incomunicáveis (eu e o outro, o estrangeiro), o fato que isso é um privilégio de quem busca uma evidência como porta de entrada, e acaba por esbarrar-se nas obstruções da língua.

Eu fico, confesso, perplexo. Sou levado, é certo, a privilegiar a entrada pela porta do estrangeiro. Não fomos colocados em movimento pelo fato da pluralidade humana e pelo duplo enigma da incomunicabilidade entre idiomas e da tradução apesar de tudo? E além disso, sem a prova do estrangeiro, seríamos sensíveis à estranheza de nossa própria língua? Enfim, sem essa prova, não seríamos ameaçados de nos fechar na amargura de um monólogo, a sós com nossos livros? Honra então à hospitalidade linguística. (Ricœur, 2012, p.55)¹³⁴.

Como portador da estrangeiridade, o sujeito (a figura aparentemente original) caracteriza-se como aquele indivíduo que é levado diante do tradutor, e na presença deste, acompanha-lhe seu trabalho de tradução a fim de captar o texto que é vertido na sua língua para língua do estranhamento (do outro). Ademais, na consciência do tradutor ou do cientista da tradução, segundo Ricœur (2012, p. 22), “dois parceiros são de fato colocados em relação pelo ato de traduzir, o estrangeiro – termo cobrindo a obra, o autor, sua língua – e o leitor, destinatário da obra traduzida”¹³⁵, dessa relação o conflito parece estar posto em regra de apertar-se o distanciamento, pelo que parece, quanto mais se perde de si na tradução, tanto mais se ganha em compreensão da estranheza do outro em razão da adequação, isto é, de uma consciência em que consente sua perda em favor da salvação do estrangeiro.

Sobre o tradutor e o leitor, “entre os dois, o tradutor, que transmite, faz passar a mensagem inteira de um idioma ao outro. É nessa desconfortável situação

¹³⁴ Je reste, je l'avoue, perplexe. Je suis porté, c'est certain, à privilégier l'entrée par la porte de l'étranger. N'avons-nous pas été mis en mouvement par le fait de la pluralité humaine et par l'énigme double de l'incommunicabilité entre idiomes et de la traduction malgré tout ? Et puis, sans l'épreuve de l'étranger, serions-nous sensibles à l'étrangeté de notre propre langue? Enfin, sans cette épreuve, ne serions-nous pas menacés de nous enfermer dans l'aigreur: d'un monologue, seuls avec nos livres? Honneur, donc, à l'hospitalité langagière. (Ricœur, 2004, p. 51-52).

¹³⁵ Deux partenaires sont en effet mis en relation par l'acte de traduire, l'étranger - terme couvrant l'oeuvre, l'auteur, s'a langue - et le lecteur destinataire de l'ouvrage traduit. (Ricœur, 2004, p. 8-9).

de mediador que reside a prova em questão.” (Ricœur, 2012, p. 22)¹³⁶, E qual a chave para responder esse dilema? Ao comentar um pensamento de Franz Rosenzweig, “traduzir, ele diz, é servir a dois mestres: o estrangeiro em sua obra e o leitor em seu desejo de apropriação.” (Ricœur, 2012, p. 22)¹³⁷. Mais adiante ele traz uma reflexão madura dessa passagem supostamente antagônica. E desse modo, diz ele, ao referir-se à função do tradutor diante do estrangeiro (na obra original) e o leitor (na versão traduzida): “Esse paradoxo concerne efetivamente a uma problemática sem igual, sancionada duplamente por um voto de fidelidade e por uma suspeita de traição.” (Ricœur, 2012, p. 22)¹³⁸.

Ao fazer menção de Paul Ricœur em seu artigo *Hospitalidade linguística e tradução: digressões acerca da tarefa do tradutor*, Augusto Leite (2012, p. 4) afirma o seguinte: “O filósofo francês acredita que uma consciência de perda e seu respectivo luto daria à relação entre o próprio e o estrangeiro o ganho da convivência, da coexistência.”. Uma consciência politizada, em que trata essa relação do leitor e do autor por vias do tradutor, em que ambos podem conviver nas suas diferenças, daí o trabalho da tradução seria o ganho recíproco, dos dois lados não há o perdedor em sentido linguístico, há uma partilha ou acolhimento.

À vista do que acabamos de discutir, reconhecemos essa reciprocidade quando admitimos “a irreduzibilidade do par do próprio e do estrangeiro, o tradutor encontra sua recompensa no reconhecimento do estatuto incontornável da dialogicidade do ato de traduzir como horizonte razoável do desejo de traduzir.” (Ricœur, 2012, p. 30)¹³⁹. Desse modo, consideramos e concordamos que para o filósofo Paul Ricœur, o ato da tradução carrega, em seu bojo linguístico e

¹³⁶ entre les deux, le traducteur qui transmet, fait passer le message entier d'unidiome dans l'autre. C'est dans cette inconfortable situation de médiateur que reside l'épreuve en question. (Ricœur, 2004, p. 9).

¹³⁷ Franz Rosenzweig a donné à cette épreuve la forme d'un paradoxe. Traduire, dit-il, c'est servir deux maîtres: l'étranger dans son oeuvre, le lecteur dans son désir d'appropriation. (Ricœur, 2004, p. 9).

¹³⁸ Ce paradoxe relève en effet d'une problématique sans pareille, sanctionnée doublement par un vœu de fidélité et un soupçon de trahison. (Ricœur, 2004, p. 9).

¹³⁹ En avouant et en assumant l'irréductibilité de la paire du propre et de l'étranger, le traducteur trouve sa récompense dans la reconnaissance du statut indépassable de dialogicité de l'acte de traduire comme l'horizon raisonnable du désir de traduire. (Ricœur, 2004, p. 19).

sociocultural, um caminho para uma visão da ética como um manifesto de um desejo de convivência, em que

A fraternidade entre as línguas que se anuncia no ato da tradução seria mais um esforço dos políglotas de configurar uma experiência limiar chamada tradução, do que um dado a priori, um destino suspenso, a espera de se realizar. E a ética da tradução residiria, especialmente, na conscientização da impossibilidade da tradução perfeita; seu luto e a consequente convivência na diferença. Nesse sentido, apesar de a ideia de uma tradução perfeita, propriamente dita, ser impossível, o ato de traduzir guarda essa potencialidade, a de se realizar, mesmo de forma falha, e, por outro lado, a de não se realizar plenamente, indicando o caminho da hospitalidade linguística como saída para a questão. (Leite, 2012, p. 6).

Nas linhas iniciais da pesquisa *Hospitalidade ética, Hospitalidade Linguística* por Gonçalo Marcelo, ele confessa que “o problema da tradução desemboca na discussão sobre a hospitalidade – um tema difícil, mas de inegável importância, pelo desafio ético que coloca, e pela imagem de nós que nos devolve, consoante saibamos ou não estar à sua altura.” (Marcelo, 2019, p. 3). Ele entende que inexistindo a atividade de traduzir, não haveria a possibilidade de sujeitos de lugares distintos e de línguas distintas compreenderem-se, logo a comunicação interlinguística seria um ato impossível.

Diante do que acabamos de elucidar, não é simplório destacar que “A tradução é então uma tarefa, não no sentido de uma obrigação coercitiva, mas no sentido da *coisa a fazer* para que a ação humana possa simplesmente continuar.” (Ricœur, 2012, p. 44)¹⁴⁰. Em *o paradigma da tradução*, Paul Ricœur (2012, p. 45)¹⁴¹ traz algumas observações bastante plausíveis:

Para bem falar da tarefa de traduzir, gostaria de evocar, com Antoine Berman, em *A prova do estrangeiro, o desejo de traduzir*. Esse desejo leva além da necessidade e da utilidade. Certo, há uma necessidade: se queremos começar, viajar, negociar, mesmo espionar, é preciso dispor de mensageiros que falam a língua dos outros. Quanto à utilidade, ela é patente. Se queremos fazer economia da aprendizagem das línguas estrangeiras, ficamos contentes em encontrar traduções. [...] Necessidade,

¹⁴⁰ La traduction est bien alors une tâche, non au sens d'une obligation contraignante, mais au sens de la chose à faire pour que l'action humaine puisse simplement continuer, pour parler comme Hannah Arendt, l' amie de Benjamin, dans *Condition humaine*. (Ricœur, 2004, p. 36).

¹⁴¹ Pour bien parler de la tâche de traduire, je voudrais évoquer, avec Antoine Berman dans *L'épreuve de l'étranger, le désir de traduire*. Ce désir porte au-delà de la contrainte et de l'utilité. Il y a certes une contrainte: si on veut commencer, voyager, négocier, voire espionner, il faut bien disposer de messagers qui parlent la langue des autres. Quant à l'utilité, elle est patente. Si on veut faire l'économie de l'apprentissage des langues étrangères, on est bien content de trouver des traductions. Après tout, c'est comme ça que nous avons tous eu accès aux tragiques, à Platon, à Shakespeare, Cervantès, Pétrarque et Dante, Goethe et Schiller, Tolstoï et Dostoïevski. Contrainte, utilité, soit! Mais il y a plus tenace, plus profond, plus caché: le désir de traduire. (Ricœur, 2004, p. 36).

utilidade, seja! Mas há algo mais tenaz, mais profundo, mais escondido: o desejo de traduzir.

De acordo com Annie Barthélémy (2017, p 153), “a tradução é apreendida por uma tensão entre a resistência da língua estrangeira e a influência da língua materna, tensão que o desejo de traduzir procura superar”. E quando o tradutor passa a reconhecer as diferenças que envolvem a distância entre duas línguas distintas, a tradução funciona como uma parcela intermediadora com intuito de tornar pelo menos razoável a compreensão que envolve essas línguas. Em lugar de tentar suprimir ou eliminar as particularidades de sentido de ambas as línguas, resulta que dessa relação um processo eficaz abraça e permite que a riqueza da mutualidade passe a existir. Lidar com as tensões pode implicar num processo feliz ao ato tradutório, como já dantes assinalamos.

E para essa efetiva atividade, uma tradução bem-sucedida em seu objetivo é aquela que preserva o sentido e a intenção do texto de partida, adaptando-se à forma sensível e ao espírito do conteúdo linguístico, ademais, ajustando-se à cultura e as nuances que há na língua de destino. Além disso,

o tradutor não procura uma ilusória adequação das intenções do autor da obra a ser traduzida, ele parte da obra para operar uma transferência de sentido de uma língua para outra. Durante esta transferência, o sentido da obra vai se modificar, não por causa do adágio de que traduzir é sempre trair, mas porque a distância entre o texto original e o texto traduzido conduz a uma perda e um ganho de sentidos, perda porque há sempre uma parte intraduzível, ganho porque toda boa tradução, em suas descobertas, nascidas pela confrontação entre as línguas, traz um novo relevo ao sentido da obra. (Barthélémy, 2017, p. 154).

A prática que envolve essa relação não é senão um movimento de confronto entre línguas que se enxergam estranhas uma à outra. A esse fluxo de estranhezas, é plausível denominá-lo tradução interlingual. E para intermediar esse embate (eu diria choque intercultural linguístico), a noção de hospitalidade linguística se aplicaria às formas de comunicação que poderiam resultar na tradução bem-sucedida. E com base em Paul Ricœur, diz a autora Anne Barthélémy (2017, p. 151): “a tradução que opera uma mediação entre duas línguas pode articular pacificamente uma língua estrangeira com a língua materna, se ela assumir positivamente as diferenças entre duas línguas, sem anular as tensões inevitáveis.”

Como um pensador da linguagem e da teoria hermenêutica da linguagem, Paul Ricœur distingue entre a (i) tradução entre duas línguas distintas, o que ele

denominou de **interlinguística**, e a (ii) tradução dentro de uma mesma língua, o que por sua vez denominou de **intra-linguística**. A tradução seria esse conceito de sua filosofia, que se interliga a outras noções que lhe são fundamentais, a saber: o ato de compreender o que se traduz, a interpretação da tradução, e a comunicação por via da tradução, etc. Logo, “traduzir é também comunicar; comunicar é, por sua vez, uma tentativa de ser compreendido; assim como a compreensão nada mais é do que uma interpretação” (Coelho, 2018, p. 71).

E diante dessa atividade pluridimensional do ato tradutório, além do jogo de linguagem envolvido na trama (a intenção de comunicar algo), o estranho ou o outro instala-se nas “ferragens” mecânicas do sistema linguístico, e é a partir dele que o dinamismo da criação lexical será como lance individual em razão de difícil tarefa de significar, querer dizer o não dito, dar sentido ao funcionamento comunicativo das palavras, e em seguida elas interpelarem-se no traquejo e no estranhamento das línguas. Em razão disso,

A questão da alteridade está sempre em jogo quando tratamos destes conceitos, pois todos eles são engenhocas filosóficas construídas com a intenção de explicar o contato entre o mesmo e o outro, entre o próprio e o impróprio, entre o nativo e o estrangeiro, ou ainda, entre eu e tu, tu e eu (e quando falamos de tradução, haverá ainda um terceiro interveniente). (Coelho, 2018, p. 71).

Como desconfiamos e tomamos por bem admitir: é por conta da existência desse outro, do sujeito estranho, e em razão de sua estranheza que o ato de traduzir é tomado como suporte de relevante aniquilação do distanciamento comunicativo. Dessa necessidade do outro, essa filosofia que considera lançar-se sobre a tradução, antes de tudo, deve e tem por missão justificar-se como uma manifestação ideológica (portanto, ética) que pensa e/ou medita sobre o outro, daí dizer-se uma filosofia em virtude da alteridade.

Além do mais, por serem diferentes no seu modo de falar e significar qualquer coisa, igualmente são diferentes os idiomas que falam, e “as línguas não são diferentes apenas pela maneira de recortar o real, mas também pelo modo de o recompor no âmbito do discurso”. (Ricœur, 2012, p. 60)¹⁴². Ademais, “é por isso que a tradução será sempre uma aposta difícil, não há um critério absoluto para bem

¹⁴² les langues ne sont pas seulement différentes par leur manière de découper le réel mais aussi de le recomposer au niveau du discours. (Ricœur, 2004, p. 54).

traduzir, o que está explicitado no fato de sempre haver retraduições dos grandes textos da humanidade” (Coelho, 2018, p. 85).

Assim, traduzir essa estranheza sem ter que eliminar por completo qualquer distância que houver, seja na possibilidade da tradução e do original equivalerem-se ou na adequação total dos textos. E a respeito disso, em seu discurso, finaliza do seguinte modo Ricœur (2012, p. 30)¹⁴³: “A hospitalidade linguística, portanto, onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro”.

3.4 A [re]criatividade e a estrangeiridade na tradução.

Empenhado em descortinar uma quantidade considerável de obstáculos (de estruturas linguísticas complexas, de diversidade de culturas e pluriculturas, dos vocabulários polissêmicos, das civilizações e seus costumes conotativos, da história em processo sociolinguístico, da literariedade etc.), aquele que traduz se enxerga em duas vias um tanto e aparentemente fortuitas: (i) prender-se numa possível vaidade, quiçá arrogância, a dizer “tudo pode ser traduzido”, (ii) desesperar-se em si e na difícil tarefa de entender o enunciado e/ou texto, seu significado, sua semântica, e a pensar que “nada pode ser traduzido”. (Mounin, 1975, p. 11).

É fato que, ao se tratar da transposição de um idioma a outro, não o fazemos de tal modo sem encontrarmos, no caminho, uma quantidade absurda de percalços, sejam eles culturais já cristalizados, sejam eles engessados no costume e história de uma determinada prática social, bem como flexível arbitrariedade linguística. No que queremos pensar aqui: tratar-se da real dificuldade daquilo que vemos como obstáculo para a transposição de um enunciado a outro; de fato, de um texto escrito a outro, em línguas distintas, referimo-nos às de partida e às de chegada. A respeito disso, Georges Mounin (1975, p. 9) declara que, para o trabalho da transposição é preciso “definir em que consiste o obstáculo, operação a um

¹⁴³ Hospitalité langagière donc, où le plaisir d'habiter la langue de l'autre est compensé par le plaisir de recevoir chez soi, dans sa propre demeure d'accueil, la parole de l'étranger. (Ricœur, 2004, p. 20).

tempo de análise (o que constitui este ou aquele obstáculo) e de síntese (que elemento possuem em comum estes obstáculos)”. Asserção aparentemente óbvia, cremos nós.

O ponto chave de nossa discussão é pensar o processo de tradução (transposição, transmutação, transformação etc.) como metafórica e alegoricamente enxergar na atividade de transporte dos significados (portanto semântica) entre duas línguas ou mais, aquela que chamamos de língua de partida e aquela que apontamos como língua-alvo ou de chegada. Isto é, o tradutor transporta seu “produto linguístico”, ainda não codificado, assume essa função automática, e, a partir disso, encarrega-se de garantir durante o percurso de transposição, que o “produto” chegue em seu ponto final já transmutado. O tradutor pode interferir ou apenas exercer essa função prática. De todo modo, “o fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores”. (Arrojo, 2007, p.12).

Mounin traz à memória uma ideia que já estava nos tradutores greco-latinos: para traduzir o significado (em suas várias conotações) não basta conhecer a estrutura da língua, é preciso ter conhecimento das coisas a que o texto faz referência, seja essa referência histórica, social, cultural etc. Entretanto, também do ponto de vista do crítico Georges Mounin, o trabalho de transposição do tradutor não deve ser concebido como uma mera operação linguística. O autor define a tradução como “uma operação sobre fatos a um só tempo linguísticos e culturais, mas cujos pontos de partida e de chegada são sempre linguísticos” (1975, p. 215). Há uma medida a se considerar: (i) o ponto chave em que se perpassarão o processo de transmutação de uma língua para outra é “meramente” na linguagem, (ii) o fato temporal, por isso histórico, traz consigo e inclui no processo linguístico um fato cultural e demais movimentos que toca à prática da língua.

Via de regra, parece inevitável nos inclinarmos a uma ótica tradicionalista acerca do movimento tradutório, isto é, talvez algum teórico mais “conservador” pressuponha que determinadas teorias da linguagem se refletem também, em geral, no conjunto estabelecido pelo trabalho de quem traduz, queremos dizer: a função de traduzir parece estabelecer-se com alguns aportes teóricos, como os da linguística, filosofia da linguagem, literatura, e da própria teoria da tradução. Nessa linha de pensamento, Arrojo (2007, p. 13) enumera e enfatiza três princípios pioneiros

básicos, que foram definidos por Alexander Fraser Tytler como pontos fundamentais para a boa tradução: (i) a ideia de que o texto original deve ser totalmente reproduzida na tradução, portanto o tradutor é aquele que faz do seu trabalho uma cópia fidedigna do produto de origem, atentemos bem: é a ideia que deve ser fidedigna; (ii) a cópia (isto é, a tradução) deve trazer em sua estrutura estilística a mesma imagem, por isso o tradutor deve se empenhar em não estar simplesmente copiando ou imitando, mas deve criar a imagem tal qual o estilo que ela carrega no original; (iii) a tradução deve ser tão fluente e tão natural quanto o texto de partida, cabe ao tradutor recriar na língua de chegada: a ideia, a imagem (o estilo) e por fim, a natureza do texto original.

Essa ideia um tanto complexa sobre a tradução, em Tytler, parece fomentar um absurdo ao qual a própria Arrojo (2007) faz questão de trazer uma crítica. Sua crítica busca na literatura borgiana um dos exemplos mais enigmáticos, por via de “Pierre Menard, autor del Quijote”. O conto alfineta alguns problemas em que se mostram emergentes, e que estão vinculados à prática tradutória. A ideia e o processo, de transferência de significados num idioma para outro, pode ser examinado nessa criação de Jorge Luis Borges, em que um personagem acredita desempenhar com perfeição as determinações que giram em torno do objeto a ser traduzido em outra língua. Menard não só acredita, como deveras “desempenha” a reprodução em seu sentido mais fiel: a ideia incutida, a estilística em suas vias conotativas e a fluidez da natureza na qual o texto foi concebido originalmente. Entretanto o sonho de Menard, por vias de sua bibliografia, sugere a incompletude da prática fiel, a impossibilidade do desejo, transmutando cópias imperfeitas e versões distintas da “mesma” obra literária.

É importante frisar como Borges postula já nos anos 20 ideias que ganhariam circulação mais ampla várias décadas depois, quando se falaria de tradução e, antes de tudo, de leitura como um processo de natureza interpretativa, e não meramente decodificadora, relativizando-se a noção de um significado estável do signo. (Amon, 2019, p. 22).

Em Borges, sabe-se ou deve-se supor que não se trata meramente de trazer uma crítica caricaturesca do sonho tradutório de Tytler, mas recuperar a ideia segundo a qual o narrador traz consigo a busca da perfeição de significados, traduções, a busca textual sem falhas para outra língua que não a do texto fonte. Menard era um personagem visionário, visto, portanto, como ideal praticamente

absurdo com o qual os teóricos da tradução se veem a refletir, talvez criticando ou caindo na escorregadia utopia do texto traduzido em perfeita sombra e imagem.

Em continuidade dessa linha de raciocínio, podemos pensar de acordo com Monteiro (2016, 43), o qual afirma que “Para Borges a literatura é uma dinâmica e não um produto, não algo a ser consumido, mas a ser continuado. Não uma procedência necessária: criação e leitura e tradução se dão simultaneamente”. Isso pode significar que pensar acerca do texto original também acarreta uma espécie de efeito posterior condicionado, em que cada leitura do contínuo (isto é, o texto em transformação) traduzido, não está apenas no processo da evolução linguística na diacronia, mas na evolução cultural, histórica e social entre os falantes e leitores do texto original, e a partir dele, dos demais textos vertidos para outra língua.

De acordo com Amon (2019, p. 22) “Após apontar que a perda é inevitável na tradução, em termos da conotação cultural que as palavras trazem consigo, Borges sublinha que tal perda não é privilégio da tradução”. Raciocinemos então que, na atualidade, cada leitor inclinar-se-á ao seu modo de ver o mundo, de captar as singularidades e coletividades em sua própria perspectiva de orientar-se em vias de sua leitura do texto, portanto, essas singularidades serão passíveis ou não de interpretação pelo olhar estrangeirista do leitor (que, pela tradução, torna-se um leitor atento em sua própria língua, como se o texto já tivesse sido escrito originalmente em seu idioma nativo), quando a obra se tratar de um trabalho vertido para a língua de quem se torna parte da singularidade do mundo escrito no original.

Esses leitores contemporâneos, por razão das suas particulares experiências ou de um distinto contexto de idioma, atentar-se-ão bem como apreenderão o mundo criado da outra particularidade estrangeira no deleite por via da leitura, portanto, de forma distinta, visto que por causa do peso cultural em que se distinguem cada cultura (estrangeira, nacional, internacional) necessariamente imposta ao ato de ler. Os diferentes agentes leitores fundamentarão sua radical perspectiva acerca do mesmo livro; em momentos distintos, o conteúdo permitir-se-á perder, e isso não é algo absurdo de se pensar, e aquele personagem borgiano (Pierre Menard) é visivelmente um ato desmedido do pensar sobre a tradução, de outro modo a tradução não seria tal como ela é e será. A Tradução deve ser percebida como recriação de todo modo.

Numa linha de pensamento interessante, como forma de corroborar a ideia anteposta é que “Uma questão talvez secundária da tradução, mas não irrelevante, é que o tradutor é muitas vezes movido pelo impulso de vincular-se ao autor ou original traduzido. Ou de libertação. Como sugere Bloom”. (Monteiro, 2016, p. 44). Nesse movimento pela busca da perfeição tradutória, a angústia se realiza no trato menardiano, e por que não dizer de uma idealização já praticamente ultrapassada? A tradição a respeita, a venera, e perpetua como ato da compreensão, pois a sugere, talvez a idealize como utópica. Entretanto, não interfere no trato contínuo dessa busca do par semântico em vias de uma suposta fidelidade de significados. Seria a criatividade um impulso na recriatividade como um movimento musical coda, uma fuga ao início de tudo, e tudo se repete num tipo de (re)verberação textual. Talvez pensem dessa forma os tradutores mais inculcados com tal ideia. Disso sugerimos o suposto interminável da crítica à tradução, eis um dilema *ad infinitum*.

A tradução, como leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados “originais” de um autor, e assume sua condição de produtora de significados; mesmo porque protegê-los seria impossível, como tão bem (e tão contrariadamente) nos demonstrou o borgiano Pierre Menard. (Arrojo, 2007, p. 24).

Seguindo em nossa reflexão aqui, é atestável o que podemos afirmar acerca da língua como fenômeno em curso “histórico” e em movimento instável, por isso dizemos tratar-se de um objeto cultural dinâmico, que improvavelmente se engessarà no tempo, frisamos assim acerca das línguas vivas. As línguas em seus estados históricos precisam suas funções de preservarem-se no produto da literariedade, referimo-nos ao texto originalmente escrito na língua alvo, e numa segunda função, manterem as obras vivas em outro movimento: a traduzibilidade. Antes de qualquer coisa, é preciso salientar que, por “traduzibilidade” entendemos também (*cf.* tópico sobre a tradução em Walter Benjamin) como aquilo que condiciona um processo legível comunicativo: dar sentido à obra como objeto possível de condicionar-se ao movimento de codificação acessível, cognoscível, portanto plausível de entendimento, e assim seria de fato um movimento de enunciados exponíveis à atividade tanto tradutória quanto interpretativa.

Em nossa discussão, seria cabível e curioso incluirmos a seguinte assertiva: “toda língua evolui a partir de seu centro referencial da cultura, levando as mudanças aos pontos mais periféricos com o passar do tempo”. (Fromming, 2009, p.

14). Interessante perceber no processo tradutório, sem que de fato o haja em seu aspecto cultural mais marginal, que os contornos aparentemente aliam-se nas bordas da comunicação social, em que esse uso linguístico se depreende em seu percurso fenomênico-linguístico, quando na verdade, em seu mais alto nível, atrelam-se às camadas para além do centro, encontrando nas regiões periféricas aquilo que se preservou historicamente.

Tendo afirmado e refletido nessa nossa breve exposição, entender-se-á que essa busca do movimento plurissignificativo por via tradutória, levar-nos-á às regiões mais longínquas, isto é, àqueles lugares menos tocados pela formidável metamorfose da linguagem e seus jogos de “querer dizer” (isto é, “significar”). Esse parágrafo foi meramente para esclarecermos o ponto chave da discussão: o processo tradutório adequa-se ao movimento histórico e cultural (sem esquecermos a questão da estrangeiridade, nacionalidade e internacionalidade), em que as línguas ora se preservam, ora se modificam; e isto é naturalmente comum ao se tratar dessa atividade e capacidade comunicativa (portanto, semiótica) que é a linguagem, seja ela verbal, textual, gestual, etc. As linhas que se seguiram em nosso capítulo, como acabamos de observar, trouxeram outros debates e reflexões sobre esse processo tão (re)criativo – a tradução – e pertencente à cognição e capacidade humana de ressignificar o conhecimento da e sobre a realidade por via linguística. E se ressignificamos o dito, o texto, entendemos assim o aporte (re)criativo do ato tradutório. Dessa forma, pode-se afirmar que

[...] a tradução é um diálogo de individualidades criadoras de diferentes culturas, isto é, um autêntico diálogo de culturas, no qual o tradutor escarafunha as entranhas do original, ausculta as vozes que o povoam, entranha-se no às vezes quase insondável da linguagem, compenetra-se da vida de suas personagens; em suma, embebe-se do original para poder interpretá-lo em seu conjunto e dar-lhe uma nova vida, vida essa, porém, marcada pela singularidade dos múltiplos modos de ser da língua e da cultura do tradutor, por sua individualidade criadora. [...] Traduzir é interpretar, mas é também e, sobretudo, superar a interpretação, recriando o ritmo da obra na língua de chegada com uma poética que dê conta dos múltiplos sentidos e do modo de ser do original. (Bezerra, 2012, p. 47-55).

Segundo o ensaísta Paulo Bezerra, a tradução de ficção, ao seu ver, seja ela estrangeira ou de caráter ficcional regionalista brasileira, tem como produto final a (re)criação. Dessa forma, entendemos o processo de recriação tal qual derivada da criatividade daquele que a traduz, isto é, do próprio tradutor. E para apoiar seu

pensamento, na obra a qual ele mesmo foi tradutor, *Estética da Criação Verbal* de Mikhail Bakhtin, fundamenta da seguinte maneira:

É claro que certa compenetração na cultura do outro, a possibilidade de olhar para o mundo com os olhos dela é um elemento indispensável no processo de sua interpretação; entretanto, se a interpretação se esgotasse apenas nesse momento ela seria uma simples dublagem e não traria consigo nada de novo e enriquecedor. A *interpretação criadora* não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a *distância* do intérprete no tempo, no espaço, na cultura em relação àquilo que pretende interpretar de forma criativa... Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém sua unidade e sua integridade *aberta*, mas se enriquecem mutuamente. (Bakhtin, 2003, p.365-366).

À vista disso, compreendemos que “A criação tradutora exige que apenas duas línguas sejam as envolvidas, pois, precisamente de uma língua para a outra a letra, a palavra e a sentença do original se recria, se refigura para, então, *na* tradução, tornar-se inteligível.” (Leite, 2012, p.7). E tão somente em razão disso, o processo ou a prática da tradução é um exercício contínuo e criador (criativo também) e, conseqüentemente, a tradução torna-se ato de nova criação, visto que nela interagem duas competências inter-relacionais da atividade: o autor do original e seu tradutor. Portanto, “O tradutor seria aquele quem compreende as experiências que se entrecruzam e que, numa linguagem ricœuriana, podem ser configuradas numa narrativa tal que compreenda tanto o teor de experiência do original quanto o teor de experiência da tradução” (Leite, 2012, p. 5 - 6).

Em *A prova do estrangeiro*, de acordo com Antoine Berman (2002), devemos estar conscientes do significado atual da atividade da tradução, saber dessa função é estar ciente do nosso plano e âmbito histórico, cultural e sociolinguístico. Dessa condição aparentemente oculta, duas são as obrigações do serviço tradutório: (i) amparar estrategicamente o autor da obra, e (ii) moldar-se ao público leitor. E diante desse drama dúbio, o tradutor terá de escolher a que caminho irá percorrer, de um lado servir à língua estrangeira, do outro lado servir à língua própria. Ou seja, “A condição da tradução não é somente ancilar: ela é, aos olhos do público, assim como aos olhos dos próprios tradutores, suspeita.” (Berman, 2002, p. 15).

Ao optar pela língua de quem escreveu a obra, o tradutor terá de adaptar-se à estrangeiridade do original, arriscando-se a manipular sua tradução como quem a escreveu, em seus acidentes culturais e linguísticos. Assim sendo, o tradutor será

um estrangeiro. Embora, não há qualquer certeza se tal tradução, que incorra nessa perspectiva do estrangeiro, guiará o leitor ao entendimento do autor. Porém, caso haja uma bem-sucedida aceitação do público quanto à obra, numa linguagem em que se configura as estranhezas do autor, muito menos teremos certeza se os falantes daquela cultura se sentirão ofendidos, visto que sua obra na língua materna poderá ser considerada intraduzível. Segundo Berman (2002, p.15): “alcança-se aí o domínio hiper-delicado das relações entre o tradutor e os ‘seus’ autores.”

E ao escolher confrontar o público estrangeiro (original), ao deslocar seu trabalho para o público de sua língua própria. Em outras palavras, conduzir o texto do autor à cultura linguística do leitor. O tradutor cometerá uma suposta barbaridade: satisfazer o leitor e desagradar o autor (em outra medida os estrangeiros). A circunstância é a seguinte, “o tradutor terá certamente satisfeito a parte menos exigente do público, mas ele terá irremediavelmente traído a obra estrangeira e, é claro, a própria essência do traduzir”. (Berman, 2002, p. 16).

Não podemos negar que a prática do tradutor é indubitavelmente complexa e por isso está sujeita uma rede de conexões que o desafiam e o infiltram de incertezas à sua função. O tradutor necessita se equilibrar em duas dimensões árduas: (i) assumir a fidelidade ao texto de origem na língua do autor e (ii) tornar a obra acessível e significativa para o público-alvo. Nessa condição ele navegará pelas diferenças e nuances culturais e linguísticas entre os idiomas envolvidos na tradução, daí sua escolha pela estrangeiridade resulta desse desafio: traduzir ou trair. No entanto, é uma tarefa difícil, em que muitas vezes não há uma solução perfeita, necessita-se adaptar conforme o que lhe parece conveniente. E cada tradutor enfrentará esse desafio de maneira singular, desde que sua intenção seja levar em consideração os diversos fatores, desde o contexto cultural de origem até sua própria interpretação da obra em razão do público leitor. À vista disso,

A relação com o estrangeiro e, pois, caracterizada pelo fato de que se busca nele uma diferença ela própria determinada. Além do mais, a cena da relação do próprio e do estrangeiro é dominada pelo que, além de sua oposição, e o elemento de sua coexistência possível: o estrangeiro nunca e senão um alter ego e, inversamente, eu sou o estrangeiro de uma multiplicidade de alter ego. (Berman, 2002, p. 113).

Ao passo que uma consciência empírica da tradução implica ao tradutor sua estrangeiridade, esta lhe resulta estrangeira, pois para aquele que traduz, o

texto simultaneamente é outra coisa e constituído do não-eu, isto é uma modificação de si para se tornar um eu-outro através de sua cultura (*Bildung*). Segundo Berman, a *Bildung* significaria geralmente o termo “cultura” e pode ser considerada como a variante erudita da palavra *Kultur*, de origem latina. E a tradução se estrutura nessa cultura quando se trata de um processo em que a relação com o estrangeiro se permeia pela estrutura da linguagem, ou o ato tradutório em si. Por via da *Bildung* um sujeito, uma comunidade ou um país inteiro, bem como sua arte, sua história e sua literatura (todavia língua escrita) em geral se formam e adquirem uma imagem, uma figuração.

Ademais, nas palavras do filósofo Antoine Berman (2002, p. 84: “Essa breve caracterização esquemática da *Bildung* mostra imediatamente que ela está intimamente relacionada com o movimento da tradução”. Ou seja, quando se parte do próprio (o tradutor, o conhecido) para ir de encontro ao outro (o estrangeiro e/ou estranho), tal relação resultará na consciência empírica do próprio estranhamento como forma de apropriação (não uma apropriação radical), mas de um retorno a seu ponto de partida na imagem que se figura do estrangeiro.

Como bem discutimos, essa relação com o estrangeiro, nela há uma tendência para explorarmos aquilo que é diferente de nossa experiência como falantes de uma língua, embora se imagine uma oposição entre o próprio e o estrangeiro, a possibilidade da coexistência implica que os espaços das diferenças compartilhem uma identificação mútua¹⁴⁴. Desse modo, isso destaca a ideia de que todos nós somos estrangeiros em algum contexto e para outro sujeito, e que essa dualidade é inerente às relações sociais, às atividades culturais, às artes (da literatura principalmente) etc.

As situações coloniais e pós-coloniais demonstram que a tradução é mais bem empreendida com um aparato crítico sintonizado com as diferenças linguísticas e culturais que compõem o cenário local. Somente essas

¹⁴⁴ Venuti defende a estrangeirização como uma prática tradutiva que exprime uma relação mais próxima à cultura de origem. É importante salientar, portanto, que mesmo que seus argumentos nos direcionem para uma prática tradutiva que acolha as diferenças culturais entre os textos e que esta não está, necessariamente, fundamentada numa tradução entendida como literal, palavra por palavra. Estrangeirizar, portanto, não quer dizer seguir à risca o texto de partida, mas um jogo de estratégias que escolhe repassar ao leitor a sensação, a impressão de estar em contato com um texto estrangeiro, com uma cultura estrangeira. (Galelli, 2012, p. 88).

diferenças oferecem os meios de registrar a estrangeiridade das culturas estrangeiras na tradução. (Venuti, 2019, p. 180)¹⁴⁵.

De toda maneira, quando tratamos de obras literárias (estrangeiras ou não) que passam pela tradução, “no texto traduzido, o estrangeiro certamente se torna próximo, mas, do mesmo modo, o próximo (a língua materna do tradutor) fica como que distanciado e se torna estrangeiro.” (Berman, 2002, p. 179-180). E além do mais, “Um projeto tradutório pode se distanciar das normas domésticas a fim de evidenciar a estrangeiridade do texto estrangeiro e criar um público leitor mais aberto.” (Venuti, 2019, p. 177)¹⁴⁶.

Finalizada aqui nossa discussão sobre a estrangeiridade e a tradução, adiante entraremos no capítulo que coroa nossa pesquisa, a saber: a análise neológica do léxico regional de *Vidas Secas* para sua versão em esperanto. O capítulo constitui-se de quatro tópicos específicos: (i) Complemento de teoria neológica e seus desdobramentos como ciência responsável pela análise da formação e criação de neologismos, em especial ao debate da neologia no esperanto; (ii) análise sobre a obra de Graciliano Ramos, e seu espaço como autor regional na literatura modernista brasileira; (iii) comentário sobre o glossário das unidades lexicais regionais de *Vidas Secas*, nas respectivas línguas (português e esperanto); (iv) uma análise crítica das unidades neológicas de *Vidas Secas* para o esperanto, tecendo comentários oportunos ao que até então fundamentamos acerca de neologia e esperantologia: intercultura, neologia e criação lexical do esperanto, empréstimo e estrangeirismos, etc.

¹⁴⁵ Colonial and postcolonial situations show that translating is best done with a critical resourcefulness attuned to the linguistic and cultural differences that comprise the local scene. Only these differences offer the means of registering the foreignness of foreign in translation. (Venuti, 1998, p. 189).

¹⁴⁶A translation Project can deviate from domestic norms to signal the foreignness of the foreign text and create a readership that is more open. (Venuti, 1998, p. 87).

4 O LÉXICO REGIONAL EM VIDAS SECAS

O presente capítulo concentra-se na teoria neológica e sua aplicabilidade analítica em que explora a criação de novas palavras (neologismos) e unidades lexicais no interior de uma língua, abordando o processo de enriquecimento do léxico. A neologia abrange a criação de novas formas de significante e significado, regulada por um conjunto de regras que ditam a criação, inserção e uso dessas formas no sistema da língua.

O estudo da neologia não se limita à identificação dos neologismos, mas também à análise dos mecanismos que os tornam efetivos na comunicação entre falantes. Discute-se dois fatores que regulam a renovação lexical: **tipologia**, que define as características dos verbetes a serem incorporados, e **(re)aparecimento**, que trata de como palavras ou expressões são readmitidas ou reutilizadas. Tendo em consideração que a renovação não é aleatória, mas guiada por uma dinâmica interna ao sistema linguístico e à comunicação social, ajustando-se às necessidades dos falantes.

A neologia é um processo dinâmico e contínuo, que envolve desde a criação de neologismos até o estágio em que uma palavra deixa de ser considerada nova, tornando-se parte do vocabulário comum. O uso frequente e a aceitação pelos falantes determinam o sucesso de uma nova unidade lexical. Além disso, Barbosa (1996) menciona quatro mecanismos fundamentais para a criação lexical: (i) **Unidades lexicais disponíveis** no sistema linguístico, prontas para serem atualizadas. (ii) **Modelos estruturais** que permitem a criação de novas unidades. (iii) A relação entre **neologismos e funções da linguagem**, tanto no sistema quanto no enunciado. (iv) O **processo dinâmico** que vai da criação até a eventual normalização ou desuso de neologismos. Assim, neste capítulo, o estudo da neologia envolve tanto o aspecto intralinguístico (morfologia, sintaxe, semântica) quanto o extralinguístico (contexto social, cultural, histórico).

Portanto, os neologismos não apenas surgem de mudanças na linguagem, mas também refletem a evolução cultural, tecnológica e social da comunidade linguística. No caso do **esperanto**, uma língua planejada, o estudo da neologia revela como novos termos podem ser integrados a um sistema lexical

projetado para neutralidade e lógica. Tendo visto isso, veremos que a pesquisa sobre a tradução dos regionalismos de *Vidas Secas* para o esperanto ilustra como o processo neológico pode ser aplicado em um contexto de tradução intercultural.

4.1 Complemento de teoria neológica

A criação lexical ou neológica refere-se a um determinado processo pelo qual palavras novas ou unidades léxicas são criadas em uma língua. Essas novas unidades lexicais podem surgir por via de uma série significativa de processos, incluem-se nessa variedade a combinação de elementos já existentes no sistema da língua, a adaptação terminológica proveniente de outros idiomas, a própria criação de novos significados para determinados verbetes da língua e assim por diante. Dessa numerosa quantidade de combinações, por exemplo, existem as chamadas regras de produção para que as palavras sejam no fim das contas adotadas e inseridas no corpo lexical como novas unidades, e daí passem a recorrer no uso comunicativo entre os falantes de uma língua.

Quando falamos de regras de produção no sistema lexical, estamos a dizer que essas regras vão desempenhar uma função essencial na criatividade e na inserção de novas unidades lexicais. Tais regras podem envolver aspectos como a formação ou exclusão de unidades léxicas, sejam elas por via de combinação de palavras, pelo uso de afixos (sufixos e prefixos), o uso e o emprego de composição, a derivação morfológica e a sintática, etc. Ou seja, um estudo sério da neologia lexical não é delimitado apenas por sua identificação das potencialidades de criação lexicais no interior do sistema linguístico, mas também envolve o exame dos mecanismos pelos quais essas potencialidades se tornam efetivas, resultando numa admissão dos termos criados e incorporados ao sistema lexical de uma língua.

O estudo da neologia não somente identifica virtualidades da criação de novas unidades lexicais, mas também resultará em processos pelos quais essas virtualidades se tornem efetivamente pertencentes ao sistema da língua em uso, ou seja, as novas unidades são incorporadas ao conjunto terminológico dessa língua, e então se tornam parte do vocabulário dos falantes que a usam. Sendo assim, tais

pormenorizações envolvem aspectos socioculturais, mudanças nas necessidades de intercomunicação, acidentes extra-linguísticos, e demais outros fatores que podem impactar o desenvolvimento evolutivo com um fim ao enriquecimento do léxico de uma determinada língua; no decorrer histórico, cultural, econômico, político e outros. Ademais,

Como o léxico é o reflexo do universo das coisas, das modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade, o estudo da neologia lexical consiste, pois, também, em reunir uma série de neologismos surgidos em um período preciso da vida da comunidade linguística. (Barbosa, 1996, p. 77)

De acordo com Maria Aparecida Barbosa (1996), a ideia de renovação lexical, isto é, a introdução de novos verbetes ou unidades léxicas na língua, não tem sua ocorrência de modo meramente eventual, imprevisto, nem tampouco surgiria num evento caótico. Em razão disso, ela sugere que há uma dinâmica subjacente ao enriquecimento do léxico de uma língua qualquer, essa dinâmica pode ser compreendida e até mesmo regulada em certa medida. Dois são os fatores que podem regulá-la: **(i)** a tipologia: refere-se à nossa impressão sobre as características de determinados verbetes ou expressões viáveis à inserção no corpo lexical de uma língua. Como por exemplo: novas palavras podem ser neologismos, empréstimos, composições já existentes na estrutura da língua, etc. A compreensão tipológica de novas unidades permite ajustarmos com precisão as novas terminologias e renovações no sistema do idioma. **(ii)** o (re)aparecimento: um processo pelo qual os mecanismos resultam em um novo uso de palavras ou expressões a fim de inseri-las ou readmiti-las no idioma. Compreender esse processo pode auxiliar na previsão e na regulação do fluxo de inserção de novas ou antigas unidades lexicais.

Mas antes de entrarmos nessa questão tipológica da língua (discutiremos isso em razão de nossa investigação quanto às unidades lexicais regionais que compõem o glossário delimitado por nós de *Vidas Secas* para o esperanto, na versão traduzida por Leopoldo H. Knoedt), vamos ainda “fertilizar” um tanto mais o nosso “solo” aqui com as devidas bases teóricas. Julgamos viável e justificável, portanto, inserir breves discussões na teoria (de base saussuriana) desenvolvida por Maria Aparecida Barbosa (1996). E para fins de tirarmos a obscuridade e qualquer tipo de ambiguidade conceitual sobre a compreensão da teoria neológica e neologismo, destacamos o seguinte:

A oposição entre processo e produto pode-se fazer corresponder a distinção entre *neologia* e *neologismo*: se neologia é o processo que pode ser definido em termos de uma tipologia, o neologismo é o produto que, depois de passar por aquele processo, pertence a uma tipologia de neologia. Com efeito, de vez que a neologia é o processo pelo qual a mudança linguística provoca o aparecimento de formas de significante e significado novas – não ainda encontradas na língua ou num determinado conjunto de enunciados – , ela deve poder ser estudada ao nível de suas consequências, de seus resultados, isto é, dos neologismos. A neologia postula um sistema, um conjunto de regras que exercem uma coerção sobre a criação, a sinalização, a determinação e o emprego dessas novas unidades. (Barbosa, 1996, p. 78)

Diante da renovação lexical como um movimento dinâmico e subjacente, a criatividade pode parecer meramente espontânea, mas sua estrutura segue padrões e regras que podem ser estudados com fim de serem entendidos, e isso influencia de algum modo o desenvolvimento e o processo de inserção de novas unidades. Essas novas unidades por sua vez resultam do que acabamos de expressar como “mudança linguística”, por via da relação que há entre o conteúdo significativo e a manifestação da imagem acústica, esses dois movimentos linguísticos são expressões do signo que o falante realiza na sua relação com outros falantes no discurso, em outras palavras, na comunicação por via dialógica. Não é por menos que essa mudança linguística pode, dentro do jogo dialógico, manifestar novas formas neológicas.

As novas formas manifestam-se como acidentes neológicos, mas não um acidente meramente sem causa, sem regulações, sem vias de trato sistemático no interior da língua. As palavras ou unidades neológicas podem ocorrer de diversas maneiras; e para citarmos algumas delas: a combinação, a adaptação por empréstimo (os conhecidos estrangeirismos), entre outros acidentes regulares. Por isso, uma área que se presta ao serviço da linguística como uma disciplina acerca da evolução e da adaptação às necessidades e mudanças de comunicação é de inteira responsabilidade do estudo da neologia, que não se limita apenas na identificação ou documentação descritiva dos neologismos em si, mas envolve a análise de suas causas e ocorrências, contextos de fala e uso das novas unidades e expressões, bem como a aceitação e inserção (sem esquecer a renovação) dos novos termos lexicais na língua a fim de adequarem-se ao contexto de uso e de comunicação.

E como essa ciência, abraçada à estrutura dos estudos da linguagem, exige a existência de um sistema ou um conjunto de regulações que influenciam e direcionam a formação de novas unidades, tais regras provenientes de sua análise podem variar a depender dum contexto linguístico e de fala, obviamente, visto que as convenções sociais e culturais, bem como as necessidades intercomunicativas são múltiplas, assim também diversificam as leis de sua estrutura neológica. Se as palavras podem surgir nesse rol de mudanças e fluxo de oscilações de significado, então é claro que há uma variedade de razões que incluem: comportamentos sociais, avanços tecnológicos, a inserção de novos termos provenientes de línguas em contato, e demais outros fatores.

Por isso, apesar de uma aparente mudança arbitrária no sistema da língua, o sistema dessas regras, muitas vezes, está sujeito a certas restrições ou padrões linguísticos que regem sua formação e aceitação pela comunidade e seus falantes. Dito isso, à neologia cabe a função de analisar esses padrões e regimentos, dos quais podemos considerar os seguintes aspectos: a flutuação fonológica, os acidentes morfológicos, a relação sintática entre as unidades lexicais, e a criatividade semântica, etc. O estudo de tais aspectos ou fatores são relevantes para uma análise cuidadosa do trato neológico e seus neologismos em qualquer língua.

E como bem afirmava Ferdinand de Saussure (2017, p. 116)¹⁴⁷: “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo”. Entretanto, e não menos importante: “a neologia constitui, ao mesmo tempo, uso e subversão do código, reconhecimento e transgressão da norma; é, pois, criatividade governada por regras, é criatividade que muda as regras” (Barbosa, 1996, p. 79). Dito isso, a autora ainda enumera quatro mecanismos importantes que subjazem à concepção do processo da neologia, a saber:

- a) Existem, no sistema linguístico, as unidades lexicais efetivas, disponíveis para atualização pelo falante-ouvinte;
- b) Depreende-se das primeiras, estruturas que permanecem como modelos e que permitem ao sujeito linguisticamente competente criar novas unidades;
- c) Estabelecem-se relações entre neologismo e as funções da linguagem, ou se se preferir, o

¹⁴⁷ Une langue est radicalement impuissante à se défendre contre les facteurs qui déplacent d'instant en instant le rapport du signifié et du signifiant. C'est une des conséquences de l'arbitraire du signe. (Saussure, 1971, p. 110)

neologismo tem de ser considerado não apenas no sistema, mas também no enunciado e no ato de enunciação; d) Há que se considerar, finalmente a neologia como um processo dinâmico, que vai de momento da criação do neologismo até a desneologicidade, e, desta, para uma nova situação neológica. (Barbosa, 1996, p. 79).

Nessa linha de domínio e percepção, compreendemos que “o neologismo só pode ser entendido e definido em situação de produção, em que aparecem conjugados o contexto intra e extralinguístico” (Barbosa, 1996, p. 97). À vista disso, A compreensão e a definição de uma unidade neológica são frequentemente influenciadas pelo contexto em que estão em uso entre falantes, tanto no interior como no exterior da linguagem. Isto é, dentro de um contexto intralinguístico, a estrutura e a formação das palavras ou expressões, inclui-se sua morfologia, sua sintaxe e semântica, desempenham um papel fundamental para função neológica. E por outra parte: o contexto extralinguístico, como a situação e ambiente cultural, social e histórico também desempenham uma significativa atribuição para o contexto neológico.

As unidades lexicais recém-criadas, ou apenas lexias neológicas, adquirem seu pleno sentido dentro de um enunciado ou múltiplos enunciados a depender das situações a serem empregadas pelo domínio dialógico dos falantes, numa comunicação plenamente razoável e significativa. Compreende-se daí, que os significados dos verbetes não estão rigidamente fixados num só conceito isolado, porém esses usos entre os falantes moldam as diversas formas de sentido em que as palavras passam a ser combinadas, retiradas, inseridas, renovadas, ajustadas etc.

Quando um termo é utilizado em uma determinada enunciação com contextos específicos, esse mesmo termo sofrerá e interagirá com outras unidades lexicais, assim como num contexto de uma simples a uma complexa conversa entre usuários numa dada comunidade linguística. A comunidade esperantista não iria ser isenta de jeito algum dessa manifestação (dos neologismos) que denominamos e tanto discutimos. Ademais, frisamos que palavras são ajustáveis e por isso são demasiado passivas de serem mutáveis e se distribuírem em diversidade de significado e em numerosos contextos. Portanto, é por via do uso dos enunciados e em situações de comunicação que as lexias neológicas ganham sua plena noção

semântica e se tornam unidades efetivas na dimensão léxica de um ou mais falantes.

Como um signo linguístico, essa unidade neológica receberá sua posição de valor semântico, e por via de estruturas que se engajam no sistema de uma dada língua, o seu valor de comunicação definirá seu significado específico da unidade lexical empregada. Entretanto, é plausível que “se considere distintamente a lexia do código, e a lexia no ato de fala” (Barbosa, 1996, p. 97), uma coisa é determiná-la numa concepção essencialmente gramatical ou normativa, e outro detalhe é distingui-la na sua concepção de prática ou uso entre falantes. E segundo a linguista e neóloga Maria Aparecida Barbosa, dois são os fatores que modificam (ou atualizam) a unidade lexical e resultam numa expressão neológica, a saber: **(i)** o processo e **(ii)** a ocorrência. Para tentarmos elucidar essa questão do processo e ocorrência, que se manifestam em conjunção de um sistema e sua modificação em razão de atualização das unidades lexicais, observemos as palavras da autora:

O uso frequente dessa lexia em certos tipos de universo de discurso faz com que, em cada um deles, apareça quase sempre com certos traços enfatizados e outros não, de tal forma que, ao produzirmos um novo enunciado identificado dentro de um deles, teremos somente a atualização de tais traços; poderemos, então, reconhecer o modelo que estamos usando e saber em qual universo de discurso estamos operando. [...] Cada realização de semelhantes modelos será uma *palavra-ocorrência*, colocada ao nível do texto; cada ocorrência resulta, assim, de um complexo processo de atualização. (Barbosa, 1996, p. 99)

Pelo que entendemos, a ideia parece descrever que os verbetes podem adquirir aspectos específicos a depender de um determinado contexto de enunciação. Isto é, o discurso delimitará fundamentalmente os traços de sentido e significado que moldam o conceito pertencente a uma palavra ou a um conjunto delas, então quando uma palavra está em utilidade de comunicação, ela frequentemente será determinada num universo de discurso, obtendo aqueles traços ou conotações que a enfatizam para seu uso contextual específico. Tais traços ou aspectos semânticos da palavra podem incluir associações (inter)culturais, significados subjacentes, nuances de sentido, e até mesmo percepções ambíguas entre os falantes. Assim, se uma palavra é utilizada em um novo enunciado dentro de um universo dialógico específico, os traços já estabelecidos são modificados, e então atualizam-se a fim de que a comunicação com significado seja operada com sucesso. Queremos dizer, cada ocorrência de um verbe (neologismo ou não)

representa uma instância desse processo de atualização, e que contribui para o avanço e renovação lexical da língua. Em razão disso, enfatizamos que

O significado de uma lexia disponível no código, num momento, é por conseguinte resultante dos contextos produzidos anteriormente. A maioria dos linguistas concorda em admitir que o significado de uma palavra é a soma e a codificação de todos os significados específicos, atualizados em frases particulares. É claro que essa amplificação sêmica tem limitações, num determinado espaço de tempo; muitas frases realizadas, e que são sempre atualizações exclusivas, contém palavras que são atualização com base em modelos que servem a todas as produções subsequentes que se caracterizam por uma situação equivalente. Por outro lado, se o significado da lexia resulta de contextos já produzidos, é necessariamente um significado polissêmico, já que tais contextos correspondem a modelos de situações e domínios de experiência diferentes. A polissemia só será desfeita no ato de fala, num contexto determinado. (Barbosa, 1996, p. 103)

Essa afirmação, que acabamos de fazer menção, imprime uma posição acerca do significado da palavra, que não é deveras estático, mas dinâmico e se faz ser determinado com suas características em razão do contexto em que ele é inserido. O verbete se adapta e não por menos é influenciado pelo contexto em que é utilizado no discurso pelo falante a outros falantes em seu momento de atividade e passividade, portanto, de emissor (ou locutor) a receptor (ou interlocutor). Requerer a compreensão de um signo dado, exige dele uma codificação do contexto em que o mesmo aparece na sua função comunicativa. Quanto a ser polissêmico, se o significado da lexia é influenciado por distintos contextos, há uma probabilidade que tal termo se pluralize também no seu conteúdo sêmico, já que os possíveis contextos podem corresponder a diferentes modelos de situações e domínios da experiência da criatividade lexical.

Todavia, quando o contexto de fala determina os traços de significado duma palavra qualquer, é bastante relevante que os falantes muitas vezes utilizam de percepções ou sinais subjacentes que irão contextualizar e inferir determinado léxico, e com isso interpreta-se o significado para o uso correspondente ao contexto de fala particular e/ou coletivo. Feito isso, a polissemia pode ser gerenciada e então compreendida no mesmo instante do ato de fala, com base no que já mencionamos: o contexto partilhado entre os sujeitos de determinada língua. Mais adiante, tomemos parte do debate com as palavras da neóloga Maria Aparecida Barbosa (1996, p. 106), que afirma o seguinte sobre a importância de se perceber o contexto do funcionamento neológico:

Isso ocorre em todas as palavras. Quanto à palavra neológica, sua dependência do contexto é ainda mais acentuada que a de outra, já consagrada pelo uso. Verifica-se que uma palavra conhecida do Emissor e Receptor tem um significado de língua que é equivalente para ambos: tem um sentido geral, já conhecido nos dois (consenso). A dependência do contexto restringe-se ao fato de que o Receptor precisa da situação de comunicação para identificar a lexia com o modelo de vocábulo que a representa em certo universo de discurso e, com isso, reconhecer seus traços sêmicos lexicais e gramaticais, chegando finalmente a especificidade semântico-sintática do ato, isto é, ao seu valor de comunicação.

Em todo caso, pela leitura que fazemos da autora supracitada, os neologismos são uma parte natural da transformação e evolução da linguagem (língua), que reflete suas mudanças culturais, históricas e sociais, com isso o avanço no conhecimento humano e a necessidade de novos modos de se comunicar não perde sua essência de fluxo mutável, como já bem assinalara, em seu curso de linguística geral, o mestre Saussure. À vista disso, quando há essa ação transformacional no sistema de uma dada língua, sabe-se que tal manifestação linguística “pode ser consciente ou inconsciente por parte dos emissores e não são as mesmas motivações que levam um tipo ou outro de locutor a gerar uma nova palavra, e, simultaneamente, propor um novo conceito” (Barbosa, 1996, p. 136).

Ademais, quando a autora entende essa recepção do sistema ao novo e criativo por via das estruturas linguísticas regidas pela normatividade do sistema gramatical, ela entende também que “é no ato de fala que se dá a criação neológica, embora os modelos de estrutura sejam fornecidos pelo sistema” (Barbosa, 1996, p. 139). Não é exagero ainda afirmar que em certos campos específicos como ciência, tecnologia ou artes, as unidades neológicas podem surgir do consenso de um grupo de especialistas, ou que outros neologismos são gerados organicamente pela população em geral, muitas vezes como resultado de transformações culturais, históricas ou simplesmente de contato sociopolítico e demais fatores já dantes mencionado por nós. Não é por pouca razão que parte desses neologismos são difíceis de rastrear a causa de suas invenções e criatividade. E mais, “qualquer falante numa língua pode ser autor de um neologismo” (Barbosa, 1996, p. 136).

Em vista disso, a nova unidade lexical pode ou não ser adotada e incorporada ao vocabulário comum, e isso se deverá a necessidade de algumas condições, como utilidade, clareza, pronúncia e escrita, e algumas outras. Por hora, é imprescindível concordar que “o neologismo assume o estatuto de neologismo de

língua quando, depois, de criado num ato de fala, é aceito pelos interlocutores, e reempregado em outros atos de comunicação” (Barbosa, 1996, p. 139). Além disso,

A questão da aceitabilidade do neologismo se configura, pois, como um aspecto crucial da dinâmica do léxico, na medida em que é a aceitação do neologismo que determina a recuperação pelo sistema da informação elaborada em discurso e possibilidade, dessa maneira, a renovação do universo lexical. (Barbosa, 1996, p. 140)

E, quando há pouco mencionamos, a questão da regularização desses neologismos, atentemos para as palavras que se seguem: “Se a palavra neológica passa a ser de alta frequência e de distribuição regular entre os falantes, deixa de ser neologismo, perde esse carácter, e passa a pertencer ao subconjunto vocabulário dos elementos de alta frequência, que constituem a norma”. (Barbosa, 1996, p. 145). E o caso contrário também ocorre, até o que pode dar no que a autora chama de “frequência zero”, que é a extinção ou desaparecimento do uso de uma unidade neológica.

À vista disso, resta-nos ainda considerar alguns pontos-chave fundamentais na criação neológica, a linguista e neóloga Maria Aparecida Barbosa (1996), em seu trabalho teórico sobre neologia, nos aponta pelo menos três fatores importantes da criação lexical, que adiante elucidaremos com clareza e objetivo. Segundo a professora Barbosa (1996, p. 173), faz-se necessário portanto conhecermos “a priori três aspectos essenciais na criação do neologismo”, a saber: **(i)** as atualizações na morfologia e na sintaxe são exclusivas de uma dada língua: “cada língua funciona segundo seu próprio código em virtude do qual são produzidos os enunciados de discurso e as formações lexicais. Tudo que provém de outra língua é considerado como dependente de outro código”. (Barbosa, 1996, p. 173 – 174). **(ii)** as atualizações neológicas compreendem uma face bifurcada de base saussuriana: “o neologismo é um signo linguístico que comporta uma face significante e uma face significado, por isso os dois componentes são simultaneamente modificados na criação neológica”. (Barbosa, 1996, p. 174). **(iii)** a atualização neológica é resultado de combinação de elementos simples na língua: “a formação neológica, exceção feita a certas onomatopeias e à criação *ex-nihilo*,

nunca é uma unidade mínima de significado, isto é, um morfema”. (Barbosa, 1996, p. 174)¹⁴⁸.

Ao propormos uma síntese das bases essenciais que possibilitam a criação neológica, a fim de enriquecer o universo lexical de uma determinada língua, enfatizamos mais: todo esse processo tem sua função de integrar a competência dos usuários na língua, que, conscientemente ou não, utilizam-na na sua habilidade criativa para renovação das normas e da estrutura dentro do sistema linguístico. Mas antes, adiantamos nossa perspectiva que isso se trata da cultura dinâmica e da mecanicidade de organização que há no sistema de uma dada língua, e sobre esses detalhes, direcionamo-lo ao nosso objetivo mais significativo: a criação lexical (neológica) no esperanto como língua de sistema planejado, razoavelmente (parcialmente) neutro e essencialmente lógico. E em razão de nossa pesquisa, em breve adentraremos em um contexto da análise neológica dos verbetes regionalistas para a tradução ao esperanto de *Vidas Secas*. Abriremos um subtópico para explicitarmos mais especificamente ao conteúdo da neologia no idioma internacional.

4.1.1 Neologia do esperanto

Com respeito à formação lexical da língua internacional esperanto, mais especificamente sua manifestação neológica, consideraremos importante tomarmos como fundamento para nossa elucidação o trabalho acadêmico, fruto de uma

¹⁴⁸ A respeito desses três aspectos que acabamos de elucidar, a autora ainda expande outras cinco observações referentes a esses aspectos. Segundo Barbosa (1996, p. 174 – 175): “esses aspectos nos permite fazer algumas observações quanto aos processos de formação de palavras neológicas: 1. O neologismo pode decorrer da criação de um novo signo; será uma criação *ex-nihilo* que não recorre a bases lexêmicas ou morfemas gramemas já existentes no código, embora o signo criado tenha de se adaptar às estruturas fonológicas permitidas pelo código linguístico e, ao ser formado, deva necessariamente conter os formantes (morfemas gramaticais) exigidos pela classe sintático-semântica a que for integrado. 2. O neologismo pode decorrer de uma alteração no plano do significante, alteração que ocasiona igualmente a mudança do significado. 3. O neologismo pode decorrer de uma alteração no significado, conservando-se o mesmo significante. Esse mecanismo gera a polissemia e a homonímia. 4. O neologismo pode resultar de uma transformação sintagmática, em que não há mudanças e sim combinações inéditas de morfemas no plano do significante com a consequente alteração no plano do significado. Aqui estariam situados os processos de derivação e de composição. 5. O neologismo pode decorrer da importação de um termo que pertença a outro sistema linguístico”.

pesquisa científica de mestrado na área de linguística, *Renovação lexical do esperanto: mecanismos de formação de neologismos*, de Alberto Emerson Werneck Dias (2007), visto que nos faltam mais pesquisas de mesmo nível, desse modo o referente trabalho, em conjunto com os já utilizados aqui, nos auxilia de forma satisfatória ao nosso objetivo. E para uma introdução, o pesquisador nos declara o seguinte intuito, que também abraçamos para nos sustentar nas linhas que irão se desenvolver durante este subtópico:

Destaque-se que o processo neológico se dá nessa língua planejada como nas línguas naturais, isto é, são os próprios falantes, e não a Academia de Esperanto institucionalmente, que propõe, no dia-a-dia, novos lexemas ou novas combinações dos já existentes. Os acadêmicos obviamente são também falantes competentes para a neologia e também a promovem individualmente. O que determina se o neologismo se tornará norma, no entanto, é sua aceitabilidade pela comunidade de falantes. (Dias, 2007, p. 28).

Adianta-se dessa afirmação, com competência investigativa e razão científica, que embora a estrutura do esperanto permita essas variações para dentro do seu corpo léxico, cuja formação usufrui de um sistema engenhoso e que possui uma capacidade criativa de uma elegante simplicidade, há que se atentar que essa simplicidade nem sempre se direciona a uma produtiva e didática correspondência para a tradução. Além disso, esse aspecto nem sempre se alinhará adequado ao objetivo de aprendizado e culturalmente adotado para comunicação, pois além do mais, aquilo que a comunidade não admite e nem acolhe, naturalmente deixará de ser útil e portanto arcaíza-se ou desneologiza-se.

Em busca de um “suporte” acadêmico de base fundamental, encontramos em René de Saussure uma sugestão de via dupla que nos parece bastante razoável, aquilo que ele chamou de “síntese de palavra” para uma construção de unidades lexicais (ou vocábulos) com o mínimo de esforço. Primeiramente, o princípio de necessidade, como mencionado por René de Saussure, refere-se à ideia de que a combinação de morfemas deve ser de forma a transmitir claramente a ideia que se deseja passar. Isso implica que somente os elementos fundamentais com significado devem ser utilizados, a fim de evitar todo excesso obscuro, ambiguidades e redundâncias desnecessárias ao contexto. E a essa, articula-se o princípio de suficiência, que enfatiza a importância de abster-se dos pleonasmos e ideias que não são relevantes para expressar-se o conteúdo de seu intuito

comunicativo. Assim sendo, o falante contribui para concisão e a eficácia da comunicação, garantindo-lhe uma mensagem sem rodeios e imediata.

15. A síntese, ou construção, de palavras baseia-se no princípio do esforço mínimo, que pode ser expresso da seguinte forma: *Princípio da necessidade*. Para construir uma palavra composta, juntam-se todas as palavras simples que são *necessárias* para evocar claramente a ideia expressa por essa palavra composta (sem ou com a ajuda de contextos). *Princípio da suficiência*. Na palavra que se constrói devem ser evitados pleonasmos inúteis e ideias *estranhas* à ideia a ser expressa. 16. Para construir uma palavra de acordo com os princípios acima, são utilizados procedimentos exatamente inversos aos utilizados para análise de palavras. (Saussure, 2003, p. 12, tradução nossa)¹⁴⁹.

Todavia, como bem menciona Dias (2007, p. 30), “na formação de novas palavras, os esperantistas costumam seguir os mesmos cinco passos usados por Zamenhof. [...] Entretanto cada vez mais o que se vê na criação de novos lexemas é a esperantização de palavras de fundo latino ou inglês”. À vista dessa afirmação, observemos o que o esperantólogo John C. Wells (1978, p. 56) destaca sobre esses princípios seguidos pelo próprio idealizador do idioma internacional:

(1) abreviar, assim como o latim *fuligo* se tornou *fulgo*. [...] (2) evitar homônimos, assim como o italiano *lava* se tornou *lafo*, para não colidir com *lavi*. [...] (3) evitar um início ou final de raiz, que se aparentasse como um afixo, assim como o francês *détachement* se tornou *taĉmento*, *limite* – *limo*, *crépuscule* – *krepusko*. [...] (4) evitar polissemia, de modo que, dos vários sentidos do *bal/balle* francês, *balo* tenha apenas o de *dança*. [...] Muitos pares de “parônimos” devem sua existência a esse princípio. [...] (5) alcançar a internacionalidade através de um compromisso entre as formas linguísticas nacionais, por exemplo, *forgesi* do inglês *forget* e do alemão *vergessen*. [...] Através desses meios Zamenhof alcançou seu objetivo de uma língua lexicalmente harmoniosa¹⁵⁰.

Seguindo nessa linha de discussão, sabemos que para uma língua que se propõe “neutra”, por possuir um sistema simplificado de formação lógica e razoavelmente fácil, não obstante seja improvável que cerca de mais de 90

¹⁴⁹ 15. La sintezo, aŭ konstruo, de vortoj estas fonditaj sur la principo de *minimuma peno*, esprimebla jene: *Principo de neceso*. Por konstrui vorton kunmetitan, oni kunigas ĉiujn vortojn simplajn, kiuj estas *necesaj* por klare elvoki la ideon esprimotan de tiu kunmetita vorto (sen aŭ kun helpo de kunteksto). *Principo de sufiĉo*. En la vorto konstruata oni devas eviti la *neutilajn* pleonasmojn kaj la ideojn *fremdajn* je la ideo esprimota. 16. Por konstrui vorton conforme al la ĉi supraj principoj, oni uzas procedojn precize inversajn je tiuj uzataj por la vortanalizo. (Saussure, 2003, p.12)

¹⁵⁰ (1) mallongigi, tiel ke latina *fuligo* fariĝis *fulgo*. [...] (2) eviti homonimojn, tiel ke la itala *lava* fariĝis *lafo*, por ne kolizii kun *lavi*. [...] (3) eviti radikkomencan aŭ radikfinon, kiu aspektus kvazaŭ afikso, tiel ke la franca *détachement* fariĝis *taĉmento*, *limite* – *limo*, *crépuscule* – *krepusko*. [...] (4) eviti plurasignifecon, tiel ke, el la diversaj sencoj de la franca *bal / balle*, *balo* havas nur la dancan. [...] Multaj paroj da “paronimoj” dankas sian ekziston al tiu principo. [...] (5) atingi internaciecon per kompromiso inter nacilingvaj formoj, ekzemple *forgesi* el angla *forget* plus germana *vergessen*. [...] Per tiuj rimedoj Zamenhof atingis sian celon de leksike harmonia lingvo. (Wells, 1978, p. 56)

nacionalidades (isto é, os sujeitos da comunidade esperantista de diferentes países) não estranhem ou sejam passíveis de aceitar com bastante desconfiança o uso de novas unidades lexicais recém-criadas. Como havia pontuado a teórica e neóloga Barbosa (1996), é preciso a etapa da aceitabilidade dentro da comunidade, do contrário o novo termo em voga entra em desuso, isto é, a palavra, recém inventada, passa a ser um “candidato lexical” a desneologizar-se. Todavia, “o fato de que o esperanto é uma língua eminentemente escrita faz com que o papel dos noticiários on-line (jornais e revistas) seja essencial na divulgação e corroboração de formas novas” (Dias, 2007, p. 37). Em posição de fundamentar e dar razão a esse debate, observemos o seguinte argumento:

[...] um dos padrões de análise para o empréstimo de palavras é o *Grammar-external factors*, ou seja, fatores para além da gramática da língua. Esse é um fator importante para adaptação de radicais novos e aceitação de novas palavras em esperanto. A comunidade linguística costuma discutir bastante sobre os possíveis processos de adaptação e aceitação de novos radicais, seja por meio de redes sociais, por listas de e-mails ou durante congressos. De qualquer forma, o que vale, é claro, é o uso real da palavra pelos falantes. (Oliveira, 2016, p. 94).

Ao introduzirmos novas unidades lexicais, constituídas de seus traços singulares sêmicos, entram em jogo, entre nós falantes e pertencentes à comunidade esperantista, a questão do reconhecimento da nova unidade que não será facilmente integrada ao sistema do idioma internacional. E quando reconhecida, ajustam-se portanto ao sistema fonológico e morfossintático da língua, sem que haja prejuízos de admissão do verbete recém-criado. Todavia, se a nova unidade lexical não leva em sua estrutura a identidade linguística do idioma, nem incorpora as conotações culturais e discursivas do esperanto, dificilmente ela ingressará com proveito para o uso comunicativo por meio da língua.

Ademais, seguindo as mesmas expressividades de argumentação e pesquisa da esperantóloga Karina Gonçalves de Souza de Oliveira (2016), ressaltamos que, independentemente das controvérsias, objeções e questiúnculas que possam haver entre os teóricos da linguística do esperanto, o que de fato é determinante para o reconhecimento e integração da nova unidade lexical é sua realidade de uso, isto é, sua prática no contexto de comunicação entre os esperantistas ou qualquer adepto simpatizante do movimento. Dessa maneira, continuamos a enfatizar que

É inegável, entretanto, que as mudanças da língua se efetuam, apesar de todas as pressões conservadoras, e ocorrem em todos os níveis do sistema linguístico, em todos os níveis e registros de fala e em todos os universos de discurso. Não são raros, por exemplo, os neologismos de língua e, depois, norma. O ponto intermediário entre o neologismo de fala e o de língua é o uso da unidade por mais de um locutor. (Barbosa, 1996, p. 138)

Com essa razão, novos radicais se integram ao sistema do idioma neutro, tendo papel importante para comunicação internacional, e seguem como novas unidades neológicas que ganham aceitação do público esperantista, sendo adotadas de forma consistente pelos falantes, e por fim se tornando parte do vocabulário normativo para além dos usos comuns da língua no cotidiano.

A esse movimento neológico e atualização *ad aeternum* constituinte da estrutura morfossintática do esperanto, somo a uma noção bastante simpática e atualizada nos estudos da esperantologia, desenvolvida pela esperantóloga Andréa Eduardo (2021, p. 149 - 150), que denomina o idioma internacional como uma “translíngua”. Para a autora, o esperanto se manifesta como uma translíngua¹⁵¹ em seu processo de desenvolvimento como sistema de linguagem, da seguinte maneira ela afirma:

A translíngua pode ser qualquer língua no contexto de práticas translingues, o que faz do esperanto uma translíngua, mas não como qualquer outra translíngua. No caso do esperanto, o atravessamento linguístico e cultural não se deu com o seu uso em contextos translingues, embora esteja sujeito a esse atravessamento enquanto língua viva. O esperanto nasceu do contexto translíngua, não foi atravessado, nasceu atravessado, é e está em atravessamento, por línguas e culturas, é resultado de um contexto de translinguagem. Cabe ressaltar que, o esperanto não resultou de uma evolução linguística a partir de uma língua natural X, como o Português, o Francês, o Italiano, derivaram do Latim, mas foi elaborado a partir de diversas línguas, das quais, muitas faziam parte do contexto translíngua da Polônia. O esperanto nasceu translíngua! (Eduardo, 2021, p. 148).

Com isso, nos apoiamos e fundamentamos o que até então discutimos como processo de atualização neológica do esperanto, em que uma língua atravessa e é atravessada pelas estrangeiridades identitárias de outros idiomas, de outras culturas nacionais, de outras expressões linguísticas (aparentemente

¹⁵¹ A translíngua é atravessada por outras línguas e culturas, ao mesmo tempo que as atravessa, linguística e culturalmente. A translíngua é, ainda, atravessada pela subjetividade dos falantes de línguas outras, assim como atravessa a subjetividade desses falantes. E nesse contexto de atravessamentos, essa língua se transforma e provoca transformações nos sujeitos, nas línguas, nas culturas, no fazer político. No processo de atravessar e ser atravessada, essa língua continua sendo ela, mas sempre tornando-se outra, se constitui sucessiva e ininterruptamente. A translíngua já não é mais uma monolíngua e, provavelmente, nunca tenha sido. (Eduardo, 2021, p. 148).

estranhas para nós). Essa interseção manifesta um espaço criativo, onde a subjetividade de outros falantes (que não apenas nós) influenciam para o uso coletivo da língua internacional em questão. Em outras palavras, quando tentamos aqui ainda sintonizá-la (a estrangeiridade neológica) à questão da pluralidade linguística, das razões as quais identificamos o esperanto como uma língua não-estrangeira, que se constitui de estruturas estrangeiras, queremos além disso, fazer menção ao seguinte ponto importante, no esperanto:

A diversidade linguística passa a ser valorizada como ferramenta e as línguas minorizadas são convidadas ao contexto de uma prática translíngua. Dessa forma, o esperanto, como translíngua, não está fadado a um monopólio monolíngua, cujo ensino e imersão completa estão destinados a uma elite dominante, corroborando práticas de exclusão. A característica translíngua do esperanto facilita a promoção da inclusão social, o senso de valorização de línguas e abre caminhos para a aprendizagem de diversas línguas. (Eduardo, 2021, p. 157)

Ademais, essas manifestações multisêmicas auxiliam na universalidade, para a qual estão incluídas qualquer cultura envolvida (uma interculturalidade) no desempenho do sistema da língua, isto é, a translíngua influencia as práticas políticas, sociais e manifestações do conhecimento humano em razão de uma comunicação suficientemente plena e sem detrimientos de significado. Ainda, destacamos essa forma de adaptação de atravessamentos interlinguísticos. Assim sendo, “por meio da elaboração de uma translíngua, Zamenhof almejou sanar as falhas e faltas enaltecidas pelos embates linguísticos provocados pelos conflitos de hierarquizações das/nas línguas” (Eduardo, 2021, p. 148 – 149).

Com base no que acabamos de elucidar, se o esperanto se configura como uma língua planejada, desenvolvida com objetivo de mediar e facilitar a intercomunicação entre distintas nacionalidades, em que seus falantes se originam de regiões cujas línguas são de difícil acesso comunicativo, e se também sabemos que de sua base estrutural constitui elementos linguísticos oriundos de idiomas europeus e outros, logo podemos supor que nessa língua sua estrutura é suficientemente plurilinguística, de modo a torná-lo acessível e reconhecível para quem tem interesse de aprendê-lo, já que boa parte dos falantes se reconhecem de alguma maneira na identidade cultural ou traço linguístico no sistema lexical do esperanto. Daí está sua função de hospitalidade linguística, o que satisfatoriamente discutimos em momentos anteriores.

À vista disso, quanto ao sistema criativo do esperanto, a língua se permite adaptar ao contexto neológico de fala, em que muitas vezes os falantes da comunidade esperantista costumam criar na falta de “querer dizer” algo que não está suficientemente claro no diálogo. Uma das características do esperanto é sua natureza flexível e inclusiva. O idioma foi desenvolvido sem visar a substituição, como já frisamos, dos idiomas nacionais, todavia a língua internacional foi planejada para complementar ou auxiliar, fornecendo uma mediação intercomunicativa razoavelmente neutra, ou seja, sem inclinar-se em benefício de uma dada língua específica.

Queremos ainda argumentar, que em um contexto de prática do esperanto, as demais línguas ainda terão seu espaço e sua relevância, por quais os falantes poderão facilmente negociar os significados de novos lexemas, caso contrário, os usuários os falantes rejeitam esses novos elementos lexicais, tornando-o impróprio no sistema da língua, em outras palavras: a desneologização também é comum no idioma internacional. Portanto,

Como uma “translíngua per se”, o esperanto traz em seu bojo um repertório linguístico amplo, que pode contribuir para a interação em rede, num cenário de plurilinguismo complexo, a partir de práticas translíngues. E, como uma translíngua, o esperanto não inviabiliza outras línguas. Pelo contrário, devido ao seu amplo repertório, outras línguas são convidadas para o contexto de interação, proporcionando uma negociação de sentidos. (Eduardo, 2021, p. 157)

Em outros termos, essa imparcial capacidade de negociação de significados, como acabamos de mencionar, é fortemente aliada ao trato natural desenvolvido ao idioma, e sabemos que Zamenhof tinha uma ideia razoável dessa proporção crescente que naturalmente iria se submeter seu projeto linguístico¹⁵². Visto que, para o iniciador do esperanto, lidar com essas flutuações transformacionais na língua sem aceitar os estrangeirismos comuns, os quais ocorrem nas línguas naturais, e que integram o sistema do esperanto, conferiria um absurdo. E classificamos esse tipo de ação e rejeição, por parte de alguns mais puristas ao idioma, como uma espécie de manifestação contrária ou receio de que a

¹⁵² [...] pela natureza do esperanto, as criações de novos lexemas não devem em princípio se revestir de um caráter insólito, como sói acontecer com os neologismos, pois mesmo seu iniciador já previa tal fenômeno e afirmava que qualquer falante tem o direito de criar novas palavras, desde que elas sigam o sistema da língua e sejam inteligíveis para os outros falantes. (Dias, 2007, p. 17 – 18).

língua possa tomar proporções mais amplas e aparentemente incontroláveis. O que é aparentemente inverificável.

Conforme a pesquisadora Karina de Oliveira (2016, p. 65): “O projeto da língua (*Unua libro* – Primeiro livro), publicado em 1887, possuía um vocabulário de um pouco mais de 900 verbetes”, atualmente o crescimento lexical no sistema da língua passa por uma verificação, que pode ser através de um consenso dentro da comunidade, ou simplesmente seus falantes podem decidir sobre o que integrar ou não no corpo lexical do esperanto. E a respeito disso, a esperantóloga prossegue e complementa a discussão:

No livro referido (Zamenhof, 1905), por exemplo, podemos ver processos de adaptação similares. Na seção de exercícios de leitura, após cada trecho, há um vocabulário com as palavras usadas no texto (em esperanto), seguidas por suas versões em cinco línguas (francês, inglês, alemão, russo e polonês, que são as línguas pelas quais a gramática do esperanto foi previamente apresentada no livro). Podemos ver adaptações de radicais das línguas supracitadas (ou das línguas que lhes deram origem, em geral, já que é sabido que Zamenhof adaptou radicais do latim, do grego e de línguas eslavas). (Oliveira, 2016, p. 84).

Fechada essa discussão, adentraremos com maiores detalhes nos neologismos, especificamente os de caráter formal, os denominados “neologismos de forma” (Dias, 2007, p. 38) e nesse aspecto, nos dedicaremos aos empréstimos provenientes dos verbetes regionalistas do português como língua estrangeira. E além desse detalhe, traremos alguma informação de análise com respeito aos aspectos de significado das unidades neológicas com mudança semântica, sem nos determos minuciosamente, porém de forma satisfatória. Tomaremos como base ainda, além das fontes já elucidadas aqui, a pesquisa neológica de Alberto Werneck Dias (2007). À vista disso, tomamos como ponto de partida a seguinte indicação argumentativa do referido esperantólogo, acerca das unidades neológicas:

É preciso verificar que nem todas as novas palavras são empréstimos, sendo várias delas recombinações entre radicais já existentes para abarcar novos conceitos. Interessa saber também sobre a maneira com que se formam os neologismos, e principalmente, é preciso pesquisar de quais línguas-fonte eles estão surgindo com maior frequência, devido à distribuição ampla de seus falantes no globo e devido à diversidade de línguas-fonte do esperanto original. (Dias, 2007, p. 17).

Com respeito a esse detalhe “diversidade de línguas-fonte”, devemos também considerar as atualizações que surgem a partir das necessidades locais de uma determinada língua, e que segundo Dias (2007), essa mesma necessidade urge que se crie novas unidades lexicais para realidades regionais e/ou globais.

Quanto à criatividade de novas unidades lexicais que se pode encontrar na literatura, “os escritores às vezes extraem neologismos de latências linguísticas” (Camacho, 2007, tradução nossa)¹⁵³. À vista disso, a pretexto de usos caducos ou mesmo deselegantes, consideramos que “a evasiva incomum e obsessiva de compostos ou o desmembramento sistemático de raízes em constituintes latentes [...] tem o mesmo resultado: tornar nosso esperanto literário menos rico e menos bonito” (Camacho, 2007, tradução nossa)¹⁵⁴.

E pensando sobre esse fato, também ligamos ao contexto do tradutor, que, ao nosso ver, não deixa de ser um “escritor”. Tendo fechado a discussão, adentraremos no segundo tópico, que trata do assunto da obra de nossa pesquisa. Faremos menção ao autor da obra de origem, para então discutirmos e analisarmos as formas lexicais componentes do vocabulário regional que fazem parte da linguagem literária das personagens de Graciliano.

4.2 Graciliano Ramos na literatura brasileira: *Vidas Secas*.

Graciliano Ramos nasceu numa cidade pequena do estado de Alagoas, chamada Quebrangulo. Foi o primeiro filho gerado do casamento de Sebastião Ramos de Oliveira e de Maria Amélia Ferro Barros. E como de costume das grandes famílias nordestinas, tinha outros dezessete irmãos. Todavia, pelas dificuldades locais da época, também era hábito dessas famílias migrarem para regiões com intuito de melhores condições de sustento e sobrevivência. Ora, a dificuldade financeira era tamanha, e sustentar dezoito filhos não era nada simples. As idas e vindas pela família Ramos tornou-se um suplício, que Graciliano mesmo tentou retratar como forma biográfica, eram suas primeiras linhas por uma “estética” literária.

Aos dois anos de idade, o menino Graça, juntamente com os pais e irmãos, mudaram-se para Buíque, um vilarejo de Pernambuco. E somente após

¹⁵³ Verkemuloj disfoje ĉerpas neologismon el lingvaj latentajoj. (Camacho, 2007).

¹⁵⁴ Senescepta kaj obseda evitado de kunmetoj aŭ sistema disbuĉado de radikoj en latentajn konsisterojn, kiel Karolo Piĉ en siaj plej ekstravagancaj proponoj, havas unu solan kaj saman rezulton: igi nian beletran esperanton malpli riĉa kaj malpli bela. (Camacho, 2007).

atingir a idade de seis anos regressa para Alagoas, firmando-se na cidade de Viçosa. E lá, o pai de Graciliano conseguiu estabilidade financeira, atuando no ramo do comércio. Já podendo viver com uma certa dignidade, Graciliano entra para uma escola pública. Porventura, o menino Graciliano ainda tinha dificuldades de aprendizado, as primeiras letras lhe vieram como obstáculos, e durante essa fase escolar o pequeno Graça, ainda aos nove anos de idade, não sabia ler nem escrever como os demais colegas de sala. O futuro escritor e mestre Graça, durante sua infância, sofria de uma baixa autoestima, julgava-se sem inteligência e de menor cultura letrada. Todavia, o menino Graciliano empenhou-se e conseguiu vencer as temidas barreiras das primeiras letras. Tendo se alfabetizado, começa a surgir em si mesmo um tipo de estima no desejo de ler e criar alternativas para dedicar-se no mundo das Letras e Literatura. Ao ter completado o ensino básico fundamental, viaja com a família para a capital alagoana, e ingressa num internato, onde fica até completar 18 anos, por volta de 1910.

Após o fim do internato na Escola Quinze de Maio, Graciliano volta para junto dos pais, e passa a trabalhar juntamente com seu pai, Sebastião Ramos de Oliveira, no comércio que possuía, em outra localidade, chamada Palmeira dos Índios. Nesse período, a literatura passou a ser hábito constante de aventura e certa provocação interna e estética para o que viria a tomar parte em sua vida. Como de costume, muitas vezes, esboçava nos papéis de embrulho, sobre o balcão onde trabalhava, algumas ideias e “delírios” literários, aquilo que futuramente iria dar destaque em livros de crítica e reflexões de teoria da literatura brasileira.

E por volta dos anos 30, Graciliano Ramos foi prefeito de Palmeira. Durante esse período se deu sua estreia literária:

Foram justamente os relatórios escritos pelo então prefeito de Palmeira dos Índios, que fizeram com que o Graciliano Ramos – escritor fosse “descoberto” por Augusto Frederico Schmidt, poeta e proprietário da editora Schmidt. Reconhecendo a qualidade literária dos relatórios de Graciliano, que prestava contas na função de prefeito de Palmeira dos Índios, o dono da editora Schmidt suspeitou que Graciliano tivesse algum livro engavetado e dirigiu-se ao então prefeito, a fim de confirmar sua intuição. Como havia suposto Schmidt, Graciliano tinha, na gaveta, o manuscrito de **Caetés**, o qual fez chegar às mãos do editor. Foi dessa forma que Frederico Schmidt recebeu **Caetés** e o publicou três anos depois, em 1933. Essa história da descoberta de Graciliano como escritor foi confirmada no discurso de agradecimento que proferiu durante a homenagem recebida por ocasião do cinquentenário de seu nascimento, em 27 de outubro de 1942. (Schuler, 2017, p. 23).

Nesse período, alguns escritores, como Graciliano, passam a dedicar-se a temáticas regionalistas, inclinando-se a descrever as dificuldades dos sertanejos no Nordeste do Brasil. Uma nova fase literária brasileira começa então a surgir, alcunhada de Romance de Trinta, correspondente ao segundo momento do Modernismo do Brasil.

O velho Graça, como ainda ficaria conhecido na maturidade, foi acolhido nesse movimento, embora ele próprio deixasse de lado esses aspectos estéticos, sendo desfavorável a esse tipo de etiquetagem¹⁵⁵. E conforme o teórico e crítico literário Antonio Candido (1989, p. 204):

A partir de 1930 houve uma ampliação e consolidação do romance, que apareceu pela primeira vez como bloco central de uma fase em nossa literatura, marcando uma visão diferente da sua função e natureza. A radicalização posterior à revolução daquele ano favoreceu a divulgação das conquistas da vanguarda artística e literária dos anos 20. Radicalização do gosto e também das ideias políticas; divulgação do marxismo; aparecimento do fascismo; renascimento católico. O fato mais saliente foi a voga do chamado "romance do Nordeste", que transformou o regionalismo ao extirpar a visão paternalista e exótica, para lhe substituir uma posição crítica frequentemente agressiva, não raro assumindo o ângulo do espoliado, ao mesmo tempo que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações. Graciliano Ramos (um dos poucos ficcionistas realmente grandes da nossa literatura), Raquel de Queirós, José Lins do Rego, o primeiro Jorge Amado são nomes destacados desse movimento renovador, que conta com algumas dezenas de bons praticantes.

E como diria o próprio filho Ricardo Ramos (2011, p. 30), em seu livro *Graciliano: Retrato Fragmentado*, atestando acerca da obra do pai, “é hoje, certamente, um dos nossos escritores mais lidos. Em torno de sua obra, vem se erguendo verdadeiro monumento crítico. Estudado nas escolas e universidades, onde se multiplicam as teses sobre os seus livros, traduzido em muitas línguas [...]”.

Para fechar nossa breve exposição biográfica:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de

¹⁵⁵ Graciliano Ramos abominava o Modernismo e a vanguarda em geral; tendo-se formado pela leitura dos grandes autores do passado, era inflexível quanto à correção gramatical e à normalidade da escrita. Pode-se dizer que nele a modernidade está no refinamento da tradição e na capacidade de reduzir o real às suas linhas essenciais, contrariando o “culto da forma” e as elegâncias acadêmicas. (Candido, 1999, p. 84).

integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais nada preocupado em ser, por intermédio da sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias de humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever. (Candido, 2006, p. 17, grifo nosso).

O romance *Vidas Secas*¹⁵⁶ (2013) tem seus episódios situados num contexto rural nordestino com poucas descrições de cenários urbanos, interioranos. Com grande economia descritiva. Omitem-se os nomes da maioria das personagens secundárias. As personagens são designadas pela função social, como é o caso do patrão, o dono de terras, soldado amarelo ou fiscal da prefeitura, com quem Fabiano, que protagoniza o enredo com Vitória, sua mulher, estabelece diversas relações, representando via de regra a parte oprimida. Sequer também os filhos do homem rude, o vaqueiro Fabiano, são nomeados.

O romance aparenta ou sugere a rusticidade de Fabiano, que se comporta como se fosse um bicho sertanejo. Como é possível destacar na narrativa: “o menino mais velho é chamado de várias alcunhas diferentes, tanto pelo Fabiano quanto pelo narrador, porém nunca pelo seu nome. Quando Fabiano está irritado com o garoto por ele ter empacado a marcha da família inteira.” (Mazzoleni, 2015, p. 10). O narrador constrói “flutuações narrativas” que se conectam num enredo o qual explora a perspectiva subjetiva: “o narrador e suas divagações sobre as personagens e suas atitudes influenciam no como elas agem e no como percebem o mundo a sua volta.” (2015, p. 10).

Vejamos o seguinte trecho:

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão,

¹⁵⁶ O que nos deixou em suas Cartas, acerca de seu romance *Vidas Secas*, assim nos confessa o Mestre Graça: “Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. É a quarta história feita aqui na pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tento saber o que eles têm por dentro. Quando se trata de bípedes, nem por isso, embora certos bípedes sejam ocos; mas estudar o interior duma cachorra é realmente uma dificuldade quase tão grande como sondar o espírito dum literato alagoano. Referindo-me a animais de dois pés, jogo com as mãos deles, com os ouvidos, com os olhos. Agora é diferente. O exterior revela-se a minha Baleia por intermédio do olfato, e eu sou um bicho de péssimo faro. Enfim parece que o conto está bom, você há de vê-lo qualquer dia no jornal. Baleia é como esse poeta que gostava de cheirar roupa de mulher. (Ramos, 2011, p. 187).

a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. / Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. / – Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. / Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo. (Ramos, 2013, p. 7-8).¹⁵⁷

Notamos os traços de um romance regionalista¹⁵⁸ da década de trinta, mas com uma descrição do sertanejo nordestino, mediante uma linguagem carregada de efeitos de sentido do sofrimento humano. Conforme Antonio Candido acerca da obra de Graciliano Ramos:

O mais eminente dos “nordestinos” e um dos maiores escritores da literatura brasileira. Dos seus quatro romances, apenas *Vidas Secas* (1938), o último, é regionalista. Ele narra a vida de uma família de vaqueiros reduzida ao mínimo possível para a sobrevivência, em quadros destacados que formam um retábulo rústico, numa prosa admirável que, reduzida também ao mínimo, parece espelhar no laconismo e na elipse a humanidade espoliada dos personagens. (Candido, 1999, p. 84).

O escritor segue um discurso regional com economia de adjetivos. Nas palavras de Antonio Candido (2006, p. 144)¹⁵⁹:

Esse medo de encher linguíça é um dos motivos da sua eminência, de escritor que só dizia o essencial e, quanto ao resto, preferia o silêncio. O silêncio devia ser para ele uma espécie de obsessão, tanto assim que quando corrigia ou retocava os seus textos nunca aumentava, só cortava, cortava sempre, numa espécie de fascinação abissal pelo nada - o nada do qual extrairia a sua matéria, isto é, as palavras que inventam as coisas, e ao qual parecia querer voltar nessa correção-destruição de quem nunca estava

¹⁵⁷ Ili sin trenis tien, malrapide, njo Viktoria kun la pli juana filo rajde sur ŝia kokso kaj kun lada kofro surkape. Fabiano, severmiena, malfirme paŝanta, kun ĉasujo tekstita el sisalfibroĵ baltee, kalabaso pendanta perrimene de la zono kaj silikfajra pafilo suŝultre. La pli aĝa filo kaj la hundino Baleno venas malantaŭe. / La zizifoj proksimiĝis, retrois, malaperis, La pli aĝa filo ekploris, sidigis sin surtere./ – Antaŭen, damnito de la diablo, alkriis lin la patro. / Ne havigante rezulton, li frapis la knabon per la ujo de la pinta tranĉilo. Reziste, la etulo piedbaraktis, poste kvietiĝis, ekkuŝis, fermis la okulojn. Fabiano lin frapis ankoraŭ plurfoje, esperante ke li leviĝos. Ĉar tio ne okazis, Fabiano rigardis al la kvar direktoj, kolera, sakrante mallaŭte. (Ramos, 1997, p. 7-9) .

¹⁵⁸ É preciso observar que a etiqueta “regionalismo” se deve em parte ao fato de as avaliações literárias terem como base o Rio de Janeiro, ainda então o grande centro intelectual do país. Por isso, as narrativas que tinham por quadro as províncias podiam ser vistas como exóticas, na medida em que descreviam um mundo diferente do da capital. Regionalismo significa às vezes, para a perspectiva desta, simples distanciamento geográfico. (Candido, 1999, p. 83 – 84).

¹⁵⁹ Poucos escritores podem se dar ao luxo de ter seus livros bem lidos, quem sabe estudados. Acho que Graciliano teve essa sorte. O ensaio “Ficção e Confissão” que Antonio Candido escreveu sobre a obra de Graciliano é duma clareza e duma inteligência tão especiais que faria qualquer escritor no lugar de Graciliano se sentir recompensado por ter escrito, por escrever, por levar a vida fazendo isso, já que a recompensa é sempre quase nenhuma, para um escritor nesse país. (Felinto, 1983, p. 20)

satisfeito. ("Seria capaz de eliminar páginas inteiras, eliminar os seus romances, eliminar o próprio mundo", diz Carpeaux.) Entre o nada primordial anterior ao texto, e o risco de acabar em nada devido à insatisfação posterior, se equilibra a sua obra essencial, uma das poucas em nossa literatura que parece melhor com a passagem do tempo, porque mais válida à medida que a lemos de novo.

Ao apontar as desigualdades sociais pelas quais passava o indivíduo nordestino, o escritor de *Vidas Secas* buscava denunciar e expor o abandono dado à região pelo governo brasileiro durante o período. Segundo Sandrini (2012, p. 35):

É o que faz o mentor de Fabiano: não conduz seu interlocutor a um universo já determinado, ao contrário, instaura um. Nesse espaço, toda sua arguta percepção de vida, de mundo, de país, não é simplesmente transportada de forma linear para a narrativa ficcional. Escapando ao estereótipo, propicia a interação entre leitor e obra em que a constituição da linguagem envolve diversas ramificações, questões plantadas no terreno das reflexões. Assim, sua obra faz referência e dialoga com as mudanças sociais, políticas e econômicas pelas quais passava o Nordeste. Para isso, porém, utilizou-se do que julgava ser o material mais importante desse cenário: "[...] o homem, e o homem daquela região aspérrima".

Onde estão os estereótipos identitários?¹⁶⁰ Preferimos adentrar e aferir que o escritor é parte de uma figura nacional, embora figure-se como um autor de um contexto no Nordeste. Seria parte do povo brasileiro mergulhado num problema de identidade? "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia." (Hall, 2006, p. 13)¹⁶¹. Em outras palavras:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação através do qual nós projetamos em nossas identidades

¹⁶⁰ **Graciliano Ramos, em suas criações, em especial *Vidas Secas*, procurou transcrever artisticamente aspectos da realidade, a partir do ponto de vista do grupo social que criticava a atual sociedade, defendia o humanismo, e acreditava na possibilidade de superação do mundo alienado e opressor.** O artista vive em sociedade, portanto, queira ou não, precisa se apoiar em determinada concepção de mundo para manifestar seu estilo. A partir daí podemos pensar a lógica de Graciliano Ramos ao criar suas obras, pois a essência de liberdade contida nelas é expressão de sua oposição ao modelo de organização da sociedade de seu tempo, sua verdade individual, que ao mesmo tempo é coletiva, transparece em suas criações sendo, portanto, uma manifestação das tendências sociais que se perpetuam até nossos dias, fazendo com que sua obra permaneça viva e atual. (Lima, 2013, p. 15, grifo nosso).

¹⁶¹ The fully unified, completed, secure and coherent identity is a fantasy. (Hall, 1992, p. 277).

culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (Hall, 2006, p. 12)¹⁶²

Sob uma crítica desse olhar exclusivista, é notável que em um território diversificado regionalmente, cuja extensão representa uma multivariada de culturas, cada particularidade dessas culturas traga em si uma concepção de identidade regional, nacional, e bem como inter-regionais. Vale frisar que essas percepções se incluem em seus aspectos geográficos, sociais, econômicos, artísticos, antropocêntricos, étnicos, políticos, históricos, ancestrais, culturais, linguísticos e tantas outras particularidades, pela busca em etiquetar uma sociedade, um conjunto (unificado?) que estrutura uma nação, e em nosso caso, a nordestina brasileira.

A literatura não escaparia dessa **nomenclatura**, visto que a expressão artística local também ostenta sua multiplicidade e alteridade via identidade. Dito isso, aparenta um conflito categórico social e político, entretanto “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’”. (Hall, 2006, p. 14)¹⁶³.

E segundo Sandrini (2012. p. 45):

Assim, pela linguagem literária, Graciliano Ramos, dá vida à história de uma família de nordestinos que nos remete a uma releitura da modernidade. Inscrevendo, desde o início da saga dessa família, a rasura do capitalismo, o “Velho Graça”, deixa claro para os interlocutores mais atentos – mesmo estando a unidade histórica fragmentada pela seca e pela “marcha mascarada em destino” – o resgate da historicidade de indivíduos desprovidos de lugar e linguagem, vitimados pela exclusão. Esses, ausentes da literatura e da história oficial brasileira, tornam-se visíveis pela literatura inovadora de Graciliano. Revelando mais do que as representações do moderno processo de modernização do país, ao enfrentarem os estigmas de destruição de um processo desumanizador disfarçado em progresso evidenciam sua incompletude sob diversos aspectos que vão desde o momento em que empreendem sua dupla

¹⁶² The subject, previously are experienced as having a unified and stable identity, is becoming fragmented; composed not of a single, but of several, sometimes contradictory or unresolved, identities. Correspondingly, the identities which composed the social landscapes ‘out there’, and which ensured our subjective conformity with the objective ‘needs’ of the culture, are breaking up as a result of structural and institutional change. The very process of identification, through which we Project ourselves into our cultural identities, has become more open-ended, variable and problematic. (Hall, 1992, p. 276-277).

¹⁶³ Moderns societies are therefore by definition societies of constant, rapid and permanente change. This is the principal distinction between ‘traditional’ and ‘modern’ societies. (Hall, 1992, p. 27).

caminhada para fugir da seca até o latente desejo de encontrar um futuro, ou melhor, um destino desconhecido [...].

Como um sujeito animalesco, “um verdadeiro bicho do mato”, Fabiano não esconde um desejo de esperançar pela vida sem se sentir um indivíduo desgraçado. O personagem vivencia na caminhada longínqua sua instabilidade, portanto apresenta-se como um ser que apenas murmura. O vaqueiro como que assume uma posição inumana. Um sujeito-bicho aquém das redondezas do cenário sertanejo. Fabiano, mesmo assim, chega a mostrar-se orgulhoso de si, sua animalidade não lhe desfigura a identidade de ser homem, de ser sujeito, de criar seus próprios laços, sua origem. Eis sua posição particular numa realidade vivida, sua linguagem ruralista, assim ninguém lhe surrupia o direito bestial:

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos — e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. / Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado. / — Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. / Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. / Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: / — Você é um bicho, Fabiano. / Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (Ramos, 2013, p. 15-16)¹⁶⁴.

Como acabamos de observar, o aspecto descritivo com maior distinção à aparência de animalização de Fabiano é o espaço em que ele se insere no contexto da narrativa: o sertão nordestino, que aparenta ser um personagem dentro do

¹⁶⁴ Fabiano iras kontenta. Jes, li estas sin aranĝinta. En kia stato li alvenis? La familio malsatmortanta, manĝante radikojn. Li trafis sur la korto, sub zizifon, poste posedprenis la neloĝatan domon. Li, la edzino kaj la filoj al kutimiĝis al la malluma ĉambreto, kvazaŭ ratoj — kaj la memoro pri la pasintaj suferoj paliĝis. / Li tretas firme sur la fendita koto, elprenas la pintan tranĉilon kaj purige skrapas la kotplenajn piedfingrajn ungojn. El la ĉasujo li elprenas pecon da rultabako, ĝin diserigas, volvas en maizpajlon, farante cigaredon, ĝin ekbruligas per sia silikŝtona fajrilo kaj ĝue fumos. / — Fabiano, vi estas homo, li diras laŭtvoĉe. / Li sin retenas, rimarkas, ke la infanoj estas proksimaj kaj certe opinios stranga afero aŭdi lin paroli al si mem. Kaj, bone pensate, li ne estas viro, li estas nur mestizo okupata pri la gardado de alies posedaĵoj. Ruĝahaŭta, sunbruligita, bluokula, rufbarba kaj rufhara; sed, ĉar li vivas sur alies proprietaĵo, zorgas pri alies bovaro, li sin senĉapeligas, kuntiriĝas en la ĉeesto de blankuloj kaj sin opinias nura bienloĝanto. / Li ĉirkaŭrigardas, timante kekrom la knaboj, iu aŭdis la troaŭdacan frazon. Li ĝin korektas, murmurante: / — Vi estas besto, Fabiano. / Tio por li estas motivo fieri. Jes ja, besto, kapabla venki malfacilaĵojn.

enredo do romance. Graça descreve o sertão em linhas precisas, destacando a paisagem seca, silenciosa e áspera. Daí, que a existência miserável dos sertanejos se condiciona num mal em que estão “mergulhados” (ironia semântica proposital, um paradoxo), a agonizar em terras ressequidas. Essas condições em que eles vivem determinam um espaço de desdém e rejeição por parte política. Fabiano, sua mulher e filhos rastejam pelo sertão à procura de condições para sobreviver, arrastam-se em busca de um fim mínimo de subsistência.

Todavia, nem somente do sofrimento contextual (histórico) de uma camada da população brasileira (isto é, a nordestina) está inserida a escrita da obra. Nosso maior e mais estimulante “artefato” de pesquisa se encontra no corpo lexical e cultural em que se encontra a dinâmica e concisa escrita literária de Graciliano Ramos. E pensando sobre isso, nosso objetivo, nas seguintes linhas, será um tanto mecânico: elencar os verbetes culturais do regionalismo sertanejo (nordestino) na obra *Vidas Secas*¹⁶⁵, com suas correspondentes, na língua internacional esperanto, traduzidas por Leopoldo H. Knoedt. Nossa intenção é mostrar as classificações correspondentes, e a partir delas fazer notas de elucidações a respeito do significado de cada verbete, que pode ser definido como ponto-chave (às criações lexicais e/ou neológicas) de nossa discussão, e feito isso, abriremos caminho para o tópico seguinte, culminando em nossa análise.

¹⁶⁵ Em *Vidas Secas*, último de seus quatro romances, essa “visão trágica do ser” permanece, pois. Estamos diante de uma obra em que a sensação de desespero é levada ao extremo num mundo em que a natureza e a sociedade constituem forças hostis ao homem e à mulher do sertão nordestino. Impera nesse romance um estado geral de *secura* que, delineando-se do primeiro ao último capítulo, não se resume à falta de água (que gera a seca como fenômeno natural), mas estende-se aos diversos setores das vidas minguadas de Fabiano e sua família, cujos pedaços que nos chegam dão testemunho da situação de carência que o grupo enfrenta. A representação estética dessa condição, estendendo-se do primeiro ao último capítulo do romance, não apenas conforma a narrativa no seu aspecto temático, mas também dita a maneira como os vários elementos estruturadores do gênero narrativo devem chegar até nós. É assim que a notação temporal, de uma forma bastante vaga, vai se delinear entre um período de seca, sucedido por um momento de relativa bonança (porque, mesmo com o advento da chuva, permanece no espírito das personagens o medo do retorno da seca, de modo que, assim, o tempo ruim está presente em todo o romance), o qual, depois, dá lugar ao retorno do clima árido, que faz o grupo fugir novamente. O espaço também reflete o quadro geral de *secura* dramatizado na obra. Tudo denota carência; os lugares, os objetos, e os cenários de morte expressivamente pintados servem bem para testemunhar os efeitos de seca no ambiente do sertão; e, mesmo nos momentos mais calmos, a situação de isolamento espacial que caracteriza a vida de cada uma das personagens denuncia a falta que reina na obra. Diga-se o mesmo da excessiva economia linguística de que se vale o narrador para contar a trajetória dos retirantes em busca de sobrevivência; também ela testemunha a carência das “vidas secas”. Todos esses aspectos têm suscitado o olhar da crítica ao longo dos anos, motivo por que *Vidas Secas* continua sendo objeto de atenção de diversos estudos realizados sob perspectivas teóricas e críticas variadas, estudos que, obviamente, estão longe de fornecer uma resposta definitiva sobre o referido romance. (Santos, 2008, p. 9).

4.3 O glossário regional de *Vidas Secas*

Seguimos com nossa discussão e iniciaremos nossa catalogação por via de um breve quadro expositivo. Para isso, tomaremos por base de nossa análise e nos guiaremos a partir da pesquisa de Soraya Maria Siqueira de Souza (2013). Trata-se de uma dissertação de Mestrado que traz uma proposta rica sobre a lexicografia regional de *Vidas Secas*.

Soraya Souza (2013) organizou um dicionário ficcional dos verbetes específicos (regionalistas) que são usados na referida obra de Graciliano Ramos. Dito isso, então consideramos conveniente darmos continuidade ao trabalho de Souza por tamanha relevância e contribuição ao campo da lexicografia, entretanto nosso alvo tomará medidas com uma inclinação adaptada às criações lexicais e neológicas utilizadas por Leopoldo H. Knoedt, e por se tratar de uma pesquisa comparativa, iremos conseqüentemente comparar as palavras nas duas línguas. Levantando em questão nossa pesquisa: analisar como as sugestões lexicais, pelas quais o tradutor optou para sua tradução de *Vidas Secas* na língua esperanto, resultam em uma versão internacional no intuito de uma receptividade terminológica do termo regional, assim agregando ao idioma uma nova cultura de significados e sua recepção para intercultura dos falantes da língua internacional.

Com razões a isso, acreditamos que por tais escolhas lexicais do tradutor, podemos definir o idioma internacional não apenas como neutro e não-estrangeiro, mas como uma língua que se adapta ao estrangeiro, acolhendo-o nas suas formas lexicais e culturas nativas, apropriando-se de renovação e criação no interior do seu sistema (a partir da “hospitalidade linguística”), como convém à estrutura do esperanto. Em outras palavras, o esperanto não é uma língua estrangeira, mas um idioma de estrangeirismos lexicais que acabaram bem adaptados ao seu sistema neológico, e como já debatemos bem, o idioma internacional é naturalmente translingue e neológico devido ao fluxo contínuo de falantes internacionais que se “atravessam” dentro da comunidade esperantista.

Como já dissemos, tomamos como ponto de partida os caminhos traçados por Soraya Souza. Sua dissertação integra um *corpus* terminológico regional (retirado de *Vidas Secas*) que gira em torno de seis classes, a saber: (i)

utensílios, (ii) vestuário, (iii) flora/fauna, (iv) itens culturais, (v) cômodos da casa, e (vi) alimentação. Para cada classe, a pesquisadora cataloga um quantitativo de verbetes da obra. No total dos verbetes de todas as classes, Soraya Souza reúne cerca de 145 verbetes regionais aproximadamente, para mais ou para menos. Vejamos o quadro desenvolvido por ela:

Quadro 1: Terminologias regionais em *Vidas Secas*:

| TERMINOLOGIAS REGIONAIS: | |
|---------------------------------|--|
| UTENSÍLIOS | Aió, cuia, espingarda de pederneira, baú de folha, chocalho, mourão, bolandeira, creolina, binga, panelas de losna, querosene, picuá, quenga de coco, alforjes, caco das galinhas, mundéu, cortinas de pucumã, abano, jirau, cama de varas, cama de lastro de couro, candeeiros, rede, pilão, cestos, cumbugos, látigo, carro de bois, cabaça, cambão, catre, matalotagem, pinguela, taramela, trempe, |
| VESTUÁRIO | Saias de ramagens, roupa encarnada, camisinha encardida e rota, perneira, gibão, guarda-peito, sapatos de couro cru, chita, alpercatas, sapatos de verniz, cilha, rosetas, chapéu de baeta, botinas de vaqueta e elástico, vestido vermelho de ramagens, sapato de salto, camisinha de riscado, calça, paletó, colarinho e gravata, camisinha de algodão, chapéu de couro, farpela, |
| FLORA/FAUNA | Juazeiros, rio seco, catinga, urubus, papagaio, embira, cabras, macambira, preá, xiquexique, mandacaru, alecrim, novilha raposa, quipá, catingueira, baraúna, craveiros, jatobá, galinha, cavalo de fábrica, vaca laranja, raposa, égua alazã, imburana, bode, periquito, pé de turco, serra, capões do mato, sucupira, angico, sapo, lagoa, barreiro, égua ruça, bezerro morrinhento, mulungu, cascalho, quixabeira, caititu, marrã, taquari, |
| ITENS CULTURAIS | Pirralho, vaqueiro, cangote, retirantes, fazenda, curral, chiqueiro, tapera, cerca, pinga, poleiro, festa de natal, bozó, cobras mortas, porteira, aboio, borralho, cambembe, cocorote, côvado, ditério, dunga, fuzuê, taipa, vara, |
| CÔMODOS DA CASA | Pátio da fazenda, copiar, camarinha, caritó, |

| | |
|--------------------|---|
| | oitão, cozinha, sala, quintal, bodega. |
| ALIMENTAÇÃO | Sal, farinha, feijão, rapadura, raiz de imbu, sementes de mucunã, carne seca, osso. |

(SOUZA, 2013, p. 52)

A partir do quadro organizado por Soraya, em sua dissertação, desenvolveremos, selecionaremos e listaremos um conjunto de palavras, semelhantemente. Um total que soma uma quantidade selecionada de 115 verbetes, que consideramos sob dois aspectos, a saber: os “termos regionalistas de caráter e formação lógica” e os “termos regionalistas de caráter e formação neológica” para o esperanto. Ao primeiro cuja formação ou criação se dá pela própria estrutura de radicais existentes na língua, e o segundo pela formação proveniente de formas radicais novas (os estrangeirismos).

Em continuidade, sigamos na lógica de nossa pesquisa e classificação dos verbetes. Para cada classe estruturada no glossário único de Soraya Souza, optamos por separá-los e caracterizá-los. Classificamos seis quadros para um total de **115 verbetes** regionais selecionados.

Quanto às definições e descrições, (i) utilizamos o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (GDH) (2001) para entradas em português; (ii) utilizamos o *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV) na sua versão virtual pública, o *Dicionário Completo Esperanto/Português* (DCEP) (2001) de Allan Kardec Afonso Costa para as entradas em esperanto. Ademais, (iii) consideramos útil para análise de comparação, mencionarmos também, dentro dos quadros de verbetes que enumeramos, os termos regionais no glossário feito por Leopoldo H. Knoedt, o que não são muitos (total de apenas 42 verbetes). Que fique claro que não colocaremos todos os verbetes elencados por Knoedt, faremos uso somente daqueles que contextualizam o conteúdo de nosso trabalho.

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, é um livro representativo e marcante do movimento regionalista brasileiro, embora o autor não o visse dessa forma. Seguramente possui sua representatividade no ciclo nordestino em que podemos afirmar sua importância para cultura regionalista. Apesar da opinião do próprio autor,

que declarava que a obra nada devia ao Modernismo como movimento organizado, segundo Soraya Souza (2013).

Vidas Secas se tornou referência na pesquisa de literatura brasileira, passando a figurar uma inegável reflexão sobre muitos ideais e características da realidade social e denúncia da calamidade humana por qual passa algumas pessoas. O romance foi traduzido para diversas línguas, o que faz com que a literatura brasileira seja valorizada também no exterior.

Então, indo para um caminho distinto do habitual sobre a obra, nosso intuito na pesquisa é tratar da riqueza lexical, e como esse léxico foi tratado na tradução para o esperanto. E sobre isso, o esperanto não ficou de fora, ao que se encarregou a responsabilidade de Leopoldo H. Knoedt a trazer uma primorosa tradução. Portanto, considerando que a obra pode, entre outros aspectos, ser um documento de registros lexicais útil para um estudo minucioso acerca do rico e cultural vocabulário que permeia a vida diária de quem está no mesmo contexto regional, bem como num universo ficcional em que vivem os personagens: Nordeste. Dito isso, “Um glossário que tenha por foco em especial os termos e acepções regionais pode ser de grande utilidade para os futuros leitores”. (Souza, 2013, p. 53)

Ao fecharmos aqui o assunto sobre nossa proposta do tópico, tão somente registrar o valor cultural dos verbetes regionais, e como estes são tratados na sua versão para o esperanto. Daremos prosseguimento ao estudo, no tópico seguinte trataremos de dar execução ao nosso objetivo final: uma análise de como a tradução dos verbetes regionais se configura na não-estrangeiridade¹⁶⁶ e interculturalidade da estrutura linguística do esperanto, em razão dos seus “atravessamentos” e neologismos (criação lexical/empréstimos/estrangeirismos).¹⁶⁷

¹⁶⁶ Por “não-estrangeiridade” queremos indicar aquele pertencimento de sujeito (humano), que faz parte do mundo e de uma cultura dos indivíduos a qual se idealiza na proposta de uma língua internacional, como é o caso do esperanto e sua comunidade. Essa não-estrangeiridade pode ser facilmente compreendida a partir da noção de sujeito universal.

¹⁶⁷ Ao final da pesquisa, traremos um conjunto de apêndices em que cada um deles traz um conjunto categórico das entradas lexicais regionais acompanhadas de: (i) a catalogação da referência na obra original em português juntamente com sua tradução para o esperanto, (ii) uma descrição, definição terminológica das entradas, e quando não há entradas específicas por ausência do termo nos dicionários ou glossários, faremos menção de aviso.

4.4 Análise dos neologismos em *Vivoj Sekaj*.

Neste último tópico, procuraremos refletir sobre os grupos de verbetes classificados nos quadros elencados na discussão anterior, tomaremos como linhas de trajetória o que discutimos sobre (i) a interlinguística: perspectivas e fundamentos da esperantologia, (ii) a esperantologia: estrangeiridade e cultura do esperanto, (iii) neologismo teórico e neologia do esperanto: criação lexical e empréstimo/estrangeirismo. Pensando nisso, buscaremos investigar quais consequências significativas, quais problemáticas de aproximação e afastamento há entre as línguas, nosso ponto de partida é vermos as nuances de estrangeiridade ou não que se localizam na criatividade lexical para a inserção do(s) verbe(s) no corpo estrutural do léxico do esperanto. Ademais, convém destacarmos a seguinte reflexão de Espagne (2012, p. 32)

Um livro pode ser deslocado de sua área cultural de referência para outro espaço seja em sua forma original, seja como tradução. Um deslocamento na língua de redação supõe que o contexto de recepção esteja familiarizado com esta língua, sem o que o livro leva uma existência puramente virtual e não tem leitores. A tradução tem, em geral, um impacto muito maior, pois corresponde a uma nova redação do livro, numa disposição ligada ao novo contexto da recepção, a um novo sistema retórico e metafórico e a novas referências literárias e históricas. A transferência de um livro por sua tradução levanta diversas ordens de problema.

Em nosso ponto de vista, a tarefa de analisar o léxico regional em *Vidas Secas* de Graciliano torna mais necessário o desenvolvimento de uma percepção dos variados e pouco conhecidos recursos estilísticos regionais do próprio autor. E, partindo das especificidades de significado e sua culturalidade lexicais, abriremos margem para a compreensão e comparação na edição do esperanto feita por Leopoldo H. Knoedt.

Ao partirmos dos textos lidos, relacionamos os contextos que envolveram o *corpus* da nossa pesquisa aqui, então confrontamos os termos e classificamos os estrangeirismos (sim, optamos por afirmar que o esperanto inclui termos estrangeiros em seu corpo lexical, tendo os outros termos já formalizados no sistema normativo da língua não mais referidos como formas estrangeirizadas mas constituídas como léxico não-estrangeiro, isto é, da língua esperanto) e os neologismos encontrados em verbetes e entradas formais para o que entendemos como formação de palavras pela própria estrutura morfológica pertencente à língua

internacional e, além dela, pelos empréstimos que acabam por ingressar na estrutura do esperanto, fazendo disso, uma inserção dos vocábulos nativos de outras línguas para dentro do sistema do idioma neutro.

Dito isso, convém ainda atentarmos para alguns detalhes interessantes sobre a finalidade do glossário:

Pudemos concluir, então, que o glossário, neste contexto, recupera, armazena, e compila palavras de um texto ou discurso específico e concretamente realizado. Mas pode ser visto, também, como um dicionário especial ou uma lista de palavras que consigna vocábulos sobre os quais um leitor comum pode ter dificuldades para entendê-las. Por isso, é normal a anexação de glossários em livros especializados ou não a fim de elucidar as palavras técnicas, expressões regionais e as pouco usadas em um dado texto. [...] Assim, inúmeros glossários têm sido publicados com a finalidade de completar os dicionários gerais da língua, inclusive, tem-se publicado dicionários e glossários de neologismos que são úteis não apenas para o tradutor ou filólogo, mas também para o lexicólogo; especialmente para ter em mãos os vários tipos de obras lexicográficas ampliando assim, sua pesquisa e conhecimento de uma parte maior do léxico. (Godoi, 2007, p. 70).

Aparentemente a hospitalidade linguística, sobre qual discutimos em tópicos anteriores, se dá de forma na aceitação de uma língua estrangeira, mas, em nosso caso de discussão: de uma língua internacional (interlíngua) estruturada como uma proposta que insere um contexto intercultural e de diversas nacionalidades integradas e “atravessadas”: a(s) estrangeiridade(s) para uma não-estrangeiridade. Parece confuso, mas o que queremos afirmar é: da partilha das línguas estrangeiras para uma língua comum não-estrangeira entre os esperantistas e simpatizantes da causa, isto é, a língua neutra e translíngue esperanto.

Em vista disso, a nosso ver, isso não se trata de um equívoco poliglótico em uma mesma língua, basta tão somente perceber, que nas comunidades esperantistas, a presença de uma ideia flexível com relação à policultura advinda de outros idiomas nativos é bastante aceitável (para não dizer apenas comum), ou que aparentemente e relativamente suporíamos que deveria ser. E ao se tratar de construções neológicas, quando usadas no dia-dia das relações entre esperantistas, a ideia do esperanto é acolher, ser uma língua “essencialmente” hospitaleira, a criação de novos verbetes não deveria ser algo estranho¹⁶⁸.

¹⁶⁸ Lembro-me de antigas aulas, quando eu ainda era iniciante na academia, por volta de meu segundo semestre do curso de Letras. E, concomitantemente, eu era recém-ingressado no curso básico de esperanto. Em uma aula de certa disciplina da graduação, um exímio professor, já falecido,

O conceito de estrangeiridade dependerá de um ponto de vista do usuário do esperanto, de sua nacionalidade, entre os falantes como indivíduos de diferentes nacionalidades, eles são estrangeiros nas suas línguas maternas, mas dentro do ponto de vista unificante, a identidade razoavelmente neutra pelo esperantismo, os tornará esperantistas, portanto de identidades estrangeiras, porém indivíduos falantes de um idioma não-estrangeiro e comum. Ou seja, a estrangeiridade existe sim, em nosso ponto de vista particular como sujeitos históricos, políticos e pertencentes a uma cultura nacional subjetiva e complexa por atravessamentos idiomáticos. Ora, como afirma Hall (1992), que os agrupamentos e sociedades (incluo aqui, as comunidades linguísticas e diversos clãs, etnias, etc.) na modernidade caracterizam-se pela distinção entre elas, por isso

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. (Hall, 2006, p. 17)¹⁶⁹.

Ao envolver um processo intermediador (a tradução) entre duas percepções da realidade no mundo, seus nomes, seus signos, uma construção complexa e sistemática, daí entendermos que tradução (inter)cultural se realiza numa participação envolvida entre relação cultura de origem ou da língua de partida e cultura de transformação ou da língua de chegada. Duas línguas, duas culturas envolvidas na atividade tradutória, e “sempre que houver cruzamento de fronteiras, pode haver tradução cultural” (Pym, 2019, p. 272), daí entendermos então como os dois mundos significantes devem ser captados no fazer tradução.

veio a comentar de sua experiência (possivelmente traumática e decepcionante) com o esperanto. Dizia o famoso professor Paulo Mosânio: “há um problema na construção lexical do esperanto, o que acaba por insuflar e não dar conta”. Certamente, há um ponto de vista coerente, embora eu discorde do grande mestre. Como um adepto do estruturalismo saussuriano, o professor Paulo não deixou de fazer referência àquela passagem de Saussure, a qual já nos demos conta em discussões anteriores. Portanto, como já assinalara o mestre genebrino: “O esperanto é um ensaio desse gênero; se triunfar, escapará à lei fatal?” (Saussure, 2017, p. 117). A variedade no léxico é um pressuposto, pelo que entendemos, de qualquer língua que se pretende natural e dos falantes em suas relações, então ao se falar das criatividades e transformações lexicais, “seria preciso encará-los em sua variedade para saber até que ponto são necessários” (Saussure, 2017, p. 117).

¹⁶⁹ Late-modern societies, he argues, are characterized by 'difference'; they are cut through by different social divisions and social antagonisms which produce a variety of different 'subject positions' – i.e. identities – for individuals. If such societies hold together at all, it is not because they are unified, but because their different elements and identities can, under certain circumstances, be articulated together. (Hall, 1992, p. 279).

É nossa percepção integrante e crítica o seguinte, que o processo tradutório está estrita e historicamente conectado às visões culturais (da obra de partida e do mundo vivido de chegada, simples: um mundo percebido e um mundo a perceber, um conflito) em contexto. Nessa conexão de realidades estão envolvidas as características de cultura como, por exemplo, visão ancestral e religiosa, gastronomia e jogos que se tornam hábitos cotidianos, e demais outros traços pertinentes de cada mundo, tanto no fato da relação sógnica quanto na expressão significativa. Esses devem ser cuidadosamente levados em consideração no desenvolvimento da prática tradutória.

Entrando nas linhas subsequentes sobre tradução cultural, bem como da intercultural, podemos entender, na posição do teórico crítico anticolonialista, o indiano Homi K. Bhabha, o seguinte pensamento, que irá corroborar e fundamentar nossa pequena brecha de debate que pode ajustar-se “como uma luva” ao conceito de interculturalidade no esperanto, mais especificamente na tradução que é dada da estrangeiridade de qualquer língua para uma cultura não-estrangeira como é a do esperanto e sua comunidade de falantes:

A tradução cultural dessacraliza as pressuposições transparentes da supremacia cultural e, nesse próprio ato, exige uma especificidade contextual, uma diferenciação histórica no interior das posições minoritárias. [...] Esta leitura "minoritária" e construída sobre a presença ocluída, parcial, da ideia de comunidade que ronda ou duplica o conceito de sociedade civil, levando "uma vida subterrânea, potencialmente subversiva no seu interior, porque se recusa a ir-se". [...]...A comunidade perturba a grande narrativa globalizadora do capital, desloca a ênfase dada a produção na coletividade "de classe" e rompe a homogeneidade da comunidade imaginada da nação. A narrativa da comunidade substancializa a diferença cultural e constitui uma forma "cindida-e-dupla" de identificação de grupo que Chatterjee ilustra por meio de uma contradição especificamente "anti-colonialista" da esfera pública. Os colonizados se recusam a aceitar ser membro de uma sociedade civil de súditos conseqüentemente, eles criam um território cultural "marcado pelas distinções do material e do espiritual, do externo e do interno". (Bhabha, 1998, pp. 314 – 317)¹⁷⁰.

¹⁷⁰ Cultural translation desacralizes the transparent assumptions of cultural supremacy, and in that very act, demands a contextual specificity, a historical differentiation *within* minority positions. [...] This 'minority' reading is built on the occluded, partial presence of the idea of community that haunts or doubles the concept of civil society, leading 'a subterranean, potentially subversive life within it because it refuses to go away'. [...] Community disturbs the grand globalizing narrative of capital, displces the emphasis on production in 'class' collectivity, and disrupts the homogeneity of the imagined Community of the nation. The narrative of Community substantializes cultural difference, and constitutes a 'spli-and-double' form of group identification which Chatterjee illustrates through a specifically 'anti-colonialist' contradiction of hte public sphere. The colonized refuse to accept membership in the civil society of subjects; consequently They create a cultural domain 'marked by the distinctions of the material and the spiritual, the outer and the inner'. (Bhabha, 1994, pp. 228 – 231).

E ao entrarmos nesse âmbito de uma tradução em que se espera dos sujeitos falantes sua identidade linguística, isso nos remeterá a uma direção acerca da ideia de uma língua franca, comum e neutra. Filósofos, médicos, cientistas em geral, políticos, turistas, e também comerciantes poderiam ver nessa língua comum um tipo de benefício que se adequa e se mostra como uma vantagem para as intercomunicações entre falantes de distintos idiomas nacionais. O estabelecimento dessa língua neutra, ao que se deve atentar, não pode levar os sujeitos a uma marginalização das suas línguas locais, isto é, a garantia de sua cultura linguística e de fala entram em poder político obrigatório, assim as preservam num contexto em que essa língua neutra possa ser amplamente utilizada, respeitando os outros modos e culturas idiomáticas. Esse tipo de ameaça à sua identidade cultural e linguística já é algo em pauta, enquanto alguns veem isso como uma fragilidade da dimensão comunicativa, outros conseguem ver como uma oportunidade para manter conexões com diferentes expressões culturais, históricas e sociais. Uma língua que engendra e codifica para dentro de sua estrutura os múltiplos atravessamentos culturais, socio-históricos etc; bem como há de se encarar, os muitos atravessamentos linguísticos que se perpetuam na sua formação lexical.

Podemos destacar uma perspectiva interessante sobre a adoção de uma língua internacional e de fácil comunicação. Ao longo dos seus mais de 130 anos de história e perseverança a um ideal de cultura multinacional (contudo, neutro, pelo menos ideal e relativamente), o esperanto tem demonstrado ser uma útil língua de apoio intercultural e internacional para diversos indivíduos e sujeitos falantes de diversas localidades no globo. Por ser um idioma construído, com uma estrutura gramatical relativamente simples e com regras consistentes (lógicas), a língua desenvolvida por L.L. Zamenhof oferece uma alternativa mais acessível e sem esforços severos, comparada a muitos idiomas nacionais, pelo menos teoricamente. Isso é de fato uma característica bastante valiosa em contextos em que a equidade linguística e a comunicação precisam apontar para uma finalidade objetiva e sem bifurcações de sentido, barreiras de comunicação, e aquele peso de se sentir como alguém que está falando uma língua que não é a sua, e por isso se sente em desvantagem na interrelação.

Todavia, é ainda válido reconhecermos que o esperanto tem suas limitações e desafios aparentemente perpétuos. Como é o caso de seu razoável

alcance e reconhecimento mundial, os quais não tem uma amplitude quanto tem uma língua franca como é o inglês ou o espanhol. Ademais, a quantidade de falantes precisamente fluentes de esperanto sofre uma variação ainda maior, considera-se de menor número aqueles que possuem uma proficiência real no idioma neutro, o que de fato diminui e até limita sua expansão e utilidade em certos cenários: científico, acadêmico, educacional, político, e tantos outros.

Como discutimos em outros pontos até aqui, as críticas voltadas ao esperanto se baseiam em suas “deficiências” aparentes, desde seu léxico limitado, sua falta de aceitação mundial e política, e também por sua inexpressiva quantidade de usuários (entram em jogo os falantes adeptos da comunidade esperantista, os simpatizantes da língua, os esperantólogos e cientistas de línguas auxiliares, e os chamados “denaskuloj”¹⁷¹). O fato crucial se liga a uma função de uso, quando o esperanto tem em seu ideal a promoção da igualdade entre falantes estrangeiros, visto que qualquer grupo linguístico (étnico ou nacional) não possui vantagem intrínseca sobre os demais com quem se relaciona.

Malgrado essas perturbações externas, o esperanto continua a desempenhar sua função em defesa de uma comunidade global de falantes, que valorizam princípios reais de equidade e compreensão internacional e intercultural. Essa escolha entre falar o esperanto, ou falar outra língua de maior aceitação, tão somente dependerá de uma série de razões sociais, isso inclui preferências entre os sujeitos (individual ou coletiva), contexto de cultura de fala e de cultura histórica, ademais necessidades específicas de comunicabilidade entre esses falantes de regiões distintas ou locais. E como já faláramos antes, o esperanto ainda não atingiu seu “ponto máximo de superioridade” em relação as línguas nacionais, todavia, sem supor ingenuamente que o idioma irá suplantá-las como acreditam. É possível admitir-se essas conclusões sem antes vermos na história (anterior e posterior) o que foi e o que será do esperanto histórico, cultural e prático?

Na prática, qualquer língua planejada pode estar em maior serventia prática e utilidade em relação às línguas nacionais, contudo em âmbitos de multiculturalidade, isto é, apenas na sua vantagem de ser uma ferramenta de uso

¹⁷¹ Esperantistas de nascimento, que culturalmente aprendem o esperanto desde bebê dentro de uma família esperantista ou comunidade que compartilha a língua internacional.

internacional, como é o caso da língua esperanto. Todavia, um contexto em que as pessoas são falantes de uma mesma língua, isto é outra ocasião desfavorável ao esperanto, pois a língua nacional se torna insuperável. Portanto, é viável admitir essa relativa superioridade do esperanto em contextos plurilinguísticos. Pois, a ideia é que línguas planejadas são especialmente desenvolvidas como suporte de comunicação intercultural, em razão de sua simplicidade, regularidade e além dessas vantagens, a sua própria função ideológica razoavelmente neutra (imparcial).

Nessa perspectiva de neutralidade, há uma obviedade entre os falantes, os sujeitos estrangeiros aprendem línguas planejadas mesmo que compartilhem a mesma língua nacional entre os diferentes interlocutores. Talvez isso deva ao seu motivo de interesse particular e possivelmente generalizado entre os usuários (esperantistas, simpatizantes, coidealistas, etc.). O anseio de se conectar, com uma determinada cultura internacional, fomenta no falante uma perspectiva: o uso do esperanto trará benefícios como uma língua que oferece uma compreensão mútua, aplicabilidades mais amplas, e uma partilha de culturas linguísticas particulares, onde os falantes se compreendem numa mesma língua franca e plausivelmente imparcial, justa e equânime.

E nos voltando ao que tínhamos proposto, mas antes preparando o terreno de nosso debate, até chegarmos à análise propriamente dita, acerca dos neologismos e empréstimos no esperanto. Sim, a interlinguística, como campo derivado ou irmanado à linguística estruturalista saussuriana, tem se dedicado à investigação e desenvolvimento de línguas auxiliares e internacionais, todas nomeadamente idiomas construídos ou artificiais. Com certeza, a esse campo científico se deve os esforços da criatividade e ideologia sociolinguística dos autores dos sistemas artificiais, e com bastante agudeza de critério não apenas linguístico, mas também filosófico, justiça de pensamento político, e equilíbrio em razão da convivência entre culturas e distintas nacionalidades, surge assim o esperanto por via do médico polonês L.L. Zamenhof.

Em vista disso, o surgimento do esperanto tornou-se um marco ideológico significativo na história dos idiomas auxiliares, visto que sua demonstração como uma língua que possibilita criar uma comunicação imparcial estaria em caminhos de viabilidade, e, porque não dizer de fato ascensão? Em particular, o idioma neutro tem atraído de forma um tanto tímida mais adeptos à sua comunidade de falantes e

entusiastas ao longo dos anos. Pensando a respeito disso, poderíamos supor que o movimento cultural esperantista resultaria num desenvolvimento em favor da disciplina (linguística do esperanto) que futuramente estaria nos âmbitos acadêmicos, claro, com muitíssimo menor prestígio comparada aos ramos de linha dos estudos da linguagem, como a sociolinguística, a psicolinguística, a linguística de texto e outras profícuas áreas, quando se iniciou com o mestre Saussure. Podemos admitir que, à parente mais velha e contemporânea da linguística saussuriana, sobrou-lhe os estudos que se dedicam à ciência e análise da história, sistema gramatical, difusão literária, descrição intercultural da língua internacional esperanto.

À vista disso, por ser uma área conectada à linguística das línguas desenvolvidas a fim de intercomunicação auxiliar, ao estudar e examinar o esperanto, a linguística da língua internacional, ou apenas esperantologia, tem se aplicado a considerar os estudos referentes a sua origem, a sua estrutura, seu desenvolvimento e também seu funcionamento como idioma intercultural. A ciência do esperanto deve aproveitar as características específicas que constituem a língua internacional como idioma essencialmente planejado, e nessa linha de raciocínio: uma linguagem fundamentalmente criativa, imparcial, e que condiz com as necessidades de comunicação das diversas comunidades de línguas minoritárias ou não. Em razão desse aspecto, a esperantologia não deve ter apenas métodos prescritivos (ou ainda em menor grau: normativos), outrossim possuir tratamentos descritivos, os quais terão sua conexão com o planejamento das línguas auxiliares.

E como já discutimos anteriormente com base na fala de Detlev Blanke (1985). Segundo ele, o desenvolvimento dessa ciência do esperanto, como subárea da interlinguística, aponta para uma questão fundamental no debate a respeito das línguas internacionais construídas. Sobre isso, ele prossegue admitindo que embora uma língua tenha suas características favoráveis, isso não é garantia necessária para sua ampla aceitação que resulte num abundante e extensivo apreço ao idioma em questão. O autor ainda destaca que fatores políticos e econômicos desempenham um importante papel e decidem na escolha dos meios para otimizar a comunicação linguística internacional.

Isso posto em debate, pensamos nós que o inglês tem sua garantia hegemônica por meios não apenas acadêmicos ou somente culturais, envolve a

esse contexto uma prioridade do esforço de uma colonização linguística. Não é por menos que o que conhecemos como processo de colonização, deriva-se de uma configuração imagética do conflito político (quicá também social e cultural) entre línguas, ou seja, de uma língua que se constitui como minoritária e outra que demanda sobre esta sua condição de língua hegemônica, “sobre essas línguas constitutivas de povos culturalmente distintos que se defrontam em condições de produção tais que uma dessas línguas, chamada de língua colonizadora, visa impor-se sobre a(s) outra(s) colonizada(s)” (Mariani, 2003, p. 74). Ademais,

A colonização linguística, como foi dito, se inscreve na ordem de um acontecimento de uma maneira específica: ela se realiza no encontro de várias memórias simbólicas (as línguas, em suas distintas materialidades) com uma atualidade (o (des)encontro linguageiro, a incompreensão dos sentidos). Como resultado, a colonização linguística produz modificações em sistemas linguísticos que vinham se constituindo em separado, provoca reorganizações no funcionamento dos sistemas linguísticos além de rupturas em processos semânticos estabilizados. / Os efeitos decorrentes desse processo de colonização linguística, porém, não são sempre os mesmos nem são previsíveis; basta observar comparativamente as trajetórias das diferentes línguas indígenas, do inglês, do francês e do espanhol no processo colonizador das Américas. (Mariani, 2003, p. 74)

A cultura esperantista, a qual muitas vezes mencionamos neste trabalho, é parte identitária de um coletivo que manifesta-se por esforços colaborativos, os seus adeptos participam do movimento com um fim pacífico e fraterno, e para além dele, se expressam como participantes políticos, intelectuais, manifestantes da causa intercultural e coletiva, em proteção à natureza e o planeta, e a diversas outras temáticas humanitárias.

Porém, como a cultura esperantista é muito diversificada e une elementos de diversas culturas étnicas (todos os esperantistas são participantes de pelo menos duas comunidades, a nacional e a esperantista), é muito difícil dizer o que caracteriza especificamente a cultura esperantista. Por acaso há uma base cultural comum para os esperantistas? Que coisas se manifestam como características específicas da cultura esperantista? (Fortes, 2022, p. 36, tradução nossa)¹⁷²

À vista disso, ainda que a cultura esperantista e de seus adeptos seja pluriforme, sofrendo as contingências incidentais do tempo e da história, o elemento comum que o identifica como pertencente àquela cultura global, mesmo minoritária,

¹⁷² Tamen, ĉar la Esperanta kulturo estas tre diversa kaj kunigas elementojn el pluraj etnaj kulturoj (ĉiuj esperantistoj estas partoprenantoj de almenaŭ du komunumoj, la nacia kaj la esperantista), estas tre malfacile diri kio specife karakterizas la Esperantan kulturon. Ĉu estas io komuna kultura bazo por la esperantistoj? Kiaj aferoj manifestiĝas kiel specifaj trajtoj de la E-kulturo? (Fortes, 2022, p. 36).

não é outra coisa que sua língua que os une. O elemento mais evidente dessa comunidade é a sua língua internacional planejada. Portanto, debatermos a respeito dela é também analisarmos como um projeto de idioma planejado gerou sua expressão mais ampla como uma cultura autônoma, revolucionária, humanitária e democrática.

Portanto, não se pode aplicar ao esperanto as mesmas críticas aplicadas aos contextos colonizadores de imposição linguística. O futuro do esperanto e suas consequências são incertas e, dessa forma, se pode pensar apenas no contexto de política linguística abstrata (RAJAGOPALAN, 2013), não há como categorizar a proposta de Zamenhof como certa ou errada, apropriada ou equivocada, porque não tem precedentes históricos, pois o mundo nunca teve uma língua planejada ocupando a posição de principal língua internacional. (Eduardo, 2022, p. 123).

Apesar de sua origem numa estrutura linguística ocidental eurocêntrica, o esperanto não representa um mero espaço quimérico coletivo, uma espécie de formulação abstrata em busca da chamada “língua-nação” ou como prefere denominar a especialista Andréa Eduardo (2021), uma “glossotopia¹⁷³”. Segundo a autora, não é plausível e pertinente enquadrar o idioma internacional numa categoria de línguas nacionais (acrescentamos: estrangeiras). Em razão disso, assinalamos a hospitalidade linguística¹⁷⁴ do esperanto sublinhada pela professora e esperantóloga:

Se o esperanto, de acordo com minha compreensão, fosse adotado como língua de acolhimento, numa perspectiva de hospitalidade, no contexto internacional, e esqueça aqui a ideia utópica de “compreensão perfeita” e “neutralidade”, de forma que a língua de cada povo fosse respeitada como língua materna, como primeira língua, respeitando-se a diversidade cultural, seria o remédio (DERRIDA, 1997), pois, o fato de não pertencer a uma nação específica, a um povo, é atenuante às relações de poder, fazendo da língua um espaço político de acolhimento. (Eduardo, 2021, p. 132)

Ponderamos que essa parte da sua exposição assinala e destaca que o esperanto não está intrinsecamente conectado a uma nação determinada, todavia

¹⁷³ Por considerar que ainda não há termos para denominar este espaço real não localizável, apresento a noção de glossotopia. Esta noção não é uma denominação abrangente, pois, depois de muito refletir, não identifiquei outro espaço como este a não ser a língua. Por isso, glossotopia. Não apenas a língua esperanto é este tipo de espaço, mas qualquer língua que venha a ocupar uma posição de resistência. Qualquer língua que assuma uma posição de resistência, tornando-se espaço de pertencimento, espaço público de posicionamentos, o lugar em que o excluído encontra espaço e ao qual pertence, mesmo que não localizável, pode ser chamada de uma glossotopia, a “língua-lugar”, um lugar da resistência. Além do Esperanto, posso citar outras glossotopias: a Língua Brasileira de Sinais, as línguas indígenas, e assim por diante. (Eduardo, 2021, p.154 – 155)

¹⁷⁴ Assunto que já fora elucidado num tópico à parte. Tomando como base a teoria da hospitalidade linguística desenvolvida por Paul Ricœur.

consideramos que pode ser concebido como uma língua internacional desejavelmente neutra (no sentido de relativamente imparcial) e que acolhe as estrangeiridades, ou seja, o esperanto não é uma língua estrangeira, mas uma língua de estrangeiros, desenvolvida na causa da comunicação e compreensão entre indivíduos de distintas origens e culturas.

O esperanto enquanto língua de resistência, implica o retorno às reflexões do concreto de política linguística. Como já afirmei, as línguas nacionais são apenas uma das estratégias colonialistas e nacionalistas, pertencem a uma nação, com território, política e economia. O esperanto, por sua vez, não pertence a uma nação embora tenha uma origem localizável em território geográfico, e com a ausência de nação, vem a ausência de poder político e econômico. Neste caso, é impossível prever se o esperanto ocupará esta posição que, hoje, tem sido ocupada pelo inglês. (Eduardo, 2021, p.155).

O que temos discutido até o momento sobre a cultura esperantista, cremos nós, está satisfatório até certo ponto. Falta-nos, como esperantistas mais “saudosistas” e ligados à história tradicional do esperanto, fazermos menção das ideias fundamentais do próprio idealizador da língua internacional. Ao fazer jus a ideia de “esperantista agente” (Fortes, 2022), fomos direto à referência original de *Esenco kaj estonteco de la ideo de lingvo internacia* (2000) escrita por Ludwik Lejzer Zamenhof.

O notável acerca de um fenômeno de resistência, que principia uma grande causa humanitária, como é o caso de uma língua de intercomunicação pacífica e neutra, atribui-se à sua manifestação com intuito de moldar a realidade histórica na sociedade em todo o globo. Acerca disso, ideias semelhantes a essa, destinadas a serem revolucionárias e causarem revoluções em outras áreas, infelizmente geram uma desconfiança e uma dose de antipatia por parte de uma parcela de indivíduos inconformados.

Atribui-se a isso uma complexa rede de conservadorismo e interesses chauvinistas. “Todas as ideias destinadas a representar grande papel na história da humanidade têm sempre igual sorte, quando surgem seus contemporâneos as encontram não somente com obstinada desconfiança, mas até com inexplicável hostilidade”. (Zamenhof, 1937, p. 9)¹⁷⁵. E não é por menos que o criador do

¹⁷⁵ Ĉiuj ideoj, kiuj estas ludontaj gravan rolon en la historio de la homaro, havas ĉiam tiun saman egalan sorton: kiam ili ekaperas, la samtempuloj renkontas ilin ne sole kun rimarkinde obstina malkonfido, sed eĉ kun ia neklarigebla malamikeco. (Zamenhof, 2000, p. 3)

esperanto nos sobreavisa: “Os pioneiros de tais ideias têm muito que lutar e muito que sofrer; são encarados como loucos e infantilmente insensatos, ou até como seres nocivos”. (Zamenhof, 1937, p. 9)¹⁷⁶. Todavia, é incontestável que ao longo da história, essas pessoas visionárias, muitas vezes, têm sido inicialmente rejeitadas e, depois, acabam por serem aclamadas como os sujeitos que transformaram o mundo de maneira significativamente profunda e perpétua.

Quanto a essa hostilidade e desconfiança de uma língua neutra e internacional para união dos povos, a que se deve? Não é a ideia central desse projeto que um idioma, ao contrário do que se pensa, daria uma coexistência e suporte às línguas nacionais e minoritárias? Assim como uma agência de correios não pode eliminar as conversas tête-à-tête, tampouco uma língua internacional, em absoluto, substituiria as línguas nacionais ou qualquer outra forma de expressão comunicativa cultural. Corroborando enfaticamente a isso, “A língua internacional pretende somente dar aos homens de povos diferentes, que se conservam como mudos uns diante dos outros, a possibilidade de se compreenderem, mas de modo algum deseja imiscuir-se na vida interna dos povos.”. (Zamenhof, 1937, p. 22)¹⁷⁷.

Por si mesma, a língua internacional não somente não pode enfraquecer as línguas nacionais, mas ao contrário, deverá inevitavelmente contribuir para um grande florescimento destas últimas, porque a necessidade de aprender diversas línguas estrangeiras teve como consequência o fato de raramente se encontrar hoje um homem que conheça a fundo sua língua materna; e as próprias línguas, imiscuindo-se umas nas outras, cada dia mais se confundem, estropiam-se e perdem a riqueza e o encanto naturais. (Zamenhof, 1937, p. 25)¹⁷⁸.

Com o aparecimento da língua artificial, em perspectiva internacional, uma série de implicações significativas em termos de comunicação global, política,

¹⁷⁶ ; la pioniroj de tiuj ĉi ideoj devas multe batali kaj multe suferi; oni rigardas ilin kiel homojn frenezajn, infane malsaĝajn, aŭ fine eĉ rekte kiel homoj tre malutilaj. (Zamenhof, 2000, p. 3)

¹⁷⁷ Lingvo internacia deziras nur doni al la homoj de malsamaj popoloj, kiuj staras unu antaŭ alia kiel mutuloj, la eblon komprenadi unu alian, sed ĝi neniel intencas enmiksiĝi en la internan vivon de la popoloj. Timi, ke lingvo internacia detruos la lingvojn naciajn, estas tiel same ridinde, kiel ekzemple timi, ke la poŝto, kiu donas al homoj malproksimaj unu de alia la eblon komunikiĝadi, minacas neniigi la buŝajn interparoladojn Inter la homoj! (Zamenhof, 2000, p. 10)

¹⁷⁸ Per si mem la lingvo internacia ne sole ne povas malfortigi la lingvojn naciajn, sed kontraŭe, ĝi sendube devas konduki al alia granda fortigado kaj plena ekflorado: dank'al la neceseco ellernadi diversajn fremdajn lingvojn, oni nun malofte povas renkonti homon, kiu posedas perfekte sian patran lingvon, kaj la lingvoj mem, konstante kunpuŝiĝante unuj kun la aliaj, ĉiam pli kaj pli konfuziĝas, kripliĝas kaj perdas sian naturan riĉecon kaj ĉarmon. (Zamenhof, 2000, p. 11)

educação, diplomacia, negócios e cultura surgirão. Uma língua neutra com intuito de facilitar o diálogo e interlocução de sujeitos de diferentes pátrias reduziria os obstáculos intercomunicativos. Ademais, “tudo quanto apareça nos domínios do pensamento humano será traduzido somente nessa única língua neutra e muitas obras serão escritas diretamente nessa língua de sorte que toda a produção do espírito humano será acessível a cada um de nós” (Zamenhof, 1937, p. 29)¹⁷⁹. A questão da glossotopia imaginária teria seus dias de menor escala e interferência entre os falantes e as comunidades dentro de uma região e fora dela, como é o caso de sujeitos que se comunicam via cibernética.

Em vias de um discurso entusiasmante em sua obra, o médico polonês enfatiza o seguinte: “Notem bem na memória, meus senhores, as duas conclusões indubitáveis a que já chegamos, isto é, que: 1º – Uma língua internacional seria utilíssima à humanidade. 2º – A existência de uma língua internacional é plenamente possível”. (Zamenhof, 1937, p. 35)¹⁸⁰. E ao admitir e projetar essas duas deduções hipotéticas (em nossa opinião), a saber: (i) uma língua internacional seria de máxima e superior utilidade à sociedade e demais culturas humanas; e (ii) a existência dessa língua neutra para intercomunicação é viável, portanto sua existência está na possibilidade de acolher ideias favoráveis e rejeitar confrontos e manifestações contrárias à ideia. L.L. Zamenhof (1937, p. 35) admite uma outra via conclusiva, de que a partir dessas duas primeiras conclusões “decorre por si mesma a terceira, isto é, que mais cedo ou mais tarde indubitavelmente tal língua será introduzida na prática, porque no caso oposto teríamos que negar à humanidade os princípios mais elementares de inteligência”¹⁸¹.

No entanto, é razoável notar que a implementação do idioma neutro com fins internacionais de comunicação não impede por absoluto algumas interferências

¹⁷⁹ Sed kiam ekzistus lingvo internacia, tiam ĉio, kio aperas en la regiono de la homa penso, estus tradukata nur en tiun ĉi unu neŭtralan lingvon kaj multaj verkoj estus skribataj rekte en tiu ĉi lingvo, kaj ĉiuj produktoj de la homa spirito fariĝus akireblaj por ĉiuj el ni. (Zamenhof, 2000, p. 13 - 14).

¹⁸⁰ Notu do al vi bone en la memoro tiujn du sendubajn konkludojn, al kiuj ni venis ĝis nun, nome: 1. Lingvo internacia alportus al la homaro grandegan utilon; 2. La ekzistado de lingvo internacia estas plene ebla. (Zamenhof, 2000, p. 17).

¹⁸¹ Ĉu lingvo internacia estos iam enkondukita? Se ni venis al la konkludo, ke lingvo internacia alportus al la homaro grandegan utilon kaj ke ĝia ekzistado estas ebla, el tiuj ĉi du konkludoj jam per si mem elfluas la konkludo, ke tia lingvo pli aŭ malpli frue nepre estos enkondukita, ĉar alie ni devus nei ĉe la homaro la ekzistadon de ĉia eĉ plej elementa inteligenteco. (p. 18)

e questões relativas ao domínio e hegemonia cultural, contudo é viável sua adaptação às estruturas que se projetam a neutralizar (impedir) seu funcionamento global, há sim uma resistência para uma intenção em acomodá-la num diálogo pacífico e democrático, e como já assinalava o mestre Zamenhof (1937, p. 73): “e na vida prática a questão duma língua internacional permanecerá sem solução até que mais cedo ou mais tarde se efetue um novo congresso e escolha uma língua artificial”¹⁸². Todavia em reflexão a essa mesma ideia, podemos destacar uma afirmação chave e pontual da esperantóloga Andréa Eduardo (2021, p. 155), que diz assim:

Também é impossível prever os resultados/consequências da adoção do esperanto como “a” língua internacional e de que forma isso seria feito. Portanto, não se pode aplicar ao esperanto as mesmas críticas aplicadas aos contextos colonizadores de imposição linguística de línguas nacionais.

Oras, não é de menor relevância que “pedimos aos senhores notarem bem na memória esta conclusão, à qual chegamos: a língua internacional das gerações futuras será única e inevitavelmente uma língua artificial”. (Zamenhof, 1937, p. 73) ¹⁸³. Ainda enfatizamos novamente, com a ideia de uma língua internacional, talvez resultem consequências que enredarão num discurso possivelmente antipático de um lado, e de menor escala outras inferências, a estas qualquer indivíduo poderá ter acesso livre, em que o diálogo resulte num estreitamento das relações humanitárias, assim pensamos nós. Entretanto,

O futuro do esperanto e suas consequências são incertas e, dessa forma, se pode pensar apenas no contexto de política linguística abstrata, pois não há como categorizar a proposta de Zamenhof como certa ou errada, apropriada ou equivocada, porque não tem precedentes históricos como nos casos de uma política linguística concreta. (Eduardo, 2021, p. 155)

Indo na linha de raciocínio do Dr. Esperanto, sabemos que o idioma neutro tem uma significativa porção de adeptos ao redor do mundo, e mesmo que seja verdade que nossa comunidade esperantista seja de uma minoria de falantes espalhadas nos diversos continentes do globo terrestre, isso não impedirá o reconhecimento em favor de sua adoção como língua internacional, embora isso não fosse uma certeza absoluta de fato para nós coidealistas. À vista disso, a escolha de

¹⁸² ...kaj en la vivo la demando pri lingvo internacia fakte restos nesolvita tiel longe, ĝis pli aŭ malpli frue kolektiĝos nova kongreso kaj elektos lingvon artan. (Zamenhof, 2000, p. 39 – 40).

¹⁸³ Tiel ni petas vin noti al vi en la memoro tiun konkludon, al kiu ni venis, nome: lingvo internacia de la venontaj generacioj estos sole kaj nepre lingvo arta. (Zamenhof, 2000, p. 39 - 40)

uma língua internacional em um congresso, em hipótese nenhuma, descartaria uma diversidade contingencial de fatores, como por exemplo as razões e trâmites políticos, a pluralidade intercultural, o fluxo econômico e financeiro, e movimentos práticos sociais na comunicação. Por isso,

se hoje se realizasse um congresso para a escolha de uma língua internacional, apesar do enorme número de línguas existentes, poderíamos já agora com toda a certeza e precisão prever que língua ele escolheria, isto é: de todas as línguas vivas, mortas e artificiais, o congresso só poderia escolher uma: o esperanto. (Zamenhof, 1937, p. 81)¹⁸⁴.

Diante da existência de línguas hegemônicas de uso internacional, tais quais o inglês, espanhol e o mandarim; como a presença do esperanto, única língua planejada a desenvolver um papel que mundialmente é desempenhado por línguas nacionais predominantes, poderia contar com um otimismo dessa classe de congressistas? L.L. Zamenhof tinha somente o idioma neutro junto a uma política democrática linguística, “ao contrário dos colonizadores que tinham política linguística, recursos econômicos, estratégias políticas, exércitos, o que impede que a língua internacional, o esperanto, fosse implantado a partir das mesmas estratégias colonialistas”. (Eduardo, 2021, p.129). Ainda assim,

Fosse como fosse constituído o congresso, quaisquer que fossem as condições políticas, não importam as considerações, preconceitos, simpatias ou antipatias pelas quais se guiasse o congresso, ele absolutamente não poderia escolher outra língua senão o esperanto, porque para a função de idioma internacional o esperanto é agora o único candidato no mundo todo, o único, sem concorrente algum. (Zamenhof, 1937, p. 81)¹⁸⁵.

Com muita razão nesse otimismo idealista, Zamenhof não poderia deixar de acreditar no seu projeto, pois numa projeção para o futuro, seu objetivo tinha de ser numa língua auxiliar para fins internacionais, planejada para ser de fácil acesso à comunicação com vias de um retorno rápido pela facilidade e miudeza de sua gramática lógica. Alguns falantes apreciam as características de regularidade gramatical, que opera num sistema linguístico, em qual não se vê as irregularidades

¹⁸⁴ Se hodiaŭ efektiviĝus kongreso por la elekto lingvo internacia, tiam malgraŭ la grandega nombro da ekzistantaj lingvoj ni povos jam nun kun plena certeco kaj precizeco antaŭvidi, kian lingvon ĝi elektos, nome: el ĉiuj ekzistantaj lingvoj vivaj, mortintaj kaj artaj la kongreso povas elekti sole nur unu lingvon: Esperanto. (Zamenhof, 2000, p. 45).

¹⁸⁵ Kia ajn estus la konsisto de la kongreso, kiaj ajn estus la politikaj kondiĉoj, je kiaj ajn konsideroj, antaŭjuĝoj, simpatioj aŭ antipatioj la kongreso sin gvidus, ĝi absolute ne povus elekti ian alian lingvon krom Esperanto, ĉar por la rolo de lingvo internacia Esperanto estas nun la sola kandidato en la tuta mondo, la sola, tute sen iaj konkurantoj. (Zamenhof, 2000, p. 45)

comuns das línguas nacionais, “quem emprega o esperanto, tendo-o aprendido uma vez, nunca mais o esquece, mesmo que passe muito tempo sem usá-lo; o esperanto já desde o começo é muito fácil para a conversação”. (Zamenhof, 1937, p. 79)¹⁸⁶.

Ademais, sobre sua fonética, que se destaca diante de qualquer falante internacional, é sem complicações comparada à sua concorrente à época, o volapuque; ao passo que este “soa muito bárbaro e grosseiro, o esperanto é cheio de harmonia e de estética, fazendo lembrar a língua italiana”. (Zamenhof, 1937, p. 79)¹⁸⁷. Em razão dessas considerações, sublinhamos a seguinte assertiva: “a imensa superioridade do esperanto diante de qualquer outra língua é de uma evidência que salta aos olhos de qualquer pessoa que conheça esta língua, é de todo impossível supor que o congresso escolha qualquer outra”. (Zamenhof, 1937, p. 83)¹⁸⁸. Diante dessa afirmação, encontramos na sua opinião sua expressão mais positiva com relação a um desenvolvimento de meio comunicativo que pudesse destacar a nobreza e eficácia para além das barreiras linguísticas. De todo modo, o esperanto se destaca até os dias atuais como a primeira língua planejada de maior aceitação e a com maior número de vantagens diante do horizonte de línguas que surgiram ou irão surgir. “Porque a criação de uma língua completa, boa em todos os sentidos e capaz de viver, e que a muitos parece tão fácil como um brinquedo, é coisa muito, muitíssimo difícil.” (Zamenhof, 1937, p. 83)¹⁸⁹.

E como bem destacou o médico judeu Dr. Esperanto, há de se observar que muitas estratégias comuns em distintas áreas, em especial na linguística e comunicação, os estudiosos que desenvolvem uma língua artificial na verdade

¹⁸⁶ ... la uzanto de Esperanto, unu fojon ĝis ellerninte, jam ĝin ne forgesas, se li eĉ longan tempon ĝin ne uzas. (4) Esperanto jam en la komenco estas tre facila por buŝa interparolado. (Zamenhof, 2000, p. 44)

¹⁸⁷ Dum Volapük sonas tre sovaĝe kaj maldelikate, Esperanto estas plena je harmonio kaj estetiko kaj memorigas per si la lingvon italan. (Zamenhof, 2000, p. 43)

¹⁸⁸ . Ĉar eĉ ĉe la plej malprospera konsisto de la kongreso en ĝi tamen sidos homaj pensantaj, kaj la grandega pliboneco de la lingvo Esperanto antaŭ ĉiuj aliaj lingvoj tro forte falas en la okuloj al ĉiuj, kiu almenaŭ konatiĝis kun tiu ĉi lingvo, tial estas tute ne eble supozi, ke la kongreso elektos ian alian lingvon. (Zamenhof, 2000, p. 45)

¹⁸⁹ La ebleco de apero de nova lingvo per si mem estas tre duba, kaj komisii al komitato la kreadon de nova lingvo estus tiel same sensence, kiel ekzemple komisii al komitato verki bonan poemon. Ĉar la kreado de plena, en ĉiuj rilatoj taŭga kaj vivipova lingvo, kiu al multaj ŝajnas tia facila kaj ŝerca afero, en efektiveco estas afero tre kaj tre malfacila. Ĝi postulas de unu flanko specialan talenton kaj inspiron, kaj de la dua flanko grandegan energion, paciencon kaj varmegan, senfine aldonitan amon al la entreprenita afero. (Zamenhof, 2000, p. 46)

buscam impressionar a outros determinados cientistas. Nesse caso, os linguistas são os cientistas a quem os autores procuram bajular e, que em detrimento da utilidade prática, estão mais preocupados com sua percepção e avaliação dessa suposta elite especializada do que com a aplicabilidade social diante da realidade entre os verdadeiros usuários, os falantes comuns.

Enquanto o esperanto satisfaz a todas as exigências de uma língua internacional (extraordinária facilidade, precisão, riqueza, naturalidade, vitalidade, flexibilidade, sonoridade, etc.), cada um dos novos projetos se esforça por melhorar um lado da língua, sacrificando involuntariamente para isso todas as outras qualidades. Assim, por exemplo, muitos dos autores dos novos projetos empregam a seguinte astúcia: sabendo que o público classificará cada projeto conforme o juízo que dos mesmos fizeram os linguistas eruditos, cogitam não de que seu projeto sirva efetivamente para algo na prática, mas somente que à primeira vista cause boa impressão aos linguistas. (Zamenhof, 1937, p. 89)¹⁹⁰.

Segundo a pesquisadora e professora Andréa Eduardo (2021, p. 32), “A principal ciência que poderia colocar o esperanto em pauta, torná-lo objeto, ignora-o, associando-o às históricas proibições de estudos sobre a origem das línguas ou sobre as ‘línguas universais’”. Além do “preconceito linguístico” e científico sobre o esperanto no rol dos acadêmicos e cientistas da linguagem, o idioma internacional tem de passar pela insensatez imposta por aqueles que priorizam e prestigiam a funcionalidade de uma língua por via de uma gramática complexa e robusta. Entretanto, o mestre L.L. Zamenhof (1937, p. 91) também a respeito disso enfatiza:

Se toda a essência de uma língua artificial consistisse em sua gramática, então desde o momento em que apareceu o Volapük estaria resolvida para sempre a questão duma língua internacional, e nenhum concorrente poderia aparecer para o Volapük.¹⁹¹

Em outros termos, conforme o mestre Dr. Esperanto, “O Volapük resolveu só a questão da gramática, e absolutamente não cuidou do vocabulário, dando apenas uma grande coleção de palavras inventadas, as quais qualquer novo autor

¹⁹⁰ Dum Esperanto bonege kontentigas ĉiujn postulojn, kiuj povas esti farataj al lingvo internacia (eksterordinara facileco, precizeco, riĉeco, natureco, vivipoveco, fleksebleco, sonoreco k.t.p.), ĉiu el tiuj projektoj penas plibonigi unu ian flankon de la lingvo, oferante por tio ĉi kontraŭvole ĉiujn aliajn flankojn. Tiel ekzemple multaj el la plej novaj projektistoj uzas la sekvantan ruzajon: sciante, ke la publiko taksos ĉiun projekton konforme al tio, tiel al ĝi rilatos la instruitaj lingvistoj, ili zorgas ne pri tio, ke ilia projekto estu efektive taŭga por io en la praktiko, sed nur pri tio, ke ĝi en la unua minuto faru bonan impreson sur la lingvistojn. (Zamenhof, 2000, p. 49).

¹⁹¹ Se la tuta esenco de lingvo arta konsistus en ĝia gramatiko, tiam de la momento de la apero de Volapük la demando de lingvo internacia estus solvita por ĉiam, kaj iaj konkurantoj al la lingvo Volapük aperi jam ne povus. (Zamenhof, 2000, p. 51).

teria o direito de inventar a seu talante”. (Zamenhof, 1937, p. 93)¹⁹². Entretanto, para um eficaz aprendizado de um idioma, requerer domínio apenas de sua gramática, não torna alguém competente e com habilidade naquele idioma, por isso o vocabulário desempenha função igualmente importante para o bom desempenho do sistema o qual o falante quer aprender. E na verdade, “a aquisição de vocabulário toma cem vezes mais tempo, em uma língua artificial, do que o estudo da gramática” (Zamenhof, 1937, p. 93)¹⁹³.

Fechada nossa discussão aqui, consideramos satisfatória a exposição e elucidação sobre a questão neológica do esperanto como idioma planejado e suficientemente comunicativo em sua criatividade/produktividade lexical particular. Dito isso, saltemos a nossa leitura aos detalhes mais técnicos com respeito à análise lexical e neológica dos verbetes regionais traduzidos, e que constituem o glossário da referida obra de nossa pesquisa na sua versão para a língua internacional, o esperanto. Adiante, entraremos com detalhes sobre análise ou comentários da: (i) composição de quadros lexicais e suas referidas correspondências no esperanto, (ii) composição de gráficos para mensurar a porcentagem das unidades lexicais criadas e/ou desenvolvidas, observando o quantitativo de correspondência no total dos novos lexemas integrados no vocabulário do esperanto. E por fim, (iii) análise e comentário das unidades neológicas, observando detalhes de uma tipologia neológica do esperanto, em específico as novas formas criadas das unidades já existentes na língua, e conseqüentemente das unidades por empréstimo/estrangeirização.

4.4.1 Análise dos glossários: quadros e gráficos.

Neste subtópico organizamos dois conjuntos de quadros: (i) o primeiro referente aos grupos gerais das seis categorias – Utensílios, Vestuário, Flora/Fauna,

¹⁹² Dume Volapük solvis nur la demandon de la gramatiko, kaj la vortaron ĝi lasis tute sen atento, doninte simple tutan kolekton da diversaj elpensitaj vortoj, kiujn ĉiu nova aŭtoro havus la rajton elpensi al si laŭ propra deziro. (Zamenhof, 2000, p. 51).

¹⁹³ Sed lingvo konsistas ne sole el gramatiko, sed ankaŭ el vortaro, kaj la ellernado de la vortaro postulas en lingvo arta cent fojojn pli da tempo, ol la ellernado de la gramatiko.

Itens Culturais, Cômodos e Alimentação –, com suas devidas quantidades de ocorrências lexicais do português para o esperanto; (ii) o segundo referente aos mesmos grupos gerais, todavia enquanto o primeiro grupo se constitui de ocorrências dos verbetes, o segundo do quantitativo de correspondências organizadas em nível crescente: uma correspondência lexical, duas correspondências lexicais, três, quatro e cinco para cada categoria de verbetes, também seguindo uma lógica do português para o esperanto. E há, ainda, um terceiro conjunto de gráficos, a fim de uma aplicabilidade razoavelmente estatística, portanto de um nível mais lógico e aproximativo (quiza exato) desses grupos listados nos dois conjuntos de quadros. Esse terceiro grupo é constituído de oito gráficos: (i) o primeiro gráfico: a porcentagem de cada categoria lexical (Utensílios, Vestuário, Flora/Fauna, Itens Culturais, Cômodos e Alimentação), (ii) segundo gráfico: porcentagem das categorias lexicais referentes a Uma CL (Correspondência Lexical), (iii) terceiro gráfico: porcentagem das categorias lexicais referentes a Duas CLs, (iv) quarto gráfico: porcentagem das categorias lexicais referentes a Três CLs, (v) quinto gráfico: porcentagem das categorias lexicais referentes a Quatro CLs, (vi) sexto gráfico: porcentagem das categorias lexicais referentes a Cinco CLs, (vii) sétimo gráfico: porcentagem das unidades lexicais estrangeiras (por empréstimo) referente a categoria lexical, que por sua vez é relativa a sua CL, (viii) oitavo gráfico: porcentagem das unidades lexicais estrangeiras e não-estrangeiras do total de verbetes regionais.

Ademais, o primeiro conjunto integra o intervalo do oitavo quadro ao décimo terceiro quadro. O segundo conjunto se constitui da soma do décimo quarto ao décimo nono quadro. O terceiro grupo se constitui da soma do primeiro ao nono gráfico.¹⁹⁴

Quadro 2: verbetes para utensílios

| UTENSÍLIOS | |
|------------|-------------------------------|
| Português | Esperanto |
| 1. abano | 1. ventumilo (6 ocorrências). |

¹⁹⁴ Deixando claro que não se trata de uma pesquisa que exija um suporte matemático e estatístico, mas a título de precisão quantitativa, supúnhamos que cairia bem e satisfatório trazer essas indicações relacionadas ao montante das unidades neológicas.

| | |
|-------------------------------------|---|
| 2. aió | 2. çasujo (11 ocorrências). |
| 3. alforje | 3.1. dusako (4 ocorrências), 3.2. dorsosako (1 ocorrência). |
| 4. baú de folha | 4.1. lada kofro (7 ocorrências), 4.2. kofro el farbita lado (1 ocorrência), 4.3. kofro el šmirita lado (1 ocorrência), 4.4. kofro el lado kolorigita (1 ocorrência). |
| 5. binga | 5.1. silikštona fajrilo (1 ocorrência), 5.2. silikfajrilon (1 ocorrência). |
| 6. bolandeira | 6.1. kanmuelila dentrado (22 ocorrências), 6.2. kanmuelilo (2 ocorrências) |
| 7. cabaça | 7.1. kalabaso (2 ocorrências), 7.2. akvokalabaso (1 ocorrência). |
| 8. caibro | 8. çevrono (1 ocorrência). |
| 9. candeeiro | 9.1. meçujo (2 ocorrências), 9.2. lampo (1 ocorrência). |
| 10. catre | 10. litaço (1 ocorrência). |
| 11. chocalho | 11.1. sonorileto (10 ocorrências), 11.2. tintilo (3 ocorrência), 11.3. sonorilo (1 ocorrências). |
| 12. creolina | 12. kreozota solvaço (1 ocorrência). |
| 13. cuia | 13.1. kalabaso (8 ocorrências), 13.2. akvokalabaso (1 ocorrência), 13.3. kalabasa taso (1 ocorrência). |
| 14. cumbuca | 14.1. kalabaso (1 ocorrência), 14.2. alia aço (1 ocorrência). |
| 15. espingarda de pederneira | 15.1. silikfajrila pafilo (3 ocorrências), 15.2. fajrilpafilo (3 ocorrências), 15.3. silikfajra pafilo (1 ocorrência). |

| | |
|---------------------------|--|
| 16. jirau | 16.1. stangotenilo (3 ocorrências), 16.2. stangokrado (1 ocorrência). |
| 17. lampião | 17.1. lanterno (2 ocorrências), 17.2. stratlanterno (1 ocorrência). |
| 18. látego | 18. vipo (5 ocorrências). |
| 19. matalotagem | 19. nutrajsako (1 ocorrência). |
| 20. mourão | 20.1. angulpaliso (1 ocorrência), 20.2. alfosto (1 ocorrência) 20.3. angulfosto (1 ocorrência). |
| 21. mundéu | 21. kaptilo (2 ocorrências). |
| 22. picuá | 22. ajo (2 ocorrências). |
| 23. pilão | 23.1. pistujo (2 ocorrências), 23.2. pistilo (2 ocorrências). |
| 24. pinguela | 24. pas-tabulon (1 ocorrência). |
| 25. quenga de coco | 25.1. kokosŝela duono (2 ocorrências), 25.2. kalabaso (1 ocorrência). |
| 26. querosena | 26. keroseno (9 ocorrências). |
| 27. taramela | 27. levfermilo (2 ocorrências). |
| 28. trempe | 28. tripiedo (10 ocorrências). |

Quadro 3: verbetes para vestuário

| VESTUÁRIO | |
|---------------------------|---|
| Português | Esperanto |
| 1. algibeira | 1. poŝo (1 ocorrência). |
| 2. alpecarta | 2. sandalo (21 ocorrências). |
| 3. botina | 3. boto (9 ocorrências). |
| 4. chapéu de couro | 4.1. leda ĉapelo (7 ocorrências), 4.2. ĉapelo (2 ocorrências). |
| 5. chapéu de palha | 5. pajloĉapelo (1 ocorrência). |

| | |
|-------------------------|--|
| 6. chita | 6. indieno (3 ocorrências). |
| 7. cilha | 7. selzono (2 ocorrências). |
| 8. farpela | 8. kostumo (1 ocorrência). |
| 9. gibão | 9. veŝto (12 ocorrências). |
| 10. guarda-peito | 10. brustŝildo (5 ocorrências). |
| 11. perneira | 11. tibiingo (7 ocorrências). |
| 12. roseta | 12.1. spronradeto (4 ocorrências), 12.2. spronado (1 ocorrência). |

Quadro 4: verbetes para flora/fauna

| FLORA/FAUNA | |
|---------------------|--|
| Português | Esperanto |
| 1. angico | 1. anjiko (4 ocorrências). |
| 2. alecrim | 2. rosmareno (2 ocorrências). |
| 3. aroeira | 3. aroejro (2 ocorrências). |
| 4. baraúna | 4. barauno (3 ocorrências). |
| 5. barreiro | 5.1. argilejo (11 ocorrências), 5.2. kotejo (1 ocorrência). |
| 6. bode | 6.1. boko (6 ocorrências), 6.2. kaproboko (1 ocorrência). |
| 7. cabra | 7.1. kaprino (10 ocorrências) 7.2. kaprinejo (9 ocorrências), 7.3. kapro (2 ocorrências). |
| 8. caititu | 8. pekario (1 ocorrência). |
| 9. capão | 9. arboinsulo (4 ocorrências). |
| 10. cascalho | 10. ŝtoneca grundo (1 ocorrência). |
| 11. craveiro | 11. diante (4 ocorrências). |
| 12. catinga | 12.1. kaantingo (23 ocorrências), 12.2. arbustaro (1 ocorrência). |

| | |
|------------------------|--|
| 13. catingueira | 13.1. katingujo (17 ocorrências), 13.2. tiu apogo (1 ocorrência). |
| 14. égua alazã | 14.1. brunflava êvalino (5 ocorrências), 14.2. grizeta êvalino (1 ocorrência). |
| 15. égua ruça | 15. grizeta êvalino (2 ocorrências). |
| 16. embira | 16. liano (2 ocorrências). |
| 17. imburana | 17.1. imburano (2 ocorrências), 17.2. umburano (1 ocorrência). |
| 18. jatobá | 18. himeneo (4 ocorrências). |
| 19. juazeiro | 19. zizifo (22 ocorrências). |
| 20. losna | 20. absinto (5 ocorrências). |
| 21. louro | 21. loro (3 ocorrências). |
| 22. macambira | 22. makambiro (9 ocorrências). |
| 23. mandacaru | 23. mandakaruo (11 ocorrências). |
| 24. marrã | 24. porkido (2 ocorrências). |
| 25. mulungu | 25.1. koralflorujo (2 ocorrências), 25.2. koralflora arbo (1 ocorrência), 25.3. arbo de la koralfloro (1 ocorrência). |
| 26. pé de turco | 26.1. fosto de la gruo (2 ocorrências), 26.2. arganfosto (1 ocorrência), 26.3. grufosto (1 ocorrência), 26.4. gruo (1 ocorrência). |
| 27. periquito | 27. konuro (4 ocorrências). |
| 28. preá | 28. kavio (17 ocorrências). |
| 29. quipá | 29.1. rampokardo (1 ocorrência), 29.2. arbustaro (1 ocorrência), 29.3. rampa kardo (1 ocorrência), 29.4. kardo (1 ocorrência), 29.5. kardofolio (1 ocorrência). |

| | |
|-----------------------|--|
| 30. quixabeira | 30. kiŝabujo (1 ocorrência). |
| 31. serra | 31.1. montaro (9 ocorrências), 31.2. tero (1 ocorrência). |
| 32. sucupira | 32. sukupiro (3 ocorrências). |
| 33. taquari | 33. bambuo (1 ocorrência). |
| 34. urubu | 34. katarto (15 ocorrências). |
| 35. xiquexique | 35. opuntio (4 ocorrências). |

Quadro 5: verbetes para itens culturais

| ITENS CULTURAIS | |
|----------------------|--|
| Português | Esperanto |
| 1. aboio | 1. abojo (2 ocorrências). |
| 2. borralho | 2. varma cindro (1 ocorrência). |
| 3. bozó | 3. ĵetkubo (1 ocorrência). |
| 4. cabra | 4.1. mestizo (4 ocorrências), 4.2. bienloĝanto (2 ocorrências), 4.3. ulo (2 ocorrências), 4.4. fiulo (2 ocorrências), 4.5. aliulo (1 ocorrência). |
| 5. cambaio | 5.1. kurbakrura (4 ocorrências), 5.2. malfirme paŝanta (1 ocorrência). |
| 6. cambembe | 6.1. malgravulo (1 ocorrência), 6.2. taglaboristo (1 ocorrência). |
| 7. cangote | 7. ŝultro (1 ocorrência). |
| 8. cascudo | 8.1. vertofrapo (3 ocorrências), 8.2. surverto (2 ocorrências). |
| 9. cerca | 9.1. barilo (18 ocorrências), 9.2. enfermejo (1 ocorrência). |
| 10. chiqueiro | 10.1. kaprinejo (13 ocorrências), |

| | |
|------------------------------|---|
| | <p>10.2. porkejo (4 ocorrências),</p> <p>10.3. enfermejo (1 ocorrência),</p> <p>10.4. ejo (1 ocorrência).</p> |
| 11. cigarro de palha | 11. pajlocigaredo (2 ocorrências). |
| 12. cocorote | <p>12.1. vertofrapo (3 ocorrências),</p> <p>12.2. surverto (1 ocorrência).</p> |
| 13. curral | <p>13.1. bovinejo (12 ocorrências),</p> <p>13.2. kralo (2 ocorrências),</p> <p>13.3. bovejo (1 ocorrência).</p> |
| 14. ditério | 14. vortoj (1 ocorrência). |
| 15. dunga | 15. bravulo (1 ocorrência). |
| 16. estrela papa-ceia | 16. vesperstelo (1 ocorrência). |
| 17. fazenda | <p>17.1. bieno (20 ocorrências),</p> <p>17.2. ŝtofo (2 ocorrências),</p> <p>17.3. brutbieno (1 ocorrência).</p> |
| 18. fumo | <p>18.1. tabako (1 ocorrência),</p> <p>18.2. rultabako (1 ocorrência),</p> <p>18.3. tabakspiralo (1 ocorrência),</p> <p>18.4. tabakrulaĵo (1 ocorrência).</p> |
| 19. fuzuê | <p>19.1. kverelo (1 ocorrência),</p> <p>19.2. tohuvabohuo (1 ocorrência).</p> |
| 20. pinga | <p>20.1. brandeto (1 ocorrência),</p> <p>20.2. dozo da brando (1 ocorrência).</p> |
| 21. pirralho | 21. etulo (2 ocorrências). |
| 22. pucumã | 22. fumajoplana (1 ocorrência). |
| 23. retirante | 23. formigrulo (1 ocorrência). |
| 24. sinha | 24. njo (184 ocorrências) |
| 25. taipa | <p>25.1. kotmuro (1 ocorrência),</p> <p>25.2. kotbulo(1 ocorrência).</p> |

| | |
|---------------------|--|
| 26. tapera | 26. forlasinta domo (1 ocorrência). |
| 27. vaqueiro | 27. vakero (22 ocorrências). |
| 28. vara | 28.1. stangolito (15 ocorrências), 28.2. stango (6 ocorrências), 28.3. stangokrado (1 ocorrência), 28.4. ulnoj (1 ocorrência). 28.5. (1 ocorrência se trata de uma fraseologia) |

Quadro 6: verbetes para cômodos

| CÔMODOS | |
|---------------------|---|
| Português | Esperanto |
| 1. bodega | 1.1. butiko (5 ocorrências), 1.2. drinkejaĉon (2 ocorrências), 1.3. ejo (1 ocorrência). |
| 2. camarinha | 2.1. dormoĉambro (2 ocorrências), 2.2. ĉambro (1 ocorrência), 2.3. ĉambreto (1 ocorrência), 2.4. dormejo (1 ocorrência). |
| 3. caritó | 3. niĉo (4 ocorrências). |
| 4. copiar | 4.1. verando (9 ocorrências), 4.2. korto (3 ocorrências). |
| 5. oitão | 5. flanka barilo (1 ocorrência). |
| 6. quintal | 6.1. korto (1 ocorrência), 6.2. korteto (1 ocorrência), 6.3. malgranda korto (1 ocorrência). |

Quadro 7: verbetes para alimentação

| ALIMENTAÇÃO | |
|----------------------|-------------------------------------|
| Português | Esperanto |
| 1. carne-seca | 1. sekviando (1 ocorrência). |

| | |
|-------------|---|
| 2. farinha | 2. maniokfaruno (3 ocorrências). |
| 3. imbu | 3. imbuo (1 ocorrência). |
| 4. mucunã | 4. mukuno (1 ocorrência). |
| 5. rapadura | 5. krudsukera briko (1 ocorrência). |
| 6. toicinho | 6.1. lardo (1 ocorrência) 6.2. lardopeco (1 ocorrência). |

Como já havíamos demonstrado e explicado, segue-se por agora o segundo grupo de quadros:

Quadro 8: verbetes para utensílios

| UTENSÍLIOS | |
|---|---|
| (i) Uma correspondência | |
| 1. abano 2. aió 3. caibro 4. catre 5. creolina 6. látego 7. matalotagem 8. mundéu 9. picuá 10. pinguela 11. querosene 12. taramela 13. trampe | 1. ventumilo 2. casujo 3. çevrono 4. litaço 5. kreozota solvaço 6. vipo 7. nutrajsako 8. kaptilo 9. ajo 10. pas-tabulo 11. keroseno 12. levfermilo 13. tripiedo |
| (ii) Duas correspondências | |
| 1. alforje 2. binga 3. bolandeira 4. cabaça 5. candeeiro 6. cumbuca 7. jirau 8. lampião 9. pilão 10. quenga de coco | 1. dusako, dorsosako. 2. silikstona fajrilo, silikfajrilon. 3. kanmuelila dentrado, kanmuelilo. 4. kalabaso, akvokalabaso. 5. meçujo, lampo. 6. kalabaso, alia ajo. 7. stangotenilo, stangokrado. 8. lanterno, stratlanterno. 9. pistujo, pistilo. 10. kokosêla duono, kalabaso. |
| (iii) Três correspondências | |
| 1. chocalho 2. cuia 3. espingarda de pederneira | 1. sonorileto, tintilo, sonorilo. 2. kalabaso, akvokalabaso, kalabasa taso. 3. silikfajrila pafilo, fajrilpafilo, silikfajra |

| | |
|-------------------------------------|--|
| 4. mourão | pafilo. 4. angulpaliso, alfosto, angulfosto. |
| (iv) Quatro correspondências | |
| 1. baú de folha | 1. lada kofro, kofro el farbita lado, kofro el šmirita lado, kofro el lado kolorigita. |

Quadro 9: verbetes para vestuário

| | |
|---|---|
| VESTUÁRIO | |
| (i) Uma correspondência | |
| 1. algibeira 2. alpercarta 3. botina 4. chapéu de palha 5. chita 6. cilha 7. farpela 8. gibão 9. guarda-peito 10. perneira | 1. pošo 2. sandalo 3. boto 4. pajloçapelo 5. indieno 6. selzono 7. kostumo 8. vešto 9. Brustšildo 10. tibiingo |
| (ii) Duas correspondências | |
| 1. chapéu de couro 2. roseta | 1. leda çapelo, çapelo. 2. spronradeto, spronrado. |

Quadro 10: verbetes para flora/fauna

| | |
|--|--|
| FLORA/FAUNA | |
| (i) Uma correspondência | |
| 1. angico 2. alecrim 3. aroeira 4. baraúna 5. caititu 6. capão 7. cascalho 8. craveiro 9. égua ruça 10. embira 11. jatobá 12. juazeiro 13. losna 14. louro 15. macambira | 1. anjiko 2. rosmareno 3. arojro 4. barauno 5. pekario 6. arboinsulo 7. štoneca grundo 8. dianto 9. grizeta çevalino 10. liano 11. himeneo 12. zizifo 13. absinto 14. loro 15. makambiro |

| | |
|---|--|
| 16. mandacaru 17. marrã 18. periquito 19. preá 20. quixabeira 21. sucupira 22. taquari 23. urubu 24. xiquixique | 16. mandakaruo 17. porkido 18. konuro 19. kavio 20. kišabujo 21. sukupiro 22. bambuo 23. katarto 24. opuntio |
| (ii) Duas correspondências | |
| 1. barreiro 2. bode 3. catinga 4. catingueira 5. égua alazã 6. imburana 7. serra | 1. argilejo, kotejo. 2. boko, kaproboko. 3. kaantingo, arbustaro. 4. katingujo, tiu apogo. 5. brunflava ĉevalino, grizeta ĉevalino. 6. imburano, umburano. 7. montaro, tero. |
| (iii) Três correspondências | |
| 1. cabra 2. mulungu | 1. kaprino, kaprinejo, kapro. 2. koralflorujo, koralflora arbo, arbo de la koralfloro. |
| (iv) Quatro correspondências | |
| 1. pé de turco | 1. fosto de la gruo, arganfosto, grufosto, gruo. |
| (v) Cinco correspondências | |
| 1. quipá | 1. rampokardo, arbustaro, rampa kardo, kardo, kardofolio. |

Quadro 11: verbetes para itens culturais

| | |
|--|--|
| ITENS CULTURAIS | |
| (i) Uma correspondência | |
| 1. aboio 2. borralho 3. bozó 4. cangote 5. cigarro de palha 6. ditério 7. dunga 8. estrela papa-ceia 9. pirralho 10. pucumã | 1. abojo 2. varma cindro 3. jetkubo 4. ŝultro 5. pajlocigaredo 6. vortoj 7. bravulo 8. vesperstelo 9. etulo 10. fumajoplana |

| | |
|--|---|
| 11. retirante 12. sinha 13. tapera 14. vaqueiro | 11. formigrulo 12. njo 13. forlasinta domo 14. vakero |
| (ii) Duas correspondências | |
| 1. cambaio 2. cambembe 3. cascudo 4. cerca 5. cocorote 6. fuzuê 7. pinga 8. taipa | 1. kurbakrura, malfirme pašanta. 2. malgravulo, taglaboristo. 3. vertofrapo, surverto. 4. barilo, enfermejo. 5. vertofrapo, surverto. 6. kverelo, tohuvabohuo. 7. brandeto, dozo da brando. 8. kotmuro, kotbulo. |
| (iii) Três correspondências | |
| 1. curral 2. fazenda | 1. bovinejo, kralo, bovejo. 2. bieno, ŝtofo, brutbieno. |
| (iv) Quatro correspondências | |
| 1. chiqueiro 2. fumo | 1. kaprinejo, porkejo, enfermejo, ejo. 2. tabako, rultabako, tabakspiralo, tabakrulaĵo.. |
| (v) Cinco correspondências | |
| 1. cabra 2. vara | 1. mestizo, bienloĝanto, ulo, fiulo, aliulo. 2. stangolito, stango, stangokrado, ulnoj, (uma ocorrência fraseológica*) |

Quadro 12: verbetes para cômodos

| | |
|------------------------------------|---|
| CÔMODOS | |
| (i) Uma correspondência | |
| 1. caritó 2. oitão | 1. niĉo 2. flanka barilo |
| (ii) Duas correspondências | |
| 1. copiar | 1. verando, korto. |
| (iii) Três correspondências | |
| 1. bodega 2. quintal | 1. butiko, drinkejaĉon, ejo. 2. korto, korteto, malgranda korto. |

| | |
|-------------------------------------|--|
| (iv) Quatro correspondências | |
| 1. camarinha | 1. dormoçambro, çambro, çambreto, dormejo. |

Quadro 13: verbetes para alimentação

| | |
|--|---|
| ALIMENTAÇÃO | |
| (i) Uma correspondência | |
| 1. carne-seca 2. farinha 3. imbu 4. mucunã 5. rapadura | 1. sekviando 2. maniokfaruno 3. imbuo 4. mukuno 5. krudsukera briko |
| (ii) Duas correspondências | |
| 1. toicinho | 1. lardo, lardopeco. |

Gráfico 1: porcentagem total dos verbetes regionais com suas referidas correspondências lexicais

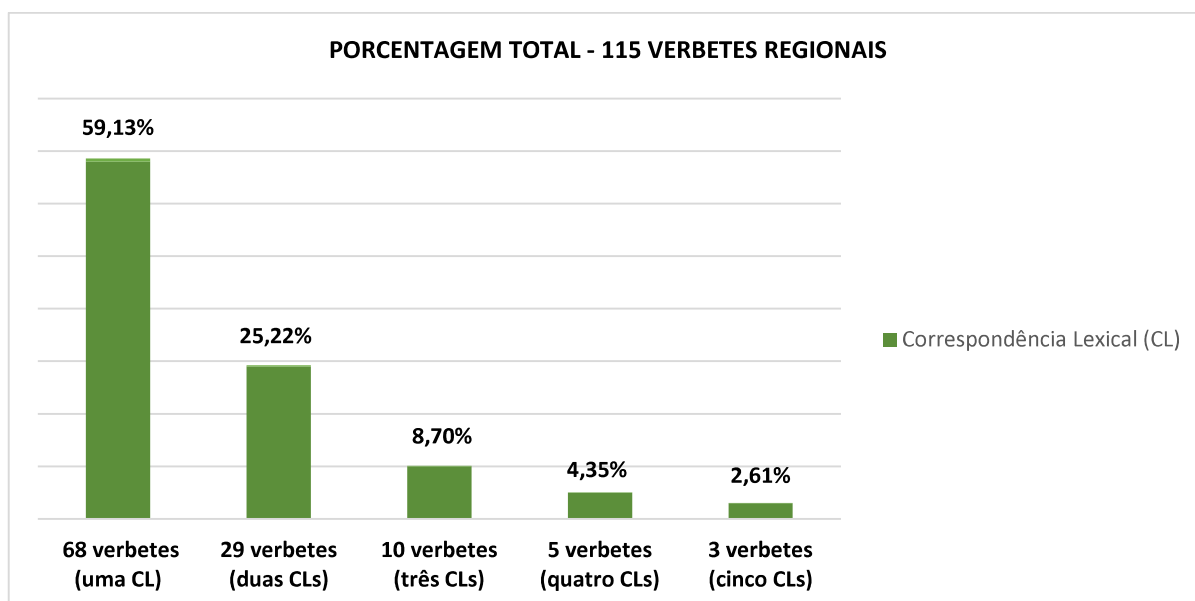


Gráfico 2: porcentagem dos verbetes regionais com uma correspondência lexical para o esperanto

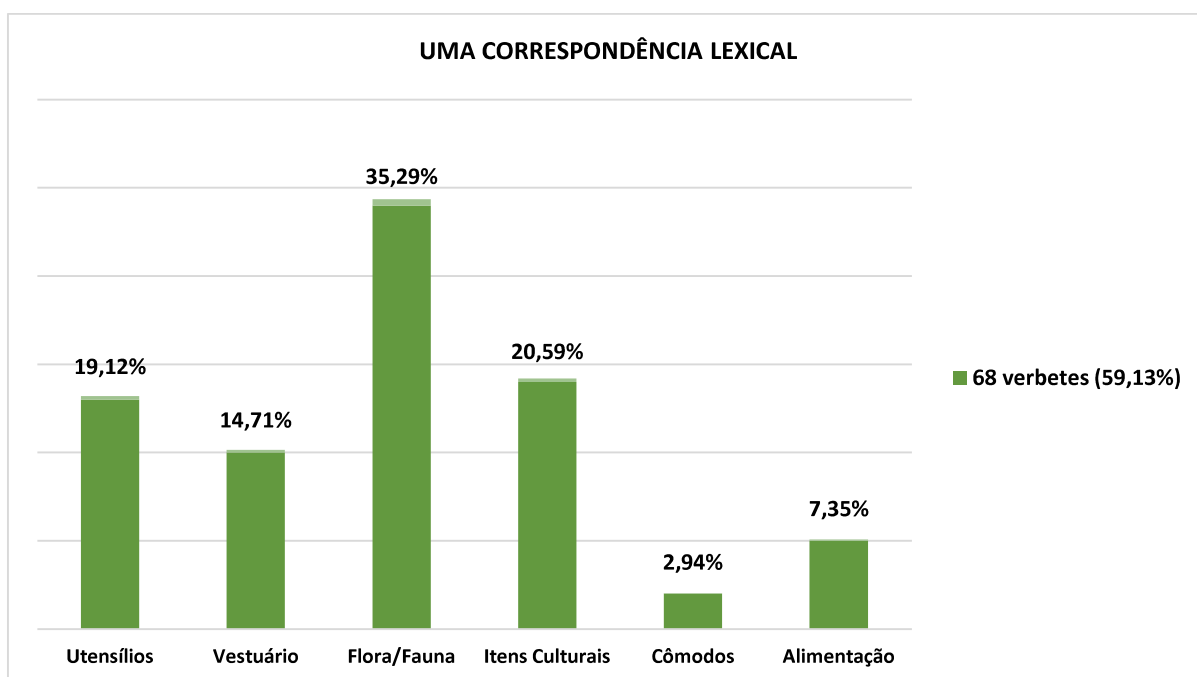


Gráfico 3: porcentagem dos verbetes regionais com duas correspondências lexicais para o esperanto

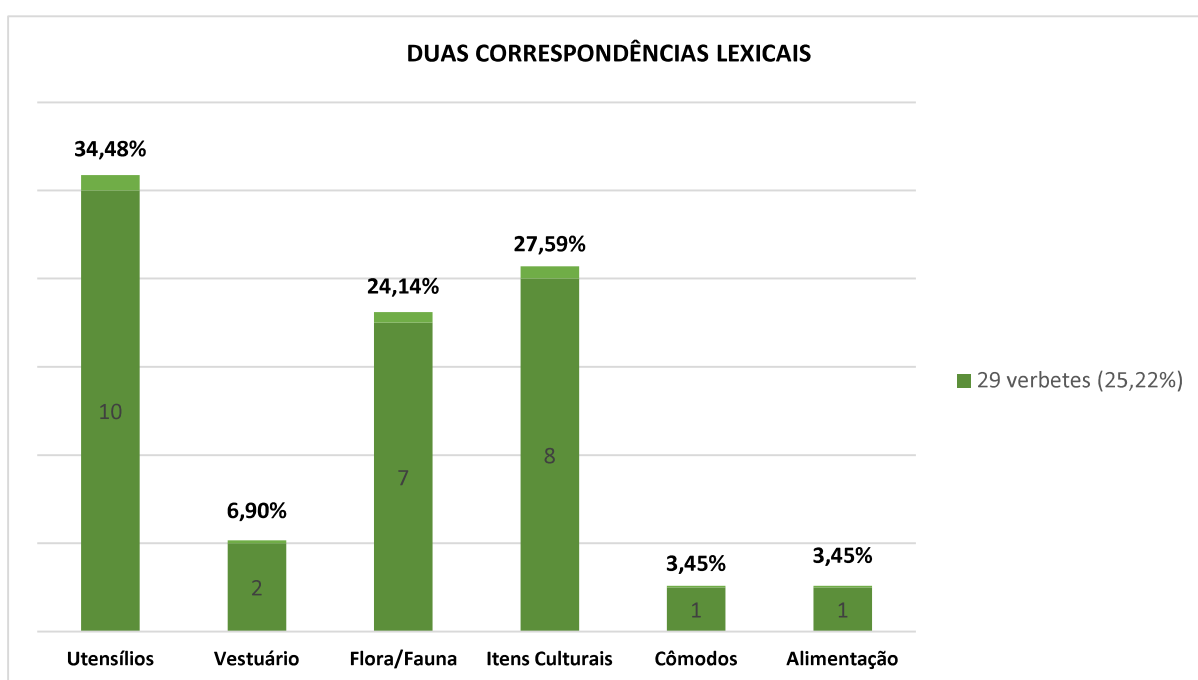


Gráfico 4: porcentagem dos verbetes regionais com três correspondências lexicais para o esperanto

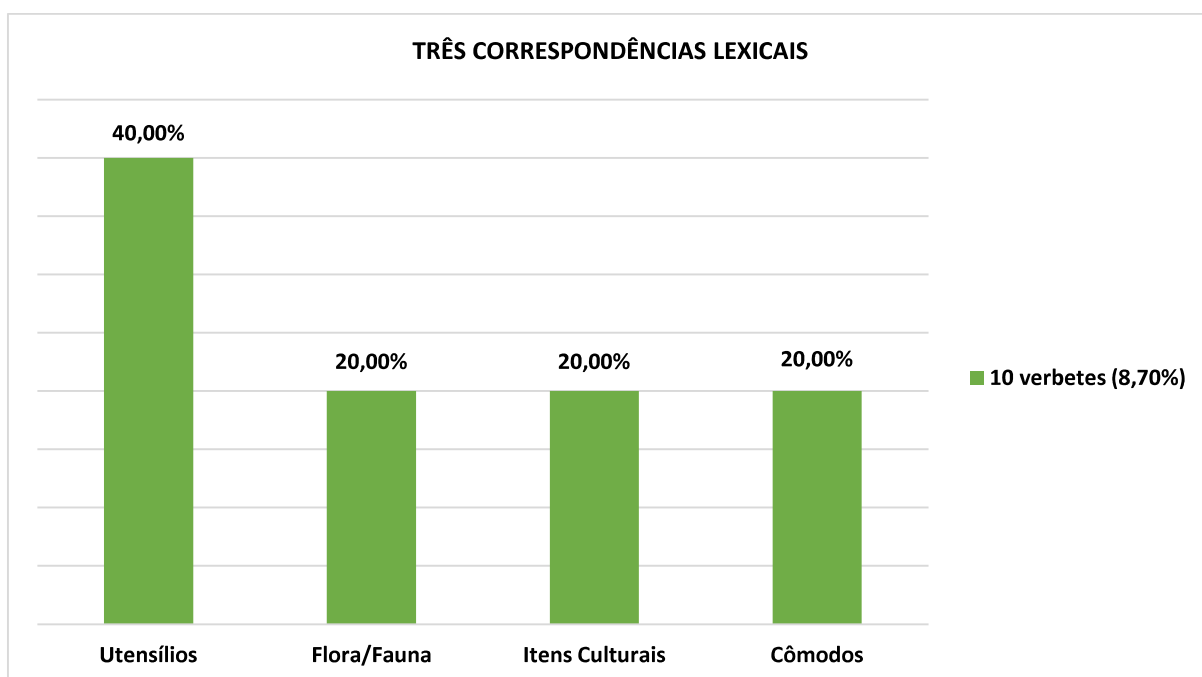


Gráfico 5: porcentagem dos verbetes regionais com quatro correspondências lexicais para o esperanto

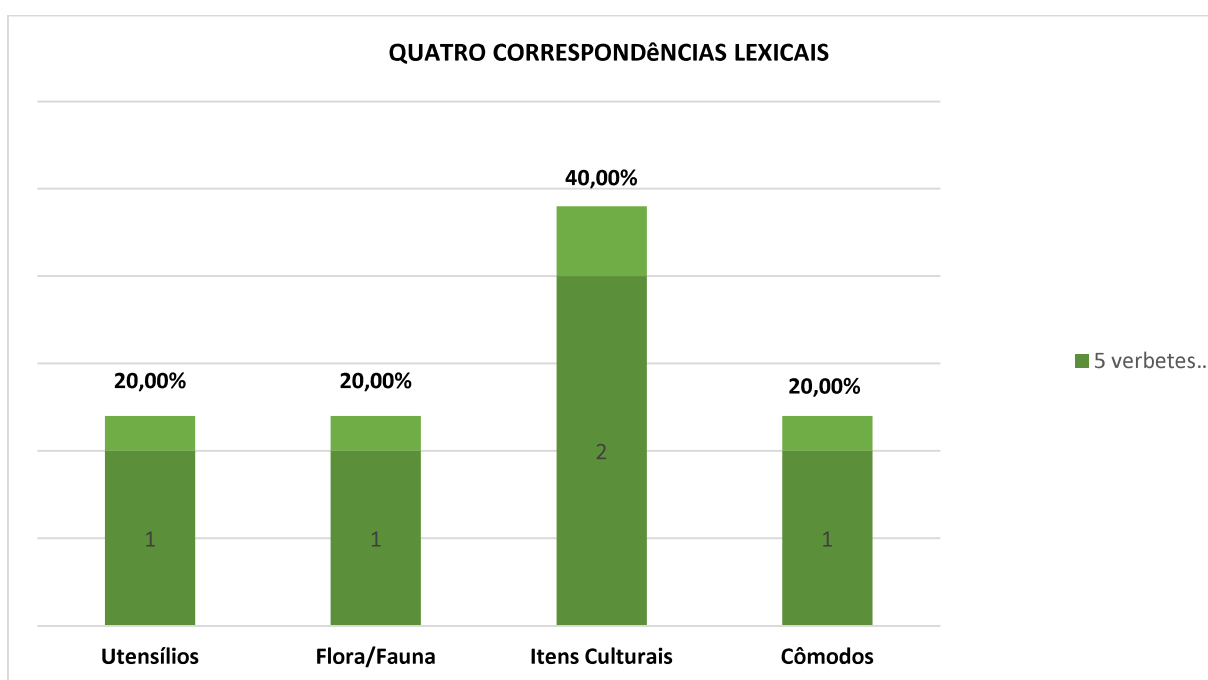


Gráfico 6: porcentagem dos verbetes regionais com cinco correspondências lexicais para o esperanto

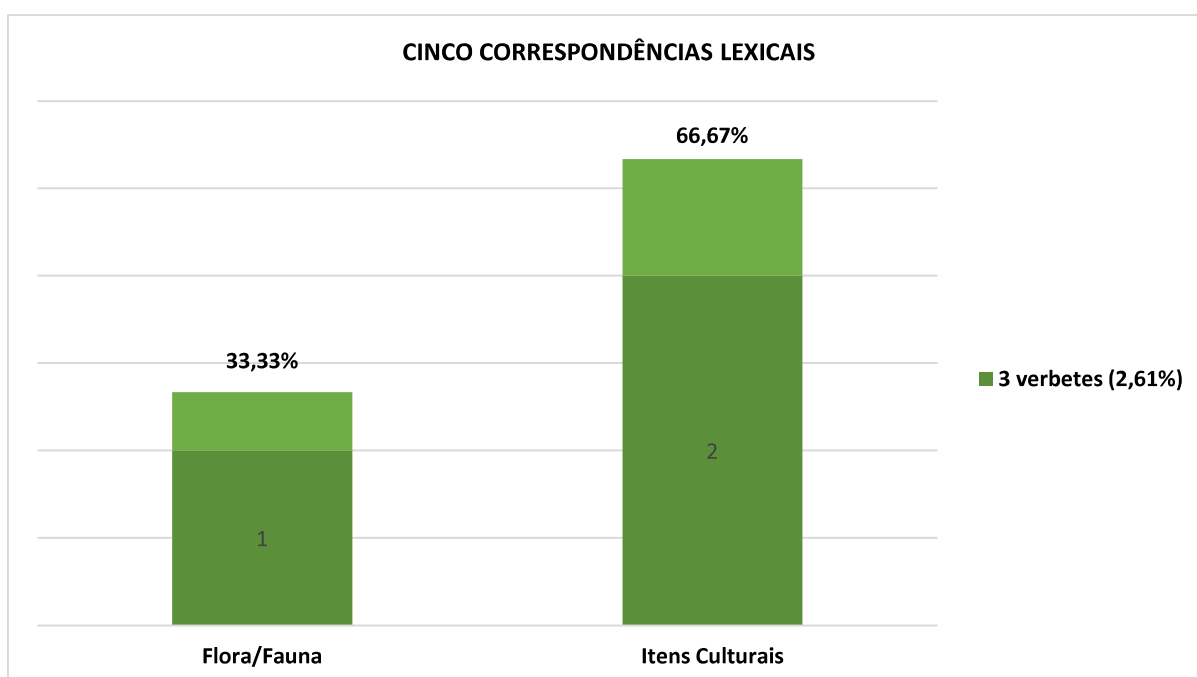


Gráfico 7: porcentagem de unidades com CLs neológicas por empréstimo

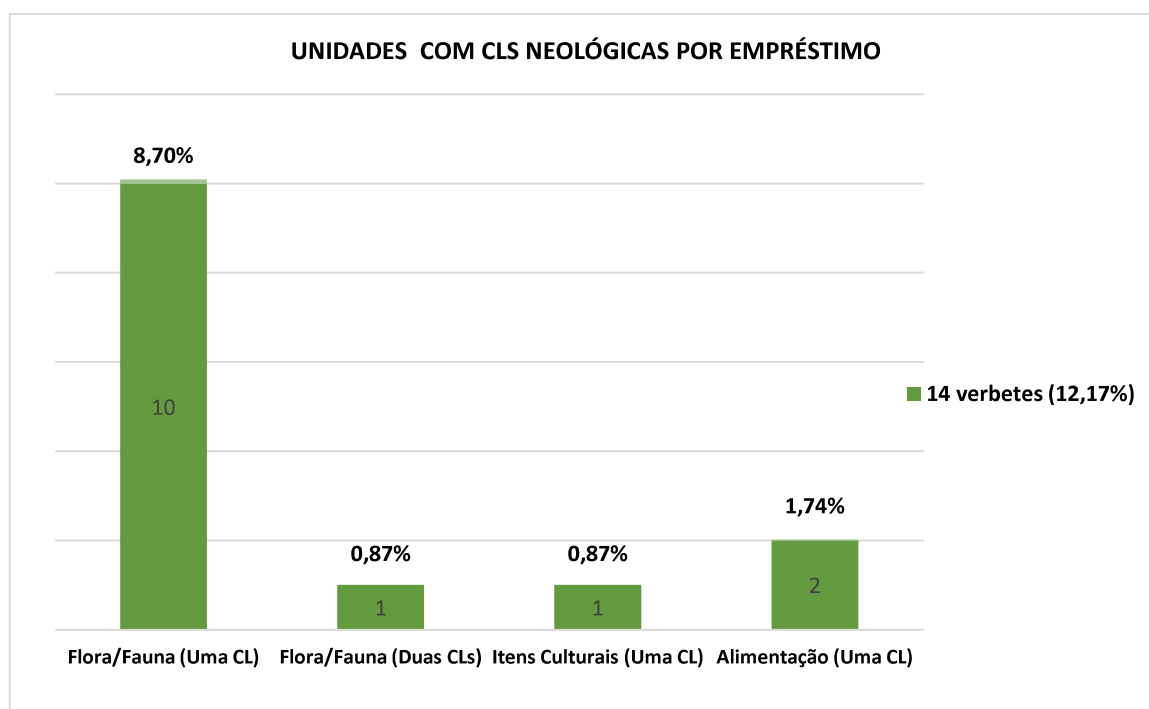


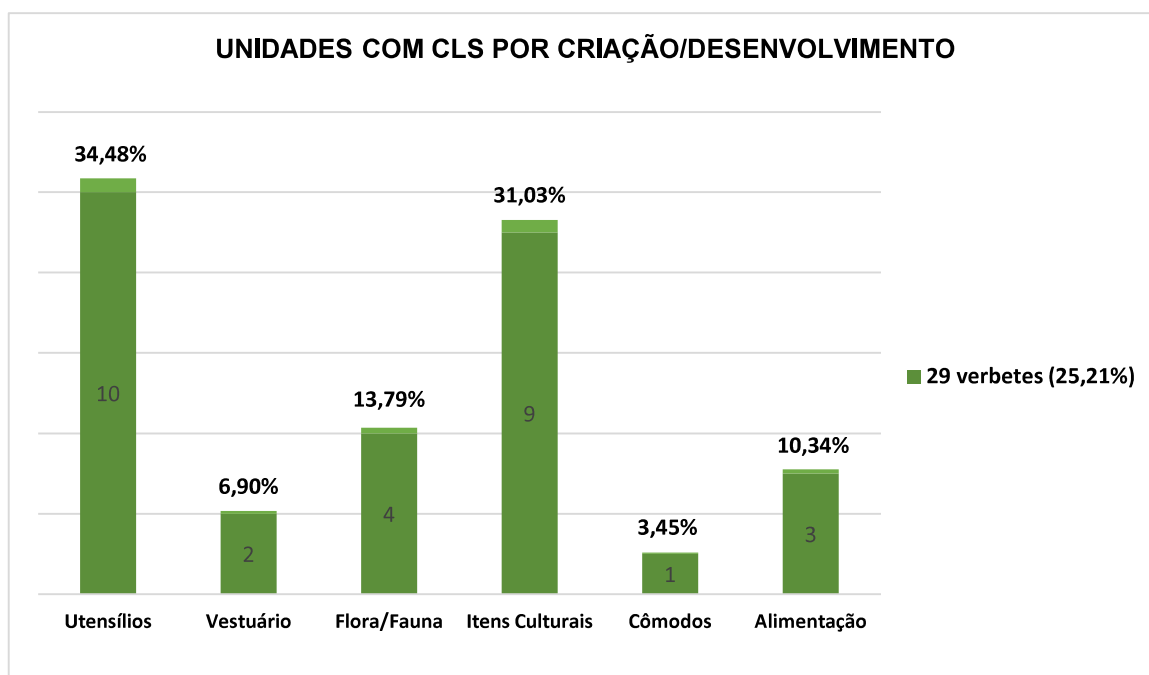
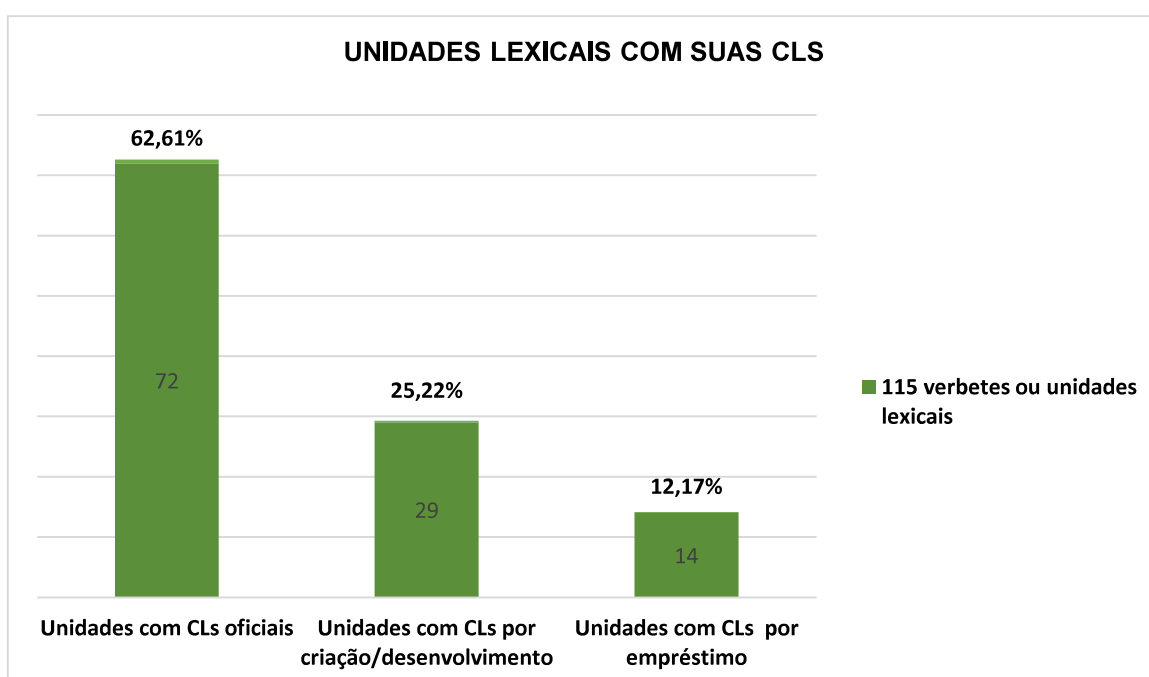
Gráfico 8: porcentagem de unidades com CLs lógicas por criação/desenvolvimento¹⁹⁵

Gráfico 9: porcentagem total de Unidades e suas CLs



¹⁹⁵ Também optamos pelo uso das expressões “neologismo semântico” ou “neologismo de sentido/significado”.

Tendo nosso legente chegado até aqui, supúnhamos ter deixado suficientemente claro essas soluções estatísticas a respeito do coeficiente percentual quantitativo lexical, isto é, do montante de verbetes oficiais (62,61%), verbetes por criação/desenvolvimento (25,22%), e verbetes por empréstimo/estrangeirismo (12,17%) que se pode subtrair da totalidade de lexemas regionais. E como um leitor perspicaz e atento, assim acreditamos, pode ter notado que, desse total de cento e quinze unidades lexicais, uma porcentagem mui pequena se trata de unidades genuinamente estrangeiras ou estrangeirizadas.

Quanto a esse aspecto, podemos abrir um espaço informativo a respeito do percentual de palavras oriundas de outras raízes linguísticas na língua internacional, sabe-se que

O fundo lexical esperantófono, já se disse, consiste em uma larga proporção de línguas neolatinas – o que na prática se resume ao francês, ao italiano e ao espanhol –, do próprio latim, quando havia indefinição entre neolatinas, de uma boa proporção de germânicas (pela ordem, alemão, inglês e holandês) e de um pouco de grego e de eslavas. (Dias, 2007, p. 64)

Como o léxico de um idioma se amplifica em circunstância da evolução estrutural do seu sistema, à medida que as mudanças culturais, tecnológicas e sociais vão se adaptando ao longo da modernização, a língua alarga sua base de vocabulários criativamente. À vista disso, o emprego dos neologismos pode se dar em pelo menos dois casos, e convém elucidarmos o seguinte:

Distinguem-se *neologia de forma* e *neologia de sentido*. Nos dois casos, trata-se de denotar uma realidade nova (nova técnica, novo conceito, novos *realia* da comunidade linguística em questão). A neologia de forma consiste em fabricar, para fazê-lo, novas unidades; a neologia de sentido consiste em empregar um significante que já existe na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então – que esse conteúdo seja conceptualmente novo ou que tenha sido até então expresso por outro significante. (Dubois et alii, 1998, p. 430).

Todavia, de trajetória contrária a esse movimento do sistema natural da língua, “o objetivo dos esperantistas é que seu léxico seja quase inteligível por todos os seus falantes, [...] Daí que sejam evitados, nos neologismos, radicais de fontes que não façam parte de seu fundo lexical” (Dias, 2007, p. 64). Para deixarmos mais claro nossa linha de seguimento teórico, além dos já mencionados durante essa pesquisa, gostaríamos ainda de colocar em evidência uma posição que pode também justificar nossa proposta, observemos:

O neologismo é um exemplo direto de um falso amigo da linguística tradicional. Embora os processos de formação lexical do esperanto possam ser descritos usando termos amplamente aceites do campo da linguística [...], na comunidade de falantes de esperanto, um *neologismo* (neologismo) é mais comumente entendido exclusivamente como um novo item léxico criado sob a influência de outra língua (ou seja, contraindo empréstimos com base em um modelo estrangeiro ou por criação de empréstimo). Em comparação, tradicionalmente na linguística e na disciplina de terminologia, um neologismo é uma nova forma, um novo significado que surgiu recentemente na língua e pode ou não ser um empréstimo. (Maradan, 2021, p. 136, tradução nossa)¹⁹⁶.

Como acabamos de ler na citação supracitada de Mélanie Maradan (2021), para a comunidade esperantista, a palavra “neologismo” tem outras conotações que não somente a que restringe seu significado a “criação de novas unidades lexicais”, geralmente criadas sob uma influência de línguas que estão em contato, o que ocorre frequentemente por meio de adaptação do termo estrangeiro, daí a expressão “estrangeirismo”. O neologismo pode se referir a uma aquisição de: (i) qualquer unidade lexical na estrutura formal (na palavra ou lexema) e/ou (ii) a qualquer unidade sêmica no conteúdo de significado ou conceito, que surge na atualização da língua, independentemente de ser apenas empréstimo ou não.

Na verdade, a neologia por empréstimo não consiste na criação do signo mas na sua adoção, visto que não é o locutor que toma emprestado o termo, que realiza a criação – que consiste, esta, na atribuição consciente de um conteúdo de significação ao segmento linguístico (um significado a um significante) – ou que avalia essa criação, acolhendo-a e interpretando-a de acordo com a motivação que resulta da relação entre os seus elementos [...] (Barbosa, 1996, p. 291).

Curioso essa intrigante distinção de uso do termo, em que reflete certas especificidades contextuais da comunidade esperantista e suas práticas linguísticas. É de fato interessante atentarmos como diferentes contextos linguísticos podem passar a influenciar na interpretação e aplicabilidade de conceitos, de um lado, pelos adeptos do sistema da esperantologia, e por outro, pelos estudiosos da linguística tradicional, como acabamos de perceber no caso do conceito de neologismo. E de acordo com a pesquisadora Mélanie Maradan (2021, p. 139, tradução nossa), três

¹⁹⁶ The *neologismo* is a straightforward example of a false friend to traditional linguistics. Although Esperanto's lexical formation processes can be described using widely accepted terms from the field of linguistics (Brosch, 2008, p. 38), in the Esperanto speech community, a **neologismo** (neologism) is most commonly understood exclusively as a new lexical item created under the influence of another language (i.e., by borrowing on the basis of a foreign model or loan creation). In comparison, traditionally in linguistics and in the discipline of terminology, a neologism is a new form, a new meaning that has arisen recently in the language and may or may not be a borrowing. (Maradan, 2021, p. 136).

categorias de esperantistas que rejeitam o neologismo foram discriminadas pelo esperantólogo Gaston Waringhien, a saber:

1. antigos falantes de esperanto que se sentem ofendidos se eles encontram um novo item léxico, 2. promotores da língua e professores de línguas, que defendem uma gramática simples e um vocabulário restrito, e 3. indivíduos que não concordam que uma língua internacional deve ser usada para a literatura e reivindicam que o esperanto deve permanecer como algum tipo de inglês básico¹⁹⁷.

E prosseguindo com relação ao idioma neutro, é válido salientar que “vários estudos sublinharam o potencial do esperanto para facilitar a aprendizagem de outras línguas estrangeiras além do próprio esperanto e para aumentar a consciência metalinguística dos alunos sobre sua própria língua” (Maradan, 2021, p. 133, tradução nossa)¹⁹⁸.

Vale ressaltar que, em vários estudos sobre a comunicação em esperanto, os participantes afirmam que o esperanto não é uma língua “estrangeira” para eles [...]. A expressão *fremda lingvo* (“língua estrangeira”) pode ter conotações negativas com *fremda* que significa “alienígena, desconhecido”. A recusa em endossar o termo pode indicar que o esperanto realmente serve como uma língua de identificação. Pode-se observar mudanças significativas no autoposicionamento do sujeito mediado pela língua-alvo em oposição a outras línguas-alvo (mesmo potenciais), por exemplo, Inglês. (Stria, 2021, p. 149, tradução nossa)¹⁹⁹

Oras, quer isso dizer que pode se tratar de um autoposicionamento pelos esperantistas, que sua escolha demonstra sua preferência pelo esperanto como um idioma mediador, ou uma ferramenta em que expressam sua identidade e pertencimento linguístico, social e cultural. Em poucas palavras, podemos destacar que o esperanto, ainda, desempenha num panorama linguístico mundial, uma confiável e eficaz alternativa para o diálogo internacional, valorizando a razoável

¹⁹⁷ 1. old Esperanto speakers who feel offended if they encounter a new lexical item, 2. promoters of the language and language teachers, who advocate for a simple grammar and a restricted vocabulary, and 3. individuals who do not agree that an international language should be used for literature and claim Esperanto should remain some kind of Basic English. (Maradan, 2021, p. 139).

¹⁹⁸ [...] several studies have underlined the potential of Esperanto for facilitating the learning of foreign languages other than Esperanto and for increasing students’ metalinguistic awareness about their own language. (Maradan, 2021, p. 133).

¹⁹⁹ It is worth mentioning that in several studies on Esperanto communication the participants state that Esperanto is not a “foreign” language to them (cf. Fiedler 2002: 64 and Caligaris 2016: 425). The expression *fremda lingvo* (‘foreign language’) might have negative connotations with *fremda* meaning ‘alien, unfamiliar’. The refusal to endorse the term might indicate that Esperanto indeed serves as a language of identification. One may observe significant shifts in subject self-positioning mediated by the target language as opposed to other (even potential) target languages, e.g., English (see also Stria 2018: 220–221). (Stria, 2021, p. 149).

igualdade e o respeito entre as diversidades culturais, políticas, educacionais, étnicas, enfim de todo posicionamento histórico e identitário humano.

E retornando ao assunto dos neologismos no esperanto, enfatizamos mais uma vez, de modo a fechar o assunto sobre a questão. Para isso, recorreremos outra vez às palavras da esperantóloga Mélanie Maradan (2021, p. 272, tradução nossa):

Em esperanto, “neologismo” pode ter dois significados: Tanto para se referir a uma nova forma ou novo significado de um item lexical (o significado tradicional em linguística) quanto para se referir a uma nova raiz introduzida na língua. Muitos falantes preferem recorrer às raízes existentes em vez de importar material lexical estrangeiro e usar os chamados “neologismos”. [...] “Neologismos” (novas raízes) são geralmente vistos negativamente, e muitos falantes de esperanto usam “neologismos” apenas se eles acreditam que não há outra opção. (Maradan, 2021, p. 272, tradução nossa)²⁰⁰.

Compreendido essa discussão que gira em torno da compreensão neológica, sejam eles de sentido/significado ou de empréstimos/estrangeirismos. Então, retornemos ao material de nossa análise, convém ainda analisarmos, elucidarmos e exemplificarmos. E como haveremos de ver mais à frente, tipologias neológicas a serem descritas, o primeiro grupo de unidades que pertencem a uma tipologia da criação lexical que denominamos de “neologia semântica ou neologia de sentido” (Alves, 1990; Barbosa, 1997).

Consideramos não somente listar, porém analisar e descrever as unidades pertencentes ao “neologismo semântico ou de sentido/significado”. O quantitativo referente a essa categoria de neologismos (ou criação/desenvolvimento): (i) **Utensílios para uma CL:** matalotagem (nutraĵsako), taramela (levfermilo), quenga de coco (kokosĥela duono) , cuia (kalabasa taso), (ii) **Utensílios para duas CLs:** binga (silikĥtona fajrilo, silikfajrilon), bolandeira (kanmuelila dentrado, kanmuelilo.), jirau (stangotenilo, stangokrado), (iii) **Utensílios para três CLs:** espingarda de pederneira (silikfajrila pafilo, fajrilpafilo, silikfajra pafilo), mourão (angulpaliso, alfosto, angulfosto), (iv) **Utensílios para quatro CLs:**

²⁰⁰ In Esperanto, “neologismo” can have two meanings: both to refer to a new form or new meaning of a lexical item (the traditional meaning in linguistics) and to refer to a new root introduced into the language. Many speakers prefer to resort to existing roots rather than to import foreign lexical material and use so-called “neologismoj” [...] Instead, many speakers prefer creating a new word (which linguists would call a *neologism* but Esperanto speakers would not) by combining existing Esperanto roots and assigning the combination a new meaning [...] “Neologismoj” (new roots) are generally viewed negatively, and many Esperanto speakers use “neologismoj” only if they believe there is no other option. (Maradan, 2021, p. 272).

baú de folha (lada kofro, kofro el farbita lado, kofro el ŝmirita lado, kofro el lado kolorigita), (v) **Vestuário para uma CL:** chapéu de couro (leda ĉapelo), chapéu de palha (pajloĉapelo), (vi) **Flora/Fauna para uma CL:** capão (arboinsulo), cascalho (ŝtoneca grundo), (vii) **Flora/Fauna para três CLs:** mulungu (koralflorujo / koralflora arbo / arbo de la koralfloro), pé de turco (fosto de la gruuo, arganfosto, grufosto), (viii) **Itens Culturais para uma CL:** borralho (varma cindro), cigarro de palha (pajlocigaredo), pinga (dozo de brando), pucumã (fumaĵoplena), retirante (formigrulo), sinha (njo), tapera (forlasinta domo), (ix) **Itens Culturais para duas CL:** taipa (kotmuro, kotbulo), (x) **Itens Culturais para três CLs:** fumo (rultabako, tabakspiralo, tabak-rulaĵo), (xi) **Cômodos para uma CL:** oitão (flanka barilo), (xii) **Alimentação para uma CL:** carne-seca (sekviando), farinha (maniokfaruno), rapadura (krudsukera briko).

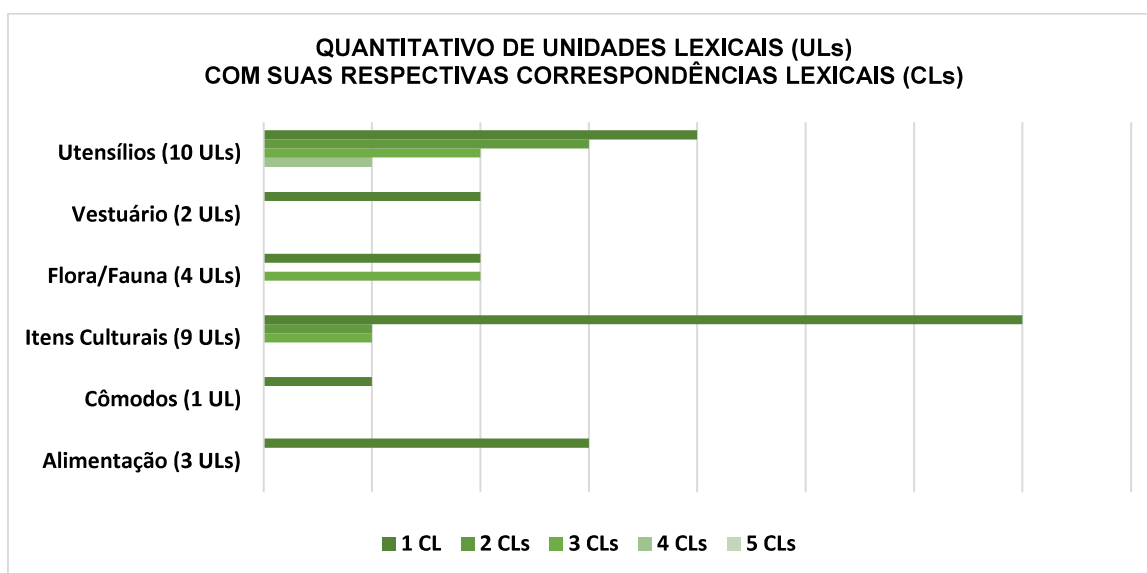
Quanto as categorias lexicais comparadas, discriminadas por neologismos semânticos ou de sentido, das 29 palavras/locuções em português somam um quantitativo de 46 composições (unidades e expressões locucionais) criadas ou desenvolvidas, exatamente. O que para nós não deixa de ser uma criação lexical, embora não rigorosa e criteriosamente neológica, porém lógica e/ou de significado.

E deixando claro que, por entendermos não se tratarem (supostamente, como convém julgar os falantes de esperanto) propriamente de neologismos lexicais, as palavras desenvolvidas partem de uma variação a partir de radicais já existentes no esperanto, isto é, de radicais “vernaculares” do idioma. Daí, parecer mais adequado tratarmos de uma espécie de criação lexical no próprio sistema da língua, e não se tratar de empréstimos ou estrangeirismos, convenientemente. Observemos o seguinte:

Quadro 14: quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por criação/desenvolvimento²⁰¹

| Total: 29 ULs / 46 CLs | |
|------------------------|---|
| Utensílios | (1 CL – 4 ULs) (2 CLs – 3 ULs) (3 CLs – 2 ULs) (4 CLs – 1 UL) |
| Vestuário | (1 CL – 2 ULs) |
| Flora/Fauna | (1 CL – 2 ULs) (3 CLs – 2 ULs) |
| Itens Culturais | (1 CL – 7 ULs) (2 CLs – 1 UL) (3 CLs – 1 UL) |
| Cômodos | (1 CL – 1 UL) |
| Alimentação | (1 CL – 3 ULs) |

Gráfico 10: quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por criação/desenvolvimento



Ao primeiro conjunto de unidades lexicais (“neologismo semântico ou de sentido”) da categoria Utensílios para uma Correspondência Lexical (CL), elucidamos deste modo:

(1) **matalotagem**, que tem sua correspondente *nutraĵsako* em esperanto. A palavra *nutraĵsako* advém de uma composição bastante simples, em que se constitui de dois radicais e uma terminação substantiva. E sabe-se que no esperanto, em geral, a formação de novas palavras, são derivadas da composição

²⁰¹ O que usamos como sinônimo de “neologismo semântico” ou “neologismo de sentido/significado”.

de uma ou mais partes invariáveis, denominada de radical, e uma parte variável, que pode ser de terminações nominais, adverbiais, verbais ou de afixos (prefixos e sufixos) mais uma terminação. Vejamos o exemplo na palavra em questão: *nutraĵ + sako + o*.

Ressaltamos que, ao se traduzir ou interpretar uma derivação lexical composta no esperanto, começamos pelo elemento final da composição, visto que é nele que se encontra a expressão semântica ou ideia principal, como um tipo de base qualificativa do outro elemento da aglutinação. Portanto, ao primeiro elemento *sako* da expressão encontramos as seguintes definições, a primeira “Grande recipiente feito de tecido grosso (cânhamo, juta, algodão), composto por duas peças, costuradas na parte inferior e nas laterais e soltas na parte superior, usada para guardar lixo”²⁰² (PIV, 2020, tradução nossa), a segunda definição diz o seguinte: “Recipiente de formato e dimensões variáveis, com abertura única, feito de papel, couro, plástico, etc., utilizado para conter diversos itens”²⁰³ (PIV, 2020, tradução nossa). Quanto ao segundo elemento da composição *nutraĵo*, temos apenas o significado “alimento”²⁰⁴ (PIV, 2020, tradução nossa).

Por conseguinte, a compreensão que se tem da palavra composta *nutraĵsako* é aproximadamente “saco de alimentos”, “saco de mantimentos”, “saco de comidas”, etc. Ademais, ao consultarmos o *Novo Dicionário Português / Esperanto* de Allan Kardec Afonso Costa (2022)²⁰⁵, a fim de cotejarmos, deparamo-nos com o seguinte: “**matalotagem** mangôprovizaĵo, provianto; (f.) (amas)miksaĵo” (Costa, 2022, p. 526).

À vista disso, o sentido é ampliado, como pudemos ver na própria definição da palavra em português (cf. o apêndice), dando a seguinte ideia atualizada ou acrescida ao termo para o esperanto: “qualquer provisão de mantimentos” ou ainda uma definição figurada “quantidade de coisas dispares e

²⁰² Granda ujo el maldelikata teksaĵo (kanabo, juto, ks), formita el du pecoj, kunkudritaj malsupre k ĉe la flankoj k liberaj supre, uzata por enteni ŝutaĵojn. (PIV, 2020).

²⁰³ jo, kies formo k dimensioj povas diversi, kun unu sola aperturo, el papero, led, plasto ks, uzata por enteni iajn aĵojn. (PIV, 2020).

²⁰⁴ Mangajo. (PIV, 2020).

²⁰⁵ Trata-se de uma nova edição revisada e ampliada.

amontoadas”, que é o razoável ou talvez aproximadamente o que a obra no original quer passar e/ou sugerir, convenientemente.

Ainda, é preciso deixar claro que essa composição (aglutinação) ainda não se encontra registrada no *Plena Ilustrita Vortaro*. Por outro lado, encontramos o verbete no referido dicionário de esperanto, de autoria de Afonso Costa (2022), que fora recentemente atualizado, passando por uma revisão criteriosa e ampliação de novas entradas lexicais e novas definições, elucidações, e demais partes assessórias. E mais adiante, registramos uma ilustração.

Figura 2: matalotagem. (Google imagens)



(2) **taramela**, que tem sua correspondente *levfermilo* em esperanto. O termo se constitui de dois radicais, um sufixo e uma terminação. Podemos decompô-lo do seguinte modo: *lev + ferm + il + o*. O primeiro elemento *fermilo* designa “qualquer ferramenta ou dispositivo para fechar”²⁰⁶ (PIV, 2020, tradução nossa). O segundo elemento advém do verbo *levi* que designa as seguintes entradas: “colocar um objeto ou criatura em um nível mais alto. [...] levantar uma parte de um objeto ou um membro do corpo, [...] colocar em posição vertical algo que estava deitado, curvado, etc.”²⁰⁷ (PIV, 2020, tradução nossa). Observemos a seguinte entrada: “**taramela** (*porta*) riglilo, (porda) levfermilo, klinko; anso” (Costa, 2022, p. 818).

²⁰⁶ Ĉia ilo aŭ aparato por fermi. (PIV, 2020).

²⁰⁷ Meti objekton aŭ estaĵon al pli alta nivelo. [...] Altigi parton de objekto, aŭ membron de korpo. [...] Meti en staran pozicion ion, kio estis kuŝanta, klinita ktp. (PIV, 2020).

Como observado em nossa análise e descrição, o verbete *levfermilo* não se encontra registrado no *Plena Ilustrita Vortaro*, porém, tem sua entrada registrada no dicionário de Afonso Costa. Ao que corresponde a sua definição, podemos aproximá-la aos vários sentidos de “trava de levantar”, “fechadura de levantar”, “tranca de levantar”, “ferrolho de levantar”, “gancho de levantar”, etc. Vejamos uma ilustração aproximada:

Figura 3: taramela. (Fonte: Google imagens)



(3) **quenga de coco**, que tem sua correspondente *kokosŝela duono* em esperanto. Dessa expressão, podemos identificar o elemento substantivado *duono* (*duon* + *o*) e o elemento composto nominal adjunto com propriedade qualificativa *kokosŝela* (*kokoso* + *ŝelo*). A palavra *duono* designa “uma das duas partes iguais de um todo”²⁰⁸ (PIV, 2020, tradução nossa). A palavra composta *kokosŝela* advém de dois outros radicais, cujas palavras são: (i) *ŝelo*: “camada externa do tronco, galhos e raízes de árvores e arbustos. [...] camada externa ou membrana da fruta ou semente”²⁰⁹ (PIV, 2020, tradução nossa). Já para entrada o PIV traz uma explanação bastante imprecisa e um tanto abstrusa para o segundo elemento *kokoso*, resume-se assim

1. [...] uma árvore (palmeira) de origem incerta (E Malásia ou Polinésia), com 20 a 30 m de altura, com folhas de 6 a 8 m de comprimento e com uma inflorescência (espiga) ramificada em panícula, acima com vários milhares flores masculinas, abaixo algumas dezenas de flores femininas, das quais uma parte amadurece em drupas (nozes) pesando 1 kg, cujo endocarpo lenhoso contém uma grande semente, cuja cavidade interna antes de

²⁰⁸ Unu el la du egalaj partoj de tuto. (PIV, 2020).

²⁰⁹ Ekstera tavolo de la trunko, branĉoj k radikoj de arboj k arbustoj. [...] Ekstera tavolo aŭ membrano de frukto aŭ de semo. (PIV, 2020)

amadurecer contém suco de coco [...] 2. frukto do coco. (PIV, 2020, tradução nossa)²¹⁰.

Não há entrada específica no *Plena Ilustrita Vortaro*, nem tampouco no *Novo Dicionário Português/Esperanto*. Todavia, a expressão lexical *kokosŝela duono* é o equivalente aproximado da ideia de “metade da casca do coco”, “meia casca de coco”, “uma banda de coco”. A expressão confere o sentido de um tipo de utensílio instrumental com o qual utilizamos para retirar algo líquido de um recipiente, tendo a mesma função de uma colher ou uma concha de sopa, além de outras conotações particulares. Diante nossa ilustração:

Figura 4: quenga de coco. (Fonte: google imagens)



(4) **cuia**, que tem sua correspondente *kalabasa taso* em esperanto. A correspondência lexical semântica ou de sentido constitui-se via de regra pela expressão referida, a saber, o elemento principal da ideia e o elemento secundário (adjunto) qualificativo, são eles: (i) *taso*, que designa “vasilha baixa e larga para beber, feito de porcelana, faiança ou prata”²¹¹ (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *kalabaso*:

1. Sp. de *crescentia* (*Crescentia cujete*) das Antilhas, árvore caducifólia de folhas simples, largamente lanceoladas, com flores pendentes, amarelas e com frutos grandes (10-35 cm de diâmetro), os quais possuem um recipiente de néctar e uma casca lenhosa dura que, depois de ser

²¹⁰ G. (Cocos el arekacoj) de nur unu sp. (*C. nucifera*), arbo (palmo) de necerta origino (E Malajzio aŭ Polinezio), 20–30 m alta, kun 6–8m longaj folioj k kun infloresko (spadiko) panikle disbranĉiginta, supre portanta plurajn milojn da virseksaj floroj, malsupre kelkdekojn da inseksaj, el kiuj parto maturiĝas al drupoj (nuksoj) 1 kg pezaj, kies ligneca endokarpo enhavas grandan semon, kies interna kavo antaŭ maturiĝo enhavas kokossukon [...] 2. Frukto de kokoso. (PIV, 2020).

²¹¹ Malalta, larĝa vazeto por trinki, el porcelano, fajenco aŭ arĝento (PIV, 2020)

despolpado, são amplamente utilizados como jarros e utensílios de cozinha.
2. O fruto da cabaça. (PIV, 2020, tradução nossa)²¹².

Ademais, no dicionário de Afonso Costa (2022, p. 242), encontramos a entrada: “**cuia** (*lagenária*) pelveto”. Doutra modo, quanto ao conteúdo de sentido da expressão *kalabasa taso*, podemos assim interpretar: “vasilha de cabaça”, “vasilhame de cabaça”, “vaso de cabaça”, “copo de cabaça”, “taça de cabaça”, “jarra de cabaça”, “recipiente de cabaça”, entre outras expressões aproximáveis, como convém ao falante querer dizer, e como convém ao tradutor dar seu significado/sentido, o mais adequado possível. Segue adiante uma imagem ilustrativa:

Figura 5: cuia. (Fonte: Google imagens)



Do mesmo conjunto de categoria Utensílios (para duas CLs), minuciamos o seguinte:

(5) **binga**, que tem suas correspondentes *silikŝtona fajrilo* / *silikfajrilo* em esperanto. Nota-se dos verbetes: ao primeiro com seis componentes e ao segundo uma aglutinação com quatro componentes. Ambos levam o mesmo elemento de sentido e/ou ideia principal *fajr + il + o*. A palavra *fajrilo* significa

“1. Uma ferramenta que consiste em uma pedra de sílex e um pedaço de aço, que são unidos para criar faíscas e assim acender uma isca, um pavio,

²¹² 1. Sp. de krescentio (*Crescentia cujete*) el Antiloj, falfolia arbo kun simplaj, larĝe lancetformaj folioj, kun pendaj, flavaj floroj k kun grandaj (10–35 cm diametraj) fruktoj, kiuj havas nektarujajn k malmolan lignecan ŝelon k post senkarnigo estas multe utiligataj kiel kruĉoj k kuirejaj laboriloj. 2. La frukto de kalabaso. (PIV, 2020).

etc. [...] Uma caixinha, com um mecanismo que, ao apertar um botão, acende uma chama de gasolina ou gás”. (PIV, 2020, tradução nossa)²¹³.

Para o leitor mais atento, veja que aparentemente a palavra correspondente em esperanto (a principal) *fajrilo* já denota o contexto preciso do verbete que quer se tratar no português, ficando para os demais termos secundários, uma função meramente assessória, o que não é de todo mal para uma precisão mais enfática. O critério, quanto ao sentido do verbete, não se instala unicamente em um dicionário ou glossário, mas na possibilidade e flutuações semântico-literárias e no seu sentido que pode ser delimitado pelo autor ou pelo tradutor.

E sem esquecer as interpretações e/ou definições das expressões lexicais adjuntivas: (i) *silik + ŝtona*, se trata de uma aglutinação com seguintes sentidos respectivamente, *ŝtono* designa “pedra natural dura ou massa mineral, geralmente pequena e móvel”²¹⁴ (PIV, 2020, tradução nossa). O elemento *siliko* encontra-se nas duas formas lexicais, e encontramos as seguintes explicações na entrada do *Plena Ilustrita Vortaro*:

rocha sedimentar de sílica de origem bioquímica, constituída por calcedónia, quartzo e uma quantia de opala; muito duro, do amarelo claro ou marrom ao preto, encontra-se, sob a forma de finas camadas ou mais frequentemente de massas redondas ou irregulares, no interior de camadas de calcário; foi usado por povos primitivos para fazer diversas ferramentas que produzem faíscas quando atingidas com ferro ou minério de ferro. (PIV, 2020, tradução nossa)²¹⁵.

Para o verbete *binga*, não encontramos entrada específica no *Novo Dicionário Português/Esperanto* de Allan Kardec Afonso Costa (2022). Os significados ou ideias próximas do verbete podem ser descrita como “instrumento inflamável por pedra de sílex”, “ferramenta sílica de causar ou gerar fogo”, porém corresponde ao que compreendemos por um modelo antigo de “isqueiro”.

²¹³ 1. Ilo, konsistanta el silikŝtono k ŝtalpeco, kiujn oni interbatas, por estigi fajrerojn k tiel ekbruligi tindron, meĉon ktp. [...] Skatoleto, kun mekanismo kiu, ĉe premo de butono, ekbruligas benzinan aŭ gasan flameton. (PIV, 2020).

²¹⁴ Natura, malmola petra aŭ minerala maso, ĝenerale negranda k movebla. (PIV, 2020)

²¹⁵ Sedimenta silica petro de biokemia deveno, konsistanta el kalcedono, kvarco k iom da opalo; tre malmola, de hele flava aŭ bruna ĝis nigra, ĝi trovigas, sub formo de maldikaj tavoloj aŭ pli ofte de rondaj aŭ neregulaj amasoj, interne de tavoloj de kalkpetroj; ĝi estis uzata de la prahomoj por fari diversajn ilojn k produktas fajrerojn, kiam oni frapas ĝin per fero aŭ ferco. (PIV, 2020).

Observemos o exemplar de imagens correspondentes ao significado do termo *binga* ou *fajrilo*:

Figura 6: binga. (Fonte: Google imagens)



(6) **bolandeira**, que tem suas correspondentes *kanmuelila dentrado / kanmuelilo* em esperanto. As duas formas correspondentes têm significação muito próximas, embora a primeira expressão seja mais detalhada, as duas podem designar o mesmo objeto, dependendo muito do conhecimento de mundo e do contexto de quem as empregará num nível discursivo, mas no nosso caso, adentramos ao contexto essencialmente descritivo e literário, então cabe-nos minuciá-las para evitar ambiguidades e sentidos obscuros, mas também evitar a falsa impressão de uma precisão que não é dada pelo autor e nem pelo tradutor.

Quanto as duas expressões, primeiramente vamos aos detalhes, note o leitor o seguinte, que a primeira expressão já contém de forma tangível a composição da segunda, queremos dizer: o adjunto *kamuelila*, que está desempenhando papel secundário, tem sua forma nominal na segunda, o que lhe concede um sentido definido com função morfossintática de substantivo. Então observemos com atenção: (i) *kan + muel + il + a*, essa palavra é constituída de dois radicais, um sufixo e uma terminação nominal. Essa forma adjetiva é derivada da forma substantiva (forma da segunda) *kanmuelilo*, que por sua vez advém (criativamente) da aglutinação do verbo *mueli* e do substantivo *kano*.

O *PIV* define esses termos supracitados do seguinte modo: (i) *muelilo* designa “1 Qualquer aparato mecânico para moer grãos. [...] 2 qualquer aparato

para dispersar uma substância sólida”²¹⁶ (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *kano* tem o seguinte significado: “qualquer planta perene com aparência de bambu, com caule alto, forte e oco, pelo menos eventualmente tornando-se lenhosa, especialmente fragmites, arundo, bambu, junco, saccharum”²¹⁷ (PIV, 2020, tradução nossa).

E sem olvidarmos do elemento principal da primeira locução *dent + rad +* o que constituído da composição de *rado* e *dent*. A composição possui uma entrada específica no *PIV* (2020, tradução nossa), observemos: “roda cuja borda é dotada de saliências regulares, para permitir a transmissão do movimento a outra roda do mesmo tipo sem escorregar”²¹⁸. Ademais, o sentido das duas composições é precisamente explicativo: “roda denteada para moer cana-de-açúcar” ou “moedor de cana”, etc. Em seguida, nossa ilustração:

Figura 7: bolandeira. (Fonte: Google imagens)



(7) *jirau*, que tem suas correspondentes *stangotenilo / stangokrado* em esperanto. Ambas as unidades compostas (e aglutinadas) têm seu elemento secundário *stango*. Então, consideramos por bem começar por esses elementos assessórios e qualificativos de ambos os termos. Assim, o segundo (*stango*) significa

²¹⁶ “1 lu ajn mekanika aparato, por mueli grenon. [...] 2 lu ajn aparato, por dispisti solidan substancon” (PIV, 2020).

²¹⁷ “Ĉiu plurjara planto bambuaspekta, kun tigo alta, fortika k kava, almenaŭ finevolue ligneciĝinta, precipe fragmito, arundo, bambuo, kano, sakaro” (PIV, 2020)

²¹⁸ Rado, kies rando estas provizita per regulformaj elstarajoj, por ebligi sen glito la transmision de la movado al alia samspeca rado. (PIV, 2020).

“qualquer espécie, bem mais longa do que grossa, de pedaço de madeira, metal etc.”²¹⁹ (PIV, 2020).

Os demais elementos, das referidas unidades lexicais, significam: (i) *tenilo* (*ten + il +o*): “uma parte de um objeto, destinada para segurá-lo oportunamente”²²⁰ (PIV, 2020). (ii) *krado*: “conjunto de barras, espaçadas entre si por barras transversais do mesmo tipo, servindo como uma cerca forte”²²¹ (PIV, 2020, tradução nossa). Portanto, podemos defini-las do modo seguinte: “suporte de madeira”, “armação de madeira”, “grade de madeira”, como convém interpretarmos segundo o contexto.

Figura 8: jirau. (Fonte: Google imagens)



Do mesmo conjunto de categoria Utensílios (para três CLs), detalhamos consequentemente:

(8) **espingarda de pederneira**, que tem suas correspondentes *silikfajrila pafilo / fajrilpafilo / silikfajra pafilo* em esperanto. Como há de se perceber, três expressões para tentar corresponder semanticamente ao referido verbete português. Vamos primeiramente ao conteúdo do elemento principal (*paf + il +o*) derivado, por sua vez, do verbo *pafi*, que, segundo o PIV (2020, tradução nossa), significa “lançar com uma ferramenta, com o objetivo de ferir ou matar”²²². E conforme o mesmo

²¹⁹ Ĉiaspeca, multe pli longa ol dika, peco el ligno, metalo ks. (PIV, 2020).

²²⁰ Parto de objekto, destinita por teni ĝin oportune. (PIV, 2020).

²²¹ Aro de stangoj, interspace kunigitaj per transversaj samspecaj stangoj, servanta kiel forta barilo. (PIV, 2020).

²²² Ĵeti per ilo, celante vundi aŭ mortigi. (PIV, 2020).

dicionário de esperanto, *pafilo* é “1 Qualquer ferramenta para atirar. 2 Qualquer ferramenta para atirar com explosão de pólvora”²²³ (PIV, 2020, tradução nossa).

Quanto ao elemento secundário (qualitativo), nos é reconhecível por conta de um verbete anterior já analisado (*cf.* *binga*). Nas três expressões podemos conotar as seguintes interpretações, a saber: “arma com gatilho de sílex”, “arma com mecanismo de ignição”, “arma de fogo sílico”, entre outras. O sentido aproximativo é que se trata de uma “arma de fogo com mecanismo (gatilho) que gera a explosão para atirar”. Como podemos concordar, as expressões são aproximativas quanto ao sentido da função comum que é descrita ao objeto. Ademais, o verbete tem sua criatividade pelas justaposições lexicais que dão o significado dele. Veja-se adiante nossa ilustração para tentar corresponder em imagem.

Figura 9: espingarda de pederneira. (Fonte: Google imagens)



(9) **mourão**, que tem suas correspondentes *angulpaliso* / *alfosto* / *angulfosto* em esperanto. Três correspondentes: (i) *angul* + *paliso*, (ii) *al* + *fosto*, (iii) *angul* + *fosto*. O primeiro elemento da primeira unidade lexical *paliso* (principal) tem a seguinte característica: “uma estaca forte de madeira, afunilada na parte inferior, que se monta enfiando-a na terra”²²⁴ (PIV, 2020, tradução nossa). O segundo elemento *angulo* (secundário) define-se assim: “um lugar cavo onde duas superfícies, divisórias e paredes se encontram”²²⁵ (PIV, 2020, tradução nossa). O

²²³ 1. Ĉia ilo por pafi.. 2. (ss) Ĉia ilo, por pafi per eksplodo de pulvo. (PIV, 2020).

²²⁴ “forta ligna stango, malsupre pintigita, kiun oni starigas, enigante ĝin en la teron” (PIV, 2020).

²²⁵ Kava loko, kie renkontiĝas du surfacoj, vandoj, muroj. (PIV, 2020).

que pode significar algo como “estaca angular”, “estaca do canto”, “estaca do lado” ou ainda “estaca lateral”.

Quanto à segunda unidade, não há dificuldade em defini-la, vejamos o seguinte: (i) *fosto*: “uma viga de material rígido, 1. erguida verticalmente para apoiar algo e usado em carpintaria [...] 2. erguida verticalmente no solo, para marcar um caminho”²²⁶ (PIV, 2020, tradução nossa). Já o segundo elemento da composição se trata da preposição *al* que nesse caso está funcionando como elemento de “adição”, “complemento”, “suporte”, “apoio”, “com um fim a”, etc. O que poderíamos entender como “estaca complementar”, “estaca assessória”, ou ainda “estaca de suporte”. O sentido comum para *fosto* é geralmente “poste”, mas como estamos contextualizando, preferimos utilizar a palavra “estaca”.

Com as elucidações dessas duas primeiras unidades, podemos deduzir a terceira como “estaca angular”, “estaca do canto” e ainda também “estaca do lado”. Ao consultarmos o *Novo Dicionário Português/Esperanto*, deparamo-nos com a seguinte entrada: “**mourão** (*estaca, poste*) fosto”. A simplicidade do autor do dicionário, para definir o verbete, acaba por ser rigorosamente objetivo, porém aparentemente se abstendo de algumas nuances como “uma estaca vertical que serve de sustento para outras linhas de madeira mais finas, que se projetam horizontalmente, formando uma cerca ou grade para receber o telhado”. E ao que nos parece, o tradutor enfatiza ser uma estaca ou poste que se projeta ao canto da(s) parede(s), por isso o uso do radical *angul* + *o*. Adiante uma imagem para ilustrarmos o verbete.

Figura 10: mourão. (Fonte: Google imagens)



²²⁶ Trabo el rigida materialo, 1. vertikale starigita por subteni ion k uzata en ĉarpentado [...] 2. vertikale starigita en tero, por signi vojjon.

Seguindo no mesmo conjunto da categoria Utensílios (para quatro CLs), damos as informações seguintes

(10) **baú de folha**, que tem suas correspondentes *lada kofro / kofro el farbita lado / kofro el ŝmirita lado / kofro el lado kolorigita* em esperanto. Dois elementos são compartilhados pelas quatro expressões, a saber: (i) *kofro*: “uma grande caixa com fechadura feita de madeira, couro, metal, etc., destinada a guardar roupas e outros itens que são transportados em uma viagem”²²⁷ (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *lado*: “uma placa de metal relativamente fina, especialmente de ferro; folha de metal”²²⁸ (PIV, 2020, tradução nossa).

Em análise, podemos interpretar a primeira locução do seguinte modo: “caixa de folha de metal”, “baú de folha de metal”, e outras. O ideal para o contexto literário correspondente é que se trata de um “baú”, e não um “cofre”, ou ainda genericamente apenas “caixa”. Mas o sentido está preservado satisfatoriamente entre as duas palavras que formam a locução referida.

Curiosamente, as três últimas expressões locucionais compartilham uma mesma preposição que se relaciona com três palavras de sentido próximo, diríamos até mesmo que são palavras sinônimas. O sentido do conectivo *el* nos três casos é referir-se a uma preposição que designa “o material que constitui algo; as partes de um todo”²²⁹ (PIV, 2020, Tradução nossa). E a respeito dos elementos sinônimos, que cumprem a função de complementar ou qualificar o termo *lado*, são os seguintes: (i) *farbita*, (ii) *ŝmirita*, (iii) *kolorigita*. As três formas querem dizer “colorido” ou “pintado”.

O dicionário de Afonso Costa traz uma entrada bastante interessante, como forma de comparação, observemos: “**baú** (*caixa de folha ou madeira de tampa convexa; cofre, mala arca*) *kofro, lada kofro, kesto*” (Costa, 2022, p. 137). Em poucas palavras, as versões, na tradução de Leopoldo H. Knoedt, se aproximam do que podemos elucidar do seguinte modo: “um baú de metal colorido”, “baú de folhas de

²²⁷ Granda ŝlosebla kesto el ligno, ledo, metalo k.a., destinita enteni vestojn k aliajn aĵojn, kiujn oni transportas vojaĝe. (PIV, 2020).

²²⁸ Relative maldika plato el metalo, precipe el fero; metalfolio. (PIV, 2020).

²²⁹ La materialon, kiu konsistigas ion; la erojn de tuto. (PIV, 2020).

metal colorido”, ou ainda “baú de metal pintado” e “baú de folhas de metal pintadas”. Ao leitor ou crítico literário, segue o critério subjetivo para interpretar os significados/sentidos. Observemos a ilustração:

Figura 11: baú de folha. (Fonte: Google imagens)



Acerca do conjunto da categoria Vestuário para uma CL, detalhamos assim:

(11) **chapéu de couro**, que tem sua correspondente *leda ĉapelo* em esperanto. Uma correspondente lexical locucional que não traz tantas dificuldades em interpretar, convenientemente. O elemento principal *ĉapelo* designa “traje para cabeça, de material mais ou menos duro, com aba”²³⁰ (PIV, 2020, tradução nossa). Quanto ao elemento secundário, isto é, do material (*ledo*) que é feito o chapéu temos a seguinte definição: “Pele despojada, curtida e preparada para uso humano”²³¹ (PIV, 2020, tradução nossa).

Quanto ao referido verbete, temos as seguintes interpretações aproximadas do verbete *leda ĉapelo*, a saber: “chapéu de couro”, como convém ao seu sentido, que em rigor, quer dizer “um objeto ou vestuário para cobrir a cabeça, e que é feito do material de couro curtido”. Vejamos o modelo na ilustração seguinte:

²³⁰ Kapvestaĵo el pli-malpli malmola materialo, kun ĉirkaŭrando. (PIV, 2020)

²³¹ Felo senharigita, tanita k preparita por la homa uzado. (PIV, 2020).

Figura 12: chapéu de couro. (Fonte: Google imagens)



(12) **chapéu de palha**, que tem sua correspondente *pajloĉapelo* em esperanto. O verbete se trata de uma composição (*pajlo* + *ĉapelo*). O elemento principal sêmico já se encontra no verbete anterior (*cf.* chapéu de couro). Quanto ao elemento secundário e qualitativo/determinativo, temos a seguinte entrada no dicionário virtual PIV (2020, tradução nossa): “**pajlo** uma porção de talos e folhas secas de plantas cultivadas, especialmente de espécies de grãos que não foram debulhados”²³².

À vista disso, inferimos o seguinte significado ao verbete: “chapéu de palha” ou “chapéu feito de palha”. E de igual modo, pelo contexto, interpretamos como um “utensílio ou vestuário para se usar na cabeça, e que é feito do material de palha seca”. Observemos a imagem seguinte que ilustra bem o conceito dado ao verbete.

Figura 13: chapéu de palha. (Fonte: Google imagens)



²³² **pajlo**. Aro da sekigitaj tigoj k folioj de kultivplantoj, precipe grenspecoj sengrajnigitaj. (PIV, 2020).

Sobre o conjunto da categoria Flora/Fauna para uma CL, descrevemos da seguinte maneira as unidades lexicais:

(13) **capão**, que tem sua correspondente *arboinsulo* em esperanto. A formação desse verbete consta de uma composição entre duas outras formas já existentes na língua, do seguinte modo: *arb* + *insul* + *o*. À vista disso, identificamos, facilmente o primeiro elemento como forma principal do significado (*insulo*), e a outra forma (*arbo*) que a determina, qualificando-a. Sendo assim, cada elemento, quando justaposto um ao outro, dá novo significado ao composto total. Vejamos, separadamente, o sentido de cada unidade lexical: (i) *insulo*, que designa “1. um pedaço de terra cercado por água por todos os lados [...] 2. Algo semelhante ou análogo a uma ilha” (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *arbo*:

Planta lenhosa perene, geralmente com apenas um caule principal, cuja parte nua da base é chamada de tronco, que é dividido no topo por ramos mais ou menos largos (copa); uma árvore madura tem mais de 7 m de altura e algumas chegam a mais de 100 m (arbusto, árvore). (PIV, 2020, tradução nossa)²³³.

Ademais, o dicionário de Afonso Costa também registra uma entrada para o verbete regional, veja-se: “**capão** (*bosque*) arbaro”. Em análise terminológica e/ou semântica, delimitamos o sentido da unidade do seguinte modo: “ilha de árvores”, ou ainda “ilha arbórea”. A ideia que se pretende passar, pelo que conseguimos entender e interpretar, é de uma extensão de terra que se assemelha a uma ilha com vegetações arbóreas (árvores grandes e pequenas). Segue-se a ilustração:

Figura 14: capão. (Fonte: Google imagens)

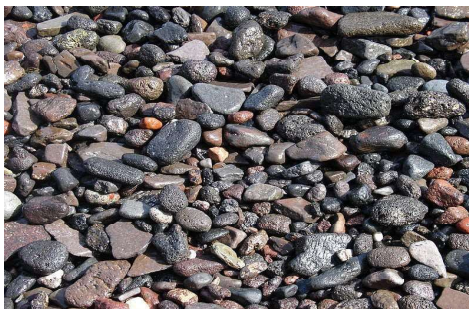


²³³ Multjara ligneca planto kun ĝenerale nur unu ĉefa tigo, kies nuda bazparto estas nomata trunko, kiu supre dividiĝas je pli-malpli larĝa branĉaro (*krono*, *kanopeo*); arbo maturstadio altas pli ol 7 m k iuj atingas pli ol 100 m (*arbeto*, *arbego*). (PIV, 2020).

(14) **cascalho**, que tem sua correspondente *ŝtoneca grundo* em esperanto. Com base no *Plena Ilustrita Vortaro*, identificamos duas unidades, a principal (*grund + o*) e a secundária (*ŝton + ec + a*). Vamos ao conteúdo semântico delas: (i) *ŝtono*, palavra já conhecida nossa e explanada em termos anteriores (cf. binga e espingarda de pederneira); (ii) *ec*, que designa “sufixo que expressa uma qualidade ou estado de algo ou alguém”²³⁴ (PIV, 2020, tradução nossa). Quanto ao principal: *grundo* designa “1. terra, vista em relação ao crescimento da vegetação. [...] 2. terra, visto como base de construção para implantação de algo etc. [...] superfície terrena natural ou preparada, sob uma camada de água (canal, rio, mar)”²³⁵ (PIV, 2020, tradução nossa).

O significado ou a interpretação que podemos deduzir da expressão *ŝtoneca grundo*, conveniente e aproximadamente: “chão de pedra”, “chão empedrado”, etc. O sentido geral dá a entender “um chão coberto de pedras, com características de pedras”. Ademais, o *Novo Dicionário Português/Esperanto* registra o seguinte: “**cascalho** (*saibro, areia grossa*) gruzo; ŝtoneto” (Costa, 2022, . p. 181).
Adiante nossa ilustração:

Figura 15: cascalho. (Fonte: Google imagens)



Seguindo a respeito do mesmo conjunto da categoria Flora/Fauna (para três CLs), descrevemos assim:

²³⁴ Suf. esprimanta kvaliton aŭ staton de io aŭ iu. (PIV, 2020).

²³⁵ 1. Tero, rigardata en rilato kun la kreskado de vegetaĵoj. [...] 2. Tero, rigardata kiel bazo por konstruo por starigo de io ktp. [...] Tera supraĵo natura aŭ pretigita, sub tavolo da akvo (kanalo, rivero, maro). (PIV, 2020).

(15) **mulungu**, que tem suas correspondentes *koralflorujo / koralfloara arbo / arbo de la koralfloaro* em esperanto. Três expressões lexicais bastante semelhantes, até compartilham os mesmos termos, a saber: *koralo* e *floro*. O termo *arbo* já é nosso conhecido (cf. capão), de modo semelhante, o sufixo *uj* tem a mesma designação de *arbo*. Resta-nos detalhar: (i) *koralo*, que significa “esqueleto calcário, mais ou menos com aspecto de árvore, de várias colônias de cnidários, geralmente preso a rochas subaquáticas, a partir do qual são feitos ornamentos”²³⁶ (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *floro*: “parte da planta, geralmente colorida, muitas vezes perfumada, contendo os órgãos reprodutivos (estames e/ou pistilo), que são circundados por folhas especiais (pétalas e sépalas)”²³⁷ (PIV, 2020, tradução nossa). À vista disso, podemos apontar o seguinte significado para as expressões, respectivamente: “árvore de flores de coral”. No geral, seu significado é “árvore com flores que têm aspecto semelhante aos corais”. À frente nossa imagem ilustrativa da árvore referida:

Figura 16: mulungu. (Fonte: Google imagens)



(16) **pé de turco**²³⁸, que tem suas correspondentes *fosto de la gruo / arganfosto / grufosto* em esperanto. Curiosamente esse verbete, ao nosso ver, trouxe-nos a mais inquietante e insolúvel investigação do porque o tradutor optou por essas expressões, no intuito de dar sentido ao verbete, que de modo claro e sem

²³⁶ Kalka, pli-malpli arboforma skeleto de diversaj kolonioj de kniduloj, ordinare fiksiĝinta al submaraj rokoj, el kiu oni faras ornamaĵojn. (PIV, 2020).

²³⁷ Plantparto, ĝenerale kolora, ofte bonodora, enhavanta la reproduktiĝajn organojn (stamenoj k/aŭ pistilo), kiujn ĉirkaŭas specialaj folioj (petaloj k sepaloj) (PIV, 2020).

²³⁸ O Pé de Turco (*Melocactus intortus*) traduzido em *Barren Lives* acaba por caracterizar dois exemplares da vegetação da Caatinga, um nativo e um invasor. (Marcelino, 2020, p. 16)

tantos problemas interpretativos se trata necessariamente de uma espécie de vegetação (árvore). O referido lexema regional é mencionado não mais que cinco vezes na obra. E todas as traduções apontam para um significado dado pelo autor da tradução, que criou as entradas já mencionadas, além dessas três, uma não se trata de criação propriamente dita, visto que ele usa apenas a palavra *gruo*, todavia optamos por não elencar na lista.

À vista disso, a palavra *fosto* (cf. mourão) já nos foi dada a explicá-la, significa “estaca” ou “poste”. Então, sobra-nos analisar os demais componentes das expressões lexicais. De acordo com o *Plena Ilustrita Vortaro* (2020), as palavras *gruo* e *argano* são meramente sinônimos, ou seja, ambas significam “máquina de elevação, constituída geralmente por um braço oblíquo, cuja parte superior carrega uma roldana; uma carga é levantada com uma corda ou corrente montada nessa polia, que é puxada por um guincho inferior” (PIV, 2020, Tradução nossa). Ou seja, o verbete designa “guindaste”. Portanto, as expressões podem ser intepradas do seguinte modo: “poste de guindaste”, ou ainda “estaca de guindaste”. Não conseguimos compreender qual o sentido lógico (sequer neológico, nem tampouco hermenêutico) dado ao verbete. Observemos uma imagem ilustrativa:

Figura 17: pé de turco. (Fonte: Google imagens)



Em seguida, ao conjunto da categoria Itens Culturais para uma CL, damos os seguintes detalhes elucidativos:

(17) **borralho**, que tem sua correspondente *varma cindro* em esperanto. Uma locução bastante simples, da qual encontramos duas formas lexicais sem problemas de intepração. O elemento que contém a ideia essencial (*cindr + o*),

mais o segundo elemento secundário (*varm + a*) anteposto em função adjuntiva, que qualifica/determina o primeiro.

Ao consultar o dicionário virtual PIV (2020), encontramos as seguintes explicações para as referidas entradas, observemos: (i) *cindro*, que designa “1. resíduo, geralmente cinza, de objeto queimado. [...] Restos mortais de pessoa falecida, cremada ou não”²³⁹ (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *varma*, que designa “1. que origina a sensação característica produzida pelo fogo. [...] 2. Percebido pela consciência como sede da combustão natural interna (corpo ou partes do corpo)”²⁴⁰.(PIV, 2020, tradução nossa).

No geral, sem muita explicação, conforme a semântica contextual, interpretamos como “cinza quente”, ou “cinza aquecida”. O importante da ideia é que se trata de restos ou sobras de material, geralmente madeira, que fora queimado, contendo ainda um aspecto de restos de brasas. Ademais, comparemos à entrada registrada no *Novo Dicionário Português/Esperanto*: “**borralho** varmcindroj, fajra restaĵo, braĝo, cindreĵo; kameno” (Costa, 2022, p. 151). Dito isso, vejamos a ilustração:

Figura 18: borralho. (Fonte: Google imagens)



(18) **cigarro de palha**, que tem sua correspondente *pajlocigaredo* em esperanto. Uma palavra composta, da qual a secundária (*pajlo*) já temos

²³⁹ 1. restaĵo, ĝenerale grizkolora, de brulinta objekto. [...] korprestaĵo de mortinto, kremaciita aŭ ne. (PIV, 2020).

²⁴⁰ 1. Estiganta la karakterizan sensaĵon, kiun produktas fajro. [...] 2. Perceptita de konscio kiel sidejo de la interna natura brulado (pp korpo aŭ korpopartoj). (PIV, 2020).

conhecimento, portanto nos poupará tempo de explicá-la (*cf.* chapéu de palha). Então, vejamos a unidade lexical principal do verbete: “**cigaredo** um cilindro de tabaco para fumar, embrulhado em papel fino”²⁴¹ (PIV, 2020, tradução nossa). Em linhas gerais, o verbete *pajlocigaredo* designa “cigarro de palha”, “cigarro feito de palha”, não mais que isso de interpretação, o quanto convém tomarmos nota explicativa. Em seguida, nossa imagem ilustrativa:

Figura 19: cigarro de palha. (Fonte: Google imagens)



(19) **pinga**, que tem sua correspondente *dozo de brando* em esperanto. A unidade traduzida, em si mesma, é autoexplicativa. Não vemos problema, tamanha a semelhança morfológica da palavra principal. A fim de deixarmos claro, segundo o *Plena Ilustrita Vortaro*: (i) *dozo* significa “1. quantidade definida de medicamento. [...] 2 (f) Uma certa quantidade de alguma coisa”²⁴² (PIV, 2020, tradução nossa). Obviamente, não é acerca de medicação que está a se tratar, senão de (ii) “**brando** uma bebida alcoólica, feita pela destilação de um líquido alcoólico (por exemplo, vinho) ou de grãos fermentados, frutas, etc.”²⁴³ (PIV, 2020, tradução nossa).

Em palavras interpretativas, podemos designar os seguintes detalhes significativos: “dose de bebida alcoólica”, “dose de cachaça”. A intenção que se pretende passar, pelo que acreditamos, gira em torno de uma ideia de “porção mínima de bebida”, ou ainda dos sinônimos “um trago de bebida”, “um gole de bebida”, e tantas outras possibilidades sêmicas. Ademais, comparemos com a

²⁴¹ **cigared/o**. Cilindreto da fumtabako, envolvita en maldika papero. (PIV, 2020).

²⁴² 1 Difinita kvanto de medikamento. [...] 2 (f) la kvanto da io. (PIV, 2020)

²⁴³ **Brand/o** Alkohola trinkaĵo, farita per distilado de alkoholhava likvo (ekz. vino) aŭ de fermentintaj greno, fruktoj k.a. (PIV, 2020).

entrada registrada por Afonso Costa em seu dicionário de esperanto atualizado: “**pinga** guto; (pop.) brando; vino” (Costa, 2022, p. 631). Como ilustração, vejamos a representação da seguinte imagem:

Figura 20: pinga. (Fonte: Google imagens)



(20) **pucumã**, que tem sua correspondente *fumaĵoplena* em esperanto. Temos nessa criação lexical, uma vez composta de dois termos da língua, uma unidade lógica adjetiva, tendo como formação as seguintes formas: (i) *fum* + *aĵ* + *o* + *plen* + *a*. Como percebemos além das partes assessórias (sufixo e duas terminações nominais), temos dois radicais bem claros para o esperantista que já tenha, pelo menos, uma noção elementar de formação de palavras e do significado de ambas.

O elemento principal *plena* designa “1. Contendo toda a quantidade de algo que pode conter no total. [...] 2. Contendo uma quantidade muito grande de alguma coisa. [...] 3. De modo que não falte nenhuma parte necessária; sin.: completo [...] 4. Ter toda intensidade ou extensão possível” ²⁴⁴ (PIV, 2020, tradução nossa). A respeito do elemento complementar (*fumo*), temos os seguintes detalhes:

1 produto gasoso, mistura de gordura, vapor de água e substâncias sólidas sutis (cinzas, fuligem etc.), acinzentadas ou enegrecidas, mais ou menos densas, que sobem de um corpo em chamas. [...] 2 Esse mesmo produto de algumas substâncias, exalando um cheiro de sensação agradável. [...] ²⁴⁵ (PIV, 2020, tradução nossa).

²⁴⁴ 1. Enhavanta la tutan kvanton da io, kiun ĝi entute povas enhavi. [...] 2. Enhavanta tre grandan kvanton da io. [...] 3. Tia, ke al ĝi mankas neniu necesa parto; Sin. Komplete. [...] 4. Havanta la tutan eblan intenson aŭ amplekson. (PIV, 2020).

²⁴⁵ 1 Gasa produkto, miksaĵo de graso, akva vaporo k subtilaj solidaj substancoj (cindro, fulgo ks), grizeta aŭ nigreta, pli aŭ malpli densa, leviĝanta el brulanta korpo. [...] 2 Tiu sama produkto el kelkaj substancoj, donanta sensoplaĉan odoron. [...] (PIV, 2020).

A variação da palavra (pucumã) tem um registro no *Novo Dicionário Português/Esperanto*, veja-se: “**picumã** (*fuligem*) fulgo. – Kamentubo plena de fulgo” (Costa, 2022. P. 629). No geral, o significado que se pode extrair, ao interpretar a unidade criada: “plena de fumaça”, “cheia de fumaça”, “completa de fumaça”, etc. Mais para além dessas ideias, há registros como “poeira, fuligem, restos de fumaça, teias de aranha, etc” (*cf.* glossário). Mais adiante, damos duas imagens que podem aproximar ao sentido conotado pelo tradutor e autor.

Figura 21: pucumã. (Fonte: Google imagens)



(21) **retirante**, que tem sua correspondente *formigrulo* em esperanto. Essa palavra tem um aspecto bastante interessante, por se tratar de uma composição ainda mais simples, contendo apenas um elemento radical, advindo de uma outra composição verbal *formigri* (*for* + *migri*), que segundo o PIV (2020, tradução nossa) significa “sair, migrar”²⁴⁶. E sobre o sufico *ul*, temos a seguinte entrada explicativa: “sufixo 1 que significa um indivíduo, uma pessoa, caracterizado pelo que o radical expressa”²⁴⁷ (PIV, 2020, tradução nossa).

Ou seja, podemos interpretar coerentemente como “alguém que se retira”, “indivíduo que vai embora”, “alguém que emigra”. Observemos como está registrado no dicionário de esperanto que usamos como base de pesquisa: “**retirante** *retiriĝanta, forlasanta, formigranta*; (s.) *retiriĝanto, forlasanto, formigranto*” (Costa, 2022, p. 733). A ideia está satisfatória ao contexto da obra, visto que são ações comuns, e ocorrem a muitas pessoas da região nordestina, como convém ao caso

²⁴⁶ Foriri, migrante. (PIV, 2020).

²⁴⁷ Suf. 1 signifanta individuon, personon, karakterizitan de tio, kion esprimas la rad. (PIV, 2020).

dos retirantes em *Vidas Secas*. Tomemos como exemplo nossa ilustração de uma família de retirantes nordestinos:

Figura 22: retirante. (Fonte: Google imagens)



(22) **sinha**, que tem sua correspondente *njo* em esperanto. Talvez uma das mais curiosas e engenhosas criações do tradutor Knoedt, na sua versão traduzida da obra em questão. Fê-lo do sufixo *nj* um novo radical, com um simples acréscimo da terminação *o* para formação de substantivo. Ao elemento improvisado temos a seguinte elucidação “**nj** sufixo que pode ser adicionado após qualquer um dos cinco primeiros fonemas do nome próprio de uma mulher ou de um parente, para gerar uma forma de carinho”²⁴⁸ (PIV, 2020, tradução nossa).

Um detalhe importante a se frisar: não há entrada específica dessa formação no *Plena Ilustrita Vortaro*, como as demais expressões e unidades lexicais selecionadas aqui. Todavia, no dicionário de esperanto atualizado, achamos as equivalências/aproximações do termo *sinha*. Temos, pelo menos, duas entradas interessantes para comparar: “**sinhá** sinjorino, mastrino” (Costa, 2022, p. 786), “**sinhá-moça** fraŭlino” (Costa, 2022, p. 786).

Além dessas concepções e definições, temos uma entrada muito clara da formação da palavra no glossário de *Vidas Secas*, observemos atentamente: “**njo** os escravos costumavam se dirigir às suas donas por *sinhá*, que é uma forma de carinho para *senhora*. O costume enraizou-se e até hoje no interior do país uma

²⁴⁸ **nj/**. Suf. almetebla post iu el la kvin unuaj fonemoj de virina propra nomo aŭ nomo de parenceco, por formi karesformon. (PIV, 2020).

senhora é chamada por *sinhá* ou *sinha* antes do seu próprio nome” (Knoedt, 1997, p. 134, tradução nossa). Adiante uma imagem bastante ilustrativa:

Figura 23: sinha. (Fonte: Google imagens)



(23) **tapera**, que tem sua correspondente *forlasinta domo* em esperanto. As palavras da expressão são bastante claras: (i) elemento principal *domo*, que quer dizer “1 construção para habitação humana. [...] 2 Tal construção, vista como habitat de uma família”²⁴⁹ (PIV, 2020, Tradução nossa). E o segundo elemento, na sua forma de participio na voz ativa, é oriunda do verbo *forlasi*, que significa “1. ao sair, deixar alguém sozinho. [...] 2 (f) desistir, adiar, não se envolver mais”²⁵⁰ (PIV, 2020, tradução nossa).

Em outras palavras, interpretamos e damos os seguintes sentidos à expressão: “uma casa abandonada”, “uma casa rejeitada”, “uma casa largada” ou ainda “uma residência esquecida, deixada de lado”. Ou seja, seu sentido é, em geral, de uma construção onde não se mora mais ninguém, isto é, de um estabelecimento domiciliar que foi largado ou abandonado, seja lá qual motivo aparente.

Ademais, encontramos também os seguintes conceitos “**tapera** forlasita, ruina kampobieno; ruin(iĝint)a domo” (Costa, 2022, p. 817). E para ilustrarmos bem o referido termo formado pelo tradutor-autor, segue-se adiante uma imagem que figura com clareza a ideia da expressão criada:

²⁴⁹ 1 Konstruaĵo por homloĝado. [...] 2 Tia konstruo, rigardata kiel vivejo de familio. (PIV, 2020).

²⁵⁰ 1. Forirante, restigi iun sola. [...] 2 (f) Rezigni pri, demeti de si, ne plu okupiĝi pri. (PIV, 2020).

Figura 24: tapera. (Fonte: Google imagens)



Conseqüentemente, acerca do conjunto da categoria Itens Culturais para duas CLs, detalhamos a seguinte unidade lexical:

(24) **taipa**, que tem suas correspondentes *kotmuro* / *kotbulo* em esperanto. Ante essas duas formas criadas, consideramos pertinente identificar que ambas as formas podem complementar e/ou expressar o sentido contextual da palavra em português. A primeira unidade lexical: *kot + muro + o*. Ambos radicais são advindos das palavras *koto* e *muro*. E as duas unidades compartilham um mesmo elemento secundário (*koto*). O elemento fundamental *muro* designa “uma construção contínua, geralmente vertical e sólida, feita de pedras, tijolos, tábuas, concreto, etc., normalmente mais alta que grossa, e que serve para suportar o telhado, os pisos, etc. ou para separar ou dividir um espaço de uma casa [...]”²⁵¹ (PIV, 2020, Tradução nossa). E a palavra *koto* designa “1 terra, poeira, misturada com água, numa rua, estrada x. [...] 2 aquela poeira aquosa, considerada sujeira e poluição”²⁵². (PIV, 2020).

E em relação à segunda unidade ou expressão lexical (*kot + bul + o*), observemos a palavra fundamental *bulo*, que quer dizer “um pedaço de material mais ou menos amassável, próxima de uma forma globular”²⁵³ (PIV, 2020, tradução nossa). E em razão de na primeira unidade já termos elucidado o elemento *koto*, consideramos desnecessário repeti-lo nessa parte da nossa análise/descrição.

²⁵¹ Kontinua, ordinare vertikala k solida konstruaĵo el ŝtonoj, brikoj, tabulegoj, betono ktp, normale pli alta ol dika, k servanta, por subporti la tegmenton, la etaĝojn ktp aŭ por apartigi aŭ dividi spacon de domo, kampo, urbo ktp. (PIV, 2020).

²⁵² 1 Tero, polvo, miksitita kun akvo, sur strato, vojo ks. [...] 2 Tiu akvita polvo, rigardata kiel malpuraĵo k malpurigaĵo. (PIV, 2020).

²⁵³ Peco de pli-malpli knedeblo materio, kun proks. globa formo. (PIV, 2020).

À vista dessas descrições supracitadas, consideramos interpretá-las, precisamente, como “muro ou construção feita de barro”, “parede feita de barro”, ou ainda “muro ou parede feitos de argila”. No geral do significado, acha-se o sentido essencial que designa uma construção vertical feito de barro, argila e linhas de madeira, apenas, como convém deduzir. E seguindo nosso método de comparação terminológica, deparamo-nos com a seguinte entrada no *Novo Dicionário Português/Esperanto*: “**taipa** argilmasonaĵo, stukaĵo; vando” (Costa, 2022, p. 813). Adiante nossa ilustração, e com maior detalhe de clareza, conseguimos notar do que se trata uma construção de taipa:

Figura 25: taipa. (Fonte: Google imagens)



A respeito do mesmo conjunto da categoria Itens Culturais (para três CLs), minuciamos a unidade lexical a seguir

(25) **fumo**, que tem suas correspondentes *rultabako / tabakspiralo / tabakrulaĵo* em esperanto. É possível identificar nessas três unidades um elemento que elas partilham (*tabak + o*), embora não esteja rigorosa e logicamente como componente principal nas três. A palavra comum (*tabako*) significa: “1 esp. de Nicotiana (*Nicotiana tabacum*), cultivada pelas folhas [...] 3 Matéria para fumar, mascar ou cheirar, proveniente das folhas do tabaco [...]”²⁵⁴ (PIV, 2020, tradução nossa).

Os demais termos (*rul + o / spiralo + o / rul + aĵ + o*) guardam uma semântica bastante similar quanto ao seu emprego qualificativo nos referidos

²⁵⁴ 1 Sp. de nikotiano (*Nicotiana tabacum*), kultivata por folioj [...] 3 Materialo por fumado, maĉado aŭ snufado, liverita el la folioj de tabako [...] (PIV, 2020).

compostos, dos quais designam os seguintes significados: as formas *rolo* ou *rulaĵo* têm o mesmo radical, mas segundo o *Plena Ilustrita Vortaro* (2020), a primeira designa “um objeto cilíndrico mais ou menos longo”²⁵⁵ (Tradução nossa) e, a segunda, designa “(fm) um cigarro enrolado à mão ou enrolado com uma substância fumável”²⁵⁶ (Tradução nossa). Sem deixarmos de informar que a partícula *aĵ* designa tão somente “sufixo que expressa: objeto concreto, que está relacionado ao radical”²⁵⁷ (PIV, 2020, tradução nossa). E a respeito do elemento lexical *spiralo*, encontramos, no mesmo dicionário virtual de esperanto (PIV, 2020), a seguinte descrição: “uma curva plana que se afasta cada vez mais de seu ponto central inicial, circulando em torno dele”²⁵⁸ (tradução nossa).

Por conseguinte, o *Novo Dicionário Português/Esperanto* traz a seguinte entrada: “**fumo** tabako; vapore; funebra krepo; (*de rolo*) rultabako; (*fumaça*) fumo [...]” (Costa, 2022, p. 387). Portanto, no geral, o significado guarda o sentido de “rolo de fumo”, “fumo de rolo”, “rolo em espiral”, etc. Dessa forma interpretamos, como convém ao contexto da obra. E para melhor percepção e apreensão do significado do objeto ou da coisa em si, mais adiante exemplificamos com uma imagem bastante ilustrativa, observemos:

Figura 26: fumo. (Fonte: Google imagens)



²⁵⁵ Pli-malpli longa objekto cilindroforma. (PIV, 2020).

²⁵⁶ (fm) Mane kunvolvita aŭ kunrulita cigaredo kun fumebla substanco. (PIV, 2020).

²⁵⁷ Suf. esprimanta: 1 konkretan objekton, koncernatan de la rad. (PIV, 2020).

²⁵⁸ Ebena kurbo, kiu pli k pli malproksimiĝas de sia deira centra punkto, rondirante ĉirkaŭ ĝi. (PIV, 2020).

Em seguida, sobre o conjunto da categoria Cômodos para uma CL, colocamos os seguintes detalhes do verbete:

(26) **oitão**, que tem sua correspondente *flanka barilo* em esperanto. Observemos, com atenção, sem muitas dificuldades de interpretação da expressão (locução nominal), que se trata estruturalmente de duas palavras para designar o cômodo da casa: (i) *barilo*, que significa “uma fileira de estacas de madeira, fixadas no solo e unidas transversalmente, ou um arranjo de pedras colocadas umas sobre as outras, para separar um quintal, um jardim, etc”²⁵⁹ (PIV, 2020, tradução nossa). (ii) *flanka*, trata-se de uma variação lexical de *flanko*, que por sua vez designa “2 (analogamente, objetos com um plano de simetria axial) uma parte que está à direita ou à esquerda. [...] 3. Cada uma das partes ou superfícies de um objeto, considerada em contraste com o resto”²⁶⁰. (PIV, 2020, tradução nossa).

Em nossa interpretação da locução, ficamos com as seguintes elucidções: “uma barreira de lado”, “uma barreira lateral”, em palavras mais bem significativas diríamos “paredes laterais da casa” ou ainda “paredes que estão localizadas nas laterais do cômodo”. Observemos a título de comparação semântica a seguinte entrada: “**oitão** (arq.) flanko, flanka fronto” (Costa, 2022, p. 580). Então, por agora, vejamos nossa ilustração na seguinte fotografia:

Figura 27: oitão. (Fonte: Google imagens)



²⁵⁹ Vico da lignaj palisoj, fiksitaj en la grundo k transverse kunigitaj, aŭ aranĝo de ŝtonoj metitaj unuj super la aliaj, por apartigi korton, ĝardenon ktp. (PIV, 2020).

²⁶⁰ 2 (analoge, pp objektoj kun aksa simetrieveno) parto, kiu estas dekstre aŭ maldekstre. [...] ĉiu el la partoj aŭ surfacoj de objekto, konsiderata kontraste kun la ceteraj. (PIV, 2020).

E por último, para encerrarmos as classificações e definições das entradas de neologia semântica ou de sentido, resta-nos comentar sobre a categoria Alimentação para uma CL, registramos as seguintes entradas lexicais:

(27) **carne-seca**, que tem sua correspondente *sekviando* em esperanto. A respeito da palavra composta, temos duas formas justapostas no esperanto, são elas: a principal *viando*, e a secundária *seka*. A primeira ou a principal unidade do composto significa “carne, usada como alimento”²⁶¹ (PIV, 2020, tradução nossa). E devido ao contexto cultural de onde ela é geralmente apreciada (o Nordeste), não se trata de qualquer tipo de carne, mas “**seka** 1. Que contém pouca ou nenhuma água. [...] 2. Que perdeu sua água natural por evaporação”²⁶². (PIV, 2020, tradução nossa).

Sem muitas necessidades de recorrer a uma hermenêutica rigorosa, de modo prático podemos interpretar, como convém ao nosso léxico aparente, do seguinte modo: no português temos palavras bastante similares, como “vianda”, e a palavra “seca”. No geral, o sentido principal está relacionado a um tipo específico de carne, bastante produzida em regiões que guardam sua tradição regional, e além do mais, uma especiaria da culinária e gastronomia cultural das famílias brasileiras nordestinas. Iguaria essa, que ao contexto da obra, e até os nossos dias, é apreciada pelos povos retirantes, devido aos longos dias de viagem, e o produto, nessa qualidade, se preserva por mais tempo.

Ou seja, trata-se de uma “vianda seca”, ou melhor dizendo, para o nosso contexto habitual regional, “carne-seca”. Convém por agora, consultarmos a entrada no dicionário de esperanto atualizado: “carne (*do homem e dos animais; polpa de fruto*) karno; (*cul.*) viando; (*rel.*) korpo; *na carne, carnalmente* karne; *carnal (relativo à carne)* karna; *carne de vaca* bovoviando, bovaĵo; *carne seca* sekviando [...]” (Costa, 2022, p. 178) .

Mais adiante, temos nossa imagem ilustrativa referente ao verbete carne-seca ou *sekviando* no esperanto:

²⁶¹ Karno, uzata por nutrado. (PIV, 2020).

²⁶² 1. Enhavanta neniom aŭ malmulton da akvo. [...] 2. Perdinte sian naturan akvon pro elvaporigo. (PIV, 2020).

Figura 28: carne-seca. (Fonte: Google imagens)



(28) **farinha**, que tem sua correspondente *maniokfaruno* em esperanto. De modo prático, sua composição (da palavra justaposta: *maniok* + *farun* + *o*) divide-se da seguinte maneira: (i) elemento principal, *faruno* que significa “1 Pó da parte comestível de sementes de grãos ou vegetais. [...] 2 Sementes em pó para uso diferente da nutrição”²⁶³ (PIV, 2020, tradução nossa) e (ii) elemento qualitativo/determinativo, *manioko* que designa “espécie de manihot (*Manihot esculenta*), originária da América do Sul, arbusto com grandes tubérculos carnudos e comestíveis, semelhantes aos da dália, de onde são produzidas o amido de mandioca e a tapioca”²⁶⁴ (PIV, 2020, tradução nossa).

Continuando nossa análise e descrição, consultamos o nosso dicionário de esperanto, que contém a seguinte entrada: “farinha (de trigo, de milho etc.) faruno; (de mesa) manioka faruno [...]” (Costa, 2022, p. 358). E sem perdermos tempo, nossa interpretação não se distingue ao sentido mais usual do termo, a saber “farinha feita de raiz de mandioca”, “farinha de mandioca”, ou ainda “farinha comum”. Uma iguaria que serve de acompanhamento nutritivo, com uma combinação bastante característica da região nordestina: “farinha de mandioca com carne-seca”. E como falamos das populações retirantes (sem esquecermos da família em *Vidas Secas*), a farinha e a carne são alimentos que dão “sustância” para suportar as longas viagens. Segue adiante uma fotografia ilustrativa do verbete:

²⁶³ 1 Pulvorigitaĵo el la manĝebla parto de semoj de greno aŭ legomo. [...] 2 Pulvorigitaj semoj por alia uzado ol nutrado. (PIV, 2020).

²⁶⁴ Sp. de manihoto (*Manihot esculenta*), origina el N S-Ameriko, arbusto kun grandaj karnecaj, manĝeblaj tuberoj, similaj al tiuj de dalio, el kiuj oni produktas maniokamelon k tapiokon. (PIV, 2020).

Figura 29: farinha. (Fonte: Google imagens)



(29) **rapadura**, que tem sua correspondente *krudsukera briko* em esperanto. Essa é nossa última expressão lexical do conjunto de verbetes criados ou desenvolvidos a partir dos radicais existentes na língua internacional (o esperanto). Uma justaposição locucional constituída de uma forma substantiva principal (*brik + o*) e uma forma secundária determinativa composta (*krud + suker + a*) com função adjuntiva. Essa expressão corresponde semanticamente ao termo “rapadura”, conforme foi conveniente para o tradutor construí-la em razão das características do objeto ou o alimento.

Ainda em nossa análise, minuciamos a expressão correspondente em esperanto do seguinte modo: (i) *briko* significa “1. paralelepípedo retangular de barro cozido, usado para construção. [...] 2. algo, tendo a forma de um tijolo”²⁶⁵ (PIV, 2020), (ii) o composto lexical da forma adjuntiva advém de duas outras unidades, são elas: (a) *sukero* e (b) *kruda*, e que segundo o *Plena Ilustrita Vortaro*, ambas significam, respectivamente: (a) “substância cristalina, branca, doce, composta por carbono, hidrogênio e oxigênio, $C_{12}H_{22}O_{11}$, extraída de diversas plantas, principalmente da cana-de-açúcar e da beterraba sacarina”²⁶⁶ (PIV, 2020, Tradução nossa); (b) “tal como a natureza o produziu; conservando seu estado primitivo, sobre

²⁶⁵ 1. Ortangula paralelepipedo el bakita argilo, uzata por konstruado. [...] 2. Io, havanta formon de briko. (PIV, 2020).

²⁶⁶ 1 Kristala, blanka, dolĉa substanco, konsistanta el karbono, hidrogeno k oksigeno, $C_{12}H_{22}O_{11}$, k ekstraktata el diversaj vegetaĵoj, precipe el sukerkano k sukerbeto. (PIV, 2020).

o qual não se trabalhou, não se processou , e não se apurou”²⁶⁷ (PIV, 2020, tradução nossa).

Ademais, o verbete em português, que tem sua correspondente locucional *krudsukera briko*, possui uma entrada específica no *Novo Dicionário Português/Esperanto*. Observemos: “**rapadura** (de açúcar) briko el krudsukero” (Costa, 2022, p. 694). De fato, como uma forma descritiva do alimento, não há outra razão em não descrevê-lo ou defini-lo como uma espécie de “barra de açúcar cru”, “tijolo de açúcar cru”, portanto o significado em si designa um tipo de doce feito de melaço sólido de cana-de-açúcar, com sabor adocicado peculiar semelhante ao do açúcar mascavo. Tal iguaria é bastante apreciada como sobremesa na alimentação das comunidades e populações nordestinas, e geralmente acompanhada de farinha ou ainda há quem costume degustá-la após uma modesta refeição de feijão com carne-seca ou o tradicional baião de dois. Adiante nossa ilustração:

Figura 30: rapadura. (Fonte: Google imagens)



Encerramos, então, esse ponto da análise acerca das unidades neológicas, ou mais propriamente as unidades por criação/desenvolvimento. Todavia, queremos discutir teoricamente um pouco mais a respeito do que realmente se trata esse tipo de neologismo. Tomaremos como base, para este brevíssimo comentário, as elucidações de Ieda Maria Alves (1990) e Maria Aparecida Barbosa (1996), nas suas respectivas obras fundamentais (i) *Neologismo: Criação lexical* e (ii) *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*.

²⁶⁷ Tia, kia la naturo ĝin produktis; konservanta sian primitivan staton, neprilaborita, nepreparita, nekulturita

Segundo Ieda Maria Alves, há termos dentro do vocabulário linguístico que por si mesmos não operam nenhuma forma de mudança com relação as unidades lexicais que já pertencem ao sistema da língua. Porém, se houver uma mudança, e se esta ocorre no sentido do sistema, concebe-se então que “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual” (Alves, 1990, p. 63). E conforme as palavras de Maria Aparecida Barbosa (1996, p. 202):

A neologia semântica pode ser definida como o surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico. Este segmento fonológico que constitui um morfema lexical, não sofre nenhuma modificação morfo-fonológica, nem novas combinações intra-lexemáticas de elementos, mas passa a exercer a função de nova unidade de significação.

E quanto ao aspecto do surgimento ou manifestação das neologias de sentido, cabe informarmos que “as neologias semânticas aparecem, quando se empregam signos já existentes no código, em combinatórias inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinação sêmica” (Barbosa, 1996, p. 203). E nos exemplos em esperanto que acabamos de comentar, não nos resta dúvida de que como um fenômeno natural e comum confere também ao idioma internacional sua tendência, como qualquer outra língua, para evolução estrutural no interior do seu sistema, mesmo que teoricamente “artificial” (melhor dizendo: planejado). Isso reflete nessa manifestação linguística sua capacidade evolutiva de acompanhar a modernização social e cultural, o que não impediria ao seu sistema adaptar-se como os demais outros sistemas linguísticos nacionais ou estrangeiros, que como já mencionamos, não podem escapar dos seus diversos “atravessamentos” sociais e culturais.

À vista desse detalhe da integração de novas unidades estrangeiras, “o léxico de um idioma, entretanto, não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente” (Alves, 1990, p. 72). De outro modo, a base lexical de uma língua não teria sua ampliação do vocabulário sem essa adaptação necessária de termos oriundos de línguas distintas, visto que o léxico é dinâmico e reflete as mudanças contextuais desses idiomas que interagem num campo de ocorrências culturais e sociais multifárias.

Do ponto de vista comunicativo, existem duas características que diferenciam o esperanto das línguas étnicas [...] É, em sua maioria, uma segunda língua, e é uma língua internacional usada por indivíduos com diferentes origens linguísticas e culturais. A comunidade de falantes do esperanto é, portanto, principalmente uma comunidade de segunda língua. (Maradan, 2021, p. 126, tradução nossa)²⁶⁸.

É necessário notar com clareza o seguinte: como nosso trabalho se trata de análise tradutória, o que compreendemos, em nosso texto, como “unidades estrangeiras”, são aquelas unidades neológicas que foram integradas por aquisição da língua de partida, em nosso caso, a língua portuguesa. Por “aquisição”, entendemos com maior precisão as unidades neológicas adotadas por empréstimo²⁶⁹, ou também denominadas de estrangeirismos. Em breves palavras: “os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua” (Alves, 1990, p. 72).

Em razão disso, quanto ao que ocorre ao esperanto, não é por menos que “em uma língua falada em todos os continentes, era de se esperar que os estrangeirismos logo grassassem e desfigurassem a unicidade de seu fundo lexical”. (Dias, 2007, p. 64). Atentemos que esse fluxo neológico que se manifesta no idioma internacional, tanto em seu nível de fala (esta com um absurdo de ocorrências neológicas em curso) quanto em seu nível de língua na modalidade escrita, corresponde ao que também ocorre com maior frequência em outras línguas, como é o caso do inglês ou espanhol.

Como mencionado, o termo “neologismo” tem sua referência aos seguintes sentidos conotativos: (i) a uma nova forma ou novo significado de uma unidade lexical, (ii) a uma nova raiz integrada ao sistema da língua em questão. Segundo Maradan (2021), os falantes do esperanto dão preferência estratégica de

²⁶⁸ From a communicative perspective, there are two characteristics that make Esperanto different from ethnic languages (Waringhien, 1980, p. 253): It is mostly a second language, and it is an international language used by individuals with dissimilar linguistic and cultural backgrounds. The Esperanto speech community is thus mainly a community of second language. (Maradan, 2021, p. 126).

²⁶⁹ O empréstimo é frequentemente praticado (ciências e técnicas que utilizam uma parte dos termos ingleses correspondentes), mas se choca com uma dificuldade prática, constituída por importantes diferenças fonológicas entre francês e inglês, principal língua-fonte. Em compensação, a formação e a introdução voluntárias, num vocabulário, de um número de novas unidades não deixa de apresentar problemas. (Dubois et alii, 1998, p. 431).

formação de palavras por via da combinação de raízes já existentes que estão disponíveis na língua, evitando importar os estrangeirismos ou introduzir novas raízes. A inserção dos neologismos, em especial dos empréstimos estrangeiros, só é vista como último recurso pelos esperantistas. Ou seja, os falantes do idioma internacional apenas recorrerão a esse último caso quando as estratégias não encontram uma forma adequada para expressar um dado conceito nas formas disponíveis do léxico.

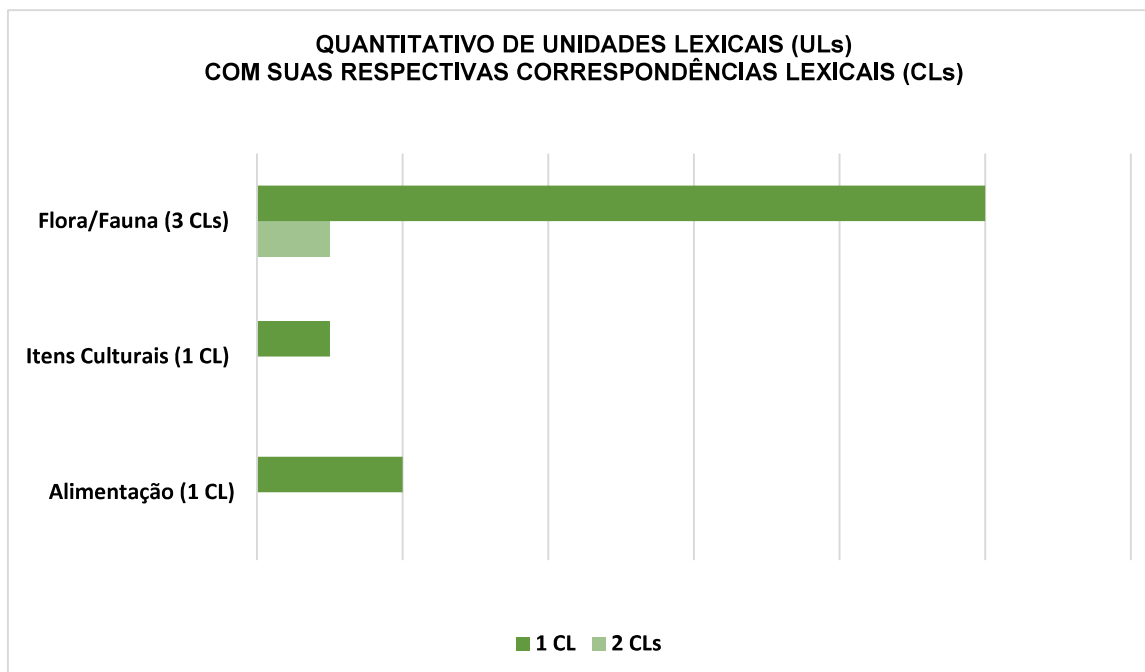
Ora, ao adotar um novo termo, uma região, uma classe social, um grupo profissional, uma comunidade nacional estão adotando, ao mesmo tempo, um novo recorte e o seu correspondente linguístico. Tem-se, pois, em suma, uma palavra nova na língua, embora não se trate da criação de um signo e sim da *adoção* de uma palavra. [...] no processo de adoção, a palavra assume características diversas, conforme o grau de aceitabilidade, o grau de assimilação pelo grupo, a sua integração às estruturas da língua que a adotou. (Barbosa, 1996, p. 291).

Entrando no assunto da análise do léxico regional da obra em questão. Antes de minuciar-mos com maior detalhes, observemos adiante o quadro e o gráfico, em que se encontram sumarizados uma espécie de referência quantitativa das unidades lexicais com suas respectivas correspondências às categorias que já conhecemos de quadros e gráficos anteriores. Referimo-nos por esse cálculo o quantitativo total dos verbetes em português e dos verbetes em esperanto por via de empréstimos.

Quadro 15: quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por empréstimo ou estrangeirismos

| | |
|-------------------------------|---------------------------------------|
| Total: 14 ULs / 15 CLs | |
| Flora/Fauna | (1 CL – 10 ULs) (2 CLs – 1 UL) |
| Itens Culturais | (1 CL – 1 UL) |
| Alimentação | (1 CL – 1 UL) |

Gráfico 11: quantitativo de ULs e suas respectivas CLs por empréstimo ou estrangeirismo



Resulta-se matemática e estatisticamente (e obviamente pela tipologia neológica) de todas as nossas estimativas de análise do conteúdo, que os termos “adotados” por empréstimo, isto é, de onde há estrangeirismos, ocorrem exclusivamente nas categorias de “Fauna/Flora”, “Itens Culturais” e “Alimentação” apenas. Por essa razão, optamos e consideramos suficiente nos delimitarmos tão somente no conteúdo consequente total das unidades neológicas integradas nessas três categorias de verbetes regionais, visto que é nelas que há a presença das únicas ocorrências de empréstimos (propriamente) adotados pelo tradutor Leopoldo H. Knoedt, criações essas, como já esperávamos, oriundas do léxico estrangeiro da língua portuguesa, idioma o qual foi utilizado para escrever a obra *Vidas Secas* no original.

Ademais, os referidos conjuntos categóricos possuem um total quantitativo de: (i) 35 unidades lexicais para Flora/Fauna, (ii) 28 unidades lexicais para Itens Culturais e (iii) 6 unidades lexicais para alimentação. E ao mensurá-los na sua porção de unidades criadas/adotadas, ao primeiro conjunto estão integrados 11 verbetes com doze correspondências neológicas por empréstimo/estrangeirismo, ao segundo conjunto está integrado apenas 1 verbeito com uma correspondência

neológica por empréstimo/estrangeirismo, e ao terceiro conjunto estão integrados 2 verbetes com duas correspondências neológicas por empréstimo/estrangeirismo. Observemos o seguinte: “ao criar um neologismo o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, quer pelos processos de formação vernaculares, quer pelo emprego de estrangeirismos” (Alves, 1990, p. 83).

Dito isso, resta-nos minuciar os detalhes neológicos mediante o suporte que até agora consideramos suficientemente razoável e pertinente, conseqüentemente tomaremos a direção de elucidarmos mais adiante. Observemos:

Os referidos termos neológicos adotados são os seguintes: (i) **Flora/Fauna para uma CL:** angico (anjiko), aroeira (aroejro), baraúna (barauno), catinga (kaantingo), catingueira (katingujo), louro (loro), macambira (makambiro), mandacaru (mandakaruo), quixabeira (kišabujo), sucupira (sukupiro), (ii) **Flora/Fauna para duas CLs:** imburana (imburano/umburano), (iii) **Itens Culturais para uma CL:** aboio (abojo), (iv) **Alimentação para uma CL:** imbu (imbuo), mucunã (mukuno). Em porcentagem do total de verbetes, o indicativo de unidades neológicas por empréstimo soma um quantitativo de somente 14 verbetes²⁷⁰ (12,17%) do total de 115 formas regionais na obra.

Ao conjunto de 10 unidades neológicas da categoria Flora/Fauna com uma CL, classificamos e elucidamos adiante:

(1) **angico.** De acordo com o Houaiss (2001), substantivo que designa uma árvore de vegetação nativa do Brasil, tendo como nome científico *Piptadenia paniculata*. Essas são as informações mais básicas dadas pelo dicionário português. Não há uma correspondente ainda oficial para esse termo no idioma internacional esperanto, então fica sem entrada no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor do esperanto registra em seu glossário uma entrada para esse termo, buscando integrar ao léxico do esperanto o verbe *anjiko* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma internacional. Segundo o tradutor, trata-se de

²⁷⁰ Observação: não levamos em conta que um verbe do português tem duas correspondências lexicais no esperanto, mas como supúnhamos, pode ter sido um pequeno lapso ou equívoco no ato tradutório, visto que se trata de uma variação sem muita diferença formal, Vejamos: imburana (português) – *imburano/umburano* (esperanto).

"árvore leguminosa do gênero *Piptadenia*, cuja madeira é muito útil" (Knoedt, 1997, p. 132, tradução nossa).

Figura 31: angico. (Fonte: google imagens)



(2) **aroeira**. De acordo com Houaiss (2001), substantivo que corresponde a designação comum de algumas árvores da família das anacardiáceas, e que possui colorações diversas, tendo como nome científico *Schinus molle*. Além dessas características externas, as folhas ou a madeira da aroeira são comumente utilizadas para fins medicinais. Essas são as informações mais básicas dadas pelo referido dicionário português. Não há uma correspondente ainda oficial para esse termo no idioma internacional esperanto, então fica sem entrada no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse termo, buscando integrar ao léxico do esperanto o verbete *aroejro* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma internacional. Segundo o tradutor, trata-se de “diversas anacardiáceas do gênero *Schinus*, muito útil pela sua madeira que não apodrece” (Knoedt, 1997, p. 132, tradução nossa).

Figura 32: aroeira. (Fonte: google imagens)



(3) **baraúna**. Com base em Houaiss (2001), um termo substantivo correspondente a uma designação de árvores da família das leguminosas, nativa da região brasileira, sua madeira é bastante comercializada, tendo bastante apreço pela extratificação da sua tintura de cor negra. A baraúna tem como denominação científica *Melanaxylon brauna* ou *Schinopsis brasiliensis*. São essas as informações essenciais que constam no dicionário de língua portuguesa. Ademais, não existe uma correspondente ainda oficial para esse termo no idioma internacional esperanto, então fica sem entrada no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse termo, buscando integrar ao léxico do esperanto o verbete *barauno* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma internacional. Segundo o tradutor, “**baraúna** uma árvore leguminosa, *Melanoxylon braunia*, cuja madeira quase preta é muito dura” (Knoedt, 1997, p. 132, tradução nossa).

Figura 33: baraúna (Fonte: google imagens)



(4) **catinga**. Conforme o dicionário Houaiss (2001), o mesmo que “caatinga”, substantivo que designa uma formação vegetal bastante comum e típica da região do nordeste brasileiro. Não há uma correspondente lexical oficial para esse termo no idioma internacional esperanto, então fica sem entrada no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse termo, buscando integrar ao léxico do esperanto o verbete *kaatingo* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma internacional. Segundo a descrição e elucidação do tradutor:

Catinga: a branca vegetação tupi [...] é o aspecto típico das florestas do Nordeste brasileiro, também do Norte, do Estado de Minas Gerais e de parte do Estado do Maranhão, região vasta e monótona. É regida por duas estações: seca e inverno e é caracterizada por árvores baixas, muitas vezes espinhosas, que perdem as folhas na estação seca, misturadas com plantas

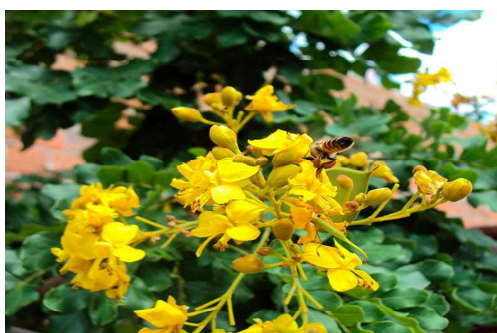
suculentas, principalmente cactos. Durante o inverno, logo após as primeiras chuvas, como que milagrosamente, surge uma grande variedade de plantas herbáceas; também os ramos das suas xerófitas refoliam e ficam verdes e as duas juntas alimentam e restauram o gado. Durante a seca, quase todos perdem as folhas e como forragem só há os cactos, que conseguem preservar o seu suco e o juazeiros, cujas raízes permitem preservar a sua folhagem. Ao contrário da sua flora, a sua fauna é muito pobre" (Knoedt, 1997, p. 132, tradução nossa).

Figura 34: catinga (caatinga) (Fonte: google imagens)



(5) **catingueira**. Conforme o dicionário Houaiss (2001), substantivo que designa um tipo comum de algumas árvores nativas e ornamentais do Brasil, de cuja tintura amarela é apreciada pelo comércio, de nome científico *Caesalpinia Gardneriana*. Não encontramos correspondente lexical oficial para esse termo no esperanto, ainda sem entrada no *Plena Ilustrativa Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse verbete, buscando integrar ao léxico do esperanto o vocábulo *katingujo* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma internacional. O tradutor registra no glossário o seguinte: “**katingujo** arbusto leguminácio, *Caesalpinia pyramidalis*, que durante a seca alimenta o gado" (Knoedt, 1997, p. 133, tradução nossa).

Figura 35: catingueira. (Fonte: Google imagens)



(6) **louro**. De acordo com o dicionário Houaiss (2001), esse termo é um substantivo comum que designa diversas aves da família dos psitacídeos, as quais têm a capacidade natural de imitar os sons e a fala humana com um grau de perfeição. Além disso, muitas espécies dessas aves são comercializadas por criadores autorizados ou vendidos de forma ilegal por cativéis clandestinos. Na região nordeste, os papagaios domésticos são comumente apelidados de “louro”. Não há correspondente ao verbete no esperanto ainda registrado oficialmente, isto é, não se encontra ainda o verbete no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse verbete, buscando integrar ao léxico do esperanto o vocábulo *loro* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma. Ele ainda registra a seguinte entrada: “**louro** de família: um papagaio, imitado pelo seu grito” (Knoedt, 1997, p. 133). Todavia, para o termo papagaio, podemos encontrar “**papagaio**: uma ave tropical com bico em forma de gancho e penas geralmente marcantes e de cores variadas” (PIV, 2020, tradução nossa)²⁷¹.

Figura 36: loro (papagaio) (Fonte: Google imagens)

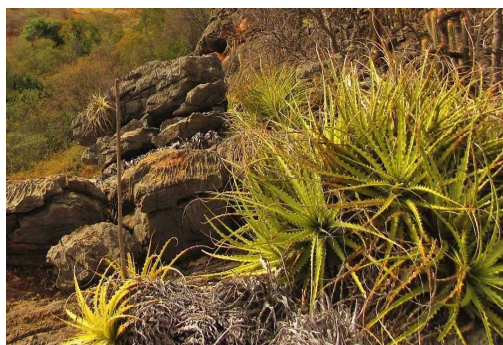


(7) **macambira**. Segundo Houaiss (2001), substantivo que designa uma planta terrestre da família das bromeliáceas de nome científico *Bromelia laciniosa*, nativa da região nordeste no Brasil, e bastante utilizada como ração para alimentar o gado, e dela se pode extrair fibras resistentes. Essas são informações básicas que encontramos no dicionário de português. Entretanto, como não há correspondente ao esperanto, não encontramos seu registro oficial ainda no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse verbete, buscando integrar ao léxico do esperanto o vocábulo *makambiro* como

²⁷¹ **papago**: (kn) Tropika birdo kun hoka beko k kun ĝenerale okulfrape k diverse koloraj plumo.

correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma. Além disso, no glossário da obra, podemos obter a seguinte entrada descrita pelo tradutor: “**macambira** uma bromeliácea, *Bromelia laciniosa*, de cujas folhas a população faminta, durante a seca, prepara uma espécie de pão, que, no entanto, não tem nenhum valor nutritivo” (Knoedt, 1997, p. 133, tradução nossa).

Figura 37: macambira. (Fonte: Google imagens)



(8) **mandacaru.** Conforme Houaiss (2001), substantivo que designa uma espécie de planta da família das cactáceas, de nome científico *Cereus jamacar*. Uma planta arbustiva que é nativa do Brasil, disseminada na região do Semiárido do Nordeste. São essas as principais informações descritas no dicionário português sobre o verbete mandacaru. E como não há um termo correspondente no esperanto, não encontramos seu registro oficial ainda no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). Para integrar uma nova unidade ao vocabulário do esperanto, o tradutor recorre a forma estrangeira *mandakaruo*. No glossário, podemos encontrar “**mandacaru** um cacto, *Cereus jamacuru*, em formato de árvore, com tronco grosso e ramificado, lenhoso na base. Durante a seca, alimento para o gado” (Knoedt, 1997, p. 133, tradução nossa)

Figura 38: mandacaru. (Fonte: Google imagens)



(9) **quixabeira**. Segundo o dicionário Houaiss (2001), refere-se a um substantivo comum que designa um tipo de árvore da família das sapotáceas, de designação científica *Sideraxylon obtusifolium*. A quixabeira possui espinhos duros, folhas coriáceas, flores aromáticas, e produz um fruto comestível bastante adocicado. Ademais, não há um termo correspondente no esperanto, não encontramos seu registro oficial ainda no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse verbete, integrando ao léxico do esperanto o vocábulo *kiŝabujo* como correspondente lexical estrangeiro ao sistema do idioma. O autor da tradução comenta no glossário o seguinte: “**quixabeira** um arbusto sapotáceo, *Bumelia sartorum*, que durante a estação seca alimenta seu gado com suas folhas e frutos” (Knoedt, 1997, p. 133)

Figura 39: quixabeira. (Fonte: Google imagens)



(10) **sucupira**. Conforme o dicionário Houaiss (2001), o termo se refere a uma designação a muitas espécies de árvores da família das fabáceas. É uma planta pioneira, pois se origina a partir de lugares inóspitos, inabitáveis como as regiões secas e pobres, todavia, muito apreciada pela madeira nobre ou pelo cultivo ornamental, ou ainda pelas propriedades medicinais. Essas são os detalhes mais importantes que encontramos no registro do dicionário português.

Não há correspondente no esperanto para a palavra, desse modo não encontramos nenhum registro no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor registra em seu glossário uma entrada para esse verbete, criando/adotando o estrangeirismo *sukupiro* como forma nova e correspondente lexical ao sistema do idioma internacional. No glossário desenvolvido pelo tradutor, achamos o seguinte comentário: “**sucupira** uma leguminácea, *Bowdichia virgiliodes*, cuja madeira de boa qualidade é utilizada para fazer móveis, portas e janelas” (Knoedt, 1997, p. 134).

Figura 40: sucupira. (Fonte: Google imagens)



A única unidade neológica da categoria Flora/Fauna com duas CLs²⁷², elucidamos consenquentemente:

(11) **imburana**. Segundo Houaiss (2001), mesmo que “umburana” ou “emburana”, uma palavra substantiva que designa uma árvore da família das burcerácias, típica da região Nordeste (no Brasil), de nome científico *Bursera leptophloeos*. Além dessas informações básicas, sabe-se que as sementes da imburana são comercializadas para extração de óleo para fins medicinais ou comércio da perfumaria, e mais, sua madeira também é bastante apreciada na carpintaria. Para integrar uma nova unidade ao vocabulário do esperanto, o tradutor recorre a forma estrangeira *imburano*, e além do mais, cria também uma espécie de variação ou corruptela (possivelmente acidental) *umburano*. Dito isso, não encontramos correspondente lexical no esperanto registrado no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020), e tampouco o tradutor registrou uma nota ou qualquer menção elucidativa para a referida unidade neológica adotada no glossário da obra.

Figura 41: imburana. (Fonte: Google imagens)



²⁷² Como já havíamos explicado numa nota anterior, para nós se trata mais de um acidente tradutório do que precisamente duas formas lexicais genuínas. Ou na melhor das hipóteses, uma variação: *imburano/umburano* correspondente às corruptelas que ocorrem também no português para a palavra: “imburana” – desta são as seguintes as variações ou formas corruptas: amburana, emburana, umburana.

As seguintes duas unidades neológicas são pertencentes ao conjunto da categoria lexical Alimentação. Na verdade, como há de se notar criteriosamente, poderíamos afirmar categoricamente que essas duas unidades estrangeiras não passam de formas de uma subcategoria oriunda do conjunto Flora/Fauna. Vejamos, pois, com atenção:

(12) **imbu**. De acordo com Houaiss (2001), o mesmo que “umbu”, trata-se do substantivo que designa o fruto do umbuzeiro, que tem por nome científico *Spondias tuberosa*. A árvore desse fruto é originária das regiões semiáridas do Nordeste no Brasil. Para o termo imbu, não há um registro correspondente na língua internacional, conseqüentemente não encontramos uma entrada lexical no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor recorre a forma estrangeirizada *imbuo* para o esperanto como correspondente da referida palavra em português. O neologismo adotado é descrito pelo tradutor no glossário: “**imbu** uma pequena árvore anacardeácia frondosa, do gênero *Spondias tuberosa*, com reserva de água nos tubérculos radiculares e com frutos comestíveis” (Knoedt, 1997, p. 132, tradução nossa).

Figura 42: imbu. (Fonte: Google imagens)



(13) **mucunã**. Conforme o dicionário Houaiss (2001), também pode ser conhecida como “mucuna” ou “mucuná”, se trata de um substantivo que designa as plantas da família das leguminosas, de nome científico *Mucuna*. As sementes da mucunã são bastante apreciadas pelas suas propriedades medicinais e/ou afrodisíacas.

Não encontramos uma correspondente lexical para o esperanto no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020). O tradutor adotou o termo estrangeiro *mukuno*, diretamente do português, e o descreve da seguinte maneira em seu glossário:

“**mucunã** diversas leguminosas do gênero *Mucuna* e *Dioclea*” (Knoedt, 1997, p. 133, tradução nossa).

Figura 43: mucunã. (Fonte: Google imagens)



A décima quarta ou última unidade neológica pertencente a categoria Itens Culturais, do quantitativo total de formas criadas, encerra nossa exposição referente ao primeiro conjunto de neologismos por empréstimo ou estrangeirismos adotados diretamente da língua portuguesa, como idioma nativo da própria obra literária em questão. Observemos:

(14) **aboio**²⁷³.. Conforme o dicionário Houaiss (2001), trata-se de um substantivo que designa o canto típico da região nordeste do Brasil, com aspecto dolente e de frequência monótona, executada por vaqueiros e fazendeiros, com intuito de conduzir, guiar e chamar o gado ou outros animais de criação campestre. Não existe entrada para especificar o sentido do verbete no *Plena Ilustrita Vortaro* (PIV – 2020).

A solução do tradutor foi importar a palavra da própria língua portuguesa, atualizando-a para o esperanto com a forma *abojo*. E além disso, no glossário o autor da tradução confere a seguinte explicação: “**aboio** melopeia lamentosa e monótona, com a qual os vaqueiros conduzem uma boiada ou chamam animais perdidos” (Knoedt, 1997, p. 132, tradução nossa).

²⁷³ Por não haver possibilidade de exemplificar um canto por meio de uma imagem, tentamos aproximar com uma modalidade instrumental que está num contexto similar.

Figura 44: aboio (Fonte: Google imagens)



Dando continuidade ao debate acerca das unidades lexicais criteriosamente neológicas de tipologia empréstimo ou estrangeirismo. À vista desse ponto, como bem menciona Flávia Cristina Cruz Lamberti (1999), os estudos e pesquisas linguísticas (e aqui relacionamos os estudos da neologia linguística estrutural), ao que provavelmente tem ocorrido, relacionam em grande destaque de suas interpretações, sobre os fatos da mudança linguística, a uma visão evolucionista, a qual descreve o fenômeno evolutivo de uma língua como o próprio desenvolvimento de um vegetal, que tem suas propriedades vitais após o nascimento, seu crescimento e por fim sua morte. Ademais, segundo a fala da linguista:

[...] a mudança poderia também estar ligada a fenômenos não originários na língua propriamente dita, mas a fenômenos exteriores a ela, como é o caso da influência por meio da adoção de um material linguístico estrangeiro. O conceito de mudança evolutiva, porém estava dissociado de fenômenos causados por empréstimos, elementos externos à língua [...] O empréstimo linguístico era, portanto, considerado um agente causador da mudança linguística. (Lamberti, 1999, p. 16).

Ademais, tratando da questão sobre o empréstimo linguístico, para nós, esse se trata por um fato que lhe ocorre quando os elementos ou unidades recém criadas, provenientes de outro sistema linguístico, surgem do contato com a língua da qual as novas formas ou neologismos passam a ter “vida” própria. Com razão, “o empréstimo era visto como um conjunto de mudanças que uma língua sofre em contato com outras, às quais são externas e diversas do sistema tradicional” (Lamberti, 1999, p. 19). Em vista desse debate, “em relação ao elemento estrangeiro, sua tradução expressa também um indício de que o emissor está

côncio do caráter neológico dessa forma não-vernácula” (Alves, 1990, p. 83).

Portanto, com efeito considera-se além disso que

A palavra evolução, em linguística, pressupõe apenas um processo de mudanças “graduais e coerentes”. Deu-se-lhe também maior rigor interpretativo com estabelecer-se uma distinção fundamental entre EVOLUÇÃO propriamente dita e o EMPRÉSTIMO. [...] Com efeito, já não nos circunscrevemos com isso ao influxo das línguas estrangeiras rigorosamente ditas. Dentro da própria coletividade, há uma interinfluência das línguas locais, ou FALARES, em que se divide regionalmente a língua de uma nação, e o sistema tradicional de cada um deles assim sofre mudanças por empréstimo. Da mesma sorte, há empréstimos desses falares à LÍNGUA LITERÁRIA. Entende-se por esse nome a língua que é usada para fins estéticos no conjunto de manifestações linguísticas dito LITERATURA. (Câmara jr, 19, p. 192 – 193).

Quanto ao aspecto adaptativo de uma língua como é o caso do esperanto, as palavras estrangeiras podem levar bastante tempo para serem integradas ao sistema “vernacular” do idioma. E ainda assim, não há qualquer garantia que essas novas unidades lexicais se tornarão verdadeiramente parte da língua receptora (a língua internacional planejada). Em resumo, para que uma palavra nova estrangeira seja realmente assimilada e se torne elemento componente do léxico, seja qual for a língua, é necessário que ela seja amplamente adotada e compreendida pela maioria dos falantes da língua receptora, ou melhor dizendo, da língua hospedeira. Em detalhes explicitativos, corroboramos com o seguinte:

Há reproduções de material estrangeiro que podem tornar-se não-habituais e não-usuais o suficiente para serem considerados um empréstimo propriamente dito. Para que uma palavra estrangeira possa tornar-se um elemento de uso, ela precisa conviver um certo tempo na língua receptora, até tornar-se conhecida pela maioria dos falantes. Se o tempo de convivência não lhe der o devido reconhecimento, a palavra continuará estrangeira. É essa impessoalidade no vernáculo que caracteriza o estrangeirismo. (Lamberti, 1999, p. 23)

Assim, fechamos o assunto sobre a questão dos neologismos semânticos e de empréstimo (ou estrangeirismo) do esperanto como língua culturalmente internacional, e historicamente adequada à comunicação razoavelmente neutra, todavia flexível ao(s) estrangeiro(s). E como novamente queremos enfatizar: uma “segunda língua” que não é estrangeira e acolhe as estrangeiridades em seus mais amplos “atravessamentos” históricos, sociais, plurais e interculturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao esboçarmos nossas terminativas considerações, registra-se, do ponto de vista de um falante de uma língua que nem se trata de estrangeira nem tampouco nacional, uma capacidade de codificar o mundo por via das palavras escritas, um tipo de efeito de transferência que qualquer obra numa língua nacional (o português, em nosso caso) causaria ao leitor. E nós participantes e falantes de esperanto, também como leitores de Graciliano Ramos, não podemos mensurar as transformações nessa manifestação de via múltipla: tradução, língua internacional, criação lexical, empréstimo, estrangeirismo etc.

A nossa leitura do material lexical original de *Vidas Secas*, e na sua versão ao esperanto, causou-nos desmedidas significações e interpretações entre aquele espaço que compreendemos como literatura de partida e literatura de chegada, há um percurso entre aquilo que fora dito no original e o que está sendo dito na língua alvo. Portanto, tratando-se de obra traduzida, não nos foi possível dizer delas algo de equivalente que distinguisse aquilo que há entre texto de partida e texto de chegada, pois uma coisa é aquilo que se criou na língua alvo (em nosso caso, na língua internacional), e outra será o que nós como leitores conseguimos expressar em nossa língua materna, ou seja, numa perspectiva de língua estrangeira (o português).

A maneira como nós apreendemos a realidade do texto fonte dependerá de nossa vivência ou nosso mundo vivido, serão outras formas experimentadas, outros traços multiculturais por via de nossa percepção. Ou seja, cada agente leitor, conseqüentemente, atribuirá na sua forma de vida um sentido distinto e possivelmente não equivalente aos textos que lê. Há um mundo do original literário e um mundo vivido, que percebemos na sua tradução, outra realidade além da estrangeira, uma outra aparência literária. Como é caso do leitor esperantista, incluímo-nos nesse rol comunitário.

Na possibilidade de alargar uma aceitação do texto fonte (isto é, estrangeiro), o agente tradutor envereda por caminhos que buscam atingir a obra original num nível em que o leitor, da língua alvo ou de chegada, possa se sentir acolhido. Enxergamos esse ato de hospitalidade e acolhimento como aquilo que

Venuti afirmou: “A tradução motivada por uma ética da diferença procura informar os leitores domésticos sobre filosofias estrangeiras, mas também quer neles provocar novas formas de pensar”. (Venuti, 2019, p. 234)²⁷⁴. À vista disso, devemos encarar que, por via de uma relação de conflitos linguísticos a serem resolvidos, a tradução é resultado de um sistema complexo, que se fundamenta num território de negociação entre línguas, que se infiltra desde a concepção de um conjunto de estruturas formais comunicativas e se alarga até a formulação textual (ou seja, do texto final como produto a ser codificado pelo leitor). Por esse caminho textual, verbal, acima de tudo literário, encontramos a veracidade dos “atravessamentos” tão ricos e cheios de cultura e história.

Há muito o que se negociar. A bem da verdade: (i) negociamos uma estratégia de tradução (influenciada, possivelmente, pelo autor, pela editora, pelos leitores esperados e tantos outros pormenores), (ii) negociamos nossa percepção de fidelidade, a julgar se um trabalho está mais adequado ou não à situação de *marketing* do produto final, (iii) negociamos muitas formalidades, a saber, o tamanho do texto, elementos pré e pós textuais, a materialidade do produto etc. Tudo isso num campo estabelecido pela relação mercadoria e matéria capital: aquela que se dá frase a frase, nome a nome, palavra a palavra, expressão a expressão, texto a texto, discurso a discurso.

Observamos outras conjunturas, que acabam por introduzirem-se, substancialmente, pela ordem do objetivo ético-político definido nessa relação entre mundos linguístico-literários, bem como comportamentais, e não menos sociais na história e no espaço político/cultural. Dito isso, é preciso compreender que a tradução implica um resultado da interação de diversos pontos de uma valoração também mercadológica além daquela parcialmente estético-social, ou seja, de toda uma rede sistemática e gamas de produções de sentido, pelas quais uma conexão variável linguística fará e contornará a escolha do tradutor e do público leitor. É nesse conjunto de componentes e estruturas que o tradutor conseguiu exercer suas habilidades de negociador. Portanto, tradução como processo capital, tradução como processo mercadológico, tradução como negociação. Todavia, tradução como

²⁷⁴ Translating motivated by the ethics of difference seeks to inform domestic readers of foreign philosophies, but also to provoke them into new thinking. (Venuti, 1999, p. 115)

criação, essencialmente. Dito isso, observemos também com maior atenção que “Tradução literária aqui se torna a mais criativa forma de recepção ativa, torna-se adoção e apropriação interpretativa de artefatos estéticos cujas transições para escrita criativa não são fixas.” (Ette, 2018, p. 120). Nesse ponto do trabalho descrito acima, entendemos esses “artefatos estéticos” como a produção escrita (as palavras, as frases, os textos, os sentidos etc.).

Apresentamos, por conseguinte, um confronto de glossários a fim de facilitar a pesquisa do leitor em busca do sentido dos termos na tradução do português para o esperanto da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Desse modo, nosso propósito foi oferecer uma ferramenta comparativa sob pontos de vista a respeito da escrita graciliana. Dito isso, cabe informarmos que, por via de percepções, uma seria a estilística local regional em Graciliano, e a partir dessa estilística local como disposição estrangeira, observarmos e discutirmos como a língua internacional se comporta na mecanicidade da criação lexical, em que Leopoldo H. Knoedt atentamente organiza e acaba por estabelecer (criar) o conjunto de verbetes correspondentes daquela cultura estrangeira para uma cultura não-estrangeira (a do esperanto).

O debate (des)afiador, nessas linhas que se desenrolaram, seria admitir “estrangeiridade” numa língua que se nomeia internacional sob uma perspectiva de não pertencer a nenhuma nacionalidade específica, o que não haveria aparentemente de ser contraditório na proposta do esperanto como língua neutra e de finalidade interlinguística. Entretanto, “Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição”. (Saussure, 2012, p. 71). Isto é, por não ser estrangeira, e conseqüentemente se opor a uma ideia de língua unicamente nacional, o esperanto (bem como o esperantismo) todavia acolhe as estrangeiridades, mas não significa por si mesma tornar-se uma língua estrangeira, mas uma língua equânime e internacional de comunicação neutra entre estrangeiros. Portanto, em nosso escopo de pesquisa, ao afirmarmos sobre a qualidade de estrangeirismo, numa língua que se propõe neutra (qualidade discutível), queremos admiti-la na comparação de nossa própria língua nacional, nosso idioma nativo como fonte de perspectiva estrangeira para uma língua não-estrangeira, simples: do português ao esperanto.

Em vista disso, pareceu-nos que esse atravessamento cultural se deu nos vários e diversificados pontos já discutidos aqui. Então, a linguagem, ao nosso ver, é a grande função linguística estruturante de um sistema histórico, social, cultural e comunicativo. O esperanto não escaparia dessa “cruel” interferência, que supúnhamos, seja natural a qualquer idioma que se pretende instrumento viável entre falantes de outras línguas. A neutralidade é apenas proposta idealizada, embora no campo ético e político linguístico as coisas funcionem ou parecem se resultar de outra forma. E a tradução poderá cumprir seu papel nesse embate conflituoso de ideias antagônicas ou ideias unificantes:

Uma tradução sempre comunica uma interpretação, um texto estrangeiro que é parcial e alterado, suplementado com características peculiares à língua de chegada, não mais inescrutavelmente estrangeiro [...]. (Venuti, 2019, pp. 17 e 18)²⁷⁵.

O seguinte pensamento é inquestionável: fato de mundo e percepção cultural são indissociáveis no processo transmutativo, o tradutor joga com duas linguagens, portanto dois modos de referenciar as coisas no mundo, e no caso da tradução entre culturas, a percepção de duas formas e contextos deve estar conectada para uma concretização dialogal via mundos estrangeiros, mas no caso do esperanto, uma estrangeiridade para uma não-estrangeiridade. Ainda assim, podemos admitir, nessa possibilidade de estrangeiridade e neutralidade (imparcialidade), uma expressão intercultural. Por essa razão, “A tradução não é uma atividade inocente e transparente, mas é altamente carregada de significado em todas as etapas; raramente, ou nunca, envolve uma relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas”. (Bassnett; Trivedi, 2002, p. 2, tradução nossa)²⁷⁶. Pois,

Ainda na atualidade, existe o entendimento de tradução com apenas uma simples transposição de uma língua estrangeira para uma língua nacional. Neste entendimento simplório, exclui-se a presença de um contexto para que a tradução venha a ser bem-sucedida. A tradução intercultural tem a sua importância neste contexto, pois com ela há a possibilidade de o ato tradutório se realizar de maneira contextualizada, buscando sempre compreender as situações culturais as quais ele se realizou. (Marques, 2018, p. 38)

²⁷⁵ A translation always communicates an interpretation, a foreign text is partial and altered, supplemented with features peculiar to the translating language, no longer inscrutably foreign [...]. (Venuti, 1999, p. 5).

²⁷⁶ Translation is not an innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage; it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems. (Bassnett; Trivedi, 2002, p. 2)

Diante dessa necessidade natural linguística, os falantes e leitores interagem e acabam por combinar ideias resultantes de novas unidades léxicas, de forma um tanto acidental, contudo após a aceitação regular do sistema, mediante uma percepção das normas comunicativas., os novos verbetes passam a fazer parte integrante do sistema daquela língua. Admite-se em razão dessa ação individual à coletiva, que as consequências dessa necessidade social resultam a uma necessidade da comunicação e da interação entre os sujeitos (interlocutores) de um grupo linguístico a fim de expandir os atos de fala. “O fato é que qualquer locutor, de diferentes níveis socioeconômico-culturais, com diferentes objetivos e segundo diferentes necessidades sociais, tem, em sua competência, os mecanismos essenciais da língua para a neologia” (Barbosa, 1996, p. 136). Entendemos, como argumentamos antes, que neologia é uma força cultural e intercultural que se manifesta na língua, e nas suas expressões: literárias, traduções, semióticas etc.

Seguindo nossa linha de pensamento e debate, após nossa análise e estudo, admitimos que o processo de criação de neologismos foi composto de dois fatores distintos, a saber: **(i)** a criatividade: é nesse momento, em que o novo termo surgiu como uma invenção ou criatividade na linguagem. Mas isso não parte de uma mera jogabilidade dos interlocutores, como uma trivial interação dialógica sem objetivo, mas sim surge da necessidade adaptativa do sistema para outros fins de significado e função comunicativa. **(ii)** recepção e aceitabilidade: esse segundo fator, onde o neologismo é submetido à sua admissão como nova unidade sêmica, por isso sua aceitação entre os usuários da língua dependerá exclusivamente da situação de contexto e da disponibilidade dos sujeitos em dada comunidade.

É preciso ficar claro que aos falantes cabem-lhes a decisão de como essas palavras irão se ajustar e adaptar-se na língua e na sua escrita formal, moldando-se ao contexto de uso mais amplo a fim da acessibilidade para os esperantistas de diferentes nacionalidades linguísticas. Como já enfatizamos, a inclusão dos novos lexemas passa por um processo em que sua influência inclui uma diversidade de fatores (culturais, históricos, sociais e linguísticos) do próprio sistema identitário do esperanto, aqueles que vão além da simples habilidade e capacidade gramatical que o(s) falante(s) possuem da língua. Os princípios fundamentais as incorporam, quando há aceitabilidade das novas unidades, e elas passam a ser padrão normativo para o conjunto lexical da língua. E no caso da obra

que analisamos, foi crucial para se estabelecerem aqueles estrangeirismos a ponto de possivelmente serem incluídos no léxico do idioma. Porém, não houve a inclusão dos verbetes, pelo menos não ainda.

Sendo assim, torna-se causa elucidativa que uma coisa é o neologismo instituído na fala, e outra é o neologismo que se institui normativamente no sistema da língua. Além do mais, os princípios essenciais do esperanto, como a necessidade e a suficiência (acrescentariamos também a elegância estilística) podem influenciar na receptividade e na hospitalidade da palavra, ainda, estrangeira. De todo modo, as mudanças no esperanto estão, como qualquer língua natural, ocorrendo constantemente, mesmo que as pressões do conservadorismo tentem bloquear as ações do universo ordinário do sistema. Ou seja, não é incomum encontrarmos essas transformações neológicas surgindo em qualquer que seja o sistema linguístico, e passando a incorporarem-se na língua como parte integrante de significado novo e maior fator atualizado de comunicação.

Entendemos que, sendo dessa maneira, o esperanto, como uma língua projetada para uma expansão em razão das modernizações linguísticas, também se adapta às circunstâncias das mudanças que ocorrem dentro do seu sistema, como é o caso dos neologismos empregados pelos literatos, dos estudiosos da linguagem, dos filósofos, dos tradutores e tantos outros agentes linguísticos e/ou falantes do idioma.

O que notamos: o esperanto como uma língua planejada de identificação torna-se um projeto mui interessante e por possuir seu aspecto relevante em razão da sua compatibilidade internacional, em que muitas vezes os falantes estrangeiros o adotam com intuito de buscar um meio do qual a comunicação possa transcender os obstáculos linguísticos tradicionais. Isto é, quando os adeptos do idioma neutro reconhecem e afirmam que o esperanto não é uma língua estranha (melhor dizendo: estrangeira), mas sim uma língua que lhes servem de auxílio para fins de comunicação, em que as línguas nativas impediam a relação dialógica.

Em ralação a adoção do vocabulário na obra *Vidas Secas* (numa etapa ainda de estrangeiridade) e sua relevância para o desenvolvimento da língua artificial (planejada), é preciso ficar claro ao leitor e a quem interessar o assunto, que “existe um número imenso de palavras ‘estrangeiras’, que são usadas igualmente

em todas as línguas e que todos conhecem sem precisar de aprendê-las; deixar de empregar tais palavras seria completo absurdo” (Zamenhof, 1937, p. 95)²⁷⁷. Essa afirmação vem a confirmar a questão da hospitalidade linguística do idioma neutro internacional, visto que ao acolher as palavras estrangeiras, a língua irá preencher lacunas linguísticas, e ao incorporar uma nova terminologia ao léxico do idioma, essas palavras enriquecerão o vocabulário, especialmente em contextos, em que a língua se beneficia da sua inclusão e da nova percepção sobre as novas culturas.

Em outras palavras: “[...] é lícito falar-se em criação linguística, pois cada norma regional, ou cada norma de universo de discurso, assim como cada sistema linguístico tem, respectivamente a sua *visão de mundo* e as estruturas linguísticas que lhe correspondem”. (Barbosa, 1996, p. 290). E com respeito ao tradutor que produziu a obra para o esperanto, sabe-se que “ao empregar um estrangeirismo, o emissor é muitas vezes consciente de que ele poderá não ser interpretado pelos receptores do texto” (Alves, 1990, p. 76). De todo modo,

O tradutor literário é a obra do outro e, com isso, servidor (e agente duplo) de dois senhores. Tradução literária é, ao mesmo tempo, trabalho de artesão, arte literária e interpretação filológica. Ela própria se abre, por sua vez, às possibilidades não somente de análises linguísticas, mas também literárias, sobretudo quando a última se encontra fundamentada de forma semiótico-cultural. (Ette, 2018, p. 120).

Portanto, em razão da assertiva de Zamenhof, justificamos a estrangeiridade no corpo lexical do esperanto na obra (*Vidas Secas*), embora a língua não seja estrangeira, sua estrutura lexical constituiu-se de formas estrangeirizadas e que foram adaptadas ao vocabulário, assim esperantizando-se. E após essa etapa de estrangeirização (todavia empréstimo), parece custar ao esperanto um vintém de tempo para inserção do(s) novo(s) termo(s) e então tornarem-se palavras pertencente ao corpo lexical da língua internacional. O que nos pareceu improvável até o momento, visto que os poucos verbetes atualizados ainda não constam em registro comum da língua. Isto é, em poucas palavras:

O tradutor diz as palavras do outro, da mesma forma como seu texto é dito pelas palavras do outro. Como instância de mediação cultural ele é responsável para que essas palavras não sejam unicamente aquelas do autor (histórico) nem aquelas do leitor (visado): em seu texto mesmo deve

²⁷⁷ Tiel ekzemple ekzistas grandega nombro da vortoj tiel nomataj "fremdaj", kiuj en ĉiuj lingvoj estas uzataj egale kaj al ĉiuj estas konataj sen ellernado kaj kiuj ne uzi estus rekta absurdo. (Zamenhof, 2000, p. 53).

surgir uma relação tensa, um intercâmbio entre dois polos. (Ette, 2018, p. 120).

À vista dessa tarefa um tanto exaustiva, cremos que conseguimos satisfatoriamente fechar nossa tese com objetivo final de assumirmos uma resposta razoável e coerente a respeito da tradução do léxico regional específico, por qual optou o tradutor para sua versão de *Vidas Secas* ao idioma esperanto, assim, estabelecendo uma tradução que cumpre sua internacionalidade das novas unidades lexicais, equiparando-as morfológica e semanticamente. Coube-nos ainda dizer que, dessa nossa análise aos verbetes regionais da obra de Graciliano Ramos, os empréstimos adotados e criados pelo autor da tradução, configuram-se universais (internacionais) na não-estrangeiridade e interculturalidade da estrutura linguística do esperanto. E por isso, fazemos jus de assegurar nossa pesquisa a outras futuras, com intuito de melhorar e estabelecer a relevância ao campo da interlinguística e da esperantologia, como nos conveio cumprir para notoriedade e expansão pública deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: editora ática, 1990.
- _____, O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa: Revista de Linguística - UNESP**, São Paulo, v. 40, p. 11-16, 1996.
- AMON, T. A aproximação a Pierre Menard: Tradução no primeiro Borges (1925-36). **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 39, n.º 2, p. 17-31, 2019.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2007.
- BARBOSA, Maria A. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: editora Plêiade, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEZERRA, Paulo A. A tradução como criação. **Revista - Estudos Avançados**. São Paulo (USP), v. 26, n.76, 47-56, 2012.
- BHABHA, Homi K. **The Location of Culture**. London and New York: Routledge, 1994.
- _____, **O Local da Cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BARANDOVSKÁ-FRANK, Věra. De nouveaux défis pour l'interlinguistique. In: MORET, Sébastien. **Interlinguistique et espérantologie**. UNIL – Université de Lausanne, Interlinguistique et espérantologie, Cahiers de l'ILSL, Nº 61, 2019.
- _____, **Interlingvistiko: Enkonduko en la sciencan pri planlingvoj**. Universitato Adam Mickiewicz – Uniwersytet im. Adama Mickiewicza, Poznań, 2020.
- BARTHÉLÉMY, Annie. A relação clínica: uma forma de «hospitalidade languageira». In: **Revista Nufen: Phenom. Interd.** Belém, 9(3), 150 – 163, set. – dez., 2017.
- BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. **Post-colonial Translation: Theory and practice**. London and New York: Routledge, 2002.

BLANKE, Detlee. **Internationale Plansprachen: Eine Einführung**. Akademie-Verlag, Berlin, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Selected Writings: Volume 1 (1913-1926)**. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.

_____, **Escritos sobre Mito e Linguagem**. Tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2013.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin / Antoine Berman**. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

BOULANGER, Jean-Claude. **L'évolution du concept de néologie de la linguistique aux industries de la langue**, In: C. De Schaetzen (dir.), Terminologie diachronique. Actes du Colloque organisé à Bruxelles les 25 et 26 mars 1988, Paris, Conseil international de la langue française (CILF) et Ministère de la communauté française de Belgique, p. 193-211, 1989.

CAMACHO, Jorge. La mava lingvo: neologismoj kaj malneologismoj en esperanto [1999] **La Blogo de Jorge**, Madrid, outubro de 2007. Disponível em: <https://jorgecice.blogspot.com/2001/01/la-mava-lingvo-neologismoj-kaj.html> acesso em: 07 de março de 2024.

CÂMARA JR, Joaquim M. **Princípios de Língua Geral: Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

_____, **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____, **A Educação Pela Noite & Outros Ensaio**s. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CARNEIRO, José V. et alii (Orgs.) **Hospitalidade Hermenêutica na filosofia de Paul Ricoeur**. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2020.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

COELHO, Carlos C. Outramente dito: a teoria da tradução de Paul Ricoeur. Outramente dito: a teoria da tradução de Paul Ricoeur. **Ekstasis Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 70-98, 2018.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COSTA, Leonard Christy S. **Saussure: entre o poder acadêmico e o saber científico**. 272f. Tese de Doutorado do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2015.

COSTA, Allan K. A. **Novo Dicionário Português – Esperanto**. Rio de Janeiro: Associação Editora Espírita F. V. Lorenz, 2022.

_____, **Dicionário Completo Esperanto/Português**. Rio de Janeiro: FEB – Departamento Editorial, 2001.

CULLER, Jonathan. **Saussure**. Fontana Modern Masters: Editor Frank Kermode, 1976.

_____, **Teoria Literária: Uma Introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo: Editora Beca Produções Culturais, 1999.

_____, **As ideias de Saussure**. Tradução: Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

DIAS, Emerson W. D. **Renovação lexical do esperanto: mecanismos de formação de neologismos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas do Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de Linguística**. Tradução: Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

EAGLETON, Terry. **Literary Theory: An Introduction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

_____, **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Dire quasi la stessa cosa: esperienze di traduzione**. Milano: edizione Tascabili Bompiani, 2012.

EDUARDO, Andréa Marques Rosa. **Esperanto? Que língua é essa?** 167 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas- MS, 2021.

_____, **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. Tradução: Valéria Guimarães. **Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição**, vol. Único, n. 2, agosto, p. 21-34, 2012.

ETTE, Ottmar. **EscreverEntreMundos: Literaturas sem morada fixa (SaberSobreViver II)**. Tradução: Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler. Paraná: Editora UFPR, 2018.

FELINTO, Marilene. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FIGUEIREDO, Regina Maria de Britto. **Uma Teoria Literária em Expansão**. 2006. 130f. PUC – Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Letras. Tese de Doutorado. 2006.

FLORES, Valdir do N. **Saussure e a Tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

FORNO, Ricardo Lavalhos Dal. **Traduzir o mundo vivido: a metafísica da linguagem de Walter Benjamin**. 138 f. Dissertação de Mestrado em Filosofia pelo

Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FORTES, Fábio. Krom esperantlingvanoj, ĉu esperantistoj? Du esencaj trajtoj de la E-kulturo. In: KOUTNY, Ilona (org). **Interlingvistikaj Studoj: Esperanta Kulturo**. Poznań: Wydawnictwo Rys, 2022.

FROMMING, S. **Aplicação da teoria de Peeter Torop à tradução da obra de literatura infantil Max und Moritz, de Wilhelm Busch, do alemão ao português do Brasil**. 2009. 165f. Dissertação (Mestrado) – curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis, Santa Catarina, 2009.

GALELLI, Rafael D. **A matemática pelo olhar da Tradução**. 121 f. Dissertação de Mestrado do Programa em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GODOI, Eliamar. **Para construção de um glossário na obra sousandradiana: uma contribuição**. Dissertação de Mestrado em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2007.

GREIMAS, Algirdas-Julien. L'actualité du saussurisme. **Texto! [en ligne]**, França, vol. XI, n°2, junho, pág. única, 2006. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Greimas_Actualite.html>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

GUDSKOV, Nikolao. **Epitomo de Esperantologio**. Moskvo: Rusia Esperantista Unio: IMPETO, 2002.

GUILBERT, Louis. **Théorie du néologisme**. In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises, n°25. pp. 9-29, 1973.

HALL, Stuart. **The Question of Cultural Identity**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____, **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HEIDERMAN, Werner. **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

HENRI, Meschonnic. **Ethics and Politics of Translating**. Translated by: Pier-Pascale Boulanger. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

JAKOBSON, Roman. **Language in Literature**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1987.

_____, **Linguística e comunicação**. Tradução: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JESPERSEN, Otto. Interlinguistics (1931). In: JESPERSEN, Otto. **Selected Writings of Otto Jespersen**. New York: Routledge Revivals, 2010.

JESPERSEN, Otto. History of Our Language (1921). In: JESPERSEN, Otto. **Selected Writings of Otto Jespersen**. New York: Routledge Revivals, 2010.

JOCOMO, François L.; BLANKE, Detlev. **Pri kelkaj problemoj de interlingvistiko: intervjuo kun la franca lingvisto André Martinet**. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio, 1993.

KOUTNY, Ilona. **Interlingvistikaj Studoj: Esperanta Kulturo**. Poznań: Wydawnictwo Rys, 2022.

LAMBERTI, Flávia C. C. **Empréstimos linguísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista**. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Instituto de Letras do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas da Universidade de Brasília. Brasília, 1999.

LEITE, Augusto. Hospitalidade linguística e tradução: digressões acerca da tarefa do tradutor. **Cadernos Benjaminianos**, Belo Horizonte, n. 5, jan.-jun., p. 3-10, 2012.

LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias. **História e tradução em Walter Benjamin**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

LIMA, Aparecida C. R. **Vidas Secas: representação estética e política**. 70f. Monografia de Graduação em Educação do Campo pela Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LINS, Ulrich. **La danĝera lingvo: Studo pri la persekutok kontraŭ Esperanto**. Gerlingen: Eldonejo Progreso, 1990.

MANDERS, Willem. **Interlingvistiko kaj Esperantologio**. Artur E. Iltis, Saabrücken, 1980.

MALMBERG, Bertil. **A Língua e o Homem: introdução aos problemas gerais da Linguística**. Tradução: M. Lopes. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda, 1976.

MARADAN, Mélane. **Uncertainty in deliberate lexical interventions: Exploring Esperanto speakers' opinions through corpora**. Berlin: Frank & Timme GmbH Verlag für wissenschaftliche Literatur, 2021.

MARCELINO, João G. C. Tradução de elementos da vegetação sertaneja de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para inglês em *Barren Lives*. **Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB - Cultura e Tradução: Encontro Nacional Cultura e Tradução e a XIII edição do Encontro Nacional de Tradutores (EnTrad)**, Paraíba, v.. 6, Nº 1, 2020.

MARCELO, Gonçalo. Hospitalidade Ética, Hospitalidade Linguística. **Critical Hermeneutics. Biannual International Journal of Philosophy**, Lisboa, special 2, p. 1 – 22, 2019.

MARIANI, Bethania S. C. Políticas de colonização linguística. **Revista de Letras (UFMS)**, Santa Maria/RGS, v. 1, n. 27, dez., p. 73-82, 2003.

MARQUES, Ricardo R. **Marcadores culturais na legenda de os Simpsons: uma análise polissistêmica da tradução**. F 194. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MAZZOLENI, Artur G. **Vidas Secas, de Graciliano Ramos: a estética, a narrativa e a construção das personagens protagonistas**. 29 f. Monografia de Graduação em Licenciatura em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2015.

MONTEIRO, F.C.M. 'Pierre Menard' ou as poéticas da leitura. **Cadernos Neolatinos** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, p. 42-53, 2016.

MOUNIN, G. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: editora Cultrix, 1975.

MILANI, Sebastião E. **Relato da obra de Ferdinand de Saussure**. Rio de Janeiro: Barra livros e curso Editora Ltda, 2016.

NAMORA, Ricardo. **Juízos Literários. Argumentos, Interpretação e Teoria da Literatura**. 2009. 277f. Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras. Tese de Doutorado. 2009.

NEVES, M. H. de M. A teoria linguística em Aristóteles. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 25, 1981. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3635>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

OLIVEIRA, Karina G. De S. **Adaptação de empréstimos em esperanto**. Dissertação (Mestrado em Letras). 146 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, 2016.

PIV. **Plena Ilustrita Vortaro de Esperanto (Online)**. 2020. Disponível em: <https://vortaro.net/>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

PORSCHÉ, Sandra C. **O movimento arbitrário da língua em Saussure**. 179f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada – Programa de pós-graduação em Linguística aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Vivoj Sekaj**. Tradukita de: Leopoldo H. Knoedt. Chapecó: Fonto, 1997.

_____, **Vidas Secas**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2013.

_____. **Cartas**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2011.

RAMOS, Ricardo. **Graciliano: retrato fragmentado**. São Paulo: Editora Globo, 2011.

RIBEIRO, Joana de Q. "**A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido**": uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. 129f. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.

RICOEUR, Paul. **Sur la Traduction**. Paris: Bayard, 2004.

_____, **Sobre a Tradução**. Tradução: Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Tradução: Luís M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SANDRINI, Elizabete G. C. **Entrelaçamento de vozes em Vidas Secas de Graciliano Ramos**. 158f. Dissertação de Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

SANTOS, Fábio J. dos. **Linguagem, poesia e resistência em Vidas secas: na origem, o poder de nomear**. 116f. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

SANTOS, Fausto dos. **Filosofia aristotélica da linguagem**. Chapecó: Editora Universitária Argos, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Études Et Documents Payot, 1971.

_____, **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

_____, **Kurso de generala lingvístiko**. Traduko: Fernando Pita. Svislando: Kooperativo de Literatura Foiro, 2022.

_____, **Escritos de Linguística Geral**. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum & Ana Lucia Franco. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SAUSURRE, René de. **Fundamentaj reguloj de la vort-teorio en Esperanto: Raporto al la Akademio Esperantista**. E-Libro: Inko, 2003.

SCHERER, Amanda E.; KADER, Carla C. C. Os aspectos linguísticos da tradução à luz dos pressupostos teóricos de Roman Jakobson versus a vertente da tradução da linguística de corpus. **Entretextos**, Londrina, v.12, n.1, p.132-148, jan./jun. 2012.

SCHULER, Diana. **Graciliano Ramos - o escritor e sua formação: representações da escola, da escrita e da leitura**. 303 f. Tese de Doutorado em Literatura. Literature - Université Sorbonne Paris Cité, Paris, 2017.

SOUZA, Roberto Acízelo Q. de; FONSECA, José Luís J. de Salles. **Teoria Literária: ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Cronos, 1980.

SOUZA, Soraya M. S. de. **O léxico regional em Vidas Secas: subsídios para um dicionário da ficção de Graciliano Ramos**. 140f. Dissertação de Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

STRIA, Ida. Legitimacy in a multilingual community: how identity studies can benefit from experiences of the Esperanto Community. In: KOUTNY, et alii. **The Intercultural Role of Esperanto Interkultura rolo de Esperanto**. Poznán: UAM - Uniwersytet im. Adama Mickiewicza – Institute of Ethnolinguistics, 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation: towards an ethics of difference**. London and New York: Routledge, 1999.

_____, **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

WELL. John C. **Lingvistikaj Aspektoj de Esperanto**. Rotterdam: UEA – Universala Esperanto-Asocio, 1978.

ZAMENHOF, Lejzer L. **Esenco kaj estonteco de la lingvo internacia.** Yresö - Svedio: E-Libro: Inko, 2000.

_____, **Essência e futuro da ideia de língua internacional.** Tradução: Ismael Gomes Braga. Brasília: FEB - Federação Espírita Brasileira Departamento Editorial, 1937.

APÊNDICE A – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA UTENSÍLIOS

1. abano

EM PORTUGUÊS:

abano: s.m. 1. objeto com que se agita manualmente o ar com o propósito de refrescar (alguém, algo ou a si próprio), avivar o fogo etc. (GDH, 2001, p. 8)

(1) “Sinha Vitória aprumou o espinhaço e agitou o **abano**” (p. 32)

(2) “Sinha Vitória manejou o **abano**, e passado um minuto as labaredas espirraram entre as pedras” (p. 52)

(3/4) “Sinha Vitória moveu o **abano** com força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. Seria que ele estava com intenção de progredir? O **abano** zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros” (p. 54)

(5) “Sinha Vitória agitava o **abano** para sustentar as labaredas no angico molhado” (p. 55)

(6) “O **abano** agitava-se, a madeira úmida chiava, o vulto de Fabiano iluminava-se e escurecia” (p. 56)

EM ESPERANTO:

ventumilo: Speco de faldebla aŭ nefaldebla ekraneto, kun disradiantaj ripoj, per kiu oni ventumas al si. (PIV, 2020)
“ventumilo: leque, abano” (COSTA, p. 519)

(1) “Njo Viktoria rektigas la spinon kaj agitas la **ventumilon**” (p. 39)

(2) “Njo Viktoria agitas la **ventumilon** kaj post minuto la flamoj elŝprucas el inter la ŝtonoj” (p. 68)

(3/4) “Njo Viktoria pli forte agitas la **ventumilon**, por ne aŭdi la bruon de la rivero, kiu alproksimiĝas. Ĉu ĝi intencas progresi? La **ventumilo** zumas kaj la bruo de la inundo estas blovo, kiu mallaŭtiĝadas transe de la zizifoj” (p. 70)

(5) “Njo Viktoria agitas la **ventumilon** por subteni la flamojn el la malseka anĵiko” (p. 71)

(6) “La **ventumilo** agitiĝas, la humida ligno siblas, la figuro de Fabiano jen lumiĝas, jen mallumiĝas” (p. 73)

| | |
|----------------------|---|
| <p>2. aió</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>aió: s.m. bolsa de caça trançada com fibras de caroá. (id., p. 129)</p> <p>(1) “Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro” (p. 7)</p> <p>(2) “Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas” (p. 12)</p> <p>(3) “Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aió, a cuia de água e o baú de folha pintada” (p. 13)</p> <p>(4) “Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário” (p. 14)</p> <p>(5) “Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado” (p. 15)</p> <p>(6) “Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos látegos e chocalhos pendurados num braço” (p. 82)</p> <p>(7) “Entrou em casa, trouxe o aió, preparou um cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa” (p. 88)</p> <p>(8) “Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira” (p. 89)</p> <p>(9) “Desceu da ribanceira, apanhou lentamente os cadáveres, meteu-os no aió, que ficou cheio, empanzinado.” (p. 93)</p> <p>(10) “Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos — os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro” (p. 96)</p> <p>(11) “Ia num desespero, o saco da comida e o aió começavam a pesar excessivamente”. (p. 98)</p> |
|----------------------|---|

| | |
|------------|---|
| | <p>EM ESPERANTO:</p> <p>ĉasujo: não há entrada específica no PIV. Verbetes provenientes da formação do radical ĉas + sufixo uj + terminação o.</p> <p>(1) "Fabiano, severmiena, malfirme paŝanta, kun ĉasujo teksita el sisalfibro baltee, kalabaso pendanta perrimene de la zono kaj silikfajrila pafilo surŝultre" (p. 7)</p> <p>(2) "Poste li kalkansidiĝas, traserĉas la ĉasujon, elprenas silikon kaj ŝtalpecon, fajrigas radikojn de makamiro, blovas sur ilin, ŝveligante la kavajn vangojn" (p. 15)</p> <p>(3) "La ŝrumpitaj posedaĵoj kuŝas surtere: la silikfajrila pafilo, la ĉasujo, la akvokalabaso kaj la kofro el farbita lado" (p. 16)</p> <p>(4) "En la ĉasujo li portas botelon da kreozota solvaĵo, kaj, se li trovintus la beston, per ĝi li farus normalan kuracadon" (p. 17)</p> <p>(5) "El la ĉasujo li elprenas pecon de rultabako, ĝin diserigas, volvas en maizpajlon, farante cigaredon, ĝin ekbruligas per sia silikŝtona fajrilo kaj ĝue fumas" (p. 18)</p> <p>(6) "Li marŝas kun pezaĵoj, la plena ĉasujo baltee, multaj vipoj kaj tintiloj pendantaj sur unu brako" (p. 105)</p> <p>(7) "Enirinte domen, li prenas la ĉasujon, preparas cigaredon, frapas la silikon kontraŭ la ŝtalpeco, longe ensuĉas la fumon" (p. 113 - 114)</p> <p>(8) "Li decidas vidi tion de proksime, stariĝas, metas la ĉasujon baltee, prenas la ledan ĉapelon kaj silikfajran pafilon" (p. 114)</p> <p>(9) "Li descendas la krutaĵon, malrapide prenas la kadavrojn, metas ilin en la ĉasujon, kiu ŝvele pleniĝis" (p. 118)</p> <p>(10) "Dum la freŝeco de la antaŭmateniĝo ili sufiĉe progresas, silentaj, kvar ombroj sur la mallarĝa vojo kovrita per ŝtonetoj - la knaboj avane, portante pakoj da tolaĵoj, njo Viktoria sub la kofro el ŝmirita lado kaj la kalabaso kun akvo, Fabiano ariere, kun la maĉeto kaj la pinta tranĉilo, la kalabasa taso perrimene pendanta de la zono, la ĉasujo baltee, la fajrilpafilo sur unu ŝultro, la nutraĵsako sur la alia" (p. 122)</p> <p>(11) "Li marŝadas aflikte, la sako kun manĝaĵoj kaj la ĉasujo komencas pezi troe" (p. 124)</p> |
| 3. alforje | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

| | |
|-------------------------------|---|
| | <p>alforje: s.m. 1. duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; us. ao ombro, para distribuir o peso dos dois lados. (id., p. 152)</p> <p>(1) “Foi pedir a seu Inácio os troços que ele havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforjes no ombro, ganhou a rua” (p. 23)</p> <p>(2) “Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio” (p. 24)</p> <p>(3/4) “Engatinhando, procurou os alforjes, que haviam caído no chão, certificou-se de que os objetos comprados na feira estavam todos ali. [...] Tornou a mexer nos alforjes. (p. 26)</p> <p>(5) “Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido” (p. 28)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>dusako: Longa sako fermita ĉe ambaŭ ekstremaĵoj, kun malfermo en la mezo. (idem). “dusako: alforje (saco longo com as extremidades fechadas e uma abertura no meio)” (Costa, 2001, p. 424)</p> <p>(1) “Li petas de ĉjo Ignaco la aĵojn ĉe li deponitajn, surmetas la veŝton, surŝultrigas la rimenojn de la dusako, eliras surstraten” (p. 29)</p> <p>(2) “Mi lasis la veŝton kaj la dusakon en ta butikoj de ĉjo Ignaco” (p. 29)</p> <p>(3/4) “Rampante, li serĉas la dusakon falintan teren, kontrolas ĉu ĉiuj aĵoj bazare aĉetitaj ene froviĝas. [...] Li denove traserĉas la dorsosakon (p. 31 – 32)</p> <p>(5) “Li denove maifermas la dusakon, la pako kun la salo ne perdiĝs” (p. 33)</p> |
| <p>4. baú de folha</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>baú: s.m. 3 <i>p.ext.</i> espécie de caixa com tampa abaulada, us. para a guarda, proteção ou transporte (de bens), ou como objeto decorativo. (id., p. 419). (obs: não há uma entrada específica para baú de folha)</p> <p>(1) “Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça”</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>(p. 7)</p> <p>(2) “Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal” (p. 9)</p> <p>(3) “Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aió, a cuia de água e o baú de folha pintada” (p. 13)</p> <p>(4) “Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha” (p. 35)</p> <p>(5) “Não possuíam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos” (p. 37)</p> <p>(6) “Sinha Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pelo escasso” (p. 48)</p> <p>(7) “Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha” (p. 92)</p> <p>(8) “Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos — os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro“ (p. 96)</p> <p>(9) “Sinha Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, com o movimento que fez, o baú de folha pintada ia caindo” (p. 97)</p> <p>(10) “Sinha Vitória, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha” (p. 100)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kofro: Granda ŝlosebla kesto el ligno, ledo, metalo k.a., destinita enteni vestojn k aliajn aĵojn, kiujn oni transportas vojaĝe. / lado: Relative maldika plato el metalo, precipe el fero; metalfolio. (idem). “kofro: baú, mala, cofre, arca, porta-malas” (COSTA, 2001, p. 234)</p> <p>(1) “Ili sin frenis tien, malrapide, njo Viktoria kun la pli juna filo rajde sur ŝia kokso kaj kun lada kofro surkape” (p. 7)</p> |
|--|--|

| | |
|------------------------|--|
| | <p>(2) “Nun, dum iii haltas, ŝi direktas ia brilajn pupilojn ai la familiaraj aĵoj; ŝajnas ai ŝi strange ne vidi sur la ladan kofron la malgrandan kaĝon, en kiu la birdo sin malbone ekvilibris” (p. 9)</p> <p>(3) “La ŝrumpintaj posedaĵoj kuŝas surtere: la silikfajrila pafilo, la ĉasujo, la akvokalabaso kaj la kofro el farbita lado” (p. 16)</p> <p>(4) “Ĝi kunvojaĝis ene de la kaĝo balanciĝanta sur la lada kofro” (p. 45)</p> <p>(5) “Ili nenion posedas: se ili forirus, ili portus sole la vestojn, la pafilon, la ladan kofron kaj malmuitajn etajn aĵojn” (p. 46)</p> <p>(6) “Njo Viktoria, kun la pli juna filo rajde sidanta sur ŝia kokso, ekvilibrigis la ladan kofron surkape; Fabiano surŝultre portis ta fajrilpafilon; Baleno montris la ripojn trans la maldensa felo” (p. 60)</p> <p>(7) “Kompatinda njo Viktoria. Denove sur ia izolejoj, fransportante la ladan kofron” (p. 118)</p> <p>(8) “Dum ia freŝeco de la antaŭmateniĝo ili sufiĉe progresas, silentaj, kvar ombroj sur la mallarĝa vojo kovrita per ŝtonetoj - la knaboj avane, portante pakojn da tolaĵoj, njo Viktoria sub la kofro el ŝmirita lado kaj la kalabaso kun akvo, Fabiano ariere, kun la maĉeto kaj la pinta tranĉilo, la kalabasa taso perrimene pendanta de la zono, la ĉasujo baltee, la fajrilpafilo sur unu ŝultro, la nutraĵsako sur la alia” (p. 122)</p> <p>(9) “Njo Viktoria serĉas perrigarde la rozarion el blankaj kaj bluaj bidoj aranĝitan inter ŝiaj mamoj, sed pro la movo kiun ŝi faras, la kofro el lado kolorigita preskaŭ falas” (p. 123 – 124)</p> <p>(10) “Njo Viktoria, kun grimaco de enuo, skuas la kapon nee, riskante terenĵetj la ladan kofron” (p. 127)</p> |
| <p>5. binga</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>binga: s.f. 2 <i>p.met.</i> B isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra, que se atrita com uma lâmina de ferro ou de aço (ger. um pedaço de lima), provocando uma faísca que inflama a bucha de algodão. (id., p. 454)</p> <p>(1) “Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado” (p. 15)</p> <p>(2) “Sinha Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o</p> |

| | |
|---------------|---|
| | <p>cachimbo.” (p. 102)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>silikfajrilo: não há entrada específica no PIV. Verbetes proveniente da formação dos verbetes siliko + fajrilo. / siliko: sedimenta silica petro de biokemia deveno, konsistanta el kalcedono, kvarco k iom da opalo; tre malmola, de hele flava aŭ bruna ĝis nigra, ĝi trovigas, sub formo de maldikaj tavoloj aŭ pli ofte de rondaj aŭ neregulaj amasoj, interne de tavoloj de kalkpetroj; ĝi estis uzata de la prahomoj por fari diversajn ilojn k produktas fajrerojn, kiam oni frapas ĝin per fero aŭ fererco. / fajrilo: llo, konsistanta el silikŝtono k ŝtalpeco, kiujn oni interbatas, por estigi fajrerojn k tiel ekbruligi tindron, meĉon ktp. (idem)</p> <p>(1) “El la ĉasujo li elprenas pecon da rultabako, ĝin diserigas, volvas en maizpajlon, farante cigaredon, ĝin ekbruligas per sia silikŝtona fajrilo kaj ĝue fumas” (p. 18)</p> <p>(2) “Njo Viktoria petis la silikfajrilon de la kunulo kaj ekfajrigis la pipon” (p. 129)</p> |
| 6. bolandeira | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>bolandeira: s.f. 1 <i>B</i> nos engenhos de açúcar, grande roda dentada que gira sobre a moenda movimentando as mós. 2 <i>B. N. B. N. E.</i> em casa de farinha, roda sobre eixo vertical que impulsiona o ralador de mandioca 3 <i>Eng. Mec. B N. B N E.</i> máquina de beneficiamento de algodão. (id., p. 480)</p> <p>(1/2/3/4) “Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás? [...] Seu Tomás fugira também, com a seca, a bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira” (p. 12)</p> <p>(5/6/7) “Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. [...] Quando seu Tomás da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se” (p. 18)</p> <p>(8/9) “Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia [...]Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira” (p. 19)</p> |

(10/11) “Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da **bolandeira**. [...]Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da **bolandeira**” (p. 20)

(12) “Seu Tomás da **bolandeira** é que devia ter lido isso” (p. 21)

(13/14) “O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da **bolandeira**. [...] Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da **bolandeira**” (p. 23)

(15/16) “Fossem perguntar a seu Tomás da **bolandeira**, que lia livros e sabia onde tinha as vendas. Seu Tomás da **bolandeira** contaria aquela história” (p. 27)

(17) “Homem bom, seu Tomás da **bolandeira**, homem aprendido” (p. 29)

(18) “Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da **bolandeira**” (p. 37)

(19) “Sinha Vitória desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da **bolandeira**” (p. 38)

(20) “O menino mais velho recordou-se de um brinquedo antigo, presente de seu Tomás da **bolandeira**” (p. 56)

(21) “Para a vida ser boa, só faltava a sinha Vitória uma cama igual à de seu Tomás da **bolandeira**” (p. 66)

(22) “Sinha Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomás da **bolandeira**, uma cama de verdade” (p. 67 – 68)

(23) “Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela **bolandeira** de seu Tomás” (p. 98)

(24) “Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da **bolandeira**?” (p. 100)

EM ESPERANTO:

(1) **dentrado**: Rado, kies rando estas provizita per regulformaj elstaraĵoj, por ebligi sen glito la transmision de la movado al alia samspeca rado. (2) **kanmuelila**: sem entrada específica no PIV. Verbete proveniente da junção de **kano** + **muelilo**. / kano: Ĉiu plurjara planto bambuaspekta, kun tigo alta, fortika k kava, almenaŭ finevolue ligneciĝinta, precipe fragmito, arundo, bambuo, kanao, sakaro. / muelilo: 1. lu ajn mekanika aparato, por mueli grenon. 2 lu ajn aparato, por dispisti solidan substancon. (idem) “**dentorado**: roda dentada” (COSTA, 2001,

p. 402). “**kano**: cana.,; caniço; vara; bengala” (COSTA, 2001, p. 213)

(1/2/3/4) “Li pensas pri la famiio kaj vena sla malsato. Paŝante, li sin movas kvazaŭ iu aĵo, por diri la veron, li ne multe diferencas de la **kanmuelila dentrado** de ĉjo Tomaso. Nun, kuŝante, li kunpremas ia ventron kaj frapas la dentojn. Kiel fine statas ia **kanmueiila dentrado** de ĉjo Tomaso? [...] Ankaŭ ĉjo Tomaso fuĝis pro la seko, la **kanmuelila dentrado** haltis. Kaj li, Fabiano, estas kvazaŭ la **kanmuelila dentrado**” (p. 14 - 15)

(5/6/7/8) “Li memoras pri ĉjo Tornaso de la **kanmuelila dentrado**. El inter ta bienuioj de la forejo, la plej fiaskinta estas ĉjo Tornaso de la **kanmueiila dentrado**. [...] Kiam ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado** pasis, unu piedo tie, la alia ĉi tie, fiava, serioza, ĝiba, rajdanta blindan ĉevalon, Fabiano kaj liaj sirniluloj deprenis la ĉapelon. [...] Ĉjo Tomaso de la **kanrnelila dentrado** parolis bele, li eluzis la okulojn super gazetoj kaj libroj, sed li ne sciis ordoni: male, li petis” (p. 22)

(9) “Njo Viktoria deziras posedi liton saman kiel tiu de ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**” (p. 23)

(10/11) “Li planas ankoraŭ vidi la mondon, vidi lokojn, konatiĝi kun homoj gravaj kiel ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**. [...] Se ili ne kaliĝos, ilia fino estos sama kiel tiu de ĉjo Tornaso de la **kanmuelila dentrado**” (p. 24)

(12) “Ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado** certe pri tio legis” (p. 25)

(13/14) “Lia vortaro estas limigita, sed kiam komunkiĝema, li ĝin riĉigas per kelkaj esprimoj de ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**. [...] Fabiano respektoplene rigardas la uniformon kaj balbutas, serĉante vortojn de ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**” (p. 28)

(15/16) “Ili demandu al ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**, kiu legas librojn kaj scias, kie li havas la nazon. Ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado** rakontos tiun historion” (p. 33)

(17) “Bonulo, ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**, instruitulo” (p. 35)

(18) “Pli bone forgesi la tuberon kaj pensi pri lito egala al tiu de ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**” (p. 47)

(19) “Njo Viktoria deziras veran liton, el ledo kaj sukupiro, egala al tiu de ĉjo Tomaso de la **kanmuelila dentrado**” (p. 48)

| | |
|-------------------------|--|
| | <p>(20) “La pli olda knabo memoras malnovan ludilon, donacon de ĉjo Tomaso de la kanmuelila dentrado” (p. 72)</p> <p>(21) “Por ke la vivo fariĝu plene bona, ai njo Viktoria mankas nur lito egala al tiu de ĉjo Tomaso de la kanmuelila dentrado” (p. 84)</p> <p>(22) “Njo Viktoria ekvidas tra la budoj la lito de ĉjo Tomaso de la kanmuelila dentrado - vera lito” (p. 86)</p> <p>(23) “Vivi kiel iii vivintis, en dometo protektita per ia kanmuelilo de ĉjo Tomaso” (p. 123)</p> <p>(24) “Kial ili ne fariĝos homoj, posedos lito egalan al tiu de ĉjo Tomaso de la kanmuelilo?” (p. 126)</p> |
| <p>7. cabaça</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cabaça: s.f. 1 ANGIOS design. comum a plantas da fam. das cucurbitáceas e a uma da fam. Das bignoniáceas, cujas cascas dos frutos, muito duras, são us. no fabrico de diferentes objetos, [...] 6 ARTESN. utensílio feito da metade de um desses frutos, us. como bacia ou concha para medir ou transportar farinha, grãos etc. e esp. para beber ou esgotar líquidos, ger. água; cabaço, cuia, cumbuca. (id., p. 539)</p> <p>(1) “Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos — os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água [...]” (p. 96)</p> <p>(2/3) “Armar semelhantes planos, assim bamba, o peso do baú e da cabaça enterrando-lhe o pescoço no corpo. [...] Quando partissem, a cabaça não envergaria o espinhaço de sinha Vitória” (p. 101)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>akvokalabaso: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de akvo + kalabaso. / akvo: 1 Likva kombinaĵo de hidrogeno k oksigeno, H₂O. 2 Tiu likvo, el kiu konsistas pluvo, maro, lagoj k riveroj. / kalabaso: Sp. de krescentio (<i>Crescentia cujete</i>) el Antiloj, falfolia arbo kun simplaj, larĝe lancetformaj folioj, kun pendaj, flavaj floroj k kun grandaj (10–35 cm diametraj) fruktoj, kiuj havas nektarujajn k malmolan lignecan ŝelon k post senkarnigo estas multe utiligataj kiel kruĉoj k kuirejaj laboriloj. (idem) “kalabaso: cabaça (<i>bot.</i> Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, de cuja casca se fazem vasilhas)” (COSTA, 2001, p. 209)</p> |

| | |
|----------------------------|---|
| | <p>(1) ““Dum ia freŝeco de la antaŭmateniĝo ili sufiĉe progresas, silentaj, kvar ombroj sur la mallarĝa vojo kovrita per ŝtonetoj - la knaboj avane, portante pakojn da tolaĵoj, njo Viktoria sub la kofro el ŝmirita lado kaj la kalabaso kun akvo, Fabiano ariere, kun la maĉeto kaj la pinta tranĉilo, la kalabasa taso perrimene pendanta de la zono, la ĉasujo baltee, la fajrilpafilo sur unu ŝultro, la nutraĵsako sur la alia” (p. 122)</p> <p>(2) “Teksi tiajn planojn, ŝanceliĝante sub la pezo de la lada kofro kaj kun la kolo de la akvokalabaso penetrante en ŝian korpon.” (p. 127)</p> <p>(3) “Kiam ili foriros, la kalabaso ne kurbigos la vertebraron de njo Viktoria” (p. 128)</p> |
| <p>8. caibro</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>caibro s.m. 1 CARP CONSTR elemento estrutural de um telhado, ger. peças de madeira que se dispõem de cumeeira ao frechal, a intervalos regulares e paralelas umas às outras, em que se cruzam e se assentam as ripas, freq. mais finas e cumpridas, e sobre as quais se apoiam e se encaixam as telhas. 2 p. ext. CARP CONSTR peça de madeira que forma a armação para o assentamento das tábuas de um assoalho, forro etc. (Id., p. 562)</p> <p>(1) “Recordou-se das cabras abatidas a mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando” (p. 44)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>ĉevrono 1. ĉiu el la traboj, oblikve fiksitaj ambaŭflanke sur la tegmenta firstopatno k apogitaj sur la patnoj por subporti la tegmentokovraĵon (tegoloj, ardezoj ks). (Idem) “ĉevrono: tegmentotrabo <i>arq.</i> Caibro” (COSTA, 2001, p. 71)</p> <p>(1) “Li memoras la kaprinojn mortigitajn per la pistilo de la pistujo, pendantaj kapomalsupre de ĉevrono de la veranda tegmento, sangantaj” (p. 54)</p> |
| <p>9. candeeiro</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>candeeiro: s.m. 1 B. e P. utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de mecha ou torcida, se destina a iluminar. (id., p. 594)</p> |

| | |
|-----------|--|
| | <p>(1) “Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede” (p. 28)</p> <p>(2) “Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa” (P. 33)</p> <p>(3) “De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano” (p. 61)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>meĉujo: Malgranda ujo, kun oleo, en kiu trempigas meĉo, uzata por lumigado. (idem) “lampo: lâmpada, candeeiro, candeia” (COSTA, 2001, p. 271). “meĉo: pavio, mecha, torcida; rastilho, estopim, morrão” (COSTA, 2001, p. 300)</p> <p>(1) “Baleno atenta, la lada meĉujo pendanta de ekstremo de stango eliranta el la kotmuro” (p. 34)</p> <p>(2) “Verdire, oni tute ne lumigas lampojn en la domo” (p. 40)</p> <p>(3) “Rilate lumon, en la bieno ekzistas kuireje la fajro inter la ŝtonoj kaj, pendigita peranse de stango enmetita en la kotmuron, kerosena meĉujo; rilate kanton, ia benita de njo Viktoria kaj la abojo de Fabiano” (p. 78)</p> |
| 10. catre | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>catre: s.m. 2 leito rústico e pobre; grabato. (id., p. 655)</p> <p>(1) “Bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira.” (p. 37)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>litaĉo: sem entrada específica no PIV. Verbetes formado de lit + aĉ + o. / lito: 1 Meblo, uzata por kuŝe ripozi, dormi, seksumi. (idem) “litaĉo: grabato (leito pequeno e pobre)” (COSTA, 2001, p. 282)</p> <p>(1) “Precize en la centro de la litaĉo ekzistas tubero, dika ŝelaĵo en la ligno.” (p. 46)</p> |
| | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

11. chocalho

chocalho: s.m. 1 espécie de sineta em forma de cone ou cilindro achatado que se prende ao pescoço do gado ou das bestas de carga e que, agitado pelo movimento do animal, produz um som baço, metálico, monótono. (id., p. 703)

(1) “Fabiano procurou em vão perceber um toque de **chocalho**” (p. 10)

(2) “**Chocalhos** de badalos de ossos animariam a solidão” (p. 12)

(3) “**Chocalhos** tilintariam pelos arredores’ (p. 13)

(4) “A areia fofa cansava-o, mas ali, na lama seca, as alpercatas dele faziam chapechape, os badalos dos **chocalhos** que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos” (p. 14)

(5) “O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os **chocalhos** das vacas tiniam” (p. 28)

(6) “O **chocalho** da vaca laranja tilintou para os lados do rio” (p. 34)

(7) “O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos **chocalhos**, até o zumbido das moscas, davam-lhe sensação de firmeza e repouso” (p. 37)

(8) “A porteira abriu-se, um fartum espalhou-se pelos arredores, os **chocalhos** soaram, a camisinha de algodão atravessou o pátio, contornou as pedras onde se atiravam cobras mortas, passou os juazeiros, desceu a ladeira, alcançou a margem do rio” (p. 41 – 42)

(9) “As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os **chocalhos** batiam” (p. 55)

(10/11) “As goteiras pingavam, os **chocalhos** das vacas tiniam, os sapos cantavam. O som dos **chocalhos** era familiar, mas a cantiga dos sapos e o rumor das goteiras causavam estranheza” (p. 56)

(12) “os **chocalhos** das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.” (p. 73)

(13) “la pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos látegos e **chocalhos** pendurados num braço” (p. 82)

(14) “Agitando os **chocalhos** e os látegos, chegou a mão

esquerda, grossa e cabeluda, à cara do polícia, que recuou e se encostou a uma catingueira” (p. 84)

EM ESPERANTO:

(1) **sonorileto**: Malgranda, ordinare mantenebla sonorilo el metalo ks / (2) **tintilo**: Malplena metala sfereto, entenanta metalan globeton, kiu per skuiĝo estigas sonon. (idem) “**tintilo**: guizo” (COSTA, p. 488) “**sonorileto**: campainha” (COSTA, 2001, p. 451)

(1) “Vane Fabiano klopodas percepti sonon de **sonorilo**” (p. 10)

(2) “**Sonoriletoj** kun ostaj frapiloj animos la solejon” (p. 15)

(3) “**Sonoriletoj** sonos en la ĉirkaŭaĵo” (p. 16)

(4) “La maldensa sablo lin lacigas, sed tie, sur la seka koto, liaj sandaloj faras ĉap-ĉap kaj surde sonas la frapiloj de la **sonoriletoj** pendantaj de la rimenoj pezantaj sur lia ŝultro” (p. 17)

(5) “La koko frapas per la flugiloj, la kaproj blekas en sia ejo, la **sonoriletoj** de la bovinoj tintas” (p. 34)

(6) “La **sonorileto** de la oranĝokolora bovino sonas el la direkto de la rivero” (p. 41)

(7) “La dormo de Fabiano, la fajro krakanta, ia sono de la **sonoriletoj**, eĉ la zumado de la muŝoj transdonas al ŝi senton de firmeco kaj ripozo” (p. 46)

(8) “La krada pordego malfermiĝis, fetoro disŝutiĝas en la najbaraĵo, sonas la **sonoriletoj**, la kotona ĉemizeto transiras la korton, ĉirkaŭiras la ŝtonojn kien oni ĵetas la mortigitajn serpentojn, preterpasas la zizifojn, malsupreniras la deklivon, atingas ia riverbordon” (p. 52)

(9) “La bovinoj venis rifuĝi apud la muro de la domo, najbara al la bovinejo, la pluvo ilin. skurĝas, la **sonoriletoj** frapiĝas” (p. 71)

(10/11) “La defluiloj gutas, la **sonoriletoj** de la bovinoj tintas, la bufoj kantas. La tintado de la **sonoriletoj** estas familiara, sed la kantado de la bufoj kaj la bruoj de la defluiloj strangas” (p. 73)

(12) “La **tintiloj** de la kaprinoj sonas el la direkto de la rivero, la fetoro de la kaprinejo disvastiĝas en la najbaraĵo.” (p. 94)

(13) “Li marŝas kun pezaĵoj, la plena ĉasujo baltee, multaj vipoj kaj **tintiloj** pendantaj sur unu brako” (p. 105)

| | |
|----------------------------|--|
| | <p>(14) “Skuante la vipojn kaj la tintilojn, li proksimigas la maldekstran manon, dikan kaj harplenan, al la vizaĝo de la policisto, kiu malproksimiĝas kaj sin apogas al katingujo” (p. 107)</p> |
| <p>12. creolina</p> | <p>EM PORTUGÊS:</p> <p>creolina: s.f. QUÍM nome comercial de um líquido desinfetante, composto de óleo de alcatrão mineral ou creosoto a que se acrescentam sabão de resina, fenol e outras substâncias de propriedades antissépticas e germicidas. (id., p. 866)</p> <p>(1) “Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário.” (p. 14)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kreozoto: Oleeca, kaŭstika k antisepsa substanco, kiun oni produktas per distilado de ligna gudro; uzata en farmacio k en industrio. (idem) “kreozoto: creosoto (<i>quím.</i> substância líquida, cáustica, extraída do alcatrão de madeira e própria para conservar substâncias orgânicas)” (COSTA, 2001, p. 257)</p> <p>(1) “Fabiano sorĉokuracas surpiedsigne la vermoplenan vundon de la vulpokolora bovido. En la ĉasujo li portas botelon da kreozota solvaĵo, kaj, se li trovintus la beston, per ĝi li farus normalnan kuracadon.” (p. 17)</p> |
| <p>13. cuia</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cuia: s.f. 1 ANGIOS fruto da cueira, uma grande baga ovóide, de casca lenhosa e impermeável quando madura, us. para o fabrico de vários objetos. 2 ARTESN recipiente ger. ovóide feito desse fruto, depois de seco e desprovido de polpa, us. para esvaziar canoas, beber ou transportar líquidos, farinha, sementes etc. (id., p. 884)</p> <p>(1) “Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro” (p. 7)</p> <p>(2/3/4) “Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. [...] Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. [...] Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família” (p. 11 – 12)</p> |

(5) ‘Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aió, a **cuia** de água e o baú de folha pintada” (p. 13)

(6) “Tomou a **cuia** grande, encaminhou-se ao barreiro, encheu de água o caco das galinhas, endireitou o poleiro.” (p. 36)

(7) “Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos — os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a **cuia** pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro” (p. 96)

(8) “Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, beberam na **cuia** uns goles de água” (p. 101)

(9/10) “Sinha Vitória desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a **cuia** e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rodilha de molambos. [...] O peso da **cuia** era uma insignificância, mas Fabiano achou-se leve, pisou rijo e encaminhou-se ao bebedouro” (p. 103)

EM ESPERANTO:

akvokalabaso: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de akvo + kalabaso. / **akvo**: 1 Likva kombinaĵo de hidrogeno k oksigeno, H₂O. 2 Tiu likvo, el kiu konsistas pluvo, maro, lagoj k riveroj. / **kalabaso**: Sp. de krescentio (*Crescentia cujete*) el Antiloj, falfolia arbo kun simplaj, larĝe lancetformaj folioj, kun pendaj, flavaj floroj k kun grandaj (10–35 cm diametraj) fruktoj, kiuj havas nektarujajn k malmolan lignecan ŝelon k post senkarnigo estas multe utiligataj kiel kruĉoj k kuirejaj laboriloj. (idem) “**kalabaso**: cabaça (*bot.* Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, de cuja casca se fazem vasilhas)” (COSTA, 2001, p. 209)

(1) “Fabiano, severmiena, malfirme paŝanta, kun ĉasujo teksita el sisalfibroĵ baltee, **kalabaso** pendanta perrimene de la zono kaj silikfajrila pafilo surŝultre” (p. 7)

(2) “Fabiano prenas la **kalabason**, malsupreniras la deklivon, direktas sin al la seka rivero; ĉe la trinkejo de la sovaĝaj bestoj trovas iam da koto” (p. 14)

(3/4) “Li plenigas la **kalabason**, leviĝas, ekiras malrapide, por ne

| | |
|---------------------------|--|
| | <p>elverŝi ia salecan akvon” (15)</p> <p>(5) “La ŝrumpintaj posedaĵoj kuŝas surtere: la silikfajrila pafilo, la ĉasujo, la akvokalabaso kaj la kofro el farbita lado” (p. 16)</p> <p>(6) “Ŝi prenas la grandan kalabason, direktas sin al la argilejo, replenigas per akvo la trinkujon de la kokinoj kaj ĝustigas ilian grimpilon” (p. 45)</p> <p>(7) “Dum ia freŝeco de la antaŭmateniĝo ili sufiĉe progresas, silentaj, kvar ombroj sur la mallarĝa vojo kovrita per ŝtonetoj - la knaboj avane, portante pakojn da tolaĵoj, njo Viktoria sub la kofro el ŝmirita lado kaj la kalabaso kun akvo, Fabiano ariere, kun la maĉeto kaj la pinta tranĉilo, la kalabasa taso perrimene pendanta de la zono, la ĉasujo baltee, la fajrilpafilo sur unu ŝultro, la nutraĵsako sur la alia” (p. 122)</p> <p>(8) “Ili iris ripozi sub la seka branĉaro de kiŝabujo, ma ĉis sekan maniok-farunon kaj pecon da viando, trinkis el la kalabaso kelkajn gluton da akvo.” (p. 128)</p> <p>(9/10) “Njo Viktoria malligis la rimenon kroĉitan al lia zono, deprenis la kalabason kaj ĝin metis randon malsupren sur volvaĵon de ĉifonoj per kiu ŝi kovris la verdon de la pli olda knabo. [...] La ŝarĝo de la kalabaso estas sensignifa, sed Fabiano sentas sin malpeza, tretas firme kaj sin direktas al la trinkejo” (p. 130)</p> |
| <p>14. cumbuca</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cumbuca: s.f. 1 vasilha feita com a casca do fruto da cueira, us. esp. por índios e caboclos. (id., p. 889) (obs: a forma que se encontra na obra é a variação com terminação em “o” e no plural – cumbucos)</p> <p>(1) “Chegou-se ao jirau onde se guardavam cumbucos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela.” (p. 35)</p> <p>(2) “Foi esconder-se num canto, por detrás do pilão, fazendo-se miúda entre cumbucos e cestos” (p. 46)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>akvokalabaso: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de akvo + kalabaso. / akvo: 1 Likva kombinaĵo de hidrogeno k oksigeno, H₂O. 2 Tiu likvo, el kiu konsistas pluvo, maro, lagoj k riveroj. / kalabaso: Sp. de krescentio (<i>Crescentia cujete</i>) el Antiloj, falfolia arbo kun simplaj, larĝe lancetformaj</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>folioj, kun pendaj, flavaj floroj k kun grandaj (10–35 cm diametraj) fruktoj, kiuj havas nektarujajn k malmolan lignecan ŝelon k post senkarnigo estas multe utiligataj kiel kruĉoj k kuirejaj laboriloj. (idem) “kalabaso: cabaça (<i>bot.</i> Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, de cuja casca se fazem vasilhas)” (COSTA, 2001, p. 209)</p> <p>(1) “Ŝi iras al la stangotenilo, kie ŝi tenas kalabasojn kaj sekviandon, malfermas la sakon kun salo, elprenas pinĉaĵon, ĵetas ĝin en la kaserolon.” (p. 42)</p> <p>(2) “Ŝi iras kaŝi sin enangule, malantaŭ la pistilo, etigante sin inter korboj kaj aliaj aĵoj” (p. 58)</p> |
| <p>15. espingarda de pederneira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>espingarda: s.f. 1 ARM arma de fogo portátil, de cano comprido e com coronha própria para apoiar o ombro. (id., p. 1231) + pederneira: s.f. PET sílex pirômaco, capaz de produzir centelhas quando percutido ou atritado pro peças de metal, esp. ferro [Us. em peças antigas de artilharia, espingardas, isqueiros etc.]. (id., p. 2163)</p> <p>(1) “...Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuja pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro” (p. 7)</p> <p>(2) “Os troços minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aió, a cuja de água e o baú de folha pintada” (p. 13)</p> <p>(3) “...Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pelo escasso” (p. 48)</p> <p>(4) “Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregála bem para a cachorra não sofrer muito” (p. 69)</p> <p>(5) “Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira” (p. 89)</p> <p>(6) “Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos — os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuja pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de</p> |

| | |
|-----------|---|
| | <p>pederneira num ombro, o sacco da matalotagem no outro” (p. 96)</p> <p>(7) “Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do sacco e a coronha da espingarda de pederneira’ (p. 103)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>fajrilpafilo: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de fajrilo + pafilo. / fajrilo: llo, konsistanta el silikŝtono k ŝtalpeco, kiujn oni interbatas, por estigi fajrerojn k tiel ekbruligi tindron, meĉon ktp. / pafilo: 1 Ĉia ilo por pafi. (idem) “fajrilo: fuzil (peça de aço com que se faz lume, ferindo a pederneira)” (COSTA, 2001, p. 118). “pafilo: espingarda, fuzil, rifle” (COSTA, 2001, p. 352).</p> <p>(1) “Fabiano, severmiena, malfirme paŝanta, kun ĉasujo teksita el sisalfibroj baltee, kalabaso pendanta perrimene de la zono kaj silikfajrila pafilo surŝultre” (p. 7)</p> <p>(2) “La ŝrumpintaj posedaĵoj kuŝas surtere: la silikfajrila pafilo, la ĉasujo, la akvokalabaso kaj la kofro el farbita lado” (p. 16)</p> <p>(3) “Njo Viktoria, kun la pli juna filo rajde sidanta sur ŝia kokso, ekvilibrigis la ladan kofron surkape; Fabiano surŝultre portis ta fajrilpafilon; Baleno montris la ripojn trans la maldensa felo” (p. 60)</p> <p>(4) “Li prenas ia fajrilpafilon, smirgas kaj purigas ĝin per la ŝtopaĵtirilo kaj intencas ĝin bone ŝargi, por ŝpari suferojn al la hundino” (p. 87)</p> <p>(5) “Li decidas vidi tion de proksime, stariĝas, metas la ĉasujon baltee, prenas la ledan ĉapelon kaj la silikfajran pafilon” (p. 114)</p> <p>(6) “Dum la freŝeco de la antaŭmateniĝo ili sufiĉe progresas,. silentaj, kvar ombroj sur la mallarĝa vojo kovrita per ŝtonetoj - la knaboj avane, portante pakoj da tolaĵoj, njo Viktoria sub la kofro el ŝmirita lado kaj la kalabaso kun akvo, Fabiano ariere, kun la maĉeto kaj la pinta tranĉilo, la kalabasa taso perrimene pendanta de la zono, la ĉasujo baltee, la fajrilpafilo sur unu ŝultro, la nutraĵsako sur la alia” (p. 122)</p> <p>(7) “Fabiano ridas, deziras froti ta manojn kroĉitajn al la buŝo de la sako kaj al la kolbo de la silikfajrila pafilo” (p. 130)</p> |
| 16. jirau | EM PORTUGUÊS: |

| | |
|-------------|---|
| | <p>jirau: s.m. 1 armação de madeira semelhante a estrado ou palanque , que pode ser us. como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc. (id., p. 1683).</p> <p>(1) “Chegou-se ao jirau onde se guardavam cumbugos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela” (p. 35)</p> <p>(2) “A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o jirau, coçava-se com os dentes e pegava moscas” (p. 36)</p> <p>(3) “No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de tocinho” (p. 48)</p> <p>(4) “Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo” (p. 55)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>stangotenilo: sem entrada específica no PIV. Verbete proveniente de stango + tenilo. / stango: Ĉiaspeca, multe pli longa ol dika, peco el ligno, metalo ks. / tenilo: Parto de objekto, destinita por teni ĝin oportune. (idem) “stango: pau, estaca, vara, percha, mastro, poste, haste, cana (do leme)” (COSTA, 2001, p. 456). “tenilo: asa (de cesta etc), cabo (para segurar), tenaz” (COSTA, 2001, p. 482).</p> <p>(1) “Ŝi iras al la stangotenilo, kie ŝi tenas kalabasojn kaj sekviandon, malfermas la sakon kun salo, elprenas pinĉaĵon, ĵetas ĝin en la kaserolon.” (p. 42)</p> <p>(2) “La kaserolo siblas; brizo varmeta kaj polva skuas la araneaĵojn pli novajn kaj tiujn fumajoplenajn de la tegmento; Baleno, sub ia stangotenilo, gratas sin perdente kaj provas kapti muŝojn” (p. 46)</p> <p>(3) “Sur la kuireja stangotenilo aranĝitas sekviandaj tranĉaĵoj kaj lardopecoj.” (p. 60)</p> <p>(4) “Vere, la stangokrado sur kiu ili streĉiĝas estas tre malkomforta” (p. 71)</p> |
| 17. lampião | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>lâmpião s.m. 1 grande lanterna elétrica ou a combustível, portátil ou fixa em um teto, esquina ou parede. (Id., p. 1718)</p> |

| | |
|------------|---|
| | <p>(1) “A feira se desmanchava; escurecia; o homem da iluminação, trepando numa escada, acendia os lampiões” (p. 24)</p> <p>(2) “O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene” (p. 28)</p> <p>(3) “Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários” (p. 60)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) lanterno 1 Speco de skatolo, kun unu aŭ pluraj travideblaj flankoj, en kiun oni metas kandelon aŭ alian lumilon, por ĝin ŝirmi de vento. 2 Konstruaĵo supre de kupolo aŭ de domego, kun aĵuraj aŭ vitrogarnitaj flankoj, por enlasi lumon. lanterno + strato - (2) strato: vojo inter konstruaĵoj en urbo aŭ vilaĝo. (Idem) “stratlanterno: lanternego; lampião (de rua), revérbero” (COSTA, 2001, p. 272)</p> <p>(1) “Oni tiam jam komencas malmunti la bazaron: fariĝis mallumo: la lanternisto, grimpinte sur ŝtupetaron, lumigas la stratajn lanternojn” (p. 29)</p> <p>(2) “La stratangula lanterno estingiĝis, probable la lanternisto enmetis sole kvaronan botelon da keroseno” (p. 34)</p> <p>(3) “La du knaboj gvatas la stratlanternojn kaj divenas eksterordinarajn okazantaĵojn” (p. 78)</p> |
| 18. látego | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>látego: s.m. 1 correia ou corda própria para açoitar; chicote, açoite, azorrague. (id., p. 1728) (obs: o verbete se encontra no plural na obra: látegos)</p> <p>(1) “Cortar mandacaru, ensebar látegos — aquilo estava no sangue” (p. 79)</p> <p>(2) “la pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos látegos e chocalhos pendurados num braço.” (p. 82)</p> <p>(3) “Agitando os chocalhos e os látegos, chegou a mão esquerda, grossa e cabeluda, à cara do polícia, que recuou e se encostou a uma catingueira” (p. 84)</p> <p>(4) “Alguns dias antes estava sossegado, preparando látegos, consertando cercas” (p. 92)</p> <p>(5) “Depois voltara aos látegos, às cercas, às contas</p> |

| | |
|-----------------------------------|---|
| | <p>embaraçadas do patrão” (p. 93)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>vipo: 1 Batilo, konsistanta el ŝnuro aŭ rimeno, alligita al tenilo. (idem) “vipo: chicote, relho, taca” (Costa, 2001, p. 524)</p> <p>(1) “Detranĉi mandakaruon, seboŝmiri vipojn - tio enestas en la sanga” (p. 101)</p> <p>(2) “Li marŝas kun pezaĵoj, la plena ĉasujo baltee, multaj vipoj kaj tintiloj pendantaj sur unu brako.” (p. 105)</p> <p>(3) “Skuante la vipojn kaj la tintilojn, li proksimigas la maldekstran manon, dikan kaj harplenan, al la vizaĝo de la policisto, kiu malproksimiĝas kaj sin apogas al katingujo” (p. 107)</p> <p>(4) “Ĝis antaŭ kelkaj tagoj li estis trankviia, preparante vipojn, riparante barilojn” (p. 117)</p> <p>(5) “Poste li reiras al la vipoj, al la bariloj, al la implikitaj kalkuloj de la mastro” (p. 119)</p> |
| <p>19. matalotagem</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>matalotagem: s. m. 3 <i>p.ext.</i> qualquer provisão de mantimentos 4 <i>fig.</i> Quantidade de coisas díspares e amontoadas. (id., p. 1866)</p> <p>(1) “Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos — os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, sinha Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro” (p. 96)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>nutraĵsako: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de nutraĵo + sako. / nutraĵo: Manĝaĵo. / sako: 1 Granda ujo el maldelikata teksaĵo (kanabo, juto, ks), formita el du pecoj, kunkudritaj malsupre k ĉe la flankoj k liberaj supre, uzata por enteni ŝutaĵojn. (idem). “nutraĵo: nutro alimento” (Costa, 2001, p. 335). “sako: sacco” (Costa, 2001, p. 424).</p> <p>(1) “Dum ia freŝeco de la antaŭmateniĝo ili sufiĉe progresas, silentaj, kvar ombroj sur la mallarĝa vojo kovrita per ŝtonetoj - la knaboj avane, portante pakojn da tolaĵoj, njo Viktoria sub la kofro el ŝmirita lado kaj la kalabaso kun akvo, Fabiano ariere, kun la</p> |

| | |
|--------------------------|---|
| | <p>maçeto kaj la pinta trançilo, la kalabasa taso perrimene pendanta de la zono, la çasujo baltee, la fajrilpafilo sur unu ŝultro, la nutrajsako sur la alia” (p. 122)</p> |
| <p>20. mourão</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>mourão: s.m. 1 cada uma das estacas mais grossas ou postes nas estacadas, à qual são fixadas horizontalmente varas mais finas, formando uma cerca. (id., p. 1969)</p> <p>(1) “Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus” (p. 10)</p> <p>(2) “Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente” (p. 30)</p> <p>(3) “Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto” (p. 71)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) ângulo: (a) Kava loko, kie renkontiĝas du surfacoj, vandoj, muroj ks. (b) Flanka malvasta loko malofte vizitata aŭ rigardata.</p> <p>(2) paliso 1. Forta ligna stango, malsupre pintigita, kiun oni starigas, enigante ĝin en la teron. (2) fosto Trabo el rigida materialo, (a) vertikale starigita por subteni ion k uzata en çarpentado. (b) vertikale starigita en tero, por signi vojon (idem) “paliso: estaca, tanchão, vara (que se finca no chão)” (Costa, 2001, p. 353)</p> <p>(1) “Li surgrimpas la angulpalison de la barilo, ekzamenas la kaatigon, sur kiu elstaras blankaj ostaroj kaj la nigro de la katartoj” (p. 13)</p> <p>(2) “Li estas mallibera kiei bovido ligita alfoste kaj eltenanta la brulvarman stampilon” (p. 36)</p> <p>(3) “Çagrenite pro tiu manovro, Fabiano saltas super la fenestro, ŝovas sin laŭlonge de la bovineja barilo, haitas çe la angulfosto kaj denove levas la pafilon alvizaĝe” (p. 89)</p> |
| <p>21. mundéu</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>mundéu: s.m. 1 B armadilha de caça. (id., p. 1979)</p> <p>(1) “Decidiu armar um mundéu perto do poleiro” (p. 37)</p> |

| | |
|-----------|--|
| | <p>(2) “la armar o mundéu junto do poleiro e quebrar o espinhaço daquela sem-vergonha.” (p. 38)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kaptilo: 1 Aparato por inside kapti bestojn aŭ homojn. (idem) “kaptilo: alçapão, p.f. armadilha” (Costa, 2001, p. 216)</p> <p>(1/2) “Ŝi decidis starigi kaptilon apud la kokingrimpilo. [...] Ŝi pretigos kaptilon apud la kokingrimpilo kaj rompos la vertebraron al tiu senhontulo” (p. 47)</p> |
| 22. picuá | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>picuá: s.m. 1 saco para conduzir roupa, comida etc. [...] 3 balaio, cesto. 4 trastes, trens, tarecos. (id., p. 2208) (obs: o verbete se encontra no plural: picuás)</p> <p>(1) “À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás” (p. 22)</p> <p>(2) “Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás.” (p. 103)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>aĵo: Objekto, afero konkreta. (idem) “aĵo: coisa” (Costa, 2001, p. 8)</p> <p>(1) “Posttagmeze li eltiris la monon, duone tentata, sed tuj pentis, opiniante ke ĉiuj komizoj malhonestas pri la prezo kaj ia mezuro: li religis la banknotojn en la pinton de la poŝtuko, enpoŝigis tiun kaj iris al la butikio de ĉjo Ignaco, kie li lasintis siajn aĵojn” (p. 27)</p> <p>(2) “Njo Viktoria perceptis la maltrankvilon stampitan sur lia torturita vizaĝo kaj ankaŭ leviĝis, vekis la filojn, aranĝis la aĵojn.” (p. 130)</p> |
| 23. pilão | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>pilão: s.m. 1 nome comum a várias ferramentas utilizadas para bater, triturar, calcar. (id., p. 2210)</p> <p>(1/2) “Recordou-se das cabras abatidas a mão de pilão,</p> |

| | |
|--------------|---|
| | <p>penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando. [...] E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura” (p. 44)</p> <p>(3) “Foi esconder-se num canto, por detrás do pilão, fazendo-se miúda entre cumbucos e cestos” (p. 46)</p> <p>(4) “A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, sinha Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos filhos.” (p. 51)</p> <p>(5) “Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se aguenta em dois pés” (p. 55)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) pistilo. Peza metala aŭ alimateria peco, per kiu oni pistas; (2) pistujo Vazo, en kiu oni pistas. (idem) “pistujo: gral, almofariz, pilão” (COSTA, 2001, p. 374) “pistilo: mão de almofariz” (COSTA, 2001, p. 374)</p> <p>(1) “Li memoras la kaprinojn mortigitajn per la pistilo de la pistujo, pendantaj kapomalsupre de ĉevrono de la veranda tegmento, sangantaj” (p. 54)</p> <p>(2) “Kaj necesas kreski, fariĝi tiel granda kiel Fabiano, mortigi kaprinojn per pistilo de pistujo, porti pintan tranĉilon ĉe la zono” (p. 54 – 55)</p> <p>(3) “Ŝi iras kaŝi sin enangule, malantaŭ la pistilo, etigante sin inter korboj kaj aliaj aĵoj” (p. 58)</p> <p>(4) “La familio kuniĝas ĉirkaŭ la fajro. Fabiano sidas sur la falinta pistilo, njo Viktoria krurkruce, la femuroj servantaj kiel kapkusenoj por la filoj.” (p. 67)</p> |
| 24. pinguela | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>pinguela: s.f. 3 espécie de ponte tosca feita de paus. (id., p. 2215)</p> <p>(1) “Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua.” (p. 60)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>pastabulo: Tabulo, metita super rivereto, aŭ inter ŝipo k bordo, por ebligi pasadon. (idem)</p> |

| | |
|---------------------------|--|
| | (1) “Ili transiras la pas-tabulon kaj atingas la straton.” (p. 77) |
| 25. quenga de coco | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>quenga: s.f. 1 vasilha feita de metade de um coco-da-baia da qual se retira a carne.</p> <p>(1) “Sinha Vitória provava o caldo na quenga de coco.” (p. 28)</p> <p>(2) “Remexeu as brasas com o cabo da quenga de coco, arrumou entre as pedras achas de angico molhado, procurou acendê-las” (p. 52)</p> <p>(3) “Suspirava atiçando o fogo com o cabo da quenga de coco” (p. 53)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kokosêla duono: sem entrada específica no PIV. (1): (a) kokoso: G. (<i>Cocos</i> el arekacoj) de nur unu sp. (<i>C. nucifera</i>), arbo (palmo) de necerta origino (E Malajzio aŭ Polinezio), 20–30 m alta, kun 6–8m longaj folioj k kun infloresko (spadiko) panikle disbrancîginta, supre portanta plurajn milojn da virseksaj floroj, malsupre kelkdekojn da insecsaj, el kiuj parto maturiĝas al drupoj (nuksoj) 1 kg pezaj, kies ligneca endokarpo enhavas grandan semon, kies interna kavo antaŭ maturiĝo enhavas kokossukon. + (b) ŝelo: Ekstera tavolo aŭ membrano de frukto aŭ de semo. / (2) duono: Unu el la du egalaj partoj de tuto. (idem) “kokoso: coco (bot. fruto do coqueiro)” (Costa, 2001, p. 235). “duono: uma metade” (Costa, 2001, p. 92). “ŝelo: casca (de árvores, frutas etc), folheto, côdea, crosta (de crustáceo etc)” (Costa, 2001, p. 469).</p> <p>(1) “Njo Viktoria gustumas la buljonon per la kokosêla duono.” (p. 33)</p> <p>(2) “Ŝi kirlas la braĝojn per la kalabasa tenilo, inter la ŝtonoj aranĝas la ŝtipojn de malseka anĵiko kaj provas ilin ekfajrigi” (p. 68)</p> <p>(3) “Ŝi suspiras, incitas la fajron per la tenilo de la kokosêla duono” (p. 70)</p> |
| 26. querosene | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>querosene: s.m. 1 destilado do petróleo que contém hidrocarbonetos na faixa de dez a 16 átomos de carbono, us.</p> |

freq. como solvente, combustível na aviação, em fogareiros, lampiões etc. (id., p. 2356)

(1/2/3) “Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de **querosene** e um corte de chita vermelha. Mas o **querosene** de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara demais. [...] Aí certificou-se novamente de que o **querosene** estava batizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor.” (p. 22)

(4) “E não levava o **querosene**, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro” (p. 24)

(5/6) “O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de **querosene**. [...] Devia ter comprado o **querosene** de seu Inácio” (p. 28)

(7) “Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no **querosene**” (p. 33)

(8) “Venderia as galinhas e a marrã, deixaria de comprar **querosene**” (p. 38)

(9) “De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de **querosene** pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano” (p. 61)

EM ESPERANTO:

keroseno: Petrola frakcio, distilita el nafto inter 151 k 273°C, pasintece utiligata por lumigado (petrollampoj), sed nun precipe kiel la ĉefa brulaĵo de reakciaj motoroj. (idem) “**keroseno**: querosene (líquido resultante da destilação do petróleo, fração entre a gasolina e o óleo diesel, empregado como combustível e como base de certos inseticidas)” (Costa, 2001, p. 226)

(1/2/3) “Krome, njo Viktoria mendis botelon da **keroseno** kaj tajlaĵon de ruĝa indieno. Sed la **keroseno** de ĉjo Ignaco estas miksita kun akvo kaj la indieno de la specimeno tro multekosta. [...] Tie li denove certigis, ke la **keroseno** estas baptita kaj decidis trinki dozon da brando, ĉar li sentas varmon.” (p. 27)

(4) “Kaj li ne kunportos la **kerosenon**; venontsemajne ili estos devigataj lumigi per torĉoligno” (p. 30)

(5/6) “La stratangula lanterno estingiĝis, probable la lanternisto enmetis sole kvaronan botelon da **keroseno**. [...] Li devintus aĉeti la **kerosenon** de ĉjo Ignaco” (p. 34)

| | |
|----------------------------|--|
| | <p>(7) “Ili povos akiri la necesan meblon ŝparante vestaĵojn kaj kerosenon” (p. 40)</p> <p>(8) “Ŝi vendos la kokinojn kaj la porkidon, rezignos la aĉetadon de keroseno” (p. 48)</p> <p>(9) “Rilate lumon, en la bieno ekzistas kuireje la fajro inter la ŝtonoj kaj, pendigita peranse de stango enmetita en la kotmuron, kerosena meĉujo; rilate kanton, ia benita de njo Viktoria kaj la abojo de Fabiano” (p. 78)</p> |
| <p>27. taramela</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>taramela: s.f. 1 trava, ger. de madeira ou metal, que gira presa a prego ou similar pregado em porta, postigo etc. para fechá-los. (id., p. 2672)</p> <p>(1) “Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo” (p. 70)</p> <p>(2) “Sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a taramela.” (p. 95)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>levfermilo: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de levi + fermilo. / levi: 2 Altigi parton de objekto, aŭ membron de korpo. / fermilo: Ĉia ilo aŭ aparato por fermi. (idem)</p> <p>(1) “Ili volis movi la levfermilon, sed njo Viktoria kondukis ilin al la stangolito, ilin kuŝigis kaj provis ĉiumaniere al ili kovri la orelojn: ŝi senmovigis la kapon de la pli aĝa interfemure kaj premis ia manplatojn sur ta orelojn de ia dua” (p. 88)</p> <p>(2) “Njo Viktoria metis la brakon tra truon en la muro kaj fermis la frontan pordon per la levfermilo.” (p. 121)</p> |
| <p>28. trempe</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>trempe: s.f. 1 aro de ferro com três pés us. para apoiar painéis sobre o fogo; tripé. (id., p. 2761)</p> <p>(1) “Àquela hora sinha Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta” (p. 21)</p> |

(2/3) “Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na **trempe** de pedras. [...] Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na **trempe** de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede” (p. 28)

(4) “Baleia vigiando, perto da **trempe**” (p. 30)

(5) “Acocorada junto às pedras que serviam de **trempe**, a saia de ramagens entalada entre as coxas, sinha Vitória soprava o fogo.” (p. 32)

(6) “Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e sinha Vitória voltou para junto da **trempe**, reacendeu o cachimbo” (p. 36)

(7) “Repousava junto à **trempe**, cochilando no calor, à espera de um osso” (p. 46)

(8/9) “As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da **trempe** de pedra, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. [...] Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à **trempe** e ouviam a conversa dos pais. (p. 51)

(10) “Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de **trempe**” (p. 74)

EM ESPERANTO:

tripiedo: 1 Seĝo kun tri piedoj. 2 Laboratorio aparato, kun tri piedoj, sur kiun oni metas balonon kun likvo varmigota. (idem) “**tripiedo:** tripé, tripeça” (COSTA, 2001, p. 370)

(1) “Tiuhore njo Viktoria certe estas en la kuirejo, kalkansidanta apud la **tripiedo**, kun la floraĵornamita jupo enpremita inter la femuroj, preparante la vespermanĝon” (p. 25)

(2) “Li memoras la malnovan domon, en kiu li loĝas, la kuirejon, la kaserolon siblantan sur la **tripiedo** el ŝtonoj” (p. 33)

(3) “La knaboj sidantaj apud la fajro, la kaserolo siblanta sur la **tripiedo** el ŝtonoj. Baleno atenta, la lada meĉujo pendanta de ekstremo de stango eliranta el la kotmuro” (p. 34)

(4) “Baleno gardesida proksime de la **tripiedo**” (p. 36)

| | |
|--|--|
| | <p>(5) “Kalkasidante apud la ŝtonoj servantaj kiel tripiedo, la jupon kun presitaj floroj enmetita inter la femuroj, njo Viktoria blovincitas la fajron.” (p. 39)</p> <p>(6) “La etuloj forkuris, volvis sin en la maton de la fronta ĉambro, sube de la niĉo kaj njo Viktoria revenis apud la tripiedon, refajrigis la pipon” (p. 46)</p> <p>(7) “Ŝi ripozis apud la tripiedo, dormetante dum la varmo, atendente iun oston” (p. 58)</p> <p>(8/9) “La braĝoj krakas, cindro falas kaj lumrondo etendas sin ĉirkaŭ la tripiedo el ŝtonoj, svage lumigante la piedojn de la vakero, la genuojn de la virino kaj la kuŝantajn infanojn. [...] Ekdormonte, ili tremetas, sentas bezonon sin turni, alproksimiĝas al la tripiedo kaj tiam aŭdas la interparolon de la gepatroj” (p. 67)</p> <p>(10) “Probable ŝi kuŝas en la kuirejo, inter la ŝtonoj servantaj kiel tripiedo” (p. 94)</p> |
|--|--|

APÊNDICE B – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA VESTUÁRIOS

| | |
|--------------------|--|
| 1.algibeira | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>algibeira s.f. 1 VEST pequeno bolso integrado à roupa, ger. cosido pelo lado de dentro do vestuário; sacola 2 VEST pequena bolsa, separada da roupa, que as mulheres do povo trazem à cintura, por cima ou por baixo da saia. (id., 154)</p> <p>(1) “À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás” (p. 22)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) poŝo 1 Malgranda saketo, alkudrita interne aŭ ekstere de vesto, k servanta por kunporti malgrandajn objektojn. 2 monujo. (2) enpoŝigi. Meti en sian poŝon. (Idem) “poŝo: bolso, algibeira, bolsa” (Costa, 2001, p. 385)</p> <p>(1) “Posttagmeze li eltiris la monon, duone tentata, sed tuj pentis,</p> |
|--------------------|--|

| | |
|---------------------------------------|---|
| | <p>opiniante ke ĉiuj komizoj malhonestas pri la prezo kaj la mezuro: li religis la banknotojn en la pinton de la poŝtuko, enpoŝigis tiun kaj iris al la butikoj de ĉjo Ignaco, kie li lasintis siajn aĵojn” (p.27)</p> |
| <p>2.alpercat a</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>alpercata: s.f. sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano. (id., p. 166) (obs: na obra há ocorrências do verbete no singular e no plural)</p> <p>(1) “As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas” (p. 9)</p> <p>(2/3/4) “A areia fofa cansava-o, mas ali, na lama seca, as alpercatas dele faziam chapechape, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos. [...] Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, seca e branca por cima, preta e mole por baixo. A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava. (p. 14 - 15)</p> <p>(5) “As alpercatas batiam no chão rachado” (p. 16)</p> <p>(6) “Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas — ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo” (p. 20)</p> <p>(7) “As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso.” (p. 21)</p> <p>(8) “Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro” (p. 25)</p> <p>(9) “As alpercatas dela tinham sido gastas nas pedras” (p. 36)</p> <p>(10) “A ordem se cumpriu e Fabiano tomou medida da alpercata: deu um traço com a ponta da faca atrás do calcanhar, outro adiante do dedo grande” (p. 45)</p> <p>(11) “Mas às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no traseiro — saía latindo, ia esconder-se no mato, com desejo de morder canelas” (p. 49)</p> <p>(12) “Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata” (p. 51)</p> <p>(13) “Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido” (p. 52)</p> |

(14) “Não poderia assistir à novena calçado em **alpercatas**, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo” (p. 62)

(15) “Tinha ou não tinha? Salto de reiuna em cima da **alpercata**” (p. 85)

(16) “la bater o pé, gritar, levantar a espinha, plantar-lhe o salto da reiuna em cima da **alpercata**” (p. 86)

(17/18) “E os pés dele esmoreciam, as **alpercatas** calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? As **alpercatas** chiavam de novo no caminho coberto de seixos” (p. 96)

(19) “Afastaram-se rápidos, como se alguém os tangesse, e as **alpercatas** de Fabiano iam quase tocando os calcanhares dos meninos” (p. 97)

(20) “Os pés calosos, duros como cascos, metidos em **alpercatas** novas, caminhariam meses” (p. 99)

(21) “Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas **alpercatas**, o cheiro de carniças que empestavam o caminho” (p. 103)

EM ESPERANTO:

sandalo: Piedvesto, konsistanta nur el plandumo ligita per ŝnuroj aŭ rimenetoj al la piedo. (idem) “**sandalo:** sandália (calçado feito de uma sola presa ao pé por tiras ou cordões), alpercata, alparca, alparcata” (Costa, 2001, p. 427)

(1) “Liaj **sandaloj** estis eluzitaj ĉekalkanume kaj la liano, servanta kiel laĉo, malfermis tre dolorajn vundojn inter liaj piedfingroj” (p. 10)

(2) “La maldensa sablo lin lacigas, sed tie, sur la seka koto, liaj **sandaloj** faras ĉap- ĉap kaj surde sonas la frapiloj de la sonorietoj pendantaj de la rimenoj pezantaj sur lia ŝultro” (p. 17)

(3/4) “La tri paroj da **sandaloj** frapas la fenditan koton, sekan kaj blankan supre, nigran kaj molan sube. La riverborda koto tretata de la **sandaloj** skuiĝas” (p. 18)

(5) “La **sandaloj** frapas la fenditan koton” (p. 19)

(6) “Dum li marŝas hejmen, suprenirante la deklivon, disĵetante ŝtonetojn per la **sandaloj** – ĝi najbariĝas galope, intencante lin mortigi” (p. 23)

(7) “La **sandaloj** de la etuloj frapas la glatan kaj blankan koton” (p. 25)

| | |
|-----------|--|
| | <p>(8) “Ne trovinte pretekston, li apudiĝas kaj plantas ta kalkanumon de sia boto sur la sandalon de la vakero” (p. 30)</p> <p>(9) “Ŝiaj sandaloj foruziĝis sur la ŝtonoj” (p. 45)</p> <p>(10) “La ordono plenumiĝis kaj Fabiano prenis la mezuron de sandalo: per la pinto de la tranĉilo li faris unu strekon malantaŭ la kalkano, alian antaŭ la dikfingro” (p. 57)</p> <p>(11) “Sed foje oni ŝin kaptas surprize, unu ekstremo de sandalo atingas ŝian postajon – ŝi forkuras bojante, iras kaŝi sin enarbare, dezirante mordi tibiojn (p. 63)</p> <p>(12) “Fabiano frotas la manojn kontente kaj tiras la ardaĵojn al la pinto de la sandaloj” (p. 67)</p> <p>(13) “Fabiano ree frotas la manojn kaj komencas rakonton sufiĉe konfuzan, sed, tial ke nur liaj sandaloj ricevas iluminadon, la gestoj ne percepteblas” (p. 68)</p> <p>(14) “Li ne povus ĉeesti la novenon piedvestita sandale, kun la ĉemizo malfermita, montrante la haran bruston” (p. 79)</p> <p>(15) “Ĉu jes aŭ ne? Kalkanumo de boto sur sandalon” (p. 108)</p> <p>(16) “Li frapos la piedon sur la teron, rektigos la vertebraron, plantos la kalkanumon de la boto sur ta sandalon de Fabiano, kiu ege deziras, ke li faru tion” (p.109)</p> <p>(17/18) “Kaj liaj piedoj malfortikiĝas, la sandaloj silentas en la mallumo. Ĉu necesas ĉion postlasi? La sandaloj grincas denove sur la vojo kovrita per ŝtonetoj” (p. 122)</p> <p>(19) “Ili foriras rapide, kvazaŭ iu ilin forpelus kaj la sandaloj de Fabiano preskaŭ tuŝas la kalkanojn de la knaboj” (p. 123)</p> <p>(20) “Liaj kaloplenaj piedoj, duraj kvazaŭ hufoj, enmetitaj en novaj sandaloj, marŝus monatojn” (p. 126)</p> <p>(21) “Li ne sentas la pafilon, nek la sakon, nek ta ŝtonetojn envenantajn liajn sandalojn, nek la odoron de la kadavraĵoj fetorigantaj la vojon” (131)</p> |
| 3. botina | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>botina: s.f. 3 B bota de cano baixo, ger. de couro, fechada por cadarços ou elástico, us. mais freq.. por homens. (id., p. 498) (obs: na obra, ocorre apenas no plural: botinas)</p> |

(1) “Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por sinha Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, **botinas** de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia” (p. 58)

(2/3/4) “Mas com a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as **botinas** enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a. [...] Sem se enxugar, tentou calçar-se — e foi uma dificuldade: os calcanhares das meias de algodão formaram bolos nos peitos dos pés e as **botinas** de vaqueta resistiram como virgens. [...]Tinha vencido a obstinação de uma daquelas amaldiçoadas **botinas**; a outra emperrava, e ele, com os dedos nas alças, fazia esforços inúteis” (p. 59)

(5/6/7) “As **botinas** e o colarinho eram indispensáveis. [...] E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletó engomados, **botinas** de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. [...] Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as **botinas** e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto” (p. 62)

(8) “Mas esfriava, e as botinas de vaqueta magoavam-no em demasia” (p. 65)

(9) “Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as **botinas** de vaqueta.” (p. 68)

EM ESPERANTO:

boto: Alta leda piedvesto, kiu atingas ĝis genuo aŭ pli alte. (idem) “**boto**: bota (calçado que cobre até os joelhos)” (Costa, 2001, p. 54)

(1) “Fabiano, kunpremita en la vesto el blanka katuno, tajlorita de njo Terta, kun flanela ĉapelo, kolumo, kravato, **botoj** el bovida ledo, kun elastaĵoj, provas teni la vertebraron rekta, io, kion li ordinare ne faras” (p. 75)

(2/3/4) “Sed kun la kravato kaj la kolumo ĉifitaj en la poŝo, la palto sur la ŝultro kaj la **botoj** pendantaj de stango, la vakero sentis sin pli proksima al ŝi kaj ŝin volonte akceptis. [...] Ne sekiginte sin, li provas sin piedvesti – tio fariĝas fre malfacila: la kalkanumoj de la kotonaj ŝtrumpoj formas bulojn sur la dorsoj de la piedoj kaj la supaledaj **botoj** rezistas kvazaŭvirge. [...] Li venkis la obstinon de unu el tiuj damnitaj **botoj**; la alia ne cedas, kaj li, kun la fingroj en la maŝo de la postrimeno klopodas per senutilaj fortostreĉoj” (p. 76 – 77)

(5/6/7) “La **botoj** kaj la kolumo estas nemalhaveblaj. [...] Kaj li ĉiam vidis, de kiam li memoras, festajn vestojn tiajn, pantalonon kaj palton

| | |
|----------------------------------|---|
| | <p>amelitajn, botojn kun elastajo, flanelan ĉapelon, kolumon kaj kravaton. [...] Li scias, ke la novaj vestoj, tajlitaj kaj kudritaj de njo Terta, la kolumo, la kravato, la botoj kaj la flanela ĉapelo lin igas ridinda, sed li ne volas pensi pri tio” (p. 79 – 80)</p> <p>(8) “Sed la temperaturo falis kaj la ledaj botoj kaŭzas al li neelporteblajn dolorojn” (p. 83)</p> <p>(9) “Fabiano ronkas, ventroalsupren, kun la okuloj kovritaj per la rando de la ĉapelo kaj la kapo apogita sur la ledaj botoj.” (p. 86)</p> |
| <p>4. chapéu de couro</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>chapéu s.m. 1 VEST peça do vestuário masculino e feminino destinado a cobrir a cabeça, us. normalmente para sair, e consta, em princípio, de uma copa enformada ou não e de aba mais ou menos larga, podendo ser de diferentes materiais e assumir diferentes aspectos (c. de feltro) (c. de palha) (c. de couro) (id. p. 691)</p> <p>(1) “Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se” (p. 19)</p> <p>(2/3) “Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro” (p. 25)</p> <p>(4) “Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho” (p. 44)</p> <p>(5) “O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo” (p. 77 – 78).</p> <p>(6/7) “E Fabiano tirou o chapéu de couro. [...] Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo” (p. 87)</p> <p>(8) “Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira” (p. 89)</p> <p>(9) “Fabiano ergueu a cabeça, piscou os olhos por baixo da aba negra e queimada do chapéu de couro” (p. 100 – 101)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) ĉapelo 1 Kapvestaĵo el pli-malpli malmola materialo, kun ĉirkaŭrando. (2) ledo 1 Felo senharigita, tanita k preparita por la homa uzado. (idem) “ĉapelo: chapéu, sombreiro” (Costa, 2001, p.</p> |

| | |
|----------------------------------|---|
| | <p>69)</p> <p>(1) “Li insultas, ĉar li rajtas insulti kaj Fabiano aŭskultas la insultojn tenante la ledan ĉapelon subbrake, senkulpigas sin kaj promesas korektiĝi “ (p. 23)</p> <p>(2/3) “Li sin movas por skui la ledan ĉapelon antaŭ la nazo de la agresanto. Per unu trafa frapo de ta ĉapelo tiu hometo irus koten” (p. 30)</p> <p>(4) “Revene, li elseliĝos per unu salto, li ĉirkaŭiros la korton tiel, klinite, kun tibiingo, veŝto, brustŝildo kaj leda ĉapelo kun mentonrimeno” (p. 55)</p> <p>(5) “La funkciulo stamfis kolere kaj Fabiano senkulpigis sin, kun la leda ĉapelo enmane kaj kurbaspine” (p. 100)</p> <p>(6/7) “Kaj Fabiano deprenas la ledan ĉapelon. [...] Li deprenas la ledan ĉapelon, kliniĝas kaj montras la vojon al la flava soldato” (p. 111)</p> <p>(8) “Li decidas vidi tion de proksime, stariĝas, metas la ĉasujon baltee, prenas la ledan ĉapelon kaj la silikfajran pafilon” (p. 114)</p> <p>(9) “Fabiano levas la kapon, palpebrumas sub la nigra kaj bruligita ĉapelrando” (p. 127)</p> |
| <p>5. chapéu de palha</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>chapéu s.m. 1 VEST peça do vestuário masculino e feminino destinado a cobrir a cabeça, us. normalmente para sair, e consta, em princípio, de uma copa enformada ou não e de aba mais ou menos larga, podendo ser de diferentes materiais e assumir diferentes aspectos (c. de feltro) (c. de palha) (c. de couro) (id. p. 691)</p> <p>(1) “E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos” (p. 18)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) ĉapelo 1 Kapvestaĵo el pli-malpli malmola materialo, kun ĉirkaŭrando. (2) pajlo 1. Aro da sekigitaj tigoj k folioj de kultivplantoj, precipe grenspecoj sengrajnigitaj. (idem) “ĉapelo: chapéu, sombreiro” (Costa, 2001, p. 69)</p> <p>(1) “Kaj ĉjo Tomaso respondis tuante ia randon de la pajloĉapelo, turnis sin ai unu kaj alia flanko, iare malfermante ia krurojn vestitajn per nigraj botoj kun ruaj fiikaoj” (p. 22)</p> |

| | |
|------------------------|---|
| <p>6. chita</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>chita: s.f. 1 TÊXT. tecido de algodão de pouco valor, estampado em cores. (id., p. 703) “indieno: chita (tecido leve de algodão, desenhado a cores)” (Costa, p. 188)</p> <p>(1/2) “Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara demais.” (p. 22)</p> <p>(3) “Arrumaria uma história sem ela, diria que haviam furtado o cobre da chita” (p. 24)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>indieno: Maldensa kotona kolorpresita teksaĵo. (idem). “indieno: chita (tecido leve de algodão, desenhado a cores)” (Costa, 2001, p. 188)</p> <p>(1/2) “Krome, njo Viktoria mendis botelon da keroseno kaj tajlaĵon de ruĝa indieno. Sed la keroseno de ĉjo Ignaco estas miksita kun akvo kaj la indieno de la specimeno tro multekosta” (p. 27)</p> <p>(3) “Li aranĝos historion sen ŝi; li diros, ke oni ŝtelis la monon por la indieno” (p. 29)</p> |
| <p>7. cilha</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cilha: s.f. 1 cinta larga, de couro ou de tecido reforçado, que cinge a barriga das cavalgaduras para apertar a sela ou a carga. (id., p. 717)</p> <p>(1) “O vaqueiro apertou a cilha e pôs-se a andar em redor, fiscalizando os arranjos, lento” (p. 39)</p> <p>(2) “De repente a cilha rebentou e houve um desmoronamento” (p. 40)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>selzono: Zonego por fiksi selon sur bestodorso. (idem) “selzono: zonego, barrigueira” (Costa, 2001, p. 532)</p> <p>(1) “La vakero streĉas la selzonon kaj ĉirkaŭiras malrapide, por kontroli la aranĝojn.” (p. 49)</p> <p>(2) “Subite la selzono rompiis kaj okazis renverso” (p. 50)</p> |

| | |
|--------------------------|--|
| <p>8. farpela</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>farpela: s.f. 1 vestimenta, roupa. 2 roupa gasta, imprestável, trapo, andrajo, farrapo. 3 <i>p.ext.</i> roupa de pessoas de poucas posses. (id., p. 1309) (obs: ocorre uma única vez no plural: farpelas)</p> <p>(1) “Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos.” (p. 58)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kostumo: Vesto propra al difinita nacio, klaso, tempo, ofico, cirkonstanco. (idem) “kostumo: traje, veste, costume” (Costa, 2001, p. 254)</p> <p>(1) “Sed Fabiano butike aĉetis dek ulnojn da blanka katuno kaj komisiis al njo Terta tajlori kostumojn por li kaj por la filoj.” (p. 75)</p> |
| <p>9. gibão</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>gibão: s.m. 3 B casaco de couro, ger. largo, us. por vaqueiros, véstia. (id., p. 1449)</p> <p>(1) “Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse” (p. 19)</p> <p>(2) “Foi pedir a seu Inácio os troços que ele havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforjes no ombro, ganhou a rua” (p. 23)</p> <p>(3/4/5) “Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bolso do gibão e levava sumiço. Falaria assim: — “Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. [...] O dinheiro fugira do bolso do gibão, na venda de seu Inácio” (p. 24)</p> <p>(6/7) “Naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo. [...] Sem se apressar, livrou-se de um coice: virou o corpo, os cascos da égua passaram-lhe rente ao peito, raspando o gibão” (p. 39)</p> <p>(8/9) “Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão. As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no” (p. 40)</p> |

(10) “Ergueu-se, deixou a cozinha, foi contemplar as perneiras, o guardapeito e o **gibão** pendurados num torno da sala” (p. 41)

(11) “Ao regressar, aprear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, **gibão**, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho” (p. 44)

(12) “De perneiras, **gibão** e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga” (p. 61)

EM ESPERANTO:

veŝto: Senmanika vira brustvesto, portata sub jako. (idem) “**veŝto**: colete (*vest.* peça de vestuário abotoada na frente, sem mangas nem gola)” (Costa, 2001, p. 521)

(1) “Kiam li estis dungita, li ricevis laborĉevalon, krudledajn tibiingojn, **veŝton**, brustŝildon kaj ŝuojn, sed maldungite, li ĉion transdonos al la vakero, kiu lin anstataŭigos” (p. 23)

(2/3/4/5) “Li petas de ĉjo Ignaco la aĵojn ĉe li deponitajn, surmetas la **veŝton**, surŝultrigas la rimenojn de la dusako, eliras surstraten. [...] Li simple rakontos, ke la poŝtuko kun la banknotoj restis en la poŝo de la **veŝto** kaj forvaporigis. Li parolos tiel: – “Mi aĉetis la nutraĵojn. Mi lasis la **veŝton** kaj la dusakon en ta butiko de ĉjo Ignaco. [...] La mono fuĝis el la **veŝtopoŝo** en la butiko de ĉjo Ignaco” (p. 29)

(6/7) “En tiu momento, Fabiano kaŭzas al li grandan admiron. Lede vestita, per tibiingo, **veŝto** kaj brustŝildo, li estas la plej grava em la mondo. [...] Li trankvile evitas hufobaton: li turnas la korpon kaj la hufoj pasas tuj apud lia brusto tuŝante la **veŝton**” (p. 49)

(8/9/10) “Malgraŭ ke li timas la patron, li proksimiĝas malrapide al tiu, frotas sin je ties tibiingo, tuŝas la randon de la **veŝto**. La tibiingo, la **veŝto**, la brustoŝildo, la spronoj kaj la mentonrimeno de la ĉapelo ravas lin. [...] Li leviĝas, forlasas ia kuirejon, iras kontempli la tibiingojn, la brustoŝildon kaj la **veŝton** pendigitajn sur hoko en la fronta ĉambro” (p. 50 – 51)

(11) “Revene, li eiseliĝos per unu salto, li ĉirkaŭiros la korton tiel, klinite, kun tibiingo, **veŝto**, brustŝildo kaj leda ĉapelo kun mentonrimeno” (p. 55)

(12) “Vestite per tibiingo, **veŝto** kaj brustŝildo, enmetite en karapacon kvazaŭ dazipo, li saltas sur dorson de ĉevalo kaj flugas tra la kaatingo” (p. 79)

| | |
|----------------------------------|---|
| <p>10. guarda- peito</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>guarda-peito: s.m. B N.E. pedaço de couro curtido que os vaqueiros atam ao pescoço para resguardar o peito; peitoral. (id., p. 1493)</p> <p>(1) “Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse” (p. 19)</p> <p>(2) “Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo” (p. 39)</p> <p>(3) “As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.” (p. 40)</p> <p>(4) “Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho” (p. 44)</p> <p>(5) “De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga” (p. 61)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>brustsildo: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de brusto + sildo. / brusto: 1 La antaŭa parto de la homa korpo, de la kolo ĝis la ventro, kie sidas la mamoj k en kiu sidas la pulmoj. / sildo: Malmola kovrilo, kiun la antikvaj militantoj portis per la maldekstra brako por sin ŝirmi kontraŭ batoj k ĵetoj. (idem) “brustsildo: couraça (armadura para o peito e as costas, sob a veste, a fim de proteger o homem contra tiros)” (Costa, 2001, p. 469).</p> <p>(1) “Kiam li estis dungita, li ricevis laborĉevalon, krudledajn tibiingojn, veŝton, brustsildon kaj ŝuojn, sed maldungite, li ĉion transdonos al la vakero, kiu lin anstataŭigos” (p. 23)</p> <p>(2) “En tiu momento, Fabiano kaŭzas al li grandan admiron. Lede vestita, per tibiingoj, veŝto kaj brustsildo, li estas la plej grava em la mondo” (p. 49)</p> <p>(3) “La tibiingoj, la veŝto, la brustoŝildo, la spronoj kaj la mentonrimeno de la ĉapelo ravas lin” (p. 51)</p> <p>(4) “Revene, li eiseliĝos per unu salto, li ĉirkaŭiros la korton tiel, klinite, kun tibiingoj, veŝto, brustsildo kaj leda ĉapelo kun mentonrimeno” (p. 55)</p> <p>(5) “Vestite per tibiingoj, veŝto kaj brustsildo, enmetite en karapacon</p> |
|----------------------------------|---|

| | |
|--|--|
| | kvazaŭ dazipo, li saltas sur dorson de ĉevalo kaj flugas tra la kaatingo” (p. 79) |
| <p>11.</p> <p>perneira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>perneira: s.f. 3 B N.E. calça de couro bem ajustada ao corpo, us. por vaqueiros. (id., p. 2193) (obs: ocorre apenas no plural no livro: perneiras)</p> <p>(1) “Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse” (p. 19)</p> <p>(2) “Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo” (p. 39)</p> <p>(3/4) “Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão. As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no” (p. 40)</p> <p>(5) “Ergueu-se, deixou a cozinha, foi contemplar as perneiras, o guarda-peito e o gibão pendurados num torno da sala” (p. 41)</p> <p>(6) “Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho” (p. 44)</p> <p>(7) “De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga” (p. 61)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) kruringo: Parto de la armaĵo, kiu kovris kruron. / (2) tibiingo: = kruringo. (idem) “kruringo: <i>ant.</i> parte da armadura que cobre as pernas” (Costa, 2001, p. 261)</p> <p>(1) ““Kiam li estis dungita, li ricevis laborĉevalon, krudledajn tibiingojn, veŝton, brustŝildon kaj ŝuojn, sed maldungite, li ĉion transdonos al la vakero, kiu lin anstataŭigos” (p. 23)</p> <p>(2) “En tiu momento, Fabiano kaŭzas al li grandan admiron. Lede vestita, per tibiingo, veŝto kaj brustŝildo, li estas la plej grava em la mondo” (p. 49)</p> <p>(3/4/5) “Malgraŭ ke li timas la patron, li proksimiĝas malrapide al tiu, frotas sin je ties tibiingo, tuŝas la randon de la veŝto. La tibiingo, la</p> |

| | |
|------------|---|
| | <p>veŝto, la brustoŝildo, la spronoj kaj la mentonrimeno de la ĉapelo ravas lin. [...] Li leviĝas, forlasas ia kuirejon, iras kontempli la tibiingojn, la brustoŝildon kaj la veŝton pendigitajn sur hoko en la fronta ĉambro” (p. 50 – 51)</p> <p>(6) “Revene, li eiseliĝos per unu salto, li ĉirkaŭiros la korton tiel, klinite, kun tibiingo, veŝto, brustŝildo kaj leda ĉapelo kun mentonrimeno” (p. 55)</p> <p>(7) “Vestite per tibiingo, veŝto kaj brustŝildo, enmetite en karapacon kvazaŭ dazipo, li saltas sur dorson de ĉevalo kaj flugas tra la kaatingo” (p. 79)</p> |
| 12. roseta | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>roseta: s.f. 1 parte móvel da espora, em forma de roda dentada. (id., p. 2476). (obs: ocorre apenas no plural na obra – rosetas)</p> <p>(1) “As rosetas das esporas dele tilintavam no pátio; as abas do chapéu, jogado para trás, preso debaixo do queixo pela correia, aumentavam-lhe o rosto queimado, faziam-lhe um círculo enorme em torno da cabeça” (p. 39)</p> <p>(2) “Os estribos, soltos na carreira desesperada, batiam um no outro, as rosetas das esporas tiniam” (p. 40)</p> <p>(3) “Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando” (p. 44)</p> <p>(4) “Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos” (p. 76 – 77)</p> <p>(5) “Saiu lento, pesado, capiongo, as rosetas das esporas silenciosas.” (p. 80)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>spronradeto: Radeto kun pikaj dentoj, servanta por sproni ĉevalon. (idem) “radeto: todela, rodeta, rodinha” (COSTA, p. 402) “sprono: espora (instrumento de metal, armado de ponta ou de um disco dentado móvel, chamado roseta, que se adapta à parte posterior do calçado para estimular a montaria), agulhão, acicate” (Costa, 2001, p. 455)</p> <p>(1) “Liaj spronradetoj tintas korte; la randoj de la malantaŭenturnita ĉapelo, submentone rimene fiksita, pligrandigas lian sunbruligitan vizaĝon, strekas enorman cirklon ĉirkaŭ lia kapo” (p. 49)</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>(2) “La piedingoj, lozigitaj dum la freneza kuro, frapis unu kontraŭ la alia. La spronradetoj tintis” (p. 50)</p> <p>(3) “Kiam li viriĝos, li pagos tiel, peze, kurbakrure, grave, kun tintantaj spronradoj” (p. 55)</p> <p>(4) “Ĉe porde, turnante sin, li kunkroĉigas la spronradetojn, foriras stumble, dum la krudledaj ŝuoj batas sur la plankon kvazaŭ ĉevalhufoj” (p. 99)</p> <p>(5) “Li eliras malrapide, peze, malgaje, kun silentaj spronradetoj.” (p. 103)</p> |
|--|--|

APÊNDICE C – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA FLORA/FAUNA

| | |
|------------------|---|
| 1. angico | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>angico: s.m. 1.1 árvore de até 12 m (<i>Piptadenia paniculata</i>), nativa do Brasil (RJ), de folhas com folíolos ovados e frutos oblongos, membranosos, internamente brancos. (id., p. 218)</p> <p>(1) “Labaredas lamberam as achas de angico, esmoreceram, tornaram a levantar-se e espalharam-se entre as pedras” (p. 32)</p> <p>(2) “Remexeu as brasas com o cabo da quenga de coco, arrumou entre as pedras achas de angico molhado, procurou acendê-las” (p. 52)</p> <p>(3) “Sinha Vitória agitava o abano para sustentar as labaredas no angico molhado” (p. 55)</p> <p>(4) “Deixara pelos brancos num tronco de angico” (p. 82)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>anjiko: sem entrada específica no PIV. “anjiko legumenacaj arboj, g. <i>Piptadenia</i>, kies ligno estas tre utila” (Knoedt, 1997, p. 132)</p> <p>(1) “Flamoj lekas la ŝtipojn de anjiko, malfortiĝas, ree leviĝas kaj diskuras inter la ŝtonoj.” (p. 39)</p> <p>(2) “Ŝi kirlas la braĝojn per la kalabasa tenilo, inter la ŝtonoj aranĝas la ŝtipojn de malseka anjiko kaj provas um ekfajrigi” (p.</p> |
|------------------|---|

| | |
|--------------------------|--|
| | <p>68)</p> <p>(3) “Njo Viktoria agitas ia ventumilon por subteni la flamojn el la maiseka anjiko” (p. 71)</p> <p>(4) “Ŝi postlasis blankajn harojn sur trunko de anjiko” (p. 105)</p> |
| <p>2. alecrim</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>alecrim: s.m. 1 arbusto aromático (<i>Rosmarinus officinalis</i>) da fam. das labiadas, de folhas lineares, flores azul-pálidas, por vezes brancas ou róseas, e aquênios ovóides.[...]. (id., p. 145 e 146)</p> <p>“rosmareno: rosmarinho [<i>bot. planta laminácea (Rosmarinus), muito aromática, de flores dotadas de propriedades estimulantes</i>]” (Costa, 2001, p. 419)</p> <p>(1) “Sinha Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto.” (p. 11)</p> <p>(2) “Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim” (p. 13)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>rosmareno: G. (<i>Rosmarinus</i> el lamiacoj) de du mediteraneaj sp-oj, i.a. la / oficina rosmareno (<i>R. officinalis</i>), tufarbusto kun vintrodaŭraj, ledecaj, liniformaj folioj k kun akselaj, mallongaj grapoloj el hele violetbluaj (malofte blankaj) floroj kun dulipa korolo; kultivata por ornamo k por esenco, uzata kiel spicaĵo k por medicino. (idem)</p> <p>(1) “Njo Viktoria ion serĉas en la kofro, la knaboj iris rompi branĉon de rosmareno por fari rostilon.” (p. 14)</p> <p>(2) “Keikajn minutojn poste, la kavio tordiĝas kaj siblas sur la rostilo el rosmareno” (p. 15)</p> |
| <p>3. aroeira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>aroeira: s.f. 1 design. comum a algumas árvores da fam. das anacardiáceas; daro. (id., p. 291)</p> <p>(1) “Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro” (p. 53)</p> <p>(2) “As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira.” (p. 54)</p> |

| | |
|-------------------|---|
| | <p>EM ESPERANTO:</p> <p>aroejro: sem entrada específica no PIV. “aroejro pluraj anakardiacoj el g. <i>Schinus</i>, tre utilaj pro sia neputrema ligno” (Knoedt, 1997, p. 132)</p> <p>(1/2) “La fostoj ei aroejro estas bone enfiksitaj en ia malmola grundo. [...] La stangoj estas fortike ligitaj per lianoj al la fostoj el aroejro” (p. 70)</p> |
| 4. baraúna | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>baraúna: s.f. m.q. <i>BRAÚNA</i>. (id., p. 399) / braúna: s.f. árvore de até 17 m (<i>Melanaxylon brauna</i>) da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioidea, nativa do Brasil (N.E., S.E., P.R.e S.C.), com uma das mais duras e incorruptíveis madeiras-de-lei brasileiras, acastanhada, quase negra nos espécimes mais velhos, casca us. em curtume, para extração de tintura negra [...] (id., p. 508)</p> <p>(1) “Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas” (p. 16)</p> <p>(2) “Para ir ao quintal onde havia craveiros e panelas de losna, sinha Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna” (p. 56)</p> <p>(3) “Fabiano percorreu o alpendre, olhando a baraúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis” (p. 71)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>barauno: sem entrada específica no PIV. “barauno legumenaca arbo, <i>Melanoxylon braunia</i>, kies preskaŭ nigra ligno estas tre dura” (Knoedt, 1997, p. 132)</p> <p>(1) “Li estas pli forta ol tiuj, li estas kiel la katinguoj kaj baraunoj” (p. 19)</p> <p>(2) ““Por iri en la korton, kie kreskas diantoj kaj absinto en potoj, njo Viktoria eldomiĝas el la fronta pardo, malsuprenpaŝas la korton kaj transiras la kradan pordegon de la barauno” (p. 72 – 73)</p> <p>(3) “Fabiano trairas la verandon, rigardante la baraunon kaj la kadrajn pordegojn, incitante nevideblan hundon kontraŭ nevideblaj bestoj.” (p. 89)</p> |
| | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

5. barreiro

barreiro: s.m. 2 B local onde se tira o barro para fabricar telhas e tijolos. 3 B terreno salitroso aonde vão o gado e animais silvestres em busca de sal. (id., p. 407)

(1) “Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um **barreiro** vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p. 10)

(2) “Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no **barreiro**, enlameados como porcos” (p. 18)

(3) “Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no **barreiro**, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé de turco, e não encontrou motivo para repreendê-los.” (p. 33)

(4) “Tomou a cuia grande, encaminhou-se ao **barreiro**, encheu de água o caco das galinhas, endireitou o poleiro” (p. 36)

(5/6) “Estivera metido no **barreiro** com o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. [...] Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o **barreiro**, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. (p. 47)

(7) “Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao **barreiro**, mas isto lhe trouxe a recordação da palavra infeliz” (p. 49)

(8) “Mas voltariam quando as águas baixassem, tirariam do **barreiro** terra para vestir o esqueleto da casa” (p. 54)

(9) “O **barreiro** também se enchera, atingia a parede da cozinha, as águas dele juntavam-se às da lagoa” (p. 56)

(10) “E Baleia fugiu precipitada, rodeou o **barreiro**, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés” (p. 71)

(11) “O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do **barreiro** ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito” (p. 74)

(12) “Sinha Vitória mandou os meninos para o **barreiro**, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições” (p. 76)

EM ESPERANTO:

(1) argilejo: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de **argilo + ej + o. / argilo:** Sedimenta aŭ rezidua petro tre etgrajna (0,004–0,002 mm), ofte sub formo de glueca, knedeblo tero, konsistanta el aŭ precipe el argilaj mineraloj. **(2) kotejo.** Loko en vojo, kiu kaviĝis k pleniĝis per koto. (idem) “**kotejo:** kotujo, lamaçal, atoleiro, pântano, charco” (Costa, 2001, p. 254)

(1) “Trovinte reziston, li penetras en enfermejon plenan de mortintaj plantoj, ĉirkaŭiras la forlasitan domon, atingas la malantaŭan korton, ekvidas malplenan **argilejon**, arbareton de velkaj katinguoj, arganfoston kaj la daŭrigon de la krala barilo” (p. 10 – 13)

(2) “Okupita pri la hejmaj aranĝoj, akvumante la diantojn kaj la potojn de absinto, malsuprenirante al la trinkejo kun malplena kruĉo kaj revenante kun kruĉo plena, ŝi lasas la filojn liberaj en la **kotejo**, malpuraj kvazaŭ porkoj” (p. 21)

(3) “Ŝi iras ĝis la malalta fenestro de la kuirejo, vidas la knabojn en la **argilejo**. tute malpuraj, kotkovritaj, ili fabrikadas bovojn el argilo, kaj lasas ilin sekiĝi en la suno, apud la fosto de la gruo. Ne trovinte kialon por ilin riproĉi.” (p. 40)

(4) “Ŝi prenas la grandan kalabason, direktas sin al la **argilejo**, replenigas per akvo la trinkujon de la kokinoj kaj ĝustigas ilian grimpilon” (p. 45)

(5/6) “Li enmetiĝis kun la frato en la **argilejon**, farante argilajn bestojn, malpurigante sin per koto. [...] Ĉiuj konataj lokoj estas bonaj: la kaprinejo, la bovinejo, la **argilejo**, la korto, la trinkejo – mondo, en kiu ekzistas realaj vivuloj, la familio de la vakero kaj la bestoj de la bieno” (p. 59)

(7) “Li pensas pri la figuroj forlasitaj apud la **argilejo**, sed tiu reportas la memoron pri la malfeliĉa vorto” (p. 64)

(8) “Sed ili revenus post la malleviĝo de la akvo, elprenus materialon el la **argilejo**, por vesti denove la skeleton de la domo” (p. 70)

(9) “Ankaŭ la **argilejo** plenas je akvo, kiu atingas ĝis la muro de la kuirejo; ĝia akvo kuniĝas kun tiu de la lago” (p. 72)

(10) “Kaj Baleno fuĝas kiel eble rapide, ĉirkaŭas la **argilejon**, eniras la maldekstran korteton, preskaŭtuŝe preteriras la diantojn kaj la potojn kun absinto, sin traŝovas tra truo en la barilo, atingas la korton, kurante per tri piedoj.” (p. 90)

| | |
|-----------------------|--|
| | <p>(11) “Tiu ektondro, tiu fortega bato ricevita sur ia postaĵon kaj la malfacila vojaĝo de la argilejo ĝis la ekstremo de la korto forviŝiĝis el ŝia spirito” (p. 94)</p> <p>(12) “Njo Viktoria sendis la knabojn al la argilejo, sidiĝis en la kuirejo, koncentriĝis, disŝutis sur la argiloplankon semojn de diversaj specoj, faris adiciojn kaj subtrahojn” (p. 98)</p> |
| <p>6. bode</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>bode: s.m. 1 o macho da cabra (<i>Capra hircus</i>); cabrão. 2 caprino, em geral. (id., p. 475)</p> <p>(1/2) “Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. [...] A égua alazã e o bode misturavam-se, ele e o pai misturavam-se também. (p. 41)</p> <p>(3/4/5/6) “Trepado na ribanceira, o coração aos baques, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. [...] O bode ia saltar e derrubá-lo. [...] Se o bode já tivesse bebido, ele experimentaria decepção. [...] Aí o bode se avizinhou e meteu o focinho na água” (p. 42)</p> <p>(7) “Outra vez impelido para a frente, deu um salto-mortal, passou por cima da cabeça do bode, aumentou o rasgão da camisa numa das pontas e estirou-se na areia” (p. 43)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>boko: 1 Virseksulo de remaĉuloj, precipe de kaproj aŭ cervoj. (idem) “boko: bode, cervo (macho), rena (macho)” (Costa, 2001, p. 52)</p> <p>(1/2/3/4) “Li alproksimiĝis al la kaprinejo, aŭdis la maljunan bokon fari grandan bruon per la suprenturnitaj naztruoj, memoris pri ia hieraŭa okazintaĵo. [...] La brunflava ĉevalino kaj la kaproboko intermiksiĝas, li kaj la patro ankaŭ intermiksiĝas. [...] Grimpe sur la krutaĵo, kun la koro bateganta, la pli juna knabo atendas ĝis la boko atingos la trinkejon. [...] La boko saltos kaj lin terenĵetos” (p. 51 – 52)</p> <p>(5/6/7) “Se la boko jam trinkis, li suferos elreviĝon. [...] Nun la boko apudiĝas kaj metas la muzelon enakven. [...] Denove puŝita antaŭen, li faras mortosalton, pasas super la kapon de la boko, pligrandigas la ĉifaĵon sur unu ekstremo de la ĉemizo kaj sterniĝas sursable” (p. 53)</p> |
| | |

| | |
|----------|---|
| 7. cabra | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cabra: s.f. 2 a fêmea da sp. domesticada (<i>Capra hircus</i>). (id., p. 546) (obs: na obra o verbete usado no singular tem outra conotação. Para designar o animal, o autor usa apenas no plural: cabras)</p> <p>(1/2) “O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. [...] Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira. (p. 10)</p> <p>(3) “Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas” (p. 12)</p> <p>(4) “Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras” (p. 13)</p> <p>(5) “Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite” (p. 16)</p> <p>(6) “Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras” (p. 34)</p> <p>(7/8) “Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. [...] Pôs-se a caminhar, banzeiro, até que o irmão e Baleia levaram as cabras ao bebedouro” (p. 41)</p> <p>(9/10) “Agora as cabras se empurravam metendo os focinhos na água, os cornos entrechocavam-se, Baleia, atarefada, latia correndo. [...] Pôs-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra” (p. 42)</p> <p>(11) “O tropel das cabras perdeu-se na ladeira, a cachorrinha ladrou longe” (p. 43)</p> <p>(12/13) “Recordou-se das cabras abatidas a mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando. [...] E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura” (p. 44)</p> <p>(14) “Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (p. 47)</p> |
|----------|---|

(15) “Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das **cabras** molhadas e ouvindo rumores desconhecidos, o tique-taque das pingueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio” (p. 57)

(16) “E Baleia passaria a festa junto às **cabras** que sujavam o copiar” (p. 59)

(17) “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das **cabras**” (p. 70)

(18) “Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das **cabras**” (p. 71)

(19/20) “Os chocalhos das **cabras** tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança. [...] Precisava vigiar as **cabras**: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas” (p. 73)

(21) “Aves matarem bois e **cabras**, que lembrança!” (p. 88)

EM ESPERANTO:

kapro: G. (*Capra*) de remaĉantaj mamuloj el la ordo de parhufuloj, fam. de bovedoj, kun grandaj kornoj k barbo ĉe la mentono. (idem) “**kapro**: cabra (zoo. gênero de mamíferos ruminantes da família dos bóvidos, com chifres ocos, curvados para trás, que compreende a cabra comum, *Capra*)” (Costa, 2001, p. 216)

(1) “La kralo malfermita, la enfermejo de la **kaprinoj** ruinigita kaj ankaŭ dezerta, ia domo de la vakero, fermita, ĉio indikas forlasitecon” (p. 10)

(2) “Li iras preni branĉetojn, alportas de la **kaprinejo** brakplenon da brulligno, duone ronĝitan de termitoj, elŝiras tufojn da makambiro, preparas ĉion por lignofajro” (p. 13)

(3) “La knaboj, grasaj, ruĝvangaj, ludos en la **kaprinejo**, njo Viktoria vestos sin per juoj stampitaj per pompaj floraĵoj” (p. 15)

(4) “La knaboj ruliĝos sur la mola tero de la **kaprinejo**” (p. 16)

(5) “Jes ja, gasto tro longe restinta, amikiĝinta al la domo, al la bovinejo, al la **kaprinejo**, al la zizifo ilin ŝirminta unu nokton” (p. 19)

(6) “Ŝi mallaŭte preĝas Ave-Maria-preĝon, kaj jam trankviliĝinte,

ŝian atenton altiras truo en la **kaprineja** barilo” (p. 41)

(7) ““Li alproksimiĝis al la **kaprinejo**, aŭdis la maljunan bokon fari grandan bruon per la suprenturnitaj naztruoj, memoris pri ia hieraŭa okazintaĵo” (p.51)

(8/9) “Li komencis promeni, ĉagrenite, ĝis kiam la frato kaj Baleno kondukas la **kaprojn** al la trinkejo. [...] Nun la **kaprinoj** interpuŝiĝas, metante ia muzelojn enakven, la kornoj interfrapiĝas. Baleno, taskokonscia, bojas dumkure” (p. 52)

(10) “Li komencas bleki imitante **kaprinon**, por voki la fraton kaj la hundinon” (p. 53)

(11) “La bruego de la **kaproj** malaperas sur la deklivo, la hundino bojas jam de malproksime” (p. 54)

(12/13) ““Li memoras la **kaprinojn** mortigitajn per la pistilo de la pistujo, pendantaj kapomalsupre de ĉevrono de la veranda tegmento, sangantaj. [...] Kaj necesas kreski, fariĝi tiel granda kiel Fabiano, mortigi **kaprinojn** per pistilo de pistujo, porti pintan tranĉilon ĉe la zono” (p. 54 – 55)

(14) “Ĉiuj konataj lokoj estas bonaj: la **kaprinejo**, la bovinejo, ta argilejo, la korto, la frmnkejo – mondo, en kiu ekzistas realaj vivuloj, la familio de la vakero kaj la bestoj de la bieno” (p. 59)

(15) “Post la balaado de la argiloplanko per la balaileto, ŝi glitos inter la ŝtonojn, sin volve kuntiros, endormiĝos en la varmo, flarante la odoron de la malsekaj **kaprinoj** kaj aŭdante nekonatajn bruojn, la tiktakon de la gutuoj, la kanton de la bufoj, la blovon de la plena rivero” (p. 74)

(16) “Kaj Baleno pasigus la feston apud la **kaprinoj** malpurigantaj la korton” (p. 76)

(17) “Ŝi estas kvazaŭ ano de la familio: La tri ludadas kune, aŭ pli bone, inter ili ne ekzistas diferenco, ili sin rulas en la sablo de la rivero kaj en la mola sterko, kiu pli kaj pli kreskas kaj minacas tute kovri la **kaprinejon**” (p. 88)

(18) “Ŝi sin direktas al la verando, sed timante renkonti Fabianon, malproksimiĝas celante la **kaprinejon**” (p. 90)

(19/20) “La tintiloj de la **kaprinoj** sonas el la direkto de la rivero, la fetoro de la kaprinejo disvastiĝas en la najbaraĵo. [...] Ŝi devintus gardi la **kaprinojn**: Tiomomente odoroj de pumoj certe cirkulas laŭ la riverbordaj krutaĵoj, trakuras ta tufojn malproksimajn” (p. 94)

(21) “Birdoj mortigi bovojn kaj **kaprinojn**, kiu ideo!” (p. 113)

| | |
|--------------------------|---|
| <p>8. caititu</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>caititu: s.m. 3 MASTZOO mamífero artiodátilo da fam. dos taiacuídeos (<i>Tayassu tajacu</i>), diurno e florestal, encontrado nos E.U.A. ao Norte da Argentina, com cerca de 90 cm de comprimento e pelagem cinza-escuro com uma faixa branca no pescoço, em forma de colar; catete, cateto, pecari, porco-do-mato, tateto [...] (id., p. 564) “pekario: pecari [zoo. espécie de porco (Pecari) da América do Sul, caititu, porco-do-mato, queixada, tajacutirágua]” (Costa, p. 363)</p> <p>(1) “Irritou-se. Por que seria que aquele safado batia os dentes como um caititu?” (p. 84)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>pekario: Sp. (<i>Tayassu pecari</i>) de Amerika mamulo el la subordo de parhufuloj, fam. de suedo, kun forte odoranta glando sur la dorso. (idem) “pekario: pecari [zoo. espécie de porco (<i>Pecari</i>) da América do Sul, caititu, porco-do-mato, queixada, tajacutirágua]” (Costa, 2001, p. 363)</p> <p>(1) “Li koleriĝas. Kial tiu fripono kunfrapas la dentojn kvazaŭ pekario?” (p. 107)</p> |
| <p>9. capão</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>capão: s.m. 1 formação arbórea de pequena extensão, volume e composição variados, e de aspecto diverso da vegetação que a circunda; caapuã, capuão, capião de mato, ilha de mato. (id., p. 606) (obs: ocorre apenas no plural – capões)</p> <p>(1) “Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente” (p. 47)</p> <p>(2/3) “As moitas e capões de mato onde viviam seres misteriosos tinham sido violados. [...] Eram muitas, com certeza havia uma infinidade de sapos nas moitas e nos capões” (p. 56)</p> <p>(4) “Fabiano meteu-se na vereda que ia desembocar na lagoa seca, torrada, coberta de catingueiras e capões de mato” (p. 82)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> |

| | |
|----------------------------|--|
| | <p>arboinsulo: sem entrada específica no PIV. Verbetes proveniente de arbo + insulo. / arbo: Multjara ligneca planto kun ĝenerale nur unu ĉefa tigo, kies nuda bazparto estas nomata trunko, kiu supre dividiĝas je pli-malpli larĝa branĉaro. / insulo: Terparto, ĉiuflanke ĉirkaŭita de akvo. (idem) “arbo: árvore” (Costa, 2001, p. 27). “insulo: ilha” (Costa, 2001, p. 192).</p> <p>(1) “Transe ekzistas montaro malproksima kaj blueta, monto, kiun la hundino vizitas por ĉasi kaviojn, padoj preskaŭ nepercepteblaj tra ia kaatingo, tufoj kaj arboinsuloj, nepenetrebiaj densejoj de makambiro – kaj tie svarmas loĝantaro da vivaj ŝtonoj kaj plantoj, kiu agas kvazaŭhome” (p. 59 – 60)</p> <p>(2/3) “La tufoj kaj arboinsuloj, kie vivas misteraj estuloj, estis perfortitaj. [...] estas multaj, certe ekzistas senfina kvanto da bufoj en la tufoj kaj en la arboinsuloj” (p. 73)</p> <p>(4) “Fabiano eniras la padon kondukantan al la lago sekiĝinta, rostita, kovrita per katinguoj kaj arboinsuloj.” (p. 105)</p> |
| <p>10. cascalho</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cascalho: s.m. 1 conjunto de lascas de pedra proveniente do trabalho de lavar a cantaria. 2 pedra britada ou lascas de pedra, que ger. se misturam com areia e fragmentos de tijolos, compondo material muito utilizado em construções. (id., p. 642)</p> <p>(1) “Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo.” (p. 100)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>ŝtoneca grundo: expressão sem entrada específica no PIV. (1) ŝtoneca: (ŝtono + eca.) ŝtono: Natura, malmola petra aŭ minerala maso, ĝenerale negranda k movebla. (2) grundo: 1 Tero, rigardata en rilato kun la kreskado de vegetaĵoj. 2 Tero, rigardata kiel bazo por konstruo por starigo de io ktp. 3 Tera supraĵo natura aŭ pretigita, sub tavolo da akvo (kanalo, rivero, maro). (idem). “grundo: terra considerada em relação com o crescimento de vegetais” (Costa, 2001, p. 157). “ŝtono: pedra” (Costa, 2001, p. 472).</p> <p>(1) “Ili alvenos al malproksima terparto, forgesos pri la kaatingo, kie ekzistas malaltaj montoj, ŝtoneca grundo, sekaj riveroj, dornoj, katartoj, bestoj mortantaj, homoj mortantaj.” (p. 127)</p> |
| <p>11. craveiro</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

craveiro: s.m. 1 ANGIOS erva vivaz (*Dianthus caryophyllos*) da fam. das cariofiláceas, de folhas lineares, flores vermelhas, brancas ou variegadas e frutos capsulares; [...] (id, p. 862) (obs: ocorre apenas no plural – **craveiros**)

(1) “Entregue aos arranjos da casa, regando os **craveiros** e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos.” (p. 18)

(2) “Em seguida foi ao quintalzinho regar os **craveiros** e as panelas de losna.” (p. 36)

(3) “Para ir ao quintal onde havia **craveiros** e panelas de losna, sinha Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna” (p. 56)

(4) “E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos **craveiros** e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés” (p. 71)

EM ESPERANTO:

dianto: G. (*Dianthus* el kariofilacoj) de plantoj – du- k plur-jaraj herboj k arbustetoj –, kies unuopaj aŭ arĝintaj floroj havas 5-sepalan, tubforman kalikon, kromkalikon el 2 aŭ pli ol 2 brakteoj, k korolon el 5 grandaj, liberaj, ofte okulfrape koloraj petaloj; ĉ. 300 sp-oj precipe el Eŭropo k Azio, multaj ĝardene kultivataj, i.a. la jenaj plurjaraj herboj. (idem) “**dianto:** cravo (*bot.* a flor do craveiro, *Dianthus*)” (Costa, 2001, p. 82)

(1) “Okupita pri la hejmaj aranĝoj, akvumante la **diantojn** kaj la potojn de absinto, malsuprenirante al la trinkejo kun malplena kruĉo kaj revenante kun kruĉo plena, ŝi lasas la filojn liberaj en la kotejo, malpuraj kvazaŭ porkoj” (p. 21)

(2) “Post tio, ŝi iras en la malgrandan korton akvumi la **diantojn** kaj la potojn kun absinto.” (p. 45 e 46)

(3) “Por iri en la korton, kie kreskas **diantoj** kaj absinto en potoj, njo Viktoria eldomiĝas el la fronta pordo, malsuprenpaŝas la korton kaj transiras la kradan pordegon de la barauno.” (pp. 72 e 73)

(4) “Kaj Baleno fuĝas kiel eble rapide, ĉirkaŭas la argilejon, eniras la maldekstran korteton, preskaŭtuŝe preteriras la **diantojn** kaj la potojn kun absinto, sin traŝovas tra truo en la barilo, atingas la korton, kurante per tri piedoj” (p. 90)

| | |
|--------------------|--|
| 12. catinga | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>catinga: s.f. ANGIOS FITOG m.q. <i>CAATINGA</i> ('vegetação', 'área', 'formação', <i>Tecoma catinga</i>). (id., p. 653)</p> <p>(1) "A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala" (p. 7)</p> <p>(2) "A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas" (p. 8)</p> <p>(3) "Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga" (p. 9)</p> <p>(4) "Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus" (p. 10)</p> <p>(5/6/7) "A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. [...] E a catinga ficaria toda verde. [...] Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas" (p. 12)</p> <p>(8) "A catinga ficaria verde" (p. 13)</p> <p>(9) "A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na catinga a novilha raposa" (p. 15)</p> <p>(10) "Haveria na catinga um barulho medonho" (p. 18)</p> <p>(11) "Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava" (p. 19)</p> <p>(12) "Na catinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se" (p. 25)</p> <p>(13) "Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga" (p. 28)</p> <p>(14) "Em seguida Fabiano subiu ao copiar, saltou na sela, a mulher recuou — e foi um redemoinho na catinga" (p. 39)</p> <p>(15) "Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé de vento, levantando poeira" (p. 44)</p> <p>(16) "Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente" (p. 47)</p> <p>(17) "Como não sabia falar direito, o menino balbuciava</p> |
|--------------------|--|

expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na **catunga**, roçando-se” (p. 48)

(18) “A **catunga** amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelo tinham agitado o sono das pessoas” (p. 53)

(19) “Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na **catunga** torrada” (p. 54)

(20) “De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na **catunga**” (p. 61)

(21) “Depois sairia pelo mundo, iria morrer de fome na **catunga** seca” (p. 80)

(22) “Corcunda, parecia farejar o solo — e a **catunga** deserta animava-se, os bichos que ali tinham passado voltavam, apareciam-lhe diante dos olhos miúdos” (p. 82)

(23) “la arrastá-lo para dentro da **catunga**, entregá-lo aos urubus” (p. 87)

(24) “Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a **catunga** amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados” (95)

(25) “Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a **catunga** onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo” (p. 100)

EM ESPERANTO:

(1) **kaatingo**: sem entrada específica no PIV. (2) **arbustaro** – devenas de **arbusto**: Ligneca planto malpli alta ol arbo (de 0,5 ĝis 6–7 m) sen (*tufarbusto*) aŭ kun (*trunkarbusto*) malalta trunko (ne pli ol 0,5 m) (idem). “**kaatingo** la tupia blanka vegetaĵaro kaj la silva horrida, de Martius, estas la tipa aspekto de la forejoj en la Brazila Nordoriento, ankaŭ en la nordo, de Ŝtato Minas Gerais kaj en parto de Ŝtato Maranhão, vasta, monotona regiono. Ĝin regas du sezonoj: seko kaj vintro kaj ĝin karakterizas malaltaj arboj, ofte dornaj, kiuj perdas la foliojn dum la seko, interniksitaj kun sukzentenaj plantoj, ĉefe kaktaj. Dum la vintro, tuj post la unuaj pluvoj, kvazaŭ mirakle, ekaperas granda vario da herbecaj plantoj; ankaŭ la branĉoj de la kserofitoj refoliĝas kaj verdas kaj la du kunaj nutras kaj regrasigas la brutaron. Dum la seko, preskaŭ ĉiuj senfoliĝas kaj kiel furaĝo restas nur la kaktaco, kiuj sukcesas konservi sian sukcon kaj la zizifoj, kies radikoj ebligas al ĝi konservi

sian foliaron. Kontraste kun la flaŭro, la faŭno estas Ire malriĉa” (Knoedt, 1997, p. 132 – 133).

(1) “La foliaro de la zizifoj aperis de malproksime, tra la senfoliaj branĉoj de la maldensa **kaatingo**” (p. 7)

(2) “La **kaatingo** etendiĝas, kolorigita per svaga ruĝo interpunktita de blankaj makuloj, kiuj estas ostaroj” (p. 8)

(3) “Li vane estis serĉinta radikojn: ia restanta maniokfaruno finiĝis, oni aŭdis ĉe ne unu blekon de bruto perdiĝinta en la **kaatingo**” (p. 9)

(4) “Li surgrimpas la angulpalison de la barilo, ekzamenas la **kaatingon**, sur kiu elstaras blankaj ostaroj kaj la nigro de la katartoj” (p. 13)

(5/6/7) “La **kaatingo** reviviĝos, la semo de la bovaro revenos al la bovinejo, li, Fabiano, fariĝos la vakero de ĉi tiu morta bieno. [...] Kaj la **kaatingo** tute verdiĝos. [...] Li sentas ekvibron en la **kaatingo**, reviviĝon de branĉoj kaj folioj sekaj” (p. 15)

(8) “La **kaatingo** verdiĝos” (p. 16)

(9) “La hundino Baleno kuras antaŭe, kun levita muzelo, serĉante sur la **kaatingo** la vulpokoloran bovidon” (p. 18)

(10) (obs: não há tradução para a passagem)

(11) “Li rigardas la flavan **kaatingon** ruĝigitan de la sunsubiro” (p. 23)

(12) “En ta **kaatingo** li foje bravulas, sed enurbe sin entiras” (p. 30)

(13) “Li imagas la flavan soldaton atakante banditon en la **kaatingo**” (p. 33)

(14) “Fabiano supreniras al la verando, saltas sur la selon, la edzino retropaŝas - kaj fariĝas kirlovento en la **kaatingo**” (p. 49)

(15) “Li saltos sur la dorson de sovaĝa ĉevalo kaj flugos sur la **kaatingo** kvazaŭ ventopuŝo, levante polvon” (p. 55)

(16) “Transe ekzistas montaro malproksima kaj blueta, monto, kiun la hundino vizitas por ĉasi kaviojn, padoj preskaŭ nepercepteblaj tra ia **kaatingo**, tufoj kaj arboinsuloj, nepenetrebiaj densejoj de makambiro – kaj tie svarmas loĝantaro da vivaj ŝtonoj kaj plantoj, kiu agas kvazaŭhome” (p. 59 – 60)

(17) “Ĉar li ne scias ĝuste parou, la knabo balbutas komplikajn

| | |
|-----------------------------------|---|
| | <p>esprimojn, ripetas la silabojn, imitas la blekojn de la bestoj, la bruon de la vento, la sonon de la branĉoj kunfrote knarantaj en la kaatingo” (p. 60)</p> <p>(18) “Tiam la kaatingo flaviĝis, ruĝiĝis kaj la brutaro komencis malgrasiĝi kaj hororaj premsonĝaj vizioj agitis la dormon de la homoj” (p. 69)</p> <p>(19) “Fabiano restis semajnojn kun klinita kresto, fantazianta venĝojn, vidante ia brutaron malfortiĝanta en la rostanta kaatingo” (p. 70)</p> <p>(20) “Vestite per tibiingoj, veŝto kaj brustŝildo, enmetite en karapacon kvazaŭ dazipo, li saltas sur dorson de ĉevalo kaj flugas tra la kaatingo” (p. 79)</p> <p>(21) “Poste li iros en la vastan mondon, maisatmortos en la seka kaatingo” (103)</p> <p>(22) “Ĝiba, li ŝajnas priflari la grundon – kaj la dezerta kaatingo viviĝas, la bestoj, kiu tie preterpasis, revenas, aperas antaŭ liaj malgrandaj okuloj” (105)</p> <p>(23) “Li trenus tiun en ta arbustaron, liverus lin al la katartoj” (p. 111)</p> <p>(24) ““Kuntiriĝinta sur la veranda benko, Fabiano gvatis la flavan kaatingon, kie la sekaj folioj pulvoriĝas, muelitaj de kirloventaj ekpuŝoj kaj la sekaj branĉoj tordiĝas, nigraj, rostitaj” (p. 121)</p> <p>(25) ““Ili alvenos al malproksima terparto, forgesos pri la kaatingo, kie ekzistas malaltaj montoj, ŝtoneca grundo, sekaj riveroj, dornoj, katartoj, bestoj mortantaj, homoj mortantaj.” (p. 127)</p> |
| <p>13. catingueira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>catingueira: s.f. 1.1 árvore (<i>Caesalpinia gardneriana</i>) de folhas bipenadas e flores amarelas, nativa do Brasil (PI a AL) e cultivada pela casca , de que se extrai tintura amarela, e como ornamental; [...] (id., p. 653)</p> <p>(1) “Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p. 10)</p> <p>(2) “Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas” (p. 16)</p> |

(3) “Chegou à porta, olhou as folhas amarelas das **catingueiras**” (p. 36)

(4) “Ergueu-se, afastou-se, quase livre da tentação, viu um bando de periquitos que voavam sobre as **catingueiras**” (p. 42)

(5/6) “O menino saiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das **catingueiras** murchas, à beira da lagoa vazia. [...] O vento morno que soprava da lagoa fixou-lhe a resolução: esgueirou-se ao longo da parede, transpôs a janela baixa da cozinha, atravessou o terreiro, passou pelo pé de turco, topou o camarada, chorando, muito infeliz, à sombra das **catingueiras**” (p. 46)

(7) “Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das **catingueiras**, e o barulho do rio era como um trovão distante” (p. 51)

(8) “Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de aluvião, alcançava as **catingueiras**, que deviam estar submersas” (p. 52 – 53)

(9/10) “Lembrou-se dos currais feitos de seixos miúdos, sob as **catingueiras**. [...] Atrás da casa, as cercas, o pé de turco e as **catingueiras** estavam dentro da água” (p. 56)

(11) “Ao chegar às **catingueiras**, modificou a pontaria e puxou o gatilho” (p. 71)

(12) “Fabiano meteu-se na vereda que ia desembocar na lagoa seca, torrada, coberta de **catingueiras** e capões de mato” (p. 82)

(13/14/15) “Agitando os chocalhos e os látegos, chegou a mão esquerda, grossa e cabeluda, à cara do polícia, que recuou e se encostou a uma **catingueira**. Se não fosse a **catingueira**, o infeliz teria caído. [...] Grudando-se à **catingueira**, o soldado apresentava apenas um braço, uma perna e um pedaço da cara, mas esta banda de homem começava a crescer aos olhos do vaqueiro” (p. 84)

(16) “Deu um passo para a **catingueira**” (p. 85)

(17) “Olhou a planície torrada, o morro onde os preás saltavam, confessou às **catingueiras** e aos alastrados que o animal tivera hidrofobia, ameaçara as crianças” (p. 93)

(18) “Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as **catingueiras**, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas” (p. 96)

EM ESPERANTO:

katingujo: sem entrada específica no PIV. “**katingujo** legumenaca arbusto, *Caesalpinia pyramidalis*, kiu dum la seko nutras la brutaron” (Knoedt, 1997, p. 133)

(1) “Trovinte reziston, li penetras en enfermejon plenan de mortintaj plantoj, ĉirkaŭiras la forlasitan domon, atingas la malantaŭan korton, ekvidas malplenan argilejon, arbareton de velkaj **katinguoj**, arganfoston kaj la daŭrigon de la krala barilo” (p. 10 – 13)

(2) ““Li estas pli forta ol tiuj, li estas kiel la **katinguoj** kaj baraunoj” (p. 19)

(3) “Ŝi alpordiĝas, rigardas la flavaj folioj de la **katinguoj**.” (p. 45)

(4) “Li leviĝas, foriras preskaŭ liberiĝinte de la tento, vidas aron da konuroj flugantaj super la **katinguoj**” (p. 52)

(5/6) “La knabo foriris indignante pro la maljusto, transiris la korton kaj sin kaŝis sub la velkaj **katinguoj** ĉerande de la malplena lago. [...] La varmeta vento blovanta eldirekte de la lago, decidas ŝian agadon: ŝi sin ŝovas laŭlonge de la muro, superpasas la malaltan fenestron de la kuirejo, transiras la korton, preterpasas la grupon, renkontas la plorantan kunulon, tre malfeliĉan, sub la ombro de la **katinguoj**” (p. 58)

(7) “Terure malvarmas, de la tegoloj gutas pluvo, la vento skuas la branĉojn de la **katinguoj** kaj la bruo de la rivero ŝajnas malproksima tondro” (p. 67)

(8) “Antaŭ kelkaj tagoj la inundo kovris la markojn metitajn lime de la aluvio, atingis la **katinguojn**, kiuj nun devas esti submerĝigitaj” (p. 69)

(9) “Li memoras pri la bovinejoj konstruitaj el etaj ŝtonoj, sub la **katinguoj**” (p. 72)

(10) “Malantaŭe de la domo, la bariloj, la fosto de la grupo kaj la **katinguoj** staras enakve” (p. 73)

(11) “Alveninte al la **katinguoj**, li modifas la celadon kaj tiras ta ellasilon” (p. 89)

(12) “Fabiano eniras la padon kondukantan al la lago sekiĝinta, rostita, kovrita per **katinguoj** kaj arboinsuloj.” (p. 105)

(13/14) “Skuante la vipojn kaj la tintilojn, li proksimigas la

| | |
|----------------------------------|---|
| | <p>maldekstran manon, dikan kaj harplenan, al la vizaĝo de la policisto, kiu malproksimiĝas kaj sin apogas al katingujo. Sen tiu apogo, li estus falinta teren” (p. 107)</p> <p>(15) “Kroĉante sin al la katingujo, la soldato prezentas sole unu brakon, unu kruron kaj unu pecon de la vizaĝo, sed tiu parto de la homo komencas kreski en la okuloj de la vakero” (p. 108)</p> <p>(16) “Li faris paŝon en la direkto de ta katingujo” (p. 109)</p> <p>(17) “Li rigardas la rostitan ebenajon, la monton, kie la kavioj saltadas, konfesas al la opuntioj kaj al la katinguoj, ke la besto ricevis rabion, minacis la infanojn” (p. 119)</p> <p>(18) “Tion Fabiano diradis, pensante pri alies aĵoj: la porkejo kaj la bovinejo, kiuj postulas riparadon, la ĉevalo por la kamparlaboroj, bona kunulo, la grizeta ĉevalino, la katinguoj, la potoj kun absinto, la ŝtonoj de la kuirejo, la stangolito” (p. 122)</p> |
| <p>14. égua alazã</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>égua: s.f. a fêmea do cavalo. (id., p. 1104) + alazão: adj.s.f. que ou o que tem o pelo cor de canela, com uma tonalidade simultaneamente castanha e avermelhada (diz-se de cavalo). (id., p. 137)</p> <p>(1) “A ideia surgiu-lhe na tarde em que Fabiano botou os arreios na égua alazã e entrou a amansá-la.” (p. 39)</p> <p>(2/3/4) “No chão, despidos os couros, reduzia-se bastante, mas no lombo da égua alazã era terrível. [...] Encaminhou-se aos juazeiros, curvado, espiando os rastos da égua alazã. [...] A égua alazã e o bode misturavam-se, ele e o pai misturavam-se também” (p. 41)</p> <p>(5) “Duas grandes se juntaram — e uma tinha a figura da égua alazã, a outra representava Fabiano” (p. 42)</p> <p>(6) “Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas” (p. 96)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>brunflavan ĉevalinon: sem entrada específica no PIV. (blun + flava) (ĉevalo + in + o). / blun: sem entrada. / flava: Samkolora, kiel citrono, oro, matura tritiko. / ĉevalino: lno de ĉevalo. / griza: 1 Havanta koloron, kiu estas miksaĵo de blanka k nigra. (idem).</p> |

| | |
|-----------------------------|--|
| | <p>“brunflava: alazão (cavalo)” (Costa, 2001, p. 130). “ĉevalo: cavalo” (COSTA, 2001, p. 71).</p> <p>(1) “La ideo venis en lian kapon vespere de la tago, kiam Fabiano metis rajdilaron sur la brunflavan ĉevalinon kaj komencis dresi ŝin.” (p. 49)</p> <p>(2/3/4) “Sur la tero, senigita je la ledaĵoj, li sufiĉe malpliigis, sed surdorse de la brunflava ĉevalino li estas terura. [...] Li ĝisiras la zizifojn, kurbiĝinta, gvatante la postsignojn de la brunflava ĉevalino. [...] La brunflava ĉevalino kaj la kaproboko intermiksiĝas, li kaj la patro ankaŭ intermiksiĝas” (p. 51-52)</p> <p>(5) “Du grandaj apudiĝas – unu akiras la formon de la brunflava ĉevalino, la alia reprezentas Fabianon” (p. 53)</p> <p>(6) “Tion Fabiano diradis, pensante pri alies aĵoj: la porkejo kaj la bovinejo, kiuj postulas riparadon, la ĉevalo por la kamparlaboroj, bona kunulo, la grizeta ĉevalino, la katinguoj, la potoj kun absinto, la ŝtonoj de la kuirejo, la stangolito” (p. 122)</p> |
| <p>15. égua ruça</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>égua: s.f. a fêmea do cavalo. (id., p. 1104) + ruço: adj. 1 pardo claro; pardacento. 2 entremeado de fios brancos (diz-se de pelos, cabelo, barba). (id., p. 2481)</p> <p>(1/2) “Conheceu os da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos. A égua ruça, com certeza” (p. 82)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>grizeta ĉevalino: sem entrada específica no PIV. (griza + eta / ĉevalo + ino) griza: Havanta koloron, kiu estas miksaĵo de blanka k nigra. / ĉevalino: Ino de ĉevalo. (idem). “griza: cinzento, griz” (Costa, 2001, p. 156)</p> <p>(1/2) “Li gvatas la grundon kiel kutime, deĉifrente piedsignojn. Li rekonas tiujn de la grizeta ĉevalino kaj de ties ido, markoj lasitaj per grandaj kaj malgrandaj hufoj. La grizeta ĉevalino, certe” (p. 105)</p> |
| <p>16. embira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>embira: s.f. 1 design. comum a várias árvores e arbustos que ocorrem no Brasil, da fam. das timeleáceas, esp. do gên. <i>Daphnopsis</i> e <i>Funífera</i>, muitas tb. conhecidas como embira-branca; embireira, envireira [Encerram dafnina, esp. nas folhas,</p> |

| | |
|--------------------------------|---|
| | <p>venenosas para o gado, e nas cascas, de que freq. se extraem as fibras da parte interna, para confecção de cordas e estopa.] [...] 2 a fibra dessas plantas. (id., p. 1117)</p> <p>(1) “As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas” (p. 9)</p> <p>(2) “Desejou possuir um deles, amarrá-lo com uma embira, dar-lhe comida.” (p. 42)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>liano: Grimpa aŭ volviĝanta planto, havanta radikojn en la grundo, kun tigo fleksebla, ĝenerale alta k ligneca, alfiksiĝanta al apudaj korpoj (arbo, muro, krutaĵo ktp) aŭ sin volvanta ĉirkaŭ ili. (idem) “liano: cipó, enredica” (Costa, 2001, p. 278)</p> <p>(1) “Liaj sandaloj estis eluzitaj ĉekalkanume kaj la liano, servanta kiel laĉo, malfermis tre dolorajn vundojn inter liaj piedfingroj” (p. 10)</p> <p>(2) “Li deziras posedi unu el tiuj, ligi ĝin kun liano kaj doni al ĝi nutraĵon.” (p. 52)</p> |
| <p>17. imburana</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>imburana: s.f. ANGIOS árvore de até 6 m (<i>Bursera leptophloeos</i>) da fam. das burseráceas, nativa da América do Sul, de madeira branca, rija, folhas compostas, flores em racemos axilares e frutos comestíveis, com sementes de que se extrai óleo medicinal; [...] umburana. (id., p. 1575) (obs: ocorre apenas no plural na obra – imburanas)</p> <p>(1) “Trepado na porteira do curral, o menino mais novo torcia as mãos suadas, estirava-se para ver a nuvem de poeira que toldava as imburanas” (p. 39 – 40)</p> <p>(2) “Um pé de vento cobria de poeira a folhagem das imburanas, sinha Vitória catava piolhos no filho mais velho, Baleia descansava a cabeça na pedra de amolar.” (p. 41)</p> <p>(3) “A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia — e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas” (p. 53)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>imburano / umburano: sem entrada específica no PIV.</p> |

| | |
|--------------------------|---|
| | <p>(1) “Grimpe sur la krada pordego de la bovejo, la pli juna knabo tordas la ŝvitajn manojn, streĉiĝas por vidi la polvonubon, kiu nebuligas la imburanojn” (p. 50)</p> <p>(2) “Ventopuŝo kovras per polvo la foliaron de la umburanoj, njo Viktoria plukas pedikojn de sur la kapo de la olda filo. Baleno ripozigas la kapon sur la akrigilo” (p. 51)</p> <p>(3) “Ventegoj elradikigis sukupirojn kaj imburanojn, tondrofulmoj trois – kaj njo Viktoria kaŝis sin kun la filoj en la dormejo, kovrante la orelojn kaj ĉirkaŭvolvante sin per la litkovriloj” (p. 69)</p> |
| <p>18. jatobá</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>jatobá: s.m. 1 design. comum às árvores do gên. <i>Hymenaea</i>, da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, de frutos comestíveis e de que se extrai resina conhecida como copal; [...] (id., p. 1677)</p> <p>(1/2) “Debaixo do jatobá do quadro taramelou com sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. [...] Repetia que era natural quando alguém lhe deu um empurrão, atirou-o contra o jatobá” (p. 24)</p> <p>(3) “Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá” (p. 25)</p> <p>(4) “No quadro, ao passar pelo jatobá, virou o rosto” (p. 63)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>himeneo: G. (<i>Hymenaea</i> el fabacoj), de ĉ. 15 sp-oj de tropikaj arboj el Ameriko k Afriko, produktantaj manĝeblajn fruktojn, lignon similan al tiu de mahagono k kopalon (uzata precipe pasintece). (idem) “himeneo: himenéia (<i>bot.</i> gênero da família das legumináceas, constituída por árvores sul-americanas, das quais se obtém uma resina muito dura, <i>Hymenaea</i>; Inclui o jatobá)” (Costa, 2001, p. 173)</p> <p>(1/2) “Sub la himeneo de la placo li babilas kun njo Rita, potistino, senkuraĝe reveni hejmen. [...] Li ripetas, ke tio estas natura, kiam li ricevas puŝon, kiu lin ĵetas kontraŭ la himeneo” (p. 29)</p> <p>(3) “Ĉe tio la flavulo sonigas fajfilon kaj post kelkaj minutoj la urba taĉmento ĉirkaŭas la himeneon” (p. 31)</p> <p>(4) “Surplace, pasante preter la himeneo, li turnas la kapon” (p. 81)</p> |

| | |
|----------------------------|---|
| <p>19. juazeiro</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>juazeiro: s.m. 1 árvore de até 10 m (<i>Ziziphus joazeiro</i>) da fam. das ramnáceas, nativa do Brasil (PI até MG) de folhas serreadas e trinérveas, inflorescências em cimeiras globosas, drupas amarelas e comestíveis, casca amarga, adstringente e febrífuga; joazeiro, juá. (id., p. 1688)</p> <p>(1/2/3) “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. [...] A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. [...] Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se” (p. 7)</p> <p>(4) “Sinha Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis” (p. 8)</p> <p>(5) “As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos” (p. 9)</p> <p>(6/7) “Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. [...] Mas chegando aos juazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quis acordá-los” (p. 10)</p> <p>(8) “Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede” (p. 12)</p> <p>(9) “Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta” (p. 15)</p> <p>(10) “Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite” (p. 16)</p> <p>(11) “Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde se jogavam cobras mortas, o carro de bois” (p. 21)</p> <p>(12/13) “Os juazeiros do fim do pátio estavam escuros, destoavam das outras árvores. [...] Encaminhou-se aos juazeiros, curvado, espiando os rastos da égua alazã” (p. 41)</p> <p>(14) “A porteira abriu-se, um fartum espalhou-se pelos arredores, os chocalhos soaram, a camisinha de algodão atravessou o pátio, contornou as pedras onde se atiravam cobras mortas, passou os juazeiros, desceu a ladeira, alcançou a margem do rio” (p. 41 – 42)</p> |
|----------------------------|---|

(15/16) “A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com vontade de chegar aos **juazeiros** do fim do pátio. Sinha Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os **juazeiros**?” (p. 53)

(17/18) “O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos **juazeiros**. [...] O rio subia a ladeira, estava perto dos **juazeiros**” (p. 54)

(19) “Encaminhou-se aos **juazeiros**” (p. 72)

(20/21) “Subiu a ladeira, avizinhou-se dos **juazeiros**. [...] Diante dos **juazeiros**, Fabiano apressou-se” (p. 93)

(22) “Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os **juazeiros**” (p. 95)

EM ESPERANTO:

zizifo: G. (*Zizyphus* el ramnacoj) de fal- aŭ daŭra-foliaj arboj k trunkarbustoj kun karnaj drupoj; precipe tropika k subtropika g. de ĉ. 85 sp-oj, pluraj kultivataj por sukerhava, manĝebla k/aŭ medicine uzata drupo. (idem) “**zizifo**: anáfega, jujuba (*bot.* espécie de macieira de frutos doce, *Zizyphus*)” (Costa, 2001, p. 532)

(1/2/3) “Sur la ruĝeca ebeno la **zizifoj** larĝigas siajn verdajn makulojn. [...] La foliaro de la **zizifoj** aperis de malproksime, tra la senfoliaj branĉoj de la maldensa kaatingo. [...] La **zizifoj** proksimiĝis, retrois, malaperis. La pli aĝa filo ekploris, sidigis sin surtere.” (p. 7)

(4) “Njo Viktoria aprobas tiun aranĝon, denove ekĵetas la guturalan interjekcion, signas ai la nevidebiaj **zizifoj**” (p. 8)

(5/6) “La makuloj de la **zizifoj** ree aperis. Fabiano rapidigis la paŝojn, forgesis la malsaton, ia laciĝon, la vundojn. [...] Ili forlasis la riverbordon, akompanis la barilon, supreniris deklivon, alvenis al la **zizifoj**” (p. 10)

(7) “Sed, alveninte al la **zizifoj**, li trovas la knabojn dormantaj kaj ne volas veki ilin” (p. 13)

(8) “Li memoras la fiojn, la edzinon kaj la hundinon, tie supre, sub **zizifo**, soifantaj” (p. 15)

(9) “Li trafis sur la korton, sub **zizifon**, poste posedprenis la neloĝatan domon” (p. 18)

(10) “Jes ja, gasto tro longe restinta, amikiĝinta al la domo, al la

| | |
|-----------|--|
| | <p>bovinejo, al la kaprinejo, al la zizifo ilin ŝirminta unu nokton” (p. 19)</p> <p>(11) “Li atingas la korton, vidas la domon malaltan kaj malhelan, ties nigrajn tegolojn, lasas post si la zizifojn, la ŝtonojn sur kiujn oni ĵetas la mortigitajn serpentojn, la bovoĉaron” (p. 25)</p> <p>(12/13) “La zizifoj kortofinaj malhelis, ili tute malakordis kun la aliaj arboj. [...] Li ĝisiras la zizifojn, kurbiĝinta, gvatante la postsignojn de la brunflava ĉevalino” (p. 51)</p> <p>(14) “La krada pordego malfermiĝis, fetoro disŝutiĝas en la najbaraĵo, sonas la sonoriletoj, la kotona ĉemizeto transiras la korton, ĉirkaŭiras la ŝtonojn kien oni ĵetas la mortigitajn serpentojn, preterpasas la zizifojn, malsupreniras la deklivon, atingas la riverbordon” (p. 52)</p> <p>(15/16) “La akvo kreskis, suprenfluante la deklivon, ĝi emis ĝisatingi la zizifojn kortofinajn. Njo Viktoria ĉirkaŭiris timigita. Cu eblos ke la akvo tuŝos la zizifojn?”</p> <p>(17) “La ventumiio zumas kaj la bruoj de la inundo estas biovo, kiu mallaŭtiĝadas transe de la zizifoj” (p. 70)</p> <p>(18) “La rivero supreniris la deklivon, proksimiĝis al la zizifoj” (p. 71)</p> <p>(19) “Tiam ŝi sin direktas al la zizifoj” (p. 90)</p> <p>(20/21) “Li ascendas la deklivon, alproksimiĝas al la zizifoj. [...] Antaŭ la zizifoj, Fabiano rapidigas la paŝojn” (p. 119)</p> <p>(22) “Ili transiris la korton, en la duonlumo forlasis la porkejon kaj la bovinejon malplenajn, kun malfermitaj kradpordoj, la bovoĉaron putriĝantan, la zizifojn” (p. 121)</p> |
| 20. losna | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>losna: s.f. ANGIOS m.q. <i>ABSINTO</i> (<i>Artemisia absinthium</i>). (id., p. 1784) / absinto: s.m. 1 ANGIOS erva aromática (<i>Artemisia absinthium</i>) da fam. das compostas, muito ramosa, nativa da Europa e cultivada em todo o mundo, esp. pelas raízes e folhas, us. em infusão e de que se extrai óleo volátil tóxico, us. no licor de absinto, com ação sobre o sistema nervoso; [...] (id., p. 30)</p> <p>(1) “Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos” (p. 18)</p> |

| | |
|-----------|---|
| | <p>(2) “Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as painéis de losna” (p. 36)</p> <p>(3) “Para ir ao quintal onde havia craveiros e painéis de losna, senha Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna” (p. 56)</p> <p>(4) “E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às painéis de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés.” (p. 71)</p> <p>(5) “Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as painéis de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas” (p. 96)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>absinto: Sp. de artemizio (<i>Artemisia absinthium</i>) el Eŭropo, plurjara herbo kun unu- aŭ duoble plume dividaj, silkhare feltaj folioj; amar-aroma ekstrakto el la planto estas uzata por fabrikado de absinto. (idem) “absinto: bot. absíntio, losna” (Costa, 2001, p. 2)</p> <p>(1) “Okupita pri la hejmaj aranĝoj, akvumante la diantojn kaj la potojn de absinto, malsuprenirante al la trinkejo kun malplena kruĉo kaj revenante kun kruĉo plena, ŝi lasas la filojn liberaj en la kotejo, malpuraj kvazaŭ porkoj” (p. 21)</p> <p>(2) “Post tio, ŝi iras en la malgrandan korton akvumi ta diantojn kaj la potojn kun absinto” (p. 45 – 46)</p> <p>(3) “Por iri en la korton, kie kreskas dianto kaj absinto en potoj, njo Viktoria eldomiĝas el la fronta pardo, malsuprenpaŝas la korton kaj transiras la kradan pordegon de la barauno” (p. 72 – 73)</p> <p>(4) “Kaj Baleno fuĝas kiel eble rapide, ĉirkaŭas la argilejon, eniras la maldekstran korteton, preskaŭtuŝe preteriras la diantojn kaj la potojn kun absinto, sin traŝovas tra truo en la barilo, atingas la korton, kurante per tri piedoj.” (p. 90)</p> <p>(5) “Tion Fabiano diradis, pensante pri alies aĵoj: la porkejo kaj la bovinejo, kiuj postulas riparadon, la ĉevalo por la kamparlaboroj, bona kunulo, la grizeta ĉevalino, la katinguoj, la potoj kun absinto, la ŝtonoj de la kuirejo, la stangolito” (p. 122)</p> |
| 21. louro | EM PORTUGUÊS: |

| | |
|--|---|
| | <p>louro s.m sem entrada específica no GDH. (obs: pelo contexto da obra de trata de um papagaio) papagaio s.m. ORN design. Comum a diversas aves psitacíformes da fam. dos psitacídeos, esp. do gên. <i>Amazona</i>, que possuem plumagem de coloração verde, com variações de cores na cabeça, fronte, bochechas, encontro e espelho alar; ajeru, Ajuru, ajurujuru, jeru, juru, loiro, louro (algumas spp. conseguem pronunciar palavras com perfeição, por isso são muito comercializadas clandestinamente). (id., p. 2120)</p> <p>(1) “O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra” (p. 9)</p> <p>(2) “Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: — ‘Meu louro’” (p. 35)</p> <p>(3) “Pobre do louro” (p. 36)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>loro: sem entrada específica no PIV. “loro familiare: papago, imite de ĝia kriĉo” (Knoedt, 1997, p. 133)</p> <p>(1) “La loro abojis, perante neekzistan bovaron, kaj bojis, imitante la hundinon” (p. 9)</p> <p>(2/3) “Kompatinda papago. Ĝi kunvojaĝis ene de la kaĝo balanciĝanta sur la lada kofro. Ŝi balbutas: ‘Mia loro’. [...] Povra loro” (p. 45)</p> |
| <p>22. macambira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>macambira: s.f. 1 planta terrestre ou epífita (<i>Bromelia laciniosa</i>), da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos, us. para extração de fibras ou como ração. (id., p. 1799)</p> <p>(1) “Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira” (p. 10)</p> <p>(2) “Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas” (p. 12)</p> <p>(3) “Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente.” (p. 17)</p> |

(4) “Baleia não podia achar a novilha num banco de **macambira**, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil — bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal” (p. 17 – 18)

(5) “Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de **macambira** — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente” (p. 47)

(6) “Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de **macambira**” (p. 48)

(7/8) “A alma dele pôs-se a fazer voltas em redor da serra azulada e dos bancos de **macambira**. [...] E nos bancos de **macambira**, rendilhados de espinhos, surgiam cabeças chatas de jararacas” (p. 49)

(9) “Nunca vira um deles, confundia-os com os habitantes invisíveis da serra e dos bancos de **macambira**” (p. 56)

EM ESPERANTO:

makambiro: sem entrada específica no PIV. “**makambiro** bromeliaco, *Bromelia laciniosa*, el kies folioj la loĝantaro malsatanta, dum la seko preparas specon de pano, kiu tamen havas neniun nutrovaloron” (Knoedt, 1997, p. 133)

(1) “Li iras preni branĉetojn, alportas de la kaprinejo brakplenon da brulligno, duone ronĝitan de termitoj, elŝiras tufojn da **makambiro**, preparas ĉion por lignofajro” (p. 13)

(2) “Poste li kalkansidiĝas, traserĉas la ĉasujon, elprenas silikon kaj ŝtalpecon, fajrigas radikojn de **makambiro**, blovas sur ilin, ŝveligante la kavajn vangojn” (p. 15)

(3/4) “Baleno denove ekflugas inter la **makambiroj**, vane. [...] Baleno ne povus trovi la bovidon en densejo de **makambiroj**, sed konvenas ke la knaboj kutimiĝu al facila ekzerco – klakfrapi la manojn, malstreĉiĝi per laŭtaj krioj, akompani la movojn de la besto” (p. 21)

(5) “Transe ekzistas montaro malproksima kaj blueta, monto, kiun la hundino vizitas por ĉasi kaviojn, padoj preskaŭ nepercepteblaj tra ia kaatingo, tufoj kaj arboinsuloj, nepenetrebiaj densejoj de **makambiro** – kaj tie svarmas loĝantaro da vivaj ŝtonoj kaj plantoj, kiu agas kvazaŭhome” (p. 59 – 60)

| | |
|--|--|
| | <p>(6) “Ostoj kaj ŝtonetoj foje transformiĝas en estulojn, kiuj loĝatigas la tufojn, la monton, la malproksiman montaron kaj la densejojn da makambiroj” (p. 60)</p> <p>(7/8) “Lia animo komencas fari rondojn ĉirkaŭ la blua montaro kaj de la kunkreskaĵoj de makambiro. Fabiano diras, ke sur la montaro ekzistas nestegoj de pumoj. Kaj en la kunkreskaĵaroj de makambiroj, ĉirkaŭitaj per dornoj, aperas la plataj kapoj de botropoj” (p. 63 – 64)</p> <p>(9) “Li neniam vidintis unu tian, kaj intermiksas ilin kun la nevideblaj loĝantoj de la tero kaj de la densejoj de makambiro” (p. 73)</p> |
| <p>23. mandacaru</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>mandacaru: s.m. 1 design. comum a várias plantas do gên. <i>Cereus</i>, da fam. das cactáceas. (id., p. 1830)</p> <p>(1) “A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus” (p. 12)</p> <p>(2) “Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques” (p. 16)</p> <p>(3) “Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação, encher os cestos, dar pedaços de mandacaru ao gado” (p. 17)</p> <p>(4/5) “Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru. Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos” (p. 20)</p> <p>(6) “Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina” (p. 34)</p> <p>(7) “Escurecera de repente, os xiquexiques e os mandacarus haviam desaparecido” (p. 48)</p> <p>(8) “Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença” (p. 74)</p> <p>(9) “Cortar mandacaru, ensebar látegos — aquilo estava no sangue” (p. 79)</p> <p>(10) “Os mandacarus e os alastrados vestiam a campina, espinho, só espinho. E Baleia aperreava-o” (p. 97)</p> <p>(11) “Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru,</p> |

| | |
|-----------|--|
| | <p>secando, morrendo” (p. 98)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>mandakaruo: sem entrada específica no PIV. “mandakaruo kakt</p> <i>o</i> , <i>Cereus jamacuru</i> , arboforma, kun dika kaj disbranĉiganta trunko, ligna ĉebaze. Dum la seko, nutraĵo por la brutaro” (Knoedt, 1997, p. 133) <p>(1) “Malvarmeta brizo tuŝas la opuntiojn kaj la mandakaruojn” (p. 15)</p> <p>(2) “Li rigardas la rampokardojn, la mandakaruojn, la opuntiojn” (p. 19)</p> <p>(3) “Li nepre bezonas paroli kun la edzino, forigi tiun perturbon, plenigi la korbojn, manĝigi pecojn de mandakaruo al la bovoj” (p. 21)</p> <p>(4/5) “En la tuta ĉirkaŭaĵo ĉio estas seka. Kaj ankaŭ la mastro estas seka, kverelema, postulema kaj ŝtelema, pika kiel la kakt</p> o mandakaru o. Nepras, ke la filoj eniru la ĝustan vojon, ke ili lernu dispecigi mandakaru on por la bovoj, ripari barilojn kaj rnalsovaĝigi brutojn” (p. 24) <p>(6) “Ŝi intencas vek</p> <i>i</i> lin kaj demandi, sed distriĝas rigardante la opuntiojn kaj mandakaruojn reliefiĝantajn en la kamparo” (p. 41) <p>(7) “Mallumiĝis subite, la opuntioj kaj la mandakaruoj malaperis” (p. 60)</p> <p>(8) “Sed la cetero de la korpo kuntiriĝas, dornoj de mandakaruo penetris en la karnon duone ronĝitan de la malsano” (p. 95)</p> <p>(9) “Detranĉi mandakaruon, seboŝmiri vipojn - tio enestas en la sango” (p. 101)</p> <p>(10) “La mandakaruoj kaj la vepraroj vestas la kamparon, dornoj, nur dornoj, dum Baleno lin ĉagrenas” (p. 123)</p> <p>(11) “Se ŝi restus silenta, ŝi fariĝus kvazaŭ mandakaruo, ŝi sekiĝus kaj mortus” (p. 124)</p> |
| 24. marrã | <p>EM PORTUGUËS:</p> <p>marrã: s.f. 1 porca nova que parou de mamar. (id., p. 1858)</p> <p>(1/2) “Se vendesse as galinhas e a marrã? Infelizmente a excomungada raposa tinha comido a pedrês, a mais gorda. [...]</p> |

| | |
|-------------|--|
| | <p>Venderia as galinhas e a marrã, deixaria de comprar querosene. (p. 38)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>porkido: sem entrada específica no PIV. (porko + ido) / porko: Doma dikhaŭta mamulo (<i>Sus scrofa domesticus</i>) el la ordo de parhufuloj, fam. de suedoj, ne remaĉanta, kiun oni grasigas por homa nutrado. (idem) “porkido: marrão (pequeno porco que deixou de mamar)” (Costa, 2001, p. 383)</p> <p>(1) “Se ŝi vendus la kokinojn kaj la porkidon? Bedaŭrinde la damnita vulpo formanĝis la grizmakulitan, la plej grasan” (p. 47)</p> <p>(2) “Ŝi vendos la kokinojn kaj la porkidon, rezignos la aĉetadon de keroseno” (p. 48)</p> |
| 25. mulungu | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>mulungu: s.m. 1.1 árvore de até 20 m (<i>Erythrina falcata</i>), com madeira branca, folhas trifolioladas, flores escarlates e vagens lineares, nativa do Brasil (MG, RJ, SP) e muito cultivada como ornamental; [...] (id., p. 1979)</p> <p>(1) “O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações.” (p. 88)</p> <p>(2) “Aquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas” (p. 89)</p> <p>(3) “Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível” (p. 89 – 90)</p> <p>(4) “Tornou a sentar-se na ribanceira, atirou muitas vezes nos ramos do mulungu, o chão ficou todo coberto de cadáveres” (p. 91)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>arbo de la koralfloroj / koralflorujo: sem entrada específica no PIV. (koralo + floro) / (1) Koralo: Kalka, pli-malpli arboforma skeleto de diversaj kolonioj de kniduloj, ordinare fiksiĝinta al submaraj rokoj, el kiu oni faras ornamaĵojn. / (2) floro: Plantparto, ĝenerale kolora, ofte bonodora, enhavanta la reproduktiĝajn organojn (stamenoj k/aŭ pistilo), kiujn ĉirkaŭas specialaj folioj (petaloj k sepaloj). (idem). “arbo: árvore” (COSTA, 2001, p. 27). “floro: flor” (Costa, 2001, p. 131). “koralo: coralíneo, de coral” (Costa, 2001, p. 251).</p> |

| | |
|-------------------------------|---|
| | <p>(1) “La koralfloran arbon de la trinkejo tute kovras bandokolumboj” (p. 113)</p> <p>(2) “En tiu momento, la arbo de la koralfloroj apud la trinkejo, senfolia kaj senflora, nuda branĉaro, ornamas sin per plumoj” (p. 114)</p> <p>(3) “Aŭdiĝas freneza frapado de flugiloj super la kavaĵo de nigra akvo, la seka branĉaro de la koralflorujo estas tute nevidebla” (p. 115)</p> <p>(4) “Li residigas sin sur la krutaĵo, pafas multfoje al la branĉoj de la koralflorujo, la grundo tute kovriĝas per kadavroj” (p. 117)</p> |
| <p>26. pé de turco</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>pé de turco: sem entrada específica no dicionário. / turco: s.m. m.q. <i>ESPINHO-DE-JERUSALÉM</i>. (id., p. 2787 e 2788) / espinho-de-jerusalém: s;m. ANGIOS árvore de até 12 m (<i>Parkinsonia aculeata</i>), da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, com espinho de 3 cm, madeira dura e compacta, us. em carpintaria, para carvão e polpa para papel, folhas paripenadas, flores amarelo-alaranjadas, aromáticas, em grandes racemos, e vagens lineares, contraídas entre as sementes; rosa-da-turquia, sina-sina, turco, [...] (id., p. 1232)</p> <p>(1) “Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p. 10)</p> <p>(2) “Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé de turco, e não encontrou motivo para prendê-los” (p. 33)</p> <p>(3) “O vento morno que soprava da lagoa fixou-lhe a resolução: esgueirou-se ao longo da parede, transpôs a janela baixa da cozinha, atravessou o terreiro, passou pelo pé de turco, topou o camarada, chorando, muito infeliz, à sombra das catingueiras” (p. 46)</p> <p>(4) “Atrás da casa, as cercas, o pé de turco e as catingueiras estavam dentro da água” (p. 56)</p> <p>(5) “Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto.” (p. 71)</p> |

| | |
|---------------|---|
| | <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) grufosto: sem entrada específica no PIV. (gruo + fosto) / gruo: 1. G. (<i>Grus</i>) de migrantaj birdoj el la ordo de gruformaj, kun longaj, maldikaj kruroj k kolo, kun longa, pinta beko k kun mallonga posta piedfingro. 2. Levmaŝino, konsistanta ĝenerale el oblikva brako, kies supra parto portas pulion; oni levas ŝarĝon per ŝnurego aŭ ĉeno suriranta tiun pulion, k tirata per malsupra vinĉo. / fosto: Trabo el rigida materialo (trabo: Longa, dika, ortangul-sekca peco de arbo laŭlonge segita, ĝenerale servanta kiel elemento de ĉarpentaĵo). / arganfoston: sem entrada específica no PIV. / argano: Metala ĉarpentaĵo, portanta la drilegon de naftoŝakto. (idem). “argano: guindaste, aparelho para levantar grandes pesos” (COSTA, 2001, p. 28). “gruo: grua (espécie de guindaste)” (Costa, 2001, p. 157)</p> <p>(1) “Trovinte reziston, li penetras en enfermejon plenan de mortintaj plantoj, ĉirkaŭiras la forlasitan domon, atingas la malantaŭan korton, ekvidas malplenan argilejon, arbareton de velkaj katinguoj, arganfoston kaj la daŭrigon de la krala barilo” (p. 10-13)</p> <p>(2) “Ŝi iras ĝis la malalta fenestro de la kuirejo, vidas la knabojn en la argilejo. Tute malpuraj, kotkovritaj, ili fabrikadas bovojn el argilo, kaj lasas ilin sekiĝi en la suno, apud la fosto de la gruo. Ne frovinte kiaion por ilin riproĉi” (p. 40)</p> <p>(3) “La varmeta vento blovanta eldirekte de la lago, decidus ŝian agadon: ŝi sin ŝovas laŭlonge de la muro, superpasas la malaltan fenestron de la kuirejo, transiras la korton, preterpasas la gruon, renkontas la plorantan kunulon, tre malfeliĉan, sub la ombro de la katinguoj” (p. 58)</p> <p>(4) “Malantaŭe de la domo, la bariloj, la fosto de la gruo kaj la katinguoj staras enakve” (p. 73)</p> <p>(5) “Li ekzamenas la korton, vidas Balenon frotante siajn senharaĵojn kontraŭ la grufosto, levas la pafilon ĝisvizaĝe.” (p. 89)</p> |
| 27. periquito | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>periquito: s.m. 7 m.q. esp. periquito, de <i>perico</i> ‘espécie de papagaio’. (id., p. 2190)</p> <p>(1/2) “Ergueu-se, afastou-se, quase livre da tentação, viu um bando de periquitos que voavam sobre as catingueiras. [...] Boiaria no ar, como um periquito” (p. 42)</p> <p>(3/4) “Aquela hora os periquitos descansavam na vazante, nas touceiras secas de milho. Se possuísse um daqueles periquitos,</p> |

| | |
|----------|--|
| | <p>seria feliz” (p. 43)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>konuro: G. (<i>Conurus</i>) de papagetoj el S k C Ameriko k el Antiloj, kun forte kurba beko flanke plata, kun longaj pintajflugiloj, kun longa konusforma vosto k kun diverskoloraj desegnaĵoj sur precipe verda fono. (idem) “konuro: conuro (zoo. gênero de papagaios ou periquitos americanos e das Antilhas, de tamanho pequeno ou médio, na maioria, de coloração verde e amarela, <i>Conurus</i>), tiriba, jandaia, periquito, periquito-rei” (Costa, 2001, p.249)</p> <p>(1) “Li leviĝas, foriras preskaŭ liberiĝinte de la tento, vidas aron da konuroj flugantaj super la katinguoj” (p. 52)</p> <p>(2) “Li ŝvebos enaere kvazaŭ konuro” (p. 53)</p> <p>(3/4) “Tiu hore la konuroj ripozas vale sur la sekaj tufoj de maizo. Se li posedus unu el tiuj konuroj, li estus feliĉa” (p. 54)</p> |
| 28. preá | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>preá: s.2g. 1.1 MASTZOO roedor da fam. dos caviídeos (<i>Cavia aperea</i>), de ampla distribuição sul-americana, com cerca de 25 cm de comprimento, pelagem cinzenta, orelhas curtas e cauda ausente. (id., p. 2279)</p> <p>(1) “Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo” (p. 10)</p> <p>(2) “Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá” (p. 11)</p> <p>(3) “Lembrou-se do preá morto” (p. 12)</p> <p>(4/5) “Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim. [...] O preá chiava em cima das brasas” (p. 13)</p> <p>(6) “Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá” (p. 28)</p> <p>(7) “Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente” (p. 47)</p> |

(8) “Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como **preás**” (p. 53)

(9) “Sim, viveriam todos no mato, como **preás**” (p. 54)

(10/11/12) “Sentiu o cheiro bom dos **preás** que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. [...] Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os **preás**, que pulavam e corriam em liberdade. [...] O olfato cada vez mais se embotava: certamente os **preás** tinham fugido” (p. 72)

(13/14/15/16) “E, findos os cochilos, numerosos **preás** corriam e saltavam, um formigueiro de **preás** invadia a cozinha. [...] Acordaria feliz, num mundo cheio de **preás**. [...] O mundo ficaria todo cheio de **preás**, gordos, enormes” (p. 74)

(17) “Olhou a planície torrada, o morro onde os **preás** saltavam, confessou às catingueiras e aos alastrados que o animal tivera hidrofobia, ameaçara as crianças” (p. 93)

EM ESPERANTO:

kavio: G. (*Cavia*) de Amerikaj mamuloj el la ordo de ronguloj, kun hufosimilaj ungegoj, al kiu apartenas i.a. kobajo. (idem) “**kavio**: kobajo cobaia, porquinho-da-índia (zoo. mamífero roedor da família dos cavídeos, muito empregado em experiências médicas, *Cavia*)” (Costa, 2001, p. 225)

(1) “Je tiu momento, Baleno streças la orelojn, sulkigas la muzelon, sentas odoron de **kavioj**, flaras minuton, lokigas ilin sur la monto proksima kaj ekkuras” (p. 13)

(2) “Ili ekdormetas, sed estas vekitaj de Baleno, kiu alportas **kavion** inter ta dentoj” (p. 14)

(3) “Li memoras pri ia morta **kavio**” (p. 15)

(4) “Kelkajn minutojn poste, la **kavio** tordiĝas kaj siblas sur la rostilo el rosmareno” (p. 15)

(5) “La **kavio** siblas sur la braĝoj” (p. 16)

(6) “En tiu treniĝanta vojaĝo, dum la terura seko, kiam ĉiuj mortis pro malsato, la hundineto alportis al ili **kavion**” (p. 33)

(7) ““Transe ekzistas montaro malproksima kaj blueta, monto, kiun la hundino vizitas por ĉasi **kaviojn**, padoj preskaŭ nepercepteblaj tra ia kaatingo, tufoj kaj arboinsuloj, nepenetrebiaj densejoj de

| | |
|-----------|--|
| | <p>makambiro – kaj tie svarmas loĝantaro da vivaj ŝtonoj kaj plantoj, kiu agas kvazaŭhome” (p. 59 – 60)</p> <p>(8) “Se tio okazos, la domo suferos inundon, la loĝantoj estos devigataj supreniri la monton, tie supre vivi dum kelka tempo kvazaŭ kavioj” (p. 69)</p> <p>(9) “Jes, ili dume vivus en la sovaĝejo kvazaŭ kavioj” (p. 70)</p> <p>(10/11/12) “Ŝi sentas la bonan odoron de la kavioj, kiu malsuprenvenas de la montaro, sed la odoro malfortas kaj en ĝi enestas eroj el aliaj vivuloj. Ŝajnas, ke la montaro ege malproksimiĝas. Ŝi sulkgigas la nazon, enspiras la aeron malrapide, dezirante suprenkuri la dek!ivon kaj persekuti la kaviojn, kiuj saltas kaj kuras libere. [...] La flarsento pli kaj pli malakriĝas: certe la kavioj forfuĝis” (p.93)</p> <p>(13/14/15/16) “Kaj jefine de la dormetoj multegaj kavioj kuras kaj saltas, granda aro da kavioj invadas la kuirejon. [...] Si vekios feliĉa en mondo plenplena de kavioj. [...] La tuta mondo pleniĝos je kavioj, grasaj, enormaj” (p. 95)</p> <p>(17) ““Li rigardas la rostitan ebenaĵon, la monton, kie la kavioj saltadas, konfesas al la opuntioj kaj al la katinguoj, ke la besto ricevis rabion, minacis la infanojn” (p. 119)</p> |
| 29. quipá | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>quipá: s.m. ANGIOS m.q. <i>GUIBÁ</i> (<i>Opuntia inamoena</i>). (id., p. 2364) / guibá: s.m. ANGIOS planta (<i>Opuntia inamoena</i>) da fam. das cactáceas, nativa do Brasil (PB até RJ), de caule articulado, epiderme rugosa e flores solitárias; é agressiva ao tato, devido aos gloquídeos que penetram na pele; figo-da-índia, guipá, quipá. (id., p. 1496)</p> <p>(1) “Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques” (p. 17)</p> <p>(2) “A cachorra Baleia saiu correndo entre os alastrados e quipás, farejando a novilha raposa.” (p. 17)</p> <p>(3/4) “Andara cerca de cem braços quando o cabresto de cabelo que trazia no ombro se enganchou num pé de quipá. Desembaraçou o cabresto, puxou o facão, pôs-se a cortar as quipás e as palmatórias que interrompiam a passagem. (p. 82)</p> <p>(5) “Era um facão verdadeiro, sim senhor, movera-se como um raio cortando palmas de quipá” (p. 87)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> |

| | |
|----------------------------------|--|
| | <p>(1) arbustaro: sem entrada específica no PIV. (arbusto + aro) / arbusto: Ligneca planto malpli alta ol arbo (de 0,5 ĝis 6–7 m) sen (<i>tufarbusto</i>) aŭ kun (<i>trunkarbusto</i>) malalta trunko (ne pli ol 0,5 m).</p> <p>(2) kardo: Plantoj el la tipo de karduo, t.e. pikilhavaj (i.a. kun pikilhavaj kapituloj), el la asteracoj (ekz. artiŝoko, centaŭreo, cirsio, ekinopso, karlino, onopordo, silibo) k dipsakacoj (dipsako). (idem) “arbusto: arbusto (menor do que arbedo)” (Costa, 2001, p. 27) “kardo: cardo (<i>bot.</i> planta espinhosa da família das compostas; espécie de cacto)” (Costa, 2001, p. 218)</p> <p>(1) “Li rigardas la rampokardojn, la mandakaruojn, la opuntiojn” (p. 19)</p> <p>(2) “La hundino Baleno ekkuras tra la arbustaro, flaresplorante pri la vulpokolora bovido.” (p. 20)</p> <p>(3/4) “Irinte pli malpli cent klaftojn, la kolbrido el haroj, kiun li portas surŝultre, implikiĝas en rampa kardo. Li malimplikas la kolbridon, elprenas la maĉeton kaj sin okupas fortranĉante la kardojn kaj la nopalojn, kiuj malhelpas trapason” (p. 105 – 106)</p> <p>(5) “Ĝi estas vera maĉeto, jes ja, ĝi moviĝis kvazaŭfulme, tranĉante kardofoliojn” (p. 110)</p> |
| <p>30. quixabeira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>quixabeira: s.f. ANGIOS árvore de até 15 m (<i>Sideraxylon obtusifolium</i>), da fam. das sapotáceas, nativa do Brasil (PI a MG), com espinhos fortes, folhas coriáceas, flores aromáticas e bagas roxo-escuras, doces e comestíveis, [...] (id., p. 2366)</p> <p>(1) “Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, beberam na cuia uns goles de água.” (p. 101)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kiŝabujo: sem entrada específica no PIV. “kiŝabujo sapotaca arbeto, <i>Bumelia satorum</i>, dum la seko nutras la brutaron per siaj folioj kaj fruktoj” (Knoedt, 1997, p. 133)</p> <p>(1) “Ili iris ripozi sub la seka branĉaro de kiŝabujo, maĉis sekan maniok-farunon kaj pecon da viando, trinkis el la kalabaso kelkajn glutojn da akvo.” (p. 128)</p> |
| <p>31. serra</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

serra: s.f. 3 fig. Longa extensão de montanhas, montes ou penedias com picos e quebradas. 4 p.ext. m.q. *MONTE* ('elevação'). (id., p. 2556)

(1) “Além havia uma **serra** distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira — e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente” (p. 47)

(2) “Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a **serra** distante e os bancos de macambira” (p. 48)

(3/4/5/6) “A alma dele pôs-se a fazer voltas em redor da **serra** azulada e dos bancos de macambira. Fabiano dizia que na **serra** havia tocas de suçuaranas. [...] Foi sentar-se debaixo de outra árvore, avistou a **serra** coberta de nuvens. Ao escurecer a **serra** misturava-se com o céu e as estrelas andavam em cima dela” (p. 49)

(7) “Repetiu que não havia acontecido nada e tentou pensar nas estrelas que se acendiam na **serra**” (p. 50)

(8) “Nunca vira um deles, confundia-os com os habitantes invisíveis da **serra** e dos bancos de macambira” (p. 56)

(9) “Marchava direito, a barriga para fora, as costas aprumadas, olhando a **serra** distante” (p. 58 – 59)

(10) “Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na **serra** azulada” (p. 60)

EM ESPERANTO:

(1) montaro: 1 Masivo aŭ ĉeno da kunigitaj montoj, formantaj tuton. 2 Monto, rigardata kiel restadejo, kontraste kun kamparo. **(2) tero:** 1 La solida, firma supraĵo, kiu portas homojn, bestojn k konstruaĵojn. (idem) “**montaro:** montoĉeno cadeira de montanhas, serra, serrania” (Costa, 2001, p. 315) “**tero:** terra, solo, chão” (Costa, 2001, p. 483)

(1) “Transe ekzistas **montaro** malproksima kaj blueta, monto, kiun la hundino vizitas por ĉasi kaviojn, padoj preskaŭ nepercepteblaj tra ia kaatingo, tufoj kaj arboinsuloj, nepenetrebiaj densejoj de makambiro – kaj tie svarmas loĝantaro da vivaj ŝtonoj kaj plantoj, kiu agas kvazaŭhome” (p. 59 – 60)

(2) “Ostoj kaj ŝtonetoj foje transformiĝas en estulojn, kiuj loĝatigas

| | |
|----------------------------|---|
| | <p>la tufojn, la monton, la malproksiman montaron kaj la densejojn da makambiroj.” (p. 60)</p> <p>(3/4) “La knabo kisas ŝian humidan nazon, lulas gin. Lia animo komencas fari rondojn ĉirkaŭ la blua montaro kaj de la kunkreskaĵoj de makambiro. Fabiano diras, ke sur la montaro ekzistas nestegoj de pumoj” (p. 63)</p> <p>(5/6/7) “Li iras sidiĝi sub alia arbo, ekvidas la montaron kovritan per nuboj. Ĉevesperiĝe la montaro miksiĝas kun la ĉielo kaj la steloj movas sin sur ĝi. [...] Li ripetas, ke nenio okazis kaj provas pensi pri la steloj, kiuj ekfajriĝas surmontare” (p. 64)</p> <p>(8) “Li neniam vidintis unu tian, kaj intermiksas ilin kun la nevideblaj loĝantoj de la tero kaj de la densejoj de makambiro” (p. 73)</p> <p>(9) “Li marŝas rekte, kun antaŭenpuŝita ventro, rektigita dorso, rigardante la malproksiman montaron” (p. 76)</p> <p>(10) “Ili supozis, ke ekzistas mondoj diferencaj de la bieno, mondoj mirindaj sur la blua montaro” (p. 78)</p> |
| <p>32. sucupira</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>sucupira: s.f. 1 design. comum a muitas árvores de diferentes gên. Da subfam. papilionoídea , da fam. das leguminosas, , esp. a várias do gên. <i>Diploptropis</i>, ger. cultivadas pelas madeiras nobres ou como ornamentais; [...] (id., p. 2632)</p> <p>(1/2) “Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. [...] Sinha Vitória desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira. (p. 37 - 38)</p> <p>(3) “A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia — e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas” (p. 53)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>sukupiro: sem entrada específica no PIV. “sukupiro legumenaco, <i>Bowdichia virgiliodes</i>, kies bonkvalita ligno estas uzata por fari meblojn, pordojn kaj fenestrojn” (Knoedt, 1997, p. 134)</p> <p>(1) “Ĉio Tomaso havis veran liton, fabrikitan de ĉarpentisto, kun subkrado el sukupiro, peradze glatigita, kun juntoj perguĝe ĉizitaj,</p> |

| | |
|---------------------------|--|
| | <p>ĉio bone enfoidigita kaj kovrita per kruda ledó, rigide streĉita kaj forte surnajlita” (p. 47)</p> <p>(2) “Njo Viktoria deziras veran liton, el ledó kaj sukupiro, egala al tiu de ĉjo Tomaso de la kanmuellila dentrado.” (p. 48)</p> <p>(3) “Ventegoj elradikigis sukupirojn kaj imburanojn, tondrofulmoj trois – kaj njo Viktoria kaŝis sin kun la filoj en la dormejo, kovrante la orelojn kaj ĉirkaŭvolvante sin per la litkovriloj” (p. 69)</p> |
| <p>33. taquari</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>taquari: s.m. 1 ANGIOS árvore de até 7 m (<i>Mabea paniculata</i>), da fam. das euforbiáceas, nativa do Brasil (PA), com ramos tomentosos, folhas de forma variável e inflorescência com muitas flores e brácteas ovadas; [...] 4 ANGIOS m.q. <i>BAMBU-TREPADOR</i> (<i>Chusquea capituliflora</i>).[...] 7 B tubo de cachimbo. (id., p. 2671)</p> <p>(1) “Agachou-se, atičou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro.” (p. 34)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>bambuo: 1 Grupo de ĉ. 45 g-oj (<i>Bambusa</i> k parencaj el poacoj) de tropikaj kanoj kun forte ligneciĝantaj, ĝis 40 m altaj k 30 cm dikaj, kavaj ŝalmoj utiligataj por konstruado de domoj k pontoj, por meblofarado k.a. (idem) “bambuo: bot. bambu; taboca, taquara, cana-brava” (Costa, 2001, p. 41)</p> <p>(1) “Ŝi kalkansindiĝas, incitas la fajron, perkulere prenad braĝon, per ĝi fajrigas la pipon, komencas suĉi la bambuan buŝpecon plenon de tabakfeĉo.” (p. 42)</p> |
| <p>34. urubu</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>urubu: s.m. 1 ORN B design. comum às diversas aves ciconiformes, gên. <i>Caragyps</i> e <i>Cathartes</i>, da fam. dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação. (id., p. 2813)</p> <p>(1/2) ““O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos. [...] Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores” (p. 8)</p> <p>(3) “Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus” (p. 10)</p> |

(4) “Rodeou o chiqueiro, mexendo-se como um **urubu**, arremedando Fabiano” (p. 41)

(5/6) “Interessou-se pelo voo dos **urubus**. Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um **urubu**” (p. 43)

(7) “la arrastá-lo para dentro da catinga, entregá-lo aos **urubus**” (p. 87)

(8) “Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde Baleia aparecera fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos **urubus**” (p. 89)

(9) “Coitadinha, magra, dura, inteiriçada, os olhos arrancados pelos **urubus**” (p. 93)

(10) “Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os **urubus** que farejavam carniça” (p. 98)

(11) “Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, **urubus**, bichos morrendo, gente morrendo” (p. 100)

(12) “la morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de cerca, vendo os **urubus** chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos” (p. 102)

(13) “Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto **urubu**” (p. 102)

(14/15) “Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os **urubus** e o cavalo. [...] — Tenho comido toicinho com mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os **urubus**” (p. 103)

EM ESPERANTO:

katarto: G. (*Cathartes*) de grandaj Amerikaj vulturoj. (idem) “**katarto:** catarte (zoo. gênero típico da família dos catartídeos, que compreende o urubu-caçador e espécies relacionadas extintas, *Cathartes*)” (Costa, 2001, p. 223)

(1/2) “La nigra flugo de la **katartoj** strekas altajn cirklojn ĉirkaŭ mortantaj bestoj. [...] Sed li pensas pri la **katartoj**, la ostaroj, gratas la rufan kaj malpuran barbon, sendecide, ekzamenas la ĉirkaŭaĵon” (p. 8)

(3) “Li surgrimpas la angulpalison de la barilo, ekzamenas la kaatingon, sur kiu elstaras blankaj ostaroj kaj la nigro de la

| | |
|---|---|
| | <p>katartoj” (p. 13)</p> <p>(4) “Li ĉirkaŭiras la kaprinejon, moviante kvazaŭkatarte, imitaĉante Fabianon” (p. 52)</p> <p>(5/6) “Li interesiĝas pri la flugo de la katartoj. Sub la ledaĵoj, Fabiano paŝas stumbe, peze, tute kiel katarto” (p. 53)</p> <p>(7) “Li trenus tiun en la arbustaron, liverus lin al la katartoj” (p. 111)</p> <p>(8) “Li furnas la kapon fronte al la ŝtonoj de la kortekstremo, kie Baleno aperis malvarma, rigida, kun ia okuloj formanĝitaj de katartoj” (p. 115)</p> <p>(9) “Kompatinda, magra, dura, rigida, la okulojn forŝiritajn de la katartoj” (p. 119)</p> <p>(10) “Ŝi apudiĝas al Fabiano, lin apogas kaj apogas sin mern, forgesas la aĵojn en la proksimeco, la dornojn, la bandokolumbojn, la katartojn, kiuj flaras kadavraĵojn” (p. 124)</p> <p>(11) “Ili alvenos al malproksjma terparto, forgesos pri la kaatingo, kie ekzistas malaltaj montoj, ŝtoneca grundo, sekaj riveroj, dornoj, katartoj, bestoj mortantaj, homoj mortantaj” (p. 127)</p> <p>(12) “Mortos la amiko, malgrasega kaj plena de spavinoj, ĉe angulo de la barilo, spektante la alvenon de la katartoj, kiuj ĉirkaŭsaltante minacos beki ĝiajn okulojn” (p. 129)</p> <p>(13) “Ili flugas kaj flugas, ne eblas scii de kie venas tiom da katartoj” (p. 129)</p> <p>(14/15) “Fabiano aprobis la aranĝon, ridetis, forgesis la katartojn kaj la ĉevalon. [...] – Mi jam manĝis lardon kun pli da haroj, deklaras Fabiano, defiante la ĉielon, la dornojn kaj la katartojn” (p. 130)</p> |
| <p>35. xiquexique</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>xiquexique: s.m. 1.1 ANGIOS subarbusto anual (<i>Crotalaria retusa</i>), de folhas simples, flores amarelas, vistosas, e vagens oblongas, de distribuição tropical e us. como adubo verde; [...] (id., p. 2897)</p> <p>(1) “A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus.” (p. 12)</p> <p>(2) “Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques” (p. 16)</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>(3) “Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina” (p. 34)</p> <p>(4) “Escurecera de repente, os xiquexiques e os mandacarus haviam desaparecido” (p. 48)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>opuntio: G. (<i>Opuntia</i>, sin. <i>Cactus</i>, el kaktacoj) de kaktaj diversaspektaj, kun tigoj karakterize artikaj, kun plataj aŭ pli-malpli cilindraj, ovo- aŭ glob-formaj interartikaĵoj, kiuj surhavas akrajn dornojn aŭ pikajn harojn; ĉ. 200 sp-oj el Ameriko, kelkaj naturigitaj en la varmaj regionoj de la Malnova Mondo, i.a. figokakto, multaj aliaj pororname kultivataj. (Idem)</p> <p>(1) “Malvarmeta brizo tuŝas la opuntiojn kaj la mandakaruojn.” (p. 15)</p> <p>(2) “Li rigardas la rampokardojn, la mandakaruojn, la opuntiojn” (p. 19)</p> <p>(3) “Ŝi intencas veki lin kaj demandi, sed distriĝas rigardante la opuntiojn kaj mandakaruojn reliefigantajn en la kamparo” (p. 41)</p> <p>(4) “Mallumiĝis subite, la opuntioj kaj la mandakaruoj malaperis” (p. 60)</p> |
|--|--|

APÊNDICE D – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA ITENS CULTURAIIS

| | |
|------------------------|---|
| <p>1. aboio</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>aboio: s.m. MÚS B canto dolente e monótono, ger. sem palavras, com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam as reses; aboiado. (id, 22)</p> <p>(1/2)” De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado” (p. 61)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> |
|------------------------|---|

| | |
|---------------------------|--|
| | <p>abojo: sem entrada específica no PIV. “abojo lamenta kaj monotona melopeo, per kiu vakeroj kondukas bovaron aŭ vokas perditan bruton” (Knoedt, 1997, p. 132)</p> <p>(1/2) “Rilate lumon, en la bieno ekzistas kuireje la fajro inter la ŝtonoj kaj, pendigita peranse de stango enmetita en la kotmuron, kerosena meĉujo; rilate kanton, la benita de njo Viktoria kaj la abojo de Fabiano. La abojo estas malgaja, kanto monotona kaj senvorta, torporiganta la brutaron.” (p. 78)</p> |
| <p>2. borralho</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>borralho: s.m. cinzas quentes com algumas brasas vivas, borralha. (id., p. 494)</p> <p>(1) “Afangou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.” (p. 47)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) cindro: 1 Restaĵo, ĝenerale grizkolora, de brulinta objekto. / (2) varma: 1 Estiganta la karakterizan sensaĵon, kiun produktas fajro. 2 Perceptita de konscio kiel sidejo de la interna natura brulado (pp korpo aŭ korpopartoj). (idem) “cindro: cinza” (Costa, 2001, p. 65) “varma: quente, calmoso, caloroso, acalorado, vivo” (Costa, 2001, p. 516)</p> <p>(1) “Li ŝin karesas per la fingroj magraj kaj malpuraj kaj la besto kuntiriĝas, por pli bone senti la agrablan kontakton, spertas senton egalan al tiu al ŝi transdonatan de varmaj cindroj.” (p. 59)</p> |
| <p>3. bozó</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>bozó: s.m. 2 ETN LUD BA jogo de dados em que o lance só é descoberto depois de feitas as apostas. [...] (id., p. 500)</p> <p>(1) “Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, com a tentação de arriscá-lo no bozó.” (p.63)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>ĵetkubo: <i>Kubo 2</i>, tiel markita, ke ĉiu kontraŭparo de facoj prezentas adicie sep punktojn, k uzata en hazardludoj. (idem) “ĵetkubo: ludokubo dado de jogar” (Costa, 2001, p. 262)</p> <p>(1) “Li gratas la mentonon, eltiras la poŝtukon, ĝin malligas, kalkulas</p> |

| | |
|-----------------|--|
| | la monon, tentate riski ĝin ĉe ĵetkuboj .” (p. 81) |
| 4. cabra | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cabra s.m. 13 indivíduo determinado, sujeito, cara. 14 indivíduo forte, valente, petulante, brigão. 14.1 freq. Aquele que se coloca a serviço de alguém em troca de pagamento, capanga, criminoso, pistoleiro. (id., p. 546)</p> <p>(1/2) “E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra” (p. 15)</p> <p>(3) “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia” (p. 20)</p> <p>(4) “Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele?” (p. 27)</p> <p>(5) “Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica?” (p. 76)</p> <p>(6) “Se ela tivesse demorado um minuto, Fabiano seria um cabra valente” (p. 83)</p> <p>(7) “Não, era um cabra que se arreliava algumas vezes — e quando isto acontecia, sempre se dava mal” (p. 85)</p> <p>(8) “Cabra ordinário, mofino, encolhera-se e ensinara o caminho” (p. 90)</p> <p>(9) “Cabra safado, mole. Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias” (p. 91)</p> <p>(10/11) “Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. Podia reagir? Não podia. Um cabra” (p. 93)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) bienloĝanto (loĝanto + bieno). loĝanto Persono, kiu loĝas ie. bieno Kampara posedaĵo, kun la agroj, domoj ktp dependantaj de ĝi. (2) mestizo Ido de gepatroj, el kiuj unu estas blankulo, k la alia indiano. (3) aliulo Iu alia. (4) fiulo Persono malestiminda. (5) ulo Individuo, kies ecoj ne estas menciitaj (do ofte kun pejorativa nuanco). (Idem) “loĝanto: morador, habitante” (Costa, 2001, p. 284) “bieno: fazenda propriedade, herdade, domínio, bens de raiz; roça,</p> |

| | |
|--------------------------|--|
| | <p>terras” (Costa, 2001, p. 48) “aliulo: alia homo outrem” (Costa, 2001, p. 13) “mestizo: mestiço (indivíduo proveniente do cruzamento de raças diferentes)” (Costa, 2001, p. 305)</p> <p>(1/2) “Kaj, bone pensate, li ne estas viro, li estas nur mestizo okupata pri la gardado de alies posedaĵoj. Ruĝahaŭta, sunbruligita, bluokula, rufbarba kaj rufhara; sed, ĉar li vivas sur alies proprietaĵo, zorgas pri alies bovaro, li sin senĉapeligas, kuntiriĝas en la ĉeesto de blankuloj kaj sin opinias nura bienloĝanto” (p. 18)</p> <p>(3) “Ne, probable li ne estos homo, li estos vivlonge tiu sarna bienloĝanto, regata de la blankuloj, kvazaŭ bovo en aliula bieno” (p. 24)</p> <p>(4) “Nur ĉar iu senhonta bravulaĉo faras malordon, oni metas aliulon en arestejon, dragas lin?”</p> <p>(5) “Mestizo. Ĉu li kverelus kun riĉaj homoj?” (p. 98 – 99)</p> <p>(6) “Se tio daŭrus, Fabiano nun estus ulo kuraĝa” (p. 106)</p> <p>(7) “Li ne estas ulo, kiu ofte koleriĝas - sed kiam tio okazas, li ĉiam eliras kun malprofito” (p. 108)</p> <p>(8/9) “Fiulo, malkuraĝulo, li sin entiris kaj montrjs la vojon. [...] Fiulo, molaĉa. Se li ne estintus tiel malforta li aniĝus al banditaro kaj farus bravulaĵojn” (p. 116)</p> <p>(10/11) “Fabiano, mizerulo, mestizo, dormas enkarcere kaj ricevas klingobatojn surdorse. Ĉu li povas reagi? Ne, li ne povas. Mestizo” (p. 118)</p> |
| <p>5. cambaio</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cambaio: adj. s.m. 1 que ou quem tem pernas tortas. 2 fig. diz-se de ou indivíduo que tem as pernas fracas, que tem dificuldade em andar ou manter-se de pé; trôpego. 3 <i>p.ext.</i> coxo, manco. (id., p. 583)</p> <p>(1) “Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro” (p. 7)</p> <p>(2) “Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio” (p. 16)</p> <p>(3) “Fabiano tinha caído em pé e recolhia-se banzeiro e cambaio, os arreios no braço” (p. 40)</p> |

| | |
|--------------------------------------|---|
| | <p>(4) “Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando.” (p. 44)</p> <p>(5) “Retomou a posição natural: andou cambaio, a cabeça inclinada. Sinha Vitória, os dois meninos e Baleia acompanharam-no” (p. 59)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kurbakrura: sem entrada específica no PIV. (kurba+ kruro) / (1) kurba: (pp linio aŭ konturo) Tia, ke ĝi estas nek rekta, nek konsistanta el rektaj partoj. / (2) kruro: 2 (<i>crus</i>) Parto de la malsupra (aŭ malantaŭa) membro de la vertebruloj, inter genuo k piedo. / (3) malfirma 1 Ne kapabla elteni premon, subporti pezon; 2 Ne sekura, ŝanĝiĝema./ (4) paŝi (ntr) Meti la piedojn alterne unu antaŭ alia, por sin transloki. (Idem) “kurbakrura: que tem perna curva” (Costa, 2001, p. 261)</p> <p>(1) “Ili sin trenis tien, malrapide, njo Viktoria kun la pli juna filo rajde sur ŝia kokso kaj kun lada kofro surkape. Fabiano, severmiena, malfirme paŝanta, kun ĉasujo teksita el sisalfibroj baltee, kalabaso pendants perrimene de la zono kaj silikfajrila pafilo surŝultre” (p. 7)</p> <p>(2) “Li pendas jen al unu flanko, jen al la alia, kurbakrura, malrekta kaj malbela” (p. 20)</p> <p>(3) “Fabiano falis stare kaj revenis ĉagrenita kaj kurbakrura, portante la rajdilaron” (p. 50)</p> <p>(4) “Kiam li viriĝos, li paŝos tiel, peze, kurbakrure, grave, kun tintantaj spronradoj.” (p. 55)</p> <p>(5) “Li reprenas sian normalan sintenon, marŝas kurbakrure, kun kapo klinita. Njo Viktoria, la du knaboj kaj Baleno lin akompanas” (p. 76)</p> |
| <p>6.cambemb e</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cambembe: adj. 2g. 1 m.q. <i>CAMBAIO</i> (‘que tem pernas tortas’). 4 PE indivíduo livre que trabalhava ao lado dos escravos em serviços da lavoura. (id., p. 583)</p> <p>(1) “Cambembes podiam ter luxo?” (p. 19)</p> <p>(2) “Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas.” (p. 23)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> |

| | |
|------------|--|
| | <p>(1) gravulo. Persono grava. / (2) taglaboristo: Homo dungita por taglabori. (idem) “gravulo: pessoa importante” (Costa, 2001, p.155) “taglaboristo: jornaleiro, diarista” (Costa, p. 269)</p> <p>(1) “Ĉu malgravuloj rajtas lukson?” (p. 23)</p> <p>(2) “Kiel povas homo tiel justa malaperi, kvazaŭ taglaboristo travagi ĉi tiun mondon kun pako surdorse.” (p. 28)</p> |
| 7. cangote | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cangote: s.m. mais us. que <i>COGOTE</i>. (id., p. 598) / cogote: s.m. parte posterior da cabeça; nuca, cachaço. (id., p. 754)</p> <p>(1) “Entregou a espingarda a sinha Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos.” (p. 8)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>ŝultro: 1 Parto de la korpo, kuniganta kun la torako la supron de la brakoj de homo aŭ de la antaŭaj kruroj de besto. (idem) “ŝultro: <i>anat.</i> ombro, espádua” (Costa, 2001, p. 473)</p> <p>(1) “Li transdonas la pafilon al njo Viktoria, prenas la filon sur la ŝultron, leviĝas, kaptas la braketojn falantajn sur lia brusto, molajn, maldikajn, kvazaŭ kruroj de kaprido.” (p. 8)</p> |
| 8. cascudo | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cascudo s.m. 1 pancada na cabeça com o nó dos dedos dobrados; castanha, coque. 2 <i>p. ext.</i> Pancada, bordoadada. (id, p. 643)</p> <p>(1) “Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo” (p. 40)</p> <p>(2) “Naquele dia a voz estridente de sinha Vitória e o cascudo no menino mais velho arrancaram Baleia da modorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem” (p. 46)</p> <p>(3) “Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas” (p. 48 – 49)</p> <p>(4) “Diligenciou afastar do espírito aquela curiosidade funesta, imaginou que não fizera a pergunta, não recebera portanto o cascudo” (p. 49)</p> |

| | |
|----------|--|
| | <p>(5) “Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas” (p. 60)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>surverto (sur + verto) = sem entrada específica no PIV.</p> <p>(1) “Njo Viktoria eligas ekkriion de tedo kaj pro la insisto de la etulo, al li donas surverton” (p. 50)</p> <p>(2) “Tiutage la strida voĉo de njo Viktoria kaj la vertofrapo al la pli olda knabo elŝiris Balenon de ladormemo kaj suspektigas ŝin ke la aferoj ne statas bone” (p. 58)</p> <p>(3) “Li akceptas batojn nature, kiam ia plenkreskuloj koleriĝas, li eĉ pensas, ke ilia kolero estas la sola kaŭzo de la vertofrapoj kaj oreltiroj” (p. 63)</p> <p>(4) “Li faras sian eblon por forigi de la spirito tiun fatalan scivolemon, imagas, ke li ne faris la demandon, tial ne ricevis vertofrapon” (p.64)</p> <p>(5) “Ili kutimiĝas ricevi survertojn kaj oreltirojn” (p. 78)</p> |
| 9. cerca | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cerca: s.f. 1 ARQ CONST obra de madeira, ferro, pedras, arame etc. que delimita, circunda e/ou protege área, terreno, plantação etc. <a c. do curral> <c. de arame farpado> 2 <i>p.met.</i> o espaço assim delimitado; cercado. (id., p. 676) (obs: ocorre em três variações: cerca, cercas e cercadinho)</p> <p>(1) “Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar.” (p. 9)</p> <p>(2/3/4) “Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. [...] Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p. 10)</p> <p>(5) “Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos” (p. 20)</p> <p>(6) “Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais — aproveitara um casco de fazenda sem valor” (p. 29)</p> |

(7/8/9) “Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na **cerca** do chiqueiro das cabras. Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro, foi consertar a **cerca**. Voltou, circulou a casa atravessando o **cercadinho** do oitão, entrou na cozinha” (p. 34)

(10) “Ergueu-se, arrastou-se com desânimo até a **cerca** do bebedouro, encostou-se a ela, o rosto virado para a água barrenta, o coração esmorecido” (p. 43)

(11) “Atrás da casa, as **cercas**, o pé de turco e as catingueiras estavam dentro da água” (p. 56)

(12/13) “Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da **cerca** do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. [...] E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da **cerca** e ganhou o pátio, correndo em três pés” (p. 71)

(14) “Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar **cercas** de inverno a verão” (p. 78 – 79)

(15) “Precisava fatigar-se no lombo de um cavalo ou passar o dia consertando **cercas**” (p. 80)

(16) “Alguns dias antes estava sossegado, preparando látegos, consertando **cercas**” (p. 92)

(17) “Depois voltara aos látegos, às **cercas**, às contas embaraçadas do patrão” (p. 93)

(18/19) “la morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de **cerca**, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos. [...] Talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto de **cerca**” (p. 102)

EM ESPERANTO:

(1) barilo: 1 Vico da lignaj palisoj, fiksitaj en la grundo k transverse kunigitaj, aŭ aranĝo de ŝtonoj metitaj unuj super la aliaj, por apartigi korton, ĝardenon ktp. (idem) “**barilo:** barreira, obstáculo” (COSTA, 2001, p. 42). “**enfermi** tr. encerrar” (Costa, 2001, p. 124)

(1/2/3/4) “Ĉe vojkubuto li ekvidis angulon de **barilo** kaj lin plenigis la espero trovi ion manĝeblan. Li sentis emon kanti. [...] Ili forlasis la riverbordon, akompanis la **barilon**, supreniris deklivon, alvenis al la zizifoj. [...] Trovinte reziston, li penetras en **enfermejon** plenan de

| | |
|--|--|
| | <p>mortintaj plantoj, ĉirkaŭiras la forlasitan domon, atingas la malantaŭan korton, ekvidas malplenan argilejon, arbareton de velkaj katinguoj, arganfoston kaj la daŭrigon de la krala barilo” (p. 10 - 13)</p> <p>(5) “Nepras, ke la filoj eniru la ĝustan vojon, ke ili lernu dispecigi rmandakaruon por la bovoj, ripari barilojn kaj rnalsovaĝigi brutojn” (p. 24)</p> <p>(6) “Li malŝtopigas la trinkejon, riparas la barilojn, kuracas la bestojn – igas senvaloran bienaĉon profitodona” (p. 35)</p> <p>(7/8/9) “Ŝi mallaŭte preĝas Ave-Maria-preĝon, kaj iam trankviliĝinte, ŝian atenton altiras truon en la kaprineja barilo. Ŝi diserigas tabakon inter la polmoj de la dikhaŭtaj manoj, plenigas la argilan pipon, iras ripari la barilon, revenas, ĉirkaŭiras la domon, traitante la flankan barilon, envenas en la kuirejon” (p. 41)</p> <p>(10) “Li leviĝas, sin trenas malvigie ĝis la barilo de la trinkejo, apogas sin sur ĝi, kun la vizaĝo rigardanta la kotan akvon kaj la koro malĝoja” (p. 54)</p> <p>(11) “Malantaŭe de la domo, la bariloj, la fosto de la gruo kaj la katinguoj staras enakve” (p. 73)</p> <p>(12) “Ĉagrenite pro tiu manovro, Fabiano saltas super la fenesfro, ŝovas sin laŭlonge de la bovineja barilo, haltas ĉe la angulfosto kaj denove levas la pafilon alvizaĝe” (p. 89)</p> <p>(13) “Kaj Baleno fuĝas kiel eble rapide, ĉirkaŭas la argilejon, eniras la maldekstran korteton, preskaŭtuŝe preteriras la diantojn kaj la potojn kun absinto, sin traŝovas tra truon en la barilo, atingas la korton, kurante per tri piedoj” (p. 90)</p> <p>(14) “Li venis en la mondon por dresi sovaĝajn brutojn, kuraci vundojn sorĉopreĝe, ripari barilojn ekde somero ĝis vintro” (p. 101)</p> <p>(15) “Li devas sin lacigi sur dorso de ĉevalo aŭ pasigi tutan tagon riparante barilojn” (p. 103)</p> <p>(16) “Ĝis antaŭ kelkaj tagoj li estis trankvila, preparante vipojn, riparante barilojn” (p. 117)</p> <p>(17) “Poste li reiras al la vipoj, al la bariloj, al la implikitaj kalku[oj] de la mastro” (p. 119)</p> <p>(18/19) ““Mortos la amiko, malgrasega kaj plena de spavinoj, ĉe angulo de la barilo, spektante la alvenon de la katartoj, kiuj ĉirkaŭsaltante minacos beki ĝiajn okulojn. [...] Eble ili rondflugas ĉirkaŭ la povra ĉevalo senforte kuŝanta en angulo de la barilo” (p. 129)</p> |
|--|--|

| | |
|-----------------------------|---|
| <p>10.chiqueir</p> <p>o</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>chiqueiro s.m. 1 curral onde são criados ou recolhidos os porcos; pocilga. 2 <i>p. ext.</i> lugar lamacento onde refocilam os porcos. [...] 5 B pequeno curral de ovelhas ou cabras. (Id., p. 702)</p> <p>(1/2) “O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. [...] Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira. (p. 10)</p> <p>(3) “Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas” (p. 12)</p> <p>(4) “Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras” (p. 13)</p> <p>(5) “Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite” (p. 16)</p> <p>(6) “O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam” (p. 28)</p> <p>(7) “Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras” (p. 34)</p> <p>(8) “Dirigiu-se ao chiqueiro, onde os bichos bodejavam, fungando, erguendo os focinhos franzidos” (p. 40)</p> <p>(9/10/11) “Aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. [...] Daí marchou para o chiqueiro — e o projeto nasceu. [...] Rodeou o chiqueiro, mexendo se como um urubu, arremedando Fabiano” (p. 41)</p> <p>(12) “Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (p. 47)</p> <p>(13) “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras” (p. 70)</p> <p>(14) “Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-</p> |
|-----------------------------|---|

se para o **chiqueiro** das cabras” (p. 71)

(15) “Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do **chiqueiro** espalhou-se pela vizinhança” (p. 73)

(16) “As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num **chiqueiro** enorme” (p. 74)

(17) “Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no **chiqueiro** e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade” (p. 77)

(18) “Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o **chiqueiro** e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros” (p. 95)

(19) “Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o **chiqueiro** e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas” (p. 96)

EM ESPERANTO:

(1) kaprinejo: sem entrada específica no PIV. **(2) porkejo:** Loko, kie oni bredas k tenas porkojn. **(3) kapro:** G. (*Capra*) de remaĉantaj mamuloj el la ordo de parhufuloj, fam. de bovedoj, kun grandaj kornoj k barbo ĉe la mentono. (Idem) “**kapro:** cabra (zoo. gênero de mamíferos ruminantes da família dos bóvidos, com chifres ocos, curvados para trás, que compreende a cabra comum, *Capra*)” (Costa, 2001, p. 216)

(1) “La kraio malfermita, la **enfermejo** de la kaprinoj ruinigita kaj ankaŭ dezerta, la domo de la vakero, fermita, ĉio indikas forlasitecon” (p. 10)

(2) “Li iras preni branĉetojn, alportas de la **kaprinejo** brakplenon da brulligno, duone ronĝitan de termitoj, elŝiras tufojn da makambiro, preparas ĉion por lignofajro” (p. 13)

(3) ““La knaboj, grasaj, ruĝvangaj, ludos en la **kaprinejo**, njo Viktoria vestos sin per jupoj stampitaj per pompaj floraĵoj” (p. 15)

(4) “La knaboj ruliĝos sur la mola tero de la **kaprinejo**” (p. 16)

(5) “Jes ja, gasto tro longe restinta, amikiĝinta al la domo, al la bovinejo, al la **kaprinejo**, al la zizifo ilin ŝirminta unu nokton” (p. 19)

(6) La koko frapas per la flugiloj, la kaproj blekas en sia **ejo**, la sonoriletoj de la bovino] tintas” (p. 34)

| | |
|------------------------------------|---|
| | <p>(7) “Ŝi mallaŭte preĝas Ave-Maria-preĝon, kaj jam trankviliĝinte, ŝian atenton altiras truo en la kaprineja barilo” (p. 41)</p> <p>(8) “Li sin direktas al la porkejo, kie la bestoj gruntas, levante la sulkgitajn muzelojn” (p. 50)</p> <p>(9/10) ““Li alproksimiĝis al la kaprinejo, aŭdis la maljunan bokon fari grandan bruon per la suprenturnitaj naztruo, memoris pri ia hieraŭa okazintaĵo. [...] De tie li marŝas al la kaprinejo – kaj la projekto naskiĝas” (p. 51)</p> <p>(11) “Li ĉirkaŭiras la kaprinejon, moviĝante kvazaŭkatarte, imitaĉante Fabianon” (p. 52)</p> <p>(12) “Ĉiuj konataj lokoj estas bonaj: la kaprinejo, la bovinejo, la argilejo, la korto, la trinkejo – mondo, en kiu ekzistas realaj vivuloj, la familio de la vakero kaj la bestoj de la bieno” (p. 59)</p> <p>(13) ““Ŝi estas kvazaŭ ano de la familio: La tri ludadas kune, aŭ pli bone, inter ili ne ekzistas diferenco, ili sin rulas en la sablo de la rivero kaj en la mola sterko, kiu pli kaj pli kreskas kaj minacas tute kovri la kaprinejon” (p. 88)</p> <p>(14) “Ŝi sin direktas al la verando, sed timante renkonti Fabianon, malproksimiĝas celante la kaprinejon” (p. 90)</p> <p>(15) ““La tintiloj de la kaprinoj sonas el la direkto de la rivero, la fetoro de la kaprinejo disvastiĝas en la najbaraĵo.” (p. 94)</p> <p>(16) “La infanoj ruliĝos kune kun ŝi sur la argiloplanko de grandega korto, en grandega kaprinejo” (p. 95)</p> <p>(17) “lun tagon de minacanta malsato li sin helps per la magra porko, kiu ne volis grasiĝi en la porkejo kaj estis rezervita por la Kristnaskaj elspezoj: li ĝin mortigis antaŭ la ĝusta tempo kaj iris vendi ĝin en la bazaro” (p. 99)</p> <p>(18) “Ili transiris la korton, en la duonlumo forlasis la porkejon kaj la bovinejon malplenajn, kun malfermitaj kradpordoj, la bovoĉaron putriĝantan, la zizifojn” (p. 121)</p> <p>(19) “Tion Fabiano diradis, pensante pri alies aĵoj: la porkejo kaj la bovinejo, kiuj postulas riparadon, la ĉevalo por la kamparlaboroj, bona kunulo, la grizeta ĉevalino, la katinguoj, la potoj kun absinto, la ŝtonoj de la kuirejo, la stangolito” (p. 122)</p> |
| <p>11. cigarro de palha</p> | <p>EM PORTUGUÊS</p> <p>cigarro s.m. 1 fino rolo de tabaco picado, ger. enrolado em papel fino (mortalha), e que se destina a ser fumado. [...] c. crioulo B</p> |

| | |
|--------------------------------|---|
| | <p>cigarro feito com palha de milho, cigarro palheiro. (Id., p. 716)</p> <p>(1) “Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha” (p. 15)</p> <p>(2) “Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru” (p. 44)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>pajlocigaredo (pajlo + cigaredo): sem entrada específica no PIV. (1) pajlo: Aro da sekigitaj tigoj k folioj de kultivplantoj, precipe grenspecoj sengrajnigitaj. / (2) cigaredo: Cilindreto da fumtabako, envolvita en maldika papero. (Idem) “cigaredo: cigarro” (Costa, 2001, p. 64) “pajlo: palha, colmo” (Costa, 2001, p. 352)</p> <p>(1) “Alveninte en tian teruran situacion nun li sin trovas forta, eê grasa, fumante sian pajlocigaredon” (p. 19)</p> <p>(2) “Li kreskos, etendos sin sur stangolito, fumos pajlocigaredojn, surmetos krudledajn vestojn” (p. 55)</p> |
| <p>12. cocorote</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>cocorote: s.m. B pancada na cabeça com o nó dos dedos; cascudo. (id., p. 751)</p> <p>(1) “Aí sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.” (p. 46)</p> <p>(2) “Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo” (p. 48)</p> <p>(3) “O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com bainha de faca” (p. 50)</p> <p>(4) “Atirou um cocorote ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens” (p. 70)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>vertofrapo: sem entrada específica no PIV. (verto + frapi) / (1) verto: La supra loko de la homa kapo, kie la haroj faras kirlon (<i>vertex</i>). / (2) frapi: 1 Ektuŝi per rapida movo de mano. 2 Bati, produktante mallongan sonon. (idem)</p> <p>(1) “Je tio njo Viktoria koleriĝis, opiniis lin insolenta kaj donis al li</p> |

| | |
|--------------------------|--|
| | <p>vertofrapon. (p. 58)</p> <p>(2) “Sed ŝi provis konvinki lin per vertofrapo, kaj tio al li ŝajnas absurda” (p. 63)</p> <p>(3) “La infero devas pleni je botropoj kaj pumoj kaj la homoj tie loĝantaj ricevas vertofrapojn, oreltirojn kaj batojn per tranĉilujo” (p. 64)</p> <p>(4) “Ŝi donas surverton sur la kapon volvitan en la ruĝa kovrilo kaj la jupo florstampita.</p> |
| <p>13. curral</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>curral: s.m. 1 lugar ger. cercado onde se prende e/ou recolhe gado, esp. bovino; estábulo, redil. (id., p. 894)</p> <p>(1/2) “O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. [...] Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p. 10)</p> <p>(3/4) “A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. [...] As vacas povoariam o curral” (p. 12)</p> <p>(5) “Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte” (p. 14)</p> <p>(6) “Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite” (p. 16)</p> <p>(7) “Trepado na porteira do curral, o menino mais novo torcia as mãos suadas, estirava-se para ver a nuvem de poeira que toldava as imburanas” (p. 38 – 39)</p> <p>(8) “Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (p. 47)</p> <p>(9) “As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam” (p. 55)</p> <p>(10/11) “Lembrou-se dos currais feitos de seixos miúdos, sob as catingueiras. Agora a lagoa estava cheia, tinha coberto os currais</p> |

que ele construía” (p. 56)

(12) “Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do **curral** ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhante a uma cauda de cascavel” (p. 69)

(13) “Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do **curral**, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto” (p. 71)

(14) “Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o **curral**, vazios, de porteiros abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros” (p. 95)

(15) “Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o **curral**, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as painéis de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas” (p. 96)

EM ESPERANTO:

(1) **kralo**: En Afriko, vasta bruto-korto fermita per palisaro. (2) **bovejo**. Stalo por bovoj. (3) **bovino**: Ino de bovo: (idem) “**bovejo**: curral” (Costa, p. 54) “**kralo**: na África vasto curral fechado com estacas” (Costa, 2001, p. 255)

(1/2) “La **kralo** malfermita, la enfermejo de la kaprinaj ruinigita kaj ankaŭ dezerta, la domo de la vakero, fermita, ĉio indikas forlasitecon. [...] Trovinte reziston, li penetras en enfermejon plenan de mortintaj plantoj, ĉirkaŭiras la forlasintan domon, atingas la malantaŭan korton, ekvidas malplenan argilejon, arbareton de velkaj katinguoj, arganfoston kaj la daŭrigon de la **krala** barilo” (p. 10 – 13)

(3/4) “La kaatingo reviviĝos, la semo de la bovaro revenos al la **bovinejo**, li, Fabiano, fariĝos la vakero de ĉi tiu morta bieno. [...] La bovinaj ŝtopos la **bovinejon**” (p. 15)

(5) “Se la besto ne estas jam mortinta, ĝi revenos al ta **bovinejo**, ĉar la sorĉopreĝo estas potenca” (p. 17)

(6) “Jes ja, gasto tro longe restinta, amikiĝinta al la domo, al la **bovinejo**, al la kaprinejo, al la zizifo ilin ŝirminta unu nokton” (p. 19)

(7) ““Grimpe sur la krada pordego de la **bovejo**, la pli juna knabo tordas la ŝvitajn manojn, streĉiĝas por vidi la polvonubon, kiu nebuligas la imburanojn” (p. 50)

| | |
|---------------------------|---|
| | <p>(8) “Ĉiuj konataj lokoj estas bonaj: la kaprinejo, la bovinejo, la argilejo, la korto, la trinkejo – mondo, en kiu ekzistas realaj vivuloj, la familio de la vakero kaj la bestoj de la bieno” (p. 59)</p> <p>(9) “La bovinoj venis rifuĝi apud la muro de la domo, najbara al la bovinejo, la pluvo ilin. skurgâs, la sonoriletoj frapiĝas” (p. 71)</p> <p>(10/11) “Li memoras pri la bovinejoj konstruitaj el etaj ŝtonoj, sub la katingujoj. Nun la lago estas plena, la akvo kovras la bovinejojn de li konstruitajn” (p. 72)</p> <p>(12) “Sed Baleno, ĉiutage pli malbonfarta, frotas sin kontraŭ la fostoj de la bovinejo aŭ eniras la arbustaron, senpacience forpelas la kulojn, skuante la velkajn orelojn, agitante la mallongan, senharan voston, dikan ĉeradike, plenan de ringoj, similan al vosto de krotalo” (p. 87)</p> <p>(13) ““Ĉagrenite pro tiu manovro, Fabiano saltas super la fenestro, ŝovas sin laŭlonge de la bovineja barilo, haitas ĉe la angulfosto kaj denove levas la pafilon alvizaĝe” (p. 89)</p> <p>(14) ““Ili transiris la korton, en la duonlumo forlasis la porkejon kaj la bovinejon malplenajn, kun malfermitaj kradpordoj, la bovoĉaron putriĝantan, la zizifojn” (p. 121)</p> <p>(15) ““Tion Fabiano diradis, pensante pri alies aĵoj: la porkejo kaj la bovinejo, kiuj postulas riparadon, la ĉevalo por la kamparlaboroj, bona kunulo, la grizeta ĉevalino, la katingujoj, la potoj kun absinto, la ŝtonoj de la kuirejo, la stangolito” (p. 122)</p> |
| <p>14. ditério</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>ditério: s.m. 1 m.q. <i>DICTÉRIO</i> 2 B S infrm. falatório, mexerico, fuxico. (id., p. 1062)</p> <p>(1) “Um ditério sem importância” (p. 85)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>vorto: 1 Morfemo aŭ morfemkombinaĵo, konsistiganta sintakse uzeblan formon. 2 Unu el tiuj kombinaĵoj, komunuze konsiderata kiel esprimanta unu apartan ideon. (idem) “vorto: palavra; vocábulo, termo” (Costa, 2001, p. 528)</p> <p>(1) “Vortoj tute negravaj” (p. 108)</p> |
| <p>15. dunga</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>dunga: s.m. 2 B N.E. infirm. Indivíduo corajoso; arrojado, valentão <um d. bom de briga>. 3 B N.E. iron. Homem de influência local; chefe, mandão, senhor <o d. na povoação>. (id., p. 1089)</p> <p>(1) “Ele não era dunga na cidade?” (p. 83)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>bravulo: Homo brava. (brava: Brile lerta, fidinde sperta, montranta valoran kompetentecon). (idem) “brava: bravo, valente, animoso, corajoso; honesto, leal; obsequioso, serviçal” (Costa, 2001, p. 55)</p> <p>(1) “Ĉu en la urbo li ne estas bravulo?” (p. 107)</p> |
| <p>16. estrela papa-ceia</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>estrela papa-ceia s.f. sem entrada específica no GDH. Se trata da estrela dalva ou Vênus. Vênus d.f. ASTR segundo planeta em ordem de afastamento do Sol, com órbita entre Mercúrio e a Terra; estrela matutina. (Id., p. 2843)</p> <p>(1) “A estrela papa-ceia branqueou por cima da torre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de frutas; seu vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; sinha Rita louceira retirou-se” (p. 24)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>verperstelo vulgara nomo de la planedo Venuso, kiam ĝi la unua brilas ĉe la sunsubiro. (Idem) “verperstelo: Vênus (primeira estrela a brilhar quando o sol se põe)” (Costa, 2001, p. 457)</p> <p>(1) “La vesperstelo blankiĝas super la preĝeja turo; lia moŝto, sinjoro la juĝisto brilas ĉeporde de la apoteko; la impostkolektisto de la prefektejo pasas lamante, kun ŝtumpoj de pagatestoj subbrake; la ruboĉaro ruliĝas sur la placo, kolektante fruktoŝelojn, sinjoro ta paroĥestro elhejmiĝas kaj malfermas la pluvombrelon pro la vesperoso; njo Rita potistino foriras” (p. 29-30)</p> |
| <p>17. fazenda</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>fazenda: s.f. 2 propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado; herdade. (id., p. 1316)</p> <p>(1) “Estavam no pátio de uma fazenda sem vida” (p. 10)</p> |

| |
|---|
| <p>(2) “A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta” (p. 12)</p> <p>(3) “A fazenda renasceria — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (p. 13)</p> <p>(4/5) “Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. [...] Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse” (p. 19)</p> <p>(6) “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia” (p. 20)</p> <p>(7/8) “Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para sinha Rita louceira. [...] Chegaria à fazenda noite fechada” (p. 24)</p> <p>(9) “Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara” (p. 26)</p> <p>(10) “Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais — aproveitara um casco de fazenda sem valor” (p. 29)</p> <p>(11) “Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda” (p. 35 – 36)</p> <p>(12) “Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (p. 47)</p> <p>(13) “Sinha Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos” (p. 58)</p> <p>(14) “Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada” (p. 60)</p> <p>(15) “De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano” (p. 61)</p> <p>(16) “Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado” (p. 73)</p> <p>(17) “Mas receava ser expulso da fazenda” (p. 75)</p> <p>(18) “O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda” (p. 76)</p> |
|---|

(19) “Se ele soubesse falar como sinha Terta, procuraria serviço noutra **fazenda**, haveria de arranjar-se” (p. 79)

(20/21) “A vida na **fazenda** se tornara difícil. [...] Mas quando a **fazenda** se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo” (p. 95)

(22) “A verdade é que não queria afastar-se da **fazenda**” (p. 96)

(23) “Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à **fazenda** abandonada” (p. 98 – 99)

EM ESPERANTO:

(1) **bieno**: Kampara posedaĵo, kun la agroj, domoj ktp dependantaj de ĝi. (2) **ŝtofo**

Teksaĵo, el kiu oni faras vestojn. (3) **brutbieno** (bruto + bieno) **bruto**: Besto grege bredata. (idem) “**bieno**: fazenda propriedade, herdade, domínio, bens de raiz; roça, terras” (Costa, 2001, p. 48) “**ŝtofo**: estofa, pano, tecido; *quím.* corpo, substância” (Costa, 2001, p. 472)

(1) “Ili troviĝas surkorte de senviva **bieno**” (p. 10)

(2) “La kaatingo reviviĝos, la semo de la bovaro revenos al la bovinejo, li, Fabiano, fariĝos la vakero de ĉi tiu morta **bieno**” (p. 15)

(3) “La **bieno** renaskiĝos – kaj li, Fabiano, estos la vakero, plibone dirite, estos la proprietulo de tiu mondo” (p. 16)

(4/5) “Preskaŭ neniarn li vizitas la **bienon**, kaj kiam li aperas, li ĉion opinias malbona. [...] Fabiano, aĵo de la **bieno**, nura uzaĵo, estus maldungita, kiam li tion malpli atendus” (p. 23)

(6) “Ne, probable li ne estos homo, li estos vivionge tiu sarna bienloĝanto, regata de la blankuioj, kvazaŭ bovo en aliula **bieno**” (p. 24)

(7) “Li perdis ia pakaĵon en la **bieno**, en la butikoj li pagis botelon por njo Rita, potistino” (p. 29)

(8) “Li alvenos **bienen** profundanokte” (p. 30)

(9) “Li memoras **ŝtofon** viditan en unu el la lastaj butikoj vizitata” (p. 32)

| | |
|----------|---|
| | <p>(10) “Li malŝtopigas la trinkejon, riparas la barilojn, kuracas la bestojn – igas senvaloran bienaĉon profitodona” (p. 35)</p> <p>(11) “Ŝi forgesis la antaŭan vivon, estas kvazaŭ ŝi naskiĝis post la alveno al la bieno” (p. 45)</p> <p>(12) “Ĉiuj konataj lokoj estas bonaj: la kaprinejo, la bovinejo, la argilejo, la korto, la trinkejo – mondo, en kiu ekzistas realaj vivuloj, la familio de la vakero kaj la bestoj de la bieno” (p. 59)</p> <p>(13) “Njo Terta opiniis la ŝtofon nesufiĉa, kaj Fabiano ŝajnis nekomprenon, ĉar li firme kredas, ke la maljunulino intencas ŝteli la restaĵojn” (p. 75)</p> <p>(14) “Ili supozis, ke ekzistas mondoj diferencaj de la bieno, mondoj mirindaj sur la blua montaro” (p.77)</p> <p>(15) “Rilate lumon, en la bieno ekzistas kuireje la fajro inter la ŝtonoj kaj, pendigita peranse de stango enmetita en la kotmuron, keroseno meĉujo; rilate kanton, la benita de njo Viktoria kaj la abojo de Fabiano.” (p. 78)</p> <p>(16) “Nun ŝajnas, ke la bieno fariĝis neloĝata” (p. 94)</p> <p>(17) “Sed li timas esti elpelita el la bieno” (p. 97)</p> <p>(18) “La mastro ekkoleras, repuŝas la insolentecon, sugestas, ke la vakero serĉu laborlokon en alia bieno” (p. 98)</p> <p>(19) “Se li scius paroli kiel njo Terta, li serĉus laboron en alia brutbieno, li sin aranĝus” (p. 102)</p> <p>(20/21) “La vivo en la bieno fariĝis malfacila. [...] Sed kiam la bieno senvivuliĝis, li konvinkiĝas ke ĉio estas perdita kaj interkonsentas kun la edzino pri la vojaĝo, buĉas la malfortikiĝintan bovidon, kiun ili posedas, peklas la viandon, envojiĝas kun la familio, sen adiaŭi la mastron. (p. 121)</p> <p>(22) “Ververe li ne volas malproksimiĝi de la bieno” (p. 122)</p> <p>(23) “Njo Viktoria provas lin trankviligi, dirante ke li povus dediĉi sin al aliaj okupoj. Fabiano ektemas, turniĝas kaj ĵetas la rigardon en la direkto de la ĵus forlasita bieno” (p. 125)</p> |
| 18. fumo | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>fumo s.m. [...] 4 preparado vegetal que se faz queimar em cigarros, cachimbos etc., para aspirar sua fumaça de propriedades aromáticas ou inebriantes 5 folha de plantas (p.ex. o fumo-bravo)</p> |

| | |
|-----------|--|
| | <p>preparada para fumar, mascar ou cheirar. (Id., p. 1401)</p> <p>(1) “Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado” (p. 15)</p> <p>(2/3) “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do caritó o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar. [...] Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro, foi consertar a cerca” (p. 34)</p> <p>(4) “Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro com a faca de ponta” (p. 80)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>rultabako / tabakspiralon / tabakrulaĵon: sem entrada específica no PIV. (1) tabako 1 Sp. de nikotiano (<i>Nicotiana tabacum</i>), kultivata por folioj, kiuj estas fonto de tabako 2 Kn de sp-oj de nikotiano, same uzataj kiel tabako 3 Materialo por fumado, maĉado aŭ snufado, liverita el la folioj de tabako aŭ sekigitaj k diversmaniere preparitaj. (2) rulo Pli-malpli longa objekto cilindroforma. (Idem) “rulo: rolo (de papel, de máquina de escrever etc.), rufo (de tambor)” (Costa, 2001, p. 420) “spiralo: espiral (<i>mat.</i> Curva não fechada que se afasta cada vez mais do seu ponto de partida, fazendo certo número de revoluções em volta desse ponto)” (Costa, 2001, p. 454) “tabako: tabaco [<i>bot.</i> planta solanácea (<i>Nicotiana tabacum</i>), cujas folhas industrializadas são aspiradas, fumadas e mascadas], nicotiana, fumo” (Costa, 2001, p. 475)</p> <p>(1) “El la ĉasujo li elprenas pecon de rultabako, ĝin diserigas, volvas en maizpajlon, farante cigaredon, ĝin ekbruligas per sia silikŝtona fajrilo kaj ĝue fumas” (p. 18)</p> <p>(2/3) “Ŝi iras al la fronta ĉambro, pasas sub la tenilo de la bamako en kiu Fabiano ronkas, elprenas el la niĉo la pipon kaj tabakspiralon, eliras surveranden. [...] Ŝi diserigas tabakon inter la polmoj de la dikhaŭtaj manoj, plenigas la argilan pipon, iras ripari la barilon, revenas, ĉirkaŭiras la domon, trairante la flankan barilon, envenas en la kuirejon, (p. 41)</p> <p>(4) “Li elpoŝigas la tabakrulaĵon, preparas cigaredon per la pinta tranĉilo” (p. 103)</p> |
| 19. fuzuê | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>fuzuê: s.m. 2 <i>p.ext. infm.</i> desavença, altercação agressiva envolvendo várias pessoas; briga, confusão, desordem, rolo. (id., p. 1410)</p> |

| | |
|--------------|--|
| | <p>(1) “De repente um fuzuê sem motivo” (p. 26)</p> <p>(2) “Fabiano estava contente e esfregava as mãos. Como o frio era grande, aproximou-as das labaredas. Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes.” (p. 54)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) kverelo. Akra disputo. / (2) tohuvabohuo: Plena konfuzo, malordego (laŭ la hebrea vorto en Genezo I, 2 «senforma k dezerta»). (idem) “kverelo: kverelado querela, altercação, porfia” (Costa, 2001, p. 267)</p> <p>(1) “Subite senmotjva kverelo” (p. 31)</p> <p>(2) “Fabiano kontentas kaj frotas la la manojn. Ĉar la malvarmo intensas, li proksimiĝas al la flamoj, raportas pri terura tohuvabohuo, forgesinte la draŝadon kaj la karceron, sentas sin kapabla fari gravajn farojn.” (p. 71)</p> |
| 20. pinga | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>pinga: s.f. 2 porção de bebida que se engole de cada vez; gole, trago. 3 <i>infrm.</i> bebida alcoólica, esp. aguardente de cana. (id., p. 2215)</p> <p>(1) “Aí certificou-se novamente de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor” (p. 22)</p> <p>(2) “Nem podia tomar uma pinga descansado” (p. 80)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>dozo da brando: (1) dozo: 2 la kvanto da io. / (2) brando: Alkohola trinkaĵo, farita per distilado de alkoholhava likvo (ekz. vino) aŭ de fermentintaj greno, fruktoj k.a. (idem) “brando: aguardente, cachaça, parati, pinga” (COSTA, 2001, p. 54) “dozo: dose” (Costa, p. 90)</p> <p>(1) “Tie li denove certiĝis, ke la keroseno estas baptita kaj decidis trinki dozon da brando, ĉar li sentas varmon” (p. 27)</p> <p>(2) “Li eĉ ne rajtas trankvile trinki brandeton” (p. 103)</p> |
| 21. pirralho | <p>EM PORTUGUÊS:</p> |

| | |
|-----------------------------|---|
| | <p>pirralho: s.m. menino, guri, criança. (id., p. 2226)</p> <p>(1) “O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo” (p. 8)</p> <p>(2) “Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo” (p. 40)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>etulo: Malgranda persono (ofte kun fm nuanco). (idem) “etulo: petiz” (Costa, 2001, p. 113)</p> <p>(1) “La etulo ne movas sin kaj Fabiano sentas deziron lin mortigi” (p. 8)</p> <p>(2) “Njo Viktoria eligas ekkrion de tedo kaj pro la insisto de la etulo, al li donas surverton” (p. 50)</p> |
| <p>22. pucumã</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>pucumã: s.m. m.q. <i>PICUMÃ</i> (‘fuligem’, ‘teia de aranha’).</p> <p>(1) “A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o jirau, coçava-se com os dentes e pegava moscas.” (p. 36)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>fumaĵoplena: sem entrada específica no PIV. (fumaĵo + plena): (1) fumaĵo: 1 Fumo, demetiĝinta sur ia surfaco. / (2) plena: 1 Enhavanta la tutan kvanton da io, kiun ĝi entute povas enhavi. 2 Enhavanta tre grandan kvanton da io. (idem) “fumaĵo: picumã; carne, peixe etc. defumados” (Costa, p. 140) “plena: pleno, cheio, completo, total, cabal, inteiro” (Costa, 2001, p. 377)</p> <p>(1) “La kaserolo siblas; brizo varmeta kaj polva skuas la araneaĵojn pli novajn kaj tiujn fumaĵoplenajn de la tegmento; Baleno, sub la stangotenilo, gratas sin perdente kaj provas kapti muŝojn.” (p. 46)</p> |
| <p>23. retirante</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>retirante: adj.2g. s.2g. 1 que ou aquele que, sozinho ou em grupo, deixa o sertão, banido pela seca. (id., p. 2446) (obs: só ocorre uma única vez e no plural – retirantes)</p> <p>(1) “Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida.” (p. 9)</p> |

| | |
|------------------|---|
| | <p>EM ESPERANTO:</p> <p>formigrulo: sem entrada específica no PIV. (formigri + ulo) / (1) formigri: Foriri, migrante. (idem) “</p> <p>(1) “Kompatindulo, ĝi mortis sur la rivera sablo, kie ili ripozis apud flako; la malsato tro premis la formigrulojn kaj tie eĉ signo ne ekzistis de io manĝebla.” (p. 9)</p> |
| 24. sinha | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>sinha s.f. m.q. <i>sinhá</i>. B infrm. Forma de tratamento com que os escravos designavam a senhora ou patroa; <i>siá, sá, sinha, sinhara</i>. (Id., p. 2580)</p> <p>(obs: o verbete aparece 184 vezes na obra, por isso optamos por não transcrever as passagens. Ademais, o verbete não tem outro termo empregado no esperanto. O tradutor usa para todas as ocorrências o termo “njo” no esperanto para designar “sinha”).</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>njo: sem entrada específica no PIV. “njo La sklavoj kutimis alparoli siajn mastrinojn per <i>sinhá</i>, kiu estas karesa formo por <i>senhora</i> (sinjorino). La kutimo enradikiĝis kaj ĝis hodiaŭ landinterne oni alparolas sinjorinon per <i>sinhá</i> aŭ <i>sinha</i> antaŭ la propra nomo. Kp. <i>ĉjo</i>” (Knoedt, 1997, p. 134)</p> |
| 25. taipa | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>taipa: s.f. 1 CONSTR. Processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, ger. de paus, varas, bambus, caules de arbustos etc. (id., p. 2659)</p> <p>(1) “Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa” (p. 53)</p> <p>(2) “De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano.” (p. 61)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>kotmuro: sem entrada específica no PIV. (korto + muro): (1) koto: 1</p> |

| | |
|------------|--|
| | <p>Tero, polvo, miksita kun akvo, sur strato, vojo ks. / (2) muro: 1 Kontinua, ordinare vertikala k solida konstruaĵo el ŝtonoj, brikoj, tabulegoj, betono ktp, normale pli alta ol dika, k servanta, por subporti la tegmenton, la etaĝojn ktp aŭ por apartigi aŭ dividi spacon de domo, kampo, urbo ktp. / (3) stango: Ĉiaspeca, multe pli longa ol dika, peco el ligno, metalo ks (idem) “koto: lama, lodo, vasa” (Costa, 2001, p. 254) “muro: parede, muro” (Costa, p. 319) “spaco: espaço, extensão, âmbito” (Costa, 2001, p. 452) “stango: pau, estaca, vara, percha, mastro, poste, haste, cana (do leme)” (Costa, p. 456)</p> <p>(1) “Se la rivero tien atingus, ĝi dissoivus kaj fortrenus nur la kotbulojn plenigantajn la spacojn interstangajn de la domomuroj” (p.70)</p> <p>(2) “Rilate lumon, en la bieno ekzistas kuireje la fajro inter la ŝtonoj kaj, pendigita peranse de stango enmetita en la kotmuron, keroseno meĉujo; rilate kanton, la benita de njo Viktoria kaj la abojo de Fabiano.” (p. 78)</p> |
| 26. tapera | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>tapera: s.f. 2 residência ou fazenda em ruínas, tomada pelo mato. 3 <i>p.ext.</i> qualquer local destruído, de mau aspecto. (id., p. 2670)</p> <p>(1) “Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral” (p. 10)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>forlasinta domo: expressão sem entrada no PIV. (forlasi / domo): (1) forlasi: 1 Forirante, restigi iun sola. 2 Rezigni pri, demeti de si, ne plu okupiĝi pri. / (2) domo: 1 Konstruaĵo por homloĝado. 2 Tia konstruo, rigardata kiel vivejo de familio. (idem) “forlasita: abandonado” (Costa, 2001, p. 273) “domo: casa, prédio, habitação, vivenda, família (nobre, eminente, soberana)” (Costa, 2001, p. 89)</p> <p>(1) “Vane Fabiano klopodas percepti sonon de sonorilo. Li proksimiĝas al la domo, frapas, provas eniri perforte. Trovinte reziston, li penetras en enfermejon plenan de mortintaj plantoj, ĉirkaŭiras la forlasintan domon, atingas la malantaŭan korton, ekvidas malplenan argilejon, arbareton de velkaj katingujoj, arganfoston kaj la daŭrigon de la krala barilo” (p. 10 – 13)</p> |
| 27. | <p>Em português:</p> |

| | |
|------------------------|---|
| <p>vaqueiro</p> | <p>vaqueiro: s.m. 1 individuo que pastoreia o gado vacum. (id., p. 2828)</p> <p>(1) “Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (p. 8)</p> <p>(2) “O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono” (p. 10)</p> <p>(3) “A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta” (p. 12)</p> <p>(4) “A fazenda renasceria — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (p. 13)</p> <p>(5/6) “Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos” (p. 14)</p> <p>(7/8) “Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. [...] O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados” (p. 16)</p> <p>(9/10) “O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. [...] Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse” (p. 19)</p> <p>(11) “Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro” (p. 25)</p> <p>(12) “O vaqueiro apertou a cilha e pôs-se a andar em redor, fiscalizando os arranjos, lento” (p. 39)</p> <p>(13) “Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro — mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (p. 47)</p> <p>(14) “As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedra, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados” (p. 51)</p> <p>(15) “Mas com a gravata e o colarinho machucados no bolso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a” (p. 59)</p> |
|------------------------|---|

(16) “A um arranco mais forte, a alça de trás rebentou-se, e o **vaqueiro** meteu as mãos pela borracha, energicamente” (p. 59 – 60)

(17) “Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o **vaqueiro** batia palmas” (p. 73)

(18) “O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o **vaqueiro** fosse procurar serviço noutra fazenda” (p. 76)

(19) “A princípio o **vaqueiro** não compreendeu nada” (p. 83)

(20) “Grudando-se à catingueira, o soldado apresentava apenas um braço, uma perna e um pedaço da cara, mas esta banda de homem começava a crescer aos olhos do **vaqueiro**” (p. 84)

(21) “As contas do patrão eram diferentes, arranjadas a tinta e contra o **vaqueiro**, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo” (p. 92)

(22) “O **vaqueiro** ensombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar” (p. 98)

EM ESPERANTO:

vakero: Rajdanta gardisto de brutoj en Ameriko. (idem) “**vakero:** vaqueiro, boiadeiro, pastor (na América do Norte)” (Costa, 2001, p. 514)

(1) “Certe tiu eta obstaklo ne estas kulpa, sed li malfaciligas la iradon, kaj la **vakero** devas alveni – li ne scias, kie” (p. 8)

(2) “La kralo malfermita, la enfermejo de la kaprinoj ruinigita kaj ankaŭ dezerta, ia domo de la **vakero**, fermita, ĉio indikas forlasitecon” (p. 10)

(3) “La kaatingo reviviĝos, la semo de la bovaro revenos al la bovinejo, li, Fabiano, fariĝos la **vakero** de ĉi tiu morta bieno” (p. 15)

(4) ““La bieno renaskiĝos – kaj li, Fabiano, estos la **vakero**, plibone dirite, estos la proprietulo de tiu mondo” (p. 16)

(5/6) “Tiuoj movoj havas neniun utilon, sed la **vakero**, la patro de la **vakero**, la avo de la vakero kaj aliaj antaŭuloj pli praaj al kutimiĝis trairi padojn forpuŝante branĉojn permane” (p. 17)

(7/8) “Nun Fabiano estas **vakero** kaj neniun lin forpelos de ĉi tie. [...]”

| | |
|--|--|
| | <p>La korpo de la vakero malantaŭen kliniĝas, la kruroj faras du arkojn, la brakoj moviĝas mallerte” (p. 19)</p> <p>(9/10) “La bovaro multobliĝas, la laboroj estas en ordo, sed la bienulo insultas la vakeron. [...] Kiam li estis dungita, li ricevis laborĉevalon, krudledajn tibiingojn, veŝton, brustŝildon kaj ŝuojn, sed maldungite, li ĉion transdonos al la vakero, kiu lin anstataŭigos” (p. 23)</p> <p>(11) “Ne trovinte pretekston, li apudiĝas kaj plantas ta kalkanumon de sia boto sur la sandalon de la vakero” (p. 30)</p> <p>(12) “La vakero streĉas la seizonon kaj ĉirkaŭiras malrapide, por kontroli la aranĝojn” (p. 49)</p> <p>(13) “Ĉiuj konataj lokoj estas bonaj: la kaprinejo, la bovinejo, la argilejo, la korto, la trinkejo – mondo, en kiu ekzistas realaj vivuloj, la familio de la vakero kaj la bestoj de la bieno” (p. 59)</p> <p>(14) “La braĝoj krakas, cindro falas kaj lumrondo etendas sin ĉirkaŭ la tripiedo el ŝtonoj, svage lumigante la piedojn de la vakero, la genuojn de la virino kaj la kuŝantajn infanojn” (p. 67)</p> <p>(15) “Sed kun la kravato kaj la kolumo ĉifitaj en la poŝo, la palto sur la ŝultro kaj la botoj pendantaj de stango, la vakero sentis sin pli proksima al ŝi kaj ŝin volonte akceptis” (p. 76)</p> <p>(16) “Ĉe iu pli fortika tiro, la maŝo rompiĝas kaj la vakero energie metas la manon sub la elastaĵon” (p. 77)</p> <p>(17) ““Ŝi ne povus mordi Fabianon: ŝi naskiĝis apud li, en la dormoĉambro, sub la stangolito kaj pasigis sian vivotempon en submetiĝo, bojante por kunigi la bovaron, kiam la vakero kunfrapis la manojn” (p. 93)</p> <p>(18) “La mastro ekkoleras, repuŝas la insolentecon, sugestas, ke la vakero serĉu laborlokon en alia bieno” (p. 98)</p> <p>(19) “Komence, la vakero nenion komprenis” (p. 106)</p> <p>(20) ““Kroĉante sin al la katingujo, la soldato prezentas sole unu brakon, unu kruron kaj unu pecon de la vizaĝo, sed tiu parto de la homo komencas kreski en la okuloj de la vakero” (p. 108)</p> <p>(21) “La kalkuloj de la mastro estas malsamaj, aranĝitaj inke kaj kontraŭ la vakero, sed Fabiano scias, ke ili malĝustas kaj ke la mastro volas lin trompi” (p. 118)</p> <p>(22) “La vakero sombrigiĝas pro la ebleco, ke en la lokoj al kiuj ili sin direktas ne ekzistas bovaroj por esti zorgataj” (p. 125)</p> |
|--|--|

| | |
|------------------------|---|
| <p>28. vara</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>vara: s.f. 3 peça de madeira, bambu, metal, delgada, roliça e longa. (id., p. 2829)</p> <p>(1) “Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado” (p. 18)</p> <p>(2) “Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas” (p. 27)</p> <p>(3) “Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede” (p. 28)</p> <p>(4) “Sinha Vitória dormia mal na cama de varas” (p. 31)</p> <p>(5/6) “Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. [...] Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano” (p. 33)</p> <p>(7/8/9) “Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas? [...] Era bom levantar-se e procurar uma vara para substituir aquele pau amaldiçoado que não deixava uma pessoa virar-se. Por que não tinham removido aquela vara incômoda? (p. 37)</p> <p>(10) “Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru” (p. 44)</p> <p>(11) “As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira” (p. 54)</p> <p>(12) “Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo” (p. 55)</p> <p>(13) “Sinha Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas com Fabiano” (p. 57)</p> <p>(14) “Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos” (p. 58)</p> <p>(15) “De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano” (p. 61)</p> <p>(16) “Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia” (p. 66)</p> <p>(17) “Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinha Vitória</p> |
|------------------------|---|

levou-os para a cama de **varas**, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo” (p. 70)

(18/19) “Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de **varas**, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas. [...] O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de **varas**” (p. 73)

(20/21) “Na cama de **varas** havia um pau com um nó, bem no meio. [...] Rolaria a noite inteira sobre as **varas**, matutando naquela perseguição” (p. 80)

(22) “Dormiria com a mulher, sossegado, na cama de **varas**” (p. 87)

(23) “Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de **varas**” (p. 96)

(24) “Mas no meio do serviço um arrepio corria-lhe no espinhaço, à noite acordava agoniado e encolhia-se num canto da cama de **varas**, mordido pelas pulgas, conjecturando misérias” (p. 97)

EM ESPERANTO:

stangolito: sem entrada específica no PIV. (stango + lito): **(1) stango**: Ĉiaspeca, multe pli longa ol dika, peco el ligno, metalo ks. / **(2) lito**: Meblo, uzata por kuŝe ripozi, dormi, seksumi. (idem) “**lito**: cama, leito” (Costa, 2001, p. 282) “**stango**: pau, estaca, vara, percha, mastro, poste, haste, cana (do leme)” (Costa, 2001, p. 456).

(1) “Eble li jam **diris adiaŭ al la mondo** surtera, ĉar homo kiel li ne povas elteni tiel varmegan sorneron” (p. 22)

(2) “Li nur volas reveni ĉe njo Viktoria, kuŝiĝi en la **stangolito**” (p. 33)

(3) “Baleno atenta, la lada meĉujo pendanta de ekstremo de **stango** eliranta el la kotmuro” (p. 34)

(4) “Njo Viktoria dormas malbone en la **stangolito**” (p. 37)

(5/6) “Eksterteme ŝi diris al la edzo kelkajn nekonvenaĵojn pri la **stangolito**. [...]...ŝi pensas denove pri la **stangolito** kaj enmense insultas Fabianon” (p. 40)

(7) “Ĉu ŝi estos devigata la tutan vivon dormi en **stangolito**?” (p. 46)

| | |
|--|--|
| | <p>(8/9) “Konvenus, ke li leviĝu kaj serĉu stangon por anstataŭigi tiun malbenitan, kiu ne permesas, ke oni sin turnu en la iito. Kial ili ne jam elprenis tiun malkomfortigan stangon? (p. 47)</p> <p>(10) “Li kreskos, etendos sin sur stangolito, fumos pajlocigaredojn, surmetos krudledajn vestojn” (p. 55)</p> <p>(11) “La stangoj estas fortike ligitaj per lianoj ai ia fostoj ei aroejro” (p. 70)</p> <p>(12) “Vere, la stangokrado sur kiu ili streĉiĝas estas tre malkomforta” (p. 71)</p> <p>(13) “Njo Viktoria devus depreni la karbopecojn kaj la cindron, balai la argiloplankon, kuŝiĝi en la stangolito kun Fabiano” (p. 73)</p> <p>(14) “Sed Fabiano butike aĉetis dek ulnojn da blanka katuno kaj komisiis al njo Terta tajlori kostumojn por li kaj por la fiioj” (p. 75)</p> <p>(15) “Rilate lumon, en la bieno ekzistas kuireje la fajro inter la ŝtonoj kaj, pendigita peranse de stango enmetita en la kotmuron, kerosena meĉujo; rilate kanton, ia benita de njo Viktoria kaj la abojo de Fabiano” (p. 78)</p> <p>(16) “Ŝi suspiras, pensante pri ia stangolito, en kiu ŝi dormas” (p. 84)</p> <p>(17) “Ili volis movi la levfermilon, sed njo Viktoria kondukis ilin al la stangolito, ilin kuŝigis kaj provis ĉiumaniere al ili kovri la orelojn: ŝi senmovigis la kapon de la pli aĝa interfemure kaj premis ia manplatojn sur ta orelojn de ia dua” (p. 88)</p> <p>(18) “Ŝi ne povus mordi Fabianon: ŝi naskiĝis apud li, en la dormoĉambro, sub la stangolito kaj pasigis sian vivotempon en submetiĝo, bojante por kunigi la bovaron, kiam la vakero kunfrapis la manojn” (p. 93)</p> <p>(19) “La olda koko ne kantas sur la birdogrimpilo, nek Fabiano ronkas en la stangolito” (p. 94)</p> <p>(20/21) “En la stangolito ekzistas unu lignopeco kun tubero, ĝuste en ia mezo. [...] La tutan nokton li ruliĝos sur la stangoj, pensante pri tiu persekutado” (p. 103)</p> <p>(22) “Li trankvile dormus kun la edzino en la stangolito” (p. 111)</p> <p>(23) ““Tion Fabiano diradis, pensante pri alies aĵoj: la porkejo kaj la bovinejo, kiuj postulas riparadon, la ĉevalo por la kamparlaboroj, bona kunulo, la grizeta ĉevalino, la katinguoj, la potoj kun absinto,</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| | <p>la ŝtonoj de la kuirejo, la stangolito” (p. 122)</p> <p>(24) “Sed meze de la laboroj ekstremo trakuris lian vertebraron, dumnokte li vekiĝis kun angorosento kaj kuntiriĝis en unu el la anguloj de la stangolito, mordite de puloj, imagante malfeliĉojn” (p. 123)</p> |
|--|--|

APÊNDICE E – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA CÔMODOS DA CASA

| | |
|-------------------------|--|
| <p>1. bodega</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>bodega: s.f. 1 casa de pasto ordinária. 2 pequena venda de secos e molhados. (id., p. 475)</p> <p>(1) “À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás” (p. 22)</p> <p>(2) “Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.” (p. 23)</p> <p>(3) “Falaria assim: — “Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio” (p. 24)</p> <p>(4) “E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir” (p. 25)</p> <p>(5) “Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga” (p. 77)</p> <p>(6/7/8) “Levantou-se, foi até a porta de uma bodega, com vontade de beber cachaça. [...] Perigoso entrar na bodega. [...] Um perigo entrar na bodega” (p. 80)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) butiko: Ejo, kie oni vendas podetale. (idem) (2) drinkejo Loko, kie oni trinkas alkoholaĵojn. (Idem) “butiko: loja, armazém” (Costa, p. 59) “drinkejo: bar (lugar em que se servem bebidas:aguardente, vinho, cerveja etc)” (Costa, 2001, p. 91).</p> <p>(1) “Posttagmeze li eltiris la monon, duone tentata, sed tuj pentis,</p> |
|-------------------------|--|

| | |
|--------------------------------|---|
| | <p>opiniante ke ĉiuj komizoj malhonestas pri la prezo kaj ia mezuro: li religis la banknotojn en la pinton de la poŝtuko, enpoŝigis tiun kaj iris al la butiko de ĉjo Ignaco, kie li lasintis siajn aĵojn” (p. 27)</p> <p>(2) “Ili trairas la butikon, la koridoro finiĝas en salono, kie pluraj uloj kartludas surmate.” (p. 28)</p> <p>(3) “. Li parolos tiel: – "Mi aĉetis la nutraĵojn. Mi lasis la veŝton kaj la dusakon en ta butiko de ĉjo Ignaco ” (p. 29)</p> <p>(4) “Kaj li insultas Fabianon, ĉar tiu forlasis la butikon sem adiaŭi” (p. 30)</p> <p>(5) “Antaŭ la butiko de ĉjo Ignaco li flankenturnas la vizaĝon kaj faras larĝan ĉirkaŭvojon” (p. 99)</p> <p>(6/7) “Li ekstaris, iris ai la pordo de drinkejaĉon, emante drinki brandon. [...] Estas danĝere eniri la ejon” (p. 102)</p> <p>(8) “Kia danĝero eniri en la drinkejaĉon” (p. 103)</p> |
| <p>2. camarinha</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>camarinha: s.f. 1 ant. quarto para dormir, no interior da casa, às vezes elevado acima do telhado; alcova. (id., p. 582)</p> <p>(1) “Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos — e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera” (p. 15)</p> <p>(2) “Ergueu-se, foi à camarinha procurar qualquer coisa, voltou desanimada e esquecida” (p. 38)</p> <p>(3) “A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia — e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas” (p. 53)</p> <p>(4) “Sinha Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta” (p. 69)</p> <p>(5) “Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas” (p. 73)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> |

| | |
|-------------------------|--|
| | <p>(1) ĉambro: 1 Ĉiu el la dividoj de domo, apartigitaj unu de la alia per muroj aŭ septoj, k komunikigantaj per pordoj. (idem) (2) dormoĉambro. Ĉambro, destinita por dormo. (3) dormejo. Loko destinita por dormi, en gimnazio, liceo, kazerno ks. (Idem) “ĉambro: quarto, sala, aposentado, câmara” (Costa, 2001, p. 69) “dormejo: dormoĉambro dormitorio” (Costa, p. 90)</p> <p>(1) “Li, la edzino kaj la filoj al kutimiĝis al la malluma ĉambreto, kvazaŭ ratoj – kaj la memoro pri la pasintaj suferoj paliĝis” (p. 18)</p> <p>(2) “Ŝi leviĝas, iras al la ĉambro serĉi ion, revenas senkuraĝa kaj forgesema” (p. 47)</p> <p>(3) “Ventegoj elradikigis sukupirojn kaj imburanojn, tondrofulmoj trois – kaj njo Viktoria kaŝis sin kun la filoj en la dormejo, kovrante la orelojn kaj ĉirkaŭvolvante sin per la litkovriloj” (p. 69)</p> <p>(4) “Njo Viktoria sin enfermis en la dormoĉambron, kuntrenante ia knabojn, kiuj divenis iun malfeliĉon kaj ne laciĝas farante la saman demandon” (p. 87)</p> <p>(5) “Ŝi ne povus mordi Fabianon: ŝi naskiĝis apud li, en la dormoĉambro, sub la stangolito kaj pasigis sian vivotempon en submetiĝo, bojante por kunigi la bovaron, kiam la vakero kunfrapis la manojn” (p. 93)</p> |
| <p>3. caritó</p> | <p>Em português:</p> <p>caritó: s.m. 2 prateleira ou nicho rústico nas paredes das casas sertanejas. (id., p. 628)</p> <p>(1) “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do caritó o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar” (p. 34)</p> <p>(2) “Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e sinha Vitória voltou para junto da trempe, reacendeu o cachimbo.” (p. 36)</p> <p>(3) “Os meninos se arrumariam na esteira, por baixo do caritó, na sala” (p. 57)</p> <p>(4) “Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo” (p. 73)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>niĉo: Regulforma kavo en muro aŭ konstruo, destinita por loki statuon, fornon aŭ alian objekton. (idem) “niĉo: nicho (abertura ou</p> |

| | |
|-------------------------|---|
| | <p>vão em parede, para colocar uma estátua, um vaso etc.)” (Costa, p. 330). “niĉo kavaĵo en la muro, kie internlandanoj konservas plej diversajn malgrandajn aĵojn” (Knoedt, 1997, p. 133)</p> <p>(1) “Ŝi iras al la fronta ĉambro, pasas sub la tenilo de la bamako en kiu Fabiano ronkas, elprenas el la niĉo la pipon kaj tabakspiralon, eliras surveranden” (p. 41)</p> <p>(2) “La etuloj forkuris, volvis en la maton de la fronta ĉambro, sube de la niĉo kaj njo Viktoria revenis apud la tripiedon, refajrigis la pipon.” (p. 46)</p> <p>(3) “La knaboj aranĝos sin sur matoj, subniĉe, en ia fronta ĉambro” (p. 73)</p> <p>(4) “Feliĉe la knaboj nun dormas sur la mato, sub la niĉo, en kiun njo Viktoria formetas la pipon” (p. 94)</p> |
| <p>4. copiar</p> | <p>Em português:</p> <p>copiar: s.m. B alpendre das casas rurais nordestinas, com teto sustentado por madeiras e prumo, e que serve, às vezes, de varanda. (id., p. 831)</p> <p>(1) “Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família” (p. 10)</p> <p>(2) “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do caritô o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar” (p. 34)</p> <p>(3) “Em seguida Fabiano subiu ao copiar, saltou na sela, a mulher recuou — e foi um redemoinho na catinga” (p. 39)</p> <p>(4) “Sinha Vitória cachimbava tranquila no banco do copiar, catando lêndas no filho mais velho.” (p. 40)</p> <p>(5) “Recordou-se das cabras abatidas a mão de pilão, penduradas de cabeça para baixo num caibro do copiar, sangrando” (p. 44)</p> <p>(6) “Para ir ao quintal onde havia craveiros e panelas de losna, sinha Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna” (p. 56)</p> <p>(7) “E Baleia passaria a festa junto às cabras que sujavam o copiar” (p. 59)</p> <p>(8) “Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos” (p. 70 – 71)</p> |

(9) “Dirigiu-se ao **copiar**, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. (p. 71)

(10) “Foi sentar-se no banco do **copiar**, examinou o céu limpo, cheio de claridades de mau agouro, que a sombra das arribações cortava” (p. 88)

(11) “Desceu o **copiar**, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia” (p. 89)

(12) “Encolhido no banco do **copiar**, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados” (p. 95)

EM ESPERANTO:

(1) **verando**: 1 (en Eŭropo) Kovrita k vitroŝirmita teraso aŭ balkono. 2 (ekster Eŭropo) Aperta galerio, etendiĝanta ĉirkaŭ domo, laŭlonge de unu aŭ pluraj ĉambroj, konsistanta el tegmento subtenata de fostoj aŭ kolonoj k iufoje, precipe en Japanio, fermebla per paneloj.

(2) **korto 1** Sentegmenta spaco, ĉirkaŭita de konstruoj, el kiu la ĉambroj ricevas lumon k aeron. **2** Ĉirkaŭbarita spaco antaŭ, post aŭ ĉirkaŭ domo, precipe en vilaĝo. (idem) “**korto**: pátio, quintal, terreiro, eirado” (Costa, 2001, p. 253). “**verando**: varanda (terraço com cobertura que fica na frente das casas)” (Costa, 2001, p. 519)

(1) “Li subengrimpas, puŝas la kuirejan pordon kaj revenas senkuraĝiĝinta, kelkajn momentojn haltas sur la **verando**, intencante tie gastigi la familion” (p. 13)

(2) “Ŝi iras al la fronta ĉambro, pasas sub la tenilo de la bamako en kiu Fabiano ronkas, elprenas el la niĉo la pipon kaj tabakspiralon, eliras **surveranden**” (p. 41)

(3) “Fabiano supreniras al la **verando**, saltas sur la selon, la edzino retropaŝas – kaj fariĝas kirlovento en la kaatingo” (p. 49)

(4) “Njo Viktoria trankvile plupipis sur la **veranda** benko, plukante pedikovojn de sur la kapo de la pli aĝa filo.” (p. 50)

(5) “Li memoras la kaprinojn mortigitajn per la pistilo de la pistujo, pendantaj kapomalsupre de ĉevrono de la **veranda** tegmento, sangantaj” (p. 54)

(6) “Por iri en la korton, kie kreskas diantoj kaj absinto en potoj, njo Viktoria eldomiĝas el la fronta pardo, malsuprenpaŝas la **korton** kaj transiras la kradan pordegon de la barauno” (p. 72 – 73)

(7) “Kaj Baleno pasigus la feston apud la kaprinoj malpurigantaj la

| | |
|--------------------------|---|
| | <p>korton” (p. 76)</p> <p>(8) “Tiumomente Fabiano ĉirkaŭiras en la korto, kastanjetante perfingre” (p. 89)</p> <p>(9) “Ŝi sin direktas al la verando, sed timante renkonti Fabianon, malproksimiĝas celante la kaprinejon” (p. 90)</p> <p>(10) “Li eksidas sur la benko de la verando, ekzamenas la sennuban ĉielon, plenan de helecoj malbonaŭguraj, kiujn tranĉis la ombro de la bandokolumboj” (p. 113)</p> <p>(11) “Li malsuprenpaŝas de la verando, transiras la korton, alproksimiĝas al la deklivo pensante pri la hundino Baleno” (p. 114)</p> <p>(12) “Kuntiriĝinta sur la veranda benko, Fabiano gvatis la flavan kaatingon, kie la sekaj folioj pulvoriĝas, muelitaj de kirloventaj ekpuŝoj kaj la sekaj branĉoj tordiĝas, nigraj, rostitaj” (p. 121)</p> |
| <p>5. oitão</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>oitão: s.f. ALV CONSTR m.q. <i>OUTÃO</i>. (id., p. 2055) / outão: s.f. m.q. <i>EMPENA</i>. (id., p. 2092) / empena: s.f. 4 p;ext. ALV. CONSTR. B qualquer parede lateral, esp. as construídas nas divisas do terreno. (id., p. 1125)</p> <p>(1) “Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do oitão, entrou na cozinha.” (p. 34)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>flanka barilo: sem entrada específica no PIV. (flanko / barilo): (1) flanko: 2 (analoge, pp objektoj kun aksa simetriebeno) Parto, kiu estas dekstre aŭ maldekstre. / (2) barilo: Vico da lignaj palisoj, fiksitaj en la grundo k transverse kunigitaj, aŭ aranĝo de ŝtonoj metitaj unuj super la aliaj, por apartigi korton, ĝardenon ktp. (idem) “barilo: barreira, obstáculo” (Costa, 2001, p. 42). “flanka: lateral, acessório, apenso, secundário” (Costa, 2001, p. 130).</p> <p>(1) “Ŝi diserigas tabakon inter la polmoj de la dikhaŭtaj manoj, plenigas la argilan pipon, iras ripari la barilon, revenas, ĉirkaŭiras la domon, trairante la flankan barilon, envenas en la kuirejon.” (p. 41)</p> |
| <p>6. quintal</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>quintal: s.m. 2 terreno, ger. com jardim ou horta, atrás de uma casa de moradia ou junto a ela. (id., p. 2364) (obs: ocorre as variações: quintal e quintalzinho)</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>(1) “Em seguida foi ao quintalzinho regar os craveiros e as panelas de losna” (p. 36)</p> <p>(2) “Para ir ao quintal onde havia craveiros e panelas de losna, sinha Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna.” (p. 56)</p> <p>(3) “E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés” (p. 71)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>korto: 1 Sentegmenta spaco, ĉirkaŭita de konstruoj, el kiu la ĉambroj ricevas lumon k aeron. 2 Ĉirkaŭbarita spaco antaŭ, post aŭ ĉirkaŭ domo, precipe en vilaĝo. (idem) “korto: pátio, quintal, terreiro, eirado” (Costa, 2001, p. 253).</p> <p>(1) “Post tio, ŝi iras en la malgrandan korton akvumi ta diantojn kaj la potojn kun absinto” (p. 45 – 46)</p> <p>(2) “Por iri en la korton, kie kreskas diantoj kaj absinto en potoj, njo Viktoria eldomiĝas el la fronta pordo, malsuprenpaŝas la korton kaj transiras la kradan pordegon de la barauno.” (pp. 72 e 73)</p> <p>(3) “Kaj Baleno fuĝas kiel eble rapide, ĉirkaŭas la argilejon, eniras la maldekstran korteton, preskaŭtuŝe preteriras la diantojn kaj la potojn kun absinto, sin traŝovas tra truo en la barilo, atingas la korton, kurante per tri piedoj” (p. 90)</p> |
|--|---|

APÊNDICE F – TRADUÇÃO DE TERMOS PARA ALIMENTAÇÃO

| | |
|-----------------------------|--|
| <p>1. carne-seca</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>carne-seca: (sem entrada específica para o verbete.) / charque: s.m 1 ALIM. carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins; carne-seca, jabá. (id., p. 693)</p> <p>(1) “No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de tocinho.” (p. 48)</p> |
|-----------------------------|--|

| | |
|------------|---|
| | <p>EM ESPERANTO:</p> <p>sekviando: sem entrada específica no PIV. (seka + viando): (1) seka: 1 Enhavanta neniom aŭ malmulton da akvo. 2 Perdinte sian naturan akvon pro elvaporigo. / (2) viando: 1 Karno, uzata por nutrado. (idem). “seka: seco, enxuto, árido” (Costa, 2001, p. 432). “viando: carne, vianda” (Costa, 2001, p. 522)</p> <p>(1) “Sur la kuireja stangotenilo aranĝitas sekviandaj tranĉaĵoj kaj lardopecoj.” (p. 60)</p> |
| 2. farinha | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>farinha: s.f. 2 pó obtido pela trituração e moagem de certas sementes e raízes (<i>f. de mandioca, de soja etc.</i>) (id., p. 1308)</p> <p>(1) “Fabiano também às vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga.” (p. 9)</p> <p>(2) “Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras” (p. 22)</p> <p>(3) “Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira, mastigaram punhados de farinha e pedaços de carne, beberam na cuia uns goles de água” (p. 101)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>maniokfaruno: sem entrada específica no PIV. (manioko + faruno): (1) manioko: Sp. de manihoto (<i>Manihot esculenta</i>), origina el N S-Ameriko, arbusto kun grandaj karnecaj, manĝeblaj tuberoj, similaj al tiuj de dalio, el kiuj oni produktas maniokamelon k tapiokon; du ĉefaj kf-oj. / (2) faruno: 1 Pulvorigitaĵo el la manĝebla parto de semoj de greno aŭ legomo. (idem). “faruno: farinha (de trigo, de milho etc.)” (Costa, 2001, p. 121). “manioko: mandioca [bot. arbusto de dois metros de altura (<i>Manihot utilíssima</i>) de raiz comestível, da qual se faz farinha também chamada tapioca]” (Costa, 2001, p. 295)</p> <p>(1) “Ankaŭ Fabiano kelkfoje sentas ĝian foreston, sed baldaŭ la memoro revenas. Li vane estis serĉinta radikojn: la restante maniokfaruno finiĝis, oni aŭdis eĉ ne unu blekon de bruto perdiĝinta en la kaatingo.” (p. 9)</p> <p>(2) “Ili bezonas salon, maniokfarunon, fazeolojn kaj krudsukerajn brikojn” (p. 27)</p> <p>(3) “Ili iris ripozi sub la seka branĉaro de kiŝabuĵo, maĉis sekan maniok-farunon kaj pecojn da vianda, trinkis el la kalabaso kelkajn</p> |

| | |
|--------------------|--|
| | glutojn da akvo” (p. 128) |
| 3. imbu | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>imbu: s.m. 2 m.q. <i>UMBU</i>. (id., p. 1575) / umbu: s.m. 2 fruto do umbuzeiro.</p> <p>(1) “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã.” (p. 15)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>imbuo: sem entrada específica no PIV. “imbuo foliriĉa anakardiaca arbeto, <i>Spondias tuberosa</i>, kun akvorezervo en la radikaj tuberoj kaj kun manĝeblaj fruktoj” (Knoedt, 1997, p. 132)</p> <p>(1) “Li posedprenis la domon, ĉar li havis nenion; kelkajn tagojn ili pasigis maĉante radikojn de imbuo kaj semojn de mukuno.” (p. 19)</p> |
| 4. mucunã | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>mucunã: s.f. 1 design. comum às plantas do gên. <i>Mucuna</i>, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoidea, tb. conhecidas como mucuna e mucuná. (id., p. 1973)</p> <p>(1) “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã.” (p. 15)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>mukuno: sem entrada específica no PIV. “mukuno pluraj legumenacoj el g. <i>Mucuna</i> kaj <i>Dioclea</i>” (Knoedt, 1997, p. 133)</p> <p>(1) “Li posedprenis la domon, ĉar li havis nenion; kelkajn tagojn ili pasigis maĉante radikojn de imbuo kaj semojn de mukuno.” (p. 19)</p> |
| 5. rapadura | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>rapadura: s.f. 2 B açúcar mascavo solidificado em forma de um pequeno tijolo. (id., p. 2383) (obs: ocorre apenas uma única vez na obra e no plural – rapaduras)</p> <p>(1) “Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras.” (p. 22)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>krudsukera briko: sem entrada específica no PIV. (kruda + sukero /</p> |

| | |
|-------------------------------|---|
| | <p>briko): (1) kruda: 1 Tia, kia la naturo ĝin produktis; konservanta sian primitivan staton, neprilaborita, nepreparita, nekulturita. / (2) sukero: 1 Kristala, blanka, dolĉa substanco, konsistanta el karbono, hidrogeno k oksigeno, C₁₂H₂₂O₁₁, k ekstraktata el diversaj vegetaĵoj, precipe el sukerkano k sukerbeto. / (3) briko: 1 Ortangula paralelepipedo el bakita argilo, uzata por konstruado. 2 Io, havanta formon de briko. (idem). “briko: tijolo, tejolo; o que tem a forma de tijolo” (Costa, 2001, p. 55). “kruda: cru, tosco, bruto, rude, agreste, abrupto, alarve, bronco, brusco, bruta” (Costa, 2001, p. 261). “sukero: açúcar” (Costa, 2001, p. 463).</p> <p>(1) “Fabiano iris al la urba bazaro por aĉeti nutraĵojn. Ili bezonas salon, maniokfarunon, fazeolon kaj krudsukerajn brikojn.” (p. 27)</p> |
| <p>6. toicinho</p> | <p>EM PORTUGUÊS:</p> <p>toicinho s.m. m.q. <i>toicinho</i> 1 gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro. (id., p. 2742)</p> <p>(1) “No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de toicinho” (p. 48)</p> <p>(2) “— Tenho comido toicinho com mais cabelo, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus” (p. 103)</p> <p>EM ESPERANTO:</p> <p>(1) peco 1 Parto de solida korpo, derompita aŭ detranĉita. (2) lardo. Grasa substanco, entenata en la subhaŭta histo de la dorso aŭ flanko de porko, uzata en kuirado k farmacio. (idem) “lardo: toicinho, lardo” (Costa, 2001, p. 272). “peco: pedaço, bocado, naco, peça, lanço, trecho, caco” (Costa, 2001, p. 362).</p> <p>(1) “Sur la kuireja stangotenilo aranĝitas sekviandaj tranĉaĵoj kaj lardopecoj.” (p. 60)</p> <p>(2) “— Mi jam manĝis lardon kun pli da haroj, deklaras Fabiano, defiante la ĉielon, la dornojn kaj la katartojn” (p. 130)</p> |